

*Anjo com
Olhos cor de Mel*



CLAIRE
PHILLIPS



CLAIRE
PHILLIPS

*Anjo com
olhos cor de mel*

Título original:

Ángel com ojos color miel

Copyright © 2015 por Claire Phillips

Copyright da tradução © 2019 MR & LR.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução:

Christiane C.

preparo de originais:

E. Santos

revisão:

Dee Silva

diagramação:

Dee Silva

capa:

MR

imagem de capa:

Original

adaptação para ebook:

MR

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Índice

SINOPSE

CAPÍTULO 01

CAPÍTULO 02

CAPÍTULO 03

CAPÍTULO 04

CAPÍTULO 05

CAPÍTULO 06

CAPÍTULO 07

CAPÍTULO 08

CAPÍTULO 09

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

EPÍLOGO

NOTAS

SINOPSE

Dizem que quando falta carinho, a uma mulher desde pequena, sua alma se encerra em uma couraça que é muito difícil rachar. Julianna, em troca, segue sendo confiante e generosa. Extremamente tímida, mas com grande coração, procura sossego na cozinha assando deliciosos bolos, nos livros, na natureza, escapando de noite para ver as estrelas no bosque de sua Irlanda natal. Assim descobre uma noite um jovem ferido, a quem salva a vida, curando-o como viu fazer a seu pai. Os anos passam e essa menina gordinha se transforma em uma beleza extraordinária, sem ser consciente disso. Depois da morte de seu pai, repudiada por seus irmãos, vê-se empurrada a procurar sua independência em Londres. O que não sabe é que há alguém que a admira e a busca em segredo. Aquele jovem ao qual salvou, filho do conde de Worken, sente-se em dívida com Julianna, a quem viu crescer e florescer até transformar-se em uma bela mulher.

CAPÍTULO 01

Sem abrir os olhos, Julianna sabia que tinha chegado ao meio-dia. Notava o calor do sol roçando sua bochecha enquanto a outra permanecia apoiada sobre o travesseiro. Não tinha dormido nada em toda a noite, embora levava várias horas com os olhos fechados tentando conciliar o sono. Tentou recordar o acontecido nos dias anteriores, esfregou os olhos, que notava inchados de tanto chorar e que tinha passado vários dias sem verdadeiro descanso. Ela sentiu o corpo pesado, desajeitado e quase entorpecido do longo tempo passado encolhida debaixo do cobertor.

A morte de seu pai, ao cair do cavalo em uma manhã quando ia ao mercado de provisões negociar com os comerciantes, os preços do milho que estava a ponto de ser recolhido no imóvel, tinha suposto a perda do cabeça da família, do pai carinhoso e pormenorizado que a acompanhou toda sua vida, mas, além disso, da única pessoa que a amou seriamente desde que era um bebê gordinho e muito torpe.

Leme McBeth era um granjeiro honrado e trabalhador. Era irlandês de origem, mas anos atrás, quando ainda era um menino, partiu de sua querida Irlanda para a Inglaterra junto a seus pais, seus irmãos e sua única irmã em busca de melhores oportunidades. Com o transcurso dos anos, tinha decidido retornar as terras verdes e férteis da Irlanda procurando um futuro melhor que o que parecia ter no pequeno povoado costeiro onde se instalou com sua família, e no qual mal havia trabalho e futuro para uns poucos homens dispostos a trabalhar na pesca de pequena escala. Assim que chegou ao pequeno povoado do condado irlandês, de que eram oriundos todos os McBeth, soube que queria instalar-se nele e dedicar-se ao cultivo de milho ou de algodão, ou de algo que não implicasse sair para pescar, limpar pescado e ter que enfrentar os perigos do mar enfurecido depois das longas horas de tarefa na coberta de um navio, rodeado de homens cansados de trabalhar de sol a sol pelo mísero salário que lhes ajudava a manter a suas famílias. Além disso, ele prometeu a si mesmo, ao completar 18 anos que deixaria essa aldeia costeira inglesa, e procuraria um trabalho que lhe permitisse ter uma família própria, uma esposa que o receberia todos os dias a hora do jantar e uns filhos aos quais veria crescer e lhes ensinaria como viver de maneira

digna e honrada.

Durante uns anos, trabalhou duro nos empregos que foram surgindo, desde madeireiro até carpinteiro, algo que lhe permitisse subsistir enquanto economizava o suficiente para arrendar uma das granjas da zona alta do povoado, que eram as mais férteis e produtivas. Sabia que, embora obtivesse o dinheiro para isso, cuidar de uma granja requeria um grande esforço e muito trabalho, mas isso não lhe assustava, assim como tampouco passar uns primeiros anos vigiando cada centavo que gastava. O dia que chegou a grande mansão do conde de Worken com sua proposta sob o braço para o arrendamento de uma das zonas de cultivo, propriedade do conde, foi uns dos mais felizes de sua vida, não só porque parecia ter conseguido pôr a primeira pedra de um futuro prometedora e estável, mas sim porque já tinha algo ao que agarrar-se para pedir à pequena Emily Thompson, filha do pastor, que se casasse com ele. Emily era uma jovem atraente, vivaz e com um espírito sonhador e tão lutador como o seu, por isso sabia que era perfeita para ele e uma perfeita mãe para seus futuros filhos.

Durante os primeiros anos, esteve muito ocupado reconstruindo o casarão central do imóvel, convertendo-o em um lar e preparando a primeira colheita de milho, cultivo que muitos de seus vizinhos diziam que não conseguiria tirar adiante por quão arriscado era nessas terras e por quão duras eram tanto semear como sua colheita. Mas não lhe importou, lutou e, depois de uns meses de duro trabalho, conseguiu o suficiente para o pagamento do arrendamento, uns acertos para a casa e seu casamento com Emily. Casaram-se em uma cerimônia íntima, mas cheia de amor. Mantiveram o nome originário do lugar, Landscorp, que se converteria, desde esse momento, em seu lar, sentindo-o, assim, parte deles.

Nos cinco anos seguintes, vieram os três filhos varões do casal, Leme, Bevan e Ewan. E, quando acreditavam que não teriam mais filhos, veio Julianna. Sua mãe teve uma gravidez complicada e, depois de dar à luz à pequena Julianna, ficou muito fraca, morrendo um ano depois de uma pneumonia que não pôde superar.

Julianna foi criada entre varões, três meninos que mal lhe prestavam atenção e que, em algumas ocasiões, acusavam-na de ser a razão pela qual cresceram sem uma mãe. Durante os primeiros anos de sua infância, seus irmãos mais velhos foram, em excesso, mimados por sua mãe e os pais desta, e isso lhes marcou o caráter caprichoso, egoísta e volúvel que eles se gabavam adultos. Ou, ao menos, assim acreditava Julianna. Seus avós

maternos, o pastor e sua esposa, olhavam-na com receio pela mesma razão que seus irmãos, culpavam-na diretamente da morte da bela filha e enteada, respectivamente, e não duvidavam em criticá-la a menor ocasião. Por isso, Julianna estava acostumada evitá-los e procurava concordar com eles quando ia aos ofícios. Seu pai estava acostumado a lhe ajudar a esquivar os maus olhares e as palavras de condescendência e duplo sentido de seus avós.

Toda sua vida tinha escutado de todos os que a rodeavam que era uma menina torpe, gordinha, com escassos dotes sociais e sem nenhuma beleza. Até ela mesma, quando se olhava no espelho, coisa que evitava quase sempre, via-se dessa maneira. Não podia negar que, tanto seus irmãos como o resto do povoado, tinham razão. Carecia de atrativo. Até os 7 anos tinha sido gordinha e sempre foi tão desajeitada que estava acostumada a tropeçar até com sua sombra. Evitava as reuniões sociais já que, além de ser extremamente calada e tímida, resultava-lhe muito incômodo, quase violento, que a olhassem, que a observassem e julgassem, porque sabia que nunca escutaria palavras agradáveis dirigidas a ela, mas sim o contrário. Os comentários das pessoas estavam acostumados a ter mais de compaixão ou desdém que amistosos ou gentis. Acostumou-se e já quase os ignorava, embora, no fundo, seguissem resultando daninhos e cruéis.

Mas a única opinião que de verdade lhe importava era a de seu pai, quem ela acreditava ser semelhante em caráter e também em físico. Desde pequena, imaginou-se como seria se tivesse o aspecto e os traços de sua mãe, mas com os anos gostava de parecer-se cada vez mais ao pai ao qual adorava. Era seu protetor, o homem que a agasalhava desde menina e lhe dava um beijo na testa depois de escutar dos lábios de sua filhinha o que tinha feito no dia. A seu pai agradava que estivesse sempre ávida de conhecimentos, que gostasse de ler tudo o que caía em suas mãos, que passasse horas na cozinha preparando doces e pratos cujas receitas tinha lido ou escutado de alguma senhora no mercado. Não lhe importava que montasse o cavalo escarranchada quando sabia que não a estavam olhando, nem que escapasse de noite pela janela para deitar-se no meio do campo de milho a olhar as estrelas e sonhar acordada. Tampouco lhe incomodava que ela desse sua opinião, igual a seus irmãos, sobre os temas que se tratavam no jantar. Ela tinha seu ponto de vista e a seu pai agradava escutá-lo, já que Julianna tinha uma mente esperta, sensata e com grande senso de humor, mas que não mostrava em público por seu acanhamento e por seu medo ao rechaço, que sempre parecia ter recebido de todos menos de seu pai. Seu pai a amava e a fazia saber. Tratava-a com

carinho e era compassivo. Estava acostumado a lhe dizer pelas noites, antes de fechar os olhos, que não escutasse os outros, que sempre escutasse seu coração e que, quando fosse uma mulher forte e de uma beleza natural e impactante, poderia olhar com um sorriso a todos aqueles que a subestimaram quando pequena. Não devia olhá-los com recriminação ou com desejo de vingança, dizia-lhe, mas sim com um sorriso de felicidade por ter conseguido se tornar uma mulher adulta, inteligente e desejável. Ela sorria ao escutar essas palavras, sabendo que nelas só havia amor de pai, mas, mesmo assim, tinham um efeito calmante e apaziguador. E o mais importante, seu pai lhe tinha prometido não a obrigar a se casar com ninguém que ela não tivesse escolhido por amor. Ele se casou apaixonado por sua mãe e acreditava que Julianna não merecia menos.

Agora que, com 20 anos, tinha perdido o ser mais prezado, encontrava-se confusa, doída e quase zangada com o mundo por lhe privar da única luz de sua vida.

Seus irmãos, ao longo dos anos, tinham seguido tratando-a mais como uma carga que tinham que suportar que como uma irmã pequena. O mais velho, Leme, partiu fazia uns anos para ingressar no exército. Sempre tinha sido um pouco briguento e parecia destinado às armas desde menino, por isso seu pai apoiou sua decisão. O segundo, Bevan, seguiu os passos de seu avô e se ordenou pastor, partindo ao destino que lhe atribuíram ao terminar seus estudos, em um pequeno, mas prometedora povoado cheio de comerciantes e viajantes perto de Dublin. Ewan, por sua parte, seguiu os passos de seu pai e ficou lhe ajudando na granja, sabedor de que, cedo ou tarde, ele seguiria a exploração do imóvel em que tinha crescido e que conhecia como sua própria mão.

Seu pai estabeleceu em seu testamento que os recursos que tinha economizado toda sua vida se entregassem a Julianna como dote, até casar-se, como pequena atribuição, pedindo a seu filho Ewan que, em caso de permanecer na granja, permitisse que esse seguisse sendo o lar de Julianna até seu matrimônio. Quando se abriu o testamento e Julianna escutou isto não pôde a não ser pensar que seu matrimônio, em realidade, não deixava de ser uma esperança de seu pai para que no futuro encontrasse a alguém que a amasse tanto como ele, que visse nela algo mais que uma jovem tímida e torpe. Alguém que podia ser o centro da vida de um homem bom, honrado e carinhoso ao qual Julianna amasse do mesmo modo.

O que Julianna não parecia ver é que, em seus 20 anos, tinha se

convertido em uma beleza natural e interessante como lhe havia dito seu pai. Mesmo estando acostumada a se vestir de um modo singelo, quase monástica, já que não acreditava ter nada que destacar, era uma mulher realmente atraente, embora parecesse insistir em ocultar da vista de todos, incluindo dela mesma. Tinha um bonito cabelo castanho, ondulado e espesso, que estava acostumada a recolher com uma trança até os ombros deixando o resto solto, costume que a esposa do pastor e as amigas desta lhe criticavam por considerar que era pouco elegante e, sobretudo, pouco adequado para uma jovem que aspirasse a chamar a atenção de cavalheiros em busca de esposas. Tinha, também, uns bonitos olhos marrons que, à luz do sol, esclareciam-se tanto que mostravam sua verdadeira cor, um claro e estranho âmbar, e que estavam acostumados a brilhar com uma intensidade incrível quando algo chamava sua atenção e quando se zangava. Além disso, com os anos, desenvolveram-se seus traços até obter uma preciosa cara arredondada, mas com umas bonitas feições femininas, bem marcadas e com certo ar infantil, sobretudo quando sorria. Tinha dado um bom estirão, o que lhe tinha permitido deixar para trás as redondezas de uma menina gorda, dando lugar a umas curvas de uma mulher sensual e bonita. Não obstante, ela seguia vendo a si mesmo como a gordinha que se escondia atrás de um livro quando saía à rua, como forma de escudo e amparo.

Em sua vida não se permitiu pensar em nenhum menino, já que sabia que todos a rechaçariam. Entretanto, o dia da abertura do testamento, uns dias depois do falecimento de seu pai, Julianna recordou um incidente no qual não tinha pensado desde fazia muitos anos e que tinha como protagonista o segundo filho do conde de Worken.

A primeira vez que Julianna o viu, ela tinha quase 10 anos. Foi uma noite que escapou, como estava acostumada a fazer nas noites de lua cheia, para ver o céu do milharal. Estava vestida de camisola e bata, com a capa de lã estendida sobre o chão para evitar o frio do campo úmido. Embora estivesse um pouco resfriada, não lhe importava passar um pouco de frio para respirar o ar fresco e desfrutar desses momentos de liberdade e solidão. Colocou-se justo na parte central da ladeira norte, a que ficava de costas ao imenso e frondoso bosque que separava os campos de milho da mansão do conde. Escutou ruídos no bosque e, logo girou o corpo para ficar olhando nessa direção. Escutava as vozes dos filhos do conde, nunca os tinha visto de perto, mas reconhecia suas vozes de escutar na igreja, quando se sentavam nos camarotes, onde ela não alcançava a vê-los. Mesmo assim, reconheceria essas

vozes em qualquer lugar. Ouviam-se também outras que lhe eram desconhecidas, mas que pareciam as de outros moços. Eles estavam andando a cavalo, porque ouviu os cascos e as chamadas de jóqueis chicoteando suas montarias. Ao cabo de um momento, as vozes foram se afastando, assim como os ruídos dos cascos.

Ficou um momento quieta quando, de repente, apareceu a sua direita, a escassos metros, um cavalo sem cavaleiro. Parecia ter perdido os arreios. Ela rapidamente se levantou do chão na esperança de ver nas proximidades algum cavaleiro deitado no chão ou alguém andando para recuperar o cavalo, mas não viu ninguém. Aguçou o ouvido e, de repente, escutou como um pequeno gemido no bosque. Não sabia o que fazer, se ia procurar ajuda ou ela ia sozinha para investigar, mas algo parecia lhe dizer que fosse, que alguém necessitava de sua ajuda. Respirou fundo, vestiu a capa e começou a andar em linha reta por onde parecia ter saído o cavalo. Ao cabo de um momento, viu um moço deitado no chão, mal se movia. Aproximou-se, virou-o delicadamente e ficou durante uns instantes quase sem respiração observando o rosto de um menino de 18 anos extremamente bonito. Era alto, musculoso e se vestia com roupas de aristocrata, assim supôs que seria um dos filhos do conde. Mas, ao fixar-se em seu flanco, tinha a roupa ensanguentada. Ela abriu o casaco completamente para ver de onde vinha o sangue e viu que o que parecia ser um galho de uma árvore estava preso nele... Imediatamente imaginou que teria estado cavalgando entre as árvores e que um ramo saliente lhe teria atingido sem poder esquivá-lo, lhe atirando ao chão, com o impacto, do cavalo. Parecia, além disso, que tinha um pequeno golpe na parte lateral da cabeça, que também começava a lhe sangrar. Sem duvidá-lo, rasgou sua capa, tampou a ferida da cabeça e tirou de repente o ramo para poder tapar a ferida, já que sangrava muito. Voltou a rasgar o que restava de sua capa e a partiu em dois. Colocou uma parte sobre a ferida, tapando-a, e atou como pôde o resto para fazer pressão, apertando tanto como foi capaz. Tinha visto uma vez o seu pai fazer algo parecido quando um dos trabalhadores fez um corte profundo em uma perna, recordando o importante que era que não perdesse sangue. O menino, de repente, abriu esses enormes olhos verdes que se viam iluminados com o reflexo da luz da lua cheia. Olhou-a fixamente à cara enquanto ela terminava de atar a improvisada vendagem. Escutou um leve gemido de dor e, sem que lhe desse tempo para dizer nada, Julianna tirou sua bata, e a pôs atrás da cabeça, como se fosse um travesseiro, e lhe disse com o tom mais doce e tranquilizador que sua voz pôde soltar, que não se

movesse, que ia procurar ajuda. Em seguida ele voltou a desmaiar, o que provocou um tombo estranho no coração de Julianna. Colocou a orelha a poucos centímetros da boca e sentiu seu fôlego quente e profundo.

Sem pensar mais, correu pelo bosque até a casa do conde. Usava só a camisola, que estava manchada de sangue, estava empapada e com alguns cortes e golpes de tropeçar e cair várias vezes ao ter que correr sem luz. Ia amaldiçoando-se por sua estupidez cada vez que caía ou perdia um pouco de equilíbrio, mas mal sentia os golpes e sim, em troca, o batimento brusco do seu coração que parecia querer saltar do peito e, também, o frio quase gelado pelas águas das zonas úmidas do bosque, que a estavam deixando intumescida. Mas a cada tropeço, a cada queda, a cada golpe, vinha-lhe a imagem do rosto desse menino e isso lhe dava forças para levantar-se e continuar correndo sem parar. O menino estava sangrando e só ela sabia onde estava. Quando chegou à mansão, não sabia onde estava a porta principal assim que se dirigiu à zona onde tinha visto luz de longe. Entrou por umas portas envidraçadas que davam a um terraço. Abriu de repente aquelas portas fazendo um considerável ruído. Estava ofegante, trêmula e assustada, e se encontrou de baque com uma sala cheia de cavalheiros e damas elegantemente vestidos, que se viraram bruscamente ao escutar sua irrupção e o golpe das portas de cristal se chocando contra a parede pelo brusco empurrão que Julianna lhes tinha dado. Ela ficou uns instantes ali de pé, respirando trabalhosamente, com a cara empapada, com as pernas e braços cheios de cortes e machucados que se viam ao longo das mangas e a saia rasgada da camisola que, além disso, devia estar com o sangue daquele moço. Um homem que lhe pareceu o maior e mais bonito que já tinha visto em sua vida se aproximou. Era tão bonito como o menino e, imediatamente, reconheceu os traços da cara dele naquele arrumado cavalheiro.

Com gesto de preocupação se agachou, pôs sua cara à altura da de Julianna e, com voz doce e tranquilizadora, disse-lhe: — O que aconteceu, pequena? Está ferida? Necessita ajuda?

Julianna demorou uns segundos em recuperar o fôlego e, olhando fixamente os enormes olhos verdes daquele senhor, conseguiu dizer com voz decidida: — No Bosque. Um garoto... Ele caiu de um cavalo. Ele está gravemente ferido. Eu tentei cobrir a ferida, mas ela sangra muito. Posso te levar até ele?

O cavalheiro ficou rapidamente em pé, tirou sua jaqueta, a pôs nela e chamou um lacaio para que avisasse ao doutor e a alguns homens para que os

ajudassem. Pegou-a em seus braços e lhe disse: — Está bem, pequena. Nos guie.

Julianna foi indicando o caminho. Seguiam-nos muitos homens com abajures de azeite, e escutava atrás deles alguns cavalos. Quando estavam muito perto lhe indicou: — É ali abaixo. Depois dessas duas árvores... Um dos galhos o atingiu.

Ao chegar o cavalheiro gritou: — Cliff! Rápido nos ajudem. Tragam os cavalos, terá que levá-lo a casa. Às pressas!

Quando vários homens o tinham seguro nos braços, o cavalheiro se virou e lhe disse: — Como te chama, pequena? Eu sou o conde de Worken. Acaba de salvar a vida de meu filho. Levarão a minha casa e, depois, alguém te acompanhará à tua, mas... — Lhe jogou uma rápida primeira olhada, — terá que cuidar desses cortes, te secar e tomar um chocolate quente.

Julianna o olhou com os olhos abertos, recordava a seu pai. Se preocupava com ela como o fazia ele quando estava assustada e queria que se sentisse a salvo. Ela se limitou a assentir.

Na mansão, uma jovem criada lhe ajudou a tirar a camisola e lhe pôs uma regata enorme que supunha seria de um dos filhos do conde. Limpou-lhe só um pouco as feridas, depois a sentou perto da maior chaminé que Julianna já tinha visto em sua vida. Era tão grande como seu dormitório, ou ao menos isso lhe pareceu. Mesmo assim, ela não conseguia se esquentar, tremia como nunca e o peito lhe doía ao respirar. Depois de poucos minutos sentada ali, chegou outra criada com uma xícara de chocolate para que se esquentasse, mas não conseguiu tomar nem um sorvo, não fazia mais que recordar o belo rosto daquele menino e seu sangue em suas mãos.

Ao cabo do que lhe pareceu uma eternidade, apareceu uma dama muito elegante e muito bela que ordenou à criada que chamasse o chofer para que a levasse de volta para casa. Olhava-a com cara de agradecimento, mas não lhe disse nada. Em seguida apareceu o conde que, com andar decidido e firme, se aproximou. Julianna se levantou como uma mola, tremia como uma folha, de medo, mas, sobretudo, de frio, e antes que lhe dissesse algo, perguntou com um fio de voz: — Está bem? Vai se salvar? Não corro muito depressa e, além disso, não fazia mais que cair... o lamento.

Julianna se surpreendeu pelo que acabava de dizer. O conde se aproximou um pouco mais e, com um sorriso nos lábios, respondeu: — Ficaré bem, obrigado a sua pequena salvadora que não só o encontrou, mas também lhe tampou a ferida e lhe levou ajuda a tempo. Devemos-lhe sua vida. Pequena,

como sabia o que fazer?

Quase em um sussurro e baixando um pouco a cara para não o olhar nos olhos diretamente, respondeu: — Vi meu papai fazê-lo um dia no campo, com um dos trabalhadores... E... não sei, acreditei que...

Não chegou a terminar a frase, pois tudo começou a dar voltas, sentiu-se enjoada e começou a cambalear. Quão seguinte recordava era estar em sua casa, deitada em sua cama e com seu pai sentado a seu lado, lhe pondo algo no peito e lhe dizendo que isso a ajudaria a respirar.

Esteve vários dias de cama com febre muito alta. Seu pai lhe disse que tinha estado bastante grave, e lhe doía todo o corpo dos cortes e dos golpes, tinham sido mais graves e profundos do que lhe parecia enquanto corria, mas a única coisa que lhe importava era que esse menino tão bonito estava vivo e que seu pai lhe havia dito que estava muito orgulhoso dela.

Ela ainda tinha uma pequena cicatriz na parte interna de seu pulso de um desses cortes. De vez em quando, olhava-a para recordar que seu pai estava orgulhoso dela. Dias depois do acidente, seu pai recebeu como presente do conde um magnífico cavalo negro. Foi devolvê-lo, mas o conde se negou a aceitá-lo de volta. Considerava que estava em dívida com sua pequena filha por salvar a vida de um de seus filhos e insistiu tanto que seu pai temeu ofendê-lo se não o aceitava finalmente. Seu pai deixou que ela pusesse o nome ao cavalo, já que ela era a razão de que o tivessem, coisa que zangou sobremaneira a seus irmãos. Chamou-o Alazão, o nome do cavalo do guerreiro espanhol de uma novela que tinha lido esse inverno. Um guerreiro de olhos verdes, pensou...

Estava deitada na cama, olhando a janela quando lhe voltou de novo essa lembrança. “Alazão”, pensou Julianna, “que caprichoso e injusto é o destino! Ao final, esse cavalo foi o que matou papai”. Julianna sacudiu a cabeça: “Não, não, isso não é justo. Foi má sorte simplesmente, foi um acidente nada mais... Mas, por que recordei isso agora?”. Julianna se surpreendeu ao ter essa lembrança tão vívida depois de uns dias tão duros e exaustivos.

De repente, sobreveio-lhe outra lembrança. Durante os anos seguintes ao incidente, o conde os convidou, às festas que dava em homenagem a São Patrício e o Dia da Colheita, a seu pai, a seus irmãos e a ela. O conde abria a mansão a amigos e alguns vizinhos escolhidos, e estavam acostumados a ir desde aristocratas e gente enriquecida até alguns dos arrendatários mais prósperos da região. Seus irmãos estavam encantados de poder assistir e acotovelar-se com todos eles, e seu pai, embora não era tão entusiasta como

seus filhos, entendia que não podia simplesmente declinar o convite. Entretanto, Julianna sempre evitou comparecer. Sabia que seu pai a desculpava e que o conde nunca deu sinal de incomodar-se ou considerá-lo uma ofensa porque, do contrário, seu pai lhe teria pedido que comparecesse em alguma ocasião. Além disso, deixou claro ao conde, na primeira ocasião que teve, que lhe causava verdadeiro pavor ter que socializar como o faziam as jovens, e supunha que o conde lhe perdoaria esse “defeito” a pequena que uma noite irrompeu em sua casa com aspecto de ter sobrevivido a um motim pirata. Um ligeiro sorriso apareceu no rosto de Julianna, “Que estranha é a mente... está acostumada trazer as lembranças e pensamentos mais incríveis nos momentos mais surpreendentes”, pensou.

CAPÍTULO 02

Durante os dias seguintes, Julianna se dedicou a responder as cartas de condolências de familiares, amigos e conhecidos de seu pai, a ordenar seus pertences e a qualquer coisa que a mantivesse ocupada. Seu irmão Ewan lhe tinha pedido que se reunisse com ele no salão a primeira hora da tarde. Aquele pedido a surpreendeu, e não sabia o que esperar.

Ao entrar, encontrou seu irmão Ewan, de pé junto à chaminé, Bevan sentado perto dele bebendo um porto e Leme, com seu elegante uniforme, olhando pela janela.

— Julianna, sente-se, — disse Bevan assim que a viu—. Temos que falar.

Julianna sentiu um calafrio. Seus irmãos em contadas ocasiões se incomodavam admitir sequer sua existência e, agora, os três queriam falar com ela. Sentou-se na poltrona próxima à porta e, olhando fixamente para Ewan, perguntou: — Me digam, ocorre algo?

— Julianna... Bom... — Ewan se virou para tê-la cara a cara—. Verá, em seu testamento, papai me pediu que seguisse te acolhendo nesta casa, mas... quero me casar e, compreenderá, não pode haver duas senhoras em um mesmo lar. — Depois de uma pequena pausa para beber de sua taça continuou—. Não quero ir contra os desejos de papai, mas, bom, tem recursos suficientes atribuídos para que vivas dignamente até que te case e poderia... procurar um lar e custeá-lo com esses recursos.

Julianna arregalou os olhos sem conseguir dizer nada. Ao cabo de uns minutos disse: — Quer dizer, quer que eu vá.

Os três irmãos se viraram para ela como sabendo que deviam envergonhar-se, mas nem fazendo-o nem mostrando gesto algum de assombro ou reprovação ante aquele anúncio.

—Verá, Julianna — continuou Leme—. Ewan está em idade de casarse. Tem casa, umas terras que cuidar e um futuro ante si. Compreenderá, enfim, que não seja justo que tenha que preocupar-se com te encontrar marido.

Julianna respondeu de maneira imediata sem quase pensar: — Papai deixou uma atribuição que me permite viver de maneira independente, como resaltou Ewan, o que significa que ele não tem que procurar marido algum para mim, sem mencionar que, papai também deixou claro, tanto no

testamento como em vida, que seria eu mesma que poderia escolher, chegando o caso, o meu marido.

Estava tão furiosa que não sabia como não se levantou e partiu imediatamente.

— Julianna, é nossa irmã e, depois de tudo, crescer te favoreceu, mais do que nós esperávamos.

“Vá, uma espécie de elogio”, pensou Julianna.

— Não vai ser tão difícil te encontrar um bom marido... — disse Leme.

“Vá, não é um elogio, a não ser um insulto velado”, pensou de novo ela.

— E, por bem ou por mau, nós temos que velar para que consiga um matrimônio proveitoso — continuou Bevan.

— Proveitoso? Proveitoso? — Começava a estar seriamente furiosa —. Proveitoso para quem? Para vós?

Era incrível. Queriam desfazer-se dela e, ao mesmo tempo, tirar proveito de seu matrimônio. Levantou-se de repente para forçar que os três a olhassem, levantando o queixo e tentando não parecer indecisa, disse firmemente: — Bem, irmãos, tenho idade suficiente para solicitar a independência legal e ser eu a que tome as decisões de minha vida. Se assim o quiserem, o solicitarei. — Os olhos de seus três irmãos aumentaram de assombro, mas ela não se intimidou —. Como hão dito, tenho recursos para viver sem a ajuda de vocês. Recolherei minhas coisas e procurarei um novo lar onde não seja uma carga para nenhum de meus queridos irmãos mais velhos.

Julianna sabia que seu futuro não era uma preocupação para seus irmãos além do que eles pudessem obter dele, se é que isso fosse possível, ou do que pudessem pensar vizinhos e amigos. Ao dar-se conta de que falava a sério, e sabendo, como sabiam, o que isso suporia para a imagem dos três — irmãos que se desentendem de sua irmã pequena depois do falecimento do pai, com os possíveis falatórios do povo que isso geraria —, Ewan deu um passo à frente e se apressou a tomar a palavra.

— Está bem, Julianna. Acredito que enfocamos... mal o assunto. Não lhe obrigaremos a te casar se não for seu desejo, mas não levemos isto além do que é, um privado assunto familiar. Não há necessidade de envolver a nenhum magistrado ou tribunal.

Com isso ficava claro que fariam o que Julianna decidisse, ao menos por enquanto, com tal de que ela não expusesse ante os tribunais a questão da independência fazendo público tal assunto. De qualquer modo, Julianna sabia

que já não era bem recebida no que, até então, tinha sido seu lar, por isso resolveu nesse preciso instante que devia partir o quanto antes.

Julianna suavizou um pouco o tom de sua voz e assinalou: — Está bem. Não o solicitarei formalmente, ao menos, por enquanto, mas, ao que diz respeito a mim, já não sou responsabilidade de nenhum dos três. — Esperou uns segundos para tomar ar e não soar muito alterada. Incomodava—lhe que seus irmãos pudessem pensar que lhe importava o que eles lhe dissessem. Já a tinham degradado e menosprezado bastante desde menina para lhes dar essa última satisfação—. Procurarei uma casa apropriada e alguma mulher que me acompanhe e partirei. — virou-se e agarrou o pomo da porta. Voltou a virar-se resolvida para poder olhá-los à cara e terminou dizendo—: Em uns dias, poderão seguir como até agora, ignorando que têm uma irmã, ou, melhor, esquecendo-o por completo.

Partiu da sala sabendo que seus três irmãos teriam ficado olhando-a com assombro, provavelmente incômodos e inclusive um pouco zangados. Nesse momento não soube se era aprumo o que de repente tinha tomado conta dela, ou, simplesmente, a raiva contida de tantos anos, mas, enquanto subia as escadas que davam a seu quarto, não pôde deixar de sorrir.

Durante os três dias seguintes, andou em busca de uma casa adequada e não excessivamente cara, porque era verdade que seu pai lhe tinha deixado as economias de sua vida, mas não devia esbanjá-las, já que não eram uma fortuna. Devia ajustar-se a um orçamento mensal e tudo correria bem, pensava ela. Estava acostumada a cuidar de uma casa e ajustar os gastos quanto era necessário. Levava muitos anos fazendo-o para seu pai.

No correio, dois dias depois da conversa com seus irmãos, recebeu uma carta de sua tia Blanche, a irmã mais nova de seu pai. Ela não a conhecia pessoalmente, mas, desde pequena, seu pai a tinha animado a manter contato com ela e Julianna, sentia certo carinho para essa desconhecida, carinho que ela achava ser mútuo, pelo amor que pareciam lhe transmitir sempre suas cartas. Era uma viúva com certos recursos econômicos graças a seu matrimônio com um viúvo que fez fortuna principalmente no comércio com países orientais, ou ao menos, isso acreditava, já que seu pai só lhe havia dito que seu defunto marido foi muito generoso com sua irmã quando faleceu. Tia Blanche perdeu a seu único filho sendo muito pequeno, o que tinha levado a seus irmãos a tentar aproximar-se dela para converter-se em herdeiros, mas ela era uma mulher ardilosa e os viu vir de longe, pensava Julianna cada vez que escutava a seus irmãos destrambelhar sobre ela. Tanto seu pai como ela

se asseguraram de que seus irmãos não conhecessem a boa relação de Julianna e tia Blanche. Eram muito egoístas, e seu pai temia que fizessem algo que estragasse a única relação sincera e pura que Julianna tinha tido desde menina longe dos braços dele. Julianna sentia verdadeiro carinho por ela, sobre tudo porque seu pai sempre lhe dizia que se parecia com tia Blanche, tanto fisicamente como de caráter. Desde menina, Blanche tinha sido muito tímida, como ela, e sempre se colocava atrás das pernas de seu irmão Leme, o pai de Julianna, para que a protegesse do mundo. “Desde garota”, dizia-lhe seu pai ao recordá-la, “era como você, gordinha, mas com uma beleza que fazia com que brilhasse em uma noite escura”. Julianna sempre pensou que ele olhava a sua irmã com os mesmos olhos de carinho que a ela, pouco realista, mas de amor incondicional, por isso lhe agradava ainda mais essa interessante mulher.

Nessa última carta a convidava a passar uns dias com ela. Conhecia bem o carinho que sentia por seu pai e a solidão que lhe provocava a situação com seus irmãos. Julianna se apressou a lhe responder, aceitando seu convite. Iria visitá-la, por fim, tão logo encontrasse uma casa e deixasse tudo preparado antes de partir.

Ficou a tamborilar com os dedos antes de se levantar da escrivaninha, era um costume que não tinha conseguido parar. O fazia quando sonhava acordada. Então se deu conta de que tinha recebido outra missiva, tratava-se da carta de um administrador do condado, o senhor Pettiffet. Nela, indicava-lhe que lhe tinham feito chegar o interesse da senhorita McBeth por alguma propriedade da região, que pudesse ser ocupada por ela em troca de um aluguel justo, e acreditava ter o que andava procurando. Um dos proprietários aos quais representava lhe tinha feito saber que queria arrendar uma casa, situada perto do terreno do Grande Bosque que rodeava a parte mais afastada do povoado, e que possuía, além disso, um pequeno pomar na parte traseira.

Julianna sentiu o coração dá um salto. Teria tido sorte, por fim? Poderia ser isso o que estava procurando? Rapidamente respondeu à carta e agendou um encontro com ele para visitar a propriedade. No dia seguinte, um cavaleiro, acompanhado de um guarda da zona exterior do bosque, foi buscá-la perto da casa de seu pai para lhe mostrar a propriedade. Julianna estava tão nervosa essa manhã que, bem cedo, fez dois bolos para temperar seus nervos, como sempre, trabalhar na cozinha lhe servia de distração e a acalmava.

— Senhorita McBeth? Sou o senhor Pettiffet. É um prazer conhecê-la em

pessoa — disse enquanto descia da carruagem para ajudá-la a subir.

— Encantada — respondeu Julianna no tom mais amável que pôde.

— Este é o senhor Cartem, guarda da zona norte do bosque, a mais próxima à casa. Pedi-lhe que nos acompanhe para que nos mostre melhor a região, espero não ter sido muito impulsivo.

“Fala em um tom afável e bastante agradável”, pensou Julianna.

— Não, é obvio que não. Ambos foram muito amáveis. Encantada, senhor Cartem— o saudou, depois de tomar assento no carro, com um suave movimento de cabeça.

Percorreram os poucos quilômetros que havia do povoado até o caminho de entrada do bosque em silêncio. Ao chegar a um bonito atalho rodeado de árvores, que pareceram a Julianna tirados de um conto de fadas, o senhor Cartem assinalou ao fundo: — Está ali acima, senhorita... Tem o lago à direita, e uma pequena horta atrás da casa, embora esteja um pouco abandonada... E justo ao final do atalho há um caminho de pedra que leva diretamente para o centro do bosque e, daí, até a propriedade do conde.

Nesse momento, Julianna recordou o muito belo rosto do filho do conde e se perguntou onde estaria. Ao chegar à casa, quase fica sem fôlego. Realmente o entorno era de conto de fadas e aquela casa era preciosa, pequena, mas muito proporcionada, de pedra com um telhado de terra vermelha. Parecia em perfeita harmonia com o entorno, ficou olhando-a tão fixamente que não notou que a carruagem tinha parado.

— Senhorita McBeth? — chamou-a o senhor Pettiffet, lhe oferecendo, a mão para ajudá-la a descer.

— Obrigada — disse Julianna enquanto o seguia.

Ela não parava de olhar para todos os lados. A casa tinha um salão pequeno, mas muito acolhedor, com uma grande janela que dava ao lago de que falou o senhor Cartem, uma sala de estar espaçosa e muito luminosa que dava ao caminho da entrada, uma cozinha com dois fornos de pedra parecidos com os que usava na casa de seu pai, com uma porta à área traseira da casa e com umas janelas que lhe fizeram imaginar sem dificuldade quão agradável seria cozinhar ali com a luz da manhã entrando por elas e tomar uma xícara de chá em companhia de Amelia, a jovem que tinha contratado e que lhe parecia ter um caráter amável e tranquilo como o seu. Sabia, desde o começo, que se dariam bem. Ia refletindo enquanto seguia inspecionando a casa. Tinha dois dormitórios que davam à outra parte do bosque e ao caminho que dava ao centro do mesmo. “É uma vista preciosa para despertar pelas manhãs”,

pensou. O outro dormitório luminoso e espaçoso perto da cozinha, seria adequado e agradável para uma jovem como Amelia. Já que ia ser sua única companheira e possivelmente amiga, seria melhor que conseguisse que estivesse o mais cômoda possível, sobre tudo, se a arrastava com ela ao bosque. A decoração, embora antiga, era singela, acolhedora, gostava. “Basta fazer uns pequenos acertos, um pouco de limpeza, uns tecidos aqui, umas singelas almofadas lá, alguns quadros e possivelmente uns espelhos... e ficará perfeita”, ia pensando, sem deixar de observar tudo.

— Senhorita — a chamou de novo o senhor Pettiffet, tirando-a de suas reflexões —. A chaminé do salão não funciona bem, mas não se preocupe, mandaremos alguém para arrumá-la antes que se instale.

Julianna se virou suavemente e lhe disse abertamente: — Senhor Pettiffet, esta casa é perfeita e, salvo uns pequenos acertos, é imediatamente habitável, mas... — ficou um pouco dúbia, estava fazendo um rápido cálculo mental do que lhe custaria alugar de maneira permanente uma pequena carruagem com um cavalo de tiro para tê-lo ali —. Enfim, que não sei se poderei custeá-la.

— Bom — continuou ele —. O proprietário insiste em que a alugue a uma pessoa responsável que cuide da propriedade. Não lhe interessa tanto o preço como saber que fica em boas mãos. Trata-se de uma pequena joia familiar com um valor... digamos que sentimental.

Olhava-a, em todo momento, diretamente. Julianna o olhou com assombro.

— Quem são os proprietários? Conhecem-me?

Tinha despertado sua curiosidade, mas, também, um pouco de receio, que lhe dizia que ficasse em guarda, já que isso não era algo usual. Além disso, em nenhum momento pareceu surpreso que fosse sozinha inspecionar a propriedade, sem a companhia de nenhum de seus irmãos, sabendo que estava solteira e em idade, em teoria, de casar-se.

— Senhorita McBeth, os proprietários querem permanecer no anonimato, algo comum em muitos casos — lhe esclareceu ele como tirando importância do assunto, caminhando para ela—. Além disso, você sempre morou nesta região. As referências de seus vizinhos são excelentes e, por isso, os proprietários acreditam que é uma pessoa responsável e de confiança e, dado que não necessitam do dinheiro, mas da tranquilidade de saber que a casa ficará em boas mãos... — Fez uma pausa e continuou—. Se gosta, não vejo por que não possamos alcançar um acordo satisfatório para todos os interessados.

Julianna acreditou nele já que, embora as pessoas do povoado, sobretudo as mulheres, consideravam-na insípida e excessivamente tímida, pouco dada às relações sociais, também sabia que a tinham por uma jovem decente, trabalhadora, amável, alheia a todo escândalo ou rumor e que ajudava sempre que estava em suas mãos. De fato, colaborava com as irmãs do Saint Joseph dando aulas de leitura na escola paroquial e no orfanato, e estava acostumada a lhes preparar doces nas festas e alguns aniversários. Embora sempre quisessem lhe pagar por esses doces, ela sempre se negou a aceitar o dinheiro, insistindo em que o pusessem na sacola destinada a comprar roupa e livros para os mais novos e sem recursos. Julianna suspirou e, com um sorriso aberto de verdadeira alegria, respondeu-lhe: — Nesse caso, cheguemos a um acordo.

O resto da manhã a passaram inspecionando o terreno, falando da conveniência de certos acertos e, como não, do preço. Quando o fecharam, pensou que não era possível, virtualmente lhe deixarem viver de graça naquela preciosa casa e sem lhe exigir mais que a cuidasse bem. “A única condição é que a cuide como se fosse sua” assinalou em mais de uma ocasião o senhor Pettiffet. Ao que Julianna não pôde a não ser responder com autêntica sinceridade: — Já a estimo dessa maneira e lhe prometo que cuidarei dela como tal. Muito obrigada, senhor Pettiffet.

Assim que o disse comprometeu-se consigo mesma lhe fazer um bolo e alguns doces em agradecimento, assim como ao senhor Cartem e aos filhos deste, dos quais tinha falado enquanto percorriam o atalho já que, comentou —lhe, estavam acostumados a aparecer quando fazia bom tempo para nadar no lago.

— Mas não se preocupe, disselhes que a propriedade está ocupada e que já não podem fazê-lo.

— Não, não, por favor, senhor Cartem, eu adorarei que venham. E, quando o fizerem, que entrem para ver-me e lhes darei biscoitos ou algo para lanche, por favor.

Adorava crianças e tê-las por ali brincando e fazendo diabruras lha agradaria tanto ou mais que a eles. O senhor Cartem a olhou e, depois de franzir o cenho, aceitou.

— Bom, se não lhe incomodar, direi-lhes que venham, mas se começarem a fazer travessuras ou a importuná-la de algum modo, tem que me prometer, senhorita McBeth, que me dirá imediatamente.

— Prometo-o, senhor Cartem. Além disso, você se ofereceu amavelmente

para me ajudar quando o necessitar e é o mínimo que posso fazer para agradecer sua generosidade.

O senhor Cartem lhe fez um gesto com a cabeça antes de partir, pois devia continuar com seu trabalho e inspecionar os limites do bosque e não queria se atrasar. Desculpou-se e partiu.

Enquanto caminhavam de retorno pelo atalho para subir a carruagem e retornar ao povoado Julianna olhava ensimesmada o entorno. “Isto teria te encantado, papai. Haveria dito que este lugar era perfeito para mim, certamente, porque é o coração que me diz que este lugar foi feito para mim”. Julianna se surpreendeu sorrindo. Era a primeira vez que pensava em seu pai sem que lhe saltassem as lágrimas ou sem sentir uma opressão no peito que a paralisava. Por um momento, sentiu certa paz.

Uma vez em casa, Julianna entrou diretamente em seu quarto, estava feliz, não recordava essa sensação, não conseguia recordar a última vez que sentiu algo parecido. De repente, voltou a ver a imagem do filho do conde e a sensação quando lhe disse este que ficaria bem. “Vá”, sacudiu a cabeça, “ultimamente me persegue”, disse a si mesmo enquanto recordava esse muito belo rosto. “Como será agora? Será todo um cavalheiro com uma longa lista de conquistas e certamente esteja casado com uma rica e muito bonita herdeira ou uma nobre como ele”. Sentiu uma pontada no estômago.

— Acorde, acorde, desde quando você sonha com príncipes encantados?
— sussurrou para si mesmo ficando em pé.

De noite desceu para dar a notícia a seu irmão Ewan e, sem lhe dar oportunidade para fazer comentário algum, retornou a seu quarto para fazer seus planos. Quais seriam os prós e contras de viver um pouco afastadas do povoado, lhe veio à cabeça uma ideia que lhe tinha sugerido a esposa de um arrendatário amigo de seu pai. Tinha-lhe proposto vender seus deliciosos bolos e doces para festas e celebrações, para aqueles que careciam de um chef como o conde ou como os mais enriquecidos arrendatários da região, mas que poderiam custear uns ricos manjares para tratar com atenção seus convidados e comensais. Embora agora não necessitasse do dinheiro para subsistir, o certo era que tampouco tinha grandes recursos e, como seu pai lhe tinha ensinado, o trabalho duro dignifica mais à frente do salário, e este sempre é necessário porque ninguém dá centavos como presentes. E ele sabia bem, tinha trabalhado muito duro toda sua vida para dar a seus filhos a estabilidade que ele não teve na infância. Além disso, assim, ao menos, servira-lhe de algo uma das poucas coisas que Julianna acreditava que fazia bem: cozinhar,

especialmente doces.

Tinha transportado os poucos pertences que tinha a seu novo lar, limpo bem com a ajuda de Amelia toda a casa, feito alguns ajustes decorativos e inclusive começado a reconstrução da horta. Os dias de trabalho em sua própria casa eram um bálsamo para a tristeza que ainda tinha em seu coração pela perda de seu pai. Além disso, em poucos meses, possivelmente semanas, visitaria sua tia Blanche pela primeira vez e, embora a viagem a punha nervosa, ao mesmo tempo lhe criava certas esperanças. Julianna mal conhecia os povoados de ao redor, não tinha viajado, salvo em sua imaginação com os livros de viagem que devorava desde pequena ou escutando os trabalhadores de temporadas que percorriam toda a Irlanda e Inglaterra dependendo do cultivo de cada região. Por outro lado, tinha aceitado pequenas encomendas de doces de algumas senhoras do condado vizinho e tinha tido um enorme êxito e, logo, várias outras esposas de arrendatários lhe tinham pedido doces e bolos para alguns pequenos eventos. Duas delas lhe encomendaram distintos doces para levar a Festa da Colheita que se celebraria duas semanas mais tarde na mansão do conde de Worken. Estas duas encomendas lhe deram uma estranha sensação de orgulho e felicidade, mas também lhe fizeram recordar que era a época preferida de seu pai e que estava acostumado a acompanhá-la ao último dia da colheita para comer com os trabalhadores desse ano, lhes levando todo tipo de frutas, bolos, cerveja e hidromel.

Havia, além disso, descoberto o muito que gostava de passear pelo bosque, explorar esse mundo novo repleto de vida e de sensações tão reais. Em um par de ocasiões, surpreendeu a si mesmo cantarolando uma canção enquanto caminhava ou procurava bagos e folhas para fazer sobremesas e guisados. Havia doces, framboesas e amoras em certas áreas do bosque. O primeiro dia que as encontrou, foi perguntar ao senhor Cartem se podia recolher algumas, porque não sabia se era proibido. Todos sabiam que o bosque e tudo o que continha pertenciam ao conde, mas Cartem lhe assegurou que não haveria nenhum problema. Isso fez que por sua mente cruzasse vagamente a ideia de que sua casa de conto de fadas possivelmente fosse propriedade do conde, mas logo acreditou que, se fosse, não teria nenhum inconveniente em revelar sua identidade, já que era arrendador de seu pai e, agora, de seu irmão, e nunca escondeu essa condição. Assim, por que fazê-lo agora? Além disso, estava segura de que já tinha esquecido quem era ela muitos anos atrás. Faziam não menos de quatro anos que não haviam

tornado a convidá-los às festas de São Patrício nem às da Colheita, ou, ao menos, isso disse seu pai a seus irmãos quando eles perguntavam. Seu pai dizia que já tinha agradecido bastante um simples gesto e que, certamente, era melhor assim já que, no fundo, sentia-se um pouco incômodo com a gente com título e tão enriquecida. Embora ao princípio lhe adulasse poder acotovelar-se com tão distinguidos convidados, depois de um par de celebrações compreendeu que aquele não era seu lugar, ou isso acreditava Julianna. Ela não havia tornado a ver os bonitos convites que estavam acostumados a enviar na mesa do despacho de seu pai, por isso não perguntava por eles. Além disso, ela não tinha ido a nenhuma e não sentiria falta desse costume.

Por outro lado, tinha que reconhecer que sentia certo respeito por esse entorno áspero e selvagem. Em várias ocasiões tinha a sensação de que alguém a observava, mas sempre sacudia a cabeça e se dizia, “não seja covarde, são só os esquilos e você”, ria depois por sentir-se como uma menina pequena de novo. Amelia não a acompanhava nestes passeios. Preferia sentar-se, ler e bordar e, sobretudo, se ocupar da horta. Tinha descoberto nela uma agradável companhia. Era uma garota órfã do Saint Joseph, tímida e bastante introvertida, mas que gostava da mesma vida tranquila que ela, e começava a aprender a cozinhar vendo como o fazia Julianna. A princípio, era extremamente calada, o que Julianna não se incomodava absolutamente, dado que ela tinha sido exatamente igual toda sua vida — salvo as longas conversas e discursos com seu pai, mal dizia mais de duas frases seguidas—, mas posteriormente começou a sentir-se mais relaxada em sua presença e conversava mais e com mais aprumo que antes, e isso Julianna gostava. Agradava-lhe saber que Amelia se sentia cômoda e segura em sua companhia, e que parecesse gostar dessa vida a seu lado.

Sentia falta das aulas com seus alunos do Saint Joseph, mas, até que não lhe levassem o cavalo que tinha alugado para o coche, não queria fazer um caminho tão comprido com o que lhes tinha emprestado por uns dias o dono dos estábulos, já que parecia não aguentar muitos quilômetros e Julianna preferia não tentar à sorte. Além disso, só tinha ido ao povoado para conseguir o que necessitava para a casa, comprar alguns mantimentos e a entregar esses primeiros encargos de doces, o que lhe deu uma enorme satisfação. No caminho, durante essas ocasiões, pôde calcular o que poderia comprar com esses lucros. Por alguma razão, saber que esse dinheiro o tinha ganho e poderia empregá-lo no que quisesse lhe dava um estranho e

agradável orgulho. A primeira compra que fez foi a de uma peça de um bonito tecido para fazer para Amelia seu primeiro traje próprio. Sempre tinha utilizado roupas doadas ao convento e, por muito nova que estivessem, ela sabia que não era dela, assim compraram juntas uma peça de tecido. Amelia foi às lágrimas tocando todos os tecidos que haviam na loja. Finalmente escolheu um de cor marfim com estreitas listras de cor coral que pensava se poderia combinar com pequenos laços da mesma cor. Juliana lhe ajudou a escolhê-los. Entre as duas fizeram os cortes e começaram a costurá-lo. Amelia estava desejando que o terminassem para poder estreá-lo e Julianna tinha que reconhecer que estava desejando lhe ver a cara com seu traje novo. Também, e sem que Amelia o visse, comprou-lhe uns bonitos sapatos com um pequeno broche no início do peito do pé, um chapéu e umas luvas para seu traje novo; os daria quando fosse estreá-lo. Depois desses gastos, tinha pouca margem, assim comprou alguns ingredientes que ia necessitar e com o que sobrou disse a James Burton, o lojista, que levasse as crianças do Saint Joseph caramelos e alcaçuz. Não era muito, mas se algo tinha aprendido de suas horas ensinando a essas crianças, era o fácil que resultava lhes fazer feliz. Tinham tido sempre tão pouco que cada pequeno gesto recebiam como se fosse o maior.

Tinham transcorrido duas semanas desde essa visita ao povoado para aprovisionar-se e comprar o que tinham necessitado e tanto Amelia como Julianna estavam contentes de poder aproximar-se de novo até ali, esta vez, com seu novo cavalo e, por isso, com a possibilidade de visitar Saint Joseph e tomar uma xícara de chá com as irmãs. Amelia ia sentada a sua direita com um bolo de amoras no colo e outro de framboesas entre ambas. Os levava as crianças para o recreio e assim poder desfrutar de um pouco das risadas infantis que tanto tinha saudades. Amelia foi todo o caminho com um enorme sorriso que iluminava todo seu rosto, já que estreava seu traje, os sapatos e o chapéu novos. As luvas levava no bolso para não estragá-las, disse. Julianna tinha querido que esperasse à Festa da Colheita para fazê-lo, mas estava tão ansiosa que, quando o viu posto, limitou-se a lhe dizer quão bonita estava e quão bem tinham ficado finalmente os laços que tanto quaria. Por um momento, sentiu-se como se ela fosse sua irmã mais velha, e pensou que teria gostado de poder desfrutar de coisas tão simples como passear pelo povoado, sair para escolher uns tecidos ou escolher fitas com sua mãe ou com uma irmã mais velha.

Justo antes de tomar a separação que levava ao caminho de entrada da

Rua Maior, cruzaram rapidamente três cavaleiros, o qual forçou Julianna a deter bruscamente o coche.

— Meu Deus!— gritou Amelia tentando manter em seu lugar os bolos e não manchar seu bonito vestido.

Julianna a olhou para assegurar-se de que estava bem e depois olhou furiosa em direção aos cavaleiros. Afastaram-se o suficiente como para não reconhecê-los, mas tinha fixado na cor dos cavalos, dois negros e um cor café e também na cor granada de um deles, que ia à cabeça. Sentiu vontade de gritar todo tipo de impropérios, mas se limitou suspirar profundamente, agarrar com força as rédeas e retomar a marcha.

— Amelia, não se preocupe, se cruzarmos com eles no povoado procuraremos ignorá-los. Felizmente não ocorreu nada que devamos lamentar e não deveríamos nos encetar em uma discussão com cavalheiros que não conhecemos e menos se se comportarem como selvagens.

Tentava tirar importância ao acontecido, embora, em realidade, estava convencendo a si mesmo de que era melhor deixar passar o assunto para não ter que montar um escândalo diante de ninguém, sobretudo, se isso as colocava como o centro da atenção dos vizinhos.

Ao chegar à altura da fonte da praça, Julianna diminuiu a marcha até que se deteve a altura da loja do senhor Burton, onde foram fazer um par de recados antes de dirigir-se ao Saint Joseph. Desceu com cuidado para não tropeçar, coisa que lhe tinha ocorrido em numerosas ocasiões, pois, para sua desgraça, tinha um péssimo sentido de equilíbrio. Enquanto indicava a Amelia que também o fizesse e que deixasse o bolo no assento junto ao outro, para entrar na loja, arrumou bem o vestido com um par de ligeiros golpes na saia e tirou de sua bolsa um pequeno papel no qual tinha tomado nota das coisas que tinham que fazer ou que iam necessitar. Quando estava virando para entrar na loja viu na outra calçada, um pouco mais adiante, os três cavalos. Estavam justos na loja de armas e elementos de pesca do senhor Valens. Nunca tinha entrado ali, já que era um lugar ao qual estavam acostumados a comparecer só os jovens e cavalheiros da região para aprovisionar-se de equipamentos de caça, pesca ou de armas de fogo, principalmente. Pensou ficar ali quieta uns instantes para averiguar quem tinham sido os grosseiros que quase as tinham tirado do caminho um momento antes, mas em seguida compreendeu que não conseguiria nada com isso, salvo zangar-se ainda mais, assim suspirou e entrou na loja do senhor

Burton seguida por Amelia. Enquanto pedia algumas coisas para a casa, Amelia se entretinha observando os laços e sedas para os tocados e as fitas e adornos para o cabelo. Ao terminar, despediu-se do senhor Burton, colocou os poucos pacotes que levavam no chão da chaise e agarrou o guidão junto à boleia para ajudar a subir, mas, nesse instante, alguém lhe agarrou o cotovelo, levantando-a e quase colocando-a de um suspiro na chaise. Julianna, embora se sobressaltasse um pouco, tentou não perder a compostura, virando a cabeça suavemente para ver quem a tinha ajudado. Pelo movimento, sua longa cabeleira ondulada ficou, em parte, apoiada nesse mesmo ombro.

Ficou sem fôlego ao ver, a escassa distância de sua cara, o rosto de um homem moreno, de traços bem definidos, varonis, mas não toscos, e com uns enormes olhos verdes que a olhavam com certa indolência e profundidade. Julianna arregalou seus olhos e só conseguiu dizer com um fio de voz um superficial “obrigado”. Lhe sorriu com um sorriso ainda mais indolente que seus olhos, mas que fazia com que seu rosto adquirisse uma doçura que, por uns segundos, resultou-lhe familiar. “Oh...” , pensou Julianna, e abriu ainda mais os olhos — Eu... Nos conhecemos, senhor?

Assim que perguntou quis que a terra a tragasse, era o filho do Conde! O rosto que tanto tinha recordado desde os 10 anos, embora com os traços mais definidos, próprios de um homem e não de um moço, mas esse rosto, esses olhos, eram inconfundíveis, reconheceu Julianna.

Ele voltou a lhe sorrir e com um tom de voz doce, mas que parecia esconder certa malícia brincalhona, respondeu: — Não acredito, já que jamais esqueceria uma beleza como a sua.

Olhou-a diretamente nos olhos como se quisesse comprovar a reação de Julianna de primeira mão.

— Sou o comandante Cliff de Worken e acabo de retornar para casa.

Parecia divertir-se tentando averiguar as reações de Julianna, ou estava simplesmente jogando um pouco com ela mediante aquele flerte? Mas, esta o notou, assim como suas bochechas se avermelhavam de repente. Pensou, então, que o melhor era sair dali o quanto antes. Ela não era muito hábil cercando relações sociais, o que a colocava em clara desvantagem, já que a ele lhe via muito experiente e, certamente, saberia como paquerar com ela de maneira descarada sem que pudesse defender-se. Teve o impulso de sair dali correndo, mas, em vez disso, tentou sair graciosa e o mais dignamente que pôde.

— Nesse caso, obrigada, comandante, foi muito amável. Se nos

desculpar, estão nos esperando em outro lugar — disse Julianna com toda a convicção da que foi capaz.

Ele voltou a sorrir pecadoramente como se se desse conta de que estava nervosa e desejando esporear o cavalo para sair ao trote dessa situação.

— Amelia, por favor, sobe.

Ele ajudou a Amelia gentilmente, e ela pôs a mesma cara que uma adolescente frente ao próprio Apolo, como se o próprio Deus da luz em pessoa lhe houvesse tocado a mão, olhou-o maravilhada e quase sem fôlego. Julianna fez um gesto com a cabeça e açulou delicadamente o cavalo enquanto ele ficava olhando fixamente com esse bonito sorriso e com esses penetrantes olhos verdes.

Assim que viraram para retomar a rua que subia ao Saint Joseph, Julianna começou a recordar de novo a noite em que o conheceu, seu corpo estendido no chão, coberto de sangue, e o reflexo da lua em seus olhos. De repente, notou seu coração pulsar com uma força incomum e seu sangue correr por suas veias com uma vitalidade nova. “Vá, é mais bonito agora, e esse sorriso é devastador”, pensou enquanto se surpreendia sorrindo bobamente. Por um segundo acreditou ter posto a mesma cara de adolescente deslumbrada que Amelia e quase se envergonhou. “Basta, basta, Julianna. Recorda quem é, e... disse que sou bonita?, mas... Ah, já! Boba! Mais que boba! Só brincava contigo. Seguro que o disse para burlar-se de ti. Volta para a realidade!”. Julianna sacudiu a cabeça e se obrigou a concentrar-se de novo no caminho. Agradeceu que Amelia não dissesse nada em todo o caminho ao Saint Joseph e que, de retorno a casa, só comentasse quão grande estavam as crianças desde a última vez que as viram.

Já de noite tentou conciliar no sono, mas estava nervosa, ansiosa. Não podia tirar da cabeça esses enormes e penetrantes olhos verdes.

— Tola, desça de seu devaneio, que é invisível para um homem como esse e, embora não fosse, não tem nada para oferecer a um cavalheiro de tão bom berço, posição e fortuna. Nem sequer tem o encanto e a beleza para compensar o resto de seus defeitos, além disso, não saberia o que fazer frente a um homem como ele, nem sequer poderia dizer duas frases coerentes — se repreendeu em voz alta, incorporando-se da cama de repente.

Abriu a janela para que entrassem os aromas do bosque e, sem pensar, vestiu a bata, amarrou o cabelo com uma fita de cor vermelha e agarrou uma capa grossa de lã vermelha com capuz. Enquanto a punha, abordou-a uma pequena dor no coração. O último presente que lhe tinha feito seu pai, uma

capa vermelha. Queria que usasse cores alegres e vivas.

“Deve vestir este tipo de objetos para que te veja bem, carinho. É muito bonita para te esconder de todos e de tudo”, havia-lhe dito ao entregar-lhe. Embora lhe sorrisse com ternura e agradecimento sinceros, sabia que não se sentiria cômoda com cores tão chamativas.

Entretanto, desde sua morte, estava acostumada a passear pelo bosque, assim o sentia um pouco mais perto dela. Desceu as escadas procurando não fazer ruído para não despertar Amelia. Agarrou um abajur de azeite e saiu pela porta. Queria recordar a sensação de liberdade, de aventura que sentia desde menina ao escapar por sua janela de noite e começou a andar pelo bosque em direção a uma região que tinha descoberto que deixaria ver com claridade as estrelas. Caminhou devagar, sob a tênue luz que desprendia o abajur e procurando inalar cada um dos intensos aromas de seu redor, a cedro, pinheiro, algumas floresças silvestres, à água do riacho. Acalmava-lhe o ar fresco da noite e os aromas da natureza. Ouvia-se ao longe um mocho e o que, estava segura, seria o som de cervos bebendo em algum dos pequenos riachos que cruzavam o bosque. “Se alguém me visse aqui, de camisola, só e a estas horas, pensaria que ou sou uma bruxa, ou uma velha louca”, surpreendeu-se a si mesmo rindo da situação, porque, se já desde menina seu pai lhe dizia que não era decoroso que escapasse de noite só para brincar de correr pelos milharais, não queria nem imaginá-lo que lhe diria se a visse como uma mulher feita e direita, andando sozinha pelo bosque, de camisola e com uma capa vermelha como se fosse Chapeuzinho Vermelho em busca do lobo. “Ai, papai, sinto muito, mas acredito que sua filha não mudará nunca”, sorria chegando a clareira que estava procurando.

Ao chegar se deteve, respirou para tomar uma nova baforada desse ar puro cheio de vida e liberdade, deixou o abajur no chão e estendeu a seu lado a capa para sentar-se sobre ela. Começou a observar as estrelas e a incrível silhueta que formavam as taças das árvores balançadas pelo vento, lamentando que não soubesse desenhar, porque seria uma imagem digna de plasmar-se. Por um momento se surpreendeu sentindo um repentino medo. Sentou-se bruscamente e olhou a seu redor, como se procurasse, como se esperasse encontrar alguém. Parecia como se houvesse sentido a presença de outra pessoa, espreitando-a. Aguçou o ouvido tentando escutar algum ruído estranho como um ramo ou o chocar de calhaus, mas não escutava nada. Sua respiração, que tinha se acelerado, foi voltando pouco a pouco para seu ritmo normal e, embora tinha os olhos bem abertos, não observou sombras ou

movimento algum a seu redor, mais à frente do das folhas movendo-se pelo vento noturno.

— Medrosa — disse em voz alta —. Quem vai vir a estas horas ao bosque além de uma louca com capa vermelha?

Fez um leve movimento de cabeça como repreendendo a si mesmo e convencendo-se de seu tolo sobressalto voltou a deitar-se de barriga para cima com os tornozelos cruzados e com as mãos apoiadas sobre seu estômago.

— Ah, papai... isto te teria encantado. O céu, o ar, a paz, embora não acredito que você gostasse que sua Chapeuzinho Vermelho andasse sozinha pelo bosque a mercê dos lobos — dizia bobamente e riu com certa doçura infantil.

Esteve bastante tempo observando esse incrível céu, até que começou a notar o frio noturno, por isso decidiu retornar para casa. Além disso, preocupava—lhe que Amelia despertasse, visse que não estava em casa e se assustasse sem necessidade. Pegou sua capa, sacudiu-a um pouco para tirar os restos de ramos e folhas que pudesse ter e a colocou, pegou o abajur de azeite e caminhou de volta. Estava quase chegando a sua casa de conto de fadas, como já pensava nela quase inconscientemente, quando, de novo, surpreendeu-se olhando ao redor. Seriamente, estava ficando louca ou é que de repente era uma covarde que se assustava com a escuridão? Tinha, outra vez, essa sensação de que a observavam. Era algo que a incomodava. Sempre, detestava notar que alguém fixava seu olhar nela, embora fosse à distância e de maneira superficial. Sempre o tinha atribuído a seu acanhamento, mas, com os anos, dava-lhe verdadeiro desconforto e inclusive vergonha que outras pessoas a olhassem diretamente. E agora tinha essa mesma sensação de desconforto. Não viu ninguém, mas acelerou um pouco o passo de maneira quase instintiva e, quando chegou à porta da casa, voltou a olhar a suas costas como se não estivesse convencida de que estava sozinha. De novo não viu nada, suspirou e entrou.

Durante todo o dia Julianna se dedicou a fazer algumas prova de doces de frutas e os últimos cálculos e estimativas de tudo o que ia necessitar para as duas encomendas da Festa da Colheita. Ela tinha previsto aproximar-se da mansão só para entregar os doces às duas senhoras que os tinham encomendado e partir rapidamente, se é que antes não as convencia para entregar-lhe em sua casa um dia antes ou inclusive essa mesma manhã. “Além disso”, pensou, “como ia atrever-se a entrar na mansão sem estar

convidada? É curioso, antes poderia ter ido e nunca o fiz nem tive desejo de fazê-lo, e agora que teria que comparecer embora só fosse por trabalho não poderia entrar”.

Deu-se conta de que ia necessitar um pouco mais de manteiga e de farinha, por isso disse a Amelia que terminasse suas tarefas no pomar enquanto ela ia procurar os ingredientes no armazém. Antes, tanto a manteiga como a farinha, saíam dos produtos do imóvel, mas como se prometeu não pedir mais nada a seus irmãos, tomava o cuidado de não ter que vê-los. Pegou de novo a capa vermelha, embora esteve a ponto de não fazê-lo porque não a tinha posto mais que estando no bosque, longe dos olhares dos outros, e subiu a chaise.

Durante o caminho meditou que provavelmente estava se convertendo em uma solteirona excêntrica, porque gostava dessa existência, tranquila, aprazível. Poderia viver muito comodamente o resto de sua vida sem grandes luxos e possivelmente com uma vida solitária, mas tranquila e agradável, pensava enquanto entrava no caminho de ladeira do povoado. “Ai... mas sem filhos”, surpreendeu a si mesmo quando cruzou essa ideia por sua cabeça e uma pontada martelou seu coração. Julianna era extremamente tímida e estava acostumada a evitar na medida do possível as festas e os bailes, mas reconhecia que adorava ter crianças ao redor. Tinha boa mão com eles e era muito paciente, sobre tudo, com os mais novos. Mas, claro, antes de ter filhos era necessário ter um marido a seu lado para os ter, e para isso teria primeiro que encontrá-lo. “Uf, isso sim que requeria da ajuda de Deus ou possivelmente de bruxaria”, sorriu ante sua ideia quase chegando ao povoado.

De novo, encontrou os três cavalos atados frente à loja do senhor Valens, e desejou e temeu ao mesmo tempo voltar a encontrar-se com o filho do conde. Além disso, durante a noite anterior se zangou consigo mesma por não ter repreendido a esse “cavalheiro” por quase as tirar do caminho. Sentiu-se como uma covarde ao recordá-lo. Tentou esquecê-lo e centrar-se na tarefa que tinha por diante, especialmente porque o filho do conde tinha a estranha habilidade de pô-la mais nervosa ainda do que qualquer outra pessoa e de fazê-la sentir-se como um cervo desprotegido ante um caçador. De novo sacudiu a cabeça e olhou o cavalo e a porta da loja do senhor Burton. Esta vez, ia deixar a chaise à volta da esquina para não ter que topar com nenhum deles. Uma vez dentro, deu a lista de compras ao senhor Burton, e enquanto este preparava o pedido ficou olhando pelo cristal de sua cristaleira na

direção onde estavam os cavalos, mas estes tinham desaparecido. Embora sentiu certo alívio ao não ter que lhe ver de novo, também se sentiu extremamente desiludida. Por que lhe provocava aquelas sensações tão contraditórias? Desde quando centrava sua atenção em um homem? Sobretudo, tendo em conta que só o tinha visto em poucas ocasiões quando era uma menina, quando ele passeava pelo povoado com seu irmão mais velho e sempre rodeados de moças dispostas a lhes conceder qualquer desejo, sem contar a noite em que caiu do cavalo, claro. Tomou ar antes de voltar a olhar ao senhor Burton e seguir com suas tarefas.

Poucos minutos depois, já estava na chaise tomando a separação que a levaria ao bosque, rindo de si mesma pelo comentário que tinha feito o senhor Burton sobre sua capa e como ficava bem nela. O certo é que sempre lhe resultou um homem amável e generoso, desde pequena estava acostumada lhe dar algum caramelo e sempre a olhava com certa doçura. Seu pai o considerava um bom homem que tinha trabalhado muito para conseguir aquela pequena loja e que se lamentava de não ter tido filhas. A Julianna sempre pareceu curioso esse desejo, já que, normalmente, os homens preferiam filhos varões, mas imaginava que se devia a que os filhos do senhor Burton se pareciam muito a seus irmãos, eram um pouco egoístas e aproveitadores e supôs que teria gostado de contar com uma filha que o ajudasse quando fosse mais velho e cuidasse dele em sua velhice. Julianna recordou, então, que, desde pequena, dizia a seu pai que quando ele fosse um venerável ancião ela o cuidaria e que jamais o deixaria sozinho, imaginou então que o senhor Burton gostaria desse tipo de consolo, sobre tudo desde que seus dois filhos partiram do povoado e pareciam haver-se esquecido dele e de sua mulher. E embora a esta última Julianna não a tinha em alta consideração, pelo muito que a criticava desde pequena, sentiu certa compaixão por uns pais que tinham perdido esse carinho de seus filhos.

Ao chegar à entrada do bosque se surpreendeu. Havia um cavalo apostado, sem seu cavaleiro, mas estava bem amarrado ao poste que indicava o desvio. Já perto do mesmo, sobressaltou-se ao ver que se tratava de um dos três elegantes cavalos do dia anterior e notou como lhe acelerava o coração e um estranho calafrio lhe percorria toda as costas. Sem deter-se, passou a seu lado olhando de soslaio, mas não viu o cavaleiro e não se atreveu a olhar para trás, assim continuou uns minutos em direção a casa, mas com um ritmo um pouco mais lento que de costume.

Sem saber como, de repente se encontrou a sua direita o cavalo com seu

cavaleiro, trotando a sua mesma altura e ritmo. Julianna olhou então ao cavaleiro e viu que este era o filho do conde e que tinha esses incríveis olhos verdes fixos nela. Não conseguiu pronunciar palavra alguma e notou como se pôs totalmente tonta e como aumentava o calor e ansiedade por todo seu peito.

— Bom dia — disse ele, olhando-a diretamente nos olhos.

Julianna procurou então fixar a vista no caminho para não sair do mesmo.

— Bom dia — conseguiu responder, embora sem muito aprumo, quase foi mais um sussurro.

— Espero não a haver assustado, senhorita?

Julianna o olhou de soslaio e respondeu: — Senhorita McBeth. E não, não me assustou, mas sim surpreendeu. — “Isso, Julianna, tenta que não perceba que está nervosa”.

— Recorda-me? Sou o comandante Cliff de Worken, vimo-nos ontem no povoado.

“Como se alguma mulher pudesse esquecer-se de ti!”, pensava Julianna enquanto notava como seu coração pulsava com força.

— Estou voltando a casa de meu pai, o conde de Worken, e me pareceu uma boa ideia tomar este caminho já que este bosque me recorda minha infância e as brincadeiras que meu irmão e eu estávamos acostumados a fazer quando éramos crianças. Tenho que reconhecer que fomos uns pivetes que não deixávamos passar nenhuma oportunidade de fazer alguma travessura, e que inclusive em algumas ocasiões nos metemos em verdadeiros apuros com nossas travessuras.

Falava como se a conhecesse de toda a vida, com um tom doce, pausado, com uma cadência quase hipnótica. Julianna permaneceu em silêncio. Parecia que queria que Julianna fizesse algum comentário em concreto, como se quisesse que lhe revelasse alguma coisa. Tinha a estranha sensação de que pretendia que lhe dissesse que já se conheciam, mas Julianna não queria que a recordasse por aquela noite. Mortificava-a que visse nela a aquela menina desajeitada, empapada, com a camisola coberta de sangue, o cabelo revoltado e o terror em seus olhos.

— Pelo visto, você e eu vamos na mesma direção. Dirige-se a casa do conde, senhorita?

Julianna sentia esse olhar sobre ela e sua pele ardendo.

— Não, não... eu não vou tão longe — respondeu com menos segurança ainda que antes e sem afastar a vista do caminho. Temia olhá-lo à cara e

perder o controle e se sentiu mortificada por parecer tão boba.

— Umm... interessante. Vai visitar os esquilos, possivelmente?

O coração de Julianna deu um tombo. Soube imediatamente que era ele quem a tinha visto passeando pelo bosque e que, provavelmente, a teria escutado falar sozinha. Sentiu uma vergonha tremenda e, sem olhá-lo e com certa irritação, respondeu: — Não, hoje não, possivelmente amanhã. Hoje os deixarei tranquilos. No momento, só volto para casa.

“Vá, não deveria haver dito isto, agora seguramente vai me perguntar onde vivo”.

Riu com uma gargalhada melodiosa e divertida e Julianna teve o impulso de olhá-lo porque estava segura de que lhe teria iluminado o rosto com esse sorriso provocador e tentador.

— Nesse caso, os pobres se sentirão desiludidos, seu Chapeuzinho Vermelho hoje não quer os ver...

Julianna quase parou em seco a chaise ao escutar aquele comentário, e o que antes era nervosismo se transformou em indignação e aborrecimento.

— Desculpe? Parece-me que se burla de mim. — Como não queria lhe dizer que se deu conta de que agora estava segura de que a tinha espiado no bosque, continuou —. Se o que pretende é burlar-se de meu traje, tenho que lhe dizer, senhor... comandante! Que me importam pouco as críticas sobre meu aspecto, sobretudo se provierem de desconhecidos. Além disso, saiba que esta capa é o presente de um ser muito querido e que me importa muito pouco se me favorecer ou não. — Por um momento se sentiu tremendamente envergonhada dizendo isto. Pensava que ficava tão mal a capa? Tão horrível se via com ela que lhe tinha convertido em um alvo tão fácil de graça? Mas, sem saber como, continuou falando quase sem tomar fôlego —. Suponho que lhe resulta surpreendente que a uma jovem não interessem muito os comentários sobre seu aspecto e que acredita que, agora, deveria passar vários dias rebuscando os meus vestidos e complementos que mais me favorecessem para que cavalheiros como você, fixassem-se em mim ou para tentar lhes parecer bonita... — “Vá, agora que me encorajei não posso parar”, pensou —. Mas sinto desiludi-lo, não estou acostumada a procurar as adulações dos cavalheiros e menos ainda sua aprovação. Se não se importar, acredito que deveria seguir seu caminho e permitir retornar a minha casa tranquila.

“Isso, Julianna, todo o descaramento que não mostraste em toda sua vida o tira agora de repente”, pensava um pouco mortificada pela aparência que

tinha tomado aquela conversa.

Ele voltou a rir e, sem deixar de trotar a seu lado, assinalou com um tom de voz doce e sedutor: — Me interpretou mal, senhorita McBeth. Não pretendi burlar de você, de fato está muito bela com essa capa e, agora, ainda mais com as bochechas rosadas e os olhos brilhando como fogo por seu aborrecimento.

Os olhos de Julianna se arregalaram e o olharam diretamente, seus olhares se cruzaram e, por um instante, sentiu que lhe ardia cada centímetro da pele. Parou a chaise e ele seu cavalo, e baixando um pouco o olhar começou a falar.

— Senhor... comandante, acredito que se o que procura para entreter-se é jogar à sedução e o flerte com alguma jovem, deveria dirigir seus cuidados em outra direção. Não tenho muita experiência nestas lides, pelo que estou segura se deu conta quase imediatamente, mas, além disso, eu não gosto deste tipo de jogos, não os busco nem os desejo, assim, se não se importar, por favor, você começa a me incomodar.

Com um movimento suave e inclinando-se um pouco em seus arreios, agachou-se em direção a Julianna e lhe respondeu com um tom tão suave que lhe pareceu uma carícia na pele: — Julianna, não poderia jogar com você nem que me propusesse isso. Acredito que é muito boa para os jogos de sedução, de qualquer maneira, acredite em mim quando lhe digo que você não precisa rebuscar vestidos nem complementos para ganhar o favor nem a atenção dos cavaleiros, inclusive vestida com um saco você estaria muito bela. Esses olhos brilhariam inclusive em uma noite escura. — Enquanto se colocava direito de novo em seus arreios e inclinava a cabeça para despedir-se não deixou de olhá-la nem um segundo. Acrescentou, como se tivessem passados muitos minutos e não meros segundos, com um sorriso nos lábios —: bom dia, senhorita McBeth, espero que nos vejamos de novo... Conto com isso!

Julianna ficou petrificada olhando como partia. Não podia acreditar no que acabava de acontecer. “Será que sabe que eu era essa menina? não, não pode ser, seriamente me considera bonita?”. Estava atônita.

— Um momento, eu não lhe hei dito meu nome! — exclamou.

“Sim, sim, estava jogando comigo e eu cair como uma boba, mas que pretendia? Duvido que o que queira é me seduzir”.

Seguia sentada no meio do caminho e sem mover a chaise quando uma rajada de vento moveu um pouco seu cabelo e fez com que se desse conta de

onde estava. Açou o cavalo e olhou a seu redor, desejando que ninguém a tivesse visto.

CAPÍTULO 03

Lorde Cliff de Worken era o segundo filho do conde de Worken, um dos mais importantes e respeitados nobres da Irlanda, criou-se junto a seu irmão mais velho, Ethan, na grande mansão de seu pai no centro do condado. Seu irmão e ele eram virtualmente inseparáveis, com apenas dois anos de diferença e, junto a seus dois primos, os filhos do irmão mais velho de sua mãe, o duque de Crawford, formavam um quarteto peculiar, revoltoso e brincalhão de meninos, e uma turma de grandes aventureiros com muito êxito entre as damas durante sua adolescência. Cliff e Ethan formavam um grande time. O primeiro sabia que, ao corresponder o título a seu irmão mais velho, gozaria de maior liberdade para escolher seu futuro, enquanto que o segundo tinha claro que devia cuidar do legado familiar e das responsabilidades que isso suportava. Mesmo assim, tinham um caráter similar, já que ambos eram abertos, divertidos, com grande paixão pela vida e pelas mulheres bonitas, mas, acima de tudo, amavam-se e respeitavam um ao outro assim como a seu pai. Os dois se pareciam muito fisicamente a seu pai e aos varões da família. Eram altos, fortes, atléticos, de cabelo escuro com os olhos verdes e com um sorriso dos que desarmam as damas e convencem ao mais duro adversário e, sobretudo, com uma atitude e porte próprios dos mais robustos guerreiros.

Ao completar vinte e um anos, Cliff solicitou permissão a seu pai para ingressar na Marinha Real e fazer, por si mesmo, um nome e um futuro no mar. Sempre foi o mais aventureiro de todos os Worken e estava desejando conhecer o mundo e fazer fortuna própria. Durante os seguintes oito anos esteve navegando e ascendendo rapidamente no escalão. Era um tipo valente, inteligente, respeitado pelos homens sob seu comando, mas também por seus superiores e, com o passar do tempo, foi fazendo um nome que causava respeito dentro da Marinha, mas, além disso, medo entre os piratas e corsários de todo o mundo. Ao mesmo tempo em que sulcava as águas, foi investindo e obtendo grandes benefícios através dos navios de comércio com as Índias e América que foi adquirindo até formar uma naval própria, com a qual seguiria navegando uma vez decidisse deixar a Marinha Real; para o qual, estimava, não demoraria muito, porque os postos que restavam por ocupar acima de seu atual cargo implicavam trabalhar a maior parte de tempo

no almirantado ou nos salões nos quais políticos e homens do governo decidiam o futuro de outros, e esses eram cargos que ele não queria ocupar.

De fato, a única honra que tinha resistido esses anos era a obtenção de um título nobiliário, e acabava de obtê-lo ao vencer e capturar um dos principais inimigos da armada nas águas das Índias ocidentais. Já de retorno a casa, depois de dois anos sem voltar para a Irlanda, tinha pensado comunicar a seu pai a outorga desse título e, além disso, seu desejo de abandonar a Marinha de maneira permanente, para dedicar-se a seus negócios e a manter e ampliar a enorme fortuna que tinha entesourado durante esses anos. Seu pai, estava convencido, mostrara-se encantado, pois, embora se mostrava orgulhoso do valor de seu filho e dos lucros conseguidos com seu próprio esforço, também lhe tinha mostrado em mais de uma ocasião seu desejo por sua volta a Irlanda e o abandono de uma vida tão perigosa e errante.

Durante todos esses anos, Cliff de Worken havia, além disso, ganho uma considerável reputação de solteiro de ouro e de grande amante entre as damas da alta sociedade. Era açoitado pelas matronas para tentar emparelhá-lo com suas filhas casadoiras, mas também para elas mesmas, pois se dizia que realmente sabia como fazer feliz a uma mulher.

Na cabeça e no coração de Cliff, durante os anos transcorridos desde sua partida, sempre esteve sua família, mas também sua pequena salvadora, a imagem dessa pequena que um dia lhe salvou a vida. Essa imagem e essa voz lhe acompanhariam nos melhores e nos piores momentos de sua ocupada vida.

Ao completar dezoito anos seu pai lhe tinha presenteado um semental negro procedente de uma das melhores manadas de éguas árabes. Estava entusiasmado com o animal. Os condes tinham organizado uma festa de aniversário e, durante a festa, seu irmão e seus primos apostaram com ele que não seria o primeiro a cruzar o bosque que confinava com a mansão, porque não o consideravam capaz de dominar ainda a esse animal, provocação que Cliff aceitou em seguida, pois jamais rechaçava uma aventura e menos um desafio, escaparam assim que terminou o jantar e correram cada um a preparar suas montarias. Começaram a corrida e durante uns minutos lhe pareceu voar montado em tão magnífico animal pelas colinas de Workenhall. Ao chegar ao bosque já ia a cabeça. Escutava a seu irmão e a seus primos perto, mas já não os via, as árvores mal deixavam transluzir um pouco da luz da lua. Quão seguinte recordava era uma forte dor no flanco, uma sacudida e

um golpe na têmpora depois de cair do cavalo. Aturdido, pareceu-lhe que transcorreu uma eternidade até que começou a notar umas pequenas, suaves e cálidas mãos em seu corpo, ao redor das feridas, e um calor reconfortante proveniente das mesmas. Ao abrir um pouco os olhos se topou com o rosto de uma menina com um olhar decidido, doce e tranquilizador, embora a via um pouco assustada. Estava inclinada sobre ele, mas não parava de fazer algo, deu-se conta então de que lhe estava atando algo à altura de suas costelas. Disse-lhe com uma voz doce, que lhe transmitiu uma paz assombrosa, "por favor, não te mova, não te mova... Está ferido, mas não te assuste, vou procurar ajuda, só aguenta um pouco, em seguida volto". Depois disso, Cliff desmaiou.

Durante os seguintes dias esteve de cama curando-se da ferida que quase lhe custou a vida, tentando recordar o acontecido. Seu pai lhe contou, quase uma semana depois, todo o ocorrido essa noite. O relato de como a filha pequena de um de seus arrendatários irrompeu, no meio da festa, empapada, tremendo, coberta de sangue, corte e arranhões, com uma camisola esmigalhada nos joelhos, mas com uma determinação e uma força transbordantes. Aquela garotinha de pouco mais do meio metro o tinha socorrido e tinha ido procurar ajuda, sendo isso o que lhe salvou a vida. Seu pai também lhe explicou que, como consequência das feridas que sofreu ao procurar ajuda, do frio da noite, da água dos riachos do bosque e de haver cedido a ele seu casaco, a pequena Julianna, que assim se chamava, esteve a ponto de morrer pela febre e pela infecção, coisa que, tanto o médico como o pai da menina, ocultaram dela para que não se sentisse mal por ter ajudado a alguém quando o necessitava.

Ao inteirar-se, Cliff pediu a seu pai que desse de presente seu cavalo ao pai da pequena como agradecimento, o qual agradou ao conde, já que acreditava que assim seu filho reconhecia sua falta e sua imprudência e, também, a dívida que tinha com aquela família.

Quando esteve curado de tudo, Cliff decidiu observar aquela menina e prometeu a si mesmo devolver com acréscimo a dívida que tinha com ela, mas quando a conheceu, a dívida se converteu em algo mais, em um desejo, em uma força que o impulsionava a proteger aquela pequena. Propôs-se vê-la primeiro, observar Julianna, a menina cujo rosto lhe acompanharia toda a vida e cuja voz lhe inspiraria sempre uma coragem e uma esperança que iam além da razão. Observou-a de longe durante vários dias: era uma adorável pequena, de cabelo castanho e olhos cor mel, extremamente tímida,

reservada, escondia-se atrás de algum dos livros que sempre levava com ela, evitava o contato com as pessoas que pareciam empenhadas em burlar dela, especialmente seus três irmãos mais velhos que não duvidavam em humilhá-la e menosprezá-la a menor ocasião. Houve um par de ocasiões em que Cliff teve que fazer um grande esforço por não esmurrar aqueles três imbecis que, em vez de proteger sua irmã, pareciam desfrutar fazendo-a sofrer. Era valente e orgulhosa, disso não cabia dúvida, mas, além disso, era generosa e decidida. Observou-a quando a menina visitava os campos com seu pai. Era evidente que a relação entre ambos era especial. Quando estava com ele, brilhavam —lhe os olhos, sentia-se segura e feliz, e enquanto que com o resto das pessoas se mostrava calada e evitava seus olhares, com seu pai era relaxada, brincalhona, loquaz. Era, possivelmente, o que mais gostava. Essa capacidade de amar de uma maneira tão generosa, e sua total entrega quando seriamente amava alguém. A pequena parecia desfrutar passando as horas só lendo, cozinhando e inclusive escapando de noite para deitar-se para ver o céu, o que explicava como foi capaz de lhe encontrar no bosque a essas horas.

Seu pai estava acostumado a convidar a alguns latifundiários, nobres e também a um reduzido grupo de arrendatários todos os anos nas Festas de São Patrício e da Colheita, e todos compareciam encantados, especialmente as jovens que esperavam encontrar bons partidos para casar-se, deslumbrar aos nobres ou aristocratas que o conde convidava ou, simplesmente, jovens com vontade de relacionar-se em festas e bailes. Seu pai lhe perguntou se lhe parecia bem que, a partir de então, Julianna e sua família fossem incluídos na lista de convidados como uma forma de agradecer sua ajuda, o que Cliff imediatamente agradeceu e pensou que seria uma boa forma de ver como ia crescendo a pequena e protegê-la embora fosse de longe. Durante os dois anos seguintes o pai e os irmãos de Julianna iam a todas as festas, enquanto ela não ia a nenhuma. Seu pai se desculpava dizendo que sua filha não gostava desse tipo de reuniões tão concorridas, mas acrescentava que, enquanto não se visse obrigado a fazê-lo, não queria ter que impor a Julianna esse tipo de compromissos. Cliff sentiu uma enorme proximidade com esse homem que, sem lugar a dúvidas, adorava a sua filha e pretendia protegê-la de todo mal e lhe evitar qualquer sofrimento.

Antes de abandonar seu lar para embarcar como oficial da Armada, Cliff pediu a seu pai que cuidasse à distância de Julianna e que, se alguma vez, estivesse necessitando algo, que a ajudasse ou que o avisasse imediatamente. Seu pai lhe deu sua palavra de que assim seria e, durante os seguintes anos, sempre

incluía alguma resenha sobre a pequena Julianna em suas cartas. Assim foi como se inteirou de que tinha começado a dar aulas no Saint Joseph as crianças órfãs. Também soube que, sem que ela se desse conta, começava a ter alguns admiradores. De fato, constava-lhe que ao menos um, o filho de um dos arrendatários do condado vizinho, fez uma proposta formal a seu pai para cortejá-la, coisa que ele rechaçou de imediato, alegando que, para cortejar a sua filha, primeiro o interessado teria que conhecê-la e esta mostrar interesse por ele, já que não importaria matrimônio algum a sua filha se ela não o desejava. A Cliff as notícias de que algum homem se interessava por sua pequena Julianna não o agradavam. Claro que o atribuía a esse sentimento de amparo que tinha desenvolvido por ela e a qual sentia, ou ao menos assim acreditou por então, um carinho fraternal pela pequena que recordava em sua memória, a menina de dez anos de cabelo revoltado e olhos sonhadores. E também sabia que, cedo ou tarde, casaria-se. “Mas não com qualquer um”, dizia-se Cliff. “Julianna tem que casar com um cavalheiro que a estime como ela merece”.

O conde também lhe explicou em uma missiva, um tempo atrás, o pequeno enfrentamento que tinha tido com o senhor McBeth. Fazia já quatro anos este lhe pediu que não voltasse a intrometer-se na vida de sua filha nem na sua além de sua relação como proprietário e arrendatário. O conde, quando Julianna completou dezesseis anos, e seguindo os conselhos da condessa, que embora tivesse boa intenção achou de maneira incorreta ao dar esse conselho, foi visitar o pai de Julianna sem que ela se inteirasse e lhe ofereceu, em agradecimento pelo valoroso ato que anos atrás teve esta, lhe dar um dote e lhe buscar um marido adequado. O senhor McBeth tomou aquele oferecimento como o pior dos insultos, já que assegurar o futuro de sua filha era responsabilidade dele como pai, e afirmou que, certamente, ninguém buscaria marido algum a sua filha sem seu consentimento e sem o da própria Julianna. O conde entendeu perfeitamente a resposta do senhor McBeth e, depois de meditá-lo, inclusive lhe respeitou ainda mais como homem honrado e nobre, já que se lhe tivessem proposto o mesmo, estando em seu lugar, possivelmente tivesse acabado a socos com quem fizesse semelhante proposta, por muito boas e honoráveis intenções que tivesse. Sem dúvida, Julianna era digna filha de seu pai. Honrada, forte e generosa, pensou o conde então. Por isso, respeitou os desejos do senhor McBeth, embora, igual fez o próprio Cliff anos antes, prometeu a si mesmo proteger Julianna e evitar que sofresse se ele pudesse evitá-lo.

Ao receber a carta explicando o acontecido, Cliff aplaudiu a forma de proceder do senhor McBeth, mas se zangou sobremaneira com seu pai por tentar procurar um marido a Julianna.

Passados os anos e com seu tempo de serviço na Marinha chegando a seu fim, Cliff tinha pensado retornar a casa depois das Festas da Colheita. Pensava desembarcar em Londres e, depois de informar ao Almirantado, passar umas poucas semanas em Londres descansando e desfrutando do ócio da cidade. Mas uma missiva de seu pai fez com que adiantasse sua volta:

Querido filho: Recebemos sua carta nos informando de sua volta, o qual encheu a todos de felicidade. Estamos desejando te dar um forte abraço e poder te ter conosco uma temporada. Além disso, assim poderá conhecer a prometida de Ethan, lady Adele, antes do enlace, e possivelmente você encontrar também uma bonita jovem que te faça sentar essa louca cabeça.

Entretanto, lamento te informar de uma triste notícia. Faz apenas três dias o senhor McBeth sofreu um trágico acidente. Caiu do cavalo e golpeou mortalmente a cabeça falecendo quase imediatamente. Como compreenderá, sua filha está desolada, parece encontrar-se um pouco perdida e só e nos preocupa o que possa lhe acontecer estando nas mãos de seus irmãos.

O advogado nos informou que, seu pai, deixou-lhe suas economias como dote, e embora, como compreenderá, não é uma fortuna, é bastante para que possa subsistir dignamente, ao menos até que dita contrair matrimônio e ficar ao amparo de um bom homem. Não obstante, estou seguro, encontrarei o modo de ajudá-la a melhorar sua situação de algum jeito.

Queremos conveniente te informar sabendo seu interesse por protegê-la, embora tem que ter presente que já não é uma menina, a não ser toda uma mulher, e que, portanto, seu amparo não deve ser objeto de más interpretações que possam expô-la aos olhos dos estranhos ou colocá-la em uma situação comprometedoras...

Assim que recebeu a missiva, Cliff dispôs tudo para sua imediata volta a casa. Queria assegurar-se que Julianna estava bem e que seus irmãos, esses odiosos indivíduos, não aproveitavam a ausência de seu pai para prejudicá-la. Mas o que queria dizer seu pai com que é toda uma mulher? Pois claro, já não tinha 10 anos. Embora em sua memória o que perdurava era o rosto de uma menina, Cliff sabia que tinham passado vários anos e que, portanto, já seria uma mulher feita e direita.

Assim que retornou, passou um dia desfrutando da companhia de seus pais e seu irmão, assim como conhecendo a encantadora prometida de seu irmão mais velho, quem, cumprindo com suas obrigações, escolheu a uma rica herdeira de boa família e melhor dote. Mas não demorou para sentir uma forte dor no peito pensando no muito que estaria sofrendo Julianna. Seu pai acabava de lhe informar que, sem conhecer os detalhes exatos, Julianna tinha decidido afastar-se da casa, que agora ocupava como novo arrendatário seu irmão Ewan McBeth, e que estava procurando, com a atribuição que lhe tinha deixado seu pai, um novo lar no qual instalar-se longe de seu irmão. Tanto o conde como agora Cliff conheciam o conteúdo do testamento do senhor McBeth, por isso intuía que, se Julianna partia do qual tinha sido até então seu lar, seria porque seus irmãos, de algum jeito, lhe teriam obrigado a fazê-lo ou lhe teriam proposto algo que, certamente, tinha-a persuadido a afastar-se deles todo o possível. Isto deixou Cliff preocupado e inquieto. Desejava aproximar-se da casa de Julianna e oferecer-se para ajudá-la, depois de lhe mostrar suas condolências mais sinceras, mas compreendeu em seguida o inapropriado da situação e os problemas que as más línguas poderiam provocar na reputação de Julianna. Além disso, ardia de desejo de ver como era agora aquela pequena. Seguramente seguiria evitando os olhares dos outros e se escondendo do mundo atrás de um livro.

Sem poder evitá-lo, chegada à noite pegou um dos cavalos, atravessou o bosque e cavalcou até quase os confins da casa dos McBeth, mas assim que desceu do cavalo observou uma figura feminina que saía da casa e se encaminhava aos milharais. Imediatamente soube que era Julianna. Deu-lhe uma enorme satisfação ver que, ao menos, naquilo não tinha mudado. Parecia seguir procurando a solidão, a liberdade e a aventura apesar dos anos transcorridos. Atou o cavalo em uma das árvores para não fazer ruído e a seguiu, procurando não ser descoberto. Ia envolta em uma espécie de casaco de lã de mangas longas que deixava ver a barra da camisola. Deu-lhe vontade de rir, inclusive agora entrava nos campos só com uma bata e uma camisola. Ao cabo de um momento, parou, tirou o casaco e o estendeu no chão em meio da ladeira norte do milharal. Fez um pequeno giro para assegurar-se de que não havia ninguém ao redor antes de deitar-se sobre o casaco perfeitamente estendido sobre o terreno. Por um momento Cliff ficou sem respiração. “Certamente, é toda uma mulher, duas finas capas de tecido deixavam bem visível a figura de uma mulher sensual, com as curvas bem definidas e com as pernas bem torneadas, igual a seus quadris, seus peitos e

uns bonitos ombros sobre os quais caía uma juba ondulada que brilhava com os reflexos da lua como se fossem as espigas do milharal. Tinha um rosto com traços bem definidos, mas também mantendo certa candura infantil que lhe dava um aspecto sensual e doce ao mesmo tempo, e uns lábios que certamente quando sorriam seriam deliciosos. Mesmo não vendo bem a cor de seus olhos recordava com clareza o marrom muito claro quase mel, que fez com que lhe corresse uma corrente de desejo por todo o corpo. “Vá. Quando ocorreu isto? É minha pequena Julianna, disso não há dúvida, mas também é uma mulher bonita, sensual e desejável”.

Tinha que aproximar-se dela, estava decidido, Julianna McBeth não era mulher para qualquer um. Devia conhecê-la um pouco melhor. Pela manhã, durante o café da manhã tentou abordar o tema com seu pai sem resultar muito óbvio e, certamente, sem lhe dizer que a tinha visto essa noite e que ardia de desejo por sua pequena salvadora.

Cliff disse, com o tom mais despreocupado de que foi capaz: — Pai?

— Diga, filho — respondeu o conde, deixando de lado o jornal que estava lendo.

— Estive pensando no que falamos ontem da senhorita McBeth.

Olhava a xícara de café tentando que aquilo resultasse o mais espontâneo e natural do mundo. De uma maneira inútil, pensava seu pai enquanto lia claramente as intenções de seu filho por seus gestos e sua forma de conduzir-se.

— E chegaste a alguma conclusão? — perguntou arqueando uma das sobrancelhas, o que revelava que sabia o que queria antes mesmo que começasse a conversa.

Mesmo assim, continuou como se não tivesse notado nada.

— Pois verá. Disse que a senhorita McBeth estava procurando uma casa, um novo lar, e bom, como estou seguro de que não aceitará ajuda sem mais, ambos sabemos que é filha de seu pai e não aceitará nada que não ganhou com seu esforço... Lembrei-me da casa do lago. Acredito que seria perfeita para ela. Poderíamos, através de uns dos gestores de terras, oferecê-la para seu aluguel e assim saberíamos que está segura, posto que temos guardas no bosque aos quais poderemos lhe dizer que arrendamos a casa e que queremos que eles ofereçam ajuda e, em seu caso, amparo ao inquilino.

Seu pai o olhou fixamente uns segundos e, com um sorriso que delatava que sabia aonde queria chegar, respondeu-lhe: — Bom. Além disso, estaria muito perto daqui verdade?

Estava claro, seu pai continuava sendo um falcão, pensava Cliff evitando olhá-lo diretamente nos olhos.

— A verdade — continuou o conde — é que não é do todo má ideia, embora, primeiro, terei que assegurar do estado exato no qual se encontra. Acredito que faz ao menos dois anos que não a arrendo a ninguém, desde que morreu o senhor Paddy, o anterior guarda da zona norte.

— Posso me aproximar e comprovar em que estado se encontra e, em caso de que esteja em boas condições, falar com o gestor para que a ofereça, mas sem revelar o nome dos proprietários.

— Está bem. Parece-me uma boa ideia. — Seu pai o olhou fixamente esboçando um sorriso que Cliff conhecia perfeitamente, seu sorriso de advertência para que não fizesse nenhuma temeridade. Continuou dizendo —: Cliff, já viu à senhorita Mabeth? Porque tenho que reconhecer que é toda uma beleza, apesar de que se esforça por ocultá-la aos olhos de todos.

Manteve fixo nele esse olhar intenso que fazia com que se sentisse de novo como um menino pequeno que estivesse planejando alguma travessura.

— Não, não, pai, ainda não tive oportunidade, mas — sabia que tinha que tomar cuidado com as palavras que escolhia — procurarei que, quando a vir e fale com ela, seja em um entorno adequado ou, pelo menos, inocente. — Conhecendo o senso de humor de seu pai, continuou —: Não sei, tinha pensado na igreja, acredito que o próximo sermão vai ser sobre a liberação do povo judeu do Egito.

Seu pai soltou uma sonora gargalhada e, arqueando de novo as sobrancelhas e com tom zombador, disse-lhe: — Ah, e se assumir que a senhorita McBeth é o povo judeu ao qual terá que liberar, você quem é? O faraó ou Moisés?

Ambos riram e continuaram conversando sobre as mudanças no governo e a política comercial com o estrangeiro.

Depois de assegurar o arrendamento da casa por Julianna, dado que virtualmente ordenaram ao senhor Pettifet, o administrador e gestor das propriedades, que não lhe ocorresse deixar escapar a esse inquilino, e depois de falar com os guardas do bosque para que a ajudassem e assistissem se o necessitava, Cliff passou os dias seguintes observando de longe a Julianna, tentando desentranhar o caráter daquela mulher que tanto lhe atraía e que despertava tanto seus instintos de predador como seus mais profundos sentimentos protetores. Comprovou que, no essencial, seguia sendo a mesma. Valente, decidida, generosa. Seguia com um acanhamento que parecia

arraigado no mais profundo de seu ser, embora Cliff pôde ver, com certa satisfação, que parecia ter adquirido mais apurmo e resolução em seu trato social. Reconheceu, imediatamente, que esse detalhe de querer esconder sua beleza do qual lhe tinha falado o conde era certo, nem tanto por seu vestuário, que era singelo, nada chamativo nem exuberante, como pelo modo de evitar ser o centro dos olhares. Procurava não andar pelo centro da rua, a não ser sempre passando de lado como se pensasse que sua presença incomodava. E evitava os olhares, não só dos homens, mas também das mulheres, na maioria das ocasiões. Imediatamente, Cliff sentiu raiva, porque parecia um comportamento adquirido com o transcurso dos anos. Entretanto, em mais de uma ocasião se deu conta do modo como a olhavam alguns homens. Com desejo. Observavam-na com verdadeiro interesse, e sentiu como se lhe dessem um murro no estômago. O que o desarmou foi observá-la caminhar pelo bosque envolta em uma capa vermelha que a fazia encantadora e sensual. Com sua juba ondulando com o vento, recolhendo bagos e frutos silvestres, provando-os, sorrindo e emitindo um pequeno gemido de satisfação ao metê-los na boca. “Se fosse um lobo te devoraria de um só bocado”, pensou em mais de uma ocasião, repreendendo-se logo em seguida por sentir-se como um predador perigoso e por considerá-la uma presa a sua mercê.

Foi então quando decidiu que era hora de aproximar-se dela. Tinha que procurar a forma e parecia que o destino jogava a seu favor.

Seu irmão lhe propôs ir procurar novos arranjos para pescar. Acompanhava-os o irmão de um bom amigo de Ethan, lorde Liam Bedford, um tipo aparentemente sério, mas com grande senso de humor. Era um excelente cavaleiro, embora reconhecia nele artes e gestos próprios de um folgado e um aproveitador, sem mencionar alguns comentários inapropriados que tinha feito sobre alguns conhecidos e, especialmente, sobre algumas damas.

Ao chegar à porta de saída da mansão lançaram-se em uma disputa. Ao galope! Começaram a correr até o povoado, cruzaram com uma chaise que quase a jogam do caminho e chegaram à loja do senhor Valens. Depois das saudações de rigor, ficaram a ver arranjos e canos novos quando, da janela da cristaleira, Cliff viu Julianna entrar na loja em frente seguida por sua jovem donzela. “Aí está minha oportunidade”, pensou.

Esperou pacientemente, apoiado sobre a parede ao lado da porta da loja, e a observou enquanto colocava as compras na chaise. Surpreendeu-lhe quão

bonita era, de perto estava ainda mais bela do que recordava dos passeios pelo bosque, tinha uma pele suave, perfeita e irradiava uma espécie de luz como nunca tinha visto. Em um segundo se sentiu como a traça que acode irremediavelmente ao mais brilhante feixe de luz. Julianna brilhava como a mais exuberante e luminosa das luzes. Quando ia subir, aproveitou e a ajudou desde trás, agarrando-a pelo cotovelo e lhe dando mais impulso. O mero contato de sua pele fez com que ficasse tenso, mas lhe resultou extremamente agradável e sensual. Julianna se surpreendeu e virou um pouco a cabeça para ver quem a tinha ajudado. Cliff notou como se ruborizava ao lhe ver e como se dilatavam seus preciosos olhos castanhos que, à luz do dia, tinham uma deliciosa cor mel dourado. Sorriu, seguro de que tinha gostado, e a olhou fixamente esperando uma resposta, a mesma que tinha visto em muitas mulheres quando se mostrava interessado nelas, mas Julianna se mostrou receosa e um pouco tímida, lhe dando simplesmente um obrigado. Apresentou-se, esperando que ela fizesse o mesmo ou, inclusive, que lhe deixasse entrever que o recordava, embora no momento do incidente não tivessem sido apresentados formalmente. Entretanto, ela o evitou e procurou partir o antes possível. Cliff notou seu nervosismo e não pôde evitar sorrir mais ainda. Observou-a enquanto se afastava, sentindo prazer e, sobretudo, aliviado. Era a mesma menina de antes, mas quanto tinha mudado? Tinha crescido, mas reconheceria nela os mesmos traços e o mesmo caráter tímido, decidido, de quando era uma pequena tenaz. Surpreendeu-se do muito que isso lhe agradou. “Ai, Julianna... Tão distinta e, entretanto, tão idêntica à menina de antigamente”, pensava observando-a, já na distância, tomar o caminho do Saint Joseph.

— Cliff! Onde estava, moço? Estávamos-lhe procurando.

Ethan acabava de sair do armazém com um novo cano e novos arranjos de pesca.

— Só queria recordar um pouco o povoado, suas ruas — lhe respondeu sem mal olhá-lo.

Aproximando-se de seu ouvido, Ethan lhe sussurrou: — Era a senhorita McBeth a que vi afastar-se na chaise?

Sorriu maliciosamente como quando era menino lhe pegava em uma mentira. Cliff sorriu e lhe deu um golpe nas costas.

— Retornemos antes que papai comece a perguntar-se em que confusões nos colocamos.

Ambos riram recordando os tempos em que não deixavam de meter-se em

confusões e procurar novas aventuras.

Essa noite, Cliff estava sentado no terraço da mansão, conversando animadamente com seu pai e seu irmão das mudanças produzidas em sua ausência no condado enquanto as senhoras permaneciam dentro comendo alguns doces junto a lorde Liam, comentando as notícias da sociedade que tinham escrito em suas cartas as amigas de lady Adele, prometida de Ethan. Do terraço pôde ver como, no mais profundo do bosque, parecia brilhar tenuemente uma pequena luz que se movia em direção à parte dos arvoredos da zona norte. Cliff sorriu, porque teve a certeza de que essa luz era de Julianna, que seguia procurando aventuras na noite.

— Cliff? Você o que opina? — perguntou-lhe seu pai.

— Desculpem, o que?

Tinha deixado de ouvir os comentários assim que começou a imaginar Julianna percorrendo o bosque de camisola.

— Está distraído, ocorre algo, filho? Perguntava-te pelos problemas dos mineiros do norte... — insistiu seu pai.

— Me perdoem, estava recordando que tinha que enviar um aviso a um de meus contramestres lhe dando algumas instruções. Se me desculparem, vou retirar—me para redigir a nota e enviá-la a primeira hora da manhã.

Cliff se levantou e inclinou a cabeça antes de partir, não sem antes comprovar que seu irmão lhe lançava um significativo olhar e, em silêncio, advertia-lhe que não fizesse nenhuma tolice. Por mais que se passassem os anos, havia coisas que entre eles nunca mudariam, conheciam-se um ao outro quase melhor que a si mesmos.

Ao sair ao vestíbulo, tomou o caminho da saída das cavalariaças para que ninguém lhe visse, igual à quando seu irmão e ele escapavam de noite, e se dirigiu com passo firme em direção à luz. Quase choca com Julianna, e teve que conter a respiração em um par de ocasiões para que não o escutasse. Observou-a quando se deteve no centro de uma pequena clareira do bosque, deixou o abajur no chão, estendeu a capa igual à noite do prado e se deitou em cima. Estava realmente formosa, parecia uma ninfa com essa bata de linho branco atada a sua cintura marcando levemente sua figura, sentou-se de repente, como se o tivesse escutado.

Ficou muito quieto e de novo conteve a respiração. Ela olhava a ambos os lados como esperando a aparição repentina de algum animal noturno, e a escutou falar: — Medrosa, quem vai vir a estas horas ao bosque, além de uma louca com capa vermelha?

Em poucos segundos voltou a deitar-se. A Cliff pareceu o mais encantador e inocente que tinha escutado em sua vida, e teve que fazer um verdadeiro esforço para conter uma risada. Sua voz era distinta, embora soasse com a mesma doçura que a noite que o tinha salvado.

— Ah, papai, isto te teria encantado. O céu, o ar, a paz, embora não acredito que você gostasse que seu Chapeuzinho Vermelho andasse sozinha pelo bosque a mercê dos lobos — disse, e rio com uma sinceridade que comoveu a Cliff.

“Seu Chapeuzinho Vermelho”, de novo teve que conter uma risada. “Sim, sim, seu Chapeuzinho Vermelho, mas quem seria o lobo?, eu, possivelmente?”. Ficou ali quieto observando-a, sentia-se como um saqueador em busca de uma presa, mas não podia deixar de olhá-la. Resultava-lhe hipnótica sua beleza, sua doçura, sua inocência e ingenuidade. Sua pele era suave e desprendia calor sob a luz daquele pequeno abajur. Lhe dava vontade de aproximar-se e acariciá-la, imaginou roçando-a, acariciando seu cabelo, cobrindo de beijos seu rosto, seu pescoço, seus lábios e sentindo cada centímetro de seu corpo colado ao dele, abraçando-a sem limites. Sentia desejo, notava como um calor despertava sua virilidade, queria tocá-la, possuí-la...

Julianna voltou ficar em pé depois de um momento, colocou a capa e caminhou em direção a sua casa. Não podia deixá-la ir, precisava saber que chegava sã e salva pelo que, de novo, seguiu-a a distância. Já na porta de sua casa, voltou a virar-se e olhou o bosque na direção em que estava. “Terá me visto?”, perguntou-se alarmado “Não, não. É impossível”. Quando entrou, respirou aliviado. Sentia-se estranhamente nervoso, ansioso e, sobretudo, recordava o muito que Julianna o excitava, era uma mulher extremamente sensual e o fato de que ela o ignorasse fazia com que a desejasse com mais força.

No dia seguinte, seu irmão queria retornar à loja para trocar alguns arranjos com os quais não estava muito contente. Cliff aproveitou a oportunidade com o desejo oculto de voltar a encontrar-se com Julianna. Surpreendeu-se da rapidez com que tinha conseguido depender de sua presença, quase era uma necessidade vê-la ao menos uma vez ao dia. Já no povoado, sentiu-se um pouco desesperançado ao não ver por nenhum lado a chaise. Olhava em todas as direções com a esperança de vê-la em alguma loja ou à porta de alguma casa. “Bom, se não vir hoje me aproximarei até sua casa”. Assim que cruzou esta ideia por sua cabeça, seu coração deu um

tombo, “O que está fazendo? Comporta-te como um juvenzinho apaixonado. Nunca necessitaste procurar a companhia de mulheres, normalmente tem que fazer esforços para se livrar delas”. Seu humor parecia piorar, estava, de repente, zangado e irritado. Ao sair da loja viu a chaise na esquina do final da rua e a ela, uns segundos depois, através da cristaleira do lojista. “por que teria deixado o carro tão longe?”, perguntou-se. Ao sair do povoado deu a seu irmão e a Liam uma pobre desculpa para não retornar com eles e tomou a direção do bosque por onde ela teria que passar. Atou o cavalo no poste de direção da entrada da zona norte e esperou uns minutos, mas se afastou um pouco do caminho para observar, na distância, os trabalhadores dos campos de milho. Logo seria a colheita e estavam preparando os campos para isso. Estava tão acostumado a ver ao seu redor apenas ilhas exóticas e o mar sem fim que se surpreendeu do agradável que lhe resultava retornar para casa, às terras irlandesas. Ao virar-se viu como a chaise se afastava, entrando já no caminho do bosque. Correu e montou no cavalo, açulando-o para que alcançasse a carruagem suavemente.

Colocou-se a sua altura e disse com segurança, olhando-a diretamente nos olhos: — Bom dia.

— Bom dia — lhe respondeu.

“Encantadora, parece uma flor silvestre com essa capa e o vento lhe movendo o cabelo, mas segue esquiiva”, pensou por sua educada, mas sucinta resposta.

— Espero não a haver assustado, senhorita?

“Esta vez quero que me diga seu nome, não me escapará como a última vez”, pensou, sorrindo com essa segurança e malícia dos Worken.

Julianna o olhou de soslaio e respondeu: — Senhorita McBeth. E não, não me assustou, mas sim surpreendeu.

Seus olhos brilhavam ainda mais que no dia anterior e poderia jurar que sim que a tinha assustado um pouco pelo rubor de suas bochechas e pela tensão de seus ombros.

— Recorda-me? Sou o comandante Cliff de Worken, vimo-nos ontem no povoado. Estou retornando a casa de meu pai, o conde de Worken, e me pareceu uma boa ideia tomar este caminho já que este bosque me recorda minha infância e as travessuras que meu irmão e eu estávamos acostumados a fazer quando éramos crianças. Tenho que reconhecer que fomos uns pivetes que não deixávamos passar nenhuma oportunidade de fazer alguma travessura e que, inclusive, em alguma ocasião, metemo-nos em verdadeiros

apuros com nossas travessuras.

Estava-a pondo a prova, como se desejasse que Julianna lhe revelasse que o conhecia e que, além disso, tinha-o feito dez anos antes nesse mesmo bosque. Começava a dar-se conta do muito que gostava de falar com ela, tentar conhecê-la, tentar lhe surrupiar cada frase como se fosse o jogo das cordas no qual cada um atira em um sentido. Julianna permaneceu em silêncio, mas cada vez estava mais tensa e ruborizada, o que ainda intrigou mais a Cliff, que cada vez se dava mais conta do pouco que tinha mudado esse caráter que tanto tinha admirado quando Julianna era uma menina.

— Pelo visto, você e eu vamos na mesma direção. Dirige-se a casa do conde, senhorita? — “Vejamos se pelo menos me diz onde vive... como se precisasse sabê-lo”. De novo se sentiu como um caçador ante sua presa e surgiu certa culpa em sua consciência.

— Não, não... eu não vou tão longe...

Respondia quase em um sussurros e sem afastar a vista do caminho como se temesse encontrar-se com seu olhar.

— Umm... interessante. Vai visitar os esquilos, possivelmente?

Sim, realmente desfrutava de sua companhia.

Julianna respondeu imediatamente e notou certa irritação no tom de sua voz: — Não, hoje não, possivelmente amanhã. Hoje os deixarei tranquilos. No momento retorno para casa.

Não pôde evitar lançar uma gargalhada. “Vá! Engenhosa e lutadora. Isto começa a resultar perigoso”.

— Vá, nesse caso, os pobres se sentirão desiludidos, sua Chapeuzinho Vermelho hoje não quer os ver...

“Umm, acredito que acabo de cutucar a ferida”. Julianna quase parou em seco a chaise.

— Desculpe? Parece-me que burla de mim. — Ela o olhou fixamente com esses incríveis olhos mel, certamente tinha acertado no alvo—. Se o que pretende é burlar de meu traje, tenho que lhe dizer, senhor... comandante! Que me importam muito pouco as críticas sobre meu aspecto, sobretudo se provierem de desconhecidos. Além disso, saiba que esta capa é o presente de um ser muito querido e que me importa muito pouco se me favorece ou não.

“Realmente foi um comentário desafortunado”, repreendeu-se Cliff sem deixar de olhá-la, “estava zangada ou ofendida, ambas as coisas”.

— Suponho que lhe resulta surpreendente que a uma jovem não interessem muito os comentários sobre seu aspecto e que acredita que, agora,

eu deveria passar vários dias rebuscando os vestidos e complementos que mais me favorecessem para que cavalheiros como você, fixassem-se em mim ou para tentar lhes parecer bonita... — Tomou um pouco de ar, como tentando alcançar, frente a ele, um pouco mais de coragem para continuar soando zangada, o que agradou sobremaneira a Cliff. Cada vez lhe resultava mais encantadora e tentadora —. Mas sinto desiludi-lo, não estou acostumada a procurar as adulações dos cavalheiros e menos ainda sua aprovação. Se não se importar, acredito que deveria seguir seu caminho e permitir retornar a minha casa tranquila.

“Querida Julianna, estou seguro de que não procuraste a aprovação ou o interesse de nenhuma pessoa em toda sua vida”. Não pôde evitar rir de novo, cada vez sentia uma maior atração por ela, era distinta sem dúvida alguma. “Não posso deixar passar a oportunidade de adulá-la, acredito que vou ter que utilizar alguma de minhas armas de sedução”.

— Me interpretou mal, senhorita McBeth. Não pretendi burlar de você, de fato você está muito bela com essa capa e, agora, ainda mais com as bochechas rosadas e os olhos brilhando como fogo por seu aborrecimento.

Os olhos de Julianna se arregalaram, seus olhares se cruzaram e Cliff sentiu que o pulso lhe percorria cada centímetro de seu corpo, a pele ardia de desejo.

Ao parar a chaise, Cliff fez o mesmo. Era sua oportunidade, pensava enquanto se inclinava um pouco para ela, pondo seus rostos a escassa distância, sentindo a respiração de Julianna quase como uma carícia em sua pele.

— Senhor... comandante.

“Vá, acredito que desperto nela o mesmo efeito que ela em mim, está nervosa”, pensava sem afastar o olhar.

— Acredito que se o que procura para entreter-se são os jogos de sedução e o flerte com alguma jovem, deveria dirigir suas atenções em outra direção. Não tenho muita experiência neste assunto, pelo que estou segura que se deu conta quase imediatamente, mas, além disso, eu não gosto deste tipo de jogos, não os busco nem os desejo, assim, se não se importar, por favor, você começa a me incomodar.

Inclinando-se ainda mais para ela, respondeu-lhe com um tom suave. Pretendia provocar a mesma sensação que lhe tinha provocado.

— Senhorita... Julianna, não poderia jogar com você nem que me propusesse isso. Acredito que é muito boa para os “jogos de sedução”. De

qualquer maneira, acredite em mim quando lhe digo que você não precisa rebuscar vestidos nem complementos para ganhar o favor nem a atenção dos cavalheiros, inclusive vestida com um saco você estaria muito bela. Esses olhos brilhariam inclusive em uma noite escura. — colocou-se direito de novo em seus arreios sem deixar de olhá-la em nenhum momento, inclinou a cabeça para despedir-se e acrescentou com um sorriso nos lábios —: bom dia, senhorita McBeth, espero que nos vejamos de novo... Conto com isso!

Ao afastar-se, não pôde evitar pensar que teria gostado de desmontar e aproximar-se para tocá-la. Cada vez lhe custava mais não a tomar entre seus braços e beijá-la com força, lhe acariciando a nuca, fazendo com que seus corpos estivessem tão colados para sentir seu calor, seu aroma, os batimentos do seu coração e, sobretudo, cada uma de suas curvas perto de seu corpo.

De retorno a casa de seu pai não pôde perguntar se Julianna o recordaria. Ela era uma menina, e provavelmente tivesse em sua lembrança o ato heroico que tinha realizado e nem tanto ao moço ao qual tinha resgatado. Não lhe cabia dúvida de que ela recordaria essa noite, mas seria capaz de se lembrar dele? Ao fim e ao cabo, nunca foi visitá-la, e a diferença de idade entre ambos e, é obvio, a diferente classe social faziam improvável que ela o tivesse visto em atos sociais, mais ainda quando, ao contrário de todas as jovens do condado, Julianna não estava acostumada ir a festas ou reuniões nem mostrava interesse algum pela vida dos que a rodeavam, e menos dos da nobreza. Entretanto, queria que se lembrasse dele, que, ao menos, tivesse alguma imagem do moço que tinha salvado. Uma imagem dele que a acompanhasse naqueles anos, de igual modo que a Cliff o acompanhou o rosto e a doce voz de sua salvadora. Além disso, sentiu uma tremenda inveja por aqueles a quem Julianna devotou um pouco de carinho, já que, conhecendo-a como já a conhecia, sabia que ela se entregava de maneira incondicional, generosa e aberta quando amava de verdade. Ainda recordava o amor que desprendiam seus olhos ao olhar a seu pai, seu sorriso aberto e sincero estando junto a ele. Desejou, ferventemente, que a Julianna menina, e mais ainda a adulta, guardasse alguma lembrança dele, ao menos como aquele moço ferido e assustado.

Ao cruzar as portas da mansão, Cliff tinha tomado uma decisão. Iria ao bosque e se encontraria com ela, aproximara-se e a convidaria à Festa da Colheita para a qual mal restavam uns dias. Certamente, se encontrasse uma forma de abordá-la no bosque, em um encontro, aparentemente, fortuito e casual, poderia lhe falar de maneira tranquila. Parecia que rodeada de

natureza, sem gente ao redor, se encontrava feliz e relaxada. E mais, cada vez que a tinha visto caminhando pelo bosque estava sorrindo, e inclusive cantarolando. Cliff não pôde conter o riso. O certo era que Julianna não tinha bom ouvido ou, pelo menos, não era muito habilidosa na arte do canto.

— Cliff — o chamou seu irmão da porta de acesso ao salão azul —. Do que está rindo aí sozinho?

Cliff não se deu conta de que tinha entrado no vestíbulo. Estava tão ensimesmado que não se precaveu de que estava quase à altura das escadas que davam à ala dos dormitórios privados da família.

— Olá, Ethan — respondeu enquanto se virava para o ver de frente com aparente despreocupação.

— Conseguiu solucionar esse assunto pelo qual retornou?

Cliff tinha esquecido a desculpa que lhes tinha dado para retornar ao povoado, assim que se limitou a responder: — Sim, sim, tudo arrumado... Bom, e, por sua parte, já decidiste quando vamos estreitar seus novos arranjos? Porque tenho que te advertir que até em alto mar aperfeiçoei minhas habilidades de pesca, e se sou capaz de pescar um atum em águas enfurecidas, acredito que poderei pescar trutas com os olhos enfaixados.

Queria que seu irmão se centrasse em alguma ideia concreta porque, do contrário, daria-se conta do que tramava e certamente tentaria persuadi-lo.

— É uma provocação, então? — perguntou, arqueando as sobrancelhas e sorrindo como sempre quando eles se envolviam em um desafio entre irmãos.

— É-o. Está desafiado, irmão.

Sorriu, ao fim e ao cabo também lhe viria bem limpar a mente e recuperar um pouco dos anos perdidos longe dos seus.

— Bem, bem, nesse caso, o que te parece esta tarde? Poderemos comprovar quão habilidoso te tornaste com o cano e a linha, mas, recorde, irmão, não vamos caçar donzelas, assim que a paciência pesa mais que qualquer outro encanto.

Cliff sorriu e o compreendeu imediatamente. Não tinha conseguido enganar a seu irmão nem por um momento e este parecia desfrutar com o que ele estava planejando. “Será que Ethan espera algo mais de minha relação com Julianna? Ou sabe algo que eu não sei?”. Durante uns escassos segundos Cliff pareceu retornar ao passado quando, eram crianças, Ethan sempre conseguia antecipar-se ao que faria. Sempre parecia conhecer os sentimentos e desejos de Cliff inclusive antes que este conseguisse os ter.

O resto da tarde, ambos os irmãos se envolveram na pesca, retornando

ambos sem pressa alguma, o que provocou a risada de seu pai que passou todo o jantar provocando-os com brincadeiras e recordando algumas das anedotas de suas saídas para pescar quando ainda não levantavam nem meio palmo do chão.

CAPÍTULO 04

Julianna não podia tirar da cabeça esses penetrantes olhos verdes, nem essa voz suave e hipnótica que fazia com que vibrasse cada parte de seu corpo. Sentia-se indefesa ante aquele homem. Sentia que, se se propusesse, poderia obter dela o que quisesse sem o menor esforço. Além disso, parecia conhecê-la bem... “Não. Não seja tola. É bastante simplória. Certamente conhece muitas garotas como você e sabe como conseguir o que quer quase sem pensá-lo”, dizia a si mesma.

Precisava centrar-se, tirar da cabeça Cliff de Worken. Viriam bem os três dias por diante dedicados a preparar os doces que lhe tinham encomendados. Depois de ordenar todos os produtos que tinha comprado, inclusive a fita para cabelo que ia dar de presente a Amelia por seu aniversário, dois dias atrás dedicou a tarde a trabalhar na horta junto à Amelia, e um momento para procurar frutos vermelhos e alguns bagos para seus doces. Inclusive encontrou, durante sua busca de frutos vermelhos, um lugar perfeito para levar Amelia a fazer um pequeno piquenique no meio da tarde para festejar seu aniversário e lhe entregar seus dois presentes, a fita e um velho livro de seus contos de quando era mais jovem, pelo qual Amelia tinha mostrado interesse em mais de uma ocasião. Amelia gostava especialmente de jantar fora no jardim e quase se converteu em um costume para ambas. Estavam acostumadas a acender uma lanterna com uma vela sobre a mesa de madeira que tinham colocado em uma espécie de montículo do qual se via o lago. Liam, usualmente uma vez terminado o jantar, algum dos livros de aventuras que tanto gostava a sua jovem companhia. Julianna tinha se dado conta de como se dava bem com os idiomas, por isso procurava estimulá-la a aprender o francês e o italiano, lhe lendo novelas e livros com passagens escritas nesses idiomas. Além disso, desfrutava sobremaneira com a jardinagem e a horta e, literalmente, devorava livros sobre este tema. Mas essa noite, Julianna estava especialmente cansada assim que se desculpou, lhe deixando, não obstante, livre para que ficasse a ler um momento se o desejava. Assim que descansou a cabeça no travesseiro adormeceu.

Ao despertar com o primeiro raio de sol que entrava através da janela, Julianna sentiu uma estranha felicidade, não sabia explicar de onde provinha,

mas estava segura de ter dormido muito profundamente e, em algum momento, ter sonhado com Cliff de Worken. Não recordava o sonho em si, mas sim as sensações que lhe provocava, a calidez de seu fôlego em sua pele, a sensualidade de sua voz, a profundidade de seu olhar. Sim, tinha sonhado com ele. Começou, então, a notar certa angústia. Não devia deixar-se levar por sonhos de jovens namoradeiras. Não podia permitir que velhas lembranças infantis e a reação que agora provocava esse homem em seu corpo cada vez que se aproximava, fizessem-lhe perder o pouco senso comum que ainda conservava. Precisava afastá-lo de seus pensamentos. Precisava manter-se ocupada.

Levantou-se de um salto e começou com sua rotina diária. Depois das atividades diárias da casa, Julianna começou a preparar alguns dos doces e bolos para a senhora Covenport, já que lhe tinha encomendado toda a confeitaria de sua mesa. A senhora Ryller lhe tinha solicitado bolos e frutas cristalizadas para a sua. O certo é que ela nunca tinha comparecido à Festa da Colheita de Workenhall, mas seu pai lhe contava todos os anos o que acontecia nela. Comentava—lhe detalhes da comida de cada mesa e das flores que punham para decorá-las. Sempre lhe detalhava estas coisas sabendo que, as fofocas sobre os convidados, os vestidos das damas mais elegantes ou os casais que se formavam não lhe interessava absolutamente. Em troca, desfrutava escutando a descrição minuciosa das mesas e das decorações que as senhoras, esposas de arrendatários ou aldeãos, que iam ao evento se esmeravam por fazer em sua mesa. Era costume que as esposas dos arrendatários montassem, ao redor dos jardins, mesas nas quais punham, para o desfrute de todos os convidados, comidas, doces e grinaldas de flores para as damas e laçadas com flores para os jogos da tarde. Estavam acostumados a levar pratos preparados pelos cozinheiros de suas casas, no caso daquelas casas mais enriquecidas, e com os quais pretendiam impressionar ao conde e a seus convidados. Entretanto, a maioria eram pratos preparados pelas próprias esposas dos arrendatários e suas filhas. Embora não havia um concurso nem nada pelo estilo, todas elas competiam, ano após ano, por ser a mesa com maiores elogios e por todos era sabido que a mesa que mais gostava estava acostumado a ser aquelas com os melhores bolos e os melhores doces. Por isso, Julianna tinha se proposto conseguir que as mesas da senhora Ryller e da senhora Covenport fossem, no que a doces se referia, as mais elogiadas. Embora, é obvio, ambas se atribuiriam o mérito do trabalho de Julianna. Detalhe que a ela, no fundo, não lhe importava, bastava-

lhe saber que seus doces tinham sido degustados e apreciados pelos convidados.

Preparou a massa que necessitaria para os bolos de fruta e a guardou convenientemente, preparou as frutas para serem cristalizadas, já que se tratava de um processo que requeria dois dias de trabalho e de repouso e, finalmente, assou uns biscoitos para o bolo de aniversário de Amelia assim como alguns doces.

Antes de tomar o chá, decidiu que sairia para colher mais algumas amoras e, com sorte, encontraria alguns cranberries tardios que eram os que mais gostava para fazer os bolos cheios com nata. “Certamente isso agradaria a todos os que comparecessem ao evento”, dizia-se a si mesmo enquanto colocava a capa e pegava a cesta para trazê-los com cuidado. Antes de sair, disse a Amelia que podia ir ao lago molhar os pés, como lhe tinha pedido antes do almoço, mas lhe rogou que tomasse cuidado, já que não sabia nadar e não queria que se distraísse e acabasse caindo na parte profunda, Amelia assentiu e lhe desejou um agradável passeio.

Assim que iniciou a caminhada, começou a recordar a conversa com o comandante de Worken. Ter estado ocupada lhe tinha permitido não pensar nele mais do que o necessário, embora devia reconhecer que, em alguns momentos, recordava esses olhos verdes e o sorriso provocador e lhe acelerava o coração, ao mesmo tempo que vibrava, de um modo muito vívido, a pele. Sorriu pensando em que era o homem mais bonito que tinha visto em sua vida. Tinha o mesmo rosto de quando era apenas um moço, mas, agora resultava mais atraente, pois seus traços terminaram de se formar adquirindo uma presença mais imponente e certa aura de perigo, parecia-se, sem dúvida, ao conde, seu pai, tal e como Julianna o recordava da noite do acidente em que acreditou que era um rei guerreiro.

Começou a recolher algumas amoras, sem poder evitar comer algumas no processo. Desde menina estava acostumada as recolher com seu pai e ao chegar em casa não restava nenhuma, pois ambos as devoravam no caminho de volta, tentando elucidar qual dos dois tinha recolhido as mais saborosas. É obvio, seu pai sempre lhe deixava ganhar. Sorriu ao recordá-lo. Cada vez lhe resultava mais tranquilizador pensar nele, recordar os momentos em sua companhia. Sempre sentiria sua falta, mas já não se punha a chorar cada vez que pensava nele. Quando recolheu muitos, decidiu ir procurar as Cranberries nesta região. O senhor Cardem lhe tinha comentado que estava acostumado a haver muitos junto as clareiras dos cedros mais altos. Antes de chegar,

encontrou um encantador lugar rodeado de flores silvestres de muitas cores, cheirava a lavanda, a jasmim, a cerejeira, a grama úmida. Pareceu-lhe o lugar perfeito para o piquenique de aniversário de Amelia, assim procurou memorizar o itinerário e poder repeti-lo sem problemas no dia seguinte. Começou de novo a caminhar e, quando ia virar para pegar o atalho que parecia conduzir a esse lugar, topou-se com o rosto de Cliff de Worken. Sorria-lhe de uma forma tentadora, sensual, seguro de si mesmo. Julianna sentiu que todo seu corpo ardia enquanto o coração martelava tão forte no peito, parecia querer sair de repente.

— Boa tarde, senhorita McBeth. Tinha-me parecido vê-la a distância. Parece que, ultimamente, encontro-lhe cada vez que saio para cavalgar — disse enquanto se inclinava cortesmente.

Sua voz era cálida, sensual, tão provocadora que parecia sair desses formosos lábios como se fosse uma canção com a qual chamava Julianna. Era a melodia do flautista de Hamelín e ela uma criança encantada... Julianna sentia como lhe tremia todo o corpo e temia que seus joelhos cedessem pelo nervosismo. Tentava entender as sensações que provocava nela sua proximidade, assim como compreender os sentimentos que se desatavam em seu interior quando a olhava ou lhe sorria, e inclusive quando imaginava essas grandes mãos masculinas sobre seu corpo. A simples recreação em sua cabeça da imagem de suas mãos, das carícias sobre seus braços ou sua cintura fazia subir sua temperatura ao menos dez graus.

Com o canto do olho pôde ver, apostada a uns metros, uma magnífica égua de cor cinza com uma bonita sela com o brasão dos Worken esculpido no lateral. Essa pequena distração foi a que a devolveu à realidade para poder responder.

— Boa tarde, comandante — conseguiu dizer, embora sua voz denotava tanto sua surpresa como seu nervosismo.

Por uns segundos Cliff a olhou com prazer e gostou de comprovar que o corpo de Julianna parecia responder ao seu de uma maneira quase natural, ruborizava-se e parecia acender-se como um farol que guia a frota ao porto sendo, ele mesmo, uma fragata procurando a costa mais próxima e segura. Estava preciosa com seu cabelo recolhido em uma simples trança até os ombros, solto por trás lhe dando certo aspecto infantil. A surpresa fazia brilhar mais seus olhos e Cliff teve um enorme desejo de abraçá-la, de beijar seus carnudos lábios e de acariciar lentamente todo seu ser e desfrutar de seu sabor e de seu aroma, do tato e do calor de sua pele, como nenhum homem

antes.

— Senhorita McBeth, vejo que está recolhendo alguns bagos.

Cliff aproveitou que ela não se moveu para aproximar-se ainda mais. Cheirava a frutas, a bosque e a biscoitos. Não pôde dissimular um meio sorriso ao imaginar-lhe essa manhã, na cozinha, coberta de farinha e assando biscoitos. A Julianna pareceu ainda mais provocador que seu sorriso anterior. “Em que estaria pensando? Olhava-a como se quisesse aproximar-se muito mais? Notava sua pele tão perto, seu calor, esse perfume a especiarias que certamente provinha de azeites trazidos de algum lugar exótico”.

— Sim... vou preparar uns doces.

Suspirou, sentindo-se ligeiramente estúpida, pois apenas lhe saiu um pequeno fio de voz e era evidente que esse homem a intimidava. Não estava assustada, mas sim se sentia indefesa ante ele e se odiou por vacilar tanto, convencida como estava de que ele notava essa reação e saberia como tirar partido.

— Umm... Acreditava que este bosque e tudo o que continha era propriedade do conde. Permite-lhe — arqueou um pouco as sobrancelhas — recolher estes bagos?

Sorriu do mesmo modo que quando desafiava a seu irmão. Esperava que a resposta de Julianna lhe permitisse abordar alguma forma de continuar com ela o resto da tarde e acreditava ter jogado a linha para isso. Na tarde anterior não tinha pescado nada, mas hoje, uma pesca distinta seria muito melhor, pensou adquirindo seus olhos uma maior intensidade, e um especial brilho ante a ideia de poder ter sua protegida ainda mais tempo perto dele.

— Sim... Bom... Não... Quer dizer... perguntei ao senhor Cartem, um dos guardas, se podia pegar algumas e me assegurou que não havia nenhum problema.

Sua voz soou hesitante, mas ele soltou uma grande gargalhada e a olhou como se fossem dois meninos pequenos jogando verdade ou mentira e acabasse de descobrir a seu oponente. Julianna não pôde deixar de sorrir e, quase com certo alívio, assinalou: — Vá... foi muito fácil, verdade? — Sorriu ainda mais e Cliff notou como lhe acendia o corpo e seu desejo por essa sensual e encantadora mulher —. Cair sem remédio... — Suspirou —. Fui muito inocente.

Cliff a via sorrir e ruborizar-se. Parecia tão divertida como ele. Por fim tinha conseguido que relaxasse um pouco ante ele. Sem dúvida levou bem sua brincadeira. Essa era a Julianna menina que recordava quando estava com

seu pai, acordada, risonha, com um fino senso de humor.

— Senhorita McBeth, você é muito sincera. — Sorriu suavemente, olhando-a com certa candura —. Não acredito que seja sua inocência o que a fez cair, mas sim, sua sinceridade, sua ausência de malícia e possivelmente... Bom, seguindo seu exemplo de sinceridade... Ou melhor, tenho certa experiência nisso de conseguir que outros acabem em meu terreno.

Pôs um grande sorriso malicioso e zombador. Sabia que já tinha conseguido levantar esse muro de desconfiança nela e, embora estivesse convencido que ainda queria manter certa distância dele, pensava que já não lhe custaria tanto alcançar um pouco dela, um pouco de sua essência.

Ela voltou a sorrir, o que produziu em Cliff uma sensação melhor que a da maior de suas vitórias.

— Bom, nesse caso, digamos que foi uma vitória e uma rendição — respondeu ela com um brilho nos olhos que Cliff não tinha visto até então.

Estavam flertando? Quase se afastaram ambos ao mesmo tempo, como se tivessem lido, de repente, esse mesmo pensamento ao cruzar seus olhares.

Embora os dois se afastaram, ele não queria deixar de sentir sua proximidade. Procurou que a distância entre eles não fosse muita.

— Então — continuou Cliff, olhando-a —, se eu sou o vencedor, qual é meu prêmio?

Juliana sentiu que o coração lhe acelerava tanto que quase teve que colocar a mão no peito para evitar que lhe saísse. “Seu prêmio? Que prêmio?”. Por uns segundos sentiu pânico e com um sussurro respondeu: — Prêmio? Não sei... O que quereria?

“Ai, por todos os céus! O que acabo de fazer?”, repreendeu-se.

Cliff voltou a rir abertamente e, com um tom o mais inocente que pôde, já que não queria dar um passo em falso, nem que ela voltasse a ficar na defensiva, respondeu: — De novo, acredito que tornou a cair. Vejamos... que tal um desses doces que vai preparar?

“Muito bem, Cliff, isso não pode ser mais inocente e inofensivo. Vá pouco a pouco. Juliana não é como essas damas dos salões que se lançam em seus braços só com um olhar. Tem que tomar cuidado com ela..., Mas é tão desejável... Não acredito ter desejado tanto beijar a uma mulher em toda minha vida”, pensava enquanto assinalava a cesta, tentando parecer o mais despreocupado e natural do mundo.

Juliana lhe sorriu como sinal de aprovação. Suspirou aliviada, mas também, um pouco desiludida. “Esperava que te beijassem, tola?”. Começava a

notar a luta interna que se produzia em seu interior e quão difícil era manter-se serena ante ele. “Mas o que te ocorre? Nunca foste namorada nem te embeveceste com ninguém”, repreendia-se, de novo. Começava a converter-se em um costume zangar-se consigo mesma cada vez que estava com ele.

— Suponho que é um prêmio de acordo com a vitória e um castigo não muito desproporcionado pela rendição. Ao fim e ao cabo, os bagos pertencem a sua senhoria, assim, sendo justos, correspondem-lhe uma parte dos bolos que faça com eles.

Cliff viu o caminho aberto para conseguir o que levava dias querendo obter, mas não encontrava o modo de fazê-lo sem encontrar-se de cara com sua negativa. Agora voltou a lançar a linha. Era sua oportunidade.

— Bem, bem. Pois se for de justiça... O que lhe pareceria se lhe peço que me entregue meu prêmio na Festa da Colheita? É a festa onde todos esperamos degustar os melhores doces do condado, não é certo?

Antes que tivesse terminado Julianna se apressou a intervir: — Eu... eu não estou convidada e...

— Acabo de convidá-la, senhorita McBeth.

Ele se apressou a interrompê-la antes que ela conseguisse escapulir-se entre as mãos.

Julianna sentiu, de repente, pavor, estava-se vendo indo à festa. “Não, não”, dizia-se, “não saberia o que fazer ali”.

— Não, não, por favor... — Sua voz estava um pouco trêmula —. Eu não gostaria de lhe ofender. É muito amável me convidando, mas... — “Julianna, pensa, pensa!” —. Comandante, não ficaria bem que levasse doces à festa. Tenho que lhe confessar algo... Há duas esposas de arrendatários, convidadas, que compraram alguns de meus bolos e doces para suas mesas e... bom... Não ficaria bem que eu também levasse doces por minha parte, não acha?

De repente se deu conta de que, além disso, de que não havia dito que não queria ir, sua confissão lhe poderia conduzir graves problemas. Tinha traído a confidencialidade implícita que, ao aceitar as encomendas, devia respeitar. Rapidamente o olhou fixamente.

— Mas, mas... Por favor... Vá! Cometi uma indiscrição imperdoável. Não pode saber, mesmo que não lhe diga os nomes das damas. Meu comportamento não foi correto.

Julianna lhe olhava suplicante e envergonhada por sua revelação.

— Vejamos — respondeu Cliff. Não revelaria seu segredo, é obvio, mas

tampouco perderia a ocasião de vê-la na Festa da Colheita. Certamente que estaria preciosa com um vestido de tarde e flores no cabelo. Sem perder tempo continuou —: Lhe proponho uma coisa — disse com esse olhar de satisfação ao saber-se vencedor—. Eu guardo o seu segredo e, além disso, a libero do castigo, mas, em troca, tem que aceitar meu convite e ir à festa como minha convidada. Embora, deverá me assinalar, é obvio discretamente, que mesas têm seus bolos para assim me dar a oportunidade de prová-los.

“Julianna, tornaste a cair, está claro que é mais preparado que você”.

— Comandante... Eu... Eu... Não me sinto cômoda nesse tipo de eventos sociais, tão multitudinários e... Além disso, não acredito que uma jovem solteira deva comparecer sozinha a esses lugares.

Seguia tentando escapar. “Lutadora até o final, não se rende facilmente, isso eu gosto, desafiante e tímida ao mesmo tempo”.

— Bom, poderia ir com algum parente ou com alguma dama de companhia.

Sentiu-se envergonhado por uns instantes. “Espero que não a esteja pressionando tanto que se veja obrigada a ir com um de seus odiosos irmãos. Não, não... Poderia aceitar ir com sua jovem donzela e procuraria que não se perdesse entre tantas pessoas e olhares curiosos. Assegurarei-me de protegê-la”.

Julianna esperou uns segundos e não soube o que responder. Sentia verdadeiro temor de resultar muito torpe ou desconjurada naqueles enormes jardins, rodeada de tantos desconhecidos. Não queria dizer que sim, por que de repente lhe preocupava mais que ele pensasse que era torpe ou insossa em comparação com o resto das jovens que iriam à festa, que o desconforto e receio tão arraigados em sua personalidade e que, antes, determinavam sua negativa a ir a esse tipo de reunião?

— Ofenderia—lhe que meditasse um pouco a conveniência de sua oferta? — disse com voz suave, olhando quase de soslaio a Cliff, como se se envergonhasse de não ser capaz de responder ou de procurar uma desculpa realmente aceitável que lhe permitisse sair graciosa daquilo.

Cliff sorriu. Sabia que o tinha conseguido, porque poderia vencer as dúvidas ou obstáculos que lhe pusesse agora. Ao final, não tinha declinado o convite e isso, para ele, já era uma vitória. Tinha estado em numerosas negociações com duros e peritos comerciantes. Tinha combatido com os mais ferozes e curtidos adversários e tinha a certeza de que esse ponto de partida bastava para saber-se vencedor.

— Não, é obvio. Tome o tempo que desejar, mas suspeito que a jovem que a acompanhava o outro dia adoraria poder visitar os jardins da mansão e desfrutar dos jogos.

Cliff sabia, tinha ganhado a partida desta vez. Julianna o olhou com os olhos totalmente abertos. Acabava de lhe dar outro motivo do qual resultaria complicado desculpar-se. Realmente devia ser o temível adversário, o grande marinheiro do qual todos falavam no povoado. Estava claro que era tenaz, inteligente... Suspirou em seu interior, sabedora de que se achava desarmada e carente da habilidade necessária para vencer alguém como ele.

Cliff a observou uns segundos. Nesse momento, na mente de Julianna, estava se travando uma dura batalha. Via a indecisão em seus olhos. Conhecía esse olhar. Tinha-o visto em muitos dos cavalheiros com os quais estava acostumado a jogar cartas, pesando as jogadas, analisando as opções.

— Retornava já a casa ou ia procurar mais bagos?

Queria permanecer com ela todo o possível essa tarde e devia encontrar o caminho de obtê-lo. Ela o olhou de novo com indecisão, como se temesse que sua resposta lhe permitisse conseguir ainda mais dela.

— Bom, o certo é que me dirigia a uma região que o senhor Cartem me recomendou para colher cranberry. — “Julianna!, tão incapaz é de evitar ser tão sincera ante ele ou, pelo menos, mais discreta ou esquivada?”, repreendeu-se de novo.

Ele voltou a aproximar-se a obrigando a levantar um pouco a cabeça para poder lhe ver diretamente o rosto. Fez um leve movimento inclinando-se suavemente e, surpreendendo-a, roçando ligeiramente sua mão, agarrou a cesta onde levava as amoras. Baixou lentamente sua cara pondo seus lábios à altura do ouvido de Julianna, de modo que sua respiração resultou como uma suave e cálida carícia em seu pescoço. Sussurrou: — Nesse caso... Me permitiria acompanhá-la? Salvo que queira estar a sós com seus amigos os esquilos.

O desejo que sentiu imediatamente com a proximidade desse musculoso e varonil corpo, de seu aroma, a sensualidade de sua voz, provocava em Julianna uma sensação tão intensa que sentia desaparecer tudo o que a rodeava, e, não pôde evitar soltar uma suave gargalhada ante essa última ocorrência. A forma divertida e desafiante com que lhe falava começava a lhe resultar familiar e isso fez com que Julianna sentisse um tombo no coração.

— Bom, se achar conveniente e se cruzarmos com alguma, farei as oportunas apresentações. — Julianna voltou a ruborizar-se, estava

paquerando com ele! Nunca tinha paquerado e agora o fazia tão abertamente que resultava quase incrível! “Como o faz? Como consegue que meu corpo arda de desejo e que minha mente e meu coração desejem cada vez mais sua companhia?”. Começava a temer estar apaixonando-se.

Essa risada sincera, aberta, adorável provocou um desejo novo em Cliff, umas sensações desconhecidas, queria mais, queria mais daquele som, dessa incrível sensação de proximidade e desejo com uma mulher, com essa mulher. O que provocava nele era indescritível e entristecedor.

Cliff fez um pequeno gesto para que o guiasse e começaram a caminhar. Ela notava a proximidade de seu corpo. Notava como ele caminhava com uma proximidade que, em outras circunstâncias, consideraria um sinal de que tinham uma relação imprópria e que, certamente, não permitiria se alguém pudesse vê-los. Dissimuladamente, observou-o. Era realmente bonito, alto, forte e viril, com o porte de todo um cavalheiro, mas com a atitude de um aventureiro. Não pôde a não ser sentir certo ciúme imaginando as muitas damas que teria tido entre seus braços, em sua cama. Estava segura de que não lhe teriam faltado as mulheres mais belas e sedutoras. Algumas seriam cortesãs e outras grandes damas. Todas elas, com segurança, elegantes, belas e distinguidas a sua maneira. Sentiu-se um pouco insignificante e mortificada pelo pouco que alguém como ela poderia oferecer a um homem como aquele. “por que te põe a pensar isso agora? Trata-se de um homem tão afastado de ti como a lua. São tão diferentes em todos os aspectos... Fortuna, posição, fila... Não te mortifique nem comece a sonhar acordada e menos com impossíveis”, meditava Julianna enquanto caminhavam.

O silêncio entre eles começava a lhe parecer uma tortura, sobretudo quando olhou para Julianna, que parecia ensimesmada em seus próprios pensamentos, e tinha mudado algo em seu semblante. Agora parecia preocupada. Cliff queria escutar de novo sua voz, ver seu sorriso. Precisava escutar de novo essa suave e melodiosa risada...

— Me diga, Julianna, desde quando vende bolos?

Assim que se escutou formulando essa pergunta, temeu que a atribuição da qual seu pai lhe tinha falado não fosse bastante alta para lhe permitir viver dignamente, e que se visse obrigada a trabalhar para manter-se. Porque não o permitiria, não deixaria que passasse necessidades. Julianna não duvidou em responder com sinceridade.

— Desde menina, a cozinha foi para mim um refúgio. Relaxava-me cozinhar. A cozinha era um dos lugares nos quais me sentia segura, ali sou eu

mesma. Não tinha que pedir perdão por dedicar tempo a uma coisa em que não parecia tão torpe ou pouco necessária.

Cliff sentiu uma dor no peito. “Pedir perdão? Perdão por ser uma pessoa especial e magnífica? A que néscio ou estúpido tiveste que pedir perdão? diga-me que lhe darei uma lição que jamais esquecerá”. Cliff ainda se surpreendia pela força com que precisava proteger Julianna, precisava saber que estava bem. Não, muito mais. Precisava saber que era feliz. Teria gostado de lhe agarrar as mãos, beijá-la e lhe dizer que era excepcional, mas temeu interrompê-la. Parecia, por fim, relaxada outra vez e, como ele tinha intuído fazia já muito tempo, uma vez que se abria a alguém, entregava-se por completo, com sinceridade, sem rodeios nem dobras. Mostrava-se como era. Não adotava uma pose frente aos outros procurando sua aprovação ou a adulação fácil.

— Desde pequena — continuou Julianna com voz cândida e tranquila —, meu pai fomentou minhas duas paixões, a leitura e a cozinha. Para a primeira, estava acostumado a me trazer quantos livros lhe era possível e, reconheço, quantos mais punha em minhas mãos, mais horas passava lendo. Normalmente, procurava lugares remotos nos quais ler em solidão, mas eu também gostava de me sentar a seu lado, muito perto dele, quando estava em casa. Eu lia enquanto ele fumava seu cachimbo ou olhava o jornal, a correspondência ou também lia um livro. Para a segunda, a cozinha, bom... Suponho que, enquanto outras meninas aprendiam de suas mães a bordar, a conversar para as festas e bailes ou saíam com elas para as compras, para escolher vestidos e tomar chá com amigas ou vizinhas, eu me aproximava da figura feminina mais próxima, nossa ama de chaves e cozinheira, a senhora Finney. Era uma mulher mais velha, que mal sabia ler e escrever e que, até sendo muito calada e reta, sempre me tratou com muito respeito e eu diria, além disso, que com um pouco de carinho apesar de seu caráter tosco e antissocial. Era uma mulher muito trabalhadora e constante que desfrutava com a confeitaria, o que me permitiu aprender muito com ela. Observando-a, imitando-a e, quando cresci um pouco, lendo receitas para ela que logo em seguida provávamos. Suponho que assim aprendi como fazer uns bons biscoitos, como adoçar as frutas ou como fazer que as massas resultem apetitosas com poucos ingredientes.

Escutando-a falar, Cliff sentiu um carinho sem limites por ela. Tinha recebido um amor imenso de seu pai, possivelmente ele foi o único que, de verdade, tinha-lhe mostrado carinho sincero e verdadeiro, mas seria, em

parte, para compensar as muitas carências de sua vida, as coisas das quais se viu privada: uma mãe, uns irmãos que a protegessem e apoiassem, o carinho de uma família e uns amigos. Mas, ao olhá-la, não viu tristeza, amargura ou melancolia em seu rosto, mas sim parecia recordar esses momentos com ternura e sincera nostalgia. Certamente, era generosa e cálida. Com que pouco se conformava. Com que pouco era feliz. Cliff abrigou certa angústia e indignação. Parecia que Julianna pensava que ela não merecia mais, que tinha assumido que não devia esperar nada mais, quando ela merecia ser feliz de verdade, merecia tudo o que o mundo pudesse lhe oferecer.

— Por outro lado — continuou depois de uma pequena pausa —, meu pai me inculcou que o trabalho dignifica e faz com que nos sintamos satisfeitos. Sim, sim, sei — dizia sacudindo levemente a cabeça a ambos os lados —, uma senhorita, uma dama, ao menos as damas de seu posto, não deveriam trabalhar, e menos em troca de um salário, salvo que se vejam obrigadas a isso ou verdadeiramente o necessitem. Bom, eu não pertenço a um posto de modo que... — Encolheu ligeiramente os ombros sem deter-se nem desviar o olhar do caminho —. Em seu testamento, meu pai estabeleceu a meu favor um pequeno dote que enquanto siga solteira irei recebendo como atribuição. Não é que seja uma grande fortuna, mas sim acredito que me permitirá viver dignamente. Bom, não estou acostumada a luxos assim tampouco espero ter grandes gastos... De qualquer modo, não acredito ser uma mulher caprichosa nem esbanjadora ou, ao menos, não o fui até agora. De fato, confesso que sou muito simples. — Julianna ia dizer que era insípida e aborrecida, insossa, insignificante, nada dada aos luxos por carecer do necessário para que eles brilhem nela, mas sentiu pudor no último momento —. O caso é que, embora verdadeiramente não necessite o dinheiro, nunca vem mal contar com um pouco guardado se por acaso no futuro me converto na maior caprichosa do condado. — rio suavemente enquanto inclinava um pouco a cabeça para não tropeçar pelo caminho —. De todos os modos, acredito que a verdadeira razão que me animou a vender os doces é que assim posso passar mais tempo na cozinha, e também encontro uma enorme satisfação em que valorizem meu trabalho, que reconheçam meu trabalho. Não sei se é banalidade, um desejo superficial de adulação ou elogios ou, simplesmente, uma forma de demonstrar a mim mesma que posso alcançar uma pequena porção de independência, que sou algo mais que uma carga para os outros... É uma atitude imprópria? Escandalizo-o?

“Por que lhe pergunta isso? Por que te importa sua opinião e o que pense

de ti?”. Julianna o olhou, tentando adivinhar o que estaria pensando, mas percebeu como ele a olhava insistentemente, o que lhe deu um tremor que percorreu seu corpo da nuca até a ponta dos pés. Parecia estar analisando suas palavras e seus gestos, como se estivesse desentranhando seu caráter através de sua forma de expressar-se e do modo como ela parecia abrir-se a ele de um modo inconsciente, inato. “O que estava acontecendo com ele? Provocava-lhe a mesma necessidade de sinceridade, de ser ela mesma, que seu pai, como era possível? Certamente estava espantado ante sua simplicidade e falta de sofisticação”.

Julianna procurou não parecer muito ansiosa ante sua resposta, esboçou um leve sorriso e estreitou seu olhar centrando-se em seus lábios, no movimento de sua boca ao falar. Foi pior, porque ficou mais nervosa e notava como lhe acelerava o coração, quanto mais perto o tinha, mais despertava nela sensações e sentimentos de mulher. Até agora, não havia nem exposto que ela pudesse resultar uma mulher apaixonada ou que desejasse o contato ou o corpo de um homem e, menos ainda, que fosse capaz de desejar tão profunda e quase lascivamente a alguém, mas Cliff tinha despertado nela um mundo desconhecido.

— Me escandalizar? Justamente o contrário. Acredito compreender do que está falando. Para mim, meus lucros dentro da Marinha e o fato de ter conseguido minha fortuna com meu próprio esforço, sem haver me valido do sobrenome e do título de meu pai, é possivelmente o que mais me dá orgulho.

“Até agora, porque acredito que me sinto orgulhoso de ti, minha pequena Julianna. Orgulhoso da mulher em que te converteste”, pensou enquanto voltava a olhá-la com intensidade.

Esse olhar provocava um efeito imediato em Julianna. Lhe desbocava o coração, ardia-lhe a pele e desejava que lhe acariciasse. Desejava notar esse torso firme e duro enquanto ele a estreitava entre seus braços. O olhar de Cliff adquiriu uma intensidade inusitada, suas pupilas ardiam como chamas. Juliana se esticou ao pensar que resultava muito transparente e que ele notava esse pecaminoso desejo nela, esses impulsos até agora desconhecidos e por isso incapazes de ser controlados.

Aos poucos Cliff foi aproximando-se dela, devagar, com movimentos quase envolventes. Era seu corpo que atuava, não sua mente. Ela ia retrocedendo suavemente. Parecia intuir suas intenções, mas não fugia. Cliff notava o rubor de suas bochechas, seu leve tremor, seus lábios ligeiramente abertos pela surpresa, mas, também, pelo desejo, e esse olhar que, sem sabê-

lo, convidava-o a beijá-la. Quando Julianna tinha retrocedido o bastante para que suas costas tocasse o tronco de um dos carvalhos do atalho, Cliff, com suavidade, quase com o sigilo de um gato montês em plena caça, apoiou uma de suas mãos sobre o carvalho enquanto se inclinava sobre ela. Lentamente, acariciou sua bochecha e com um dedo levantou seu queixo, obrigando-a suave, lenta e deliciosamente a olhá-lo, permitindo ter tão perto de sua boca seus lábios que cada uma de suas entrecortadas respirações parecia a reclamação de um beijo.

Precisava beijá-la. Precisava senti-la tão perto dele que se convertessem em um. Começou a beijá-la delicadamente, abrindo caminho nela, procurando sua rendição. Beijá-la era quão único importava, sentir uma parte dela... A sensação foi tão intensa, tão desesperada, que se deixou levar sem remédio... O beijo foi adquirindo uma força e uma intensidade inusitada, desconhecida inclusive para ele, que compreendeu, nesse momento, não havia amanhã nem nada mais importante que esse instante, esse beijo, esse doce roce de seus corpos. O contato de seus úmidos lábios, seus peitos, suas coxas, a suavidade de sua pele em contato com a sua... Começou a acariciar seus quadris. Lentamente foi dirigindo suas mãos para suas costas como se quisesse memorizar sua silhueta, alcançou suas nádegas e as aproximou até notar como seu corpo e sua entreperna se esticavam de puro desejo, de paixão real e vívida. Retirou seus lábios dos dela com suavidade, olhando seu rosto, que brilhava aceso pelo desejo recém-despertado, recém-descoberto. Seus olhos começaram a abrir-se, cintilando como nunca antes, o que fez com que o corpo de Cliff ardesse ainda mais. Começou então a acariciar com seus lábios e com sua língua seu pescoço, seus ombros, o oco entre suas clavículas. Escutou um leve suspiro e um gemido de satisfação sair dos inconscientes e sinceros lábios de Julianna. Era como abrir as águas do Mar Vermelho. Era dela. Julianna tinha se entregue completamente a esse beijo, com a mesma paixão e intensidade que ele, como se estivessem destinados e chamados pela deusa Fortuna a esse momento.

Ao sentir os lábios dele sobre os seus, acariciando-os com desejo, abrindo sua boca lentamente, procurando sua língua, cada vez adquirindo mais intensidade, mais força, Julianna acreditou perder o sentido, tudo lhe dava voltas. Parecia estar flutuando. Fechou os olhos e se deixou levar. Sentia suas mãos lhe acariciando, seu torso duro e musculoso aprisionando-a contra a árvore. Era uma sensação maravilhosa, entristecedora e intensa. Esse musculoso corpo contra o seu, abraçando-a com verdadeira paixão... Se

achava entre esses fortes braços, e essas coxas varonis abrindo caminho entre as suas. Aquilo era puro fogo. Separou seus lábios lentamente interrompendo o beijo, e Julianna recuperou o fôlego, mas seu pulso estava tão desbocado que demorou uns segundos para poder abrir os olhos. Ele a olhava com tanto fogo que notava sua pele arder. Seu rosto a escassos centímetros do dela e suas mãos tocando-a com fortes, decididas e peritas carícias lhe fizeram perder a razão. Não sabia onde estava. Somente existia ele, nesse momento. Quando começou a acariciá-la com seus lábios, a acariciar com sua língua seu rosto, baixando lenta e sensualmente pela pele livre de seu pescoço, seus ombros, seu oco na base do pescoço, já não houve volta atrás, suspirou e gemeu de prazer.

Cliff se separou com o corpo tenso. O som de prazer de Julianna foi uma chamada e um aviso para sua prudência e senso de honra. Fez com que, de repente, recuperasse a razão. Tinha que controlar-se. Não podia deixar-se levar assim com ela, pois estaria perdida, indefesa e ele sabia. O olhar de Julianna, que parecia lhe suplicar que não se separasse dela, que se fundisse com ela, acendeu ainda mais seu desejo, mas devia parar ou depois já não haveria força da natureza que lhe impedisse de fazê-la sua ali mesmo, sem importar nada nem ninguém mais. Sua respiração entrecortada, seu peito movendo-se desbocado, o ardor que desprendia seu aceso rosto com essas bochechas vermelhas e desejáveis, seu aroma de mulher sensual e inocente ao mesmo tempo... Cliff teve que fazer uma grande força para afastar-se dela. Acariciou suavemente sua bochecha e, quase em um sussurro, conseguiu dizer: — Querida Julianna. Será melhor que me detenha, porque se continuo, sei que não poderei me refrear. Consegue que perca o controle de mim mesmo... — Se aproximou ainda mais dela e, com seus lábios apoiados em sua orelha, sussurrou —: Por favor, por favor, veem a Festa da Colheita...

Julianna abriu muito os olhos. Essa súplica lhe chegou como um disparo ao coração. Tremeu bruscamente. Cliff se afastou tão surpreso como ela por seu rogo. Tinha-lhe saído do coração, estava seguro disso. O que estava acontecendo? Esperou uns segundos sem deixar de olhá-la e, fazendo uma leve reverência, assinalou: — Será melhor que me despeça agora, porque não sei o que poderia acontecer se não parto imediatamente... Julianna, realmente desejo vê-la na festa... Conto com isso.

Virou-se sem esperar resposta e partiu na direção onde tinha deixado sua montaria, mas, depois de uns passos, voltou a dá a volta para voltar a vê-la uns instantes, como se quisesse memorizá-la.

Julianna não deixava de tremer. Aquilo tinha ocorrido de verdade? Tocou as bochechas com as mãos, pareciam arder como a lava. “Isso é o que se sente quando lhe beijam?”, perguntou-se com certa inocência, mas assim que compreendeu o acontecido, uma luz se acendeu ante seus olhos. Estava apaixonada. Estava apaixonada pelo comandante Cliff de Worken. Queria esse homem, desejava-lhe além de toda razão por absurdo que pudesse lhe resultar. Desejava sua companhia, sua voz, sua picardia, mas, sobretudo, desejava-o, queria senti-lo dentro dela. Esteve apoiada nesse carvalho com os joelhos tremendo, com o coração e a respiração que não conseguiam serenar-se. Quanto tempo levava ali parada? Tinha perdido por completo o senso da realidade, do tempo e do espaço. Aquilo parecia um sonho, mas não o tinha sido porque ainda notava seu aroma, seu calor e seu tato sobre sua pele. Cliff de Worken a tinha beijado e o tinha feito como se fosse a mulher mais desejável do mundo, como se não lhe importasse mais ninguém. Tinha que retornar, tinha que ir para casa, dizia-se enquanto recolhia a cesta que tinha ficado no chão, a seu lado. Começou a caminhar de volta, cada vez mais depressa. Tinha que retornar à segurança de sua casa.

Cliff começou a galopar sobre a ladeira. Precisava sentir o ar fresco sobre sua cara. “O que foi isso?”, perguntava-se com o coração martelando no peito. Nunca havia sentido nada igual ao beijar a uma mulher, nem tinha perdido o controle dessa maneira. O corpo de Julianna era pura paixão. Sabia. Sabia que, depois desse acanhamento, ardia toda mulher sensual e passional. Sentiu uma forte opressão no peito e, ao mesmo tempo, uma enorme satisfação por obter o que nenhum homem antes obteve. Nenhum homem a tinha escutado gemer de prazer e nenhum obteria que seus olhos brilhassem com o mesmo desejo que tinha visto nela. “Não, não, Julianna só brilha comigo, brilha para mim... Pare, Cliff, pare!”, ordenava-se enquanto esporeava a montaria para ir mais depressa, como se o som dos cascos da égua ao galopar pudessem afogar o estranho e frenético ritmo de seu coração. Estava começando a deixar que seus instintos masculinos em relação a Julianna se intrometerem em seu desejo de protegê-la. “Mas não só desejo de seu corpo... O desejo de tudo dela... Basta, Cliff! Basta! Deve te controlar. Julianna não é uma conquista, não pode convertê-la em sua amante!”. De novo esporeou sua égua.

Ao cruzar o vestíbulo da mansão parecia um pouco mais sereno. Cavalgar lhe tinha ajudado, mas começava a sentir-se culpado e ao mesmo tempo ofegante. Uma estranha sombra apareceu em seu olhar.

— Boa tarde, filho.

Seu pai saía nesse momento da biblioteca e o viu aproximar-se com um passo pausado, mas decidido. O conde pareceu frear um pouco seu ritmo quando o olhou à cara, arqueou as sobrancelhas e com um tom um pouco mais rouco lhe perguntou: — Ocorreu algo? Parece preocupado.

Cliff se esticou. Seu pai o conhecia bem e não podia lhe mentir. Respeitava-o muito para isso, mas tampouco podia dizer, sem mais, o que acabava de acontecer, sobre tudo porque nem sequer ele sabia o que acabava de acontecer.

— Não, pai, não ocorre nada. Estava cavalgando e me serviu para meditar sobre algumas coisas.

— Meditar sobre algumas coisas... — repetiu seu pai enquanto o olhava como somente um pai olha a seu filho: para que Cliff soubesse que contava com seu apoio e ajuda se os necessitava, e como se conhecesse seu dilema e compreendesse melhor que ele mesmo o que ocorria. Entretanto, não o pressionou. O conde era muito perspicaz no referente a seus filhos e sabia que Cliff iria a ele quando o necessitasse e, se tinha que tomar alguma decisão, poderia contar com seu conselho sincero e honesto assim que o pedisse. De qualquer modo, Cliff já era um homem feito e devia ser ele quem o buscasse se acreditava conveniente. Já não era um pirralho para que levasse pelo lado correto ou ao qual guiar para que seguisse o caminho mais conveniente. Era todo um homem que devia decidir por si mesmo e, primeiro devia conhecer o que é que queria para poder determinar com segurança como proceder, que caminho tomar.

— Está bem, Cliff. Se quiser falar ou necessitar minha ajuda, sabe onde me encontrar — acrescentou com essa voz firme e suave que Cliff conhecia tão bem.

Enquanto se virava sobre seus saltos e retornava à biblioteca Cliff o olhou fixamente. Compreendeu o que seu pai acabava de fazer. Estava-lhe dando o espaço e a confiança necessária para esclarecer sua mente, mas, além disso, para decidir o melhor por si mesmo. Por um segundo desejou chegar a ser para seus filhos tão bom pai como o tinha sido o seu com ele. “Filhos?”. De novo sentiu um forte golpe no peito. Era a primeira vez em sua vida que pensava na ideia de ter filhos. O que queria dizer aquilo?

Cliff não podia deixar de pensar no ocorrido e no dilema que ia ter que enfrentar. Desejava tanto a Julianna que começava a dar-se conta de que, cedo ou tarde, sucumbiria por não poder controlar-se. Ainda lhe assombrava

havê-lo obtido essa tarde. Recordava o beijo, a resposta apaixonada dela. Seu sabor, seu doce aroma, seu tato. Mas o que estava fazendo? Não podia deixar-se levar, ele era um homem experiente que não podia arrebatá-la a inocência de uma mulher sem mais e menos a de Julianna. Ela merecia mais. Dava-lhe voltas e voltas a essas ideias quando ouviu uma voz chamando-o.

— Querido? — Era a voz de sua mãe que se ouvia um pouco ao longe —. Nos retiramos ao salão azul para tomar uma taça, acompanha-nos ou vais ficar na sala de jantar olhando essa taça de vinho? — Sua mãe o olhava com preocupação.

— Estiveste muito calado durante o jantar, inclusive diria que antissocial... Caiu do cavalo de novo, irmão?

Cliff levantou de repente a cabeça na direção de Ethan, que o olhava, ao passar frente a ele no caminho da saída, entreabrindo um pouco os olhos e com esse sorriso desafiante e petulante que punha quando queria zangar a seu irmão pequeno. Mas Cliff compreendeu que esse trocadilho tinha duplo sentido. Avisava-lhe que sabia o que tinha estado fazendo pela tarde ou que, pelo menos, suspeitava-o.

— Faz muitos anos que não caio do cavalo, Ethan — respondeu, sabendo que seu irmão entenderia também seu duplo sentido e daria por concluída a brincadeira.

Entretanto, Ethan insistiu: — Isso é porque ainda não montaste nenhum que requeira ser realmente domado ou que seja impetuoso e de caráter prepotente e que te faça acreditar que é inquebrável e invencível.

Voltou-lhe a mostrar esse sorriso indolente que demonstrava suas intenções. Cliff entendeu que não ganharia essa batalha sem revelar mais do que queria, por isso procurou deixar correr a conversa e tentar encaminhá-la para outra direção menos comprometida.

— Sim, possivelmente, mas que tal se acompanharmos mamãe e a sua encantadora prometida ao salão e tomamos ali um conhaque?

Cliff não demorou muito em sair ao terraço. Necessitava ar fresco. Precisava limpar sua mente, mas seu irmão o seguiu.

— Cliff, procuraste à senhorita McBeth esta tarde? — perguntou-lhe com gesto sério e voz dura como se realmente não necessitasse resposta nem confissão alguma.

Cliff o olhou como um menino pequeno descoberto em plena travessura, mas não respondeu. Seu irmão suavizou o rosto e lhe passou a mão pelo ombro antes de reclinar-se sobre o corrimão exterior e olhar ao horizonte.

— Tome cuidado, irmão. Recorde que ela não é nenhuma dama experiente, nenhuma consumada sedutora e que tem mais a perder que você. De fato, tem tudo a perder... Deve te conter. — Deixou passar uns segundos e, lhe olhando diretamente nos olhos, esperando com só um gesto saber a resposta, espetou-lhe—. Não aconteceu nada, verdade?

Cliff afastou o olhar dele, como se temesse que lesse mais do necessário em sua cara, e adotando uma postura similar à sua olhou em direção ao bosque.

— Não. Não aconteceu nada... Bom... A beijei — confessou por fim.

Notava o olhar de Ethan fixo nele, mas não se virou para comprovar sua expressão e ele parecia estar lhe dando tempo para que se explicasse. E, como se sentisse a necessidade de responder a uma pergunta não formulada, assinalou: — Não diga nada. Sei. Começo a cruzar uma linha perigosa... E o certo é que não sei nem como ocorreu... Às vezes parece tão inocente como uma menina e, outras, a mais desejável e sensual das mulheres, e tudo enfeitado com uma mente esperta, sincera, nobre. Desprende uma inocente candura e, ao mesmo tempo, um fogo abrasador.

Surpreendeu-se pela aparência que estava tomando aquela revelação. Sua voz soava triste, ofegante, mas também carregada de culpabilidade e responsabilidade pelo ocorrido. Sacudiu suavemente a cabeça e apoiou as mãos no corrimão.

— Cliff... Não sei que conselho te dar salvo que tome cuidado e que recorde que tem que proceder com cautela.

— Convidei-a à Festa da Colheita. Não aceitou, mas...

Nesse momento a condessa apareceu atrás deles e perguntou animadamente: — A quem há convidado, filho?

Cliff e Ethan se viraram para olhá-la quase como impulsionados por uma mola.

— À senhorita McBeth, mãe — respondeu Ethan, tentando lhe dar uma mão.

Sua mãe o olhou diretamente sem deter seu andar para eles.

— Assim, realmente, está decidido a protegê-la e velar por seu futuro? Nesse caso, deveríamos te ajudar. Ao fim e ao cabo, todos estamos em dívida com ela. Devolveu a meu filho, não é assim?

Cliff temeu, por um momento, o que sua mãe tramaria, porque, por muito boas que fossem suas intenções, começou a vislumbrar por seu olhar os planos desta.

— Vejamos... — continuou ela com tom despreocupado —. Esse dia haverá muitos cavalheiros solteiros apeteceíveis que poderiam pretender a uma jovem bela e inocente como a senhorita McBeth... depois de tudo, com os anos se revelou uma beleza não carente de atributos e de encantos, por muito que tente dissimulá-los com seu acanhamento.

Por um momento os olhos de Cliff se dilataram “Julianna nos braços de outro...”. Sentiu uma ansiedade desconhecida.

— Poderíamos lhe assegurar um bom futuro com um bom casamento — a condessa seguiu como se nada estivesse acontecendo—, especialmente se nós a patrocinássemos. Claro, terá melhores pretendentes se a contagem for média, mesmo que discretamente, é claro.

Ethan interveio. Parecia querer socorrer Cliff sem que este ficasse muito em evidência — Recorde, mãe, que seu pai proibiu expressamente o conde de qualquer intervenção nessa linha faz uns anos e insistiu para não se intrometer no futuro de sua filha, que esta era uma questão meramente familiar e, portanto, responsabilidade de seu próprio pai e de ninguém mais.

Cliff olhou a seu irmão, lhe agradecendo em silêncio, e no rosto de Ethan apareceu um leve sorriso lhe dando a entender que o tinha compreendido.

— Sim, é verdade — respondeu com um suave fio de voz —. Mas, enfim... Seu pai... Seu pai, por desgraça, já não está e seus irmãos... Bom, todos sabemos como são seus irmãos. Duvido que eles velem adequadamente pelo interesse da senhorita McBeth, não por cima do seu próprio.

Sem dúvida, sua mãe tinha acertado no alvo. Essa era uma verdade irrefutável que nem Cliff e nem seu irmão poderiam rebater e que, no fundo, sabiam que supunha um perigo real para Julianna, embora ela, certamente, tentaria defender-se deles com todas suas forças. Cliff devia confrontar esta realidade. Isso era algo que não podia ignorar.

CAPÍTULO 05

Ao chegar à porta de sua casa, ofegante, trêmula e um pouco desconcertada, Julianna se sentiu tão cansada e afligida pelos últimos dois dias que teve que inalar ar e encher seus pulmões várias vezes antes de entrar, para recuperar um pouco de compostura, um pouco de serenidade. Se Amelia a visse nesse estado se preocuparia e, certamente, lhe faria perguntas que, nesse momento, Julianna se sabia incapaz de responder.

Tentando parecer o mais natural possível, entrou na cozinha com a cesta em mãos e a depositou sobre a mesa. Olhou pela janela e observou Amelia trabalhando ainda na horta. Inalou de novo um pouco de ar, notando o aroma dos biscoitos que ainda impregnava toda a estadia, e se sentiu reconfortada e, possivelmente, um pouco mais aliviada. Esses aromas lhe recordavam que estava em casa, a salvo. Aquilo lhe deu um pouco da serenidade perdida, o qual agradeceu sobremaneira. Saiu e disse a Amelia que entrasse, que já tinha trabalhado muito na horta, que preparariam juntas o jantar e, depois, se quisesse, leria um pouco do livro que tinham pela metade.

Depois do jantar, Julianna parecia ter tornado a ser ela mesma. Estar ocupada e ter a Amelia perto, por calada que fosse a maior parte do tempo, ajudava-a a não pensar muito no ocorrido. Mesmo assim, notava-se nervosa, excitada, um pouco diferente. Cliff de Worken lhe tinha mostrado com esse beijo, com esse abraço, com essas carícias, um mundo totalmente desconhecido para ela, a paixão que não sabia que existia. Nunca imaginou que seu corpo pudesse acender-se dessa maneira com uma mera carícia, que pudesse sentir tanto e de uma maneira tão intensa. Procurou parecer despreocupada, tranquila, embora estivesse muito longe de está-lo. Algo tinha mudado e o tinha feito para sempre, e o mais estranho era que estava eufórica, quase flutuando.

Antes de abrir o livro, olhou Amelia e perguntou: — Amelia, não foi ao lago? Acreditei que gostaria de descansar um pouco e passear.

Amelia se ruborizou e, quase fechando os olhos, respondeu: — É que... a verdade, entretive-me lendo um pouco... peguei o livro da estante, o das lapelas cinzas e me distraí... O sinto.

Julianna a olhou com gesto de curiosidade.

— O de protocolo?

Ela reconhecia o livro, claro que o reconhecia. Ao ser tão tímida, sempre quis não chamar a atenção, e lhe preocupava em excesso não saber comportar-se adequadamente diante de outros em festas ou reuniões. Ao carecer de uma mãe que fosse guiando, que a aconselhasse e instruí-se, sempre temeu não estar à altura quando isso fosse necessário. Por esse motivo, seu pai lhe deu de presente em um natal um livro enorme que continha as normas e usos que toda dama respeitável devia conhecer para comportar-se em sociedade. O certo era que quase sabia de cor. De fato, estava estragado e descosturado em algumas partes de tanto havê-lo usado.

— Não sabia que lhe interessassem essas coisas.

De novo Amelia se ruborizou e conseguiu dizer timidamente: — Bom, as irmãs do Saint Joseph diziam às garotas que, para encontrar marido, é necessário saber comportar-se com correção e dignidade.

Julianna sentiu uma profunda compaixão por Amelia. Igual a ela, carecia de uma guia para essas tarefas e, além disso, era tão tímida e diminuída nesses temas como ela mesma.

— Ah, compreendo. Bom, se quiser, ambas podemos lê-lo juntas e assim eu também recordarei como devemos nos comportar. Parece-te bem?

Amelia sorriu e assentiu e, de repente, inclinando um pouco a cabeça para olhá-la, disse algo que surpreendeu a Julianna e que a fez soltar uma gargalhada: — Também quer encontrar marido?

Julianna não pregou o olho, passou toda a noite sentindo os olhos de Cliff de Worken sobre ela, recordando, como se estivesse ali mesmo, seu aroma, o calor de seu corpo, esses lábios... E quando se levantou da cama pela manhã, estava tão cansada que lhe custou uns segundos assentar com firmeza os pés no chão. “Bom”, pensava irritada, “é o aniversário de Amelia, isso nos distrairá e, além disso, tenho que preparar ainda muitos doces...”. Se vestiu e desceu correndo à cozinha. Amelia já se levantou e estava preparando o chá.

— Bom dia — a saudou enquanto fazia um gesto com a cabeça.

— Bom dia, Amelia — respondeu aproximando-se dela para tomar o café da manhã juntas na mesa que dava ao jardim —. Pensei que deveríamos passar toda a manhã preparando as encomendas e, com sorte, antes do chá da tarde, teremos acabado.

Amelia a olhou por cima da xícara.

— Muito bem. Mas, possivelmente, deva ir primeiro ao povoado, o senhor Burton se esqueceu de incluir a farinha de milho no pedido de ontem.

— Vá! — disse Julianna franzindo o cenho —. Isso sim que é um problema, porque se for até o povoado não me dará tempo para assar tudo antes da tarde e queria... Bom, deixar a tarde livre para nós.

Não queria lhe dizer que pretendia levá-la para lanche por seu aniversário para lhe fazer uma surpresa.

— Eu poderia ir, se me deixar. Mal posso ajudar na preparação da nata. Ainda não aprendi muito bem essa parte.

Julianna recordou que a última vez lhe cortou a nata e Amelia se sentiu tão envergonhada que quase se pôe a chorar.

— Eu poderia ir buscar a farinha e recolher a correspondência...

— Bom... Não sei. Nunca foste sozinha. Acha que ficará bem?

Não lhe preocupava tanto que fosse sozinha, mas sim pudesse dirigir a chaise.

— Acredito que sim. Sempre era eu que dirigia a carruagem do Saint Joseph quando as irmãs levavam a todas ao campo. Acredito que não será muito diferente.

Julianna sorriu. Amelia era muito tímida, mas tinha demonstrado ser trabalhadora, constante e muito esperta e responsável. Não devia lhe surpreender que as irmãs deixassem que ela levasse a carruagem velha e desmantelada do orfanato quando levavam as crianças, em ocasiões especiais, ao campo ou alguma festa do povoado.

— Está bem, se acha que... Bom, se de verdade quer ir, o certo é que eu adoraria saber se tem alguma correspondência pendente.

Fazia uma semana que tinha escrito a sua tia Blanche e sabia que lhe teria respondido. Estava desejando receber notícias delas, sobre tudo porque, em sua última carta, contava-lhe algum dos muitos planos que tinha preparado para sua visita, para a qual mal restavam duas semanas. Amelia assentiu com um grande sorriso nos lábios, como se com esse gesto Julianna lhe estivesse demonstrando o muito que confiava nela. Tinha esse sorriso de orgulho e satisfação que ela reconhecia, porque era assim como ela se sentia quando seu pai lhe deixava fazer algo novo, algo que parecia lhe demonstrar que confiava em suas habilidades, que confiava em sua filha.

Uns minutos mais tarde bateram na porta. Amelia se levantou e voltou em seguida com um convite com um laço e um selo. Julianna reconheceria esse sobre em qualquer parte. Era o convite à Festa da Colheita. Cliff de Worken não tinha esquecido o convite. Claro que não. “Conto com isso”: em seguida ressonaram na mente de Julianna, como se fossem um eco, suas últimas

palavras e esse olhar penetrante. Sentiu que o coração lhe dava um tombo.

— Um dos lacaios da mansão trouxe este sobre a seu nome. É... — Amelia o olhava com admiração —. É precioso.

Julianna se levantou e, com a maior naturalidade, abriu-o, embora soubesse de antemão o que era. Amelia a olhava com os olhos muito abertos, desejando saber o que era. Observava-a como se Julianna estivesse abrindo o maior tesouro do mundo.

— Vá! É um convite à Festa da Colheita na mansão. — Julianna tentou fazer ver que aquilo era uma surpresa inesperada, enquanto os olhos de Amelia ainda se abriram mais —. Suponho que... Bom, possivelmente, deveríamos ir — assinalou com um tom o mais calmo possível —. Depois de tudo, eu nunca fui e, por sua expressão, acredito que você gostaria de me acompanhar, não é assim?

Julianna olhou uns segundos mais a Amelia, que estava quase petrificada.

— Eu... eu... Eu também irei?

Perguntou-o com tal tom de surpresa e medo que Julianna quase via a si mesmo, faz anos, rogando a seu pai que não lhe fizesse acompanhá-lo a primeira vez que recebeu o convite. Embora em Amelia, pelo contrário, a curiosidade era maior que o acanhamento, e era fácil ver que desejava ir à reunião na mansão do conde de Worken. Julianna voltou a lhe sorrir, recordando o que lhe tinha antecipado Cliff que a sua jovem acompanhante certamente adoraria comparecer, e não pôde evitar soltar uma leve risada.

— Eu sou uma jovem solteira e não posso ir sozinha a esse tipo de evento, e, como é uma festa ao ar livre e de dia, não será inapropriado ir contigo de companhia. Claro que... Se não quiser ou não se sente preparada, não te obrigarei.

De novo, escutava no fundo de sua mente aquelas palavras, quão mesmas seu pai lhe dizia sendo ela uma pequena menina assustadiça, temerosa da gente, das festas e dos bailes, e se sentiu orgulhosa de parecer-se um pouco a ele. Amelia deu um leve passo atrás como se estivesse meditando os prós e os contra e, finalmente, conseguiu dizer com um fio de voz: — Sim, sim, poderia acompanhá-la... E agora tenho um vestido que usar.

Julianna sorriu pela ternura que despertava a inocência de Amelia. Começava a considerá-la como uma irmã pequena.

— Está bem — sentenciou com um tom decidido e quase solene —. Nesse caso, acredito que devemos ir.

Amelia parecia querer saltar de euforia e, ao mesmo tempo, a gritar de

medo... Julianna pensou que ela estava na mesma situação. Sacudiu suavemente a cabeça e, agarrando o avental, disse: — Bem, pois decidido. E, agora, eu tenho que começar a fazer uma nata e você, Amelia, tem que ir comprar farinha, verdade? — Sorriu abertamente enquanto se virava para recolher e limpar a mesa e começar a trabalhar.

Depois de uma hora escutou a chaise e, poucos minutos depois, Amelia apareceu na cozinha com os pacotes de farinha e vários envelopes nas mãos. Julianna lhe ajudou a soltar tudo em cima da mesa, que estava mais limpa, e perguntou: — Como foi? Acreditei que demoraria um pouco mais. Não tiveste nenhum problema, verdade?

Não queria reconhecer que tinha estado preocupada e com o coração em um punho perguntando-se se tinha se equivocado ao deixá-la ir sozinha. Amelia a olhou e lhe respondeu com cara de preocupação.

— Não, não senhorita, não tive nenhum problema. O senhor Burton me pediu que lhe transmitisse suas desculpas por seu descuido e incluiu um pouco mais de farinha em compensação, e me deu de presente isto. — Tirou umas pequenas flores de renda de um pacote —. São para o cabelo, ou isso me há dito...

Julianna sorriu.

— São muito bonitas, Amelia. Se quiser, posso pôr no penteado no dia da festa. Acredito que ficariam muito bem com seu vestido, e te emprestarei uns brincos de pérolas para que vá preciosa esse dia.

Amelia sorriu.

— Obrigada.

Mas imediatamente baixou um pouco o olhar, como se estivesse envergonhada.

— Ocorre algo, Amelia? Não lhe terão incomodado no povoado, verdade?

Se fosse isso, ninguém melhor que ela para consolá-la, pensava Julianna.

— Não, não..., Mas... Acredito que cometi um engano imperdoável e vai se zangar comigo. — Moveu nervosa as mãos à altura de seu colo.

Julianna soltou o que tinha nas mãos e lhe indicou que se sentasse para contar-lhe — Você vê, senhorita, enquanto preparava o pedido, o Sr. Burton me perguntou como estava indo e eu disse que tudo estava bem. Mas ele continuou falando e dizendo que duas meninas jovens deveriam estar muito entediadas vivendo em uma casa tão isolada da cidade, com tão poucas diversões nas proximidades, e escapou, sem querer, que você tinha sido

convidada para o Festival da Colheita na mansão...

Julianna franziu o cenho. Certamente era uma indiscrição e, certamente, meio povoado já saberia que estava convidada e seria o centro das fofocas dessa tarde, mas tampouco era tão ruim, consolava-se, depois de tudo, tinham convidado a sua família durante anos. Tampouco devia tomar como algo que devesse preocupá-la em excesso.

Mas Amelia continuou: — Um cavalheiro que estava na loja, e que disse era seu irmão mais velho, perguntou-me quando tinha chegado o convite e se estava a seu nome ou ao de sua família... Como não sabia o que responder, acabei de dizer que o convite havia sido trazido esta manhã.

Julianna ficou um momento sem fôlego. Isso não era bom sinal. Seu irmão, que pressupunha seria Ewan, interessava-se pelo convite e, sem dúvida, não traria nada bom. Certamente, se lhe pedisse para ir com ela, poderia negar-se, posto que o convite estava a seu nome, não no de sua família, e ela não teria, fervorosamente, que ir por seu braço como acompanhante já que, enquanto não fosse sozinha, não estaria mal visto e já tinha decidido ir com Amelia. Além disso, a companhia de seu irmão não era precisamente a que necessitava para encontrar-se suficientemente segura de si mesmo para ir à mansão do conde. Antes de ir com ele, preferia declinar o convite. Tentando tranquilizar Amelia e com um tom suave comentou: — Está bem, Amelia. Não tem que preocupar-se em excesso. Foi uma pequena indiscrição, isso terá que reconhecê-lo, mas certamente que não voltará a ocorrer. Confio em ti. Não é conveniente falar com estranhos sobre... Bom... Sobre quase nada, porque a gente é muito dada a tirar conclusões precipitadas e às comentar com seus conhecidos sem recato. Mas o fato, feito está. Tampouco foi nada realmente grave. — Sorriu levemente tentando aliviar um pouco sua consciência —. E por meu irmão, bom, teria se informado cedo ou tarde... Não se preocupe.

Amelia a olhou como se se sentisse ainda muito culpada. Tentando mudar de tema, Julianna comentou: — Amelia, se me ajudar, certamente terminamos as tarefas cedo e poderemos fazer um piquenique em um bonito lugar que vi perto de um riacho... Poderíamos celebrar seu aniversário, se você quiser.

Amelia levantou de repente a cabeça e abriu os olhos. Começaram a aparecer algumas lágrimas — Meu aniversário? Sabia que é meu aniversário? Vamos celebrar?

— Pois claro! Lhe fiz esse bolo que está na mesa junto à janela. Espero

que você goste. Tem nata e chocolate.

— Um bolo? — perguntava ainda assombrada —. Nunca tive um bolo de aniversário.

Julianna soltou uma risada.

— Pois este será o primeiro de muitos e, também, há laranjada, uns sanduíches, umas frutas cristalizadas e uns poucos figos com mel. Você gosta do plano?

Amelia começou a chorar e a assentir. Ficou de pé de repente e vestiu o avental enquanto ia dizendo: — Ajudo-a. Sim, sim. Ajudo-a. Por onde começo?

Julianna voltou a rir e começaram a trabalhar. Depois de várias horas trabalhando e sem mal parar para comer, já que Amelia não quis deter-se para que lhes desse tempo para ir ao bosque, por fim tinham terminado quase tudo. O pouco que lhes faltava poderiam terminar no dia seguinte sem pressa.

Prepararam a cesta do piquenique e cada uma foi por seu casaco. Julianna escondeu, no bolso interior, os presentes de Amelia para que não os visse antes do tempo. Saíram juntas, com a jovem Amelia tão emocionada por poder celebrar seu aniversário que não deixava de sorrir de orelha a orelha. Julianna não podia deixar de pensar em Cliff, mas agradeceu enormemente essa distração. Além disso, devia reconhecer que estava ansiosa por dar a Amelia seus presentes, estava desejando lhe ver a cara.

Durante todo o caminho Amelia não deixava de falar do que via, do muito que gostava das flores, do bem que cheirava a grama, quão alto eram os pinheiros. Sem dúvida, estava excepcionalmente brincalhona, estava exultante, feliz. Isso alegrou Julianna tanto como se fosse ela mesma.

Ao chegar a clareira estenderam as mantas, abriram as duas cestas e colocaram tudo primorosamente. Amelia colocou, como decoração, as flores que tinha ido recolhendo pelo caminho e inclusive se colocou uma pequena flor celeste atrás da orelha. Julianna pensou que, assim como resto das crianças do orfanato, a Amelia tinha faltado tudo toda sua vida que o pouco que lhe podia dar Julianna lhe parecia um mundo.

Desfrutaram do lanche e Julianna se surpreendeu escutando as risadas de Amelia enquanto lhe lia o livro sobre protocolo. Resultavam-lhe graciosas algumas das normas de etiqueta e as comentava assombrada. Mas o melhor foi, como Julianna esperava, a cara de assombro e de agradecimento infinito quando lhe entregou seus dois presentes. Chorou enquanto lhe agradecia e Julianna ficou profundamente comovida.

Durante as duas horas que estiveram juntas, Julianna não pensou nenhuma só vez em Cliff nem tampouco no nervosa que lhe punha a ideia de ir à Festa da Colheita. Tinha desfrutado quase tanto como Amelia e inclusive se sentiu relaxada e feliz como fazia muito não se encontrava. Entretanto, essa felicidade se esfumou quando, ao chegar em casa, viu apostado na porta o cavalo de seu irmão, e a ele apoiado no corrimão da entrada, esperando-a. Estava começando a anoitecer, assim Julianna imaginou que levaria um bom tempo ali e isso a pôs nervosa. Ao chegar à porta, saudou seu irmão com um gesto formal de cabeça e indicou a Amelia que entrasse ao mesmo tempo em que lhe entregava a cesta que ela levava.

— Boa tarde, Julianna. Tem bom aspecto, me alegro.

Ewan a olhou de cima abaixo como se inspecionasse uma égua. A fez se sentir incômoda imediatamente — Obrigada. Você também parece estar bem — se limitou a responder.

— Não me convida para entrar?

O tom petulante e inquisitivo que notava em seu irmão e esse ar de superioridade que adotava quando queria obter algo dela a fizeram ficar na defensiva imediatamente.

— Bom, irmão, é um pouco tarde para uma visita social, sobre tudo tão inesperada. Se quiser te convidarei para tomar o chá outro dia e lhe ensino isso adequadamente... — respondeu ela, desejando que partisse.

— O certo é que também queria ter uma conversa contigo e suponho que compreende que não é conveniente tê-la aqui fora, pois está anoitecendo — insistiu ele.

A Julianna não ficou mais remedeio que convidá-lo para entrar e, com certo desagrado, perguntou-lhe se queria um xerez ou uma taça de vinho.

— Sim, obrigado. Uma taça de vinho estaria bem... E pelo aroma, presumo segue cozinhando suas deliciosas sobremesas.

Julianna se limitou a lhe indicar um assento e a lhe servir uma taça de vinho, mas não lhe ofereceu doce algum, até sabendo que era uma descortesia por sua parte. Esperava não ter que estender mais do que o necessário a presença de seu irmão ali.

— Bom, Ewan, diga... Do que temos que conversar? — perguntou sem demora e olhando-o diretamente à cara. Não queria parecer intimidada ante ele e não se deixaria avassalar.

— Em realidade... É certo que recebeste um convite para a Festa da Colheita da mansão do conde?

— Sim — respondeu, sabendo que ele queria ir mais à frente.

— E me diga, convidaram a toda a família?

Julianna queria acabar com esse jogo imediatamente então lhe respondeu: — Ewan, por favor, espera um momento aqui. — Saiu da sala e poucos segundos depois retornou com o sobre nas mãos. Estendeu o braço para mostrar-lhe e lhe disse com tom de indignação— Pode olhá-lo se quiser. Vem em meu nome e o trouxeram para minha casa. É evidente que me convidaram, não a toda a família.

Ewan olhou o convite, mas não fez gesto algum de agarrá-lo. Depois se enrijeceu e a Julianna pareceu ver como seus olhos brilhavam pela inveja e a indignação.

— Já vejo..., Mas não deve ir a um ato social assim sozinha, isso sabe, não é certo? É uma moça e solteira e não é decoroso.

Arqueou as sobrancelhas como esperando que lhe pedisse ajuda, mas empregou, além disso, um tom quase ameaçador, que fez com que um calafrio lhe percorresse as costas.

— Não irei sozinha, é obvio. Amelia irá como minha dama de companhia — respondeu, tentando parecer firme e decidida.

Ele a olhou com um gesto de desaprovação ou, ainda pior, de verdadeira irritação, e com um tom seco e rouco insistiu: — Não acha que deveria ir de braço dado com algum de seus irmãos? Seguem sendo duas jovens solteiras sozinhas indo a um lugar público.

Julianna ficou de pé e com voz firme, como quando tinha falado a seus irmãos a última vez, espetou-lhe: — Não, não acredito. Além disso, já prometi a Amelia que a levaria, e não seremos duas jovens solteiras sozinhas, a não ser uma senhorita solteira e sua dama de companhia, não o esqueça.

Com isso Julianna resolvia a questão, embora, conhecendo seu irmão, estava segura de que tramaria algo. Ewan bebeu um gole de vinho e Julianna notava como a fúria obscurecia seus olhos fixos nela. “Agora vem o pior, certamente”, pensou Julianna.

— Deve ser que, agora que nosso pai morreu, quererão comprovar se agora sua antiga proposta é melhor recebida.

Julianna o olhou assombrada e estava claro que essa era a reação que esperava dela, porque Ewan esboçou um sorriso malicioso e pleno de satisfação.

— Antiga proposta? — Julianna perguntou com os olhos muito abertos, zangando-se consigo mesma por cair em sua armadilha ao perguntar. Mas

não podia simplesmente ignorar o comentário, e menos tendo citado seu pai. Ewan, certamente, sabia.

— Vá! Ao que parece é algo que nosso pai te ocultou, que surpresa! Verdade?

Voltou a sorrir, satisfeito e claramente preparado para feri-la com suas palavras. Julianna nunca entendeu esse desejo e o gosto que dava a ele e a seu irmão mais velho, Leme, mortificá-la sem motivos. Especialmente Leme, porque era certo que a culpavam da enfermidade de sua mãe e sua prematura morte, mas, mesmo assim, essa forma de procurar deliberadamente o sofrimento de sua irmã pequena denotava uma malícia que ela acreditava ia além daquele antigo rancor.

— Pois verás, querida irmã — continuou ele, claramente agradado consigo mesmo, — faz dezoito anos, o conde visitou nosso pai com uma proposta que era claramente muito vantajosa para todos, mas que papai rechaçou por orgulho ou por esse incompreensível afã de proteger a sua garotinha, e insistiu ao conde para afastar-se de nossa família, o qual, evidentemente, não beneficiou a... Bom, a ninguém, verdade?

Estava claro que ia dizer “não beneficiou a Leme, Bevan e a mim”, mas no último momento se conteve. Olhava-a com ódio, com raiva. Julianna não entendia realmente de que falava, precisava saber o que é o que seu pai lhe tinha oculto e por quê.

— Ewan, seja lá o que nosso pai fez, certamente foi o que estimou mais correto nesse momento, e nunca teria feito nada que prejudicasse a nenhum de nós.

Julianna sabia que seu pai sentia debilidade por ela, mas, também, que sempre amou a seus filhos e lhes inculcou os mesmos valores e esperanças que a ela, mesmo que lhe constava que, em ocasiões, mortificava-se pelo caráter vaidoso, egoísta e às vezes cruel de seus filhos, especialmente de Leme e Ewan, sentindo um pesar cada vez mais profundo com os anos quando tinha que tirá-los de um ou outro apuro. Seu irmão soltou uma escandalosa gargalhada que fez os cabelos da nuca de Julianna se arrepiarem.

— Alguma vez foi um homem muito ambicioso, não é certo? — Aquilo doeu em Julianna mais que se a tivessem insultado diretamente, mas ele continuou—. O conde, que se acreditava em dívida com nossa família... E, se o pensar, devia-nos a vida de seu filho...

Julianna o olhou furiosa e, antes de lhe permitir continuar, espetou-lhe com brutalidade: — Que está em dívida com nossa família? Que nos deve a

vida de seu filho? Ewan, deveria tomar cuidado. Recordo-te que ajudar a uma pessoa em perigo é o menos que poderia esperar-se de qualquer pessoa de bem. O conde não nos deve nada, e menos a nossa família. Em todo caso, não nos deve a vida de seu filho, no máximo me deveria a vida de seu filho. Mas não sei por que te atribui o que não te corresponde. O conde não te deve nada, não deve nada a nenhum de nós.

Os olhos de Julianna brilhavam de ira e indignação. Tinha elevado de modo pouco prudente a voz. “Como se atreve?”.

— Pelo visto, herdaste os defeitos de nosso pai. — Embora sua intenção fosse ofender Julianna com semelhantes palavras, ela levantou o queixo em sinal de orgulho e de indiferença pela opinião de Ewan —. Enfim, teria vindo muito bem a todos. Teríamos conseguido magníficos contatos e uma boa soma.

Julianna não aguentava mais.

— Do que está falando, Ewan? No que consistia essa proposta? Deixe já de rodeios.

Embora soubesse que seu irmão desfrutava vendo-a tão zangada e ofendida, Julianna não podia esperar mais nem estava disposta a seguir os jogos e truques de seu irmão.

— Não é evidente? Ofereceu a nosso pai ajudar a encontrar um bom marido, um matrimônio vantajoso para ti e inclusive entregar um dote em seu nome.

Julianna não pôde evitar soltar um grito de surpresa. Ewan sabia que tinha acertado em um ponto sensível e se dispôs a aprofundar mais na ferida.

— Mas nosso orgulhoso pai declinou a oferta sem mais, alegando que essa era uma responsabilidade dele como seu pai e que, além disso, não tinha intenção de te obrigar a te casar se não era seu desejo, e, para o cúmulo, rechaçou o dote sem mais.

Via como os olhos de seu irmão se acendiam de raiva, mostrando não só ódio por ela a não ser, além disso, por seu honrado pai. Julianna estava paralisada. “Pretendiam me casar como pagamento de uma estúpida dívida”. Sentiu como a atravessava uma profunda desolação.

— De fato — continuou ele, depois de alguns de minutos em que Julianna o via desfrutando de seu estupor e desconcerto —, nosso pai foi mais à frente e lhe pediu que não voltasse a nos convidar às festas e que se mantivessem afastados de nós.

Julianna recordou então como deixaram de receber esses convites, a

desculpa vaga de seu pai e o alívio deste ao acreditar que já não devia tratar com o conde mais que com a relação própria de proprietário e arrendatário. Ewan a olhava agradado pelo sofrimento causado, isso era evidente.

— Bem, irmã, suponho que ao falecer papai, é possível que achem conveniente reiterar a proposta, embora, claro, nesse caso, deveriam falar com seus irmãos, não acha?

Juliana esteve a ponto de golpeá-lo no rosto, mas, buscando toda a compostura que pôde, disse: — Ewan, em primeiro lugar, reitero-te que o conde não nos... — Elevou o queixo —. O conde não me deve nada. Por outra parte, já te antecipo que não tenho intenção de me casar nem a curto nem a médio prazo, assim abandone de uma vez essa ideia. Não me ofereceram nada e duvido muito que o vão fazer. De qualquer modo, jamais aceitaria nem dinheiro nem nenhum tipo de ajuda nesse sentido proveniente dessa família, nem que me arranjem matrimônio algum, e menos ainda que peçam permissão a vocês. Não é necessário que expresse minha intenção de pedir a independência formal se continuarem insistindo em se aproveitar de mim, entendido?

Juliana não ia deixar que seus irmãos se aproveitassem dela, mas tampouco que conseguissem beneficiar-se de modo algum da família do conde utilizando-a como ceva. A cara de Ewan era de assombro, mas também de profundo aborrecimento e, antes que voltasse a insistir, Julianna optou por mentir descaradamente.

— O convite se deve, sem dúvida alguma, à intercessão de alguma das senhoras que compraram meus bolos para esse dia. Terão solicitado que me permitam acessar à mansão para deixar perfeitamente instaladas as mesas, nada mais. E acredito que uma prova evidente disso é que o convite o recebi hoje mesmo, quer dizer, dois dias antes da festa, o que demonstra que não estava na lista de convidados e, menos ainda, que o conde tenha urdido nenhum plano para reiterar essa absurda proposta.

Juliana pensou que, provavelmente, Ewan não ficaria satisfeito com essa explicação, mas estava tão aturdida por aquelas revelações que tampouco tinha a mente o suficientemente clara para batalhar mais com ele. Os lábios de Ewan se abriram com intenção de falar, mas Julianna acreditou que seria melhor não lhe dar mais munição para que voltasse a atacá-la. Não se via com forças para resistir outra aposta, não nesse momento.

— Ewan, esclarecido o assunto, rogo-te que parta. É muito tarde e Amelia e eu temos muitas coisas que terminar para finalizar nossas encomendas. Mas

espero que tenha compreendido que não consentirei que volte a tentar decidir sobre minha vida, e menos com intenção de tirar algum proveito, ou levarei o assunto de minha independência legal até as últimas consequências. Boa tarde. — assinalou de modo brusco, afastando-se e guiando sua mão em direção à saída.

Seu irmão se enfureceu e soprou de ira pela advertência e pelo descaramento de Julianna. Estava claro que tinha deixado de ser a garotinha insossa que podia pisotear sem que ela pigarreasse e isso o pôs colérico. Limitou-se a sair sem despedir-se, sem olhá-la sequer.

Julianna se sentia como se uma manada de cavalos selvagens tivesse passado por cima dela. Deixou-se cair na poltrona. A cabeça ia explodir, tinha muitas ideias, sentimentos encontrados e temores correndo desbocados dentro dela. Olhava pela janela, mas sem ver nada mais lá, estava tão afligida e aturdida que não era capaz de reagir. Esperava-lhe outra noite longa dando voltas a toda essa informação, aos acontecimentos recentes, a esses desejos e sentimentos recém descobertos que pareciam minar qualquer capacidade que tivesse Julianna de pensar com prudência e sensatez.

Depois de muitos minutos sentada ali em silêncio, dirigiu-se à cozinha, onde sabia que esperava Amelia, tão feliz e contente pelo que parecia ter sido a melhor tarde de sua vida, e lhe pediu uma xícara de chá. Precisava temperar os nervos e recuperar um pouco de compostura. No dia seguinte deviam terminar as encomendas e levar à senhora Covenport e à senhora Ryller, e não queria falhar em seu primeiro trabalho sério com elas, e menos pelas daninhas intenções de seu irmão. Suspirou e comentou com Amelia sobre seu programa para o dia seguinte. Amelia estava tão feliz que lhe transmitiu tranquilidade e quietude com somente olhá-la.

CAPÍTULO 06

Julianna passou toda a noite tendo estranhos pesadelos com seus irmãos, com seu pai, com a imagem do imponente conde de Worken que recordava de quando era uma menina, mas, também, com as carícias, o profundo e sensual beijo de Cliff, suas mãos sobre seu peito, seus quadris, o contato de seus lábios e sua língua sobre sua pele.

Ao levantar-se, começou imediatamente a trabalhar com Amelia, recordando constantemente as palavras de seu irmão, que se mesclavam com as sensações estranhas que lhe provocava Cliff e a dor que voltava a aparecer ao recordar seu pai. Mas, cada vez que notava que lhe cortava a respiração, começava com uma nova sobremesa ou bolo. Nunca antes, tinha necessitado tanto a sensação de controle e segurança que lhe dava cozinhar e nunca antes agradeceu tanto contar com encomendas que a obrigavam a não parar, a trabalhar concentrada na tarefa.

Depois de um leve almoço, colocaram tudo devidamente em umas bandejas que instalaram com muito cuidado na chaise. Uma vez seguras de que não se moveriam, dirigiram-se para entregar os doces à senhora Covenport e, depois, à senhora Ryller. Pediu a Amelia que a acompanhasse em ambas as visitas porque temia que, se fosse sozinha, voltassem a lhe abordar todos esses sentimentos, ideias e pensamentos e estava esgotada, literalmente esgotada. Além disso, estava pensando muito seriamente não ir à Festa da Colheita, embora isso provocasse certa desilusão em Amelia e, significasse não voltar a ver Cliff. Ante este último pensamento, sentiu uma dor no estômago como se alguém acabasse de lhe dar um murro e lhe cortou a respiração. Teve que concentrar-se em levar as rédeas da chaise para evitar perder o controle em mais de uma ocasião. Em realidade, cada vez que lhe vinha à cabeça a imagem de Cliff, se desconcentrava e perdia um pouco a proximidade das imagens da realidade imediata, como se, durante uns segundos, encontrasse-se em outro lugar. Via-o a escassos centímetros de seu rosto, olhando-a com desejo, e sentia com nitidez a reação de seu próprio corpo ante o seu, uma reação muito vívida, quase incontrolável.

A senhora Covenport era uma mulher miúda, rechonchuda, que deixava cair sobre sua testa algumas mechas de cabelo em forma de saca-rolhas. A

Julianna agradava porque tinha um aspecto afável e saudável. Depois das saudações iniciais, convidou-as a entrar em sua casa enquanto um dos serventes levava para a cozinha os doces. Pareceu-lhe que estava francamente agradada com a variedade e a seleção que lhe levaram e, depois de conversar uns minutos com ela sobre encomendas e provar alguns, entregou uma pequena bolsa com moedas que Julianna se limitou a agarrar e agradecer, mas sem abri-la, já que estava segura de que teria sido generosa e que lhe teria dado mais do que o combinado. E porque, além disso, no fundo para Julianna o importante era o simples feito de que valorassem seu trabalho o suficiente para pagar por ele. Depois dos agradecimentos mútuos e das despedidas corteses de rigor, Julianna se dirigiu a sua segunda entrega. Agora tinha uma sensação de satisfação e avaliação por seu trabalho maior que quando terminaram todos os doces e os observaram perfeitamente colocados na mesa da cozinha e do salão de casa. O fato de que outra pessoa elogiasse seu trabalho a enchia de orgulho e pensou que assim devia sentir-se seu pai cada vez que voltava de vender aos comerciantes no mercado a colheita de cada ano.

A visita da senhora Ryller foi muito breve e incômoda para Julianna. Era dessas mulheres extremamente adadoras, mas pouco francas e, embora soubesse em seguida que estava mais que agradada com os bolos e as frutas, já que só teve que ver sua cara ao provar alguns, nenhuma das duas parecia interessada em estender aqueles momentos mais do que o necessário pelo qual, igual na visita anterior, limitou-se a agarrar a bolsa de moedas sem ver seu interior e a despedir-se com cortesia e amabilidade.

De novo a invadia essa sensação de orgulho pelo obtido, por pouco e insignificante que pudesse ser. Embora tivesse pensado retornar diretamente para casa, Julianna sabia que precisava manter-se ocupada para não pensar, para não deixar-se invadir e avassalar de novo por essa onda de sentimentos contrapostos, de sensações até agora desconhecidas e, pelo desconcerto e desassossego que a conversa com seu irmão lhe provocara. “Pelo amor de Deus, Julianna! Não deixe que te faça isso, está lhe dando precisamente o que queria”, repreendeu-se quando ao recordar a cara de satisfação e prazer de seu irmão ao lhe contar o que ele sabia que lhe machucaria. Por isso, e aproveitando que via Amelia também muito nervosa, perguntou ao sair da casa da senhora Ryller: — Amelia, ainda é cedo. Gostaria que visitássemos as irmãs e ficássemos um momento com as crianças?

— Sim, sim! Por favor. Posso-lhes contar nossa tarde no bosque e

mostrarei às meninas minha nova fita.

Estava claro que a ideia tinha grande acolhida. Por um momento sentiu certa vergonha, porque estava tão imbuída em seus próprios pensamentos e problemas que nem sequer se deu conta de que Amelia recolheu o cabelo em um bonito penteado, deixando mechas soltas por sua testa e a parte dianteira do pescoço, e que o tinha feito utilizando a fita que lhe tinha presenteado por seu aniversário.

— Nesse caso, iremos, e te peço desculpas, porque não te hei dito quão deslumbrante está com esse penteado e o muito que me agrada que você goste de seu presente. Está preciosa, de fato, amanhã poderíamos te pentear do mesmo modo para a festa e colocar algumas das flores que te deu de presente o senhor Burton. Gostaria disso?

“Oh, não... Julianna, está perdida. Está claro que seu subconsciente te trai... acaba de reiterar sua intenção de ir. Já não há como voltar atrás, partiria o seu coração”.

A cara de alegria de Amelia dizia tudo. Ao cabo de poucos minutos Amelia perguntou: — Poderíamos...?

— Sim, Amelia?

Amelia olhava suas mãos, que tinha no colo e que movia com certo nervosismo.

— Perguntava-me se... Lhe incomodaria se lêssemos esta noite o livro de sua estante? Não queria... Bom... Não queria fazer algo incorreto amanhã.

Julianna soube imediatamente que se referia ao livro de normas sociais e, por um instante, teve o mesmo temor que Amelia.

— Claro, é obvio. Acredito que eu também deveria desempoeirar minhas maneiras para uma reunião tão concorrida... É uma magnífica ideia, Amelia, obrigada. Jantaremos no jardim e leremos até que nos cansemos. Parece-te bem?

Amelia a olhou claramente aliviada e sorriu.

— Muito bem. Obrigada.

O certo é que também serve de alívio à Julianna, porque não só recordaria algo que uma senhorita de sua idade deveria saber tão bem como respirar, mas também para afastar de sua cabeça de novo todo o resto.

Ao cruzar o povoado, Julianna parou a chaise diante da loja do senhor Burton e disse a Amelia enquanto tirava umas moedas de uma das bolsas: — Acredito que poderíamos levar umas guloseimas as crianças e lhes dizer que são para celebrar seu aniversário.

Amelia a olhou entusiasmada.

— Mas isso é muito...

— Claro que não. Nem todos os dias é seu aniversário, além disso, trabalhaste muito duro estes dias, ao menos tem que me permitir te tratar com atenção um pouco.

Amelia se ruborizou e, agarrando as moedas, entrou na loja do senhor Burton. virou-se e, sem deter-se, assinalou: — Não demorarei muito, prometo-o.

Julianna sorriu.

— Não se preocupe, Amelia. Espero-te aqui. Vá tranquila.

Quando a viu sair do armazém Julianna não pôde evitar rir suavemente. Levava uma cesta cheia de guloseimas, caramelos e umas serpentinas de papel. Brilhavam—lhe os olhos como a uma criança pequena no dia de Natal e se sentiu imensamente feliz. Estava decidida a tratar Amelia como uma irmã mais que como uma dama de companhia e, de fato, em uma de suas últimas cartas, tinha pedido a sua tia Blanche permissão para que Amelia a acompanhasse, não como simples dama de companhia, embora tampouco quis chegar a escrever como irmã se por acaso com isso punha a sua tia em um compromisso excessivo ou em uma situação incômoda, já que realmente ela não conhecia em pessoa a sua tia Blanche nem os círculos nos quais se movia. Só sabia que seu defunto marido a deixou em muito boa posição econômica e que passava a maior parte do ano em sua casa de Londres e o verão em uma residência perto do mar, mas desconhecia todo o resto. Na última carta, demonstrou, de novo, o generosa e carinhosa que era, tal e como a havia descrito em infinidade de ocasiões seu pai, já que não só aceitou sua sugestão, como também dizia que estaria encantada de conhecer Amelia e recebê-la em sua casa como uma hóspede mais.

Com todo o acontecido esses dias, Julianna tinha esquecido de comentar com Amelia, mas agora estimava mais prudente não lhe comentar nada, nem da viagem, nem de seus planos, até alguns dias antes de partir. Embora estivesse segura que Amelia não voltaria a ser indiscreta e confiava nela nesse sentido, temia, entretanto, a seus irmãos. Sobre tudo Ewan, por achar-se no povoado, já que agora estaria pendente das duas. E, se a ela conseguia intimidá-la, Amelia em suas mãos seria como uma folha de papel.

Por outro lado, tanto Julianna como sua tia tinham combinado não informar a seus irmãos da viagem, já que conheciam os escuros interesses de seus irmãos em relação à herança de tia Blanche. Estes a adulavam e

tentavam enrolá-la cada vez que a visitavam, aduzindo alguma parva desculpa. Entretanto, tia Blanche não suportava a nenhum de seus irmãos nem o modo como se comportavam tanto com Julianna como com seu pai. Daí que ambas consideravam que eles não deixariam que Julianna tivesse relação alguma com ela ou, pelo menos, dificultariam tudo se chegavam a seus ouvidos que levavam anos mantendo uma estreita relação por carta auspiciada por seu pai.

Tia Blanche sempre dizia que não temia por ela nem por sua herança porque, dizia, “eu farei com ela o que considere oportuno e isso não inclui oportunistas nem interesseiros, por muito familiares que digam ser”. Entretanto, sim tinha deixado transluzir, em mais de uma ocasião, certo temor por Julianna, porque enquanto esta não obtivesse a independência legal estava nas mãos de seus irmãos ou, ao menos, sob certo controle dos mesmos, apesar de que o pai de Julianna procurasse em seu testamento protegê-la tudo o que pôde. Em uma ocasião, Julianna perguntou a sua tia como podia ver-se livre de seus irmãos e foi ela que lhe informou sobre a independência legal, os trâmites para solicitá-la e as consequências disso, assinalando, além disso, que se algum dia seu pai lhe faltasse era um assunto a ter muito em conta.

O resto da tarde passou voando. Foi um grande acerto visitar as crianças do orfanato, que estavam entusiasmadas com suas guloseimas e com o relato da tarde no bosque. Amelia foi descrevendo, até a extenuação, cada minúsculo detalhe do piquenique, especialmente o bolo de aniversário e seus dois presentes, mostrando com orgulho a fita de seu cabelo.

As irmãs pareciam assombradas do trato tão cordial que Julianna dava a Amelia, já que acreditaram no princípio que Julianna só a contratava como criada ou faxineira, e lhes preocupava que lhe estivesse dando uma posição muito “elevada”, disseram, “para uma garota órfã de pais desconhecidos”. Este último incomodou um pouco a Julianna, mas considerou que aquele não era nem o lugar nem o momento adequado para enredar-se em uma discussão da qual se sabia perdedora de antemão. A sociedade em que viviam era assim e pouco podia fazer ela para mudá-la, por tudo porque Julianna só era a filha de um dos arrendatários do conde e Amelia e ela viviam em uma comunidade pequena onde os costumes e as diferenças de classes pareciam importantes para os vizinhos e aldeãos. Por isso, limitou-se a tranquilizá-las, esclarecendo que o que ela queria era uma dama ou senhorita de companhia, e que Amelia tinha resultado ser uma excelente escolha já que, além de ter um caráter

similar ao dela, era extremamente trabalhadora, inteligente e esperta. Inclusive disse, com absoluta sinceridade, que lhe tinha pego um grande carinho e que não poderia tratá-la de outro modo. Com isso pareceu que ficava resolvida a questão, apesar da cara de recriminação que algumas das irmãs lhe dedicaram.

Uma vez em casa, Julianna preparou um jantar leve enquanto Amelia guardava os últimos utensílios que tinham estado utilizando nos dias prévios. Amelia pôs a mesa para o jantar e acendeu um par de abajures do jardim enquanto Julianna se refrescava um pouco, e finalmente deixou o jantar na mesa auxiliar do jardim.

Ao sair, Julianna sentiu de novo a tranquilidade e a segurança que lhe inspiravam sua casa, seu jardim e a amável e tranquila companhia de Amelia. Uma das coisas pelas quais a tinha repreendido uma das irmãs do Saint Joseph era que fizesse as refeições em companhia de Amelia, compartilhando mesa e toalha. Entretanto, Julianna não quis desculpar-se por dar essa familiaridade a Amelia e, simplesmente, alegou que necessitava alguém que lesse com ela e que considerava um momento ideal os instantes posteriores ao jantar. Julianna percebeu, ao olhar de soslaio à irmã Catherine, certa desaprovação, mas não quis continuar a conversa e ignorou seu suspiro de crítica.

Amelia e ela dedicaram o jantar a recordar os momentos passados com as crianças essa tarde, rindo das ocorrências de uns e outros e a ler o livro de etiqueta, com o qual, também, trocaram numerosos comentários e risadas. Julianna começou a recordar coisas que pareciam esquecidas por sua falta de uso. Inclusive, compreendeu que durante os dias passados tinha tratado sem a devida cortesia a Cliff, já que, por sua posição social, deveria haver-se dirigido a ele, em todo momento, como “milord”, e não só inclinar a cabeça ao saudá-lo ou despedir-se, a não ser, além disso, fazer a inclinação, que ela tanto odiava. Sentiu-se, por uns instantes, como uma parva ignorante, mas se prometeu não esquecer as maneiras que tanto insistia seu pai que devia mostrar. “Carecer de uma mãe que te ensine as maneiras e ardis femininos não deve ser uma desculpa. Tem que te comportar sempre como a dama que é, Julianna. Promete-me isso?”. De repente, a voz de seu pai esteve muito presente e ela pareceu assentir à mesma em silêncio, como se a promessa de se comportar como uma dama fosse algo necessário nesse momento.

Cliff tinha passado toda a noite pensando nas opções de um possível

matrimônio vantajoso para Julianna, tal e como o havia descrito a condessa, mas só a ideia de que outro pudesse beijá-la, tocá-la, acariciá-la, causava um estranho efeito nele. Esticava-se e ficava imediatamente de mau humor, sem mencionar essa espécie de dor surda que sentia no peito. Além disso, Julianna parecia feliz sem ter que procurar marido. “Não, não, isso tampouco pode ser. Seguiria desprotegida por muito que ela ache o contrário, e seus irmãos...”. Cliff sentia que lhe explodia a cabeça. Perdia por completo a razão e o senso da lógica quando se tratava de Julianna.

Cada vez que lhe vinha à cabeça sua imagem, notava um doce calor lhe invadir o peito, mas também uma tensão e uma excitação desconhecida e desbocada. Seus olhos, sua suave pele, esses carnudos e desejáveis lábios que, sem dúvida, tinham respondido a seu beijo de um modo apaixonado e natural. Depois do jantar e o comentário de sua mãe começava a expor a séria possibilidade de que ele era o maior perigo para Julianna, porque cada vez lhe custava mais controlar-se e não podia perder o controle com ela. Não podia lhe roubar a inocência e seu futuro. Não podia desonrá-la, mas tampouco podia renunciar a ela, estar longe dela.

Cliff decidiu manter-se ocupado até a Festa. Decidiu que passaria todo o dia navegando no pequeno veleiro que tinha atracado no porto, em um enclave a pouca distância do condado, e retornar à manhã seguinte, assim tentaria descarregar um pouco da tensão acumulada nos dias anteriores e limparia a mente. Estar em mar aberto, sentindo a brisa no rosto, era o que lhe tinha mantido sereno os anos transcorridos desde que partiu da Irlanda, e sentia a necessidade de afastar-se, de escapar.

A primeira hora da manhã, enviou um aviso a seu contramestre para que fosse preparando o necessário para sua chegada. Durante o café da manhã anunciou a seu pai sua intenção de navegar e de retornar a tempo para a Festa da Colheita.

Seu pai notou em seguida a tensão na expressão e no corpo de seu filho, por isso preferiu não insistir e se limitou a assentir e lhe desejar boa travessia, embora também lhe informou que a condessa tinha mandado, fazia menos de uma hora, um laçao com um convite em nome de Julianna, dado que a noite anterior seus próprios filhos lhe tinham comentado que Cliff já o tinha feito informalmente. Isto fez com que, de novo, Cliff se esticasse. Desejava vê-la como não tinha desejado nada antes na vida, mas atraí-la à Festa para expô-la como se fosse um cervo frente a uma matilha de cães de caça o incomodava e zangava por igual.

O conde notou a expressão de preocupação de seu filho, mas decidiu lhe dar a oportunidade de que fosse ele mesmo quem fosse solicitar seu conselho ou ajuda, sem pressioná-lo. Conhecia-o muito bem, era muito teimoso e preferiu lhe deixar espaço para pensar.

Depois de um breve galope de uma hora, sem muito esforço, Cliff chegou ao porto e observou que seu contramestre tinha tudo preparado para zarpar imediatamente. Saudou-o com verdadeiro entusiasmo. Nenhum dos homens estava surpreso pelo aviso de seu capitão a respeito da imediata travessia, já que por todos era sabido que o capitão Worken, como seus homens o conheciam, apesar de que na Marinha Real já tinha alcançado o grau de comandante, gostava que todos os navios e marinheiros da frota da qual era proprietário estivessem sempre dispostos e preparados. Também estavam acostumados a fazer breves saídas, não só para manter-se em forma e ter adequadamente preparada o navio, mas também, além disso, para criar uma forte camaradagem. Cliff gostava de contar com homens curtidos e experientes em seus navios, mas também com homens nos quais pudesse confiar, e o melhor meio de fazê-lo era criando vínculos entre ele e eles. As tripulações de todos os seus navios eram formadas por homens que eram já como uma família, arriscavam a vida juntos e confiavam mutuamente suas vidas.

O dia navegando servia, sem dúvida, para que Cliff descarregasse a tensão física e que se sentisse livre das regras sociais que em terra tinha que observar a cada momento. De noite, essa tranquilidade recuperada se viu alterada. Não podia deixar de ver Julianna, sentir seu doce fôlego ao beijá-la, seus inexperientes e expressivos olhos ao olhá-lo. Queria vê-la, precisava vê-la, escutar sua voz.

Passou a noite inteira atormentado por seus desejos, os planos de sua mãe, o desconsolo de ter que afastar-se de Julianna, a culpabilidade por desejar sua inocência tanto como sua segurança. Forjou-se uma vida que gostava. Sua liberdade, navegar, retornar ao porto e a sua casa para descansar e recuperar um pouco do senso de civilização e de família. Mas notava que algo tinha mudado: não queria renunciar a essa vida, mas, agora, sentia que se voltava para algo lhe faltaria. Não podia ser Julianna, não podia lhe oferecer o que merecia. Um lar, um amparo, uma família. O matrimônio não era para ele, levava muito tempo fugindo dele para não saber que não lhe bastaria seguindo as normas dia após dia. Por um momento, Cliff pensou em Julianna como senhora de sua casa, mas, também, como sua companheira nas

viagens, navegando juntos, observando de noite as estrelas no mar. Julianna parecia também procurar esses momentos de liberdade, de aventura, escapava sozinha ao bosque. Desde pequena procurava lugares de onde observar as estrelas e respirar ar de liberdade. Recusava prender-se pelos convencionalismos de seus vizinhos. Acaso não era esse o mesmo comportamento que o seu? “Mas o que está dizendo? Está louco se pensa que ela aceitaria uma vida como a tua. Ainda abandonando o serviço na Marinha Real, não abandonará a vida no mar, porque precisa deixar para trás as amarras da sociedade para te sentir vivo e seria injusto obrigá-la a levar essa vida errante..., mas Julianna sim poderia... Ela sim poderia suportar e inclusive desejar esta vida... Basta, basta! Nem sequer lhe exponha isso, perdeste a razão! Deus, mas me sentir vivo, preciso me sentir vivo e com ela me senti... Nunca me hei sentido mais vivo que com ela em meus braços, que escutando seu coração tão acelerado por minha proximidade... Cliff, debes te deter imediatamente! Começa a cruzar uma linha perigosa e não só para ti, mas também para ela, sobre tudo para ela”. Do corrimão inalou o ar do mar, virou-se e observou os homens da guarda realizando suas tarefas. Enquanto isso, o rosto de Julianna o torturava, junto com o som de sua voz ao lhe chamar “comandante”, que era uma carícia em sua pele.

Ao chegar os primeiros raios de sol a refletir-se no mar, Cliff soube imediatamente que tinha que retornar, a Festa da Colheita era no dia seguinte e, embora poderia apurar para permanecer no mar outro dia, pela primeira vez em muitos anos desejava estar em terra mais que no mar.

Ao meio dia já tinham atracado sem maiores incidentes e retornou à mansão como um navio chamado pelo farol na distância, em silêncio, mas indevidamente.

Já na mansão, tomou um banho e desceu ao terraço onde todos estavam tomando o chá, incluído Liam Bedford. Ao cabo de um bom momento conversando com a prometida de seu irmão, surpreendeu-lhe o muito que lhe agradava sua futura cunhada. Era sensata, tranquila, embora com um certo senso de humor ácido similar ao de Ethan. Também era elegante sem ser uma jovem insossa e cabeça oca, obcecada com a moda e esse tipo de frivolidades como muitas das damas da sociedade londrinas que pulavam pelos salões e festas sem outra coisa na cabeça. Lady Adele não era a típica herdeira criada com o único propósito de fazer um matrimônio adequado. Sem dúvida, começou a entender as razões pelas quais seu irmão parecia totalmente embevecido com ela e se alegrou por ele, embora também sentisse certa

tristeza e uma estranha inveja pela segurança que mostrava Ethan quanto a seu futuro. Sabia qual era seu dever, mas também, parecia que sabia o que queria e, pela expressão de felicidade de seu rosto, estava claro que o tinha conseguido. Os pensamentos de Cliff de repente se viram surpreendidos por Liam.

— Bom, Cliff, que tal sua breve escapada náutica?

— Foi bem. Deveria prová-lo. O mar é um lugar fascinante, perigoso e reconfortante ao mesmo tempo.

— Eu? No mar? Valha-me Deus! Que ideia! A máxima distância que eu ponho entre a terra firme e meus pés é os arreios de um cavalo. Não acredito que chegue a ver-me no mar, salvo para cruzar o espaço entre a Irlanda e Inglaterra, ou esta e o Continente, para alguma oportuna escapada para ver velhos conhecidos... — rio escandalosamente, o que fez com que todos se virassem —. De todos os modos, em terra temos diversões e entretenimentos suficientes para um tipo como eu. Sem ir mais longe, a festa de amanhã. Estou desejando ver as jovens belezas do condado e desfrutar de uns jogos com elas. E mais, sua mãe prometeu me apresentar, especialmente, a uma jovem de extraordinária beleza, filha de um dos arrendatários de seu pai...

Cliff abriu de repente os olhos e olhou com fúria a sua mãe. Estava claro que se referia a Julianna. “Liam Bedford! Por cima de meu cadáver! Em que estava pensando a condessa? É filho de um nobre, mas não é adequado para Julianna. É um maluco que gosta de beber mais do que o conveniente, com má reputação, e duvido que seja capaz de permanecer fiel a alguma mulher... Por Deus Santo, Liam Bedford! Nem pensar! Não porá um dedo em cima de Julianna!”. Cliff notava como lhe fervia o sangue de ira, de pura ira.

Ao ver o olhar de seu filho e a desaprovação que havia neles, a condessa tentou acalmar um pouco seu evidente aborrecimento e se limitou a assinalar: — Bom, Liam, eu acabei de dizer que poderia te apresentar a algumas das belezas locais, algumas delas filhas de arrendatários do conde, isso é tudo...

Seu tom revelava sua culpabilidade, sem dúvida, mas também seu remorso. A condessa devia saber que Liam Bedford não era, nem de longe, um candidato adequado. Tentou manter a calma diante de quem, nesse momento, pensou era um crápula sem escrúpulos nem moral. “Como considerou Ethan, a este tipo amigo durante estes anos, por muito que seu irmão, o herdeiro do título de marquês, sim seja nosso amigo? Este tipo não chega a seu irmão nem à sola do sapato”. Cliff mal continha a vontade de lançar um bom murro a esse homem.

— Bom, Liam, verá muitas jovens em idade de casar-se, e algumas são verdadeiras belezas locais, mas se minha mãe, a condessa, estava pensando em concreto em uma jovem que está sob meu amparo, tenho que te advertir que tem que tomar cuidado no terreno que pisa, amigo.

Liam o olhou como se aquilo, em realidade, não fosse uma advertência a não ser, a revelação de que a essa jovem em concreto o unia uma relação especial. Por seus olhos, Cliff em seguida compreendeu que Liam tinha dado por feito que a jovem da qual falava era sua amante ou que o seria logo, mas, em vez de corrigi-lo de seu engano, limitou-se a não acrescentar mais nada. “Se pensar que é minha amante ou que pretendo que o seja, manterá-se afastado de Julianna”. Embora o invadisse um profundo remorso pela posição em que acabava de colocá-la e o que podia causar em sua reputação se não cortasse rápido chegado o caso, Cliff sentia tanta raiva e rancor nesse momento que não pôde alcançar a ver as consequências do que acabava de fazer.

Uns minutos mais tarde seu irmão se sentou com ele e lhe comentou, não sem certo aborrecimento na voz: — É consciente do que Liam, e o resto de nós, entendeu do seu comentário, verdade? Porque embora todos, à exceção de Liam, sabemos o que há ou, melhor dizendo, o que não há, entre a senhorita McBeth e você, o certo é que acaba de pô-la frente a seus olhos em uma posição que não é real nem tampouco vantajosa, e, se me permite, inconveniente.

Cliff o olhou furioso e com os olhos cheios de remorsos.

— Sei. Mas isso se pode esclarecer sem problemas amanhã mesmo se for necessário. Prefiro que Liam acredite que estou interessado em Julianna, de qualquer modo que seja, para que se mantenha longe dela. Por todos os céus! Liam Bedford. No que pensava mãe?

Ethan soltou uma pequena gargalhada, mas não pôde deixar de olhar com desaprovação a atuação de seu irmão.

— Bom, irmão, verá o que faz, mas te assegure de que esse rumor não vá, além de todo o aceitável, está te comportando mais como um apaixonado ciumento que como um protetor.

Cliff se virou de repente para vê-lo e protestar, mas Ethan já se pôs a caminhar em direção à porta. Começava a escurecer. Desculpou-se com seus pais e com lady Adele. Sabia que não seria grata companhia essa noite depois do ocorrido pela tarde e pediu que lhe selassem a égua torda para cavalgar um momento pela pradaria.

Depois de quase uma hora cavalgando, encontrou-se, quase sem querer, a pouca distância da casa do bosque, como se a égua conhecesse seus desejos e o tivesse levado ali escutando seus pensamentos. Deixou a montaria amarrada em uma das árvores do atalho velho e caminhou seguindo seu próprio impulso até chegar à parte que dava ao jardim traseiro. Ali viu sentada, frente a uma mesa, a Julianna e a sua jovem companhia, rendeu-se. Ficou parado junto a uma das árvores. O som dessa risada era como o canto de uma sereia chamando os marinheiros, mas este canto em concreto parecia destinado somente a seus ouvidos. Era a criatura mais deliciosa, doce e encantadora que já tinha visto. Tratava com doçura a jovem, mais como uma amiga que como alguém a seu serviço. Estava deslumbrante, relaxada e parecia feliz. Tentou aguçar o ouvido para escutar o que diziam. Nunca antes lhe tinham interessado as conversas femininas e, agora, esperava ofegante ouvir suas palavras, escutar suas opiniões, como um meio para desentranhar esse estranho mistério que era Julianna. Tão singela em ocasiões, e tão difícil em outras. Compreendeu, pelo pouco que escutou, que tinham começado a ler um livro comentando as partes deste. Eram normas sobre como comportar-se em sociedade e ambas riam com alguns dos usos correntes dentro da alta aristocracia. Resultou-lhe comovedor e, então, recordou o que a própria Julianna lhe havia dito dois dias antes. Ao carecer de mãe, não teve esse tipo de guia desde pequena e, por um segundo, percebeu o temor que ela devia ter nos atos sociais por sua inexperiência e por essa falta de ajuda materna. “Não se preocupe, pequena, amanhã não te deixarei sozinha e tentarei que te encontre cômoda enquanto isso”.

Ficou observando-a até que entraram na casa. A via tão bonita, inocente e sensual ao mesmo tempo. Era sua sereia, com seu cabelo brilhando com a tênue luz dos abajures do jardim, com esse costume, que começava a conhecer muito bem, de morder o lábio inferior quando meditava sobre algo e com sua forma de olhar, de vez em quando, ao céu, como desejando pôr-se a voar e afastar-se de tudo e de todos. Vê-la na distância era quase viciante, não podia evitar procurá-la. Isso, isso era o que tinha sentido falta na noite e o dia no mar. Desejava Julianna, sua companhia, vê-la, escutar sua voz, senti-la perto. “Deus, realmente eu sou o maior perigo para ela! Quanto tempo serei capaz de seguir me comportando como um cavalheiro? Quanto tempo demorarei para cair e me deixar levar pelos desejos e pela luxúria que desperta em mim, como não o tinha feito antes nenhuma mulher? Não acredito que chegue a me saciar se não for com ela. Essa inocência é

transbordante e, ao tempo, é ardente e passional. Comprovei-o ao beijá-la. Devolveu-me o beijo como se estivesse feita para mim, como se seus lábios respondessem aos meus porque se pertenciam e minhas carícias fossem o que seu corpo reclamava... Basta, Cliff, basta!”.

O curioso era que ver Julianna o apaziguava e o punha ansioso por igual. Parecia ter o poder de acalmar seus medos e sua alma como quando, era menina, disse-lhe que não se preocupasse, que ela cuidaria dele. Era o mesmo efeito, calmante, sossegador, quente e tenro. Mas, por outro lado, acendia seu corpo até fazê-lo arder. Toda sua pele vibrava e sua virilidade aflorava de maneira inconsequente como se fosse um moço inexperiente. Notava seu sangue correr e suas mãos desejando seu corpo. Tocá-la, acariciá-la, fazê-la sua por fim... “Cliff, tem que te controlar. Não pode fazer nada do que logo te arrependa..., Mas como poderia me arrepender de fazê-la minha? De tomá-la como ninguém a tomou, de lhe dar prazer? De lhe fazer conhecer o êxtase e a paixão além de toda razão, além de toda prudência?”.

Essa noite, tanto Cliff como Julianna tiveram algo em comum, ambos sonharam com o outro, com seus corpos, seu calor, sua inegável atração. Mas, a diferença de Cliff, Julianna começava a temer estar apaixonada por um homem tão diferente dela, tão experiente e, pertencente à nobreza mais alta da Irlanda. Era uma loucura. Cliff, por sua parte, lutava consigo mesmo, com seu dever, com sua honra frente a uns desejos e uma paixão que cada vez resultavam mais descontrolados.

Ao levantar-se, Julianna começou com os preparativos para ir à festa e tirou o bonito vestido que não tinha estreado ainda para engomá-lo. Colocou cada uma das suas peças na cama; a jaqueta, o espartilho, as anáguas e as calças de renda, a bolsa de veludo marfim e a fita de cabelo. Ao descer, deixou tudo no quarto de roupa para engomá-lo uns minutos mais tarde, e revisou com Amelia o que queria vestir: seu vestido novo com todos os complementos. Além disso, entregou os brincos de pérolas que ia emprestar —lhe para que depois não se esquecesse. Sentaram-se para tomar uma xícara de chá e uns biscoitos e comentaram como arrumariam o cabelo. Por um segundo, Julianna se sentiu tão estranha como emocionada e nervosa. Era a primeira vez em sua vida que se encontrava em uma situação similar, já que ao carecer de irmãs e de mãe ou de uma amiga de sua idade, nunca tinha tido esse tipo de conversa, mas se sentiu reconfortada de poder contar com outra mulher para comentar algo tão feminino como o penteado ou como os preparativos para uma festa.

Amelia preparou o banho para ambas, o que Julianna agradeceu já que precisava sentir-se o mais relaxada possível para confrontar o que, algo lhe dizia, ia ser uma dura prova. Enquanto isso, tentava criar coragem, inundada na água quente, olhando de esguelha todas as coisas que tinha deixado em cima da cama depois de engomá-las e deixá-las convenientemente preparadas. Ao subir e enquanto Julianna se secava com os panos de linho Amelia lhe comentava o muito que gostava de seu vestido, e que poucas vezes via esse tipo de roupas elegantes no condado, já que eram próprias das damas da classe alta e das ricas herdeiras. Sua tia Blanche lhe tinha dado esse vestido, com todos os complementos, no Natal, mas, como sempre, seu pai e ela tinham a precaução de dizer que era um presente dele para Julianna, encomendado em uma de suas visitas a Cork. Era, realmente, a última moda em Londres. Usavam-no as senhoritas da classe alta e seguia os ditados marcados por Paris, feito a mão pela melhor costureira de Londres, conforme lhe havia dito sua tia. Era finais de 1820 e os trajes de corte império, que até então ditava a moda, começavam a dar lugar aos novos avanços em moda trazidos da França e da Itália. Chamavam especialmente a atenção porque todos marcavam, como não o faziam os vestidos império, as curvas da mulher. Os espartilhos marcavam não só a cintura e os quadris como, especialmente, os seios. Os novos vestidos empregavam tecidos mais elaborados e pesados e tinham um desenho feito para realçar a figura feminina como nunca antes. Para as festas e reuniões sociais mais formais, os trajes de noite, graças às novas modas chegadas do continente, estavam acostumados a usar-se com casacos, xales ou jaquetas combinando, tão elaboradas como os próprios vestidos. As anáguas resultavam um pouco mais volumosas e terminavam em um pequeno volante com rendas que apareciam por baixo dos vestidos para dar um pouco de volume a estes. Em troca, para o dia, as tardes e os atos não tão formais, começavam a usar-se vestidos que marcavam igualmente as curvas femininas, mas com tecidos mais singelos ou menos elaborados ou inclusive, em vez de trajes inteiros, usavam-se as saias acompanhadas com finas camisas e casacas, que permitiam uns movimentos um pouco mais naturais na mulher apesar do espartilho que tinham que usar.

Julianna agradeceu com carinho o presente de sua tia, embora estimasse que fosse muito caro e temia não ter ocasião de usá-lo, mesmo assim, sua tia insistiu, considerando aquilo como uma tolice e acreditando que logo encontraria uma noite propícia para usá-lo. Além disso, do vestido, seu pai lhe entregou, em nome de sua tia, é obvio, uma carta que continha instruções

de como colocar cada peça e de como usá-lo. Certamente, tia Blanche parecia conhecer a perfeição a sua sobrinha. O certo é que Julianna não tinha tido ainda ocasião de provar-lhe tudo, o conjunto inteiro, pois não tinha tido ajuda para isso, e ao menos o espartilho e a laçada das costas do vestido requeriam de outra pessoa para poder ajustá-los. E agora sentia um enorme alívio de poder contar com o vestido e não ter que preocupar-se com não estar à altura quanto a moda. No fundo desejava que ficasse o suficientemente bem para que Cliff a olhasse. Tinha visto em um par de ocasiões, a distância, no povoado, à condessa e à prometida de lorde de Worken, o filho mais velho do conde. Embora nunca as tinha visto usar esse tipo de objetos, tinha escutado a uma senhora na loja do senhor Burton falar do vestido de ambas as damas em uma reunião; dizia que estava à última moda e que o tinham encomendado especialmente em Londres seguindo os ditados do continente. Embora sem entender destas coisas, algo lhe dizia que o desenho presente de sua tia era um pouco mais profuso que o descrito por essa senhora e, também, que tinha sido elaborado com perícia por umas mãos realmente peritas e talentosas. Estava convencida de que todas as convidadas da nobreza ou da alta burguesia que fossem à festa, ao menos as que proviessem de Londres ou de Dublin, estariam vestidas à última moda. Pela primeira vez, preocupou—lhe seu aspecto de verdade. Não queria destoar.

Depois de pentear Amelia e ela ajudá-la a sua vez, começaram as duas a colocar peça a peça cada parte do que a Julianna pareceu um conjunto. O espartilho não era tão opressivo como ela acreditava, e teve que reconhecer que realmente realçava as curvas que, até o momento, não houvesse dito que tinha. Era de uma fina seda de cor marfim, com encaixes elaborados e preciosas fitas para fechá-lo. Amelia estava tão assombrada ao tocar cada parte, cada peça que iam ajustando. Quando acabaram, olhou-se no espelho e teve a estranha sensação de que a mulher que se refletia nele não era ela. Era tão elegante. Inclusive lhe pareceu bonita. O vestido era de uma musselina de cor amarela suave, com os acabamentos em seda adamasca tão agradável ao tato que parecia acomodar-se ao corpo e ao espartilho de maneira natural. A parte baixa da saia e os bordados das mangas estavam bordadas com umas flores verdes, marrons e granada com acabamentos de cor marfim. A jaqueta de veludo lavrado, de uma cor amarela mais escura combinando com os sapatos, estava bordada com essas mesmas flores no pescoço, e se atava ao corpo realçando ainda mais a figura e a cor do cabelo de Julianna. O cabelo o tinha recolhido com um coque baixo, deixando algumas mechas soltas,

realçando a feições de seu rosto e destacando a cor de seus olhos, assim como o rubor crescente de suas bochechas. Além disso, nunca se fixou em alguns detalhes de sua própria figura, como seu comprido pescoço, seu busto firme e seu volume realçado graças a esse espartilho. Julianna ficou observando-se uns minutos, como se de verdade estivesse observando a uma estranha. Não podia acreditar que realmente fosse ela. Amelia, que parecia olhá-la com admiração, assinalou sorrindo: — Está preciosa. É a mulher mais bonita e elegante que já vi.

— Obrigada, Amelia. Não posso acreditar que seja eu... — Se virou rindo —. Mas te olhe, você também está preciosa, e dentro de um par de anos, ou possivelmente menos, usará também este tipo de espartilho, porque já não será uma jovem, a não ser toda uma mulher que fará com que os homens se voltem admirados. Terei que te levar sempre escoltada para te proteger da horda de admiradores.

Amelia se ruborizou e olhou ao chão. Julianna tinha que reconhecer que era uma jovem realmente bonita, com essa pele tão clara e nívea como se fosse marfim, esses enormes olhos escuros e esse denso cabelo negro que, sem dúvida, deixaria loucos aos jovens embora ela ainda não se desse conta.

— Enfim. — Julianna suspirou —. Suponho que deveríamos ir. São quase doze e conforme me contava meu pai, os convidados começam a chegar às onze. Vamos?

Amelia assentiu. Ao abrir a porta de casa ambas se sobressaltaram e ficaram paradas como se fossem estátuas, ao comprovar que as estava esperando uma elegante carruagem com um chofer e um lacaios. Ambas se olharam sem conseguir dizer nada. O laçao, finalmente, desceu da carruagem, fez uma reverência e lhes disse com uma solenidade sem dúvida aprendida depois de estar ao serviço da nobreza durante anos: — Senhorita McBeth, o conde de Worken lhe roga que permita que a acompanhem a Workenhall para assistir à Festa da Colheita. Se for tão amável. — Fez um gesto com a mão como para que o seguissem.

— O conde de Worken? — foi a única coisa que conseguiu balbuciar uma assombrada Julianna.

— Sim, senhorita.

Como se não tivesse ficado claro por sua cara de assombro, Julianna insistiu: — Sinto muito, não entendo nada...

— Sem dúvida, sua senhoria satisfará todas as suas dúvidas em pessoa. Nós só temos ordem de sua senhoria de nos assegurar que você e sua

acompanhante chegem sãs e salvas à mansão.

Julianna fez um gesto de assentimento com a cabeça e subiu na carruagem seguida por Amelia, que era, igual à própria Julianna, incapaz de dizer alguma palavra.

Ao cruzar a porta grande de acesso à mansão, Julianna observou os enormes jardins decorados com flores. A ambos os lados havia mesas, com criados elegantemente vestidos com seus uniformes imaculados, colocados atrás de cada uma. No centro abundavam numerosas mesas redondas com toalhas de linho, vasos de cristal e bonitas flores que, sem dúvida, seriam para a hora do almoço. Os jardins dianteiros já estavam abarrotados de convidados, especialmente os do condado. A carruagem se dirigia à porta principal como as carruagens e carros que, certamente, pertenciam à nobreza ou aos convidados destacados, enquanto, os arrendatários e o resto dos convidados acessavam pela porta lateral do jardim principal. Julianna não compreendia esse trato excessivo, quase desmedido com ela, primeiro enviando uma carruagem e, depois, acessando pela porta principal da mansão.

Ao deter a carruagem, não pôde evitar conter a respiração. Começava a pensar que não deveria ter aceito o convite. Ela não se sentiria cômoda e, estava segura, sua inexperiência e desconforto se notariam em seguida. Em poucos segundos, um lacaio abriu a portinhola e lhe estendeu a mão para ajudá-la a descer e, depois dela, a Amelia. Julianna ficou observando com os olhos muito abertos aquela enorme escadaria e as pessoas que, diante dela, subiam até o vestíbulo principal. Todos estavam elegantemente vestidos, pertenciam à classe mais enriquecida e à nobreza, o que instintivamente pôs em guarda Julianna. Por que lhe tinham conduzido à entrada por onde acessavam os mais ilustres convidados?

— Senhorita, uma vez cruzem o vestíbulo, à direita, estarão os jardins de recreação e em uma das salas prévias se encontrarão suas senhorias recebendo a alguns dos convidados, e à esquerda ficam os jardins onde se celebrará o almoço e os posteriores jogos — disse o lacaio e fez uma formal reverencia.

— Muito obrigada.

Respondeu distraidamente, perguntando-se como iam retornar a casa. “Bom, não há tanta distância cruzando o bosque...”, disse-se enquanto o lacaio fazia um gesto ao chofer para que continuasse e deixasse o caminho

livre.

Julianna começou a subir a escadaria junto à Amelia ao mesmo tempo em que se dava conta de que alguns cavalheiros e as damas que os acompanhavam se viravam para olhá-la e que, posteriormente, diziam-se algo, o que fez com que se ruborizasse e se sentisse tremendamente incômoda e desconjurada. Era evidente que eram conscientes que não pertencia a esse lugar e estava ali como uma intrusa. Já no meio do vestíbulo se deteve uns instantes, decidindo se ia aos jardins da direita ou aos da esquerda, onde certamente se encontravam todos os arrendatários e suas famílias, assim como o resto dos convidados pertencentes ao povoado e seus arredores. Não demorou muito em virar em direção a estes últimos, ao chegar à zona onde as esposas dos arrendatários tinham já as mesas preparadas e os serventes da mansão repartiam refrescos aos presentes, Julianna observou com rubor como quase todos os presentes se viravam para observá-la sem nenhuma dissimulação e como muitas das mulheres assinalavam seu elegante vestido.

— Julianna.

Julianna instintivamente se virou ao ouvir a voz familiar de uma mulher que a chamava de uma prudente distância. Em seguida reconheceu à irmã Josephine, do Saint Joseph, e sentiu certo alívio de ver um rosto conhecido e familiar.

— Julianna, querida menina, está preciosa. Quase não te reconheço, está tão... elegante — assinalou, entreabrindo os olhos, analisando-a como se fosse um de seus órfãos.

— Irmã, muito obrigada. Não sabia que as irmãs do convento vinham a este evento. É uma muito grata surpresa — Bom, a condessa convida as crianças para que lanchem e se entretenham com os jogos, mas estamos acostumados a trazer só a alguns — explicou.

— Vá! É muito generoso por sua parte, desconhecia este fato — e, virando-se para Amelia, continuou —, Amelia não me havia dito nada... Tinha estado aqui antes, Amelia?

Amelia se ruborizou e inclinou a cabeça para olhar o chão.

— Eu? Não, não... É que...

A irmã Josephine interveio, cortando pela raiz qualquer balbuciar de Amelia de um modo um pouco rude: — Estamos acostumadas a nos inclinar por trazer só os meninos e, só em algumas ocasiões, trazemos algumas juvenzinhas, mas só às que parece provável encontrar... Bom, já sabem... Pretendentes.

Julianna abriu os olhos de repente e se limitou a olhá-la com reprovação. “Como se atreve? Considera que Amelia não é o suficientemente boa ou tentadora para um digno pretendente? É isso o que insinuou? E diante dela!”. Sentiu-se tão irritada que preferiu ir saudar os meninos que brincavam ao longe.

— Amelia, você gostaria que saudássemos os meninos? Certamente lhes agradará ver quão bonita está com seu vestido e seu encantador penteado.

Amelia se ruborizou, dando-se conta de que com esse comentário Julianna parecia defendê-la frente à irmã Josephine, e se limitou a assentir enquanto lhe sorria aliviada.

Começaram a caminhar em direção aos meninos e Julianna não pôde evitar agarrar a mão de Amelia e apertar-lhe em sinal de carinho e apoio. Esse era um gesto que conhecia muito bem, porque seu pai o estava acostumado a fazer quando era menina escutava algum comentário cruel ou doloroso de seus avós maternos ou de seus irmãos. Estava acostumada a provocar certa sensação de alívio, mas, além disso, de calor, e esperava que Amelia pudesse também o sentir.

— Nós vamos ficar muito tempo? — perguntou Amelia em um sussurro, envergonhada.

Julianna parou e a olhou, sabia perfeitamente como se sentia porque estava igual, afligida, com uma estranha sensação de desproteção e insegurança e, de solidão, rodeada de tantos estranhos que pareciam analisá-la e julgá-la.

— Não, querida, acredito que só ficaremos uns minutos. Podemos saudar os meninos e depois partimos, não acredito que ninguém note que partimos.

Julianna pensou que seria uma tremenda descortesia e, além disso, desejava realmente ver Cliff, mas se dava conta de que, no fundo, tinha mais desejo de sair dali que a própria Amelia. Olhou-a e suspirou: — Poderíamos retornar dando um passeio pelo bosque e ao chegar em casa preparar nossa própria festa da colheita.

Sorriu a Amelia assinalando o bosque. O rosto de Amelia relaxou e sorriu abertamente.

— Não se zangaria por retornar cedo? Está tão bonita que...

Julianna lhe sorriu e a interrompeu: — Olha-me com uns olhos muito generosos. Acredito que poderemos terminar nosso livro frente a uma boa xícara de chá, uns sanduíches e o bolo de amêndoas que preparou ontem...

Da sala situada entre os jardins e o vestíbulo o conde e a condessa, assim

como seus filhos e lady Adele, iam recebendo e saudando os convidados. Cliff parecia nervoso e ansioso e, em um par de ocasiões, teve que suportar o olhar jocoso de seu irmão. Depois de quase uma hora e meia desde que abrissem todas as portas e começasse o desfile de convidados, Cliff ficou paralisado observando o vestíbulo, quase sem fôlego e com os olhos abertos como nunca. Tinha escutado, durante breves segundos, alguns comentários atrás deles, uns inclusive de Liam Bedford, e ele e seu irmão se viraram para ver de quem estavam falando. “Quem é?, é muito elegante e que beleza!, Não deve ser do condado”. Eram alguns dos murmúrios e comentários que começavam a soar a seu redor. Ao levantar a vista, Cliff sentiu como lhe parava o coração, e seu irmão teve que lhe dar uma cotovelada para que retornasse ao mundo dos vivos.

— Começo a entender por que leva dias desaparecendo sem motivo... — disse Ethan ao ouvido e sorrindo depois —. Certamente, já não é uma menina pequena, valente e teimosa. — Soltou uma gargalhada de aprovação e brincadeira para seu irmão.

Cliff sorriu ante o comentário de seu irmão. Certamente, tinha razão.

Julianna estava ali mesmo, no meio do vestíbulo, como uma aparição etérea, magnífica e gloriosa. Com um vestido elegante, à última moda, como se usava entre as damas da classe mais alta de Londres e Paris. Marcava cada uma de suas curvas, realçando sua beleza de uma maneira extraordinária. Era assombrosa. Elegante, tímida, sem dúvida, era merecida a espera que, sem sabê-lo, estava criando. Todos os cavalheiros a olhavam com desejo e as damas com inveja, estava seguro. Sentiu-se orgulhoso, mas também ciumento e zangado pelos comentários dos homens. Lhe dava vontade de gritar “nem lhes ocorra olhá-la!”, mas Julianna estava feita para ser olhada e admirada, era uma mulher preciosa, deslumbrante.

Como um leão ante uma possível presa, Liam se colocou junto aos irmãos e lhes perguntou sem nenhum recato: — Bom, me digam, quem é? Não poderiam fazer as apresentações de rigor? — assinalou com pouco cavalheirismo e menos cortesia em direção a Julianna.

Os olhos de Cliff jogavam faíscas e teve que fechar fortemente os punhos de raiva, sem tempo para dizer nada graças à oportuna mediação de Ethan: — Bedford, deveria ter um pouco mais de tato, recorda que é um cavalheiro. Além disso, essa dama é amiga da família e nós não gostaríamos que se sentisse, sob nenhuma circunstância, incômoda nem intimidada por cavalheiros desejosos de companhia feminina.

Ethan lhe pôs uma mão no ombro, tentando que não soasse a ameaça, mas deixando claro as intenções de ambos os irmãos. Liam o olhou, mas não entendeu o gesto até que viu o olhar de Cliff e acrescentou: — Umm, entendo... a protegida...

Cliff fez a ameaça de lhe agarrar pela lapela, mas seu irmão lhe pôs discretamente a mão no peito, lhe lançando um olhar severo para que se contivesse, coisa que Cliff fez, mas somente por encontrar-se na casa de seu pai. Liam se afastou sorrindo, mas já nesse momento, uma voz em seu interior advertia Cliff que não era boa ideia deixá-lo sem vigilância e falando demais sobre o que ele acreditava era “aquela formosa mulher para o filho mais novo do conde”.

O conde e a condessa olhavam de soslaio a cena. Com um gesto suave, o conde se dirigiu a seu filho mais novo e lhe disse em um tom que só podiam escutar os dois irmãos: — Filho, vá fazer de anfitrião para nossa convidada e procure que se encontre confortável e... a salvo.

O conde arqueou as sobrancelhas em um gesto que ambos os irmãos reconheciam perfeitamente. Era uma ordem clara e terminante.

Cliff se inclinou e se dirigiu para o último lugar no qual tinha visto Julianna, mas pôde escutar a seu pai pedir em um tom igualmente autoritário a seu irmão que vigiasse a Liam Bedford que, para cúmulo, parecia estar um pouco bêbado.

Ao chegar ao terraço não custou muito divisá-la. Era, sem dúvida, facilmente reconhecível entre outros. Sorriu de maneira natural ao vê-la de longe. Observou como todos a seu redor a olhavam e como parecia que evitava olhá-los diretamente. Esse encantador acanhamento que a Cliff causava tanta ternura lhe abrandou de repente o coração e começou a caminhar para ela sem dar-se nem conta, como se seu corpo reagisse de maneira instintiva e procurasse sua companhia como um náufrago a costa.

Observou-a enquanto conversava com uma das irmãs do Saint Joseph e como parecia ligeiramente incômoda com o que dizia. Notou em seguida como se esticava seu corpo e olhava à irmã com reprovação.

Começou a caminhar para uma das zonas do jardim com a jovem que a acompanhava, mas observou a ternura com que lhe agarrava por uns segundos a mão. Reconhecia esse gesto protetor, tinha-o visto antes, mas não recordava onde nem a quem. Entretanto, produziu-lhe de novo essa sensação de ternura e calor que só ela parecia despertar.

Caminhava para ela devagar, deleitando-se ao observá-la. Era realmente a

mulher mais bela que já tinha visto e ainda lhe assombrava a imagem de si mesmo que ela tinha. Tantos anos escutando críticas de seus irmãos, de seus avós, das crianças da escola... “É incompreensível, sem dúvida, que não seja capaz de ver-se como é em realidade”, meditava sem deixar de estudar cada um de seus suaves gestos. Movia-se com simplicidade, como se quisesse passar nas pontas dos pés, mas irradiava tal força que era impossível não a olhar e, certamente, todos os ali presente o faziam. Estava preciosa, tão elegante, tão sensual, tão mulher. Quando a alcançou, teve que conter-se para não a tocar, mas se limitou a saudá-la cortesmente.

— É um prazer voltar a vê-la, senhorita McBeth. Alegra-me que aceitasse meu convite.

Julianna se virou ao lhe escutar, com um gesto trêmulo que fez Cliff sentir certa satisfação pensando que essa reação natural, era instintiva, de um modo similar ao que provocava nele. Inclinou-se enquanto ela respondia: — O prazer é meu, milord, e tenho que agradecer não só seu amável convite, a não ser a generosidade de sua família ao enviar uma carruagem para nos buscar; foi...

Julianna notou como se ruborizava, e quase lhe custava falar com ele a tão pouca distância olhando-a fixamente. Ficou, de repente, com a mente em branco e não pôde acabar a frase. Resultava-lhe difícil concentrar-se. Mal notava que estavam em meio de um enorme jardim e que estavam rodeados de gente.

Cliff sorriu como se tivesse notado o nervosismo que sua proximidade lhe provocava, ou era porque parecia atordoada? Julianna começou a sentir-se mortificada por sua total estupidez social.

— Por favor, considere que foi um meio de me assegurar de contar com sua presença, já que, a última vez que falamos, não obtive que de seus lábios saísse uma aceitação terminante.

Julianna não pôde evitar rir suavemente pela malícia, mas também pela picardia, com a qual lhe falava, e, além disso, notava uma incrível sensação de euforia, já que parecia estar paquerando com ela com verdadeira mestria. Durante uns segundos lhe sustentou o olhar, realmente era o homem mais bonito que já tinha visto. Agora, tão perto e com os raios de sol iluminando claramente seu rosto, podia distinguir ainda melhor esses perfeitos traços que pareciam cinzelados pelo melhor dos artistas clássicos e esses olhos verdes de um brilho indescritível que faziam com que sua pele ardesse e vibrasse. Teve que obrigar-se a desviar o olhar, já que começava a sentir como o mundo a

seu redor desaparecia. Deste modo comprovou que Amelia estava pálida e que parecia que ia desmaiar. Esticou-se de repente.

— Amelia? Amelia? — Julianna segurou com suavidade o braço de Amelia enquanto lhe olhava com verdadeira preocupação —. Está sentido algo?

Nesse instante Cliff segurou com um gesto quase paternal a Amelia e, entre os dois, levaram-na a uma região do terraço onde umas árvores proporcionavam uma sombra natural e onde parecia correr uma suave brisa. Amelia olhava as trêmulas mãos apoiadas em seu colo.

— Lamento-o... Acredito que estou um pouco...

— Não se preocupe, Amelia, ficarei a seu lado o tempo que seja necessário e acompanharei a casa. Esta noite te encontrará melhor. Foram uns dias de muitas emoções...

Julianna parecia não só tentar tranquilizá-la a não ser, além disso, desculpá-la diante de Cliff. Não queria que Amelia se envergonhasse nem que sentisse que tinha cometido algum erro. Em seguida teve frente a elas a um dos serventes, que lhes trazia um copo com água e uma delicada toalha de linho úmida. Sem dúvida, Cliff fez algum gesto aos serventes sem que se desse conta. Enquanto Julianna lhe punha o pano na nuca e lhe dava o copo para que bebesse, Cliff disse, com uma calma e suavidade que resultavam irresistíveis, mas que ao mesmo tempo continham uma clara e terminante ordem: — Não se preocupem, senhoritas, acompanharão a Amelia a sua casa. Assegurarão de que chegue sã e salva e de que receba a atenção que necessita, a não ser que prefira que a acompanhem e acomodemos em alguma das acomodações para que se deite e descanse antes.

Julianna o olhava assombrada.

— Milord, é muito amável e, ainda a risco de abusar de sua hospitalidade, estaríamos eternamente agradecidas se pudessem nos aproximar de casa, onde me ocuparei de que Amelia possa descansar devidamente.

Cliff a olhou e a Julianna pareceu lhe ver certo reflexo de recriminação nos olhos, como se acabasse de lhe dar uma bofetada. “Agora que te tenho aqui, não pode partir sem mais”, pensou Cliff sentindo-se o ser mais egoísta do mundo, mas com plena consciência de que não podia perder a oportunidade de desfrutar de um pouco mais da companhia de Julianna.

— Não é um abuso absolutamente, me permita que dela nos ocupemos, mas... — Se inclinou para Julianna e, com os lábios lhe roçando a orelha e com seu quente fôlego acariciando-a quase como se estivessem os dois sós na

intimidade, sussurrou-lhe para que só ela o ouvisse —: Seriamente será tão cruel de partir tão depressa e me privar do prazer de sua companhia? Recorde que tem que pagar uma dívida...

Julianna abriu muito os olhos enquanto o coração lhe dava um tombo e em um sussurro conseguiu dizer: — Dívida?

Cliff se afastou um pouco, colocando-se a uma prudente distância e, com um tom que de novo reconhecia sensual e provocador, respondeu: — Me indicar onde se encontram os melhores bolos do condado.

Sorriu, fazendo com que, de novo, o coração de Julianna saltasse de maneira descontrolada. Não pôde mais que exaltar um pouco de ar e abrir os lábios com intenção de dizer algo, mas deles não saía palavra alguma. De novo seu corpo ganhava a batalha.

Quase sem dar-se conta, duas donzelas que levavam Amelia para acompanhá-la em casa em uma carruagem enquanto Cliff lhe assegurava que estaria bem. Além disso, Julianna viu com absoluta claridade o alívio no rosto de Amelia e mal pôde dizer nada, apesar de suas tentativas e protestos para acompanhá-la. Não se sentia cômoda deixando que uns estranhos a acompanhassem, mas ela parecia tão ansiosa de sair dali que, também, insistiu em que a deixasse partir. Julianna lhe prometeu não permanecer muito tempo e voltar logo para acompanhá-la. De novo, observou o gesto severo de Cliff ao escutar esta promessa.

Uma vez que partiu, Cliff olhou por cima do ombro de Julianna em direção a um grupo de pessoas, e lhe perguntou se não se importaria acompanhá-lo para onde tinha dirigido seu olhar. Sem tempo de responder, Cliff já a tinha feito virar-se com um movimento que a Julianna pareceu inapreciável e se encontravam caminhando para ali. Ao chegar, Cliff parou frente a um elegante casal.

— Irmão, lady Adele, permitam que vos apresente à senhorita McBeth.

Julianna se inclinou e fez uma leve reverência ao mesmo tempo em que eles. Estava assombrada de não haver ficado petrificada, porque lhe estava apresentando ao herdeiro do condado, a seu irmão, e a sua prometida, a futura condessa de Worken.

— Milord, é uma honra conhecê-lo. Milady.

Ethan de Worken era tão atraente e tinha uma presença tão imponente como seu irmão e o conde, mas a Julianna resultou imediatamente encantador, familiar e próximo com seu agradável sorriso e, pelo modo carinhoso com o qual parecia dirigir-se a sua prometida. Uma jovem, dama

elegante, com uma bonita figura e um rosto doce e de traços suaves.

— Senhorita McBeth, é um prazer conhecê-la e que nos acompanhe neste dia. Espero se sinta como em sua casa.

Sim, lorde de Worken sem dúvida lhe agradava. Era um homem arrumado e atraente, com um trato amável e cordial que a fez sentir cômoda imediatamente, embora observava como lançava olhadas furtivas a seu irmão. Durante uns minutos esteve conversando com lady Adele, tão agradável e próxima como seu prometido. Perguntou-lhe pelo condado, mostrou-se carinhosa ao lamentar a perda do pai de Julianna, ao inteirar-se de seu recente falecimento quando lorde de Worken lhe deu os pêsames pelo mesmo, elogiando sua lembrança como o de um homem cabal, honrado e trabalhador. Fez com que Julianna sentisse um tremendo orgulho. “Realmente formam um casal encantador”, pensou Julianna quando se afastavam depois de desculpar-se, já que tinham requerido sua presença outros convidados.

Ainda não tinha saído de seu assombro por ter sido apresentada por Cliff a seu irmão mais velho, quando uma elegante figura feminina apareceu frente a eles. Julianna a reconheceu imediatamente: a condessa de Worken, a mãe de Cliff, que a curta distância era ainda mais bela e magnética. Julianna a tinha visto em contadas ocasiões pelo povoado durante esses anos, e a única lembrança real era da noite do acidente, e sua imagem dela era a que tinha captado uma menina assustada, nervosa e sem capacidade alguma para fixar-se nos pequenos detalhes, por isso não era muito precisa.

— Querido. — Olhava diretamente a Cliff —. Permita-me te roubar à senhorita McBeth uns minutos enquanto acompanha a seu irmão e seu pai a receber ao almirante Radcrew e seu filho? Não se preocupe, acompanharei a nossa convidada...

Cliff lhe lançou um olhar que Julianna não pôde decifrar.

— É obvio, mãe. — virou-se para olhar Julianna —. Me desculpe, tenho que receber pessoalmente ao almirante, pois foi meu superior durante os últimos anos e meu pai contará com que lhe acompanhe para recebê-lo devidamente. — Fez uma leve reverencia e partiu.

De repente, Julianna sentiu certa estranha solidão. A condessa a olhava como se a analisasse detalhadamente. Julianna começou a sentir-se incômoda e insignificante ante aquela muito elegante e bela dama acostumada aos salões, bailes e reuniões da mais alta sociedade. Sem mais, lhe pôs a mão no braço e começou a guiá-la para a região dos jardins, onde estava reunida a maioria dos aristocratas e fazendeiros.

— Querida, permita-me que faça as oportunas apresentações de alguns de nossos convidados.

Julianna se limitou a desenhar um leve sorriso. Pareceu-lhe estar fora de seu corpo nesse momento, como se observasse aquela cena de longe já que, durante o que lhe pareceu uma eternidade, a condessa foi guiando-a através de distintos grupos, lhe apresentando vários cavalheiros e fazendo-o de um modo incompreensível e cuja intenção não conseguia entender, já que utilizava em todas as apresentações a expressão “amiga da família”. Lorde Westing, lady Laurent, a condessa de Plymouth, e uma infinidade de nomes e caras que nunca recordaria. Começava a sentir-se enjoada, afligida, necessitava urgentemente sair dali. Quase como se lhe tivesse lido o pensamento, Cliff apareceu junto a ela e junto à condessa com um gesto severo e tenso, justo quando esta parecia querer guiá-la para outro dos inumeráveis grupos, e assinalou com voz e rosto sérios: — Mãe, permita-me que leve a senhorita McBeth ao salão azul? Papai deseja conhecê-la e acredito que já lhe apresentastes bastante em sociedade, não acha?

Ao dizer isto baixou o volume de sua voz, mas empregou um tom que, sem dúvida, era mais uma recriminação que um mero comentário. A condessa olhou seu filho com o rosto igualmente severo, como se repreendesse também a ele por sua atitude ou pelo que acabava de fazer. Julianna se sentiu tão desconjurada e tão cansada que não sabia o que fazer.

— É obvio, querido. Estou segura de que o conde pensará, igual a mim, que a senhorita McBeth é encantadora. — virou-se para ela e acrescentou —: Senhorita. McBeth, espero que nos vejamos mais tarde.

Julianna fez uma leve reverência, mas de novo ficou muda. A condessa a intimidava, mais que por seu trato ou por seu status, mas pela sensação de que tinha alguma intenção que Julianna não conseguia vislumbrar, e isso a fazia se sentir tremendamente incômoda. Com um gesto tão suave como antes, Cliff a virou e a dirigiu para um dos terraços de acesso à mansão. Quase quando estavam na porta lhes parou um cavalheiro, e Julianna notou como Cliff se esticava e mudava sua expressão.

— Cliff, amigo.

Embora se dirigisse a Cliff, olhava diretamente para Julianna com uns olhos que lhe pareceram lascivos e sibilinos, fazendo com que lhe percorresse um calafrio nas costas e lhe tremessem um pouco os ombros. Acreditou que Cliff o percebeu, porque a olhou de soslaio, mas sem deixar de manter seu olhar fixo nesse cavalheiro. Com um tom severo e cortante se limitou a dizer:

— Liam...

O cavalheiro sorriu de um modo que a Julianna resultou desagradável e assinalou: — Permita me apresentar, sou lorde Liam Bedford, filho do marquês de Bress.

Fez uma pequena reverência ante a Julianna, mas esta ficou quieta como uma estátua e foi Cliff que tomou as rédeas da situação.

— Senhorita McBeth, desculpe minha descortesia. Lorde Bedford é irmão de um companheiro de estudos de meu irmão Ethan e se aloja conosco estes dias. Bedford, esta é a senhorita McBeth, uma amiga da família que o conde está, neste momento, esperando, por isso rogo que nos desculpe.

Com um leve movimento, pondo a mão no cotovelo de Julianna, dirigiu-a de novo para as portas sem esperar resposta enquanto o outro cavalheiro, com o cenho franzido e fazendo uma reverência incômoda e excessivamente formal, acrescentou: — É obvio, não façam esperar a sua senhoria.

Julianna estava assombrada pelo que acabava de acontecer, não só nesses breves segundos, a não ser em todo o tempo que permaneceu junto à condessa. Assim que cruzaram as portas e entraram em uma sala de acesso ao vestíbulo principal, teve que parar para tomar ar. Sem olhar para Cliff, que parou ao fazê-lo, e antes que lhe perguntasse algo ou a levasse a qualquer outro lugar, Julianna disse com a voz trêmula, mas com certa segurança em suas palavras: — Desculpe-me, milord, mas... necessito uns segundos. Acredito que...

Antes de terminar, Cliff lhe aproximou um pouco, embora sem chegar a tocá-la, e a interrompeu: — Está um pouco desconcertada, entendo-o...

Seu tom foi quase paternalista e condescendente o que, sem entender por que, a fez zangar-se. Elevou os olhos e o olhou fixamente e, ainda com a voz um pouco trêmula, acrescentou: — Não queria ofender a seu pai, mas acredito que antes que me leve ante ele precisaria tomar um pouco de ar. Não sei exatamente o que ocorreu na última hora... foi tão estranho. Hei-me sentido...

Julianna de repente se calou e se ruborizou, deu-se imediata conta do que estava dizendo, mas, sem sabê-lo, aquelas coisas começavam a sair de sua boca. Cliff tinha efeitos incompreensíveis nela, não só alterava seu corpo, como fazia com que fosse brutalmente sincera sem querer. Cliff a olhava com ternura.

— Demos um passeio pelo jardim. Dentro de pouco será a hora do almoço, os jardins se encherão com todos os convidados e será mais difícil

passar sem tropeçar com alguém.

Julianna se limitou a negar suavemente com a cabeça: precisava tomar um pouco de ar, mas o que necessitava acima de qualquer outra coisa era estar uns minutos a sós. Estava muito afligida, extenuada de ter a tanta gente ao redor e tantos olhos olhando-a.

— Milord, incomodaria—lhe se eu saísse um momento sozinha para tomar ar por aquela região que parece tranquila? Só uns minutos, por favor.

Sua voz soava suplicante, o que incomodou em excesso a Julianna. “por que te mostra tão fraca ante ele? O que te ocorre?”, mortificava-se e se repreendia ao mesmo tempo.

A Cliff incomodava o trato tão formal que levava lhe outorgando toda a tarde. Cada vez que escutava “milord”, sentia como se ela com a mão o apartasse para tomar distância. Entretanto, agora, vendo-a frente a ele, nesse preciso momento, compreendeu que, certamente, Julianna acabava de enfrentar a um dos piores temores que desde pequena tinha tido, ser analisada e julgada com todo detalhe por estranhos. Por isso, tentando ser o mais amável possível, disse: — Me desculpe, fui descortês ignorando seus desejos. Por favor, vá dar um passeio tranquila e, se o permitir, poderia me reunir contigo um pouco mais tarde, possivelmente no almoço?

Agora lhe deixaria espaço e permitiria que fosse ela que lhe deixasse estar ao seu lado o resto da tarde.

— Obrigada.

Julianna não acrescentou mais nada antes de sair ao jardim, o que provocou certo desconcerto em Cliff, já que, como no dia no bosque, Julianna não aceitou sua proposta sem mais, mas sim o deixou sem conhecer quais eram suas intenções e seus desejos. Certamente, era a primeira mulher que o fazia. Jamais tinha tido que esperar a resposta de nenhuma mulher, mas Julianna não parecia disposta a acatar como as demais mulheres, ela não era como as demais.

Cliff a observou sair, desfrutando do simples prazer de ver o sol refletir-se em seu cabelo e desenhar a sombra de sua figura no chão, perfilando um formoso perfil feminino nas rosetas de mármore. Em seguida compreendeu que tinha que procurar a sua mãe, levá-la a uma sala e lhe pedir que, imediatamente, retrocedesse no objetivo que se impôs. Estava-se excedendo e, por como acabava de ver, Julianna não suportaria outra hora como a que acabava de passar. Dirigiu-se imperioso em busca de sua mãe, amaldiçoando-se por ter estado tanto tempo com o almirante e conversando com seu filho.

Além disso, esperava que Julianna não se desse conta das intenções de sua mãe, embora começava a acreditar que ela já estivesse começando a suspeitar. Ao chegar junto a sua mãe lhe pediu, sem que ninguém o ouvisse, poder falar com ela em privado, separaram-se do resto dos convidados e entraram em uma dos salões vazios.

CAPÍTULO 07

Julianna levava muito tempo sentindo-se realmente incômoda. Precisava sair dali sentir-se a salvo longe dessa gente, dos olhares, dos comentários de desconhecidos. Saiu ao jardim, mas, temendo encontrar-se com alguém, entrou em um dos terraços da cara da mansão que dava ao bosque que era a área mais tranquila. Viu que as grandes janelas estavam abertas e, sem pensar duas vezes, entrou procurando uma sala vazia em que pudesse descansar sozinha, sem o ruído dos outros convidados, para encontrar, de novo, um pouco de equilíbrio e serenidade. Ao entrar a invadiu uma estranha sensação de paz, de calma. Olhou a seu redor: devia estar em uma das bibliotecas, já que estava rodeada de livros que cobriam todas as paredes. Estavam colocados em umas bonitas estantes de madeira antigas finamente esculpidas, que chegavam até os altos tetos daquela magnífica sala. Por uns minutos se deixou envolver por eles e pelo silêncio da sala. Sabia que encontrando-se só rodeada de livros, coisa que desde sua infância lhe tinha dado paz, voltaria a encontrar o que necessitava: recuperar a coragem para ver-se, de novo, rodeada de gente, embora só o tempo necessário para partir para sua casa o antes possível. Ficou em silêncio uns minutos com os olhos fechados, imaginando-se lendo qualquer um desses volumes, sentada frente a aquela enorme chaminé, sem que ninguém a observasse nem julgasse.

Em poucos minutos, escutou passos em uma das salas contíguas. A porta não estava fechada, por isso teve o impulso de sair dali para não espiar nem resultar indiscreta. Estando já quase na porta que dava ao terraço, escutou seu nome mencionado pela voz de uma mulher e, continuando, também pela de um homem. Essa voz era de Cliff de Worken. Quase imediatamente se encontrou na soleira da porta que unia ambas as salas. Eram a condessa e seu filho falando sobre ela. Ficou ali imóvel e longe da vista de ambos, e nenhum pareceu notar sua presença.

— Mãe, equivoca-se. Não a olho do modo que você diz. Julianna só é a menina que me salvou quando eu era mais jovem e, por isso, sinto-me na obrigação de protegê-la.

Julianna sentiu uma enorme pontada no coração. “A menina que me salvou? Obrigado a protegê-la?”. Sentiu-se sobressaltada, triste e

envergonhada. Ele tinha sabido desde o começo quem era. Sentiu uma dolorosa e crua pontada de vergonha e de profunda desilusão, como se alguém estivesse arrancando um pedacinho de seu coração.

— Cliff! “Julianna”? Por favor, “senhorita McBeth”! Não se esqueça quem é. — Sua mãe soltou aquela advertência que cruzou o coração de Julianna quase como se lhe tivesse jogado uma adaga —. Todos nós estamos agradecidos por salvar sua vida e teremos com ela uma dívida que dificilmente poderemos pagar, mas sabe que o melhor para ela é que consigamos que um dos cavalheiros da festa se fixe nela e se case. Que deixe de estar sozinha e desprotegida. Não pode te encarregar dela, e menos olhá-la como a uma mulher. Não pode te deixar levar nem a converter em uma de suas amantes porque — a condessa olhou fixamente para seu filho — assumo que não pensaste no matrimônio...

Cliff se sobressaltou.

— Não, mãe, não pensei no matrimônio nem com a senhorita McBeth nem com nenhuma outra mulher. — Sem mais nada para responder Cliff sentiu uma dor no coração, seriamente não pensou como seria casar-se com Julianna? —. De qualquer modo, acredito que tenho que velar por seu futuro, para que esteja a salvo. Lhe devo isso e o de casá-la foi ideia sua, não o esqueça, mãe.

Enfurecia—lhe imaginar Julianna nos braços de outro, que ela beijasse a outro homem como a ele no bosque.

A Julianna pareceu que a sala começava a dar voltas. Tinham-na convidado para lhe encontrar marido? Por que a beijou então no bosque? O que tinha estado fazendo com ela? Brincar? Tentar conhecê-la para lhe encontrar um marido mais adequado ou de acordo com sua situação? Começou a notar como lhe faltava ar. Precisava sair dali correndo. Caminhou o mais depressa que pôde para chegar às portas de acesso ao terraço, mas alguém a agarrou por trás e a obrigou a virar-se. Era Liam Bedford, o amigo de lorde de Worken. Emprestava a álcool e estava ébrio, disso não cabia dúvida.

— Mas se não é a encantadora senhorita McBeth... — a olhava de um modo que a fez estremecer, sujo, pernicioso —. O que está fazendo aqui sozinha? Me permita acompanhá-la.

Julianna tentou soltar seu braço, mas a tinha fortemente segura.

— Milord... Por favor, me solte. Ia de retorno aos jardins para procurar algo de comer e, além disso, minha companhia deve estar me procurando.

Ele começou a rir de um modo grosseiro, o que fez com que um calafrio percorresse todo o corpo de Julianna.

— Sua companhia? A quem se refere? Vejamos... Se refere a Cliff? Haha... Que tipo tão inteligente! Devo elogiar seu bom gosto com as mulheres. Tem talento para encontrar a beleza em qualquer lugar, isso é inegável.

Se aproximava perigosamente, arqueava seu corpo para o dela, colando-se cada vez mais. Julianna começava a tremer, aquele homem tão grande e que cada vez a segurava com mais força lhe machucando, começava-a a empurrá-la contra a parede.

— Me solte, por favor, está me machucando. — Levantou um pouco a voz, tentando resultar cortante.

— Não, querida, não é te machucar o que quero fazer contigo.

Olhava-a como se estivesse devorando-a. Começava a sentir pânico. Tinha que sair dali.

— Vamos, passarinho, por que não me dá um pouco do que dá a meu amigo? Todos nesta festa sabem que vive em sua casa do bosque. Um ninho de amor?

Ela abriu os olhos bruscamente, inclusive notou como lhe dilataram as pupilas, tanto que logo derramaria lágrimas sem remédio.

— Está se equivocando, me solte! — gritou.

Julianna sabia que estava em um grave apuro. Tentou escapar dele, mas a agarrou apertando muito suas mãos. Notou uma forte dor em uma delas. A tinha partido, ou isso lhe pareceu. Quis gritar, mas ele a empurrou contra a parede, deixando-a uns segundos sem ar pela força do golpe, e depois pôs a boca sobre a sua. Julianna começou a revolver-se violentamente, tentando escapar, e conseguiu que deixasse de beijá-la.

— Me solte! Está me machucando! Me solte! — gritava revolvendo-se. Conseguiu que lhe soltasse um dos braços, mas a agarrou pelo pescoço apertando cada vez mais.

— Deixe de gritar e seja uma boa menina.

Notou uma maior pressão em sua garganta e como a afogava, lhe cortando mais e mais o ar. Sentiu algo frio na pele de seu pescoço. Algo lhe estava cravando na pele e lhe fazendo um corte que sentia profundo e doloroso. Julianna acreditou que era um anel. Notava, além disso, da dor da pressão e de uma ferida, um pequeno fio de sangue correr por seu pescoço, e como a sala começava a perder claridade. Com a mão que lhe tinha deixado

livre, mediu os objetos de seu redor, apalpou uma espécie de vaso ou algo grande de porcelana, agarrou-o forte e o golpeou com todas suas forças na cabeça.

— Me deixe! Hei-lhe dito que me solte!

Nesse momento viu como se desabava ante ela ao mesmo tempo em que apareciam em seu campo de visão, ligeiramente nebulosos, Cliff e a condessa.

Viu a cara de horror no rosto de Cliff, e à condessa que tampava a boca com as mãos.

— Julianna! — gritou Cliff, parecia que ia se lançar correndo para segurá-la —. Está... está bem? O que lhe fez?

Conforme se aproximava dela, Cliff ia sentindo verdadeiro pânico. Estava pálida, tremendo de maneira mais que visível, com os olhos a ponto de começar a chorar. Tinha os braços avermelhados de ter lutado e um corte no pescoço que sangrava mais do que o aconselhável.

— Julianna... — a chamou.

Julianna olhou fixamente para Cliff. Estava envergonhada e ainda assustada, além de zangada pelo ocorrido. Mas, estava furiosa com esse homem e sua família por colocá-la naquela situação. Compreendeu-o tudo de repente, com absoluta clareza. Durante toda a manhã tinha estado sentindo-se incômoda pelos olhares das mulheres, mas, pelos olhares um pouco possessivos dos homens, e agora entendia por que. Acreditavam que ela era a amante do filho do conde, e os que não o pensavam acreditavam que andava à caça de marido, e a condessa se dedicava a exibi-la frente a seus olhos com tão claro propósito.

— Não se aproxime de mim — disse asperamente, quase como se pretendesse que sua voz soasse como uma lança dirigida o Cliff —. Acredito, milord, que você e sua família já fizeram o bastante por mim.

Aquilo fez com que Cliff parasse em seco. Seus olhos se abriram de repente. Os olhos de Julianna brilhavam de medo, mas especialmente de ira, estava tão zangada que Cliff sentiu como se um profundo ódio lhe atravessasse o corpo como um disparo.

Julianna notava como as lágrimas começavam a rodar por suas bochechas. Não queria chorar, mas não podia controlá-las. Eram de medo? Vergonha? Raiva? Seguiu olhando fixamente para Cliff. Não podia deixar de olhá-lo nos olhos. Sabia que tinha que resolver aquilo. Sabia que devia acabar com isso, por muito que lhe doesse, e mesmo que seu coração parecia rachar-

se igual a seu corpo. Ao longe viu de canto como chegava o conde e se colocava junto a sua esposa. Olhando em todo momento a Cliff, começou a dizer com uma voz trêmula, que denotava sua irritação, seu profundo mal-estar: — Conde de Worken, condessa, acabo de compreender que durante estes anos suas senhorias acreditaram ter uma dívida comigo, e assumo que o que meu irmão comentou comigo faz apenas umas horas era certo. A proposta que fizeram a meu pai e a reação deste. Além disso, acabo de saber que a casa que ocupo é de sua propriedade. Pois bem, quero que isto fique claro a partir de agora e para sempre. Espero que não tomem por uma grosseira. Embora, dadas às circunstâncias, imagino que não se ofenderão se disser que, agora mesmo, importa-me muito pouco o que alguém opine de mim, especialmente dados os comentários dos quais, pelo visto, fui objeto toda a manhã.

Cliff a olhava envergonhado e doído, imaginando a dor, sofrimento e a vergonha que lhe tinham provocado, apesar de que suas intenções tivessem sido bem distintas.

— Abandonarei, imediatamente, a casa do bosque, e quero que considerem saldada a dívida que acreditam ter comigo. Não quero que volte a me considerar, em modo algum, responsabilidade sua ou de sua família. Porque não o sou. Pela minha parte, não acredito que tenham dívida alguma comigo, nunca o acreditei, e quero que, de agora em diante, todos os membros da família de Worken o achem também. E mais, espero e desejo que se mantenham afastados de minha pessoa tudo o que seja possível. Não é dever seu me buscar marido, se é que quisesse tê-lo. Não lhes pedi nada, não quero nada, nem espero nada de suas senhorias e nem de nenhum de seus familiares. — Voltou a olhar fixamente ao Cliff —. De nenhum.

Esta última advertência, aquele olhar de ira nos olhos de Julianna, seu rosto coberto pelas lágrimas e a dor fizeram com que Cliff sentisse as pernas tremerem.

— Você, milord, não tem obrigação alguma comigo e, menos ainda, responsabilidade alguma de me proteger. Não volte a aproximar-se de mim. O repito, milord, não está em dívida comigo nem com minha família. Nunca o estive. Não nos deve nada e, portanto, não tem motivo algum para aproximar-se de novo de mim... nunca mais.

“Não quer que me aproxime dela, não quer que a veja”. Cliff se sentiu morrer.

— Julianna... Senhorita Macbeth... Está ferida, terá que curar...

Cliff tentou de novo aproximar-se dela, estava... Tinha que ajudá-la. Mas, antes que desse um passo, Julianna se virou em direção à porta e se despediu sem olhá-los. Esteve a ponto de tornar a correr atrás dela. Não podia deixar que se fosse e menos assim. Precisava abraçá-la, voltar a senti-la perto e que ela se sentisse como no bosque entre seus braços, protegida e a salvo de tudo..., Mas justo quando ia fazê-lo, escutou de trás: — Cliff.

A voz de sua mãe soou firme.

— Tenho que ir ajudá-la mãe.

A voz de Cliff soava suplicante, como um rogo, esperando a aprovação de sua mãe, uma que lhe desse a força e o impulso necessário para sair em sua busca.

— Não a escutaste, filho? Quer que a deixemos. Devemos respeitar seus desejos, ao menos, isso lhe devemos. Está claro que nos conduzimos de uma maneira errônea em todo este assunto e é ela a que está pagando as consequências. Acredito... Acredito que, pelo menos, devemos respeitar seus desejos. Agora precisa estar sozinha. Necessita tranquilidade.

A condessa se sentia mortificada, como tinham caído na soberba de decidir sobre o futuro de Julianna sem nem sequer contar com seus desejos? Compreendeu de repente, como a moça devia se sentir e o mal que lhe tinham causado com suas boas intenções. E, para cúmulo, acabavam-na de atacar por culpa dos atos de sua própria família.

Cliff se virou bruscamente e se dirigiu com violência para Liam Bedford, que começava a incorporar-se nesse momento.

— Covarde! Canalha! Vou te matar!

Cliff lhe deu um par de murros na cara e este cambaleou, por trás o agarraram o conde e seu irmão, que tinha presenciado a última parte da cena, e afastaram Cliff desse homem como puderam.

— Irmão, por favor, não merece a pena. Está bêbado — dizia Ethan, tentando tranquilizá-lo e segurando-o com força, pois Cliff ia matar se lhe soltassem.

— Ethan, leve seu irmão antes que o mate... — ordenou o conde ao mais velho de seus filhos e, virando-se com fúria, disse a Liam —: Você, senhor, já não é bem-vindo nesta casa. Espero não voltar a cruzar com você em nenhum lugar, mas, se o fizermos, será melhor que se afaste porque senão, o que meu filho queria lhe fazer não será nada em comparação com o que lhe faça eu mesmo.

Assinalou à porta e Liam Bedford saiu cambaleando como pôde. O conde

apertou seus punhos e, com expressão severa, olhou a sua esposa, sabendo que ela se sentia igual a ele, envergonhada e culpada. Não só não tinham protegido Julianna em sua própria casa, como eram eles os que a tinham posto em perigo. Aquela moça seguia sendo a menina valente, orgulhosa, generosa e honrada que salvou a vida de seu filho. Era, sem dúvida, digna filha de seu pai. Sentiu-se tão envergonhado e mortificado que pensou que, agora, não só lhe deviam a vida de seu filho a não ser, além disso, uma reparação pelo que lhe acabavam de fazer. A senhorita. McBeth jamais aceitaria pagamento ou recompensa alguma pela vida de seu filho, era muito generosa e honrada para isso, e tampouco aceitaria compensação alguma pelo dano causado, nem seu orgulho nem sua louvável dignidade o permitiriam. Mesmo assim, o conde se prometeu encontrar alguma maneira... Tinha que fazê-lo, aquilo era agora uma questão que ia mais à frente da honra. Era uma questão de decência.

Cliff entrou na biblioteca, pegou uma das garrafas de conhaque e a lançou com fúria contra a parede.

— Estava ferida, Ethan, ferida! Esse covarde a atacou e ela se defendeu sozinha. Não a protegi nem sequer na casa de nosso pai. — Começava a tremer de ira, mas também de dor —. Nós provocamos isto. Eu provoqueei isto! E, agora, odeia-nos... Ela me odeia...

Conforme saíam essas palavras de sua boca, Cliff compreendeu que não podia viver sabendo que ela o odiava, qualquer um menos ela. Julianna não queria voltar a vê-lo. De repente todo seu mundo cambaleava.

— Cliff. — Seu irmão se aproximou e lhe pôs a mão no ombro, tentando que se tranquilizasse —. Acredito que você e eu vamos ter por fim uma conversa de irmão para irmão que deveríamos ter tido antes.

Cliff se virou para olhá-lo, não entendia a que se referia Ethan. Enquanto se dirigia ao móvel das bebidas lhe lançou um olhar para que se mantivesse quieto em uma das poltronas.

— Verá, irmão. Durante anos, você e eu desfrutamos abertamente dos encantos e dos cuidados de muitas damas, mas nós dois sabíamos que não tínhamos nos apaixonado por nenhuma delas. Inclusive, confesso-te, eu acreditei que em meu caso se devia a que estava convencido de que, ao ser minha obrigação obter um bom matrimônio, o amor ou o me apaixonar não era algo que devesse me preocupar. — Tirou o plugue de uma das garrafas de cristal do móvel de bebidas e começou a servir duas taças enquanto Cliff lhe olhava atônito, esse era seu irmão mais velho? Que lhe animava a fazer as

maiores loucuras? Quando tinha amadurecido? —. O certo é que agora posso, felizmente, dizer que estou apaixonado e que, por sorte, minha apaixonada é minha prometida. Não obstante, tenho que reconhecer que houve momentos ao princípio de nosso compromisso nos quais duvidava de que isso fosse possível, sobre tudo porque me negava a admitir que meus sentimentos e desejos fossem algo distinto do dever ou inclusive do carinho que se supunha devia sentir pela que ia converter-se em minha esposa. Mas agora compreendo que a amo e que não posso imaginar viver sem ela, e menos ainda que alguém pudesse lhe fazer mal.

Cliff o olhava atônito. Ethan lhe entregou sua taça e ambos beberam um sorvo. Desconcertado, Cliff perguntou: — Por que me conta isso agora?

— Pois, verás. Seu caso é diferente, mas, também parecido... Papai se deu conta faz uns dias de algo que eu soube há dez anos. Você ama Julianna.

Cliff o olhou com os olhos muito abertos. Ficou um momento gelado, mas em seguida protestou: — Ethan, faz dez anos Julianna era uma menina pequena. Sentir carinho por uma menina pequena não é o mesmo que amá-la e, menos ainda, que estar apaixonado.

Ethan sorriu com certa condescendência como se esperasse essa reação.

— Não estou te dizendo que faz dez anos te apaixonasse por aquela pequena, mas sim por então começou a amá-la e que seu coração, de algum jeito, obrigou-te a esperá-la, como se soubesse que era uma parte de ti mesmo que cedo ou tarde teria que recuperar. Embora, mais que recuperar, seria mais correto dizer reclamar, pois duvido que nunca tenha deixado de estar dentro de seu coração.

Cliff estava atônito, não sabia o que dizer embora, conforme seu irmão falava, seu coração parecia assentir, como se fosse ordenando cada um dos desejos, sentimentos e desejos que estavam deixando-o louco desde fazia tanto tempo.

— Passou-te uma semana espiando Julianna, quando te recuperou de sua queda, e cada vez que voltava para casa tinha mais luz e claridade nos olhos. Tinha um olhar cada vez mais limpo, mais sincero, e embora, por então, não conseguia compreender tudo o que agora sim consigo entender porque estou apaixonado, profundamente apaixonado, irmão, conheço-te melhor que ninguém, e já então ela provocou em ti uma mudança que te converteu de repente em um homem. Dizia que sentia uma necessidade de protegê-la de todos que era quase tão forte como a necessidade de respirar, recorda-o?

Cliff assentiu e começou a dar-se conta do que realmente estava lhe

dizendo seu irmão. Estava apaixonado por Julianna, desde o começo era ela. Não poderia haver nenhuma mulher que não fosse sua Julianna. Tinha amado a menina desde o momento em que abriu os olhos e seu rosto e sua voz disseram, a esse moço assustado de então, que o salvaria, que estava ali por ele. Mas agora estava apaixonado pela Julianna adulta, de seus olhos castanhos, de seu cabelo ondulado, de seu sorriso, de sua candura e generosidade, da forma como se defendia do mundo como se sentisse que ninguém mais ia defendê-la, de sua força e orgulho... Sim, estava apaixonado por ela. Tinha-a amado desde o primeiro instante e esse amor tinha amadurecido e desenvolvido do mesmo modo que suas vidas.

Ethan sorria, como se visse em seus olhos que seu irmão, por fim, tinha compreendido o que todos sabiam desde fazia tempo. Mas Cliff baixou a cabeça, segurando o copo com as mãos enquanto apoiava os cotovelos em seus joelhos.

— Mas agora me odeia. Não quer voltar a ver-me e com razão. Perdi-a inclusive antes de tê-la. Tenho-lhe feito mal, feri-a e tem motivos mais de sobras para me odiar.

— Bom, irmão — lhe disse Ethan com o tom que estava acostumado a pôr quando queria lhe desafiar—. E o que pensa fazer?

Cliff o olhou. Compreendeu-o em seguida e uma luz de esperança, de repente, abriu caminho ante seus olhos. Com um sorriso nos lábios respondeu: — Pois suponho que terá que solucioná-lo verdade?

Sim, tinha que recuperá-la. Julianna devia estar com ele e só com ele. Um desejo lhe percorreu todo o corpo e voltou a imaginar-se beijando-a, acariciando-a, despindo-a e fazendo-a sua sem importar nada nem ninguém. Era sua Julianna, não queria perdê-la, não podia perdê-la. Ficou de pé, parecia decidido a ir por ela imediatamente, mas seu irmão lhe pôs a mão de novo no ombro.

— Cliff, não pensa ir agora, verdade? E você é o grande estrategista da família? O vencedor de toda batalha sem importar o inimigo ou adversário?... vejo que é verdade que o amor converte os homens em cegos. — Suspirou —. Pensa que hoje estará tão assustada e zangada que não será capaz de atender razão alguma. Deixa passar o dia de hoje e amanhã tentaremos arrumar este enredo. Além disso, tal e como parecia estar ao partir, necessita não só se acalmar, como descansar e recuperar-se.

Isto provocou em Cliff uma profunda dor no peito, lhe vindo, de novo, a imagem de Julianna ferida, tremendo, com o rosto coberto de lágrimas de dor

e ira. De novo sentiu o frio e o vazio que lhe provocou o olhar de ódio que lhe tinha jogado. Quis gritar como um selvagem e sair em busca de Bedford para lhe dar uma surra que recordasse o resto de seus dias. Mas seria melhor não piorar as coisas. Só seus pais sabiam e Ethan sabiam do ocorrido, e quanto menos se soubesse, melhor para todos, especialmente para Julianna. Já tinha suportado muitos os olhares e sussurros das pessoas. Sentiu dor, raiva e impotência. Seguiria o conselho de seu irmão e trataria de arrumá-lo. Tinha que arrumá-lo. Julianna tinha que estar com ele e só com ele e passaria a vida compensando qualquer sofrimento ou dor que tivesse sofrido. Faria que esquecesse cada lágrima vertida até esse mesmo dia.

— Se voltar a me encontrar com Liam Bedford, o matarei com minhas mãos, Ethan. Adverte a seu irmão do que fez e de que a partir de agora, se pretender que seu irmão mais novo viva, tem que mantê-lo afastado de mim e dos meus. — Olhou com ferocidade para Ethan —. Não me contarei se volto a vê-lo.

Julianna saiu daquela estadia com os olhos avermelhados e com um nó na garganta que quase lhe impedia de respirar. Notava como seu pescoço começava a inchar-se, assim como seus pulsos, um dos quais acreditava inclusive que estava quebrado ou, pelo menos, deslocado. Ao sair à luz direta do sol, no terraço que dava à zona de acesso ao bosque, teve que enxugar as lágrimas e ajustar seus olhos para saber exatamente onde se encontrava. Parou e ainda ofegante, tremendo e com a cabeça saturada e abarrotada de imagens, teve que decidir o que fazer nesse preciso instante. O primeiro era sair dali sem chamar a atenção. Conseguiu respirar fundo um par de vezes e virar um pouco a cabeça a ambos os lados. Ainda não tinha começado o almoço, por isso os convidados estavam repartidos por alguns dos salões da mansão ou nos jardins dianteiros e desta região, justo no outro lado. Julianna não pôde evitar sentir certo alívio ao comprovar que nessa parte ainda não havia ninguém, assim, com determinação e passo firme, cruzou o jardim até chegar ao bosque. Dali poderia chegar a casa rapidamente pelos atalhos que cruzavam os caminhos vizinhos à casa do bosque.

Justo ao chegar à região onde começava a primeira fileira de árvores, Julianna não pôde evitar diminuir sua marcha, tomar e soltar brucas baforadas de ar, respirar violentamente e, ainda trêmula, finalmente deter-se, como se estivesse tentando encontrar-se. Olhou ao redor sem ser de tudo consciente do que a rodeava. Por um segundo se alegrou de que Amelia tenha

partido antes, já que a só ideia de ter tido que procurá-la pelos jardins para retornar lhe tinha suposto uma tortura e outra nova humilhação.

Mal recordava o caminho de volta. Justo ao tocar o pomo da porta se deu conta de que não recordava nada de como tinha retornado, do caminho que tinha tomado, nem sequer entendia como tinha podido encontrar o atalho, já que nunca tinha percorrido essa região em seus passeios pelo bosque. Mas sim era consciente de que o tinha feito correndo, sem deter-se nem para tomar fôlego. Ao virar pensou de novo em Amelia e no que pensaria se a visse nesse estado. Assustaria-se, e Julianna não se acreditava capaz de procurar desculpas nem de cercar uma conversa racional com ser humano algum. Tentou entrar sem fazer ruído, esperando que se deitasse como lhe prometeu que faria justo antes de subir aquela carruagem.

Deteve-se uns segundos debaixo da soleira da porta principal e, ao não escutar nenhum ruído, soube que Amelia estava deitada ou, pelo menos, em seu quarto e, salvo que fosse procurá-la, não notaria ainda sua volta. Com supremo cuidado subiu as escadas com passos um pouco vacilantes, o que fazia com que se balançasse um pouco, obrigando-a em um par de ocasiões a apoiar-se na parede, sendo de novo consciente da dor de um de seus pulsos. Agora estava segura de que não estava quebrado, mas sim muito machucado ao movê-lo com soltura. Ao chegar a seu quarto, encontrou-se de frente com sua imagem refletida no espelho e pôs-se a chorar. Mas, nesta ocasião, era um pranto descontrolado, de medo, de puro terror. Não podia deixar de olhar sua própria imagem. Seu vestido estava totalmente empapado e seus sapatos cheios de barro. Nem tinha se dado conta. Deve ter cruzado o bosque tão apuradamente, tão desesperadamente, que nem recordava ter atravessado algum dos pequenos riachos nem as regiões dos caminhos com barro. Tinha os braços avermelhados e inclusive parecia que começavam a ficar azul. No pescoço tinha claramente a marca da mão desse homem, e um corte bastante profundo que voltava a lhe sangrar, o que a obrigou a deter-se de novo em seu vestido e ver que tinha toda a parte dianteira com manchas de sangue e um rasgão que nem sequer tinha notado.

Começou de novo a tremer e, por inércia, deixou-se cair sobre seus joelhos, tentava abraçar-se, mas em seguida viu que um de seus braços lhe doía em excesso. Em poucos segundos se deixou cair no chão, ficando sentada, com as costas apoiadas na porta de seu dormitório, olhando, sem saber muito bem por que, sua penteadeira.

Ficou ali aturdida, doída... Em sua cabeça e em seu coração começaram a

brotar todas as imagens, as lembranças, as vozes, as histórias, os acontecimentos longínquos e também os mais recentes. Toda sua vida. Deve ter passado várias horas, porque sentia o corpo tão dolorido e intumescido que lhe custou incorporar-se. Quando esteve em pé, olhou a seu redor como se procurasse algo, mas não sabia o que era. Possivelmente um sinal, um sinal de luz. Foi então quando divisou sobre sua penteadeira seu sinal: a última carta de sua tia Blanche.

— Tia Blanche... tia Blanche...

Soube então o que devia fazer. Tinha que esvaziar essa casa, imediatamente. Não permaneceria ali nem mais um dia, mas teria que ir a algum lugar e nenhum melhor que junto a sua tia Blanche.

— Sim, sim. Será o melhor, adiantarei a viagem. Iremos amanhã a primeira hora a Cork e, uma vez ali, tomaremos o primeiro navio a Londres. Quando chegarmos ao porto de Cork, enviarei um aviso para que saiba que estamos a caminho. — O olhar de Julianna parecia por fim recuperar consciência, retomar a realidade de onde estava —. Sim, isso é exatamente o que faremos. — disse com determinação.

Olhou-se no espelho e inalando ar de maneira abrupta, como se com isso estivesse inalando força e coragem, decidiu limpar as feridas e ocultar de Amelia e do resto do mundo, vestiria um vestido de mangas longas e, no pescoço... Bom, procuraria um lenço ou um xale. Devia trocar-se e recolher tudo o que nessa casa pudesse deixar o menor sinal ou perseverança de seu passo por ela. De repente, uma pontada no peito lhe fez ser consciente de que, durante umas poucas semanas, esse tinha sido seu primeiro lar e de que nele, realmente, havia se sentido bem, inclusive feliz. Mas não, não devia pensar isso, agora não. Tinha que enfrentar à verdade e fazê-lo rapidamente, partir para longe de imediato, deixar tudo aquilo para trás.

Antes inclusive de mover-se tomou a determinação de que ao chegar contaria a sua tia todo o acontecido, mas somente a ela, unicamente a ela. Sem seu pai a seu lado, ela era a única pessoa em quem poderia encontrar um pouco de consolo ou compreensão e, certamente, sabia que podia confiar em Blanche sem reservas, embora não entendia como era possível, já que sua relação era meramente superficial. Mas, mesmo assim, tinha essa certeza, sabia que era assim, sabia. Sua tia Blanche era a única pessoa em que podia confiar e, sem dúvida, apoiaria-a.

Durante as seguintes horas foi, em quarto em quarto, recolhendo tudo o que lhe pertencesse e guardando-o com cuidado nos baús. Tentou não fazer

ruído algum para não despertar Amelia, que fazia já um bom tempo estava dormindo profundamente. Disso se certificou antes de começar a embalar as coisas. Deixou para o final a cozinha, já que esperava recolhê-la a primeira hora da manhã, depois de informar a Amelia de que partiriam imediatamente.

Assim que se levantasse, mandaria Amelia à estação comprar dois bilhetes para a carruagem que saía a Cork às onze da manhã e, depois, avisar a dois dos homens da estação para que, imediatamente, e antes dessa hora, levassem uma carruagem e recolhessem todas suas coisas para que fossem enviadas diretamente ao armazenamento de móveis do porto de Cork, onde mais adiante mandaria recolhê-las. Amelia e ela viajariam só com o necessário.

Preparou duas missivas que deixaria na porta da casa. Uma, para o senhor Pettiffet, lhe informando da conclusão imediata do arrendamento da casa contribuindo, além disso, o dinheiro correspondente ao tempo que tinha permanecido ocupando-a e as chaves do lugar. E outra para o senhor Cartem, despedindo-se dele, agradecendo sua amabilidade e o trato que lhe tinha dispensado nesse tempo e lhe enviando seus melhores desejos para ele e sua família, assim como um pouco de dinheiro por sua ajuda. Meditou por uns minutos a respeito de avisar de sua partida a seu irmão ou às irmãs do Saint Joseph, mas compreendeu que, ao primeiro, não poderia lhe informar de sua partida sem lhe especificar qual ia ser seu destino. Se lhe dizia que iria à casa de tia Blanche, faria o impossível para impedir que partisse e, nesse momento, Julianna não tinha forças suficientes para enfrentar nada nem ninguém mais. E, em relação às irmãs, compreendeu que seria a elas a quão primeiras iriam procurar seus irmãos para averiguar onde estava, uma vez se dessem conta de sua partida, assim decidiu que o melhor era as deixar à margem, embora lhe doesse não poder despedir-se das crianças e de algumas das irmãs pessoalmente. Deixaria as duas bolsas do dinheiro ganho com seus bolos na loja do senhor Burton antes de partir, lhe indicando que levasse as crianças do orfanato, uma vez por semana, fruta fresca e alguns doces. Podia confiar em que o senhor Burton cumpriria seu encargo e que não lhe insistiria lhe pedindo informação se ela não quisesse dar-lhe. Uma vez que estivesse a salvo, encontraria um meio de fazer chegar mensalmente ao senhor Burton um pouco de dinheiro para que abastecesse ao orfanato de algumas coisas.

Acabava de terminar ambas as cartas quando Amelia entrou na cozinha. Com um tom o mais tranquilizador possível lhe deu bom dia.

— Amelia, como te encontra? Tem melhor aspecto...

Amelia a olhou, surpreendida de vê-la sentada rodeada de papéis tão cedo, já que nem sequer tinha começado a amanhecer.

— Muito bem, não sei o que me ocorreu, peço-lhe desculpas...

Antes que continuasse, Julianna a interrompeu: — Não se preocupe. Por favor, sirva-se de uma xícara de chá e sente-se um momento comigo. Temos que falar de algumas coisas.

Amelia arregalou os olhos, notando, então, o sério semblante de Julianna. Assim que se sentou em frente com uma xícara de chá entre as mãos, os olhos de Amelia se dirigiram horrorizados ao pescoço de Julianna onde lhe via parte do arroxado e da ferida. Com tanta agitação Julianna deve ter deixado cair em algum momento, o lenço com que atou antes para cobrir-lhe — Amelia, por favor, eu te imploro, não tenha medo nem preocupação. Estou bem. — Tentou parecer calma, embora tenha notado que sua voz tremia um pouco —. É um pouco complicado explicar agora, então peço-lhe, por favor, deixe a explicação do que aconteceu para depois. Mas não é sobre isso que temos que falar. — Está ferida? — A cara de Amelia ao falar o dizia tudo.

Julianna teve que parar para tomar ar e beber um pouco de chá, mas continuou: — Amelia, acima de tudo tem que me prometer agora mesmo que guardará em segredo os planos que tenho para nós duas... Bom, para nós duas se é que aceita vir comigo, claro...

Amelia a olhava ainda com o rosto um pouco desencaixado, mas assentiu.

— Sim, sim. Prometo-lhe que não direi nada.

Julianna lhe sorriu, tentando parecer de novo o mais relaxada possível.

— Verá. Tenho uma tia, irmã de meu pai, com a qual ninguém sabe que mantenho um contato. Convidou-me, faz tempo, para passar uma temporada com ela. Faz tempo tinha pensado que você e eu fôssemos juntas a sua casa em Londres ia ser dentro de umas semanas... Entretanto, por circunstâncias que, sinto muito, não posso te explicar agora mesmo, decidi adiantar a viagem. Pensei que, você gostaria de me acompanhar, não como dama de companhia, a não ser mais como uma irmã, se gostar, já que é assim como te considero, mas tem que saber que não sei quando retornaremos...

Por uns segundos Julianna esperou a resposta de Amelia. Não queria forçá-la a acompanhá-la, mas esperava que não decidisse retornar ao Saint Joseph, porque as irmãs acabariam enviando-a para trabalhar de criada em alguma casa e isso não era o que queria para Amelia.

Depois de uma pausa, Amelia respondeu: — Levaria-me com você? Como... como sua irmã? De verdade? — Seus olhos se encheram de

lágrimas.

— Amelia, tem que compreender que a atribuição de meu pai me permitirá, bom, permitirá-nos viver sem grandes luxos, mas, ao menos, sem a preocupação de depender de ninguém, sempre que formos sensatas, claro.

De novo Amelia a olhou como se lhe estivesse dando de presente o mundo.

— Sua tia permitirá que fique com você em sua casa?

— Escrevi-lhe perguntando-lhe faz tempo e, como poderá comprovar, minha tia é alguém especial. Acredito que se parece com meu pai. É muito generosa e, pelo que pude comprovar, amável e carinhosa. Não só me deu sua permissão, como te convidou especialmente para ficar em sua casa em qualidade de hóspede.

Amelia ficou como uma verdadeira estátua. Julianna a olhou esperando uma resposta antes de continuar a lhe explicar o resto de seus planos.

— Amelia?

— Sim, sim, sim! Obrigada, obrigado, mas como lhe poderei agradecer? O que posso fazer?

Julianna de novo a interrompeu, mas esta vez sorrindo sinceramente.

— Amelia, a primeira coisa que tem que fazer é me chamar pelo meu nome. Não acha que me chamar de Julianna seria mais apropriado agora que somos irmãs? — Amelia se ruborizou, mas assentiu sorrindo—. Bem. Pois, se te parecer, vamos centrar no mais imediato porque nos urge fazer muitas coisas e não temos tempo.

Julianna, de repente, sentiu-se como um militar arengando às tropas, mas não podia parar para pensar, não podia parar para sentir nada, não, nesse momento. Não podia permitir-lhe porque se viria deprimida e já não poderia reagir.

Amelia se incorporou um pouco, ficando um pouco mais firme em sua cadeira, como sinal de que estava preparada. Parecia ter notado o seu tom urgente e decidido e se dispôs a estar à altura. Não podia falhar a quem tão bem a tinha tratado, a quem lhe acabava de dizer que a considerava uma irmã. Por fim tinha uma família e não lhe falharia.

Julianna lhe explicou os detalhes que considerava necessário que soubesse. Não lhe disse o nome exato de sua tia e outras coisas, pois acreditava que a maioria das coisas que ela devia saber poderia contar-lhe com tranquilidade e com a cabeça fria no navio a caminho de Londres. De momento, somente precisava saber o importante e o que deviam fazer antes

de partir definitivamente esse dia, já que mal restavam cinco horas antes da saída da carruagem postal que deveriam tomar e, ainda, havia muitas coisas que acabar.

De novo, fez-lhe prometer que não contaria nada a ninguém, já que, até que estivessem em Cork, ambas deviam ser muito discretas para que não se soubesse que ambas partiram nem seu destino. Amelia não só voltou a lhe prometer não dizer nada, como um momento antes de ir comprar os bilhetes parou frente a Julianna, deu-lhe de surpresa um beijo na bochecha e lhe disse, com uma grande ternura, que também a amava como uma irmã, e que confiava nela como nunca antes tinha confiado em ninguém, porque desde que viviam juntas sentia que tinha um lar. Desde nesse instante, soube que agora havia duas pessoas nas quais podia confiar incondicionalmente: sua tia Blanche e Amelia. De qualquer modo, devia tomar cuidado porque ainda era muito menina e sentia que devia protegê-la como tal e não a sobrecarregar com responsabilidades ou com seus temores.

Levavam quase uma hora sentadas na carruagem postal. Amelia olhava pela janela, parecia tranquila e também esperançada, como se essa fosse a viagem para uma nova vida. Julianna também o sentiu assim, mas estava muito cansada para mostrar entusiasmo, e muito dolorida. Voltava a tomar consciência de quão machucado tinha o corpo e, o coração. Retrocedeu mentalmente a tudo o que tinha feito essa noite e essa manhã. Recordou a dor ao fechar a porta da casa a qual não retornaria nunca mais, a dor de deixar o jardim e a horta na qual tanto tinham trabalhado. Recordou o que pensou ao ver como todas suas coisas eram subidas em uma carruagem por uns homens, sem saber quando poderia voltar às ter em uma casa que ela pudesse considerar dela. Recordou quando deixaram para trás o cruzamento que levava ao povoado, o caminho dos campos amarelos dos trigos e os milharais, aos campos verdes e o que supunha essa mudança, o abandono desse horizonte, dessa paisagem que tinha formado parte de sua infância, da vida junto a seu pai. Sentiu uma terrível sensação de vazio e sua garganta seca ao não saber quando retornaria, inclusive se alguma vez o faria. Notou algumas lágrimas percorrendo suas bochechas, que se apressou a secar antes que Amelia as visse.

Não tinha conseguido dormir nem sequer uns minutos, apesar do cansaço. Não conseguia afastar a imagem de Cliff aproximando-se dela na mansão. Ao fechar os olhos, essa imagem a levava a um ataque de ira e de dor por igual.

Ao chegar a Cork, já era noite fechada. O chofer lhes indicou onde dirigir-se para adquirir as passagens do navio a Londres, mas, dada a hora que era, dirigiram-se à estalagem que lhes recomendou. Graças aos céus restava um quarto livre. Julianna não se via capaz de dar nem mais um passo arrastando a mala e esse cansaço que era cada vez maior. Sem mal provar um bocado, acabou exausta no quarto, rogando para que o navio que saía no meio da tarde do dia seguinte ainda tivesse passagens disponíveis.

O chofer também lhes informou, antes de partir, que no dia seguinte, a primeira hora, saía um rápido veleiro de mercadorias com destino a Londres e que, a maior parte das vezes, era utilizado pelos comerciantes locais para o envio de correspondência ou missivas urgentes. Julianna redigiu uma breve nota para sua tia Blanche lhe informando de sua imediata chegada e, solicitando a um dos moços que a entregasse ao capitão desse veleiro, cruzou os dedos para que chegasse logo às mãos de sua tia, ao menos, antes de apresentar-se ante ela na porta de sua casa.

Estava tão cansada que, assim que apoiou a cabeça no travesseiro, tudo a seu redor desapareceu caindo em um profundo sono, do qual só despertou quando Amelia lhe avisou que tinha amanhecido. Sem provar o café da manhã, salvo uma xícara de chá, Julianna e Amelia se dirigiram ao porto para adquirir as passagens e, depois de perguntar a vários dos marinheiros e estivadores do porto, conseguiram encontrar uma embarcação que essa tarde partia para Londres. Ao subir o corrimão de acesso à coberta para perguntar pela possibilidade de viajar nele, Julianna não parava de murmurar: — Que haja passagens. Por favor, que haja passagens.

— Senhorita McBeth? — aproximava-se dela o contramestre —. Acabam de nos comunicar que um dos passageiros não chegará a tempo de subir a bordo, se não lhes importar compartilhar o camarote e cama, poderíamos acomodá-las na zona de bombordo.

Julianna suspirou de sincero alívio e, depois de lhe agradecer, dirigiram-se à estalagem para recolher sua bolsa, pagar a conta e passar pela consulta de um dos médicos locais, pois as feridas de Julianna pareciam lhe incomodar em excesso. Embora a verdadeira razão fosse que não queria chegar com um aspecto muito alarmante à casa de sua tia, mais ainda quando as vermelhidões tinham dado lugar a uns arroxeados excessivamente visíveis e o pulso precisava ser enfaixado devidamente, por temor de que ficasse uma lesão permanente.

A poucos minutos de zarpar, Amelia se sentia realmente enjoada. Depois

de tomar uma xícara com um líquido recomendado por um dos oficiais, Julianna a ajudou a retornar ao camarote que lhes tinham atribuído e a deixou descansar.

No convés, com o vento do mar aberto e esse agradável aroma de sal, o mar, mas a liberdade, começou a tomar consciência de sua nova situação. Acontecesse o que acontecesse, não retornaria ao qual, até esse momento, tinha considerado seu lar, seu povo, seus vizinhos. “De todos os modos, nada me espera ali. Já não é meu lar. Não tenho nada nem ninguém ao qual retornar”. Suspirou ao mesmo tempo em que notava como lhe umedeciam os olhos. “Não, não. Não vais chorar. Tem que ser forte. Papai tem que sentir-se orgulhoso de ti. Tem que lhe ensinar que pode seguir em frente, que pode e que vais lutar”.

Não conseguia tirar essa opressão do peito que a acompanhava desde o instante em que saiu correndo da mansão e, agora, ali, respirando fundo na cobertura do navio, frente ao mar, parecia ainda lhe oprimir ainda mais. Sacudiu a cabeça e tentou inalar ar tanto quanto fosse possível, mas quanto mais o fazia, mais angustiada se sentia. “O passado é o passado. Tem que deixar tudo e a todos para trás, Julianna, tem que...”. Apertou instintivamente o peito com a mão, como se com isso protegesse o coração da imagem que a atormentava, a imagem de Cliff no bosque, beijando-a. “Não, não... Tem que deixar tudo para trás, especialmente ele”. Julianna seguia sem compreender por que se comportou com ela desse modo. “Se só se sentia em dívida comigo, se a única coisa que queria era me exibir frente a candidatos aptos para o matrimônio, por que me beijou?”. Apesar do aborrecimento e da incompreensão, recordar esses instantes no bosque a levavam a notar de novo sua pele ardendo, seu corpo excitando-se pela mera lembrança do beijo, de seu tato, de seu fôlego quente e sensual sobre sua pele. Não conseguia entendê-lo, mas tampouco a si mesmo. Era a pessoa que mais lhe machucou. Um dor que não conseguia compreender e da qual dificilmente se recuperaria e, mesmo assim, seguia sentindo aquela selvagem onda de desejo, de sentimentos, de... “Nem te ocorra!”, ordenou-se, “Nem te ocorra dizer amor! Isso não pode ser amor. Não é! Eu sou ingênua e inexperiente e certamente estou atordoada por como me olhava, por ter a um homem tão bonito e experiente paquerando comigo... Sim, sim, é isso. Um atordoamento passageiro. O capricho de uma menina boba”. Precisava acreditá-lo, necessitava, desesperadamente, acreditar que não era mais que isso porque, do contrário, jamais se recuperaria.

Passou virtualmente toda a viagem no convés. Realmente gostava de estar em alto mar, olhava os marinheiros, os oficiais, e houve momentos em que invejou essa vida. Sabia da dureza do mar pelo que seu pai lhe contava de sua juventude, da época em que trabalhou como pescador, da crueldade oculta do mar, mas também recordava como lhe descrevia os momentos de pura e verdadeira beleza, a sensação de liberdade, as estrelas e a camaradagem. Reconheceu a seu redor algumas dessas coisas e quase pôde imaginar-se vivendo assim. Não lhe desagradava essa ideia, percorrer o mundo, ver diferentes lugares, costumes, pessoas, e levantar-se com essa assombrosa luz que a rodeava e deitar-se sob aquele incrível céu repleto de luzes tão brilhantes como os mais puros diamantes. Até estando tão perto da costa, e ao pensar que as sensações tinham que ser mais vívidas em mar aberto, sentia a emoção do que deviam ser todas aquelas sensações.

Ao menos, esses dois dias no navio permitiram mitigar e afastar um pouco a opressão de seu peito e, embora a seguia notando aí, agora já parecia lhe permitir respirar sem tanto esforço.

Julianna estava de pé junto à Amelia, em meio de um dos embarcadouros do porto de Londres, com sua mala entre elas, quando um laçao, elegantemente vestido, inclinou-se frente a ela e perguntou com um tom cortês: — É a senhorita McBeth?

Julianna o olhou com a sensação de que o homem estava seguro de que era ela a quem procurava e que perguntava por mera cortesia.

— Sou-o.

Ele voltou a inclinar-se, mas nesta ocasião para agarrar a bolsa que havia entre elas, e continuou: — Me permitam. A senhora viúva de Brindfet as espera na carruagem.

Fez um leve gesto em direção à carruagem mais elegante que Julianna tinha visto em sua vida. Julianna se sentiu de repente nervosa por conhecer em pessoa a essa tia a qual amava, especialmente, porque tinha formado uma imagem dela durante aqueles anos, em grande medida, sobre a base das lembranças, nada objetivas, de seu próprio pai. Sentiu, além disso, um profundo alívio e agradecimento por ter ido buscá-las, já que ao descer do navio teve a sensação de encontrar-se perdida em meio da mais movimentada e perigosa cidade do mundo.

Uma vez frente à porta da carruagem, outro laçao a abriu e saiu uma bela mulher de poucos anos menos que os que teria seu pai. Tinha uma elegância e uma suavidade de movimentos que só uma grande dama poderia mostrar. Por

um momento, Julianna duvidou que fosse sua tia, já que seu pai e ela eram de origem humilde, e aquela mulher desprendia classe e elegância por cada poro de sua pele como se fosse algo inato. Não obstante, a dúvida lhe durou só um segundo, o tempo que lhe levou elevar a vista e pousar os olhos em seu rosto. Julianna se viu nesse rosto. Era a versão elegante, com graça e classe, de si mesmo. Era sua tia, sem dúvida. Tinha seus olhos, os olhos de seu pai, o gesto de seus lábios..., mas aquela mulher era uma grande dama.

Antes de ter tempo para reagir, Julianna se encontrava nos braços dessa senhora. Era um abraço quente, carinhoso, era... familiar. Tão agradável que notou como lhe tremiam as pernas, como sua fortaleza ia desaparecendo sem remédio.

— Minha querida menina, como está? Recebi sua mensagem e me preocupei. Está tudo bem? — Por um momento sua melodiosa voz, seu tom carinhoso e tranquilizador lhe trouxe a memória a voz e a ternura de seu pai — . Minha pequena, acredito que está esgotada — concluiu quando, depois de separar-se dela, observou-a com uma expressão preocupado. Entretanto, levantou o olhar por cima do ombro de Julianna e, estendendo o braço como convidando-a a receber também um abraço, assinalou —: E você, pequena, deve ser Amelia. — Sem lhe dar oportunidade de reagir, sorriu-lhe e a abraçou —. Amelia, querida, está muito pálida.

Julianna conseguiu dizer: — Tia Blanche, Amelia não descansou nada na viagem. Esteve indisposta desde que zarpamos e deve estar esgotada.

— Que desconsiderada sou! As duas devem estar esgotadas. Vamos para casa. Ali comerão, tomarão um banho quente e dormirão até recuperar as forças. Já haverá tempo de conversar com tranquilidade. Temos todo o tempo do mundo para isso.

Voltou a sorrir e fez um gesto ao lacaios para que as ajudasse a acomodarse na carruagem.

Amelia tentou por uns minutos prestar atenção a tudo o que acontecia fora, mas finalmente o cansaço venceu e ela adormeceu com o bamboleio da carruagem. Julianna olhava assombrada a sua tia. Tinha um olhar cálido, reconfortante, e um sorriso que desarmaria a um exército, sincero e amigável. E um porte digno de uma rainha. Parecia-se tão fisicamente a ela e, entretanto, eram tão distintas.

— Tia Blanche... Lhe devo uma desculpa por nos apresentar assim. Imagino que terá sido...

Sua tia a interrompeu, inclinando-se um pouco para ela e pondo sua mão

sobre a da Julianna. Certamente lhe tinha visto as marcas dos braços e do pescoço, porque Julianna ia explicar-se, mas, justo quando ia começar a falar, de novo a interrompeu, lhe recordando, outra vez a seu pai, posto que parecia lhe ler a mente só olhando-a nos olhos: — Querida. — Falava em um tom muito suave, como se não quisesse despertar Amelia —. Não há nada a dizer que não possa esperar até amanhã. Agora está a salvo, em casa, sua casa. Ocuparem-nos de tudo amanhã.

Julianna a olhou, conseguia tranquilizá-la com sua só presença e era tão agradável, quase maternal, que quis deixar-se levar, mas tinha tanto que lhe dizer, tanto que lhe explicar.

— Obrigado, tia Blanche... Mas... — Lhe custava pela primeira vez em sua vida encontrar as palavras adequadas —. Acredito que seria melhor que lhe contasse tudo o que nos ocorreu e...

De novo a refreou: — Sincera e direta como suspeitava, parece-te muito a seu pai e a mim. Está bem, carinho, se acha necessário, mas podemos esperar até que comam e que lhes deem um banho para relaxarem um pouco. Podemos falar com calma quando deixarmos à pequena em sua cama. — Olhou de esguelha para Amelia.

Julianna assentiu e se deixou invadir outra vez por essa sensação de segurança e amparo. Apoiou-se sobre o respaldo e se limitou a olhar pelo guichê da carruagem. Apesar do movimento que as rodeava, ela não via e não ouvia nada, estava tão aturdida e exausta como Amelia.

A carruagem parou e sua tia anunciou que tinham chegado. Quando se abriu a portinhola, a mão de um dos lacaios ficou diante para ajudá-las a descer. Uma vez fora, Julianna ficou assombrada pela mansão ante a qual se achavam. A expressão de sua cara deve ser tal qual sua tia lhe disse, quase ao ouvido: — Querida, meu defunto era um comerciante de muito êxito. Já haverá ocasião mais adiante para detalhes...

Virou-se para dar instruções a um mordomo e a umas donzelas que apareceram ante elas como por arte de magia.

A casa era de tal luxo que tanto Amelia como Julianna não podiam deixar de olhar tudo. Foram-nas levando por várias salas, até chegar a um salão que dava a um jardim cheio de árvores e flores exóticas de uma infinidade de cores e que, inclusive da distância, emanavam uma fragrância embriagadora. No salão, estava preparada uma mesa com comida e junto a ela havia vários serventes preparados para servi-la.

— Queridas, antes de passar a seus dormitórios, por que não comemos

um pouco? Precisam recuperar as forças, e o primeiro é alimentar seus corpos antes de levar suas mentes para repousar.

Sua tia estava já à altura de uma das cadeiras que o lacaio puxava para trás dela para ajudá-la a sentar-se, e o mesmo fizeram Julianna e Amelia, como hipnotizadas por seus movimentos e a tranquilidade e familiaridade que desprendia. O certo era que pareciam duas meninas pequenas deixando-se guiar e obedecendo como cordeiros as instruções que iam dando. Julianna parecia relaxar-se, deixando que, pela primeira vez, fosse outra pessoa que se preocupasse. Além disso, sentia-se estranhamente reconfortada por sua tia e pela amabilidade e candura que irradiava.

Uma hora mais tarde se encontrava metida em uma enorme banheira com água quente com sais que desprendiam um aroma embriagador, doce e fresco. Em cima da cama havia uma bonita camisola com uma bata que sua tia devia ter comprado para ela fazia semanas. Sem dúvida alguma, era tal e como seu pai a havia descrito. Generosa, desprendida, amável e carinhosa. Sempre lhe dizia que sua irmã tinha um dom para julgar os outros e que, se considerava que era merecedor de seu carinho ou sua avaliação, não regulava no mesmo e entregava, sem reparos, a essa pessoa sua lealdade e afeto sem esperar nada em troca. Mas, pelo contrário, desprezava a falsidade, a avareza, a hipocrisia e a crueldade, e desprezava, acima de todas as coisas, aqueles faziam ornamento de tais defeitos. De fato, seu pai sabia o mau conceito que tinha de seus três filhos mais velhos, e embora ele os amasse, era muito consciente do caráter destes e não podia defender seu comportamento e, menos ainda, as intenções dos mesmos a respeito de sua irmã Blanche, coisa, além disso, ela não perdoava nem esquecia. Embora o que Julianna não sabia era que a animosidade que sentia por seus irmãos se devia não só à debilidade e malícia de seus caracteres, a não ser, especialmente, ao trato que dispensavam à pequena Julianna e a seu próprio pai, ao qual não duvidavam criticar e menosprezar a menor ocasião. Esta razão pela qual, na última visita de um deles a sua casa da costa, sua tia lhes pediu que deixassem de visitá-la, já que em sua casa não toleraria em modo algum o desprezo e a ingratidão dos moços por volta de um pai que se sacrificou sempre por eles. E menos quando o objeto do desprezo era seu adorado irmão Ti, o irmão que tanto a amou e tanto carinho lhe tinha dado em sua infância.

O que Julianna tampouco sabia é que sua tia cuidou muito de que seus irmãos não soubessem qual era, realmente, sua posição econômica. Eles, assim como Julianna até então, acreditavam que seu defunto esposo lhe tinha

deixado uma grande soma, o que lhe permitiria uma vida acomodada e isenta de certas preocupações, mas desconheciam a verdadeira fortuna de sua tia. Era uma mulher muito inteligente, precavida nos assuntos sérios que concernia, e sabia como evitar certos perigos, disso começava a ser muito consciente Julianna.

Uma vez vestida com essa bonita camisola, que lhe pareceu o objeto mais suave que havia tocado seu corpo até então, e com a bata posta, duvidou se descia para ver sua tia ou esperava que ela subisse, porque não lhe parecia decoroso percorrer a casa vestida assim, e porque a mansão era tão grande que pensou que acabaria perambulando sem rumo fixo.

De novo teve a sensação de que sua tia era adivinha, porque bateram na porta e em seguida apareceu com seu elegante andar e esse sorriso que desarmava Julianna. Era tão cálida e acolhedora que imediatamente respondeu a sua vez com um sorriso.

— Vejo que já está um pouco melhor. Tem melhor aspecto, e, por fim, vejo um pouco de brilho nesses preciosos olhos, querida.

Falava em um tom tão amável e carinhoso que produzia um efeito imediato em Julianna. Recordava-lhe tanto a seu pai que parecia ter uma parte dele ao seu lado.

— Tia Blanche, é muito generosa. Não devia se incomodar tanto, e esta camisola... Nunca poderei lhe agradecer... Obrigada.

Começou a tocar com suavidade, um pouco trêmula, as fitas que atavam a bata, e as olhou envergonhada, quase chorosa. Sua tia se aproximou e voltou a abraçá-la.

— Julianna, é minha família e, se por acaso não sabe, não só é a filha de meu irmão Ti é sua viva imagem, além disso, faz muitos anos que te considero uma filha. Em uma ocasião, pedi a seu pai que me permitisse me encarregar de ti, que vivesse comigo quase como mãe e filha, mas seu pai te amava muito, era sua alegria e não poderia ter deixado que crescesse longe dele. Não o culpo, ao contrário, entendo-o, como também entendo que não me permitisse te dar... Bom, deixava-me te enviar alguns presentes de vez em quando... Mas nunca o repreendi por isso, muito pelo contrário. Seu pai e eu, e acredito, minha pequena, que você também, fomos iguais. Orgulhosos, teimosos, muito obstinados para admitir nada que não nos tenhamos vencido.

Levantou o olhar parecia recordar cada instante junto a seu irmão e provocou em Julianna uma sensação maravilhosa de compreensão porque, por fim, alguém parecia entender o muito que sentia falta do imenso amor e

respeito que tinha por ele, o melhor e carinhoso homem do mundo.

Estava muito assombrada pela revelação de sua tia e, emocionada e com uma lágrima correndo pela bochecha, conseguiu dizer: — Obrigada, tia. Não acredito que alguém possa me adular mais e melhor que dizendo que me pareço com papai. Espero que seja certo... Ainda sinto muita falta dele... De verdade queria que vivesse com você? Papai nunca me mencionou isso, embora, se for sincera, acredito que não tivesse podido viver longe dele, embora me teria encantado vir para visitá-la e conhecê-la melhor. Você também se parece tanto a ele.

Sua tia a abraçou enquanto lhe dizia carinhosa: — Sei, carinho. Desde pequena não me separava dele. Queria me parecer com ele em tudo, imitava-o... Eram outros tempos, certamente, mas parece que foi ontem quando me trazia para casa sobre seus ombros... Bom, suponho que ambas o sentimos falta, mas agora, temo-nos uma à outra, não é certo? — afastou-se e lhe pôs ambas as mãos na cara com um gesto muito maternal e adicionou —: Bom e a Amelia... Agora tenho duas preciosas filhas. — Sorriu enquanto Julianna ainda derramava lágrimas de emoção, incapaz de dizer uma só palavra.

— Está bem, está bem, mas... vamos nos sentar junto ao fogo e falar sobre o dia. Tem que me contar muitas coisas e o melhor é que estejamos tranquilas — disse, arqueando as sobrancelhas e olhando os hematomas dos pulsos e do pescoço.

Julianna suspirou e, sem propor-lhe assim que se acomodaram junto à chaminé começaram a lhe sair as palavras, o relato de todo o ocorrido, como se fosse a história que conta a um menino antes de dormir. Começou quase desde o começo, da noite em que ajudou ao conde de Worken a encontrar a seu filho ferido. Sua tia escutou paciente, sem sobressaltar-se, sem lhe soltar a mão e com expressão doce, embora por alguns de seus olhares soube que conhecia alguns dos fatos que lhe narrava. Julianna falou e falou e, em alguns momentos, chorou e soluçou. Entretanto, conforme saíam as palavras de sua boca, também saíam de seu corpo parte de sua angústia e seu pesar. Guardou para si um detalhe que não quis revelar a sua tia, embora não sabia realmente por que, o beijo no bosque e, o que lhe tinha feito sentir.

Ao finalizar, sua tia esperou uns minutos que Julianna recuperasse o fôlego e possivelmente também um pouco de paz. Depois lhe falou com uma voz tão calma como a de uma mãe arrulhando a seu filho pequeno, tranquila e olhando-a fixamente.

— Julianna, querida. Durante todos estes anos, estive em contato não só

contigo, mas também com seu pai. Conheço-te quase tanto como ele, porque foi seu maior orgulho e o centro de cada carta que recebia dele. Não posso te ocultar que muitas das coisas que me contaste as conhecia através das próprias palavras de Ti. Acredito que se comportou corretamente quanto ao conde, seu filho, sua proposta e inclusive em te manter à margem de tudo, já que com isso não pretendia a não ser te proteger e, permanecer fiel a si mesmo e a sua própria honra.

Julianna a escutava paciente e ia compreendendo que sua tia, sem sabê-lo, tinha formado parte de sua vida de uma maneira mais intensa do que acreditava e, a seu modo, também a tinha amado e protegido desde muito antes.

— Acredito, não, estou convencida, de que fez o correto ao vir aqui e, certamente, a partir de agora tem que ter a segurança de que não está sozinha, de que o que acontecer contigo acontece comigo também.

Julianna a olhava agradecida e, sem que fizesse falta que o dissesse, sua tia sabia.

— Acredito, também, que meu irmão estaria de acordo comigo no seguinte. — Tomou ar e começou a falar com uma serenidade que deixava Julianna aniquilada, mas também esperançosa em que a partir de agora as coisas iriam bem —. Já antes de receber sua mensagem de ontem, fazia planos para ti e, se você estiver de acordo, poderemos seguir adiante com eles. Por favor, me deixe explicá-los, assim como expor as razões, antes de tomar uma decisão. Além disso, conhecendo seu pai, estou convencida de que, sabendo que ia nos faltar, daria sua aprovação aos mesmos.

Julianna se limitou a assentir.

— Julianna, assim que chegasse, ia te pedir que ficasse comigo, que vivesse comigo. Sei como são seus irmãos e como era sua relação. Além disso, tem que saber que é minha única herdeira e, como tal, agora é uma rica herdeira, porque, apesar de suas tentativas, seus irmãos não receberão nem um centavo do dinheiro de meu defunto marido. Não lhes desejo seu mal, mas, certamente, tampouco seu benefício as minhas costas.

Julianna a olhou assombrada e não pôde a não ser interrompê-la, embora a voz lhe saísse entrecortada: — Tia Blanche, eu não quero seu dinheiro. Meu pai me deixou uma atribuição com a qual viverei muito dignamente. Além disso, enquanto não me case ou não peça a independência legal, meus irmãos controlariam os bens que você me deixasse e isso não estaria bem. Não tem outro parente ao qual lhe deixar sua herança, ou possivelmente um orfanato

ou alguma organização de ajuda aos necessitados?

Sua tia soltou uma gargalhada de satisfação e orgulho e moveu suavemente a cabeça.

— Sim, sem dúvida é digna filha de seu pai. Julianna, mesmo se você não se tornar independente de seus irmãos, existem maneiras de evitar que os bens que te deixe cheguem a suas mãos, e nem pensar em deixá-los administrar seus bens. Meus advogados redigiram uma fórmula em virtude da qual você será a proprietária desses bens, tanto se te casa como se não, e só poderão ser administrados por ti ou pela pessoa que você designe, mas nunca por seus irmãos.

Julianna a olhou ainda mais surpreendida.

— Mesmo assim, tia, não é correto...

Sua tia de novo se apressou a interrompê-la: — Por favor, querida, deixa que eu dito o que é correto ou não, ao menos no que se refere a minha herança.

Julianna ia protestar novamente, mas pela expressão de sua tia soube que essa batalha já tinha perdido.

— Voltando para assunto mais imediato, poderia considerar seriamente viver comigo? Dividiríamos o tempo entre Londres, Paris, minha casa no campo e uma pequena residência que mantenho na costa, esta última possivelmente como lembrança de minha infância. — Julianna ia responder quando ela acrescentou —: antes de me dar uma resposta, tem que saber que eu gostaria que fôssemos a família que considero que já somos. Para mim é a filha que sempre quis ter e como tal te estimo. A partir de agora, estaria sob meu amparo e nós duas poderíamos educar Amelia como minha pupila, é ainda muito jovem e presumo que, até agora, só recebeu a educação e as oportunidades que facilmente lhe tenham podido proporcionar as irmãs do convento. Além disso, não somos parte da nobreza, posto que não tenho título, mas mantenho boa relação com algumas das melhores famílias nobres e da alta sociedade de Londres e de Paris. Apresentarei-lhes a ambas. As prepararei para apresentá-las á sociedade e que alternem nas melhores festas, danças e que desfrutem da mesma segurança e do bem-estar que meu marido me proporcionou. Acredite-me quando te digo que isso é quão único deseja esta anciã e o que mais feliz lhe faria. Ter minha Julianna comigo.

Julianna começou a chorar assim que escutou “minha Julianna”. O disse com tanta ternura e amor, como tantas vezes escutava seu pai dizer ao deitá-la de noite, que lhe derreteu o coração.

— Posso deduzir por sua reação que está disposta a pensar nisso. — Sua tia rio divertida. Julianna não entendia exatamente por que, mas com um enorme sorriso no rosto, interveio.

Desta vez foi Julianna quem se apressou a interrompê-la.

— Não tenho nada que pensar, tia Blanche. Para mim seria um orgulho que me deixasse amá-la como uma filha a sua mãe, aventuraria-me a dizer que acredito que já a amo como tal... e estou tão agradecida por seu carinho que o resto não me importa, embora tenho que lhe dizer, possivelmente lhe advertir — Julianna sentiu que se ruborizava um pouco envergonhada — que não sou muito boa no trato social, tendo mais a procurar a solidão e a tranquilidade e além... Bom, tampouco é que seja digna de ser exibida. Careço de beleza, de superioridade, de elegância, de...

Sua tia rio divertida. Julianna não entendia exatamente por que, mas ela, com um enorme sorriso na boca, interveio: — Julianna, vangloria-me de ser uma pessoa sincera, o que em minha juventude, trouxe-me não poucas reprimendas de minha mãe e, depois, de meu marido. Por isso, acreditará-me se te digo que é toda uma beleza e que, sim é uma moça digna de ser exibida com orgulho, essa é você, querida minha? Quanto aos dotes sociais e a elegância, tenho que acrescentar que te parece tanto a seu pai como a mim. Em minha infância e em minha juventude eu era ainda mais tímida que você e evitava na medida do possível a quase todos o que não fosse familiar direto ou amigo íntimo da família, mas o amor de meu irmão Ti primeiro, e o de meu marido depois, deram-me a segurança em mim mesma e o apuro que necessitava para confrontar qualquer coisa. Só terá que aprender certos truques, e com seu caráter e inteligência só terá que ser você mesma.

Julianna rio pela forma como sua tia a comparou com ela, dessa forma tão encantadora, e não pôde a não ser agradecer com um sorriso as adulações que recebia e que lhe chegavam ao mais profundo de seu orgulho e, se o tivesse acreditado possível, teria pensado que de repente tinha crescido vários centímetros.

— Julianna, é quase meia-noite, deve estar esgotada. Pela manhã, durante o café da manhã, poderemos terminar de falar de alguns detalhes. De momento, deveríamos descansar. Você, porque deve estar exausta e eu, porque sou uma senhora de certa idade.

Julianna sorriu divertida.

— Além disso, amanhã nos espera um longo dia de compras, porque temos que lhe procurar o vestuário adequado para sua nova vida, e estimo

que Amelia vai desfrutar tanto como nós, assim, sem mais demora, vou retirarme. Boa noite, querida.

Levantou-se, deu-lhe um beijo na bochecha e fechou a porta, enquanto Julianna voltava a lhe agradecer e lhe desejava boa noite.

Julianna dormiu algumas horas, mas, antes do amanhecer, despertou inquieta. Começou a meditar sobre a conversa com sua tia. Embora lhe desse certa ansiedade que quisesse apresentá-la em sociedade, já que não podia imaginar-se essas festas e bailes onde se sentiria tensa e desconjurada, também se sentia agasalhada, querida, e era tão agradável voltar a sentir essa conexão com alguém como a que tinha sentido junto a seu pai. Veio-lhe à cabeça o que lhe disse sua tia: “agora é uma rica herdeira”.

— Oh, isso é tão estranho — sussurrou —. Deveria falar com ela. Tentar que não siga adiante com essa ideia.

Pensou em seus irmãos. Apesar do que sua tia lhe tinha prometido, não estava segura de que a herança estivesse a salvo deles, nem tampouco de está-lo ela mesma, porque ainda devia lhes pedir permissão para casar-se, se é que isso chegava algum dia. De qualquer modo, não estava disposta a deixar que interferissem em sua vida nunca mais. A ideia de independência era cada vez mais tentadora, até conhecendo as limitações e restrições que existiam para uma mulher, qualquer alternativa lhe parecia muito melhor que achar-se a mercê de seus irmãos de qualquer modo. Ficou pensando um momento, olhando tudo o que lhe rodeava. Saltou da cama e foi olhar-se no espelho. De novo sentiu a opressão no peito ao ver em seu reflexo as marcas em sua pele, em seu pescoço, seus pulsos... Se obrigou a desviar o olhar.

— Não, não. Tudo isso fica para trás. Começo uma nova vida.

Pensando nisso, agradeceu a sua tia que não tivesse falado nos acontecimentos mais desagradáveis, que não a tivesse forçado a lhe mostrar nem lhe contar mais do que Julianna estava disposta, e tampouco valorizou ou julgou o comportamento do conde e sua família, embora sim honrou a posição de seu pai e sua forma de proceder.

— Isso demonstra quão leal era com seu irmão, mas também que é generosa e pormenorizada.

Decidiu que, a partir desse momento, faria tudo que estivesse em suas mãos para agradecer a sua tia tudo o que estava fazendo e lhe devolveria em dobro o amor e ternura que lhe mostrava.

— Vou ser a melhor filha do mundo. Farei que se sinta orgulhosa — disse, olhando-se no espelho com ânimo renovado —. Vais aprender a ser

toda uma dama... — Justo nesse momento recordou Amelia. Sacudiu a cabeça e disse em voz alta —. Que irmã você é. Nem sequer sabe como se encontra.

Agarrou sua bata apressadamente e saiu correndo à sala contigua, onde a noite anterior tinha deixado Amelia dormindo. Ao entrar com cuidado viu que seguia no mesmo lugar, profundamente adormecida. Ficou olhando uns instantes e se virou para partir, mas, ao fazê-lo, tropeçou com um divã sobre o qual tinha estendido um precioso vestido de seda em cor verde água, um casaco combinando e no chão, a seus pés, umas preciosas botas de cordões à última moda.

Sem dúvida, tia Blanche era uma mulher generosa e precavida. Sorriu e saiu, evitando despertá-la. Ao chegar ao seu quarto viu que no divã de seu dormitório havia outro elegante vestido de um azul claro com um casaco de veludo azul escuro com luvas, chapéu, bolsa... Era mais elaborado que o de Amelia, próprio de uma senhorita de mais idade, compreendeu. Em seguida, atrás dela, apareceram duas donzelas.

— Senhorita? Sou Adelaide e ela é Glória. Somos suas donzelas.

Julianna olhou às duas mulheres que havia em seu quarto, uma das quais tinha deixado uma bandeja com uma taça de chocolate e uma pequena cesta de prata em que supôs haveria algum pão-doce ou biscoito. Ambas fizeram uma reverência. Deviam ter pouco mais anos que ela, eram miúdas e de aspecto agradável e estavam elegantemente uniformizadas. Julianna se ruborizou e esteve também a ponto de fazer uma reverência, mas, não sabia como, imediatamente compreendeu que não seria correto.

— Bom dia, sou Julianna. Sobrinha da senhora Brindfet. Encantada de lhes conhecer — respondeu com o tom mais formal e educado que pôde.

A mesma donzela de antes acrescentou: — Sabemos, senhorita. A senhora nos informou de sua chegada e nos atribuiu como suas donzelas. Quer que a ajudemos a vestir-se e a pentear-se?

Julianna assentiu.

— Sim, muito obrigado.

Enquanto a vestiam, penteavam e perfumavam, sem que tivesse que fazer nada além de levantar os braços e ficar quieta, informaram-lhe que sua tia tinha encomendado vários vestidos, roupas de cama, roupa interior, complementos como luvas, chapéus, bolsas, sapatos e botas, espartilhos, regatas, lenços, sombrinhas e inclusive algumas joias, que estavam em sua nova penteadeira e no vestiário, para ela e para Amelia. Assim que

terminaram de vesti-la, mostraram-lhe esse vestiário que estavam todos esses objetos devidamente colocados. Julianna arregalou os olhos. Ali tinha vestidos de noite, de passeio, de montar, havia tantos que era impossível que fossem para uma só pessoa.

Quando terminaram, Julianna se olhou no espelho e se assombrou: de novo esse rosto e essa figura tão familiar e tão estranha, quão mesma a do dia da Festa da Colheita... Encolheu-lhe o coração ao pensá-lo e sentiu uma pontada aguda no estômago.

— Julianna, Julianna!

Durou pouco a angústia porque Amelia apareceu correndo de camisola com seu vestido na mão, nervosa e eufórica.

— É para mim? De verdade é para mim? — parou em seco diante dela —. Oh, Julianna. Está preciosa. Que vestido! Que penteado! Está... Está...

Justo atrás dela soou a voz de sua tia, que estava entrando nesse momento terminando a frase por ela: — Está preciosa — sentenciou —. Me dá permissão para entrar, querida?

Julianna assentiu enquanto jogava um rápido olhar a seu aspecto e ao vestiário.

— Tia Blanche. Isto é muito... O vestiário...

Sua tia fez um gesto com a mão despreocupada.

— Como dissemos, vida nova, e terá que estar preparada e armada adequadamente para isso, não é certo? — Levantou a sobrancelha e sorriu.

Julianna soltou uma gargalhada quase nervosa. A forma de expressar-se de sua tia era brincalhona, franca, mas nela seguia soando tudo elegante.

— Obrigado, tia. — Terminou de dizer.

Sua tia olhou para Amelia e perguntou: — E você, pequena, por que ainda não está vestida? Se você não gostar desse vestido pode escolher qualquer outro. Venha — movendo as mãos —, que lhe esperamos para o café da manhã. Temos que falar de nossos planos para hoje.

Amelia se apressou a dizer totalmente ruborizada: — Eu adoro o vestido. É precioso, obrigada. — Olhou para Julianna e acrescentou —: Não demoro nada. Prometo-o.

E, sem mais, saiu correndo do quarto com um enorme sorriso nos lábios.

Sua tia sorriu satisfeita: — Enfim. A primeira lição será lhe ensinar que as senhoritas não correm, salvo que as persiga o exército de Napoleão.

Ambas riram.

— Bom, enquanto Amelia fica em casa com seu novo preceptor, você e

eu iremos ver um advogado, a assinar os papéis para que solicite a independência de seus irmãos. — Suspirou fundo e acrescentou, olhando-a muito fixamente —: pensei muito e acredito que, para que seja proprietária de suas decisões, não só sobre os bens que te deixe, já que com respeito a isto está tudo bem amarrado, mas sim para que você seja a que dita sobre sua vida sem ter que dar explicações, o melhor será obter essa independência legal. E, como ficará sob meu amparo, não duvido que lhe concedam isso. É seguro que tentem fazer algo em proveito próprio se tiverem a oportunidade e, sinceramente, acredito o mais conveniente eliminar toda oportunidade de que assim seja. — Suspirou —. Julianna, desculpa que seja tão franca, sei que são seus irmãos e que os ama, apesar de seus defeitos e de seu comportamento, mas ambas sabemos que tem que te proteger, inclusive deles. E mais, aventuraria-me a dizer que tem que te proteger especialmente deles.

Antes que sua tia continuasse, interveio: — Tia Blanche, ontem à noite pensei no que falamos e eu também acredito que é o melhor. Além disso, é verdade que os amo, mas também me dão certo medo e me preocupa o que possam fazer no futuro com respeito a mim, sobre tudo, quando se inteirarem de que vivo aqui.

Sua tia tomou sua mão enquanto dizia: — Pois, nesse caso, não perderemos tempo. Em algumas semanas, com um pouco de sorte, solucionaremos este assunto, ou um pouco mais de tempo, se se empenharem em complicar os trâmites, e depois disso poderemos nos esquecer deles. E agora... outro pequeno assunto... Julianna, ontem à noite não lhe perguntei isso, porque ainda estava angustiada, mas queria lhe apresentar a um de meus mais queridos e velhos amigos. Tem dois filhos. A pequena é uma jovem encantadora, com a qual sei que fará uma boa amizade e se converterão, rapidamente, em grandes amigas. Mas acredito que poderemos adiar as apresentações em uns dias, até que se encontre plenamente resposta.

Este último o disse lhe olhando os braços e o pescoço que, embora agora estivessem perfeitamente escondidos pelo vestido, sabia que ainda lhe doíam e lhe incomodavam. Julianna suspirou e respondeu: — Obrigada, tia. Acredito que será o melhor. Além disso, assim poderá me pôr a par de tudo o que preciso saber e me ensinar alguns desses truques que mencionou ontem.

Sua tia rio, lhe dando um novo apertão nas mãos.

— Ai, querida. É tão preparada e franca como eu. — Voltou a rir —. É muito agradável saber que seu pai tinha razão. Parecemo-nos muito fisicamente, mas sobre tudo no caráter... Bom, é compreensível, ambas

crecemos sob a maravilhosa influência de Ti.

A Julianna cada vez gostava mais da forma de pensar e de expressar-se de sua tia, era estranhamente familiar...

Essa manhã, foram aos advogados de tia Blanche, onde, além disso, de tratar o assunto de Julianna, esta se surpreendeu quando sua tia lhes pediu que preparassem os documentos para converter-se na tutora legal de Amelia, incluindo a constituição de um dote para quando chegasse a casar-se. Depois recolheram Amelia em casa. Estava entusiasmada com o que seu novo preceptor ia ensinar—lhe, o qual agradou tanto Julianna como a tia Blanche, que insistia em que a tratasse também como se fosse sua tia carnal e lhe custou não poucas tentativas essa manhã conseguir que por fim o fizesse. Levou-as a um bonito restaurante para comer, em uma das zonas mais exclusivas de Londres, perto das principais lojas e de uns preciosos jardins onde, informou-lhes sua tia, estavam acostumados a ir passear as damas da alta sociedade acompanhadas de elegantes cavalheiros.

Julianna se sentia coibida quando os cavalheiros a olhavam. Não estava acostumada a centrar a atenção de uma maneira tão evidente, mas, nessas ocasiões, sua tia lhe agarrava a mão como mostra de satisfação e acrescentava frases como “já havia te dito, querida, que é toda uma beleza” ou “a partir de agora, vais ter que te acostumar a que os cavalheiros lhe admirem e as damas lhe invejem, é parte do trabalho”. Tentava fazer com que Julianna se sentisse relaxada, tirar importância a esse tipo de coisas e, de uma forma um pouco estranha, pensava ela, obtinha-o. Entretanto, seguia sentindo-se um pouco incômoda ante o olhar dos estranhos. Não sentia o medo ou a sensação de estar desconjurada de antes. “Será isto o que se referia minha tia quando falava de adquirir confiança e segurança?”, perguntou-se quando saíram do restaurante e ao menos seis cavalheiros tocaram o chapéu e inclinaram a cabeça como saudação.

O resto da tarde a passaram comprando tecidos, roupa interior de uns finos e delicados materiais e alguns chapéus, e inclusive entraram em uma livraria, onde tanto Amelia como Julianna selecionaram livros para estar ocupadas um ano inteiro.

Tia Blanche parecia tentar que não pensasse no que tinha ocorrido as semanas anteriores, porque as manteve tão ocupadas durante os seguintes dias que sempre caíam como troncos em suas camas. Julianna ficava todas as noites trocando anedotas com tia Blanche. Narravam-se suas respectivas vidas como se tivessem a necessidade de não ter segredos entre elas. Salvo o

beijo no bosque. Julianna seguia tendo a imagem de Cliff gravada no coração. Procurava afastá-lo de sua mente, especialmente pelas noites, mas seus olhos verdes, suas mãos, sua voz, pareciam persegui-la sem remédio. Não podia contar isso a sua tia. Não era por vergonha ou por falta de confiança, mas sim porque acreditava que isso seria confessar, reconhecer por fim, que estava apaixonada por ele. Que estava apaixonada pelo único homem que jamais poderia ter, do homem que lhe tinha feito tanto mal. Do homem que lhe tinha quebrado o coração.

CAPÍTULO 08

Levavam pouco mais de dois meses em Londres. Julianna e Amelia já se habituaram a aquela casa, a seus habitantes e, a sua tia Blanche. Professavam-se carinho sincero, e o melhor era a incorporação da Amelia a esta família de mulheres. Graças a seu preceptor e a ver-se rodeada de um carinho familiar, tornou-se tão vivaz e decidida que parecia outra pessoa, mas era tão agradecida e amável que as fazia sentir-se orgulhosas. Além disso, aprendia tão depressa e devorava tão eufórica os livros e as lições de seu preceptor que este se viu obrigado a incorporar algumas matérias às aulas. Todas as manhãs descia correndo as escadas desejosa de começar as lições, embora a de não correr como se estivessem no campo ainda resistia.

Julianna tinha tomado por costume montar todas as manhãs junto sua tia, quem, apesar de sua idade, resistia a deixar esse exercício diário. O certo era que o fazia com uma naturalidade pasmosa. Ela, entretanto, demorou uns dias em acostumar-se à cadeira e à postura de montar das damas, pois estava acostumada a galopar escarranchada pela pradaria sempre que tinha oportunidade.

Uma das noites, depois do jantar, enquanto tia Blanche ensinava Amelia a bordar com fios de prata, ficou olhando o céu pela janela e sentiu certa tristeza e nostalgia. Tratava-se de uma tristeza bem conhecida, porque já fazia semanas que a acompanhava lá onde fosse. Na cidade não podiam ver as estrelas, tinha muitas saudades de escapar de noite, deitar-se em solidão no milharal ou perto dos bosques e olhar o brilho das estrelas no céu, cheirar o campo, a grama e... a liberdade.

Tia Blanche, de novo, surpreendeu-a: — Querida, sente falta de escapar para ver as estrelas? — disse, e Julianna a olhou com os olhos grandes e a boca entre aberta —. Seu pai me contava, em suas cartas, que você escapava quase diariamente, que nunca te alcançava e que, às vezes, lhe dava vontade de te amar à cama assim que você punha a camisola.

Sorriu e Julianna rio imaginando seu pai amarrando-a para evitar suas escapadas.

— Bom, sempre tinha que procurar novos métodos de fuga. — Reconheceu sorrindo —. Mas papai chegava tão cansado que, normalmente,

dormia antes que eu, assim que escutava seu primeiro ronco, escapava... — As três riram, e disse então, com uma voz um pouco mais triste —: Mas tenho que reconhecer que sinto falta do céu, o aroma do campo, o ar da noite.

“O bosque onde me beijou...”.

Sua tia a olhou: — Entendo-te bem. — virou-se para olhá-la enquanto conversavam —. Quando me casei e nos mudamos à primeira casa que tive com o senhor Brindfet, demorei um pouco em me acostumar a não ter o mar perto, a não sentir o ar marinho pelas manhãs, e ainda hoje, há vezes ainda tenho saudades. Por isso comprei uma pequena casa em uma encantadora aldeia costeira e vou lá algumas vezes ao ano. De fato, poderíamos organizar uma excursão de vários dias para dentro de algumas semanas. Eu verei o mar e você as estrelas...

— Eu adoraria, tia Blanche. Seria maravilhoso, obrigada.

Julianna soou francamente emocionada. Amelia levantou a vista de seu bastidor e perguntou, com voz fraca: — Mas teremos que pegar outro navio?

As duas mulheres riram ante sua cara de horror.

— Não, Amelia, não. Não terá que subir em nenhum navio...

Riram de novo depois da pormenorizada resposta da tia.

À manhã seguinte, enquanto tomavam o café da manhã, tia Blanche pôs a seu lado três cartas.

— Bom, meninas, tenho uma grata surpresa. — Falava-lhes com tranquilidade e quase sem as olhar enquanto pegava uma das três cartas —. Meu grande amigo, o almirante Rochester, e sua filha, lady Eugene, depois de saber que estão aqui comigo, convidaram-nos para tomar chá em Hortford. Já abriu sua casa para passar em Londres a temporada, que começará em apenas umas semanas. Sua residência está relativamente perto daqui e seremos a primeira visita que recebem, assim acredito que deveríamos aceitar seu amável convite. Poderíamos lhes visitar amanhã.

Julianna sabia que era o momento de fazer com que sua tia se sentisse orgulhosa delas e de dar esse novo passo da nova vida, assim, com convicção, respondeu: — Será uma honra, tia Blanche, além disso, falou-nos tanto de seu amigo, do amigo do senhor Brindfet, que ardo em desejos de conhecê-lo por fim, e como não, a sua filha.

— Nesse caso, decidido. Julianna, sabe como pode ganhar para sempre o carinho incondicional do almirante? Fazendo um desses deliciosos bolos. É o homem mais guloso sobre a face da Terra. Se provar um de seus doces manjares, o terá a seus pés sem necessidade de dizer mais nada. — e rio.

— Então, não há nada mais a dizer. Amanhã pela manhã, antes de nosso passeio, prepararei o mais rico bolo que já tenha provado. — Ambas riram —. Tenho que entender, tia, que este é um desses truques? — acrescentou picaramente.

Sua tia voltou a rir e acrescentou: — Um deles. — Moveu um dedo frente ao rosto de Julianna —. Um deles...

Em poucos minutos, Amelia se desculpou e foi reunir-se com seu preceptor para suas aulas. Quando estiveram sozinhas, sua tia prosseguiu. Sustentou outra das cartas com gesto sério e claramente preocupado.

— Agora que estamos sozinhas, queria te dizer que esta tarde deveríamos ir ao despacho dos advogados, pois me informam que já sou a tutora legal de Amelia, mas que, além disso, carinho, já está desligada legalmente de seus irmãos, e que pode recolher a documentação que assim o credita.

Julianna a olhou assombrada: — Tão rápido? Acreditei que seria mais árduo conseguir com que meus irmãos aceitassem, depois de sua reação quando o advogado contatou com eles a primeira vez.

Sua tia lhe respondeu firmemente, olhando-a nos olhos.

— Comprovará, Julianna, que as boas relações podem facilitar muito as coisas em algumas ocasiões. Um dos melhores amigos de meu defunto marido é um dos mais célebres magistrados do país e... Bom, digamos que aplainou um pouco o caminho, porque seus irmãos, como indicava, em um princípio parecia que iam opor-se e, pôr muitas travas, mas finalmente desistiram. Imagino que para economizar os falatórios e, possivelmente, também os custosos trâmites legais...

Julianna não perguntou nada mais, embora se sentiu imensamente aliviada.

Sem lhe dar tempo para assimilar esta notícia, e enquanto colocava junto a sua mão outra das cartas, sua tia, com gesto mais sério e tenso, acrescentou: — Pegue. Acredito que deveria lê-la. É de seu irmão Ewan.

Julianna pegou a carta e a olhou com expressão de assombro e, quase tremendo, abriu-a e começou a lê-la, saltando as cortesias iniciais:

Estimada senhora, (...) Meus irmãos e eu nos encontramos na penosa situação de lhe informar dos últimos feitos acontecidos em relação com nossa irmã pequena, Julianna, e lhe rogar que, se tiver notícias dela ou de seu paradeiro, nos avise o antes possível, já que, depois do que lhe narrarei, poderá imaginar como consternados e preocupados estamos.

Nosso pai, em seu testamento, deixou a Julianna um dote que receberá

como atribuição até que contraia matrimônio. Também pediu que, até esse momento, ela permanecesse em que, até então, tinha sido o único lar que conhecia. Não obstante, Julianna sempre foi uma menina rebelde, com um temperamento difícil de controlar, e decidiu partir de casa e procurar uma residência própria ao contar com essa atribuição para ajudá-la, ignorando a voz e conselhos de seus irmãos mais velhos...

Julianna levantou os olhos da carta com expressão furiosa.

— Como se atrevem a insinuar que eu, deliberadamente, descumpri o último desejo de meu pai? Deus santo! Foram eles que me convidaram, e não precisamente de um modo muito cordial, a abandonar até então o que acreditava ser minha casa... É... é...

Sua tia lhe segurou a mão.

— Querida, não importa o que eles digam nessa carta, ambas sabemos a verdade, e não deve te alterar por eles nem por suas opiniões... Continua lendo, por favor.

Julianna voltou a olhar a carta, esperando o pior, dado o pedido de sua tia e o semblante severo desta.

Sem consultar nem pedir consentimento de seus irmãos, arrendou uma casa, um pouco separada do povoado, e partiu para viver ali com a única companhia de uma jovem que vivia no orfanato de Saint Joseph. Mas, faz umas semanas, enviou ao gestor da casa uma missiva dizendo que dava por concluído o arrendamento, recolheu todos os seus pertences e, após, desconhecemos seu paradeiro. Como compreenderá, nossa preocupação foi considerável e, inclusive, trabalhamos a possibilidade de dar parte às autoridades para que tentassem encontrá-la, mas, depois de pensarmos, estimamos que isso poderia dar lugar a rumores que pudessem degenerar em um escândalo que prejudicasse sua reputação...

— Mas... estão insinuando...

Julianna suspirou furiosa, mas se obrigou a terminar a carta antes de tirar piores conclusões, embora fosse difícil não o fazer.

Inclusive nos vimos na obrigação de ocultar o fato de que desconhecemos o seu destino a nossos amigos e vizinhos. E mais, o conde de Worken, que, como recordará, é o proprietário das terras das quais sou arrendatário,

interessou-se por nossa irmã, e tivemos que reconhecer ante o mesmo que ignorávamos onde se achava e lhe rogar a devida descrição a respeito.

Nossa preocupação se tornou agora em alarme e consternação, já que recebemos o pedido formal de sua independência e a posterior concessão da mesma pela Magistratura Geral de Londres. Soubemos que tudo isso se administrou através de uns advogados de Londres. Por esta razão, suspeitamos que possa estar residindo nessa cidade e, se for assim, é possível que tente contatar você em algum momento. No caso de que isto acontecesse, rogamos nos informar para tomar medidas oportunas e tentar recuperar a nossa irmã, como seria o desejo de nosso pai...

Sem vontade de continuar lendo as despedidas e formalidades banais de seu irmão, Julianna olhou a sua tia com verdadeira preocupação e com lágrimas nos olhos que ameaçavam sair de pura raiva. Começou a balbuciar as ideias que lhe cruzavam pela cabeça: — Sabem que estou em Londres... Virão me buscar. A família do conde... por que lhes perguntaram por mim? Não quererão que retorne, verdade? Agora posso decidir, não é assim?

Sua tia esperou uns segundos que deixasse de falar e expôs com um tom tranquilo: — Julianna, essa última parte, agora é você que decide... Bem, bem. Essa é a conclusão a que queria que chegasse por que... Vejamos... Que tal se formos por partes?

Julianna a olhou timidamente e assentiu. Sua tia prosseguiu de maneira quase cerimoniosa, como se estivesse recitando ou revisando os menus da semana com a cozinheira.

— Quanto a que seus irmãos sabem ou podem saber que está em Londres e que podem vir por ti. Bom, poderiam descobrir que está comigo e vir te buscar, mas agora não podem te obrigar a nada. Se quiser viver aqui, não podem opor-se, e se opõem, é uma questão que a ti não tem que preocupar-se, como tampouco me preocupa. Agora está em disposição de vê-los ou não vê-los, de ir ou não com eles... E se o que desejás é ficar aqui, pode fazê-lo sem preocupar-se de suas ameaças e, por Deus, se o fizerem, estou aqui para te ajudar e entre as duas... Bom... Será melhor que rezem, porque quando as mulheres McBeth se zangam, que trema quem nos tenha zangado. — Respirou profundamente como se assim ficasse concluído o assunto.

Julianna assentiu e inclusive começou a relaxar a expressão de seu rosto, não só pela sensatez e a calma que mostrava sua tia, o qual lhe inspirava uma cega confiança em suas palavras, mas sim por seu modo de expor, de fiar os

pensamentos e preocupações de Julianna de um modo tão calmo, quase prosaico, fazendo com que parecesse que mal tinham importância ou, pelo menos, que não deviam ser fonte de alarme ou desassossego.

— A respeito do conde de Worken e sua família... — Moveu a cabeça suavemente e, entreabrindo os olhos, continuou —. Desaprovo suas ações e, por seu modo de conduzir-se contigo e com seu futuro. Foi desafortunado, irresponsável, egoísta, brincaram com a vida de outra pessoa de uma forma que raia a soberba. Não está em meu ânimo valorar nem julgar se esse modo de proceder tinha ou não um motivo honorável, ou se se apoiava em boas intenções ou em um agradecimento por feitos do passado. Deus sabe que se alguém tivesse salvado a vida de meu pequeno lhe teria estado imensamente agradecida e teria movido céu e terra para lhe demonstrar esse agradecimento se me tivesse pedido isso. Mas o que sim acredito que devemos fazer, e digo devemos porque o que acontecer contigo acontece comigo, e se dói em ti, dói em mim, é perdoar seu comportamento, para esquecer, para seguir adiante. Perdoando deixa para trás o rancor e o sofrimento e poderá olhar para frente sem preocupar-se por eles ou se por acaso se consideram ou não ainda em dívida contigo. Agora tem uma nova vida e merece desfrutá-la.

Julianna a olhava com semblante sério e tentando esboçar um sorriso respondeu: — Obrigada, tia. De novo, tem razão. Tentarei não me preocupar com meus irmãos e tentarei, além disso, perdoar. É certo agora tenho uma nova vida, uma vida feliz.

Durante uns minutos, ambas ficaram muito caladas, pensando em suas próprias palavras e as reações mútuas. Julianna tinha respondido o que acreditava que sua tia esperava escutar, embora compreendia que realmente era o que devia fazer. Entretanto, tinha uma imagem fixa no fundo de sua mente: Cliff de Worken. “Tenho que perdoar para esquecer... Esquecer... Como vou esquecer? Apesar de tudo não consigo esquecê-lo...”.

O resto do dia o passou ocupadíssima realizando recados e diversas compras com sua tia que, de novo, parecia empenhada em deixá-la exausta para evitar que pensasse muito em todas essas ideias e preocupações. Sua tia enviou a resposta aceitando o convite de seu amigo e, entre ambas, selecionaram os vestidos que usariam essa tarde, já que queriam causar boa impressão em sua primeira visita social. Os nervos dessa visita suavizaram um pouco a raiva e a preocupação que tanto a carta de seu irmão como as pouco veladas insinuações lhe tinham provocado.

Pela manhã, Julianna se levantou muito cedo. Estava ansiosa por preparar

o bolo para o almirante. Tinha decidido fazer dois, um com nata e praliné e outro com frutas. Enquanto cozinhava, surpreendeu-se recordando as últimas semanas, o muito que tinha mudado Amelia, o muito que tinha mudado ela mesma. Entretanto, seguiam sendo as mesmas e sua tia parecia aceitá-las e apreciá-las como tais. Não só não parecia lhe importar que fossem como eram, como as aconselhava a permanecerem fiéis a si mesmas.

Tia Blanche não criticava que Julianna permanecesse todos os dias ao menos um par de horas só na biblioteca lendo, ou que desfrutasse na cozinha elaborando complicados bolos ou doces e provando novas receitas com a pastelaria. Inclusive se surpreendeu quando, depois de estragar um dos bonitos vestidos novos por culpa de um molho de amoras, lhe deu de presente todo um arsenal de aventais para usar na cozinha.

Passou inclusive a ajudar à filha da cozinheira a montar um pequeno negócio caseiro de bolos, do qual Julianna se converteu, de repente, em sócia. De momento, elaboravam na cozinha da mansão, no dia livre de grande parte do pessoal da cozinha, algumas sobremesas que a moça vendia nas casas nas quais servia como ajuda externa (já que se aproximava a época em que se abriam as grandes casa e mansões da cidade para a nova temporada de bailes e reuniões da alta aristocracia e das famílias mais enriquecidas do país, e estava acostumada a haver trabalho para muitas moças e moços que completavam os serviços de todas elas). Tratava-se de uma moça jovem, que ia casar-se com o valete de um duque de uma casa da região, e precisavam economizar tudo o que pudessem para as bodas e o aluguel de uma casa na região dos moles. E parecia um negócio prometedoro, porque às poucas semanas de começar contrataram uma amiga da moça para que as ajudasse com os pedidos. Sua tia Blanche lhe dava conselhos para que, no futuro, as moças montassem uma espécie de confeitaria, da qual Julianna podia ser “sócia na sombra”, como chamou, e ajudar às duas jovens a levar a contabilidade, a documentação e lhes aconselhar novas receitas e modos de gestão. Sua tia se converteu, anos atrás, em uma perita comerciante com a ajuda de seu marido, que respirou, em seu dia, os bons dotes administrativos e o ágil dom para os investimentos de sua esposa, lhe pedindo conselhos em alguns de seus negócios quando via que a visão feminina podia lhe ser de ajuda ou, inclusive, levando-a consigo em algumas viagens e permitindo que tia Blanche aparecesse como sócia de vários negócios, como o da exportadora têxtil que ainda mantinha e em que, durante um tempo, foi encarregada de selecionar pessoalmente os tecidos e materiais para a

importação e exportação da China ou América.

De momento, todo aquilo eram somente ideias para o futuro que permitiam a Julianna sonhar e ver o mundo de outra maneira, e sua tia sabia. Via sua mente inquieta e sua necessidade de sentir-se útil, como ela em sua juventude. De qualquer maneira, também sabia que viviam em uma sociedade na qual as mulheres estavam acostumadas ter as mãos atadas para muitas questões, e tia Blanche assim o expôs, embora lhe ensinando também que basta uma forte vontade e um pouco de inteligência para obter tudo o que se propusesse. Como ela eloquentemente declarou, “pode fazer muitas coisas sempre e quando não o fizer de maneira pública. Eu ajudava meu marido em seus negócios e era sócia direta de alguns deles, mas não o diria a ninguém em público nem que me açoitassem”.

De momento, o negócio de Julianna só dava alguns pequenos benefícios que tinha ido depositando como lucros em uma caixa, para o dia que se casasse a moça comprar o vestido de noiva e alguns detalhes. Feito que tinha descoberto, de maneira acidental, a cozinheira e mãe da futura noiva, que, após, demonstrava uma admiração quase reverencial por sua senhorita.

Sua tia, além disso, tinha-lhe ensinado que devia ser consciente de qual era agora sua posição. O não pertencer à aristocracia nem à nobreza não era óbice para encontrar-se por cima dos quais trabalhavam para elas, mas sem que isso supusesse maior diferença que a de ser empregador e empregado, não dono nem amo, e menos ainda alguém que pudesse dispor da vida de outros a seu desejo. Sua tia detestava aos déspotas e tiranos, independentemente de sua fila ou berço, e o inculcava às duas jovens quase diariamente. Todo o serviço era extraordinariamente leal a sua tia, respeitavam-na, disso não havia dúvida. Explicou-lhe que, a todos os que trabalhavam para ela agora ou no futuro, bem em sua casa ou em qualquer outro lugar, tinha que lhes tratar sempre com respeito, cortesia e decoro, mas que havia certas confianças que não devia tomar-se nem tampouco permitir-se. Sua tia vinha de uma família humilde e sabia bem do que falava, da necessidade de que se respeitasse a qualquer pessoa pelo que era, não por sua classe, e da necessidade de respeitar o trabalho alheio, já fosse um servente ou um advogado. Observou a sua tia durante esse tempo e se deu conta de que, em privado, tratava de uma maneira muito próxima, quase como se fossem amigas íntimas, a sua donzela pessoal, e inclusive permitia que esta lhe expressasse suas opiniões abertamente sobre quase tudo, mas só quando estavam a sós em seu dormitório, somente ali e se não havia ninguém mais na

sala. Desse modo, Julianna tratava a grande parte do serviço, com mais proximidade do que seria normal, mas mantinha esse respeitoso espaço, essa distância de cortesia que lhe tinha ensinado sua tia. De todos os modos, todos os serventes da casa, do mordomo até o pessoal da cozinha e das cavalariças, mostravam um carinho especial pelas duas novas senhoritas, e inclusive as ajudaram a adaptar-se a sua nova vida, a aprender a mover-se na cidade e lhes contavam, quando sua tia não os ouvia, as intrigas das famílias com as quais iam acotovelar-se a partir de então. Graças às informações que os serventes contavam entre eles quando iam ao mercado, às lojas e lugares onde se reuniam longe de seus senhores, sabiam de todos que compareciam aos bailes e jantares aos quais sua tia ia anunciando que compareceriam. Julianna não recordava os detalhes da maioria, mas, ao menos, seria capaz de reconhecer alguns nomes de havê-los escutado essas semanas.

Com respeito a Amelia, tia Blanche não só permitia que passasse todos os dias um momento ajudando aos jardineiros plantar flores ou novos tipos de plantas, como, ao descobrir o muito que gostava de hortas, uma manhã a levou a parte traseira do jardim, onde os jardineiros tinham preparado toda uma zona para que fosse sua horta particular, e lhe animou a plantar tudo o que lhe ocorresse. Ela e seu preceptor passavam parte da manhã no jardim e em sua horta, e enquanto lhe falava de botânica, de agricultura, de ciência, e lhe dizia os nomes científicos ou em latim de flores, plantas e animais, Amelia lhe explicava como se plantavam algumas ervas aromáticas e medicinais, ou como plantar e cuidar de hortaliças, mostrara-lhe os tomates recém-plantados, seus pepinos, couves e algumas dessas ervas aromáticas que, dizia, logo utilizariam para fazer ricos manjares. Além disso, igual a Julianna, Amelia devorava qualquer livro que caía em suas mãos, sem importar a matéria, e tinha se revelado uma jovem com uns excelentes dotes para os idiomas, mas sobre tudo para a botânica e o cultivo de frutíferas e verduras de todo tipo.

No que, em troca, nenhuma delas mostrava talento algum era em duas atividades que todas as damas bem educadas deviam conhecer nessa época: a música e a pintura. Quanto à primeira, nenhuma das duas tinha ouvido bom, e tanto o professor de canto como o de piano quase convidaram à tia Blanche a investir seu dinheiro em atividades que não levassem a ambas ao ridículo, o que fez com que ambos levassem uma boa reprimenda de sua irada e ofendida tia quem, não obstante, em privado reconheceu, entre risadas, que tinham mais razão que um santo. Nem com anos de aulas de canto ou de

piano teriam conseguido que nenhuma das duas destroçasse os tímpanos de seus convidados. Quanto à pintura, bom, compreenderam as três em seguida que há talentos com os quais se nasce e outros com os quais não. Amelia tinha certa habilidade no lápis-carvão e o desenho linear, mas o que se supunha deviam fazer as damas eram pinturas como aquarelas, paisagens bucólicas e pinturas de flores e vasos, o que não gostava. Em troca, sim fazia graciosas caricaturas em carvão de todos que via.

Havia, entretanto, uma atividade com a qual Julianna especialmente desfrutava: o baile. O professor de baile vinha todas as tardes e lhes ensinava a dançar como “verdadeiras damas”. A valsa, o minuê, “dança pomposa”, como os definiu Amelia o primeiro dia, e que faziam, não obstante, com que todas elas se deliciassem, já que passavam bons momentos dando voltas pelo grande salão de baile da mansão. A falta de outros cavalheiros na casa, em mais de uma ocasião a tia Blanche pediu ao mordomo principal da casa, Furnish, e a vários dos lacaios, que lhes servissem de acompanhantes ou que algumas das donzelas dançassem com algum dos serventes para lhes servir de exemplo em alguns movimentos. O certo era que, graças a esses momentos, junto com os que passavam na cozinha ou no jardim, e o caráter de ambas as moças, tanto Amelia como Julianna aprenderam tudo em menos de uma semana.

Com os bolos devidamente colocados em umas bandejas que levava um dos empregados, e com suas duas protegidas perfeitamente vestidas para a ocasião, a senhora viúva de Brindfet se dirigiu em uma de suas melhores carruagens à mansão Hortford, onde as esperavam o almirante Rochester, o duque de Frenton, e sua filha, lady Eugene.

— Queridas, antes da visita, deveria lhes falar de nossos anfitriões, não sem lhes advertir que o que vou relatar lhes é quase sabido por todos nesta sociedade. Entretanto, é um tema que não se menciona, ao menos não de modo direto. E vocês tampouco devem fazê-lo. Aprenderão que este mundo, sobre tudo a aristocracia, tolera e aceita muitas coisas sempre que não se delas fale a viva voz, embora também seja bastante cruel com as pessoas envoltas em alguns assuntos. Me prometam serem discretas e, é obvio, tratar com o devido decoro e respeito tanto ao almirante como lady Eugene, que é toda uma senhorita a qual, além disso, conheço e admiro sinceramente desde que era um bebê.

Ambas assentiram e escutaram, sentadas frente a ela na carruagem, com plena atenção.

— Verão. O almirante, bom, ele quer que lhe chame assim porque ganhou a pulso sua posição na Marinha e está especialmente orgulhoso dele. Está aposentado há muitos anos. É o duque de Frenton, por isso, se não lhes indicar que lhe chamem de almirante, que estou segura o fará imediatamente, deverão se dirigir a de acordo a sua posição, quer dizer, “Excelência”. Tem um filho, Maximilian, lorde Maximilian, futuro duque de Frenton, e que, seguindo seus passos, atualmente é capitão na Marinha Real. Igual à sua irmã, ao jovem Maximilian lhe tenho um especial apego, embora seja um patife. — rio e entreabriu os olhos—. É encantador. Um cavalheiro simpático e divertido, com um grande êxito entre as damas, assim não baixem a guarda, inclusive me resulta difícil resistir a seus encantos. — rio novamente, mas olhou para Julianna como advertindo-a do que devia esperar —. Imagino que o conhecerão muito em breve, já que esta temporada, sua irmã será apresentada, estará aqui para ajudá-la e, a proteger de admiradores muito ansiosos... De fato, Julianna, você e Eugene comparecerão juntas a muitas reuniões, e esperávamos que se apoiassem uma a outra. Amelia é muito jovem, por isso não poderá comparecer a todos os bailes ou jantares, mas vocês duas podem se proteger e se ajudar estando juntas. Eugene é um pouco mais jovem que você, querida Julianna, tem dezoito anos, mas a apresentação em sociedade das senhoritas normalmente se faz entre essa idade e os dezenove ou vinte, por isso não será estranho que compareçam juntas. É uma jovem francamente doce e boa, mas sua origem fez com que muitas jovens de sua classe a tratassem mal em sua infância, e a põe muito nervosa ser apresentada entre seus pares, pois teme a condescendência de sua classe e que a olhem por cima do ombro. Mas tanto seu pai como seu irmão a protegerão e ajudarão e, além disso, goza de bons amigos que farão o possível para que seu ingresso na sociedade seja o mais satisfatório possível. Amigos entre os quais me encontro, é obvio, e espero que, a partir de hoje, vocês também.

De novo assentiram, e Julianna, entreabrindo os olhos, perguntou, até sabendo que sua tia ia continuar: — Sua origem?

— Meninas, recordem que estes temas não se tratam em público, e se alguém o faz é porque é mesquinho, cruel ou simplesmente uma pessoa que desfruta humilhando a outros, e por desgrça, nesta sociedade, especialmente entre a nobreza e a alta aristocracia, abundam muitas pessoas assim, embora se considerem cavalheiros ou damas. Coisa que evidentemente não são, apesar de seus berços ou títulos...

Fez um gesto com a mão como sinal de desaprovação a tais indivíduos e

de reprovação a si mesmo por andar se misturando com eles.

— O almirante, por razões óbvias, passava muitos meses no mar ou atolado em assuntos oficiais da Marinha Real. Depois do nascimento de seu primeiro filho, e já sem a pressão de dar um legítimo herdeiro ao ducado, durante os meses em que seu marido se achava fora do lar, a duquesa se dedicou a procurar outras diversões. O almirante se casou profundamente apaixonado por sua esposa, mas depois de alguns anos, e vendo seu caráter e por deixá-la tanto tempo só a faria infeliz, deixou-lhe livre, com a única condição de que fosse discreta e, é obvio, de que seus atos não prejudicassem nem ao ducado nem a seu filho. Entretanto, ficou grávida de seu último amante, e fruto dessa relação nasceu Eugene. Uma menina adorável a qual, depois da morte de sua mãe no parto, o almirante reconheceu como dele, sabendo que não o era, e a amou e protegeu como se fosse sangue de seu sangue. E que Deus proteja quem duvide da legitimidade de sua filha ou ouse pôr em dúvida que não é filha dele. É filha do almirante por todos os efeitos, nascida dentro do matrimônio e, portanto, ninguém tem que duvidar de que seja uma Rochester, um membro do ducado de Frenton de pleno direito. Entre a aristocracia abundam os filhos ilegítimos, os matrimônios por escândalo e coisas pelo estilo. Mas também há muita mesquinharia, ciúmes e interesses que faz com que o pior das pessoas revele os segredos das famílias, com intenção das danificar ou de obter algum proveito com isso. É uma das coisas para as quais deverão estar preparadas, as falações, as fofocas, os rumores..., mas não se deixem intimidar nem avassalar. Têm-me e a uma à outra, e isso é o mais importante, não o esqueçam. Bom, e espero que, a partir de agora, também possamos contar com o almirante e com Eugene e juntas combateremos a todos. — Voltou a rir como se de uma brincadeira privada se tratasse—. Me prometem que serão boas com Eugene? Que lhe darão a oportunidade de ser sua melhor amiga? Estou convencida de que, em pouco tempo, acabarão se adorando as três.

Quase às portas de Hortford, Amelia e Julianna lhe prometeram aceitá-la sem reservas e tratá-la como lhes tinha pedido tia Blanche.

A estas alturas, tia Blanche se encarregou de ensiná-las sobre a forma de apresentar-se em sociedade, já que, embora não havia dúvidas com respeito a Julianna, sim, em troca, com respeito a Amelia. Ao menos ao princípio, pois com o tempo a tia solucionaria qualquer problema e já estava em mãos de seus advogados todo o assunto da legal adoção de Amelia. De qualquer modo, já tinha posto seus advogados para trabalhar. Tinham-lhe informado,

tempos atrás, que no Saint Joseph os dados que figuravam da menina eram muito pouco reveladores de suas origens. No registro, simplesmente aparecia junto ao nome que lhe deram as irmãs, como dado de identificação, que foi encontrada recém-nascida na porta de uma igreja de um dos povoados próximos, e que, portanto, era de pais desconhecidos, aplicando-se deste modo, por norma do orfanato, um sobrenome comum como a outras crianças. Entretanto, tia Blanche tinha pedido aos advogados que formalizassem a documentação para que, por todos os efeitos, Amelia figurasse com o sobrenome McBeth, o que faria mais fácil não só sua integração familiar, mas também sua apresentação sem necessidade de dar muitas explicações. Deste modo, ambas seriam apresentadas como as senhoritas McBeth, Julianna como sua sobrinha e herdeira, e Amelia como, de momento, sua pupila e protegida.

Assim que entraram na impressionante mansão de Hortford, foram recebidas pelo almirante e por lady Eugene. O almirante era um homem enorme, com a pele claramente curtida por anos no mar, mas com uma presença própria da mais distinguida aristocracia e com um rosto muito agradável e de expressão severa, mas sincera. Sem dúvida alguma, tia Blanche tinha razão, porque assim que lhe mostraram os bolos feitos em sua honra, presente pessoal de Julianna, ganharam sua simpatia e, depois do primeiro bocado, além disso, sua admiração e carinho sincero. Realmente era o homem mais guloso do mundo. Era extremamente culto, educado, com uma conversa entretida e jovial. Mal levavam uma hora ali e tia Blanche soube que as meninas o tinham metido no bolso. Foram carinhosas, amáveis e, assombrosamente, o almirante as fez sentir tão relaxadas que foram elas mesmas quase desde o primeiro momento. Lady Eugene parecia nervosa por conhecê-las, estava ansiosa de ter amigas de sua idade que não a tratassem como até então algumas jovens de sua classe, e salvo sua prima lady Adele e a irmã pequena desta, Estella, não se relacionava com jovens. Não demorou muito e, a simplicidade e inocência de Amelia e a doçura e generosidade de Julianna racharam a armadura da moça, e em poucos minutos lhes rogava para que a chamassem de Eugene e não por seu título de cortesia. Por sua parte, Amelia e Julianna ficaram encantadas de poder ter uma amiga como Eugene, que era toda uma dama, doce, generosa e, como depois a descreveram, “toda uma beleza”, com esses olhos cinza e seu cabelo loiro.

Durante toda a tarde o almirante e tia Blanche trocaram olhares próprios de casamenteiros que acabavam de unir a um casal de noivos. Parecia que,

desde o começo, esperaram que as três combinassem para assim sentir que suas protegidas poderiam contar com uma amizade sincera que lhes permitisse apoiar-se entre elas, poder contar os segredos próprios das jovens e, além disso, servir-se de companhia mútua.

Durante as três semanas seguintes, o almirante e Eugene visitavam diariamente a mansão à hora do chá, embora também fossem comer ou jantar cada vez com mais frequência. O almirante encontrava, com aquelas mulheres, a paz e um ambiente familiar, acolhedor e, entretanto, estimulante e interessante que sentia falta, sem sabê-lo, até esse momento. As três jovens desfrutavam de sua mútua companhia, de confidências e de risadas. Amelia ensinou a Eugene a plantar na horta e logo contou com ela como “ajudante” para essa tarefa, para desgosto do preceptor, que passava grande parte da tarde as repreendendo por não comportar-se como senhoritas de bem, mas sim como “lavradores com saias”. Eugene tocava piano com uma agilidade e graça que Amelia e Julianna não podiam deixar de admirar boquiabertas, animando-a a lhes tocar sempre depois do chá ou do jantar, enchendo de música aquelas reuniões. Além disso, Eugene ajudou a ambas em suas lições de baile e logo melhoraram graças a seus conselhos, assim como com os conselhos quanto à forma de vestir, de levar algumas objetos e de recolher o cabelo.

Julianna preparava todos os dias alguma sobremesa, doces e pasteizinhos que o almirante degustava com voracidade. Brincava sequestrando-a para que lhe preparasse deliciosos manjares diariamente. Julianna passava muito tempo com o almirante e sua tia e lhe ensinava tudo o que sabia de navegação e sobre viagens. Estava fascinada com o mar da viagem a Londres e recordava a sensação de liberdade na coberta daquele navio como uma experiência memorável. Por sua parte, o almirante começou a afeiçoar-se rapidamente pelas meninas, especialmente por Julianna, com sua forma de pensar estimulante, aberta e sincera, sua generosidade, sua doçura e simplicidade, e inclusive gostava desse acanhamento que esperava não perdesse com os anos. Em seguida agradeceu que sua filha pudesse contar com aquela moça como amiga, com sua lealdade e sua forma de proteger aos seus. Não parava de fixar-se em quão protetora era com Amelia, como se preocupava com ela acima de si mesmo e, em pouco tempo, começou a ver que esse comportamento se estendeu sem reparos nem reserva para sua filha, o que lhe fez sentir um agradecimento sincero e profundo por essa jovem que, em apenas uns dias, tinha conseguido com que sua filha se abrisse como

só a tinha visto fazer quando Eugene estava com seu irmão Maximilian. Inclusive começou a desejar que seu filho se embebecesse com ela tanto como sua irmã e ele mesmo, porque adoraria ter Julianna como parte de sua família.

Blanche lhe tinha contado tudo relacionado à Julianna, incluindo o comportamento do conde de Worken e o incidente com lorde Bedford. Este último, se por acaso se encontrasse com ele em alguma ocasião, pela cara que fez, tia Blanche supôs que o faria em pedaços. Embora sim lhe chamou poderosamente a atenção que, no momento de lhe contar a história de Julianna, não revelou ao almirante a identidade do conde. Simplesmente falou dele e de sua família como de uma família da nobreza irlandesa. Posteriormente, quando analisou mentalmente o porquê dessa reserva, supôs que seria seu instinto natural de amparo, pela possibilidade, mais que evidente, de que o almirante conhecesse o conde e, inclusive, que fossem amigos ou parentes longínquos. Não temia, certamente, que o almirante fizesse, nem remotamente, nada que prejudicasse Julianna, justamente o contrário. Por seu comportamento com ela e, pelo muito que conhecia seu amigo, sabia que podia contar com sua ajuda incondicional para proteger Julianna de tudo e de todos se fosse necessário, mas ainda não queria submetê-la à pressão de enfrentar de novo o conde e a seu filho. Sabia que esse momento era inevitável, se começavam a frequentar os mesmos círculos em poucas semanas. Além disso, algo lhe dizia que Julianna sentia algo mais por Cliff de Worken que o que lhe havia dito, embora possivelmente não fosse totalmente consciente disso. Em algumas ocasiões, encontrava-a distraída ou calada, encerrada em seus próprios pensamentos de uma forma mais própria de alguém apaixonada que de alguém preocupada por acontecimentos que já pareciam muito longínquos e até superados.

Uma das noites, depois do jantar, e enquanto as três jovens falavam tranquilas em uma sala contigua contando-se anedotas e trocando ideias para os bailes aos quais logo teriam que comparecer, o almirante ficou a falar com sua querida e velha amiga do futuro das três jovens e lhe confiou uma preocupação a respeito de Julianna que tia Blanche não tinha estimado até então. A beleza de Julianna, que era, em sua opinião e em comparação com a de qualquer uma das moças que se apresentasse esse ano, muito superior.

— Querida Blanche, é consciente do perigo que corre Julianna?

Blanche arregalou os olhos e, embora não fosse tola, não o entendeu.

— Se te refere a que agora é uma rica herdeira, que, além disso, é

bastante bela e, portanto, o objetivo de muitos possíveis, digamos, pretendentes não desejáveis, não se preocupe, sou muito consciente — respondeu, adotando uma posição de segurança e de mãe super protetora.

O almirante a olhou com o cenho franzido e, virando-se um pouco para olhar Julianna, que seguia na outra sala, acrescentou: — Umm, bastante bela... Já não sou nenhum juvenzinho, mas posso te assegurar que Julianna é um pouco mais que uma jovem beleza... É de uma beleza arrebatadora! Eu diria que é extraordinariamente bela. Possui uma beleza e um encanto tal que faria a qualquer homem se voltar louco se o propõe. Mas o perigo para ela é... como poderia expressá-lo? O que fará com que nenhum cavalheiro possa deixar de olhá-la e quem sabe, algo mais perigoso para ela, é que não é consciente de que realmente é de uma beleza extraordinária. E, para cúmulo, esse acanhamento que faz com que seja tenra e inalcançável ao mesmo tempo... acredite-me, nenhum cavalheiro com olhos na cara, de fato posso te assegurar que nenhum cavalheiro que se encontre em Londres e arredores e respire, poderá resistir. E não acredito que ela seja consciente disso e, certamente, não está preparada para as apostas as que, auguro-te, a vão submeter. É muito inocente, necessita que a proteja ainda mais que a Eugene.

Tia Blanche olhou Julianna a distância e compreendeu rapidamente a que se referia o almirante. Não tinha considerado a inocência e o acanhamento de Julianna como um acréscimo a sua beleza, cada vez mais evidente, o que conferia a jovem um elo de inocente sensualidade que qualquer caçador masculino cheiraria a milhas de distância. Era uma beleza que, embora não tivesse um centavo no banco, obteria com somente um baixar de pestanas arrebatador os melhores partidos a qualquer dos jovens que fossem se apresentar, e o pior é que ela nem sabia nem acreditaria, por muito que o dissesse sua tia ou qualquer um. Tinha gravado em seu interior os insultos e os desprezos aos quais se viu submetida desde pequena para acreditar o contrário. E embora confessasse uma manhã a tia Blanche que, em algumas ocasiões, via-se bonita quando a terminavam de pentear e vestir, sabia que não se via como a beleza que realmente era e isso era algo ao qual os homens não resistiam.

— Não o tinha visto assim. Possivelmente tenha razão, mas então... o que propõe? — perguntou ao almirante.

Este bebeu de sua taça de brandy e disse:

— Vou confessar—te uma coisa, querida amiga. Pensei de fato, desejei, que o destino — arqueou as sobrancelhas e olhou à tia Blanche— converta

Julianna em minha futura filha.

Tia Blanche fez um semblante ofendido.

— Julianna com o beija-flor de Maximilian? Bom, bom, almirante, não sei se Maximilian seria capaz de estimar como merece a minha sobrinha... — Olhou ao almirante com esse olhar pícaro, sabendo ambos que tinham tido em mais de uma ocasião a mesma ideia.

— Não adiantemos os acontecimentos, mas conhecendo como conheço meu filho e sabendo que Max de parvo não tem um fio de cabelo, sei, não asseguro-te que cairá rendido ante Julianna assim que a veja, e não desejará nem poderá separar-se dela assim que sua doce sobrinha lhe diga algo. Max está perdido.

Ambos riram e imaginaram a cena sem parar de rir do pobre Max.

— Bom, mas se não for assim... Qual era seu plano? — insistiu tia Blanche.

— Em realidade não é nenhum plano, a não ser uma consequência lógica dos planos que já tínhamos, quer dizer, queremos que Eugene e Julianna frequentem os mesmos lugares e estejam juntas em todos os momentos, verdade?

Tia Blanche assentiu.

— Pois é lógico. Max já há dito que sempre acompanhará a sua irmã, porque não pensa deixá-la só sob nenhuma circunstância, e será o acompanhante também de Julianna e, portanto, seu protetor. Nós dois sabemos que cuidará de Julianna tanto como de Eugene, embora não o pedíssemos, e se as duas aparecem sempre de braço dado com Max e acompanhadas por ele, muitos indesejáveis pensarão duas vezes antes de aproximar-se de qualquer uma delas.

— Quer dizer, proteger como uma irmã ou, se tudo sair como deseje, como um pretendente que espanta as possíveis moscas azuis...

Tia Blanche se fazia ainda de inocente, porque sabia que o almirante preferia ser o que tomava as rédeas de tudo. Bom, ao menos que acreditasse que era assim.

— Exatamente! — Sorriu e voltou a beber da taça. Olhando de novo para Julianna, acrescentou jocoso —: Tem que reconhecer que seria uma bela duquesa, uma grande duquesa... — Pôs de novo um sorriso pícaro.

— Uma duquesa que poderia fazer doces bolos para agradar a seu guloso sogro... — disse divertida tia Blanche, terminando a frase de seu amigo.

O almirante pôs-se a rir com sonoras gargalhadas que provocou o olhar

das três jovens, que riram também ao escutá-lo.

Maximilian chegou a Hortford dois dias depois, com intenção de ajudar a sua irmã em sua preparação para sua apresentação em sociedade e lhe dar seu mais profundo apoio e carinho, pois apenas faltavam umas semanas. A única coisa que o incomodava dessa situação era que o convertia, sem querer, em alvo de todas as matronas, casamenteiras e mães com filhas casadoiras que houvesse em Londres. Era um jovem realmente atraente, todo um cavalheiro de deliciosa educação, com uma fortuna e um título em seu poder e que, além disso, era um reconhecido amante e sedutor. “O perfeito alvo para todo dardo casamenteiro que voe estes dias por Londres”, pensava, ao chegar ao vestíbulo de Hortford com seu elegante uniforme de capitão da Marinha e seu porte de eterno solteiro sedutor.

Ao chegar, perguntou ao mordomo pelo duque e sua irmã, e este lhe informou que tinham saído, como todos os dias, para ver a senhora viúva de Brindfet e as sobrinhas desta. Enquanto se aseava e se vestia antes de descer para esperar seu pai e sua irmã, Max se perguntou como estaria a senhora Brindfet. Max a conhecia desde muito pequeno. A ela e a seu defunto esposo sempre lhes teve em grande estima e carinho, pois depois da morte de sua mãe, a duquesa, passaram alguns verões em sua casa de campo quando Eugene era muito pequena, e esta, além disso, passava muitas semanas em companhia do casal quando seu pai, em seus últimos anos na Marinha, tinha que viajar. Seu pai sempre confiou nesse casal e no carinho que professavam à pequena, sobre tudo, depois da morte prematura de seu pequeno e único filho. Depois de recordar alguns momentos de sua infância com eles e esses bonitos olhos cor mel da senhora Brindfet, que sempre lhe transmitiram uma ternura e uma verdade que não podia explicar, tentou recordar a suas sobrinhas. “Que sobrinhas?”. Sabia que tinha uns irmãos mais velhos espalhados pela Escócia e Irlanda, mas acreditava que já teriam morrido, embora também recordava que falava de um irmão que era graneiro ou algo parecido, por isso começou a pensar que talvez eram filhas desse homem. “Vá, duas jovens graneiras... Não sei, tampouco parece tão apetecível passar assim todos os dias... porque, se não tinha entendido mau, meu pai e Eugene lhes visitam todos os dias... que estranho!”.

Depois de almoçar sozinho na sala de jantar, desiludido pela solitária acolhida, o mordomo lhe passou a nota que acabava de receber, em que o almirante informava à ama de chaves que passariam a tarde na mansão

Brindfet e que jantariam ali antes de ir ao teatro.

— Vá! Pois sentiram muito minha falta. — espetou mal-humorado, vendo-se só naquela sala de jantar cheia de cadeiras vazias.

Levantou-se do assento, já com uma curiosidade excessiva quanto às entretidas tardes na mansão Brindfet, e pediu que lhe selassem um garanhão enquanto se trocava para ir visitar a velha amiga da família. “E às granjeiras”, pensou, de novo, mal-humorado.

— Senhora Brindfet. — Furnish, o mordomo, da soleira do salão azul, atraiu a atenção das duas pessoas da sala —. O capitão Rochester, lorde Frenton, acaba de chegar e espera poder ser recebido, já que, além disso, acaba de ser informado que sua excelência e lady Eugene se encontram aqui de visita.

— Por favor, faça-o passar, certamente tomará chá conosco — disse tia Blanche com tom solene, mas olhando ao almirante.

Sua particular provocação ia começar e ambos pareciam desfrutar com suas destrezas casamenteiras. Duas crianças com duas novas marionetes em suas mãos. Que Deus os protegesse!

O almirante e tia Blanche, nesse momento, estavam sozinhos, conversando sobre as notícias do jornal no salão que dava aos jardins e de onde observavam Amelia e Eugene, que recolhiam umas flores para preparar saquinhos perfumados para as gavetas e armários de seus vestiários. Julianna tinha se retirado, depois do almoço, à biblioteca, para ler um dos livros que lhe tinha emprestado o almirante e que esperava comentar com ele na hora do chá, e já tinha avisado ao serviço de que acompanhassem os bolos com uma de suas últimas criações, uma crêmebrûlée de chocolate com calda de amoras. Sempre anunciava ao almirante o doce preparado para ele antes da hora do chá, porque assim passava um bom tempo tentando imaginar os ingredientes e logo, depois de prová-lo, insistia em adivinhá-los com seu paladar. Converteu-se em seu particular jogo, e o certo é que provocava muitas risadas entre eles e tia Blanche, que lhes chamava “falso confeitoiro”.

Mas, nesta ocasião, estava claro que a diversão giraria em torno de Maximilian e Julianna, e a mais que esperada reação do primeiro a esta. Enquanto Furnish o acompanhava ao salão onde se encontrava o almirante e sua velha amiga, Max não pôde deixar de imaginar como seriam as duas granjeiras e, como se veriam rodeadas de todo o luxo daquela mansão, e sorriu dissimuladamente antes de entrar naquele espaçoso salão.

Ao entrar fez uma reverência e os saudou cortesmente enquanto se aproximava para dar um abraço a seu pai.

— Papai, informaram-me que estavam aqui, me alegro de estar de volta, como se encontram? E Eugene? — antes de receber a resposta de seu pai, virou-se, ficando de cara a tia Blanche — Senhora Brindfet, é um prazer voltar a vê-la. — Beijou-lhe suavemente os nódulos —. Espero não lhe importunar, mas acabo de retornar e ardia em desejos de ver meu pai e a minha irmã. Lamento a interrupção.

— Claro que não interrompe. É sempre bem-vindo e, é obvio, ficará para tomar chá conosco.

Tia Blanche sorria, igual ao almirante, de um modo peculiar que, sem dúvida, fez com que Max se desse conta de que ambos tramavam algo.

— Desculpe-nos, Max, que não lhe tenhamos recebido em Hortford, não lhe esperávamos até manhã — interveio o almirante — Sim, perdoe, papai, mas tivemos ventos favoráveis os últimos dias e conseguimos atracar antes — acrescentou, com a segurança de que um marinho como seu pai entenderia sem vacilar esse tipo de câmbio de planos, pois é o mar o que determina o dia e hora de chegada a cada porto.

— Pois bem-vindo a casa, filho! — Deu-lhe um novo abraço —. Agora nos poremos em dia e, quanto a sua irmã, aí a tem, com Amelia, lidando com a natureza... — Fez um gesto assinalando as janelas.

Max observou a sua irmã, relaxada junto a uma moça com cara de menina, de uns quinze ou dezesseis anos, que parecia mais uma senhorita londrina que uma granjeira de visita na grande cidade. Deteve-se um momento observando a cena e comprovou quão radiante estava Eugene rindo e trocando brincadeiras com sua jovem amiga enquanto um cavalheiro com pinta de professor francês parecia as repreender. Max começou a sorrir enquanto se aproximava lentamente da janela.

— Umm, está preciosa, pai. A partir de agora, terei que andar armado para espantar a todos os pretendentes que se aproximarem...

Virou-se com um amplo sorriso e olhou de novo a seu pai, que começou a rir igual a tia Blanche.

— Sim, faça-o, faça-o, mas, por favor, te assegure de não manchar os tapetes de Hortford, recorda que formam parte do patrimônio familiar — respondeu o almirante entre risadas.

Tia Blanche já tinha puxado o cordão para avisar a Furnish e, ao apresentar-se este na soleira, disse-lhe: — Por favor, avise lady Eugene e

Amelia para que entrem para tomar chá, mas que antes se asseiem um pouco, já que vemos que têm terra até nos chapéus. — assinalou, as olhando de soslaio e fazendo uma cara própria das mães ante as travessuras de seus filhos —. Avise também a minha sobrinha que a esperamos para o chá, e que nos sirvam aqui, obrigada.

Max durante uns minutos trocou com seu pai alguns gestos e palavras próprias de um reencontro entre pai e filho antes de passar a perguntar a sua anfitriã por suas hóspedes.

— Senhora Brindfet, não recordava ter tido o prazer de conhecer nenhuma sobrinha sua...

Tia Blanche, que sabia que não havia nada pior para um jovem solteiro que não poder conhecer a fundo todas as solteiras apetecíveis da região, pensou que esse pobre moço não sabia onde se colocou sem sabê-lo e, com um sorriso próprio da mais hábil estrategista e olhando de esguelha a seu velho amigo, respondeu: — Querido Max, conheço-te muito bem para tantas formalidades, e a diferença de idade já não levaria a más interpretações quanto à cordialidade ou familiaridade entre ambos, assim, por favor, me chame de Blanche.

Max soltou uma gargalhada e começou a recordar mentalmente o muito que gostava da companhia dessa excêntrica mulher, quem, apesar de não pertencer à nobreza, quando ainda não levantava nem meio metro do chão o tratava como a um simples menino, chamando-o “Max” apesar de receber o trato de “lorde” por todas as pessoas alheias a seu reduzido núcleo familiar, exceto eles, claro, e isso sempre tinha conseguido lhe fazer sentir próxima, cordial.

— Em realidade, só tenho uma sobrinha: a senhorita McBeth, Julianna, filha de meu irmão Leme, que faleceu faz uns meses, o que auspiciou que possa contar e desfrutar de maneira permanente da companhia de Julianna, o que, sem dúvida compreenderá, é toda uma bênção...

Nesse momento arqueou um pouco a sobrancelha, pois sabia que acabava de aguilhoar a curiosidade e o interesse de Max de maneira irremediável.

— Lamento o falecimento de seu irmão, e sua mãe? — perguntou já curioso.

— A mãe de Julianna morreu poucos meses depois de ela nascer, por isso é órfã de pai e mãe.

Como não parecia que ia insistir, tia Blanche economizou dar detalhes sobre os irmãos de Julianna. O almirante, que estava devidamente informado,

parecia estar de acordo com essa prudência. Seu filho era um homem extremamente discreto, mas pareciam estimar conveniente economizar detalhes que não provocavam dano nem prejuízo a ninguém e sim a necessidade de dar algumas explicações incômodas. Além disso, Max detestava as intrigas, especialmente pela dor que muitas lhe tinham provocado em sua infância em relação ao comportamento dissoluto de sua mãe e a paternidade duvidosa de Eugene. De modo que ambos pareceram passar em silêncio o uso da discrição como norma.

— Também tenho a sorte de poder contar com a companhia de minha pupila, Amelia McBeth, que é como uma irmã para Julianna e, portanto, como uma sobrinha para mim.

Justo nesse momento entraram Amelia e Eugene, que, assim que viu Max, lançou-se correndo para ele, deixando que este a abraçasse com ternura e carinho depois de tantos meses afastados.

— Max! Quando voltaste? Esperávamos-lhe amanhã, que bonito está! Espero que haja me trazido muitos presentes depois de ter me abandonada estes meses.

Max não parava de rir observando a sua irmã a quem não tinha visto tão relaxada, feliz e brincalhona diante de outras pessoas que não fossem ele ou seu pai, e só quando estavam sozinhos, em toda sua vida.

— Bom, bom, me deixe vê-la. Umm, não, não, você não é minha irmã... Não, não, minha irmã era uma pirralha magricela. — Fez gestos de galã, sorrindo e entrecerrando os olhos—. Não, não, esta beleza que tenho diante de mim não pode ser minha irmã. — Olhou com brincadeira a seu pai—. Pai, o que fez? Trocou-a pela filha dos vizinhos?

Eugene soltou um bufo de falso aborrecimento e lhe deu uma cotovelada, ruborizada pelo galanteio desenvolvido de seu irmão.

— Isso o diz porque é meu irmão, sua opinião não conta...

— Querida irmã, nisso está totalmente errada. Tem que saber que minha opinião é quão única a ti tem que importar. Quem vai te amar mais do que eu?

Ela sorriu e o abraçou depois de lhe dar um beijo na bochecha, dizendo: — É um bobo, realmente é o patife que diz tia Blanche...

Max olhou divertido por cima da cabeça de Eugene à tia Blanche, que fez um gesto com os ombros, sorriu-lhe com descaramento e se limitou a dizer: — Prerrogativas da idade, querido... Tenho opiniões irrefutáveis sobre tudo e sobre todos.

Max rio enquanto assentia com um leve gesto de cabeça. Eugene se separou dele e agarrou Amelia pela mão para aproximá-la de seu irmão.

— Max, permita que lhe apresente à senhorita Amelia McBeth. É a pupila de tia Blanche e minha muito querida amiga, assim não lhe ponha olhos de Don Juan, que não merece que lhe parta o coração.

Amelia fez uma reverência e uma saudação de cabeça perfeita. Isso pensou tia Blanche.

Olhou-o e, totalmente ruborizada, simplesmente sussurrou: — Milord...

Max fez uma reverência e, pegando levemente sua mão e apoiando os lábios na palma, acrescentou: — Senhorita McBeth, é uma honra, e me permita estimá-la na mesma medida que minha irmã a partir de hoje.

Olhou como um sedutor para Amelia, fazendo, como se propunha, que ficasse vermelha como um tomate. Certamente não podia resistir a encantar a uma jovem, embora só fosse para não perder a prática.

— Max! Deixa em paz a minha pupila se não quiser que peça para trazerem os cães, que acredito que hoje não comeram!

Tia Blanche o olhava divertida e o almirante ria escandalosamente enquanto trocava olhares suspeitos com sua amiga. Nesse momento, Furnish abriu a porta para deixar passar às donzelas e os lacaios com o chá, e o almirante exclamou: — Ah, por fim! Furnish, por favor, diga a Julianna que se apresente imediatamente ou não respondo de que reste algo quando ela apareça...

Max o olhava surpreso, não só pela familiaridade com que seu pai parecia tratar às jovens, mas sim porque, sem dúvida alguma, desfrutava daquela casa e da companhia de seus habitantes. Sentia, além disso, curiosidade pelos comentários de seu pai, como se tivesse certas brincadeiras privadas e jogos com aqueles novos personagens de sua vida. O almirante, que compreendeu a expressão de seu filho, acrescentou: — Meu filho, sua irmã e eu somos assíduos convidados na casa, onde, além de poder desfrutar com a grata companhia de minha velha amiga e de suas encantadoras meninas, posso me deleitar com os riquíssimos manjares que preparam as preciosas mãos de uma de nossas anfitriãs, que parece possuir o dom de converter um simples saco de açúcar no mais delicioso manjar...

Max arregalou os olhos. Seu pai só se comportava com semelhante hilaridade e distensão no clube de oficiais da Marinha, ante velhos camaradas e cavalheiros amigos de toda a vida. Estava totalmente assombrado, realmente aquela casa tinha um feitiço especial nos membros de sua família,

pensou.

Enquanto todos iam sentando-se nas poltronas e Max acompanhava a uma das poltronas a brincalhona tia Blanche, com a cortesia própria de um cavalheiro, aperfeiçoada ao longo de muitos anos no mundinho em que vivia, olhava a sua irmã e a seu pai como se os visse pela primeira vez em sua vida, com outro ar, com outra vida. Especialmente sua irmã, a quem a companhia das mulheres dessa família parecia havê-la dotado de certa segurança e aprumo que jamais tinha visto nela.

O almirante, igual a tia Blanche, observava a cara de desconcerto de Max, divertidos e espectadores enquanto Blanche, além disso, apreciava o quanto Max era atraente, imaginando o bonito casal que faria com Julianna. Ela com os olhos cor de mel e seu cabelo castanho ondulado, e ele com esses olhos azuis cinzentos herdados de sua mãe, o cabelo negro e o porte elegante, varonil e a imponente figura e presença herdada de seu pai. “Sim, sem dúvida, é um exemplar masculino digno de ser tocado e admirado”, pensou, observando-o com a seriedade de quem analisa um candidato para suas meninas.

Nesse momento apareceu, pela porta que estava à esquerda de Max, que ainda permanecia de pé, uma distraída Julianna, com um vestido cor lavanda e um recolhido coque que deixava cair grandes mechas de sua maravilhosa juba castanha sobre seus ombros e alguns cachos naturais emoldurando seu rosto. Levava um grosso livro de cartas de navegação em uma das mãos e um xale na outra.

— Desculpem o atraso. Acredito que tornei a perder a noção do tempo...
— Nesse momento se precaveu de que não estavam sozinhos os habituais da hora do chá, aquela peculiar família que tinham formado entre os cinco, e se ruborizou imediatamente, fixando seus olhos na imponente figura masculina que estava se virando para ela de pé junto a sua tia —. Per-perdão... Furnish não me avisou que tínhamos companhia...

Max ficou chocado, literalmente. Abriu os olhos de repente, seus joelhos pareciam lhe falharem, lhe indicando que era necessário que se segurasse no encosto da poltrona para não cair, o qual fez, tentando não perder a compostura com uma das mãos. Com o rosto totalmente gelado e com um semblante mais próprio de um colegial embevecido que de um sedutor experiente, foi virando-se para ficar de cara a aquela espécie de deusa terrestre que apareceu de repente. Começou a olhá-la detalhadamente, deleitando-se com ela, com toda ela. Era de uma beleza espetacular, com

traços suaves, mas bem definidos, um precioso cabelo castanho que convidava a enredar as mãos nele perdendo a compostura e o senso da realidade, uma figura sensual, esbelta, mas com umas curvas perfeitamente realçadas pelo espartilho e por esse elegante vestido cor lavanda, e com essa expressão de inocência e candura que revelavam uns indescritíveis e profundos olhos cor de mel que brilhavam como o mais brilhante dos faróis. Era hipnótica. Era como se tivessem iluminado de repente a sala para cegar a quem tivesse a ousadia de olhá-la. “Por Deus bendito”, pensou. Max era incapaz de articular uma palavra pela primeira vez em sua vida, tinha a garganta seca como se acabasse de cruzar o deserto do Sahara sem uma gota de água que levar-se a boca para aliviar sua sede, as mãos trêmulas e o coração martelando o peito, lhe avisando da necessidade de respirar. “Não teria recebido maior impacto nem com um tiro de canhão no ventre”, pensou.

Os olhares de autêntica satisfação do almirante e de tia Blanche não poderiam ter sido mais claros e, certamente, não tiveram nem sequer a intenção de dissimular, com seus olhos fixos diretamente na expressão de Max e sua reação quase cômica.

— Julianna, querida, me permita te apresentar a meu filho, lorde Maximilian Frenton, que acaba de chegar do serviço na Marinha e que vai acompanhar—nos nas próximas semanas. Max, permita que lhe presente à querida senhorita Julianna McBeth, sobrinha de Blanche.

“Julianna, uma deusa para os mortais”, pensava ele, tentando fixar seus olhos em algum ponto cego para que a mente, que lhe tinha ficado em branco, voltasse a seu natural estado de sensatez ou, pelo menos, de suficiente inteligência para articular uma saudação educada.

Julianna, que não conseguia decifrar o olhar desses olhos cinza nem a rigidez que parecia ter adotado esse jovem, limitou-se a fazer uma reverência e uma inclinação de cabeça antes de dar o passo definitivo para entrar na sala, embora nesse instante estava já ruborizada, o que, por outra parte, já era habitual nela. Claro que isso ele ainda não sabia.

— Milord, alegra-nos que tenha vindo. Espero que se considere tão bem-vindo na casa de minha tia como lady Eugene e o almirante, aos quais estimamos como parte de nossa pequena família.

Max, fazendo um esforço imenso por mover-se com a toda a dignidade de que foi capaz, aproximou-se dela, tomou sua mão e, fazendo uma reverência, disse: — Senhorita McBeth, é um prazer conhecê-la, e obrigado por sua amabilidade.

“Cheira a flores silvestres, a amoras e a... lar”. De repente, deu um coice em seu íntimo: “por que terá me ocorrido isso?”.

Max notava os olhos de seu pai e sabia com absoluta certeza que os da tia de Julianna também estavam cravados nele. “Sim, está claro, agora entendo os olhares dos dois velhos trapaceiros”. Recuperando a compostura pouco a pouco, pôs seu braço frente a Julianna e disse, com o suave tom que utilizava como arma de clara sedução: — Permita-me que a acompanhe a um assento?

Julianna apoiou a mão e caminhou a seu lado até um dos assentos sob o olhar de todos da sala.

Max passou um bom tempo fazendo esforços mentais para ir recuperando a naturalidade e serenidade que sempre o acompanhava, embora cada vez que a olhava notava que lhe faltava o ar. O qual, dado que esteve olhando-a as duas horas seguintes, fez com que lhe faltasse o ar como se acabasse de percorrer a distância entre Londres e Cambridge ou de correr os cem metros, como fazia quando estudava em Eton.

Foi observando-a com detalhe toda a tarde, desfrutando dessa visão, mas, pouco a pouco, além disso, desfrutando também dela. Ruborizava-se e baixava delicadamente o olhar com cada adulação ou comentário favorável que lhe fizesse qualquer um, inclusive a jovem Amelia, o que lhe dava um aspecto de ingenuidade e acanhamento irresistível. Ao sorrir, parecia como se não temesse que se escutasse sua risada, ria com sinceridade, não como as damas às quais estava acostumado, que esboçavam sorrisos falsos ou meros sorrisos de sedução. Julianna não realizava gesto algum com intenções nesse sentido. Era refrescante, doce, generosa em sua forma de falar e de comportar-se com os de seu redor, inclusive teve alguns gestos de carinho quase protetores com Eugene. Falavam entre as três como se fossem velhas amigas, não, como irmãs! Assombrou-se ao comprovar o carinho e o trato entre as três jovens. Fez com que a desejasse ainda mais. Se professava carinho sincero por sua irmã, que para Max era seu maior tesouro, já tinha ganho um pedaço de seu coração. O modo como falava com o almirante, com cordialidade, familiaridade, rindo entre eles de suas próprias brincadeiras e gestos. E para o cúmulo... falava de livros da Marinha com ele! Aprendendo, desfrutando dos detalhes de comandar um navio... Teve que conter-se em algumas ocasiões a vontade de saltar sobre a mesa baixa que os separava, agarrá-la em seus braços e beijá-la, fazendo desaparecer o mundo a seus pés. Em um minuto parecia toda ingenuidade e inocência e, ao minuto seguinte, movia, sem dar-se nem conta, esse precioso cabelo, ou as delicadas mãos, ou

deixava cair a um dos lados suaves ondas de seu cabelo, fazendo com que todo o corpo de Max se esticasse de repente de puro desejo para essa sensualidade pura, doce e selvagem ao mesmo tempo.

E o mais surpreendente é que, depois de duas horas trocando brincadeiras e anedotas com seu pai, Eugene e essas três mulheres que desprendiam uma força, uma cordialidade e uma vitalidade renovadora, Max começou a relaxar seriamente ante elas, de um modo natural, familiar. Apesar dos esforços por conter certas partes de seu corpo que iam em seu próprio ritmo, ao ritmo de Julianna, Max esteve desfrutando de cada instante das risadas, dos sons de umas vozes que lhe resultavam acolhedoras, dessa maneira de relacionar-se entre eles. Compreendeu em seguida o feitiço que aquela casa e que seus muito belos habitantes provocavam nos membros de sua reduzida e querida família.

Em algum momento do chá, seu pai lhe informou que estavam planejando passar quatro dias perto da costa, na casa que Blanche tinha em um vilarejo costeiro perto de Portsmouth, pois já tinham tudo preparado para o começo da temporada. Ainda restavam umas semanas para seu início, já que oficialmente se inaugurava com o baile de máscaras da condessa viúva de Rostow, e consideraram conveniente, para pegar forças para os meses que viriam, descansar no campo com o mar perto para respirar ar puro.

Max decidiu imediatamente que esqueceria qualquer prazer mundano de Londres por uns dias com a possibilidade de desfrutar de mais tardes como essa e, de poder ver, ouvir e sentir perto dele Julianna. Assim, depois do chá, e embora fosse convidado para jantar com eles e lhes acompanhar ao teatro, Max se desculpou por ter um compromisso prévio e se aproximou de Hortford e a um par de lugares para deixar todos os assuntos pendentes resolvidos, já que nada nem ninguém lhe impediria de acompanhar a essa estranha coleção de seres adoráveis à costa.

De noite, reuniu-se no White's, seu clube de cavalheiros habitual, com alguns velhos amigos de Eton e companheiros da Marinha, alguns dos quais temiam como ao diabo a temporada que se aproximava e às mãos das moças casadoiras, que andariam à caça do melhor partido para suas filhas e netas, ou inclusive para entretenimento próprio. Enquanto, outros começavam a descrever algumas das possíveis candidatas a Beleza da Temporada, que começavam a deixar-se ver por algumas reuniões salões e lanches. "Julianna. Este ano e, se não me equivocar, o resto dos anos, essa honra recairá sem dúvida em Julianna". Estando nesse salão, cheio de cavalheiros e amigos,

sentiu-se todo-poderoso frente a eles, como se ele fosse o único de todos os homens ali reunidos conhecedor do caminho à fonte da eterna felicidade, do caminho a Julianna. Cada vez que a imagem dessa preciosa, inocente e sensual mulher lhe vinha à mente, ali, de pé, sob a soleira daquele salão, com o sol entrando pelas enormes janelas fazendo com que seus olhos brilhassem como verdadeiras pedras preciosas, sorria e se excitava como um colegial sem barba. Queria, desejava ouvir desses lábios, que convidavam a serem beijados sem fim, seu nome, escutar que o chamasse “Max” com essa boca, convencido de que, uma vez o chamasse assim, seria sua sem remédio. Já não poderia escutar seu nome na boca de outra mulher lhe provocando aquele desejo, essa sexualidade descontrolada.

Enquanto saía do clube, totalmente absorto na imagem de Julianna e o comichão crescente que notava na ponta dos dedos ante a ideia de passar com ela uns dias em um vilarejo costeiro, sem distrações externas, sorrindo de novo, chocou-se com um homem fornido que ia seguido de outro um pouco mais afastado, e aos quais em seguida reconheceu.

— Frenton! Max! Que surpresa! Nós pensávamos que ainda estava no mar.

Ethan de Worken, o irmão mais velho do melhor amigo de Max, Cliff, sorria-lhe amigável.

— Milord, Ethan, realmente é uma grata surpresa. Acabo de retornar. Vim para acompanhar a minha irmã Eugene, que este ano faz sua estreia na temporada, e tenho que velar para que nenhum... enfim... que já limpei todas as minhas pistolas — disse rindo ao mesmo tempo em que Ethan gargalhava e era flanqueado em um segundo por um cansado Cliff de Worken, um dos velhos companheiros de ambos da marinha.

— Cliff, amigo. — abraçaram-se como só dois companheiros de armas podem fazê-lo —. Ah, perdão, agora acredito que tenho que te chamar “senhoria”, não é certo?

Fazia alusão à concessão de um título nobiliário pelos serviços prestados como oficial, mas Cliff fez um gesto com a mão e lhe deu um murro suave no ombro.

— Canalha, ainda não. Serei oficial dentro de umas semanas, quando deixar de ser capitão da Marinha Real. Então já retornaste... vamos tomar uma bebida e conversar.

— Já partia, me desculpem. Amanhã parto para a costa para passar uns dias em família, mas nos veremos quando retornar.

— Está bem, está bem, mas como está o almirante? E lady Eugene? Acredito que lady Adele foi visitá-lo ao outro dia, mas não se achava em casa.

Cliff lhe falou com esse tom aparentemente despreocupado e de eterno sedutor que empregava inclusive com os cavalheiros, lhe dando esse ar de dandi revoltoso que voltava loucas às damas.

— Estão muito bem, obrigado. — “Melhor que bem diria eu...” —. Direi a meu pai e a minha irmã que perguntastes por eles e que nossa prima veio visitá-la. Imagino que estará muito atarefada arrumando os detalhes de seu enlace.

Esta vez dirigiu o olhar e um sorriso zombador a Ethan, que respondeu sorrindo: — Oh, sim, parece, que quem se casam são nossas mães, que têm a ambos de um lugar a outro ao ritmo de tambor como se fôssemos soldados em formação...

Os três riram e, depois de alguns gestos de despedida, Max partiu, não sem prometer visitá-los acompanhado do almirante e de Eugene assim que retornassem da costa. Ao partir, Max observou a escura sombra nos olhos de seu amigo e o cansaço refletido neles. Prometeu-se ir falar com ele assim que retornassem, porque era óbvio que algo o preocupava em extremo, e lhe ofereceria sua ajuda como em outras ocasiões tinha feito Cliff com ele.

Além da sólida amizade de anos lutando lado a lado no mar proporciona a dois cavalheiros, ao Cliff e ao Max os unia um vínculo de estreita camaradagem, iniciada durante os primeiros anos que ambos passaram em Eton. Anos nos quais Max recebeu um apoio e uma sincera amizade de Cliff e de sua família, quando teve que suportar os deslantes e desprezos de algumas das famílias de sua classe social, dos filhos de outros nobres que, embora muitos não herdassem título ou este fosse de pior condição que o grande ducado de Frenton, consideravam-se com o direito de menosprezá-lo pelas “indiscrições de sua mãe” e o “duvidoso nascimento de sua irmã”. Max se viu apoiado em muitas brigas a murros e outras com espadas por Cliff e seu irmão Ethan, que eram tão briguentos e amalucados como Max e ainda mais mulherengos que ele.

Quando Cliff mostrou seu desejo de ingressar na Marinha Real, igual a Max, foi o almirante quem se encarregou de patrociná-los no ingresso como oficiais de base, e lhes ensinou tudo o que sabia de navegação, de táticas militares e de estratégia, mas lhes advertindo, como logo aprenderiam por si mesmos, que o mar não faz distinções entre o filho do conde e o de um

cozinheiro. No mar e na Marinha Real teriam que ganhar tudo se esforçando. Ele não admitiria outra coisa. E assim foi. Ambos foram ganhando cada ascensão, cada batalha, cada vitória, com esforço, firmeza e camaradagem entre eles e seus homens. Essa era uma das razões pelas quais Cliff e Max admiravam e respeitavam ao almirante e, sobre tudo, estavam-lhe agradecidos. Ambos sabiam que uma parte do que eram a deviam a esse teimoso duque que se negava a ser chamado como tal e impunha que lhe chamasse por sua posição militar. A diferença de Max, que ao deixar a Marinha herdaria a fortuna e o título familiar, Cliff tinha como uma de suas metas fazer fortuna própria, porque considerava que todo o patrimônio familiar devia parar às mãos de seu irmão Ethan como primogênito e como futuro conde de Worken. Além disso, no fundo do coração de Cliff sempre pulsava essa alma errante e briguenta que só uma estranha força da natureza conseguiria aplacar e serenar.

CAPÍTULO 09

A mansão do conde de Worken em Londres, Stormhall, como a tinham batizado muitos anos atrás, era um viveiro. Instalada a família na capital desde fazia quase um mês, todos na casa se preparavam para a celebração do enlace de lorde Ethan de Worken com lady Adele. Os preparativos das bodas do herdeiro estavam terminando, e as constantes visitas de parentes, amigos e conhecidos felicitando o casal, unidos já no começo da temporada de festas, bailes, jantares e reuniões para a apresentação de jovens, convertiam a mansão em um verdadeiro caos.

Em circunstâncias normais, esse descontrole seria fonte de diversão para Ethan e Cliff, que aproveitavam aqueles períodos na casa familiar da cidade para desfrutar dos prazeres mundanos que a grande urbe punha a disposição de cavalheiros solteiros. Entretanto, nenhum dos irmãos pôde desfrutar como antigamente da casa e de tais prazeres; o primeiro, Ethan, por ter que atender os compromissos derivados de suas iminentes bodas e, o segundo, Cliff, por encontrar-se totalmente desesperado pelo desaparecimento de Julianna. Perambulava pela casa e por toda Londres, como alma penada, sem mal prestar atenção ao que ocorria ao seu redor. Precisava encontrar Julianna, tinha que encontrá-la.

Tinha movido céus e terra procurando-a, e inclusive tinha contratado a uma agência londrina perita na busca e localização de pessoas. Também tinha passado pelo gole amargo de perguntar abertamente aos irmãos de Julianna por seu paradeiro ou por alguma pista para localizá-la. Nenhum deles lhe deu indício algum de onde podia achar-se nem de seu possível destino e, no caso dos irmãos de Julianna, duvidava da veracidade de suas palavras. Teria pensado que estariam protegendo a sua irmã, se não fosse porque Cliff conhecia a classe de irmãos e indivíduos que eram os três, e não duvidou que desconhecassem onde se achava ou como encontrá-la. Antes do seu desaparecimento, Cliff tinha um péssimo conceito dos três irmãos, mas depois deste incidente essa animosidade se tornou em desprezo, pelo desdém mostrado com respeito a sua irmã e seu bem-estar, chegando, inclusive, a insinuar que, o comportamento da jovem era pouco mais que um descrédito à família e, portanto, um absoluto gesto do egoísmo e do mau caráter do qual,

segundo eles, Julianna demonstrava desde sua juventude. Teve que conter-se para não torcer o pescoço de todos eles quando os visitou, em companhia de seu pai, para interessar-se por sua irmã, dois dias depois da Festa da Colheita. “Aqueles miseráveis tiveram sorte de que estava com o conde”, foi o que respondeu quando sua mãe lhe perguntou se os irmãos de Julianna lhe tinham dado alguma ajuda ou indício, ao retornar à mansão.

Mas não havia rastro algum dela. Desde que, no dia seguinte, foi vê-la pela tarde e não a achou e sim, em troca, dois envelopes presos na porta, um em nome do senhor Pettifet e outro do guardador do bosque, não sabia nada dela. Não havia tornado a ter notícia alguma. Tinha sido tragada pela terra e começava a retumbar cada vez mais forte em sua cabeça e em seu coração a ideia, o terror de que lhe tivesse acontecido algo mau, de que estivesse em um grave apuro ou... morta... “As pessoas não desaparecem de qualquer jeito da noite para o dia”, era o único que dizia uma e outra vez quando recebia um relatório dos investigadores sem dados dela, sem nenhum indício de seu paradeiro.

Tanto o conde como seu irmão começaram a preocupar-se seriamente por seu estado. Mesmo que tentasse atuar com normalidade, ambos sabiam, pela expressão severa que se assentou em seus olhos, a falta de espontaneidade e a ausência absoluta do bom humor característicos de Cliff, que não ter encontrado Julianna e carecer de toda pista começavam a deixar um rastro muito profundo, não só em seu estado de ânimo, a não ser em sua própria alma. Parecia ter perdido toda esperança e, com ela, toda a felicidade e a vida que, agora, Cliff sabia que desejava e queria para si.

— Quase quatro meses, Ethan, isso é muito tempo.

Cliff olhava a seu irmão, sentado frente a ele na mesa do café da manhã, que tentava animá-lo lhe contando as últimas notícias e lhe insistindo em que lhe acompanhasse ao clube de cavalheiros ao qual iam com certa assiduidade.

— Bom, você pode desaparecer de um dia para o outro. O fez em várias ocasiões...

Levantou a sobrancelha enquanto olhava para Cliff por trás de sua xícara de café, procurando lhe recordar algumas de suas escapadas com alguma dama ou fugindo delas. Cliff esboçou uma ameaça de sorriso.

— Certo, mas eu, além de navios e tripulações a minha disposição, tenho meios suficientes para eliminar os rastros, mas ela...

Moveu a cabeça como negando as ideias que lhe apresentavam de repente: Julianna ferida, perdida, nas mãos de desalmados.

— Vamos, vamos, Cliff. Tampouco é tão difícil que se mova entre várias cidades, povoados ou inclusive países, podendo passar meses antes de localizá-la, inclusive embora siga utilizando seu próprio nome. A localizará irmão. Daremos com ela.

Ethan começava a sentir verdadeira ansiedade pela tristeza de seu olhar, mas essa falta de esperança...

— Está bem, está bem, que planos têm hoje lady Adele e você?

Tentou mudar de tema, já que suspeitava que a preocupação de seu irmão ia crescendo em excesso desde fazia semanas e se sentia culpado. Deveriam ser uns dias felizes para ele e, em troca, atendia-lhe uma preocupação por seu irmão pequeno que sombreava a euforia do casal de noivos.

— Cada vez que a chamas assim é como se a picasse um mosquito... e é comigo com o que utiliza o caça moscas. Quer começar de uma santa vez a chamá-la “Adele”? Tenho já muitos tapões por sua culpa.

Cliff rio vendo o gesto que fez seu irmão tocando o cocuruto e imaginando a miúda figura de Adele encarapitando-se pelas corpulentas costas de seu irmão para chegar a sua cabeça, e sabendo que cada uma dessas palavras continham uma verdade absoluta. Sua futura cunhada queria que o trato entre eles fosse totalmente familiar, e insistia em que a chamasse pelo primeiro nome, e ele estaria encantado, se não fosse porque ver como repreendia ao Ethan cada vez que a chamava “lady Adele” era uma das poucas diversões que tinha ultimamente.

— Disso nada, irmão. Não até que sejam marido e mulher e te tenha muito bem amarrado. E bem? O que têm planejado para hoje o casal? Que agradáveis visitantes receberão hoje?

Ethan fez uma pequena careta de desgosto ante a constante destilação de visitantes que recebiam diariamente por conta do compromisso, mas em seguida esboçou um sorriso zombador.

— Pois, Adele e a condessa, não sei quantos receberão hoje, mas você e eu temos permissão das senhoras para escaparmos até a hora do jantar, e será melhor que o façamos logo, antes que pensem duas vezes. Então nós iremos montar, se gostar, e depois poderíamos ir ao clube, que está lotado de cavalheiros e amigos desejosos de encontrar um pouco de paz antes da tormenta de tanta matrona e mãe solta por Londres. Resulta extenuante até para os mais peritos.

Ambos riram ao mesmo tempo com a mesma imagem de caçadoras de maridos soltas por Londres, das quais só era possível fugir nos clubes de

cavalheiros, pois em qualquer outro lugar que fossem havia mães, jovens e familiares de debutantes.

— Ao menos você já te livra disso, assim não te queixe... — lhe espetou Cliff, sabendo que o mero compromisso era já, por si só, um freio suficiente para ver-se livre de perseguições de buscadoras de bons partidos, embora não de todas.

Ethan soltou um bufo e perguntou: — Então? Vamos cavalgar um momento ou não?

Cliff assentiu, sabendo que cavalgar lhe limparia um pouco a mente e a ansiedade que estava sentindo. Quatro meses. Isso era o que levava Cliff sem dormir bem, sem respirar bem, sem sentir-se bem, com a imagem de Julianna colocada tão fundo em sua mente e em seu coração que notava uma permanente falta de ar puro que lhe oprimia o peito. Pelas noites sonhava com ela, com seu corpo, seu calor, sua essência. Com esses lábios que paralisaram cada músculo de seu férreo corpo ao beijá-los, com esses olhos brilhando de desejo, de curiosidade, de inocência e de paixão. Sabia que tinha chegado a tocar essa parte que ninguém havia tocado, seu coração. Sabia, estava seguro. Notou-o desde a primeira carícia, desde o primeiro contato de eletricidade entre seus corpos, desde essa mútua rendição ante a paixão de ambos: a sua perita e procurando conter e parar sua própria fúria sexual para não machucá-la, para fazê-la descobrir o prazer com ele, por ele; e por ela, doce, inocente, ansiosa, ávida por ser descoberta. Um tesouro ainda por descobrir e ele era seu descobridor e tinha que reclamá-lo para ele, só para ele.

Via-a em sonhos, mas também pela rua. Acreditou vê-la passeando montada a cavalo nos elegantes jardins que rodeavam uma das regiões de passeio da moda de Londres, inclusive lhe pareceu vê-la saindo de uma das lojas de rendas com mais aceitação entre as damas da alta sociedade. Mas eram somente ecos longínquos da imagem gravada a fogo em sua cabeça e em seu corpo. E até com isso, nas duas ocasiões, lançou-se na direção onde pareceu vê-la, mas lhe escapava. Essa imagem lhe escapava entre os dedos igual à própria Julianna.

Depois de cavalgar como se sua vida dependesse disso, tentando tomar o ar que parecia lhe faltar nos pulmões e expulsar os demônios que lhe cravavam insistentes os tridentes da culpa, a dor e o medo, aceitou a sugestão de seu irmão de ir ao final da noite ao clube de cavalheiros.

Distraído que ia ultimamente a todos os lados, tropeçou à entrada do

clube, ficando um pouco para trás de seu irmão por uns instantes ante a porta que se abria ao chegarem.

— Frenton! Max! Que surpresa! Pensamos que estivesse no mar.

A voz de Ethan se elevou ao mesmo tempo em que ele recuperava uma perfeita posição vertical a suas costas.

— Milord, Ethan, realmente é uma grata surpresa. Acabo de retornar, vim para acompanhar a minha irmã Eugene, que este ano faz sua estreia na temporada, e tenho que velar para que nenhum... enfim... Que já limpei todas as minhas pistolas.

Essa inconfundível risada de marinheiro era a de Max, a reconheceria em qualquer parte. Cliff imediatamente começou a sorrir, aproximando-se do par que tinha diante de si, seu irmão e Maximilian Frenton.

— Cliff, amigo. — Justo nesse instante recebeu o quente abraço de seu amigo, do único homem em realidade que lhe permitia semelhante amostra de carinho, que não fosse seu pai ou seu irmão —. Ah, perdão, agora acredito que tenho que te chamar “senhoria”, não é certo?

“Sim, ainda vou ser chamado de senhoria”, pensou Cliff com esse sorriso zombador que tanto tinha ensaiado quando estudavam juntos em Eton.

— Ainda não. Será oficial dentro de umas semanas, quando deixar de ser capitão da Marinha Real... então já retornaste... vamos tomar uma bebida e conversar.

— Já partia, me desculpem. Amanhã parto para a costa para passar uns dias em família, mas nos veremos quando retornar.

Max tinha um aspecto excelente, despreocupado, alegre, pensava Cliff enquanto seu irmão ficava a sua direita para deixar o caminho livre da entrada, já que ainda permaneciam justo ali.

— Está bem, está bem, mas como está o almirante? E lady Eugene? Acredito que lady Adele foi visitá-los ao outro dia, mas não se achava em casa — assinalou Cliff.

— Estão muito bem, obrigado. Direi a meu pai e a Eugene que perguntastes por eles e que nossa prima veio visitá-la. Imagino que estará muito atarefada preparando os detalhes de seu enlace.

Max olhou para Ethan e este lhe respondeu sorrindo: — Oh, sim, mas parece que quem se casam são nossas mães, que têm a ambos de um lugar a outro ao ritmo de tambor, como se fôssemos soldados em formação...

Os três riram e, depois das despedidas, Max partiu, prometendo visitá-los acompanhado do almirante e de Eugene.

— Tem bom aspecto. Acreditava que chegaria mais cansado depois das últimas notícias dos problemas em águas americanas. Consta-me que o Bravateia, cujo comando lhe encomendaram justo antes de minha volta, era o galeão com mais capturas destes meses, por isso deveria ter aspecto de cansado. Alegra-me vê-lo.

Cliff falava com seu irmão, tomando assento nas elegantes poltronas de couro marrom situadas frente a uma das salas de jogos de cartas, que tinha a essas horas quase todas as mesas ocupadas. Parecia que o encontro com Max o tinha animado, assim Ethan, nesse momento, começou a planejar mentalmente organizar uma saída com amigos um destes dias, para tirá-lo de sua sonolência. Ficaram no clube ao menos um par de horas, conversando com vários amigos e conhecidos que saíram a seu encontro e ficando em dia de alguns dos comentários sociais que começavam a circular com a nova e renovada atividade na cidade.

Cruzando o vestíbulo de Stormhall e sem tempo sequer de tirar a capa, o mordomo lhes indicou que o conde, a condessa e lady Adele os esperavam no salão de tapeçarias. Ambos se olharam surpresos, era mais de meia-noite e, se os três tinham ido ao teatro, deviam levar horas esperando-os, coisa que os alarmou.

Ao entrar, não foi necessário nem uma palavra para saber que algo grave tinha ocorrido, bastava ver a severa expressão de seu pai que, de pé, firme junto à chaminé, insistiu-lhes para entrar com um gesto de mão enquanto pedia a um dos lacaios, que se encontrava ao fundo da sala, que servisse três taças de conhaque e depois se retirasse. Assim se fez, fazendo com que tanto Ethan como Cliff ficassem sérios, endireitando os ombros e pondo os braços em tensão.

— Boa noite. Acima de tudo, temo que tomar a notícia que vamos lhes dar como um importante achado, que temos que meditar tanto como aproveitar. Assim, por favor, temos que pensar muito bem o que fazer a respeito e não nos lançar a ações precipitadas sem medir as consequências. Não podemos cometer duas vezes o mesmo engano.

As palavras do conde, dirigidas a seus filhos em um tom severo, quase marcial, fez com que ambos os irmãos se olhassem esperando o pior. Durante todo o trajeto até ficar justo frente a ele, junto ao grande divã no qual se achavam perfeitamente sentadas, espectadoras, lady Adele e sua mãe, foi a Cliff ao qual olhou. Também foi Cliff o primeiro que tomou a palavra enquanto segurava a taça que lhe acabavam de dar.

— Boa noite, papai, mamãe, lady Adele. — Fez uma breve saudação com a cabeça —. Não consigo entender o que estão dizendo, notícias? Achado?

Assim que saíram essas perguntas de sua boca, Cliff teve a certeza de que se tratava de Julianna, sentindo um nó no estômago que poderia lhe haver partido em dois. Mas, graças a Deus, seu pai começou dizendo que era um achado que podiam aproveitar. Mas começava a sentir a falta de ar...

— Oh, Cliff! Foi uma surpresa, e foi tão impactante que não soubemos reagir, não a tempo... — Sua mãe interveio, olhando com uma expressão entre cautelosa e alegre.

Ao ver os olhos brilhantes de sua mãe, como esperançados, Cliff sentiu certo alívio interior, como uma onda de bons sentimentos procedentes dessa elegante mulher que o olhava como só uma mãe olha a seu filho.

— Poderiam, por favor, explicar. — Esta vez foi Ethan quem falou, já que começava a dar-se conta, igual a seu irmão, do que se tratava.

O conde tomou agora a palavra e com isso as rédeas da situação, e em seguida ambos compreenderam que seu pai ia amarrá-los, se por acaso lhes ocorria fazer alguma bobagem assim que lhes desse a notícia. Conhecia bem essa expressão, essa forma de controlar a seus filhos que empregava o conde antecipando-se a algumas das impetuosas e impulsivas reações de seus filhos, evitando, com isso, alguma de suas loucuras e males maiores.

— À saída do teatro fiquei falando com o visconde de Plymouth enquanto sua mãe e lady Adele se despediam de alguns dos amigos que assistiram à representação. E havemos, perdão, elas viram, com toda claridade, à senhorita McBeth subindo em uma carruagem junto a outra jovem e a uma elegante dama, que parece de nosso círculo social, embora não pudemos averiguar de quem se tratava, já que não nos deu tempo para vislumbrar seu rosto nem tampouco se a carruagem levava brasão algum. Ocorreu tudo muito depressa, à saída — acrescentou quase como ligeira desculpa.

Cliff, que a essas alturas tinha os olhos abertos como se lhe acabassem de pôr um farol diante da cara, ficou tenso, segurando com força a taça de conhaque e sem poder articular uma palavra. Foi Ethan, ao compreender o estado de confusão e de incompreensão de seu irmão, quem, dirigindo-se esta vez às senhoras, perguntou: — Mãe, Adele, por favor, poderiam nos contar o acontecido? E não economizem detalhes.

Adele rapidamente tomou a palavra. Bastou-lhe ver a expressão de seu cunhado para saber que não podiam lhe ocultar nenhum pormenor, que precisava saber e que poderia ser fatal relatar o acontecido de maneira

precipitada. A condessa estava ainda tão nervosa que Adele preferiu adiantar-se e expor o acontecido com a maior calma possível.

— Condessa, permita-me? — Depois do gesto de assentimento da condessa, começou a falar e em todo momento olhou ao Cliff —. Tenho que dizer que só vi à senhorita McBeth em uma ocasião, como todos sabem, mas posso assegurar, sem sombra de dúvida, que a moça que vi hoje era ela. Estava mudada, sim, mas era ela, Cliff, era ela.

Depois desse momento, no qual Cliff pareceu de repente recuperar um pouco de espaço interno, relaxou a expressão. Olhou a sua cunhada, a segurança e a serenidade que estava tentando lhe transmitir com seu olhar firme, sua voz e a forma pausada de falar. Era perceptível inclusive para ele, queria que entendesse o que lhe dizia e confirmar que, além disso, ela estava muito segura do que tinha visto. Ethan compreendeu imediatamente o que Adele pretendia e pôs uma mão no ombro de sua prometida, insistindo-a a falar e lhe dando a entender que tinha captado a atenção de Cliff, a do Cliff sereno e sensato que esperava alcançar com suas palavras. Essa forma de colocar sua mão no ombro, firme, mas doce e tenra, foi um claro sinal que tanto Adele como Cliff interpretaram como o que era, um agradecimento de Ethan a sua prometida, essa calma mulher que em um segundo distendeu a pressão do ambiente.

— Tropeçamo-nos com uma fila de pessoas à saída, e tivemos que ir aguardando a vez para alcançar e entrar nas carruagens. A condessa se achava junto a mim, ambas conversávamos com a viscondessa enquanto o conde, um pouco mais afastado, conversava a sua vez com o visconde de Plymouth. Recebi um leve empurrão pelas costas, de uma moça que passou desculpando-se a nosso lado, e a qual chamavam da carruagem da porta principal, onde a esperava sentada uma dama já mais velha, a qual não consegui ver bem, sinto muito. — Suspirou como desculpando-se por não ter conseguido ver a cara dessa dama e continuou falando, olhando sem cessar a Cliff, mas sem alterar o ritmo pausado e cadente de seu relato, provocando um efeito sedativo em Cliff e também na condessa, que não parava de assentir e olhar de esguelha a Adele enquanto sua atenção se centrava nele —. Ao lado da portinhola aberta, segurada pelo lacaio, estava de costas a nós e olhando à carruagem uma jovem, com um elegante vestido e, certamente, o porte de alguém da nobreza, isso lhes asseguro. A moça chegou a sua altura, colocou-se a sua direita e foi ajudada pelo lacaio a subir. E foi então quando, ela, antes de entrar também, virou-se de frente, ficou olhando em nossa

direção, mas o fez devagar, por isso a pudemos ver com clareza, verdade, condessa?

Adele olhou um segundo à condessa, que respondeu rapidamente: — Sem dúvida era Julianna. É inconfundível, Cliff...

Cliff foi relaxando, de repente ia cobrando vida e todos o percebiam, embora estivessem à espera de sua reação. Adele continuou: — Cliff, está mudada, era ela sem dúvida, mas está... Não saberia como dizê-lo...

A condessa interveio ansiosa, movendo ligeiramente as mãos no ar: — Espetacular! Cliff, seriamente. É uma beleza extraordinária, e parece outra, mais segura, elegante, com uma presença cativante. O dia da festa pensei que era toda uma beleza que cativava com só entrar em uma estadia, mas esta noite a vimos... Todos a olham, Cliff, atrai os olhares de todos. É ela! Cliff, pode nos acreditar, é ela! De verdade, todos a olharam e... Sei que é ela não só por sua cara, mas sim porque se ruboriza como quando a olham e, além disso, parece não ser consciente do revolta que levanta. Isso não se aprende, nem se corrige. Esse é um traço do caráter que se tem ou não se tem, e ela o tem, esse acanhamento, essa inocência quanto a sua própria pessoa, essa candura... Cliff, é ela.

A condessa falava com certa aceleração, com um tom de voz mais elevado que o do Adele, excitada, emocionada, nervosa.

Cliff sorriu abertamente ao escutar a sua mãe, agora estava seguro de que era ela, sim, pela forma de descrevê-la sua mãe. Era ela, era Julianna, sua Julianna. Começou a sentir de novo essa onda de paixão, desejo, de imenso e puro amor. Essas sensações de novo voltavam a estar presente, de novo voltavam a ser reais, não fruto de sua imaginação, não nubladas por seu desespero. Julianna estava bem, estava em Londres e a poderia alcançar, fazê-la sua para sempre. Não voltaria a se separar dela, agora poderia lhe fazer compreender que lhe pertencia e que pertenciam um ao outro, faria-se perdoar com cada beijo, com cada carícia, lhe ensinando a amar, lhe ensinando e lhe dando prazer sem fim, sem limites, gozando com ela, dela... Durante uns breves segundos foi quase feliz de novo sabendo que só seria plenamente feliz, só estaria satisfeito com Julianna em sua vida, em sua casa, em sua cama. Todos ficaram gelados olhando-o, como se não soubessem como interpretar esse sorriso.

— Bom... — disse, sorrindo e relaxando cada tenso músculo, todo seu corpo pareceu voltar para a normalidade.

Em seguida relaxaram também Ethan e seu pai, como se falassem seu

próprio idioma com um olhar, com um pequeno gesto, ambos os varões reconheceram o olhar de Cliff, o de sempre. Havia retornado, sem dúvida, havia retornado.

— Bom? — perguntou seu pai, levantando a sobrancelha.

— Agora tenho dados para localizá-la e por Deus que o farei e, como disse no princípio, não podemos cometer duas vezes o mesmo engano, terá que recapitular para ver com que dados e feitos contamos e depois decidir como fazer...

Cliff falava com um tom calmo, seguro e, em todo momento, colocando esse sorriso pícaro e inefável de quem coloca uma meta que sabe vai conseguir atingir.

Ethan, sorrindo e compreendendo a seu irmão, acrescentou: — Este é o estrategista da família, por fim retornou o temível capitão vencedor de toda batalha que se apresente.

— Algum dia tinha que retornar, não acha? Mais vale tarde do que nunca... — Cliff levantou a sobrancelha, sorrindo a seu irmão em sinal claro de aceitação de suas boas-vindas— Podemos meditar um momento em voz alta entre todos ou estão muito cansados e consideram oportuno esperar até amanhã?

Dado que sua família tinha suportado a pressão de sua situação, a tensão das últimas semanas, Cliff entendia justo, pelo menos, lhes permitir uma noite de sono, ao fim. Mas no fundo esperava que ficassem para meditar com ele, ao fim e ao cabo, era o estrategista, mas cinco mentes pensam melhor que uma. Além disso, os detalhes são sempre importantes e a valoração deles com diferentes perspectivas possivelmente lhe servisse de ajuda ao final.

— Eu preferiria seguir, temos o fato recente e, de todos os modos, se nos ocorre algo novo quando nos retirarmos, sempre o podemos comentar amanhã durante o café da manhã...

Ethan, como sempre, serviçal e apoiando a seu irmão, tomou assento junto a Adele e lhe disse suavemente: — Se estiver muito fatigada pode te retirar sem necessidade de te desculpar, sabe, verdade?

Beijou-a suavemente na bochecha, que o olhou com claros olhos de mulher irremediavelmente apaixonada.

— Não, não, ao contrário, acredito que estaria desvelada dando voltas ao acontecido hoje, preferiria ajudar se não se importa.

— Obrigado — responderam ao mesmo tempo os dois irmãos, fazendo com que aparecesse um enorme sorriso na cara de ambos.

— Nesse caso, começamos a falar tranquilamente — disse solene a condessa e, olhando a seu marido, assinalou com um gesto à corda para o aviso ao serviço —. Querido, pode avisar para que tragam chá e alguns sanduiches e algo para que acompanhem as bebidas?

Cliff rio pelo gesto militar de sua mãe.

— Mãe, deveria ter sido você a capitânia da família. Enfim, suponho que fica inaugurada a sessão no quartel geral de Worken.

Todos riram e, depois de avisar o conde ao serviço como lhe indicou sua esposa e servir mais conhaque a seus filhos, sentaram-se ao redor do fogo nas amplas e cômodas poltronas e no divã, uma vez recuperada a esperança que parecia que Cliff tinha dado por perdida.

O conde de novo tomou as rédeas, sabia que, com sua família, era necessário um primeiro empurrão e que o resto viria sozinho, assim lançou o primeiro dado claro, contundente, terminante: — Está bem, a senhorita McBeth está em Londres, isso fica como algo certo e, portanto, um dado muito a ter em conta, já que circunscreve muito o campo de busca.

“Está em Londres, está aqui, está perto”, aquilo ricocheteava na mente de Cliff como um canto de sereia, o canto de sua sereia, e ele acudiria sem remédio à chamada porque já era dele e não havia força na Terra que o levasse a outro lugar que não fossem os braços de Julianna e a ela aos seus.

Adele continuou com um detalhe que apenas a mente de uma mulher astuta notaria sem rodeios pela primeira vez.

— Vejamos... Acompanhava— a uma mulher muito elegante, isso lhes asseguro, e a uma jovem que não devia ter mais de quinze anos, também elegantemente vestida, possivelmente um pouco mais discreta, mas seria pela idade, porque também ia impecável... Mas, por como se vestia Julianna, acredito que podemos descartar que trabalhe como dama de companhia da dama mais velha, nenhuma dama de companhia teria esse vestuário. Assim, poderiam ser parentes? — Olhou para Cliff esperando alguma resposta.

— Seus irmãos não deram referência alguma de parente ao qual pudesse acudir ou de algum conhecido — disse —. Mas não poderia descartá-lo. Os irmãos de Julianna não parecem pessoas de confiança, sobre tudo por sua forma de tratá-la, seu desapego em relação a ela, mas especialmente... — Cliff mordeu a língua enquanto lançava um olhar ao conde de soslaio, já que tampouco tinha grande opinião de nenhum deles, ao menos era a impressão que Cliff deduziu de sua forma de olhá-los aquele dia que foram juntos perguntar por ela —. Simplesmente não são de confiança. — sentenciou.

— Estou de acordo... lamento que nenhum se pareça com Leme McBeth, era um homem honorável, honrado e, ao menos, sim se sentia orgulhoso de sua pequena. — Baixou um pouco as pálpebras e meneou a cabeça com claro pesar, mas continuou —. Poderíamos avisar à agência para que investigue possíveis familiares do senhor Leme McBeth, possivelmente encontremos algum parente que resida aqui. E acredito que ficaria descartada a família da mãe, conhecemos o avô de Julianna, o pastor leva servindo em nossa paróquia toda a vida e não acredito que tivesse mais família que sua filha falecida e sua atual esposa. De qualquer modo, não custaria que também o investigassem para descartá-lo definitivamente.

A condessa apontou: — O que é evidente é que não é uma dama qualquer. Asseguramo-lhes que tanto ela como Julianna e a jovem estavam vestidas com os melhores tecidos, e o corte e os detalhes dos vestidos, os sapatos e os penteados são de...

Mudou sua expressão e virou bruscamente o rosto para dirigir seus olhos a Adele, e ao mesmo tempo exclamaram: — Madame Coquette!

E sorriram claramente agradadas.

— Talvez vamos ter uma boa pista depois de tudo — disse a condessa —. Madame Coquette é a melhor costureira de Londres, não admite qualquer cliente, isso reduz muito a busca, mas... — Fez uma longa pausa.

— Mas o que, mãe? — perguntou Ethan.

— É muito ciumenta da intimidade e inclusive da identidade de alguns de seus clientes, e se alguma lhe pediu que não diga quem é ou que não divulgue seus dados, asseguro-lhes que não o poderíamos averiguar.

Cliff, curtido em mil batalhas, rapidamente corrigiu a sua mãe: — Tampouco seria necessário. Bastaria postar alguém às portas do atelier e que veja que clientes entram e saem e onde levam as encomendas depois. Além disso, também neste sentido, poderíamos nos valer da melhor fonte de informação social de Londres, os serventes. As donzelas falam entre elas e comentam quem viu suas senhoras, poderíamos nos informar por esse lado também.

Conforme falavam ia ressurgindo em todos eles um entusiasmo e uma segurança de vitória que estava revigorando Cliff.

— Alguma outra coisa a destacar? O que lhes parece? — perguntou de novo Cliff.

Durante uns minutos ficaram todos pensativos e, de repente, Ethan se levantou e, apoiando um de seus ombros no alfeizar da enorme chaminé,

apontou: — Não nos passou algo óbvio e que já se mencionou aqui em várias ocasiões? — Todos os olharam como se não soubessem do que falava —. É uma autêntica beleza. Como disseram? Todos a olham, é espetacular... Bom, seguro que a viram em algum lugar público, frequentando terraços, lojas... Quer dizer, salvo que tenha se trancado em um convento, o qual já é evidente que descartamos, foi vista por algum canto de Londres. E se estiver com uma família da nobreza ou da aristocracia ou com elevados recursos, como parece, não seria lógico pensar que será apresentada em sociedade ou, pelo menos, que irá às festas, danças e reuniões desta época do ano? Acredito que bastaria com que fosse a um para que ao dia seguinte todo cavalheiro falasse dela nos clubes e as damas comentassem sua presença em algum momento.

Durante um instante, enquanto seu irmão falava, Cliff perdeu toda concentração. “Julianna com um traje de noite em um baile, tê-la em meus braços durante uma valsa...”. Se esticou, cada fibra de seu corpo vibrou como se um exército de formigas perfeitamente coordenadas sob um tambor militar desfilasse em formação por debaixo de sua pele...

— Isso possivelmente sim que é algo muito favorável, faltam apenas duas semanas para o baile de máscaras da condessa de Rostow, seria um bom ponto de partida — acrescentou a condessa.

Depois de uma breve pausa, o conde, com gesto sério e dirigindo seu olhar exclusivamente a Cliff, perguntou: — Agora, então, filho, acredito que o que deveríamos saber é: exatamente, o que é o que quer? Já decidimos e descartou repetir enganos passados... O que vais fazer quando a encontrarmos?

A expressão de Cliff mudou imediatamente recordando as últimas palavras de Juliana: “Não voltem a se aproximar de mim... não têm motivo algum para se aproximar de novo a mim... nunca mais”. Um violento calafrio percorreu suas costas, lhe provocando, além disso, um violento espasmo no torso, como se alguém estivesse tentando lhe arrancar o coração ainda latente de seu peito. Respirou fundo, levantou a vista, olhou fixo a seu pai e afirmou com profundidade: — Me casar com ela.

Sua mãe, embora soubesse que isso ia acontecer, dado que seu filho estava inegavelmente apaixonado, soltou um pequeno grito de assombro, mas não pelo anúncio, mas sim pela firmeza com que o disse, como se não houvesse nenhuma outra possibilidade, nenhuma outra alternativa: seria Julianna ou nenhuma.

Depois desse anúncio e depois de vários comentários menos relevantes, o

conde e a condessa se retiraram para descansar, seguidos de uma, a estas alturas, sonolenta Adele, quem, depois de beijar Cliff na bochecha lhe desejando boa noite, viu-se surpreendida quando este lhe devolveu o beijo em sua bochecha e disse: — Boa noite, Adele, e muito obrigado, irmã.

Ethan olhou a seu irmão por cima da cabeça de sua prometida, a que despediu com um beijo nos lábios e outro no pescoço, tenro. Enquanto, Cliff os olhava com a mesma sensação de inveja que sentiu no terraço da mansão a noite prévia a beijar Julianna no bosque, seu bosque.

Ambos fizeram um gesto com a cabeça de cortesia e se recostaram confortavelmente no sofá com o que ainda ficava de conhaque em suas taças, olhando as chamas dançar frente a eles.

— Pode me explicar como vais conseguir que Julianna te aceite? — perguntou Ethan com calma e sem deixar de olhar o fogo.

— Ainda não tenho nem a mais remota ideia.

De novo retumbaram as palavras de Julianna junto com a sensação, não, a certeza, pelo que viu em seus olhos aquele maldito dia: “odeia-me, Julianna me odeia”. Bebeu e tragou para tentar tirar esse enorme nó que sentia em sua garganta, em sua boca, na base do estômago.

— Não posso falhar nisto. Não posso viver sem Julianna. Me corte as asas, me afaste do mar, inclusive me mande para longe, mas não posso viver sem ela ao meu lado. Acredito que estas semanas deixaram isso claro. Falta-me o próprio ar se não poder vê-la, ouvi-la, tocá-la, preciso, quero-a, a amo. É ela, Ethan, é ela...

— Cliff, sabe que nos tem para o que queira ou necessite, tanto se quiser como se não. Medite bem seus passos, irmão, se a perder agora é possível que a perca para sempre. Se espera muito, talvez a perca, mas se não a segura o suficientemente forte, talvez te escape entre as mãos. Não vá fazer nada sem pensá-lo antes...

Ethan olhou então a seu irmão e viu em seus olhos a determinação que parecia perdida, mas também uma sombra de desconsolo, de dor que acreditava que desapareceria quando tivesse Julianna em seus braços, a seu lado, mas que temia chegasse a acabar o Cliff que conhecia e amava se, por algum cruel giro do destino, os deuses separavam Cliff de Julianna.

CAPÍTULO 10

À manhã seguinte Julianna, Amelia, Eugene, tia Blanche e o almirante iam sentados na carruagem que os levaria a Portsmouth, flanqueados por Maximilian, que tinha decidido fazer o trajeto em seu muito formoso puro sangue espanhol, e por uma segunda carruagem na qual iam o preceptor de Amelia, o professor de dança e parte das donzelas e do serviço que os acompanhava. Isto era algo que Julianna ainda não se acostumava, tanta gente para ir a qualquer lugar e ter que ir sempre acompanhada de uma donzela, uma dama de companhia ou alguém do serviço de tia Blanche, porque considerava que, além disso, das normas sociais que devia respeitar toda senhorita decente, era necessário andar com cuidado pelos perigosos bairros londrinos. Coisa que não compreendia muito bem, já que tia Blanche se assegurou de que, desde sua chegada, vissem a parte pela qual se movia a alta sociedade, assim Julianna via mais perigo nos caminhos próximos aos campos e milharais que nessas ruas.

Tinham quase previstas todas as atividades dos próximos quatro dias, incluindo uma pequena travessia marinha em um clipper de um amigo de Max, a que Amelia já havia dito que não iria nem morta, e uma jornada de piquenique depois de visitar os famosos estábulos onde tia Blanche pensava adquirir, com o experiente conselho de Max, duas exemplares para Amelia e Julianna, o que seria toda uma surpresa para ambas.

A casa de tia Blanche era um velho e belo casarão perfeitamente conservado, de dois pisos, com grandes janelas, tijolo vermelho e umas magníficas telhas de cor amarela envelhecida que contrastavam com a pedra negra dos escaipados sobre os quais estava situada. Todos os dormitórios estavam orientados para que se visse o mar e as saliências onde rompiam as ondas com força e, ao abrir as janelas, entrava um potente aroma de sal, a areia molhada da baía, que recordava um pouco o intenso aroma e o ar marinho da cobertura de um navio. Entretanto, eram aromas que se mesclavam com o do campo e do bosque dos arredores da mansão. Sem dúvida, era um lugar especial. Havia, um atalho que descia o pendente da ladeira sul e que ia parar em um bosque pequeno situado entre aquela fantástica casa e o vilarejo pesqueiro de apenas cinquenta habitantes. Um bonito povo que, além disso,

nesses dias, preparava-se para a Feira Anual da Cerveja, que aconteceria dois dias depois e que reuniria aos escassos trezentos habitantes dos cinco vilarejos mais próximos.

Uma vez perfeitamente instalados, Max acompanhou a todas as jovens para dar um passeio pela praia para conhecer um pouco a região. Julianna estava especialmente relaxada desde que saíram de Londres, o que permitiu a Max conversar com ela com total tranquilidade. Julianna e Max pareciam combinar. Apesar disso, Max soube, depois de algumas horas de bate-papo relaxado, que era a classe de mulher da qual acabaria irremediavelmente apaixonado, mas nas atuais circunstâncias não devia tentá-lo, porque havia um grande obstáculo que a colocava muito longe de seu alcance; sem sabê-lo, estava apaixonada por alguém.

Max levava muito tempo relacionando-se com mulheres para não distinguir a muita distância, nos olhos de uma mulher, a simples teimosia, o deslumbramento por um homem e, é obvio, o amor sincero e profundo, que era o que via naqueles preciosos olhos cor de mel. Durante a travessia no mar, Max se prometeu conter-se a respeito de Julianna, ao menos enquanto ela sentisse dessa maneira algo por um homem de que parecia não querer ou não podia falar. Mas se, transcorrido um tempo, esse homem ou a própria Julianna não decidiam consumir essa relação entre eles, seria ele quem começaria, sem limites e com intenções muito sérias, o cortejo dessa preciosa mulher, dessa cativante mulher que deixava qualquer homem louco de desejo, mas que também lhe proporcionaria o lar e a estabilidade que cedo ou tarde tinha que lhe chegar também. Sentia-se estranhamente satisfeito com ambas as possibilidades, como se soubesse que ter Julianna poderia se converter em um homem feliz, mas que não a ter, se isso significava a felicidade e seu bem-estar, também o conseguiria fazê-lo feliz. Ela parecia despertar nele ambas as caras de um mesmo homem, o predador, o sedutor, o homem, mas, ao mesmo tempo, o amigo, o irmão, o confidente.

Por sua parte, Julianna lhe pegou sincero carinho e sentia uma confiança plena em Max. A tinha ganho em seguida por sua forma de respeitar e admirar seu pai, por sua vida intrépida no mar, por sua nobreza, sua força, sua vitalidade, por seu caráter de “patife”, como o chamava tia Blanche, mas, especialmente, pelo amor por sua irmã. Cada vez que os via juntos se perguntava o que teria acontecido se seus irmãos a tivessem amado e protegido desse modo generoso, de entrega total para a família, de carinho sincero entre irmãos. Sabia que se ela se desse a oportunidade, Max

Rochester, lorde Frenton, era o tipo de homem de qual podia apaixonar-se sem esforço, mas seguia sentindo essa opressão no peito, esse comichão sob a pele e esse forte batimento do coração cada vez que se lembrava de Cliff.

Passaram os quatro dias absortos em atividades ao ar livre, passeios a cavalo, percorridos pela praia, visitas esporádicas ao povoado e inclusive se atreveram a descer ao povoado no dia da Feira da Cerveja, onde tanto Julianna como Amelia tiveram oportunidade de pôr em prática as lições de dança com os jovens da região e, embora não se tratasse dos elegantes salões de Londres, serviu-lhes para que tanto elas como Eugene alternassem com jovens de sua idade e pegassem um pouco de confiança antes das semanas que lhes esperavam. Sempre, é obvio, sob a estreita vigilância de tia Blanche, do almirante e, especialmente, sob os protetores olhos de Max, que passou grande parte do dia afugentando os “caipira”, “inculto” ou “crápula” que acreditou ver rondando às três jovens, o qual não fez a não ser provocar contínuas risadas de seu pai e de tia Blanche, que observaram divertidos como Max atuava como um leão protegendo a sua manada.

Depois do último jantar na casa, uma vez retiradas as quatro mulheres para descansar para a volta a Londres à manhã seguinte, Max ficou na sala conversando com seu pai dos últimos meses no mar, das últimas notícias escutadas, a noite antes de partir, no clube, e do amargo sabor que lhe deixou tropeçar com os irmãos de Worken, já que sabia algo não andava bem e queria comentar com seu pai na melhor ocasião que encontrasse e, por fim, tinha chegado.

— Max, não acredito que seja nada grave realmente, pois, se fosse, estou convencido que ali mesmo lhe teria comentado isso. Não obstante, tem razão, devemos oferecer nosso apoio à família, como velhos amigos que somos, na primeira oportunidade.

O almirante parecia totalmente relaxado com sua taça de porto em uma mão, um charuto na outra, olhando o fogo da chaminé com suas pernas esticadas, sentado na enorme poltrona de couro.

— Nesse caso, pai, deveríamos aceitar o convite para visitá-los assim que retornarmos e, enquanto as damas ficam em dia das novidades sociais, os preparativos da temporada e o próximo enlace de minha prima lady Adele, o que estou seguro lhes pode levar toda a tarde, podemos tentar averiguar algo com os homens. Não deixo de ter essa sensação sob as gemas dos dedos, esse formigamento que anuncia batalha. São muitos anos navegando juntos e estou seguro de que algo preocupa ao Cliff.

Max, igual ao almirante, olhava o fogo com sua taça de conhaque na mão e essa estranha sensação de perigo que lhe vinha à cabeça desde que se encontrou com seus velhos amigos.

— Está bem, se acha necessário, amanhã avisaremos a Stormhall de que os visitaremos a tarde seguinte e veremos o que acontece — uns minutos em silêncio, e sem afastar a vista do fogo, perguntou abertamente a seu filho— : E bem? — Deixou a frase no ar.

— E bem?

— Julianna...?

De novo deixou a frase inacabada e, depois de uns minutos, Max, com o cenho franzido e a voz tranquila e profunda, respondeu.

— Pergunta-me se estou apaixonado?

O almirante, esta vez sim, afastou um pouco a vista do fogo e dirigiu sua atenção a seu filho que, não obstante, manteve os olhos fixos na chaminé.

— Observamos-lhes juntos e ambos riem, se comportam com naturalidade entre vocês, inclusive com certa cumplicidade, e tem que reconhecer que está mais, mais... feliz?

Max tomou um sorvo de conhaque e depois com um suspiro respondeu: — Tenho que reconhecer que... — Sacudiu um pouco a cabeça —. É estranho, pai. Sou feliz, sim, e o sou com Julianna, com Eugene, com Amelia... com esta estranha família que formamos, mas não sei se posso afirmar estar apaixonado por Julianna. Certamente, tê-la perto altera meus sentidos. Sou homem, e acredito que, tem que reconhecer, pai, é impossível evitar diante dela. Mas não sei se estou apaixonado por ela ou de todas... Quer dizer, disto. — Fez um gesto com a mão no ar como assinalando tudo o que havia a seu redor —. Acredito que comecei a me dar conta, a valorar a possibilidade de ter um lar, do agradável que seria ter um lar como este, repleto de risadas, vozes familiares, dessa sensação acolhedora que parecem emitir estas mulheres... E sim, reconheço que não demoraria nem três segundos em me apaixonar por Julianna se deixasse as rédeas soltas, mas não sei se posso que fazer isso.

O almirante, que seguia olhando para Max, perguntou: — E por que não deveria? O que ocorre?

Max seguia com os olhos na chaminé e o olhar perdido nas chamas, em seu baile sem ritmo nem ordem, mas hipnótico.

— Não ocorre nada, mas... Estou seguro de que Julianna está apaixonada, embora o que não posso afirmar com total certeza é que ela

saiba. Se tiver, se chegar a ter alguma oportunidade com ela, acredite-me, pai, aproveitara-a, e sei que seria imensamente feliz com ela, mas — suspirou — também tenho a sensação de que poderei ser feliz simplesmente vendo como ela o é conseguindo o que queira, embora acredite que ainda não sabe o que é... Às vezes me sinto com ela mais como um irmão que como um homem apaixonado, e outras, bom, outras sairia correndo ante o primeiro vigário que encontrássemos para convertê-la em minha esposa...

— Umm, já vejo...

O almirante bebeu de seu porto e se levantou para servir uma taça de conhaque antes de voltar a sentar-se. Max observou os movimentos de seu pai, esperando que voltasse a acomodar-se na poltrona antes de continuar falando.

— Pai, me fale de Julianna. Ela me contou sua vida no campo, sua relação com seu pai, seus irmãos... Mas desconheço como acabou na casa de Blanche e, o que é que causa essas sombras em seus olhos quando fica a sós com suas lembranças. Há vezes nas quais, quando a vejo olhando pensativa o mar, ou por uma janela do salão, tenho a sensação de que algo a assusta, ou que lhe provoca dor e angústia. É a mesma sensação que tinha quando Eugene, era pequena, ficava a sós tocando o piano na sala de música e não saía até que recuperava certa tranquilidade, recorda?

Max se referia aos anos nos quais, antes de ter uma governanta, e quando Eugene teve a oportunidade de relacionar-se com crianças de sua idade, já que ao ter um irmão com o qual havia tanta diferença de idade nunca parecia ter oportunidade de relacionar-se com eles, ia a uma seleta escola no centro de Londres onde, diariamente, recebia desprezos e insultos por razão de seu nascimento, similares aos quais Max teve que suportar em seus anos em Eton. Vendo a dor que provocavam na menina os constantes insultos e desmandos de alguns companheiros, finalmente Max pediu a seu pai que a educassem professores e uma governanta em casa. E embora isso não ajudasse a que a menina superasse seu acanhamento, ao menos, fez com que desaparecesse essa tristeza de seu rosto.

— Bom, poderia te dizer o que me contou Blanche que, pelo que sei, é virtualmente tudo. Possivelmente possa encontrar a causa dessa tristeza e, em seu caso, ajudá-la que a deixe para trás.

Ao cabo de quase uma hora o almirante tinha relatado a Max tudo o que sabia. Ficaram olhando o fogo sem dizer nada um bom tempo, Max assimilando a informação, processando-a em sua cabeça, como se acabasse

de pôr em prática uma maquinaria interna que lhe permitia esquadriñar cada detalhe, cada informação ouvida ou percebida.

— Pai? Tem alguma remota ideia de quem é essa “família da nobreza”?

O almirante negou com a cabeça ao mesmo tempo que dizia: — O certo é que meditei sobre isso, e não posso mais que descartar alguns nomes, mas ficam muitos que poderiam sê-lo.

— Já vejo. Sem mais dados, resulta muito complicado... Não justifico o comportamento de nenhum de seus membros, mas posso entender que se acreditavam em dívida com Julianna e inclusive que considerem quase uma questão de honra ajudá-la, mas... Como demônios lhes pôde ocorrer pô-la em semelhante perigo? E em muitos sentidos, além disso! — Sacudia a cabeça —. Puseram em perigo sua reputação, sua honra, sua vida! E virtualmente a exibiram, sem ela dar-se conta, como se fosse o prêmio de uma feira de gado ante...

Max inalou fortemente. Sentiu-se profundamente irritado, furioso.

— Sei, sei, acredite-me, eu tive a mesma reação. Se os tivesse tido diante de mim nesse momento, os teria passado pela quilha. Senti um profundo respeito por Julianna, por sua reação. É uma criatura como não há muitas, não acha? Manteve a dignidade, a coragem, a integridade..., mas suponho que a dor e a angústia ainda a consome, nisso tem razão.

De novo se fez o silêncio enquanto Max seguia processando a informação, enlaçando umas ideias com outras...

— Pai, como hão dito que se chamava o... suposto cavaleiro que a atacou?

Seu pai o olhou profundamente e respondeu com rapidez, porque sabia que seu filho, assim como ele, pensava que se se encontrassem com esse desgraçado, daria-lhe uma lição que não esqueceria, sem mencionar que estaria pendente de Julianna para que, em caso de que voltassem a se cruzar, Max a protegesse.

— Lorde Liam Bedford. Conhece-o?

Max o olhou e durante uns segundos ficou meditando.

— Umm... não, não acredito. Mas me soa familiar esse nome. Possivelmente do clube ou de alguma caçada... Não sei, se for o sobrenome familiar possivelmente seja fácil encontrá-lo no listrado da aristocracia, certamente, averiguarei-lo... — Voltou a olhar seu pai, mas esta vez curvando os lábios com um sorriso briguento—. E sim, sim, não é necessário nem que o mencione... Se tiver a má sorte de cruzar em meu caminho, darei-

lhe uma lição que jamais esquecerá. — Seus olhos refletiram uma ira que seu pai sabia que era sincera —. E se, por um cruel destino, Julianna topar com ele, me encarregarei que esse canalha não se aproxime dela, que Deus lhe ajude se o vejo simplesmente olhando-a de longe!

Já em Londres, recebeu em Stormhall no meio da tarde uma missiva do duque de Frenton avisando da visita que tanto ele como seus filhos efetuariam à família na tarde seguinte à hora do chá, para assim poder felicitar em pessoa a sua sobrinha e ao futuro conde de Worken por seu iminente enlace.

Desde a chegada do anúncio da visita no dia anterior, por toda a mansão se respirava um estado de nervosismo e excitação evidente. Durante os dias prévios, a família de Worken tinha movido suas respectivas engrenagens para tentar averiguar mais dados sobre o paradeiro de Julianna, procurando fazê-lo sempre com a devida discrição, sem revelar a ninguém o que era que realmente estavam procurando.

A agência de investigação conseguiu averiguar que, por parte da família materna de Julianna, além de seu avô, o pastor, só havia um primo longínquo deste, que vivia na região norte da Escócia, muito mais velho e sem descendência conhecida. Enquanto, por parte de pai, descobriram que Leme McBeth tinha tido vários irmãos, todos eles já falecidos, e que um deles teve um filho, mas que tinha morrido sendo marinheiro em um dos navios da Marinha Real muitos anos atrás. Além disso, tinha uma irmã, Blanche McBeth, da qual puderam conseguir algumas informações muito superficiais, como que tinha se mudado para viver fora do povoado onde passou sua infância depois de contrair matrimônio com um comerciante viúvo. Tanto Cliff como seu irmão e o conde estimaram possível que essa mulher mais velha fosse a tia de Julianna, mas não conseguiam descobrir a razão de por que demônios seus irmãos não lhes informaram da existência desta, pois, inclusive se desconhecessem seu paradeiro atual, poderiam ter suposto que existia a possibilidade de que Julianna a procurasse.

Mas, de momento, teriam que esperar até averiguar com quem se casou e por sorte a mulher ainda vivia, ela ou algum de seus descendentes. Mas, pelo menos, era uma pista que poderiam seguir.

Por sua parte, tal e como já haviam dito, lady Adele e a condessa não conseguiram surrupiar informação alguma de Madame Coquette sobre seus clientes mais recentes, mas a ideia de Cliff de servir-se das intrigas entre os serventes foi providencial. Bastou por em prática a roda dos serventes para

conseguir uma informação que sim lhes ia resultar em extremo proveitosa. A donzela de lady Adele tinha escutado de um dos lacaios com os quais paquerava, e que trabalhava para uma das damas clientes de Madame Coquette, que no dia anterior sua senhora tinha visto pendurados, em uma das salas, uns preciosos vestidos, dos melhores tecidos e rendas, que a casa tinha elaborado para uma debutante. A dama perguntou com verdadeira curiosidade e insistência a identidade da jovem ou, pelo menos, a família a que pertencia, já que estimava imprescindível conhecer toda a concorrência que tivesse sua filha esse ano, e certamente, percebeu como uma rival digna de ser tida em conta a alguém com esse vestuário, já que denotava uma boa posição econômica e, portanto, um possível bom dote. Entretanto, tampouco lhe deram o nome da jovem nem seus dados. Ficou extremamente enfurecida por não ter visto sua curiosidade satisfeita. Daí que, enquanto provava suas próprias encomendas ajudada por sua donzela, foi perguntando com descaramento e sem dissimulação alguma das mulheres que costuravam para Madame Coquette pela identidade da destinatária desses vestidos, mas estas só lhe disseram que era uma jovem formosa e extremamente tímida. Depois disso pediram à donzela de lady Adele que, com discrição, tentasse averiguar, se não o nome da cliente misteriosa, ao menos, a casa a qual foram enviados esses vestidos. Depois de outro dia de fofocas entre as donzelas, puderam averiguar dois dados muito interessantes. O primeiro, que a jovem ia acompanhada, em todo momento, por uma elegante dama, uma das melhores e mais antigas clientes de Madame Coquette, e que, além de ser uma mulher extremamente generosa com os trabalhadores do atelier, devia guardar algum parentesco com a jovem, pois tinham traços e gestos inequivocamente similares. Mas o mais importante foi o segundo: um desses dias, ambas as damas foram acompanhadas de uma jovem, para a qual também prepararam algumas encomendas, lady Eugene de Frenton, filha do duque de Frenton e prima, portanto, de lady Adele.

Aquilo supôs um golpe de sorte incrível, posto que, embora não estavam seguros de que essa jovem fosse Julianna, cabia essa possibilidade e, em tal caso, seria fácil localizá-la, porque lady Eugene a conhecia, tinham ido juntas e isso era sinal de que tinham algum tipo de relação.

Por isso, organizaram um chá de maneira que, depois de um momento, as damas ficassem a sós com Eugene, tentando então lhe surrupiar informações de maneira inocente, enquanto que os cavalheiros, por sua parte, fariam o mesmo com o duque e com Max. Conhecendo-os como os conheciam,

nenhum deles deixaria que sua filha e irmã tivesse relação com pessoa alguma que eles mesmos não tivessem conhecido e aprovado antes. Ambos eram extremamente protetores com a pequena lady Eugene.

Pela manhã, tia Blanche necessitava seu habitual passeio a cavalo e Julianna estava desejando montar na égua espanhola, presente de sua tia, mas queria lhe dar rédea solta, deixá-la cavalgar como fazia quando estava no campo. Mas em Londres não podia montar escarranchado, sua tia a teria matado pelo indecoroso disso, e, além disso, nas áreas de passeio às quais ia com tia Blanche aquilo não era possível. Entretanto, ocorreu a Max um modo de sair para montar e galopar com liberdade, e tinha prometido tentar convencer a sua tia de pôr em prática essa ideia e de levá-las para praticar frequentemente.

Essa tarde o almirante e seus filhos não tomariam o chá com elas, pois lhes tinham informado que tinham um compromisso prévio, assim que as convidaram para jantar em um exclusivo restaurante muito na moda e que estaria repleto de muitas das damas e cavalheiros que monopolizariam os salões da temporada, para cujo começo mal faltavam cinco dias, e depois ao teatro, para ver a última representação de uma conhecida companhia francesa que Eugene parecia empenhada em ver.

Como parte do plano para encontrar o meio de montar diariamente em uma zona um pouco mais livre, Max se ofereceu para dar aulas de equitação a Amelia, que mal sabia montar, e menos levando uns novos arreios. Assim, lhes ocorreu propor à tia Blanche que as aulas com o preceptor da jovem fossem transferidas à tarde e que ela e Amelia montassem com tranquilidade pelos jardins habituais, para que Amelia se habituasse um pouco a seus arreios um pouco antes de iniciar suas aulas de equitação. Enquanto isso, Eugene, Max e Julianna iriam montar às zonas de práticas da Academia da Cavalaria Real, onde estava permitido o acesso a determinadas famílias da nobreza da Inglaterra e onde Max estava acostumado a ir cavalgar quase diariamente quando se encontrava em Londres. Ali todos eles poderiam cavalgar livremente pelas pradarias e parques de ao redor da Academia, e poderiam usar as instalações de práticas dos oficiais para as aulas de equitação da Amelia. Sem dúvida, uma excelente desculpa para começar a frequentar ali para montar em vez do Hyde Park ou o Rotten Row, lugares habituais de muitos nobres e personagens da aristocracia durante sua estadia em Londres.

Durante essa primeira visita com Julianna e Eugene, Max não parava de provocá-las, e era pouco o que elas necessitavam para apostar corridas e fazer apostas com seus cavalos. Max convidou o irmão mais novo de um de seus melhores amigos, o futuro marquês de Furlington, a acompanhá-los em seu passeio, quando se encontraram com ele à entrada da Academia. Lorde Jonas era o segundo filho do marquês e acabava de ingressar na Academia como parte de sua formação militar. Revelou-se um excelente cavaleiro com inatas habilidades militares para a cavalaria e, além disso, era todo um perito em cavalos, já que seu pai era conhecido por possuir um dos melhores estábulos da Inglaterra e alguns dos puro sangue mais desejados.

Os quatro passaram quase toda a manhã percorrendo alguns dos campos e pradarias adjacentes à Academia e lorde Jonas, que parecia ainda mais briguento que seus acompanhantes, foi animando-os em várias ocasiões a forçar mais suas montarias, o que divertia em extremo a todos eles. Foi ensinando os melhores percursos, as melhores regiões onde cavalgar com maior liberdade e, é obvio, onde fazer as melhores corridas. Em algumas ocasiões, tanto ele como Max trocaram comentários e saudações com alguns dos cavaleiros que se encontraram e estes, em sua maioria, ficavam olhando excessivo tempo, acreditava Max, a Julianna, o que provocava o evidente desconforto desta. Lorde Jonas, para alívio de Julianna, parecia mais interessado em Eugene que nela, detalhe que tampouco passou despercebido para Max, que não parava de jogar olhares de irmão protetor quando os dois punham seus cavalos à mesma altura e cercavam uma pequena conversa. Julianna reconhecia que se divertia com a cena e Max se deu conta de que ria sem parar dos três. A ela, pela inocência que refletiam tanto Eugene como o jovem lorde Jonas, assim como as conversas e olhares entre eles e os olhares intensos e temíveis desse enorme cavaleiro montado em uma besta não menos imponente, que ia em todo momento atrás dos dois como um sabujo que não retrocede em sua presa, dando a Julianna a sensação de que eram duas gazelas sob a férrea espreita de um tigre voraz, de dentes longos, disposto ao que fosse para proteger a um membro de sua manada.

De retorno a casa, Julianna decidiu que, fosse como fosse, devia conseguir que sua tia lhes permitisse ir montar a partir de agora por esses campos. Inclusive começava a urdir um plano para obter sua permissão, embora, possivelmente, necessitaria da ajuda de Max ou do Jonas e, portanto, de Eugene, pois estava segura obteria a ajuda da jovem. Como propôs Max, a ideia de usar a desculpa das práticas de equitação podia lhes dar um motivo

para convencer a sua tia. Aulas que não só podia receber Amelia, como também, insinuaria, a ela mesma poderiam lhe vir bem para melhorar na segurança de amazona inglesa que, embora já dominava, diria a tia Blanche que ainda resistia um pouco. Tomou nota mental de que devia comentar—lhe essa noite a Max, que, estava convencida, diria que sim ou pelo menos lhe daria outras ideias para convencer tia Blanche, depois de tudo era um “cavalheiro-patife”. Tinha desfrutado muito dessa manhã e, com essa ideia lhe bulindo pela cabeça, Julianna estava de um excelente humor. Além disso, pela primeira vez, sentia-se entusiasmada com sua saída dessa noite, apesar de que não deixava para trás o ainda visível desconforto e o sentimento de estar desconjurada em Londres. Prometeu-se que sua tia se sentiria orgulhosa e, por Júpiter, não ia voltar atrás... “Deveria começar a cuidar das expressões, pois pareço absorver as do almirante”, pensava Julianna com um sorriso nos lábios. O difícil seria conseguir que os passos para conseguir ser o orgulho de sua tia fossem o menos doloroso possível, o qual lhe parecia muito árduo e complicado.

À tarde, na mansão do conde, depois da entrega ao mordomo principal dos respectivos cartões de visita, Max e o almirante começaram a tirar as capas para entregar a outro dos mordomos. Durante uns minutos, Max ficou pensativo olhando a entrada por onde se acessava à sala de bilhar. Tinha estado muitas vezes nessa casa em companhia de Cliff e de seu irmão. De repente, teve uma estranha revelação que fez com que se esticasse de repente, um calafrio lhe percorreu as costas bruscamente e fez com que lhe endurecesse o rosto com uma expressão severa.

Com voz seca, rouca, baixando o tom para que não o ouvisse ninguém, nem sequer Eugene, que se encontrava a escassos três metros alisando sua saia e retocando sua jaqueta, Max disse a seu pai, — Pai, acredito que conheço lorde Bedford e acredito que...

Seu pai o olhou como se durante uns instantes não soubesse de quem falava, mas Max continuou.

— Pai, acredito que é amigo de Ethan de Worken, e começo a suspeitar que poderíamos ter averiguado, sem pretendê-lo, qual é a família nobre a qual se referia Blanche.

Os olhos do almirante se abriram muito e, justo quando ia dizer algo, apareceu o mordomo principal da mansão.

— Excelência, milord, milady, por favor, me sigam. Suas senhorias lhes

esperam no salão de espelhos — terminou de dizer enquanto fazia um gesto formal com a mão, indicando a direção antes de ficar diante deles para guiar seus passos.

Max e seu pai se olharam com certa suspeita, porque, a menos de um mês do enlace do herdeiro, o normal é que a casa estivesse lotada de visitas, mas parecia que a família ia receber apenas eles, o qual, no mínimo, era algo suspeito. Max tinha de novo esse comichão na ponta dos dedos que o punha em guarda. Enquanto caminhavam ao salão seu pai lhe aproximou e, com a mesma voz baixa de antes, disse-lhe — Somos amigos da família, não tiremos conclusões precipitadas. De todos os modos, procuremos tomar cuidado e nos manter alerta.

Max assentiu e, parando Eugene um momento, fazendo o mordomo acreditar que simplesmente iam dar umas instruções de cortesia à pequena antes de entrar, disse-lhe quase em um sussurros:

— Eugene, não pergunte nada, mas, por favor, não revele muitos dados sobre nossas últimas semanas. Pelo menos, não diga os nomes de nossas boas amigas. — Deu-lhe um beijo na bochecha para que soubesse que não acontecia nada e continuou, já com os lábios em seu ouvido —. Depois lhe explico, confie em mim.

Eugene assentiu, sabendo pela expressão de seu irmão que estava protegendo-a ou à McBeth. Conhecia muito bem essa expressão de defesa que, desde pequeno, estava acostumado a pôr quando se convertia em seu protetor, frente ao mundo se fosse necessário, assim não perguntou, nem disse nada. Bastava-lhe com essa indicação e o olhar preocupado de seu pai para saber que o melhor era obedecer.

— Excelência, alegra-nos lhes ter por fim conosco. Lady Eugene, Lorde Maximilian.

O conde fez uma formal inclinação ao entrar e foi se aproximando com esse passo firme e o andar de conquistador que lhe caracterizavam. Atrás dele se encontravam, de pé, junto à enorme chaminé coroada com um grande espelho, gravado no centro com o brasão familiar, os dois irmãos e, frente a eles, as damas da família, a condessa e lady Adele.

— Senhora, é um prazer poder ser recebidos em Stormhall, como sempre, e mais ainda com tal feliz acontecimento, condessa... Cliff, moço! Que alegria! Max comentou comigo que se encontraram. Temos que nos pôr em dia — saudou efusivo ao seu velho protegido e imediatamente virou o rosto —. Lorde Ethan, lady Adele, minhas mais sinceras felicitações e

desejos de uma felicidade plena.

Igual ao conde, fez uma formal cortesia e entrou na sala seguido de Max e Eugene, que fizeram as reverências e saudações próprias e foram recebidas pela família de Worken de igual maneira. As damas se sentaram no divã frente à chaminé, enquanto o conde e o almirante ocuparam as grandes poltronas de cada lado.

— Queridos moços, por favor, sentem-se, não pretenderão crescer mais.
— O almirante se dirigiu a Max, Ethan e Cliff, tentando diminuir a tensão que tanto ele como Max pareciam ter agora pelas costas.

Durante quase trinta minutos falaram de temas sem importância, de conhecidos e amigos, das novidades sociais, de alguns temas relacionados com a Marinha, os avanços dos territórios americanos e inclusive da apresentação em sociedade de Eugene. Logo se precaveu o almirante de que a condessa fazia certos gestos a seus filhos que não conseguia decifrar, até que o conde, rompendo com o fio das conversas, assinalou: — Cavalheiros, por que não passamos à sala de jogos e deixamos às damas fiquem em dia de todos os assuntos relacionados com as bodas e a temporada de lady Eugene? Nós poderemos tomar uns licores e conversar sobre os últimos acontecimentos.

Todos os cavalheiros se levantaram, depois de um fugaz olhar entre Max e seu pai com o qual ambos pareciam dá razão quanto a seu receio inicial. O almirante jogou de soslaio um breve olhar a Eugene, que esta captou imediatamente. Seu pai acabava de lhe avisar que devia tomar cuidado, mesmo que a pessoa sentada a seu lado fosse sua prima. Assim que ela, em sinal de entendimento, moveu os lábios, mostrando um leve sorriso que tanto seu pai como Max captaram à perfeição.

Assim que saíram da sala, tanto lady Adele como a condessa pareceram centrar seus esforços em Eugene, procurando dirigir a conversa para ela, para sua apresentação.

— Eugene, querida, sabe que pode contar conosco, com todos nós. Além dos fortes laços de amizade que unem as nossas famílias, muito em breve o seremos de verdade graças ao matrimônio de meu filho com sua prima, de modo que se desejas que a acompanhem a alguma das festas ou bailes não tem mais que nos pedir.

A condessa falou com Eugene em tom suave, quase sedutor, enquanto lhe agarrava a mão e ela olhava de soslaio a sua prima, que simplesmente sorria sustentando uma xícara de chá como se nada acontecesse.

— Muito obrigado, milady, lembrarei-me disso. É certo que são muitos eventos e que resulta um pouco entristecedor, mas tanto meu pai como Max me acompanharão a todos os atos, incluindo os de caráter mais privado. Conhecem os homens da família e estou segura reconhecerão que, no que se refere a mim, são muito protetores — disse, tentando parecer o mais inocente e cândida possível.

— Mas, em algumas ocasiões, o melhor é ir acompanhada de irmãs ou familiares femininas que lhe permitam... bom, comentar certas coisas entre elas e inclusive ajudar-se... Já me compreende.

Lady Adele lhe deu uma pequena piscada e Eugene se limitou a sorrir, mas lhe serviu para ficar imediatamente em guarda. Sua prima sempre a tinha tratado com carinho, mas entre elas havia uma relação longínqua, não só pela idade, mas também porque Adele se criou a maior parte de sua vida na Irlanda e mal se viam em alguma reunião familiar que comparecessem a ambos os ramos da linhagem comum ou em algumas bodas da família.

— Muito obrigado, tranquiliza-me poder contar com a família e, é obvio, aceitarei sua generosa e amável oferta se me permitirem isso. Também falarei disso com meu pai e estou certa que ele também lhes estará agradecido.

— Lady Adele e eu estávamos comentando, justo antes do chá, que tínhamos que ir ver Madame Coquette, para lhe encomendar algumas últimas peças de seu enxoval e possivelmente um par de vestidos para a temporada, e nos pareceu uma magnífica ideia que nos acompanhasse e assim poderíamos te ajudar com algum último detalhe ou retoque que fique pendente de seu vestuário. Já sabe que as mulheres nunca têm muitos vestidos nem chapéus, e que a temporada apresenta repleta de saídas, convites e reuniões de última hora.

A condessa simplesmente afirmava, não perguntava, deixando Eugene sem saída para as perguntas sem resposta que, desde fazia um momento, pareciam lhe lançar sem piedade, e que eram claramente destinadas a averiguar com que damas pensava ir a certos atos.

Havia certos bailes nos quais as debutantes da aristocracia iam, por costume, acompanhadas de outras damas que lhes serviam de “defesa” de certos cavalheiros muito efusivos. Tratava-se de uma norma não escrita, mas que se respeitava ao pé da letra. O habitual era ir tanto com uma ou várias damas experientes como com alguma outra debutante ou jovem. Era o que os cavalheiros nos clubes conheciam como “tulipa”, floresce com as pétalas fechadas por esse manto de amparo que lhes proporcionavam outras mulheres

e que, ao menos, estavam acostumados a formar-se com o mínimo de duas damas jovens e uma ou duas damas mais velhas, normalmente a mãe de uma delas, sua tia ou uma avó.

— É muito amável condessa, mas certamente tenho tudo preparado há ao menos dez dias. Conhecem meu pai, para ele é imprescindível estar devidamente preparados antes de uma “batalha”, não se pode entrar em combate sem a armadura. — Eugene pôs o semblante tão característico do almirante e as três riram.

Tanto a condessa como lady Adele, depois de um bom momento, deram-se conta de que lhes ia resultar um pouco mais complicado do que acreditavam. Eugene parecia ter deixado para trás a inocência e ingenuidade exacerbada que elas recordavam. Seguia sendo uma menina inocente e inexperiente, mas, certamente, já não era a garota diminuída que não dizia mais de duas palavras seguidas sem levantar a vista. O acanhamento seguia presente, mas tinha ganhado frescura, facilidade para seguir as conversas e, certa confiança que lhe permitia fazer ver sua inteligência e presteza de raciocínio. Não ia se deixar deslumbrar tão facilmente como acreditavam.

Adele teve que reconhecer em seu íntimo que se alegrava porque a prima pequena, a que tão mal tinham tratado as jovens de sua classe, parecia ter encontrado o ponto de apoio, a ancoragem necessária para agarrar a força e o impulso que necessitava e, embora nesse preciso momento não podia dizer-lhe sem ofender a sua futura sogra, tinha o impulso de lhe agarrar a mão, felicitá-la de coração e lhe dizer que, fosse o que fosse o que a tinha ajudado a mudar, não o deixasse escapar.

As damas seguiram conversando durante uns minutos mais até que ouviram um forte ruído na sala contigua. Levantaram-se e foram ver o que ocorria. Ao entrar se encontraram com Max ajudando Cliff a incorporar-se, ao qual tinha golpeado no lábio, caindo sobre uma das mesas de licores e quebrando várias das licoreiras e copos colocados sobre ela.

As três os olharam com clara preocupação que rapidamente se dissipou ao escutar aos dois amigos rir enquanto o conde e o almirante lhes faziam um gesto para que entrassem na sala e se sentassem com eles.

Enquanto as damas estiveram no salão conversando tranquilas frente ao carrinho do chá, os cavalheiros partiram à sala contigua, a sala de jogos onde, colocados formando distintos espaços e ambientes, havia poltronas, cadeiras, mesas de jogo ou de licores, algumas mesas auxiliares, divãs e poltronas de couro de respaldo largo onde os cavalheiros estavam acostumados a sentar-se

com uma taça e um charuto para conversar.

Ao entrar na sala, Max e o almirante sabiam que deviam andar com pés de chumbo, mas Max tinha a necessidade de averiguar a verdade sem olhares nem esperas, e sem a troca de perguntas ambíguas e frases sem acabar que sabia que era o que lhes esperava nos próximos minutos. Assim que se disse, enquanto se sentavam nas poltronas e Ethan servia licores e conhaque para todos, que, ao primeiro indício de que suas suspeitas eram acertadas, iria ao fundo sem pensar duas vezes. Ao fim e ao cabo, Cliff e Ethan eram seus melhores amigos, quase irmãos para ele, e o melhor era esclarecer as coisas o quanto antes, não ter segredos e, lhes dar a oportunidade de explicar suas ações, de explicar o porquê daquele absurdo proceder enquanto Julianna vivia no condado.

Durante vários minutos conversaram sobre temas ociosos, próprios de um clube de cavalheiros, mas em seguida a conversa se voltou incômoda.

— Querido amigo, acredito que falo em nome de todos os homens de minha família quando te digo que lady Eugene, além de estar preciosa, é encantadora, não duvidamos que será todo um êxito.

O conde parecia querer ir cercando o quanto antes o tema, já que levava observando a ansiedade na cara de Cliff fazia um bom momento, cada vez que olhava ao Max, que parecia tão centrado nele como o próprio Cliff.

— Obrigado. Sim, não posso negar que é uma jovem preciosa, claro, sou seu pai e não precisamente o ser mais objetivo do mundo. De qualquer maneira, tenho que reconhecer que estamos orgulhosos dela e, certamente, é uma fonte inesgotável de alegria para meu filho e para mim.

Max o observava sabendo que seu pai estava dando uma resposta meramente formal, o que o pôs literalmente em guarda.

— Lady Adele e a condessa nos confirmaram que lhes encarregastes de todos os preparativos para que seja adequadamente apresentada e bem acolhida — assinalou Ethan.

— Ah, sim? Bom, desejamos que tudo saia como Eugene espera e, é obvio, Max e eu não a deixaremos sozinha em nenhum momento e lhe daremos todo nosso apoio, certamente.

— Lady Adele nos comentava, justo antes de sua chegada, a importância de que as jovens compareçam assistidas ou acompanhadas por outras mulheres, bem da família ou amigas, para que possam apoiar-se nelas em caso de necessitar conselhos ou, simplesmente, contar os acontecimentos que vão ocorrendo. Por isso, tanto a condessa como lady Adele, e imagino assim

o estarão expressando-as, queriam lhe oferecer seu apoio incondicional e, claro, o nosso, se por acaso querem que seja apresentada com o apoio de todos, não só do ducado de Frenton. — Voltava a intervir Ethan.

Max conhecia muito bem a seu amigo e soube nesse instante, desde que começou a referir-se a Eugene como tema central da conversa, que algo esperavam dela, o que imediatamente provocou uma reação que, em outras circunstâncias, não teria notado especialmente, porque sempre mostrava um aspecto reflexivo e precavido, sobre tudo, nas conversas com duplo jogos, duplo sentidos ou menções veladas de temas importantes ou espinhosos através de outros aparentemente inócuos.

— Exatamente o que é que querem?

Sua voz soou brusca, seca, inclusive grosseira, tinha o cenho franzido e uma expressão severa na boca.

— Desculpa? — perguntou Cliff, olhando Max e depois ao almirante, que permaneceu imutável, embora estivesse bastante surpreso com a reação de seu filho.

— Conhecemo-nos muito bem. Cliff, você e eu compartilhamos quase meia vida, juntos, na juventude e, no mar. Conhecem-me tão bem como eu a vós e, desde que entramos, parecem leões enjaulados. O que ocorre com Eugene? O que querem dela?

Max marcou ainda mais o vinco sério do rosto, mantendo um tom uniforme, mas tosco e rude.

Cliff fechou um momento os olhos, sabia perfeitamente que Max os conhecia e que era impossível enganá-lo ou lhe surrupiar informação alguma de maneira accidental, e menos ainda sem que ele se desse conta. Abriu os olhos e, assentindo levemente com a cabeça, como dando permissão tanto a seu pai como a Ethan para falar abertamente, simplesmente começou a formular algumas pergunta sem saber que tanto o almirante como Max estavam a par do acontecido com Julianna. Como poderiam?

— Tem razão, amigo. — Suspirou —. Lhes pedimos desculpas... — Olhou ao almirante e inclinou levemente a cabeça em sinal de desculpa.

A seguir se levantou e ficou frente a uma das mesas, onde havia uma das bandejas de licores justo em frente deles e, depois de servir uma nova taça de conhaque, perguntou — Estamos procurando uma pessoa, e acreditam possível que Eugene a conheça ou, pelo menos, que a tenha visto.

Max levantou as sobrancelhas, esperando que continuasse, estava seguro de onde queria ir parar e, mesmo assim, conteve-se, igual ao almirante, quem,

curtido em mil batalhas, sabia que sempre é melhor deixar que o inimigo ache que ganhou terreno e depois golpeá-lo de maneira definitiva.

Ao ver que nenhum dos dois dizia nada, continuou.

— Verá, estou tentando dar com o paradeiro de uma jovem, a senhorita Julianna McBeth.

— E por que pensam que minha irmã poderia conhecê-la?

Ethan interveio, assinalando imediatamente: — Viram lady Eugene em companhia da jovem no atelier da Madame Coquette, e esperávamos nos facilitasse alguma informação do paradeiro da senhorita.

O almirante, arqueando uma sobrancelha, optou pela mesma postura que seu filho, ir diretamente ao assunto, estava claro que eles, se não sabiam certamente, sim, ao menos, suspeitavam que sabiam como localizar a Julianna — E, se não for pedir muito, poderíamos saber para que a buscam?

Depois de uns segundos que pareceram uma eternidade, Cliff surpreendeu a todos os presente, fazendo com que inclusive seu pai se surpreendesse pela resposta franca e sem rubor de seu filho: — Para me casar com ela.

Max e o almirante ficaram olhando com a cara de puro assombro, como se não acabassem de acreditar o que acabavam de escutar. Depois de uns minutos, o almirante se levantou, deu uns pequenos passos ficando frente a todos eles, e disse sem rodeios e com a voz firme, como estava acostumado a pô-la ante seus homens ao dar ordens: — E se essa era sua intenção, moço, pode-se saber em que demônios estava pensando esta família para colocar a nossa Julianna na posição em que a colocaram? Puseram em risco sua honra, sua integridade física, que demônios! Sua própria vida!

Os olhos dos de Worken se arregalaram. O almirante continuou com a voz furiosa: — Sim, sim, não se surpreendam. Sabemos de sua conduta, dos estranhos jogos aos quais a submeteram sem sequer suspeitá-lo... Por Deus santo! Aproximá-la de tipos como Liam Bedford... Somos amigos de toda a vida e jamais teria esperado, nem sequer imaginado, que qualquer um de vós fossem capazes de semelhante conduta. Pelo amor do Céu! Nos digam que tinham algum bom motivo, por remotamente absurdo que pudesse parecer, embora francamente duvido que exista justificção alguma.

“Nossa Julianna? Nossa Julianna?”, Cliff estava assombrado por tudo o que sabiam e inclusive um pouco envergonhado, mas, acima de tudo, estava zangado. Incomodou-lhe esse tom possessivo, essa familiaridade... Sentiu um tremendo ciúmes. E, com a cara pálida e quase sem fôlego perguntou: — Nossa Julianna? Como... como sabem? Onde ela está?

Max nesse momento sentia uma ira infinita por como seus amigos tinham tentado manipulá-los, especialmente Eugene, a que às claras tinham tentado separar deles para que as damas lhe surrupiassem informação sem interferências, irritado também pela confirmação de que foram eles que feriram Julianna, mas, além disso, por essa afirmação de que queria casar-se com ela... Estava realmente zangado, assim procurou ferir seu amigo e, apesar do remorso que como ecos ressonavam em sua cabeça, afirmou com o mesmo tom imperativo utilizado por seu pai: — Sim, Cliff, “nossa Julianna”... E, respondendo ao resto de suas perguntas, sim, sabemos tudo, e não, não lhes diremos onde está se não nos explicam o ocorrido. Não permitiremos que lhe machuquem novamente. Não a nossa Julianna.

Sabia que o tinha ferido, pela cara de Cliff, sabia que lhe tinha feito uma ferida profunda e imediatamente se arrependeu disso.

— Está apaixonado por ela, não é certo? — perguntou-lhe Cliff zangado, ofendido, ciumento, muito ciumento.

Desde seu assento Max baixou o olhar, suspirou e tentou recordar que era seu amigo, que era Cliff. Sabia como era e, acontecesse o que acontecesse, devia ao menos escutá-lo, acabava de lhe jogar uma punhalada certa e sabia pela expressão de seus olhos, assim agora, ao menos, procuraria comportar-se como um amigo. Max levantou a vista, suavizou o rosto, liberando um pouco da tensão, e olhou do assento a Cliff.

— Não sei, é possível que o esteja um pouco e, se não o estiver, falta-me muito pouco para está-lo. Antes que pergunte, não, não aconteceu nada entre nós porque ela... bom... Embora não sabe, ou acredito que não sabe, está apaixonada por outro. — Suspirou tentando recuperar o fôlego, porque o certo era que sim começava a estar apaixonado por Julianna e saber que ela estava apaixonada por outro lhe doía —. Se esse outro é você e consegue nos convencer de que sua forma de atuar tinha algum sinal de justificação racional, afastarei-me para te dar uma oportunidade, e inclusive, como teu amigo, ajudarei, se me prometer que a fará feliz. Mas se não for você, ou se o for, mas ela não te aceita, não duvide que farei o necessário para protegê-la de ti ou de qualquer intenção que albergue sobre ela e, mais tarde, quando ela o consinta, asseguro-te que não perderei minha oportunidade. Sei que poderia conseguir que se apaixonasse por mim, e você também sabe, e, certamente, a faria feliz, porque estou convencido de que com ela eu sim seria muito feliz.

Embora as palavras de Max devessem tranquilizá-lo, sobre tudo porque era seu amigo e inclusive acabava de lhe oferecer sua ajuda desinteressada

para conquistar a Julianna se ela o permitia, começou a notar como os ciúmes e o medo lhe percorriam cada fibra de seu ser. Só ressonavam em sua cabeça algumas frases “está apaixonada, por mim, sim, por mim, tem que ser por mim... Mas, e se não..., se estiver apaixonada por mim e não me aceita...”. Em sua cabeça voltaram as imagens de Julianna olhando-o com ódio, com medo, lhe dizendo que não queria que se aproximasse, que não queria voltar a vê-lo. “Max está apaixonado por ela ou poderia chegar a está-lo, Max conseguiria, se se propõe, fazer com que ela se apaixonasse por ele”.

Nesse instante, Max se levantou suavemente, virou-se para seu pai com tranquilidade e lhe disse: — Pai, peço-lhe desculpas de antemão.

Rapidamente se virou e lançou um forte murro no rosto de Cliff, que fez com que caísse de costas, jogando-o sobre uma mesa de licores.

Ethan ficou de pé imediatamente, assim como o conde, embora não se moveram de seus lugares. Em seguida Cliff abriu os olhos e encontrou estendida frente a ele a mão de Max para ajudá-lo a incorporar-se.

— Não te ocorra te queixar, mereceu isso — lhe disse Max.

Cliff colocou a mão na mandíbula onde o tinha golpeado e compreendeu tudo o que seu amigo lhe havia dito, e a oportunidade que lhe acabava de oferecer. Estendeu a mão para aceitar sua ajuda para levantar-se enquanto, com um meio sorriso, dizia: — Não me queixarei. Merecia isso. De fato, acredito que mereço muito mais, mas obrigado... Me alegra saber que não perdeste seu toque...

Justo nesse instante entraram as damas assustadas pelo estrondo e, para tranquilizá-las, imediatamente foram convidadas a incorporar-se à reunião.

Uma vez sentados, Cliff procurou narrar os acontecimentos e, embora reconhecesse em todo momento que toda a família se conduziu erroneamente quanto a Julianna, ele assumiu toda a responsabilidade do ocorrido.

O almirante as tranquilizou quanto ao bem-estar de Julianna.

— Julianna se encontra em casa de sua tia aqui em Londres. Tanto ela como seu defunto esposo eram muito bons amigos de toda minha família, de fato, especialmente para Eugene e para mim, foram sempre um grande apoio e consolo em alguns dos momentos mais duros do passado. Agora, tenho que lhes informar que considero tanto Julianna como Amelia como umas filhas, e as protegerei de qualquer um, incluídos vós, apesar da amizade que nos une. Não deixarei que as machuquem em modo algum.

O conde tomou a palavra ante a evidente tensão que ainda flutuava ligeiramente na sala: — A tia da senhorita McBeth é a irmã de Leme

McBeth?

— Sim, assim é — respondeu o almirante — Perguntamos a seus irmãos por possíveis familiares e não nos deram razão alguma de nenhum parente — insistiu o conde — As razões pelas quais eles evitaram a existência de sua tia, que me consta conheciam, são-me alheias. Terão que perguntar a eles, mas sim posso lhes dizer que a senhora viúva de Brindfet, que assim é como se chama a tia de Julianna, manteve com ela uma relação a distância e, certamente, professam-se mutuamente um carinho sincero há muitos anos. Em troca, Blanche, a senhora Brindfet, procura manter afastados aos seus três sobrinhos. Desconheço as razões disso, mas devem ser importantes, porque não só não os quer em sua vida, a não ser tampouco na de Julianna, e isso pode dever-se a seu instinto de amparo.

— Onde está? Sericamente está bem? — perguntou Cliff de novo com evidente ansiedade.

— Está bem, moço, não deve preocupar-se. Mas, antes de revelar seu paradeiro, estimo prudente, conveniente... — O almirante parecia meditar sobre o melhor modo de falar —. Bem, acredito que deveríamos primeiro expor a questão a minha boa amiga, é sua sobrinha e, certamente, tem muito que dizer a respeito. Não penso fazer nada que ela não consinta, lamento-o. Acredito que o melhor é que marquem com ela uma visita para tratar este tema. Eu posso informá-la em pessoa esta mesma noite.

Vendo a cara de impaciência de Cliff e conhecendo o caráter temerário de seu amigo, Max acrescentou, olhando-o à cara e com um tom do mais fraternal: — Se quer aliviar um pouco sua evidente ansiedade e promete não cometer nenhuma imprudência, e, se prometer não falar nem se aproximar de Julianna até que tenhamos o consentimento de sua tia, poderia te dizer um lugar no qual a verá a distância e sem que ela te veja.

Cliff o olhou e, brandindo esse sorriso de predador impenitente, respondeu: — Prometido.

— Pai? — Max olhou primeiro a seu pai e, ao assentir este, disse-lhe —. Esta noite iremos a uma representação da nova companhia francesa, poderá observá-la de um camarote próximo ao nosso, sempre que não te veja.

O conde interveio nesse momento.

— A senhora viúva de Brindfet, por que me soa familiar seu sobrenome?

— Pois, possivelmente, porque conhece alguns dos negócios integrados em seu patrimônio. Ronald, seu defunto marido, foi um desses grandes comerciantes dignos de admiração. Era um homem realmente brilhante,

trabalhador e honrado até a medula, e Blanche é muito parecida com ele, possivelmente por isso a escolheu como esposa depois de enviudar da primeira. Eu cerquei relação com ele graças à naval Brindmac e aos armazéns espalhados por quase todos os portos mercantes de importância, dos que era proprietário, e que agora formam parte da fortuna de Blanche.

Cliff interveio, com um tom de assombro e os olhos totalmente abertos: — A naval Brindmac e os armazéns Brindmac são da tia de Julianna?

Tinha a cara de assombro, como se acabasse de abrir os olhos imediatamente ao ver um fantasma. Ethan entrecerrou os olhos, porque sabia aonde foram parar os pensamentos de seu irmão, igual à informação que lhes estava facilitando o almirante: “competência entre todas as fortunas da Inglaterra e vê-la rodeada por todo crápula e predador de Londres”.

— Sim, e isso somente uma pequena parte da fortuna de Blanche. Não se sabe quão grande é, mas sim posso lhes assegurar que é das maiores a ambos os lados do continente. Embora, também, posso dizer com segurança que é uma pessoa que vive rodeada de certos luxos, mas nem faz ostentação nem é uma mulher supérflua nem superficial. Ao conhecê-la pensará que tem uma fortuna respaldando esse nível de vida, mas jamais conseguiriam imaginar quão grande é. É muito cuidadosa e, sensata nesse aspecto. Devem saber que, ao falecer sem descendentes, seu marido lhe legou todas e cada uma de suas propriedades, e minha querida amiga se revelou uma comerciante tão hábil e capaz como foi Ronald. Suspeito que aprendeu muito com ele, mas, além disso, é uma mulher muito tenaz, forte e que não se deixa avassalar. Isso o deveriam ter em mente a partir de agora.

O almirante arqueou a sobancelha e, olhando com um sorriso a seu filho, continuou: — Por certo, não lhes ocorra hastear seu título nobiliário diante dela, e menos como argumento a favor para se aproximar de Julianna. Blanche é uma mulher que não se deixa impressionar pela nobreza. Sabe bem que a honra e a lealdade não é algo que vá unido necessariamente à nobreza. Todos conhecemos do que é capaz a aristocracia, e igual ao resto, é capaz de cometer as mais vis baixezas, e o que é pior, servir-se desses títulos para sair ilesos de suas maldades. Aceitem meu conselho, não esgrimam o título ante ela. Se ela lhes considerar homens de honra, homens dignos de confiança, então dará valor ao título e o que ele suporta, mas não antes.

A condessa os olhou com certo indício de aborrecimento, já que ela, como a filha de um duque e uma longa linhagem da mais antiga nobreza inglesa, considerava que todo título, e mais um como o de seu marido,

colocava-os muitos degraus acima do resto da sociedade, e isso devia, a seu parecer, também estimá-lo o resto do mundo.

Max interveio com uma sonora risada e com um tom despreocupado: — Posso confirmar disso. Desde que eu a conheço, sempre nos ensinou e nunca deu a chance de mudar o hábito. Me chama “Max” sem o menor indício de rubor, e ao almirante... Bom, depende do humor que esteja...

Eugene, seguindo a brincadeira de seu irmão e rindo, corrigiu-o: — Isso não é certo. Chama-te “patife” e “sem vergonha”.

Em seguida todos os cavalheiros riram e começaram a compreender que Blanche não era uma viúva diminuída que se deixasse dirigir por ninguém.

— Suponho que agora mesmo têm em mente que consequências tem tudo isto que lhes está contando meu pai. Em realidade muitas. Permitam que lhes expliquemos. — Max se incorporou, apoiou-se no marco da chaminé e continuou —. Pelo que sabemos, Blanche quer apresentar Julianna em sociedade, mas começa a dar-se conta de que viver desta maneira — fez um gesto como indicando o que os rodeava, a opulência, as mansões, os bailes e a aristocracia — não é algo que acabe de convencê-la, por isso não a obrigará a viver em Londres, o que não é nenhum problema, porque possui propriedades por meio mundo. Mas, além disso, não a obrigará a casar-se se não for seu desejo. Entre outras razões, e isto é importante, porque não o necessita. Nomeou-a sua única herdeira, junto com Amelia.

Os olhos de lady Adele, da condessa e do conde se arregalaram. Olhando para Cliff e arqueando a sobrancelha, continuou: — Espero que seja consciente do que isso significa. Mais te vale que seja capaz de conquistá-la antes que a ronde todo um exército de cavalheiros desejosos de pôr as mãos em uma grande fortuna. Embora jamais cheguem, ou seja, quão alta é em realidade, asseguro-te que arderão em desejos de alcançá-la, se essa fortuna vem envolta na beleza de Julianna.

Cliff se esticou e, de repente, sentiu um espasmo nas costas de angústia e de ansiedade... Teve que apertar fortemente os punhos para controlar-se. Começava a ver rachar-se seu controle, seu tão alardeado sangue-frio, em sua têmpera. Quando se tratava de Julianna o perdia por completo.

— Bom, bom, moço, Blanche não deixará que se aproxime nenhum crápula desejoso de aproveitar-se dela... — interveio o almirante.

— Pai, Julianna é um tesouro pelo qual mais de um será capaz de fazer qualquer coisa, e ela é muito inocente, e inexperiente. É muito boa para não estar alheia aos perigos. — De repente lhe veio à mente o nome de Liam

Bedford e, virando-se para Ethan e para o conde com gesto de aborrecimento visível, disselhes —: Milord, Ethan, por minha parte considero necessário lhes advertir pelo possível vínculo que os uma a esse cavalheiro, bem seja de amizade, bem seja de outra índole, que penso ajustar contas com Bedford se tiver a má sorte de cruzar meu caminho, e que Deus lhe ajude se chegar a perturbar de algum modo a Julianna ou sua família.

Foi Ethan o que interveio nesta ocasião: — Querido Max, quebramos qualquer laço que pudéssemos ter com esse “cavalheiro”, e mais, se qualquer um dos presente o vê antes que você, sairá pior do que possa imaginar... E fique tranquilo, está advertido disso. Foi o conde quem o fez ver assim.

Cliff tinha os punhos fechados, apertados, contendo a ira e a raiva que lhe causava a imagem de Julianna tremendo, ferida...

Eugene não parecia compreender do que estavam falando, pois era, de todos os presente, quão única desconhecia o incidente, mas tomou nota mental do nome para estar alerta nos salões e bailes se por acaso o escutava ou via o indivíduo em questão. Max, querendo relaxar de novo o ambiente continuou: — No caso de nos esquecer, Blanche é muito dada a dar familiaridade às pessoas às que pega carinho, daí que nos permite chamá-la pelo primeiro nome, a ela e a suas sobrinhas, mas até que isso não ocorra, mantenham as distâncias próprias de cortesia. Ela não se deixará impressionar pela aristocracia, mas reconhece e fomenta as regras sociais e, portanto, a diferença de posição de um conde. É muito estrita quanto a respeitar as normas e usos sociais, inclusive as que não gosta. — Olhou a seu pai, quem, rindo, acrescentou: — Sim, as que não gosta... bom, com respeito a essas sempre, encontra uma forma de moldá-las, adaptá-las, mas sem que ninguém se inteire. — E soltou uma gargalhada.

— Acredito que há um detalhe que nem sequer Max conhece e que, a efeitos de que consiga que te aceite, Cliff, deverá valorar. Julianna quer muito a sua tia, pedirá-lhe conselho, escutará sua opinião e valorará esta atentamente, mas se parece muito a ela. Será Julianna a que decidirá, não deixará que outros tomem as decisões por ela. Além disso, agora pode fazê-lo com plena liberdade. Conseguiu a emancipação legal faz umas semanas. Eu não sei, como eu disse antes, os receios tão profundos que ambas as damas têm em relação aos irmãos McBeth, mas estou convencido de que têm que ser de gravidade para querer manter Julianna longe de sua influência e da capacidade de misturar-se em qualquer aspecto de sua vida.

Depois de vários minutos conversando sobre Stormhall acordaram em

reunir-se ao dia seguinte na casa de tia Blanche, prévio envio de uma missiva à mesma pelo conde e comprometer o almirante a avisar a sua amiga. Do mesmo modo, o almirante solicitaria à mesma que, na hora da reunião, Julianna estivesse fora de casa, para poder falar com tranquilidade, daí que Eugene se oferecesse para pedir a ela e a Amelia que a acompanhassem para passear essa tarde.

CAPÍTULO 11

A tarde na mansão da senhora viúva de Brindfet transcorreu tranquila. Julianna lendo e preparando alguns doces com novos ingredientes para poder brincar um pouco com o almirante, o qual foi objeto de recriminações por parte de sua tia, já que considerava que começava a mal criá-lo e, segundo ela, “a um homem feito se deve dar um pouco de açúcar e muito sal”. Ela rio com a forma de falar de sua tia, mas tanto a cozinheira como a donzela de tia Blanche se ruborizaram e riram mais que Julianna porque, a diferença desta, entenderam que as palavras de tia Blanche levavam uma clara conotação de picardia e intimidade que sua sobrinha ainda não conhecia em relação aos homens. Amelia recebeu as aulas que, pelo passeio a cavalo da manhã, adiaram até a tarde, o que tanto a tia Blanche como Julianna compreenderam logo que não tinha sido boa ideia, já que o senhor Cornish não parava de brigar com Amelia por qualquer coisa. Estava claro que era um homem de costumes e horários fixos, e lhe alterar qualquer um deles fazia com que saísse seu mau gênio com facilidade.

O que, certamente, desfrutou em extremo a tia Blanche foi a inocente troca de olhares e de frases quase pueris entre Eugene e Jonas. Bom, em realidade com a reação de Max, a forma como Julianna lhe contou as olhadas iradas e os bufos que lançava aos dois, ou as veladas insinuações que soltava ao Jonas sobre sua nova coleção de pistolas. A Julianna, vê-lo resultou francamente cômico, contá-lo rememorando as caras dos três e depois escutar os irônicos comentários de tia Blanche lhe resultou hilariante, até o ponto de ter que sair ao jardim as gargalhadas que ambas soltavam e ser objeto de mais reprovação do senhor Cornish, que tiveram o efeito contrário ao desejado por este, já que não fez a não ser provocar mais risadas e olhares cúmplices entre tia e sobrinha.

Cliff chegou tarde a Stormhall, quase estava amanhecendo. Mal podia respirar quando saiu do teatro: a imagem de Julianna vestida com um elegante vestido de noite lhe enchia a mente nublando qualquer pensamento racional. Julianna brilhava com luz própria e Cliff sentia a respiração cortada. Cada poro de seu corpo recordou o beijo no bosque, quando a tinha entre seus braços, suave, cálida, ardente, inocente. Sentiu, de novo, com absoluta nitidez

e quase realidade, seu aroma, seu calor, a textura de seus lábios. Sentiu-se explodir de prazer quando, de longe, escutou sua voz e uma risada que quase o parte em dois. Era ela, algo tinha mudado, mas seguia sendo a mesma, seus olhos, seus gestos... Ainda lhe resultava incrível ter sido capaz de não a agarrar pelo braço e tirá-la dali longe dos olhares de outros homens. Sentiu uns ciúmes possessivos quase entristecedores quando se fixou no olhar que outros cavalheiros lhe lançavam a distância. Como se atreviam? Nenhum era digno dela. Ele não era digno dela. Teve que usar todo seu autocontrole para não segurá-la e levá-la a um canto escuro e acariciar essa tersa, suave, cálida e desejável pele, para não arrastá-la longe de tudo e de todos e lentamente ir tirando cada uma das capas de tecido que o separavam dela. Ardia-lhe a pele, seu sangue corria dotando—o de uma vida que desconhecia, de uma necessidade enfebreçada, de um desejo descontrolado por tocá-la, por tê-la, por fazê-la sua que ia além da mera luxúria ou do desenfreno sexual. Ele queria tudo dela, seu corpo, seu coração, sua alma. E queria ser seu por completo, enchê-la dele, de seu corpo, de seu desejo, de seu calor. Conseguir ser um e obter um prazer desconhecido para ambos.

Ainda sentia essa onda de desejo, de calor, de desejo infinito, quando à porta do teatro se despediu do cocheiro para caminhar. Precisava limpar sua mente e relaxar seu corpo. Havia algo nela que só ele reconhecia, que somente ele via. Sabia só de olhá-la o que pensava. Sabia por seus gestos, pelo modo de inclinar a cabeça, de esticar seu pescoço, de baixar inconsciente o olhar, o que era que pensava. Excitou-o saber que a conseguiria satisfazer, saciar, porque a conhecia. Era sua Julianna, não importava que a encerrassem em uma jaula de ouro, que a envolvessem em seda, ele via mais à frente, seguia sendo essa mulher inocente, tenra, reservada, calada, cheia de doçura e candura, mas com uma paixão que ele tinha desatado. Aquele beijo imenso, incomensurável no bosque, tinha-lhe demonstrado que era sensual, apaixonada, pura força que estava esperando ser descoberta, e ele era seu descobridor. Londres não era seu hábitat natural e cedo ou tarde se rebelaria a esse entorno. Conhecia muito bem essa opressão no peito, no coração, essa opressão que o impulsionava a procurar a liberdade, romper com as regras impostas a seu redor e, a diferença de outros, ele não só lhe permitiria essa busca, mas também a impulsionaria a isso e a acompanharia. Imaginou a si mesmo com Julianna viajando através do mar aberto ou percorrendo campos e bosques na escuridão, afastando-se juntos em busca do desconhecido. Mostraria o mundo, poria a seus pés se o pedisse, e tinha que pedir-lhe Cliff

conseguiria que Julianna lhe pedisse para tirá-la dali e levar-lhe longe, mas com ele. Casaria com ela e passaria o resto de sua vida enchendo-se com ela, enchendo-a dele. Criariam seu próprio mundo para eles. A protegeria de todos, se asseguraria de que em seus braços se sentisse feliz, segura, agradada e satisfeita. Sabia que jamais se sentiria completo se não fosse com ela. Ninguém poderia satisfazer esses desejos, esse desejo que sentia e precisava completar.

O tinha proposto. Necessitava-a, desejava-a, queria-a, amava-a. Iria passo a passo, devagar, conseguiria que fosse ela a que lhe permitisse entrar, porque, uma vez dentro, não sairia, seria sua para sempre. Tinha que a ganhar de novo, faria com que o perdoasse, que esquecesse os enganos cometidos, conseguiria que se casasse com ele.

O dia seguinte se apresentava complicado para as mulheres McBeth, ou assim o estimou tia Blanche quando, a primeira hora da manhã, recebeu a missiva do conde de Worken tal e como lhe tinha dito o almirante durante o entreato no teatro. A família do conde, junto com o almirante e Max, iriam pela tarde para reunir-se com ela. Entretanto, tia Blanche, depois de pensar suas opções durante toda a noite, estimou que, depois de prometer a Julianna que a protegeria e que, além disso, poderia decidir sobre seu futuro desde o momento em que começou a viver com ela, decidiu alterar um pouco os planos falados com o almirante. Pediu a Julianna que não acompanhasse Amelia e Eugene ao passeio, alegando no último momento uma enxaqueca. Logo lhe indicou que deveria permanecer sentada sem fazer ruído, esperando e escutando na pequena sala adjacente à estufa, onde ela ia receber umas visitas. Não lhe daria mais detalhes, lhe pedindo simplesmente que confiasse nela e que obedecesse a suas indicações ao pé da letra. Conhecia já bastante bem a sua sobrinha e sabia que confiaria nela cegamente e lhe obedeceria.

À hora assinalada, o conde junto a seus filhos, o almirante e Max se encontravam no vestíbulo da mansão da viúva de Brindfet. A seguir, foram conduzidos à estufa do sul, onde lhes esperava a senhora da casa, por Furnish, o mordomo principal, ao qual tanto Max como o almirante trataram com absoluta confiança, com a familiaridade de quem frequentava essa casa com assiduidade e uma próxima amizade.

O conde lançou um claro sinal a seus filhos, sabendo que tudo o que os rodeava ia além de uma simples boa posição econômica. Cada detalhe, cada obra de arte, o serviço, tudo na mansão denotava uma grande fortuna por trás,

mas, além disso, um excelente gosto e uma elegância evidente. Certamente, nem Max nem o almirante exageraram ao advertir que a tia de Julianna era uma das grandes fortunas do reino.

Ao entrar, esperava-os, junto a uma das grandes janelas que dava a um bonito e cuidado jardim, uma elegante senhora de expressão serena, mas firme. Cliff sentiu uma imensa onda de familiaridade por ela e, conforme se aproximaram, compreendeu a razão. Sem dúvida era a tia de Julianna, tinha a mesma forma do rosto, a mesma expressão e, os mesmos olhos, um pouco mais escuros, um pouco mais vividos e certamente com os claros sinais da idade e da experiência marcados em seu contorno, mas com o mesmo tom e o mesmo brilho e reflexo que os dela.

— Almirante, Max, alegre-me vê-los novamente em minha casa. — Fez um gesto com a cabeça.

— Blanche, querida, obrigado por nos receber. Por favor, me permita te apresentar ao conde de Worken e a seus filhos, lorde Ethan e lorde Cliff de Worken — respondeu, fazendo uma perfeita reverência igual a seu filho, reproduzida quase ao mesmo tempo pelos três cavalheiros.

— Senhoria, milord, milord. É um prazer recebê-los em minha casa. Por favor, entrem e acomodem-se.

— Senhora Brindfet, me permita, em meu nome e no de meus filhos, agradecer sua hospitalidade e a deferência de aceitar esta improvisada reunião.

— Por favor, sentem-se. — Indicou aos senhores as cômodas poltronas que havia frente a janela e ordenou a Furnish que servisse um refresco para todos.

Uma vez sentados e Furnish cedeu o passo às donzelas com bandejas com distintos licores para os cavalheiros e pratos de frutas, bocados de mel e frutas secas, acomodaram-se todos em seus respectivos assentos. Era evidente a tensão e o estudo descarado que tia Blanche fazia de todos eles com o olhar, com especial cuidado em Cliff, que parecia também dedicado a observar com atenção à senhora situada frente a ele.

Se o conde e seus filhos tinham um porte e uma presença que, sem dúvida, poderiam chegar a intimidar a qualquer um ou reduzir ao mais duro rival a um simples cachorrinho, não o era menos o inquisitivo olhar da tia Blanche, que passou diretamente a marcar o fio da conversa.

— Meu querido amigo — assinalou com a vista o almirante — teve ontem à noite a deferência de me informar sobre o objeto desta inesperada...

“reunião”, acredito que a solicitou sua senhoria, por isso estimo desnecessário os rodeios ou formalidades banais e supérfluas.

Todos os homens da família de Worken jogaram um pouco os ombros para trás em sinal de tensão. Estava claro que nenhum esperava tal franqueza logo ao chegar. Entretanto, isso pareceu aliviar ao conde e, especialmente, a Cliff, quem tinha estado pensando durante todo o trajeto o melhor modo de encarar a questão sem ofender à anfitriã, mas parecia que esta estava disposta a lhes aplainar um pouco o caminho. Este gesto agradou sobremaneira a todos os cavalheiros, que pareceram apreciar ver-se liberados dessa carga.

O conde viu naquela mulher um admirável exemplo de temível adversário e digno oponente, assim como de dignidade e coragem, e tomou diretamente a palavra.

— Senhora Brindfet, não posso menos que começar me desculpando em nome de toda a família de Worken pelo comportamento e as ações do passado em relação a sua sobrinha, a senhorita McBeth, e assumir a responsabilidade e o pesar que as consequências derivadas das mesmas lhe ocasionaram. Aceite nossas mais sinceras e humildes desculpas.

Tia Blanche guardou silêncio, olhando firmemente o semblante do conde, o qual sem dúvida desconcertou a ele e a seus filhos. Ao ver a falta de resposta da mulher prosseguiu: — Realmente não existe modo algum de emendar os erros cometidos, disso estamos convencidos, mas...

Nesse momento Cliff interrompeu a seu pai: — Desculpe-me, pai. Senhora Brindfet, o que o conde tenta expressar é que, desde que sua sobrinha me salvou a vida faz muitos anos, minha família e eu nos sentimos em dívida com ela, embora seja certo que tanto ela, recentemente, como seu pai no passado, expressaram-nos que não consideravam a existência de dívida alguma e que não queriam amostras de gratidão por nossa parte, o que não cabe dúvida é uma amostra do extraordinário caráter e generosidade de ambos. Nós, entretanto, considerávamos nosso dever mostrar de algum modo nosso agradecimento. — Depois de uns segundos continuou —. Tenho que reconhecer que a maior parte dos enganos e mal-entendidos acontecidos até este momento só têm que ser atribuídos a minha própria pessoa e a meu mau julgamento quanto à valoração do alcance de meus atos e, por também dos de minha família. Não quero com isso desculpar nosso comportamento, em especial o meu, do que me faço plenamente responsável, e nem sequer me atreveria a solicitar seu perdão ou o de sua sobrinha. Entretanto, sim espero me permita emendar esse proceder ou, pelo menos, compensar os agravos

ocasionados.

Tia Blanche observava ao Cliff com semblante de preocupação e começou a sentir certa apreensão. Intuíra que ele era realmente o problema que Julianna ia ter que enfrentar, e não sabia realmente se ia ser capaz disso, porque claramente esse muito bonito cavalheiro de deslumbrante armadura era um lobo vestido de cordeiro, um sedutor em toda regra capaz de conseguir o que se propusesse. E, entretanto, no fundo havia algo nele que gostava, que a punha em guarda, mas não a alarmava...

— Não sei se estou entendendo. De momento, parecem só querer pedir desculpas e, entretanto, acaba de dizer que nem sequer se atreveria a solicitar nosso perdão... Realmente aonde quer chegar?

A voz de tia Blanche se tornava mais grave e, sem propor-lhe começava a franzir o cenho com um gesto mais de preocupação que de aborrecimento.

— Nem minha família nem eu queremos prejudicar a sua sobrinha, mas sim o contrário. Não queremos fazer nada que ela não... Bom... Esse foi possivelmente nosso maior erro no passado, ter tomado decisões sem contar a ela, atuar a suas costas e não voltaremos a cometer essa falta.

Esta vez foi seu pai o que continuou: — Informaram-nos que pensa apresentar em sociedade à senhorita Macbeth esta temporada, e pensamos, se nos permitirem, lhe mostrar nosso apoio...

Nesse momento, a tia de Julianna, com um gesto elegante, mas firme, parou-o em seco, o que provocou com que os olhos do conde se arregalassem.

A tia tomou um segundo para respirar fundo e, com o semblante sério, assinalou: — Realmente não os tinha entendido. Claro que não, que não cometerão os mesmos erros. Meus senhores, e o que acreditam que estão fazendo agora mesmo?

Cliff levantou as sobrancelhas. A expressão dos olhos de sua tia era quão mesma tinha Julianna a última vez que a viu, não estava a ira nem o medo nem o ódio que sim viu nos de Julianna, mas desaprovação, decepção, desagrado... Começou a temer o pior.

Tia Blanche continuou ante a cara de assombro de todos, que não pareciam capazes de dizer nada: — Ajudar a Julianna em sua apresentação em sociedade... Não cometer os mesmos erros... Tomar decisões... me permitam ser quão franca meu mal-estar pode me permitir neste momento. Desde o momento em que solicitaram esta reunião, propondo que se agendar-se com total desconhecimento de Julianna, colocou, todos vocês,

irremediavelmente no mesmo engano. Decidir sobre a vida de Julianna sem ela, sem lhe perguntar, sem saber o que é que ela quer ou não quer. Lamento lhes informar que, para sua desgraça, isso é algo que não vou tolerar e menos ainda permitir.

Sua voz foi cobrando cada vez mais energia e seu aborrecimento incrementando-se ao pensar que esses cavalheiros estavam ali decidindo sobre a vida de Julianna como se ela fosse um mero peão...

— Mas... — A voz de Cliff tinha certo grau suplicante e outro tanto de aborrecimento, como se acabassem de lhe dar um murro.

— Milord, por favor... À margem do perigo ao qual expuseram Julianna, da situação comprometedoras em que a colocaram, o que é grave em extremo, o que doeu a minha sobrinha, o que mais a feriu profundamente e, por isso, a mim também, foi sua manipulação, os enganos, os jogos aos quais se viu submetida sem querê-lo nem desejá-lo. Não comentarei sobre suas razões. Pelo que compreendi graças a nosso amigo em comum — assinalou levemente ao almirante —, são umas pessoas honoráveis e dignas de defesa, alheias a toda mancha. Entretanto, o fato certo e irrefutável é que mentiram, enganaram e abusaram da sua confiança, e nem minha sobrinha nem eu vamos permitir manipulações, qualquer que seja as bem-intencionadas razões ou as bem-intencionadas mãos que haja por trás de qualquer ação... Quero, por último, deixar um ponto muito claro, qualquer decisão sobre o futuro de Julianna será tomada por ela, e eu a apoiarei. Não permitirei interferências de nenhuma pessoa, por muito boas razões ou intenções que essa pessoa acha ter.

A Cliff não lhe escapou o detalhe de que, na maior parte das ocasiões, parecia dirigir seu olhar diretamente a ele.

— E em relação à apresentação de Julianna em sociedade, acredito que vocês estão superando e, além disso, interpretando mal minhas intenções. Se quero que Julianna conheça este aspecto da sociedade não é porque deseje lhe buscar pretendentes ou porque estime que precisa obter um status determinado, de modo que duvido que necessite “apoio”. Minha intenção é outra muito distinta, simplesmente quero que conheça todas suas opções antes de decidir sobre esse futuro, quero que conheça a parte de nossa sociedade que ainda não conhece para poder decidir depois.

Foi então o almirante, ao ver o rumo que tomava a conversa, tentando chegar a um ponto neutro, quem interveio: — Em algo não posso a não ser estar de acordo com a senhora Brindfet, e é que é a própria Julianna quem

tem que decidir qualquer assunto que lhe possa afetar, e considero minha responsabilidade e minha honra, pelo carinho que professo a ela e a sua família, velar para que assim seja. De modo que, a meu entender, sobressaem seus desejos sobre os de qualquer dos presente. Por isso... — Fez um gesto tentando abranger a todos os que se encontravam ali —. Algum dos presente se incomodou sequer em lhe perguntar quais são esses desejos? Em perguntar o que é que quer, o que de verdade quer?

Nesse momento se abriram as portas trilhos que acessavam a sala em que se encontrava Julianna, que apareceu no centro da soleira com a cara séria, dirigindo a vista de maneira instintiva a Cliff. Todos se viraram e, ao vê-la, ficaram de pé.

Ao Cliff lhe parou o coração, tinha-a a menos de três metros, com o sol que entrava por essas enormes janelas iluminando seu rosto, destacando esses enormes reflexos quase dourados nas mechas de cabelo que caíam soltos por seu pescoço, por esse sedoso pescoço de linhas claras... Tinha o rosto sério e, de repente, fixou seus olhos nele, somente nele. “meu Deus”, ofegou em seu interior ao lhe dar um tombo o coração.

— Jul... — Cliff esteve a ponto de dirigir-se a ela, mas em seguida parou em seco e, igual ao resto, fez uma leve reverência, compreendendo que devia moderar-se, devia controlar-se.

Com a voz um pouco trêmula, limitou-se a dizer, depois de fazer uma leve inclinação: — Senhoria, milord, milord, almirante, Max... Desculpem a intromissão. — aproximou-se lentamente de sua tia Blanche, deu-lhe um beijo na bochecha e lhe disse —: Tia Blanche, por favor, quando puder eu gostaria de falar contigo a sós... Te esperarei quando terminar no jardim.

A seguir se aproximou do almirante, deu-lhe um beijo na bochecha e lhe sorriu levemente, aguentando as lágrimas que, breve, sabia iam aparecer por sua bochecha, e lhe disse com a voz fraca: — Obrigada.

Lhe apertou suavemente a mão.

Depois Julianna se virou para Max e lhe deu outro beijo na bochecha. Este último o fez pela estranha razão de machucar Cliff de Worken, e não sabia por que, mas algo dentro lhe dizia que desse modo o conseguiria... Por último, voltou-se a virar, ficando de cara aos outros e, fazendo de novo uma reverência, adicionou: — Senhoria, milord, milord, se me desculparem.

E sem esperar resposta nem ver as inclinações de cortesia dos cavalheiros, saiu pela porta de acesso aos jardins que lhe abriu um laçao... Antes inclusive de chegar ao jardim já tinha os olhos marejados pelas

lágrimas.

Tia Blanche não esperou que ninguém dissesse nada e soltou: — Almirante, poderia atender a nossos convidados. E você — olhou diretamente ao Cliff — e eu, acredito que deveríamos ter uma pequena conversa em privado. Por que não me espera na biblioteca uns minutos? Max pode acompanhá-lo e lhe servir uma taça de conhaque, ou duas... As vai necessitar...

Max soltou uma risada baixa enquanto olhava Cliff.

— Se me desculparem, acredito que minha sobrinha me necessita mais que qualquer um de vocês. — Fez um gesto e partiu atrás de Julianna, e os cavalheiros se inclinaram enquanto isso.

Uma vez fechada a porta o conde espetou: — Uma mulher de caráter, não há dúvida.

O almirante e Max riram e este disse, contendo uma gargalhada: — Bom, não foi tão mal. Em realidade, o que esperávamos é que Cliff tivesse certa oportunidade e enfim... Eu se fosse você tiraria todo seu encanto, sedução, cavalheirismo e persuasão tão celebrados, porque os vais precisar... Vamos, acompanho-te à biblioteca. Senhoria, Pai, Ethan. — Fez um gesto com a cabeça e guiou Cliff.

Depois de uns breves minutos, o almirante, o conde e Ethan partiram, enquanto Cliff e Max aguardaram na biblioteca. Quando o teve frente a si, e enquanto Max servia em duas taças um pouco de conhaque, Cliff sentia os ciúmes lhe percorrer o corpo da ponta dos pés até a cabeça recordando o beijo na bochecha. Era totalmente inocente, mas pensava que ela se aproximou dele, sem pedi-lo, sem reticências, havia familiaridade entre eles, havia...

— Pode-se saber desde quando existe tanta familiaridade? — disse com voz rouca.

Max nem sequer necessitou mais elucidação, viu-lhe a cara enquanto Julianna o beijava na bochecha, assim sabia que ia dizer-lhe algo.

— Deveria agradecê-lo. Acredito que isso confirma que está apaixonada por ti... É mais que evidente que o fez para te incomodar, e vejo que o obteve com muita facilidade.

Enquanto Max ria de Cliff entrecebeu os olhos observando-o. Finalmente, tomou a taça que lhe oferecia e suspirou.

— Vou te dar um conselho — continuou Max —. Estamos muito acostumados aos jogos de sedução, ao dobrar sentidos, a enrolar às damas

para conseguir prostrá-las a nossos desejos. Com Blanche não o tente. Seja tão encantador quanto quiser e possa, mas não pretenda enrolá-la, ver te despachar antes que te dê conta.

— Aconselha-me que seja sincero? Não acredito que, agora mesmo, mostre muito entusiasmo ante a ideia de ver sua sobrinha casada comigo, salvo que a própria Julianna o peça, e mesmo assim...

Ficou com os olhos fixos na taça e em silêncio e, depois de uns instantes, perguntou: — De verdade acha que está apaixonada por mim ou é o que quero ver? Começo a pensar que vejo só o que quero por puro desespero... — Sua voz soava afogada, duvidosa.

— Cliff, penso que Julianna não falou com sua tia do que sente por ti porque nem sequer acredito que seja consciente disso, mas, suponho, Blanche viu quão mesmo eu durante estas semanas. Terá que ganhar de novo, porque do que sim estou seguro é que desconfia de ti, e essa é uma barreira que terá que derrubar sozinho. — Sorrindo de novo a seu amigo, acrescentou —: É irônico. A única mulher que quer é a única que vai dificultar as coisas e a única pela qual vais ter que lutar... — Alargava seu sorriso sem deixar de olhá-lo —. Será um castigo depois de tantos anos como penitência?

Cliff o olhou e respondeu: — Pois se for assim, já pode te preparar, porque você, amigo, é igual ou pior que eu.

No jardim, tia Blanche encontrou Julianna sentada no banco de mármore colocado à sombra de uma enorme laranjeira. Parecia confusa, não zangada nem triste.

— Julianna, querida, está bem? — perguntou enquanto se sentava.

Julianna se virou para poder olhar a sua tia, para tentar obrigar-se a falar apesar da opressão que sentia no peito, do pouco ar que parecia chegar a seus pulmões. Secando as lágrimas que seguiam correndo por suas bochechas e com a voz afogada lhe respondeu: — Estou bem tia, é só que...

— Está zangada, incômoda... Não queria te ocultar... Acreditei que devia saber o que acontecia. Pequena?

Julianna se inclinou, apoiando a cabeça em seu colo sem parar de chorar, e tia Blanche lhe acariciou meigamente a cabeça tentando lhe dar tempo, não a forçar a falar.

— Tia, não estou zangada, bom... sim... Mas não contigo. Não estou zangada contigo, como poderia? Tampouco com o almirante, nem com Max, quero muito aos dois e sei que eles também a nós. Acredito inclusive que

tampouco com o conde e seu filho. Suponho que faz muito que deixei de estar zangada com eles, que os perdoei... Agiram mau, mas não acredito que sua intenção fosse me machucar nem brincar comigo. Incomodame o que fizeram, certamente, e duvido que os pudesse perdoar que fizessem algo remotamente parecido no futuro, mas já não lhes guardo rancor. É só que...

— O que, menina? O que é que te altera?

— É, é... Não sei, tia. Incomodame... Incomodame... Ele!

— Suponho que te refere ao comandante de Worken.

Juliana assentiu com a cabeça, um pouco envergonhada.

— Não sei por que, só sei que me incomoda. — incorporou-se para ficar de novo olhando a sua tia e, com os olhos entrecerrados e quase sem atrever-se a olhá-la fixamente, continuou —. Tia... não se zangue, mas... há uma coisa que não lhe contei e que... Verá... O comandante me... beijou foi isso.

Juliana levantou a vista um pouco para olhar a sua tia, que parecia tranquila. Depois de uns segundos em silêncio, a tia perguntou com voz suave e calma: — Suponho, então, que a pergunta é, o que é que sente por ele? Se me faz saber que te beijou é porque esse beijo algo significou, além disso, não estaria zangada com ele... irritada, se o preferir, se não sentisse algo...

Juliana secou de novo os olhos e a olhou fixamente, tentando rebuscar em sua mente e em seu coração o que era que realmente sentia, mas era muito, muitas imagens, lembranças, sensações e sentimentos amontoados formando um caótico estrondo dentro dela.

— Não... não... não sei. Zanguei-me assim que escutei sua voz, mas também estava desejando ouvi-lo, vê-lo... Não entendo como ele... por que atuou assim. Às vezes recordo os poucos momentos que passei com ele com carinho e com um sentimento que parece me encher por completo, mas, outras, me dá vontade de lhe atirar algo à cabeça. Há dias nos quais tenho uma espécie de nó no peito que parece dissipar-se quando me vem à cabeça sua imagem ou seu sorriso, e outras, é o contrário, estou tranquila ou dormindo e sinto que me falta o ar, que me falta algo quando o recordo. Não sei se estou simplesmente deslumbrada, louca, ou...

— Apaixonada?

Juliana ficou olhando-a com os olhos muito abertos. O coração lhe deu um tombo assim que o escutou de lábios de sua tia, o tinha perguntado muitas vezes nos meses passados, mas...

— É possível? Apenas o vi e sei que não parece possível que alguém

como ele... Nem sequer sei se é como acredito ou é que vejo só o que quero ver. Não sei se estou tão embevecida que... mal troquei três palavras com ele. — Fez uma pausa e, depois de uns segundos e inclinando a cabeça, reconheceu quase vencida —: Falta-me o ar quando o tenho perto, mas sei que se se afasta será pior. Acredito que preciso tê-lo perto, mas só de pensá-lo me zango, incomodo-me com ele e comigo mesma por... por...

— Necessitá-lo? Por depender de outra pessoa? Por saber que sua felicidade e a dele dependem de duas pessoas, não de uma? Por querer beijá-lo, abraçá-lo e ao mesmo tempo gritar com ele e esbofeteá-lo? — interrompeu sua tia arqueando a sobrancelha.

Juliana a olhava tentando pensar seus próprios sentimentos, a raiva, a dor... Mas também o calor, o atordoamento, a sensação de que o mundo a seu redor desaparecia quando o tinha perto e, o pior, a opressão no peito cada vez que pensava que não o veria mais.

— Querida, quando me casei com Ronald, queria-o, disso estava segura, mas não foi até um pouco depois de nos casar que me dei conta de que o que sentia realmente por ele com absoluta clareza. Era muito mais que o carinho que acreditava lhe ter ao princípio. Sei o que sente, o que te dá medo, em seu caso, além disso, por que está tão zangada. Não quer que te faça mal, teme que minta para ti, que te engane, que te traia de qualquer maneira. Não posso te dizer o que fazer, não, nem sequer vou te dizer o que penso ainda, porque até que você não descubra o que sente e o que deseja de verdade desse cavalheiro, não deveria escutar a ninguém. Deve escutar a ti mesma e a seu coração e, depois, dizer a todos o que quer. O que sim te aconselho é que te assegure de poder entregar sua confiança sem dúvidas, sem receios, sem limites, porque, se estiver segura disso, estará segura de que lhe pode entregar seu coração, sua vida e seu futuro sem reservas. Se confiar nele, sentirá segura, a salvo, poderá amá-lo e te deixar amar sem temor nem receios. Mas tem que estar segura de que pode confiar nele e de que ele pode confiar em ti acima de tudo e de todos.

Posou-lhe uma mão na bochecha e, depois de uns instantes, acrescentou: — Seja o que queira, o que deseje ou o que ditas, Amelia e eu estaremos ao seu lado, isso sabe verdade?

Juliana assentiu, deixando cair um pouco a cabeça na mão de sua tia, era um calor tão familiar, tão carinhoso...

— Vou falar com ele a sós...

Juliana se esticou de repente.

— Falar com ele? Para que? Por quê? Tia...

— Tranquila. Confia em mim?

Julianna a olhou um segundo desconcertada, mas assentiu.

— Bem. Quero ver de que massa parece e veremos o que quer e por que... — Arqueou uma sobrancelha e pôs o olhar pícaro de alguém que tem muita vida nas costas —. Não acredito que veio só oferecer o apoio dos Worken para sua apresentação em sociedade nem para pedir desculpas, verdade? Ou sim?

Tia Blanche era a ardilosa raposa que aparentava, mas, além disso, era da classe de pessoas que dava uma oportunidade a outros, e parecia que era isso o que ia dar a Cliff, uma oportunidade. Uma oportunidade para que lhe dissesse o que era que queria realmente e decidir se era merecedor disso.

Julianna ficou no banco do jardim vendo-a entrar de novo na casa, meditando sobre o que acabavam de falar, mas, com a ideia de que ia falar com Cliff e, de repente, deu-se conta do muito que desejava falar com ele... Toda essa intensa chuva de sensações se amontoou de novo em sua cabeça e em seu coração, mas, especialmente, todas as sensações físicas. Seu corpo reagia automaticamente com seu nome, sua imagem, sabendo-o tão perto, nessa mesma casa. Recordava como se fosse ontem o abraço no bosque, seu aroma, sua pele, o pulso descontrolado ao olhar esses profundos olhos verdes, o estremecimento de sua pele quando a roçava com suas mãos, seu fôlego em seu pescoço fazendo com que o desejasse sem pudor...

Antes que entrasse tia Blanche na biblioteca, Max voltou a oferecer a Cliff sua ajuda. Sentia que devia fazê-lo por sua amizade, embora, em certo modo, implicasse renunciar a toda possibilidade com Julianna, o que lhe provocava um leve sentimento de raiva e ciúmes, mas também uma leve tristeza. Daria uma oportunidade a seu amigo, mas se Cliff não conseguisse Julianna, ele o faria, poderia fazê-lo.

Cliff o olhava com um sentimento de profundo agradecimento, mas também de culpa. Se não tivesse encontrado Julianna, era possível que Max e ela tivessem acabado juntos, e era um homem honesto, bom e com a capacidade de dar a ela uma vida segura e feliz. Um rio de ciúmes e de dor imaginando—a nos braços de Max lhe percorria o corpo: — Max, está seguro de que? Enfim, depois de reconhecer o que sente por ela ou o que poderia sentir, não acredito que seja justo que me ajude. Não quero que... É como um irmão para mim e me doeria te causar algum dano. Sabe, não é certo?

Max o olhou e assentiu enquanto dizia: — Sei, mas posso renunciar a ela por ti, amigo, se te amar tanto como acredito. Isso é o melhor para os três e, além disso, apesar de como é, melhor dizendo, de como foste no passado, acredito que algo em ti mudou, e pela primeira vez não só desejas essa mudança, como também sabe que o necessita.

Cliff o olhava compreendendo que Max parecia ver nele quão mesmo Ethan, o desejo pela primeira vez em sua vida, a necessidade de outra pessoa, a necessidade de formar parte de algo, de formar um lar, sendo Julianna esse lar. Só pôde lhe dizer “obrigado”.

Max lhe contou uma ideia que tinha lhe ocorrido.

— Amanhã pela manhã começarei a dar aulas de equitação a Amelia e convencemos Blanche que deixe que as aulas nas instalações da Academia da Cavalaria. Isso te daria a oportunidade de passar tempo com Julianna, já que irá montar conosco. E não se preocupe, direi a Eugene que lhes deixe sozinhos e não diremos nada a Julianna, assim mas te vale te assegurar de que não saia cavalgando em direção contrária assim que te veja. Terá duas horas no máximo... Se Blanche se inteira é um homem morto.

Nesse momento se abriu a porta da biblioteca.

— Homem morto? Por que, querido? A que marido tem pisando teus calcanhares por paquerar com sua jovem e bonita esposa, patife?

A tia sorriu a Max e enquanto ele e Cliff faziam uma reverência, entrou na sala para ficar à altura dos dois.

— Blanche, se tivesse que me considerar um homem morto por cada dama casada com um marido ciumento acredito que não poderia ter retornado a Inglaterra — disse Max com tom malicioso, Blanche rio e o olhou com falsa desaprovação, apressando-se a acrescentar —: Lhes deixarei sozinhos para que possam falar. Diga a suas encantadoras sobrinhas que estejam prontas amanhã cedo. Eugene virá buscá-las e eu me reunirei com todas nas pistas de treino.

Deu-lhe um beijo na bochecha e antes de sair jogou um olhar a Cliff de aviso e de ânimo.

Cliff olhava a interação entre tia Blanche e Max e por um momento desejou ser ele. Ter essa proximidade, essa familiaridade, essa cumplicidade com uma das pessoas que Julianna amava. Além disso, sentia uma estranha atração por essa mulher tão parecida com ela, cálida e acordada, mas também valente e independente. Desejava lhe agradar, era o que Julianna seria dentro de muitos anos, cálida, protetora, familiar... E com esses olhos cor de mel

que pareciam lhe dizer que estava em casa, em sua casa.

Depois de fechar a porta deixando-os sozinhos, Blanche se sentou frente à chaminé deixando que Cliff ocupasse umas das cômodas poltronas situadas junto a ela. Frente a Cliff havia uma mesa com um montão de livros de navegação, livros abertos com mapas, tipos de navio, desenhos de materiais de cordames e sujeições de camisas de marinheiro... Cliff os olhou uns segundos enquanto se sentava.

— São de Julianna — lhe disse Blanche enquanto o observava —. Parece que o almirante conseguiu despertar nela uma espécie de febre pelo mar que a tem muito entretida. Ela e o almirante passam horas trocando histórias, falando de navios, portos, viagens, términos marinheiros, do céu e as estrelas... Parecem dois loucos marinheiros em um botequim, e que linguagem lhe ensinou! Valha-me Deus! Às vezes é como estar em uma cantina... — Fez um gesto de resignação.

Cliff sentiu uma onda de ternura, de calor, por uma mulher a qual o mar despertava a mesma ânsia, a mesma sensação que a ele. Imaginou-se por um segundo com Julianna em um de seus navios, na coberta, frente ao leme, em seu camarote, nua em sua cama vendo através dos raios de sol como amanhecia, abrindo-o e fazendo com que o ar do mar se mesclasse com o perfume de sua pele nua. “te centre, Cliff, Por Deus, te centre”, ordenou-se com firmeza.

— Milord, estamos sozinhos e pode falar com franqueza, de fato preferiria que o fizesse sem reservas. — Esperou um segundo e continuou —. Conheço sua reputação, sua fama de conquistador impenitente, tenaz e que não se detém ante nada nem ante ninguém... nem dentro nem fora do mar. — Olhou arqueando as sobrancelhas a Cliff, que permanecia estoicamente sério e imperturbável —. Não sou muito dada a escutar rumores, porque os detesto e os detestei toda minha vida — disse, e ele pensou “graças a Deus” e suspirou aliviado —. Mas o fato certo é que, agora mesmo, tenho a um dos solteiros mais cobiçados de Londres, acredito que é assim como os chamam as matronas e mães casamenteiras em todos os salões de chá e reuniões sociais, que, além disso, é um consumado sedutor, com um longo histórico de amantes e conquistas, sentado frente a mim com alguma intenção a respeito de minha sobrinha. E, se me permitir o atrevimento de perguntar sem reparos, o que é que está procurando? O que é que quer? E, por favor, não vá responder que dar o apoio de sua família a Julianna em sociedade.

Embora sua expressão fosse muito mais relaxada e amigável que na

reunião anterior, tia Blanche tinha o estranho poder de pôr Cliff tenso. Não porque lhe desagradasse, de fato era justamente o contrário, cada vez se sentia mais atraído por essa aura que parecia ter ao seu redor de protetora da família e que convidava a permanecer perto dela, mas também porque lhe provocava a necessidade de ficar em guarda, já que parecia ser impossível evitar justificar-se com ela, o que implicava que tinha que concentrar-se para dominar a situação ou ao menos dominar-se a si mesmo.

— Por que está tão segura de que quero algo de sua sobrinha? — A cara de tia Blanche fez Cliff compreender imediatamente que não podia evadir sem mais as coisas —. Acredita que quero seduzi-la? Porque, se for assim, grande sedutor eu sou, que vou a casa da jovem para conhecer sua tia acompanhado de todos os homens de minha família. — Sorriu.

— O que, de novo, leva-me a perguntar o que é que quer de minha sobrinha? — insistiu, embora com um tom doce e quente, procurando suavizar a tensão que se apoderou de Cliff e que ela notava sem esforço.

— E se não quer nada dela, a não ser justamente o contrário, o que desejo é que ela queira algo de mim?

Ambos se olharam fixamente porque, sem havê-lo pretendido, Cliff havia dito a Blanche tudo o que ela queria e precisava saber. Começou a rir amigavelmente e lhe disse entre risadas: — Ai, comandante... que rápido se converte o leão em gatinho frente a uma mulher de coração nobre! — E voltou a rir.

Cliff ficou uns segundo atônito, estava quase envergonhado, como se em um instante essa mulher lhe tivesse lido o coração, como se fosse um menino pequeno indefeso e vulnerável que com um só olhar sabia o que pensava, queria e desejava. Ao final não teve mais remedeio que rir de si mesmo. Essa mulher irradiava calor, aroma de lar, a carinho, a mesma sensação que lhe provocava Julianna quando a observava a distância, sendo uma menina, com seu pai, com as crianças do orfanato, com Amelia... Era impossível não sentir-se cômodo com ela igual com Julianna...

— Você me daria permissão para me casar com ela? — sentiu-se quase envergonhado perguntando-lhe desde quando necessitava a permissão de alguém? Parecia como se conseguisse desarmá-lo inclusive antes de empunhar a arma —. Me acreditaria se lhe dissesse que faria o impossível para fazê-la feliz? Entregaria minha vida sem pensar se isso conseguisse lhe arrancar um sorriso.

“Por todos os demônios, estou me declarando a sua tia! Se me vissem... e

o pior é que não sei o que acontecesse comigo, não posso evitá-lo, perdi todo o controle... O que têm as mulheres desta família que lhe desarmam com sua presença?”. Franzindo os olhos reconheceu: — Dei-me conta tarde. Fui um pouco...

— Lento? — tia Blanche rio com certa ternura, lhe interrompendo —. Não se preocupe, comandante, não se mortifique. Os homens não se caracterizam precisamente por sua perspicácia nos temas do coração, vêm todos com esse defeito de nascimento. E respondendo a sua pergunta, não. Não lhe daria permissão para casar-se com Julianna, e sim, sim acredito no que acaba de dizer.

Cliff estava um pouco desconcertado.

— Não me daria permissão, apesar de que acredita em mim quando lhe digo que faria o impossível para obter sua felicidade? — Sua voz soava a pura incredulidade.

— Milord, não sou eu que tenho que lhe dar permissão, a não ser Julianna. Se ela o escolher, a apoiarei, já que não é você um caça fortunas e, em princípio, acredito que não lhe faria mal, ao menos, não a propósito...

— Entendo — assinalou ele.

— Não estou muito segura de que o entenda. Verá, eu vou proteger a minha sobrinha, e se considerar que lhe pode fazer mal ou prejudicar de algum modo, lhe impedirei de aproximar-se dela agora ou no futuro, e não duvide nem por um segundo que de um modo ou outro obteria meu propósito. Mas, enquanto não tenha suspeita alguma disso, não imporei minha vontade...

Cliff começou a fazer alarde dessa segurança e caráter cativante que tanto gostava, já que acabava de compreender que essa mulher, a seu modo, tinha-lhe dado seu visto bom e sua aprovação, acabava-lhe de dizer que devia ganhar Julianna e que, se o conseguisse, ela o consentiria.

— Mas acho que ela sabe que não vou machucá-la, nem vou prejudicá-la, na verdade, vou impedir que alguém, inclusive eu, faça isso...

— Umm... — tia Blanche sorria ante esse incrível encanto, compreendendo o porquê de seu êxito, sem dúvida era todo um sedutor, com esses olhos verdes e esse sorriso despreocupado —. Comandante... tem que conquistar a minha sobrinha, não a mim, eu não estou convencida de que ainda posso dar um golpe ocasional... — rio suavemente e Cliff a seguiu —. De qualquer modo, repito-lhe, é ela a que tem que tomar a decisão. Embora agora mesmo, tenho que lhe advertir, não confia em você.

Cliff levantou as sobrancelhas imediatamente.

— Ah, não?

— Milord, minha sobrinha desconfia de você. Julianna é uma pessoa muito generosa e muito amável. Tende por isso a confiar antes que a desconfiar e, por essa razão, muitas pessoas têm-lhe feito mal em muitas ocasiões, e, por desgracia, a partir de hoje, acredito que você deve considerar-se entre elas. Jamais poderá conseguir aproximar-se seriamente a ela sem lhe demonstrar que pode confiar em você, e se o que quer realmente é casar-se com ela, ganhar seu coração, deverá lhe demonstrar algo mais. Tem que lhe demonstrar sem dúvidas que é a pessoa em que pode confiar acima de tudo e de todos, inclusive dela mesma. Tem que conseguir que ela acredite, que sinta firmemente, que pode pôr sua vida em suas mãos, inclusive nos momentos nos quais não seja capaz de confiar em si mesmo, em seus sentimentos ou em sua própria razão. Se conseguir isso, Julianna será sua para sempre, disso não cabe dúvida. As mulheres McBeth amam uma só vez e para sempre. Somos leais por natureza e jamais nos entregamos pela metade, para nossa sorte, mas também para nossa desgracia.

Sem querer, Cliff lhe escapou um sussurro e com um sorriso murmurou: — Sim, essa é minha Julianna...

Tia Blanche ficou olhando-o, com os olhos fixos nos seus, que haviam se aberto totalmente ao ser consciente do que acabava de dizer... Mas em seguida a expressão da tia Blanche foi de compreensão e de silencioso apoio e entendimento.

— Entretanto, fica outro extremo de muita importância que deve conhecer. Julianna é independente a respeito de seus irmãos. Encarregamos disso faz umas semanas e, portanto, graças a Deus, não podem obrigá-la a casar-se com quem ela não queira. Não necessita nem meu consentimento nem o de seus irmãos para casar-se com quem melhor lhe agrade. Mas, por desgracia, sua idade, determina a aplicação de uma pequena norma que em minha opinião é um problema. É independente, sim, poderá dirigir suas finanças, bom, tudo o que permite às mulheres, claro, e pode escolher marido sem o consentimento de seus irmãos, mas seu matrimônio não seria válido se seus irmãos se opuserem, não necessita seu consentimento, mas sim que não se oponham.

— Por que pensa que se oporiam a um matrimônio comigo? Pertencço à nobreza por berço, e se por acaso fosse pouco acabam de me conceder um título próprio pelos serviços prestados à Coroa, tenho fortuna própria...

Enfim, como disse antes, “sou um dos solteiros mais cobiçados da Inglaterra”. Por que demônios iriam opor-se? — perguntou incrédulo pela advertência de tia Blanche.

— Não se oporiam a você, não especificamente ao menos. Oporiam-se à ideia de que Julianna seja feliz. Seus irmãos a ignoraram desde pequena, salvo nos momentos nos quais ela conseguia algo ou podia consegui-lo, em cujo caso faziam o impossível por machucá-la ou impedir sua felicidade por pequena que fosse. Deixe que lhe seja sincera. O saber a minha herdeira, e muito mais quando forem conscientes de que minha herança é maior do que eles acreditavam, o saber a possibilidade de entrar em formar parte da aristocracia de mãos de uma das melhores famílias, até sabendo que isso não importa nada a ela, e com a felicidade a seu alcance, poria—os em guarda imediatamente, e sei que não lhes agradará. Posso controlar meus sobrinhos até certo ponto, mas, se de verdade pretende chegar a casar-se com Julianna, você terá que controlá-los a partir desse ponto.

— Reconheço que não tenho em alta consideração aos irmãos McBeth e menos ainda estima de nenhuma classe, mas não acreditava que chegassem a ser desse tipo de pessoas amarguradas e mesquinhas capazes de fazer mal pelo mero feito de fazê-lo — disse Cliff assimilando a informação —. Sabendo-o, estarei atento e não permitirei que prejudiquem a nenhum de nós, especialmente a Julianna... a sua sobrinha.

— Agrada-me sabê-lo... e pode chamá-la de Julianna diante de mim, se quiser.

Sorriu, e com ela Cliff, com esse enorme sorriso que faria derreter-se a mais arpia das mães, filhas e demais mulheres vivas do planeta.

— Quando Julianna partiu, perguntamos a Ewan McBeth por ela, por seu paradeiro ou pelo de algum familiar ao qual ela pudesse acudir, e não nos deram dado algum, e menos ainda gestos ou indicações relativas a você.

— O certo é que esperávamos que não lhes ocorresse procurá-la aqui. Verá, meu irmão e eu, assim como Julianna, procuramos todos estes anos nos assegurar de que seus irmãos ignorassem que ela e eu mantínhamos qualquer tipo de contato. Desde que têm uso de razão, esses três irmãos tentaram conseguir que lhes nomeasse meu herdeiro, e isso que não sabem realmente qual é minha fortuna, já que sempre os recebia em uma pequena casa de campo que não mostra absolutamente mais que vivo com certas comodidades. Mas, desde o começo, foram ingratos com seu pai, mesquinhos, egoístas... Enfim, não me espriaiarei, basta dizer que, se a meu

marido os três desagradavam, me resultavam insuportáveis. Pelo bem de Julianna e a estabilidade mental de meu irmão, procuramos que nunca soubessem que não era alheia a minha existência e, menos ainda, o muito que nos apreciávamos, em meu caso, desde que a pequena nasceu. A teriam martirizado até não poder mais para conseguir que me evitasse e suponho que assim acreditariam que não teriam maior competência para alcançar minha herança. E o mais gracioso de tudo é que Julianna não só não sabia que eu tinha meios, como também, ainda hoje, tenta me convencer diariamente para que nomeie como herdeiro a instituição de beneficência e organização caridosa que ajuda, e que a tire do testamento.

Cliff sorriu com ternura. Durante quase uma hora a tia Blanche explicou a Cliff todos os detalhes de sua relação com seus sobrinhos, destes com seu pai e com Julianna. Respondeu a suas perguntas a respeito da relação de Julianna com seu pai, parecia realmente interessado por sabê-lo tudo dela, de conhecê-la, de saber tudo o que tinha feito, visto e inclusive pensado durante os anos nos quais ele não esteve perto dela. Parecia interessado realmente em tudo o que pudesse lhe dar uma pista de como a fazer feliz. Contou-lhe detalhes da relação de Julianna com seu pai e com ela, da forma como percebia o carinho como algo quase milagroso porque, exceto seu pai, em sua infância ninguém mostrou um sentimento ou uma atitude dessa classe por ela.

Ao Cliff invadia cada vez mais um sentimento de amor sincero da mulher em que se converteu Julianna, de carinho e ternura pela menina que foi e também de carinho por essa mulher que tinha frente a ele, que desprendia amor de lar por cada poro de seu corpo. Imaginava que era a viva imagem do que seria Julianna em uns anos, e a via rodeada de sua família. “Julianna com meu filho nos braços”, uma pontada de uma indescritível sensação de amor, de desejo, de esperança nessa imagem o sobressaltou. “Um filho com ela... meu filho...”, teve a necessidade imperiosa de vê-la, de beijá-la, de abraçá-la, queria senti-la perto dele, cheirá-la, acariciá-la, lhe fazer saber que era dele e que logo lhe daria tanto prazer que lhe faria esquecer qualquer coisa que lhe fizesse mal. Ele compensaria com beijos, com carícias, com ardor, cada lágrima, cada pesar, cada temor... Cliff, com essa voz de sedutor nato ao qual ninguém tinha resistido, perguntou: — Permitiria-me ver Julianna agora? Queria tentar falar com ela uns minutos.

— O permitiria se acreditasse que é boa ideia. Sinto muito, mas não acredito que Julianna esteja muito bem agora mesmo, e menos ainda receptiva a você. Está afligida, confusa, zangada... Acredito que, ao menos,

deve lhe dar um espaço para repensar. Além disso, deve saber que é do tipo de pessoas que necessitam certa liberdade, se a sufocar ou se a esgotar, acabará lhe escapando entre as mãos e não retornará...

— Está bem. Tem razão, senhora Brindfet.

— Me chame de Blanche, ao menos quando estivermos em família. — Interrompeu-o ela.

Ao escutar “família”, Cliff sentiu tal onda de calor e felicidade que quase abraça a essa mulher para lhe agradecer.

— Obrigado por tudo, será melhor que parta então, mas espero poder vê-la muito em breve, e me chame de Cliff... Blanche.

— Muito bem, Cliff. Fica um caminho difícil. Merecerá a pena, mas só se de verdade o quiser... Boa tarde, Cliff. Furnish te acompanhará à saída.

Depois de uns minutos Cliff abandonou a mansão acompanhado de uma euforia pela proximidade de conseguir Julianna que três dias atrás teria acreditado impossível. Nada nem ninguém lhe impediria de fazê-la sua, nem sequer ela. Se lhe visse nos olhos a mínima possibilidade de querê-lo, ninguém o pararia, seria dela, seria sua esposa.

CAPÍTULO 12

Max estava estranho. Lançava olhares a Eugene por cima do ombro como se entre os dois houvesse uma pergunta no ar... Passou toda a noite dando voltas na cama sem mal dormir, e quando fechava por puro cansaço os olhos imediatamente lhe aparecia a imagem de Cliff, no meio da sala, vestido tão elegantemente, com esse olhar que parecia lhe transmitir ternura e desejo ao mesmo tempo.

— Bom, Amelia.

Escutou a voz de Max ao cruzar a grade de entrada do campo de albero e serragem onde treinavam os principiantes e, ao olhar em sua direção, viu-lhe dando instruções a Amelia.

— Espero que agarre com firmeza as rédeas e não se esqueça da postura. É necessário que seu cavalo saiba que está cômoda, mas firme sobre ele, porque, se não, estará à defensiva e esquivo ante suas instruções.

Amelia o olhava lhe prestando atenção, mas, além disso, com certa adoração. Julianna sabia que Amelia estava deslumbrada com Max, ruborizava-se em sua presença inclusive embora não estivesse falando com ela, prestava atenção a cada palavra, a cada gesto, a cada movimento de Max e, no fundo, Julianna sentia uma grande ternura. Perguntou-se se o que sentia por Max poderia ir além de carinho e tinha chegado à conclusão de que, se o permitisse, poderia chegar a apaixonar-se por ele. Entretanto, não se acreditava capaz de sentir o mesmo que pelo Cliff. Quando reconheceu para si mesmo que estava apaixonada por ele, também compreendeu que esse sentimento e essas sensações eram irrepetíveis, únicos. Sabia que o que sentia por Cliff não poderia senti-lo por ninguém mais, nem sequer por esse bonito e encantador patife que se elevava frente a elas sobre seu cavalo como se fosse um Deus grego posando para o melhor dos escultores. Era algo que ia além do físico, mas era precisamente sua reação física que demonstrava que estava perdida e irremediavelmente apaixonada por Cliff, porque em sua presença, ante seu tato, suas carícias, sua voz, esse fôlego em seu pescoço, perdia o sentido, a razão, o controle de todo seu corpo e era quando mais viva estava, quando mais sentia seu corpo, seu coração pulsava, quando mais real se sentia.

O problema é que não confiava nele, em suas intenções. Não chegava a entender como um homem de mundo que podia ter a qualquer mulher parecia obcecado por ela. Sentia que uma vez que a conseguisse, tomasse, abandonaria ao dar-se conta de que era uma mais entre as milhares de mulheres que existiam. Não conseguia entender o que era que procurava e por que, ao menos não com ela.

A voz de Eugene a tirou de suas divagações: — Julianna, gostaria que fossemos galopar um momento pelo prado, enquanto Max dá aulas a Amelia?

— Acha que é uma boa ideia? Ainda tenho que aperfeiçoar minha postura na cadeira de amazona, possivelmente eu também devesse aprender um pouco.

— Oh, vamos... Além disso, hoje lhe está ensinando noções básicas e não aprenderá muito delas. — Fez uma careta e, aproximando-se dela e sussurrando, disse-lhe com um sorriso —. Além disso, é possível que por essa área encontremos lorde Jonas.

Julianna franziu o cenho, meditando a proposta, e respondeu: — Está bem, se me prometer não fazer nenhuma tolice e... se seu irmão se inteire, encerra a ambas no convento mais próximo que encontre.

Ambas riram lançando um olhar para Max. Depois de falar com ele, ambas saíram com um suave trote dessa parte do recinto em direção às áreas de campo aberto. Julianna, não obstante, voltou a ver esse olhar entre Eugene e Max.

— O que estão tramando? — Levantou as sobrancelhas inquisitiva olhando para Eugene —. Geny?

— Tramar? Não sei do que está falando, Julie. Só queria deixar Amelia a sós para que não se sinta mortificada e nem envergonhada se houver algo que não corra bem. Por experiência sei que meu irmão é um excelente instrutor de equitação, mas é tremendamente exigente e fica muito pesado repetindo uma e outra vez os exercícios... Não me deixou sair de casa montada em minha torda até que ameacei atirar sua bússola da sorte pela janela do segundo piso.

Julianna a olhou interessada quando estavam já à altura dos prados que deixavam a escola para trás. E perguntou: — Bússola da sorte?

— Ah... Sim... Não conhece a história? Meu pai o levou para navegar assim que levantou um palmo do chão e, quando retornavam ao porto, ajudaram a um navio de pescadores que tinha tido um acidente. Quase estava afundando quando os alcançaram. Antes de chegar ao porto, o capitão do pesqueiro deu de presente a Max uma velha bússola com pequenos peixes

gravados nas juntas do fechamento, para que lhe desse sorte, para retornar sempre são e salvo para casa. Após, leva-a em todas as suas viagens, não sairia ao mar sem ela. É seu amuleto da sorte e está convencido de que o salvou em algumas ocasiões...

— Não imaginava que seu irmão era supersticioso...

— Todos os marinheiros o são! Papai o que mais é. Certamente. Mas todos seus companheiros, seus homens, todos o são. Todos, sem exceção, tinham suas superstições, seus amuletos e costumes, e aí daquele que tentasse mudá-las ou lhes contrariar! É como uma espécie de lei de marinheiro ou algo assim...

— Vá! É bom sabê-lo. E a do almirante qual era? Comer três bolos justo antes de zarpar? Obrigar à tripulação a encher os canhões de nata para fazer as salvas de honra? Não, não, não me diga... Fuzilar os piratas e ladrões a tiros de canhões?

Ambas riram escandalosamente enquanto trotavam distraídas.

A estas alturas, Eugene já tinha a desculpa pensada para retornar assim que se “encontrassem” com Cliff de Worken. Tinha entregue a Max as luvas e diria que tinha que voltar para buscá-las. A notava nervosa e Julianna, não deixava de perguntar-se por que teria tirado as luvas de montar. Tramava algo...

— Bom dia, lady Eugene, senhorita McBeth.

Ambas se viraram imediatamente ao escutar uma cálida voz masculina proveniente de sua direita, que quase faz com que Julianna parasse em seco a égua.

— Comandante, que surpresa vê-lo aqui!

A exclamação exagerada de Eugene era muito evidente para tentar que soasse realmente a surpresa. Julianna, depois de ver Cliff, virou bruscamente o rosto para olhar para Eugene. Por sua cara e por seu tom, sabia que aquilo de casualidade não tinha nada, e esteve a ponto de...

— Vi-as entrar no recinto dos bosques e acreditei conveniente saudá-las e me oferecer para acompanhá-las, esta é uma região em que é fácil perder-se.

Por todos os Santos! Estava ainda mais bonito, mais sedutor, mais insuportavelmente atraente que no dia anterior. Via-lhe tão imponente sobre esse cavalo, vestido impecavelmente com a roupa de montar. A calça marcava os músculos de suas coxas como se fossem duas colunas do Partenón, duras, escuras, firmes, varonis. A camisa de linho branco se ajustava sobre seus imponentes ombros perfeitamente. Suas fortes mãos

seguravam com presteza as rédeas. Olhava-as com esses enormes olhos verdes que cintilavam de uma maneira quase inimaginável quando sorria, mostrando os dentes brancos, perfeitos, sedutores. Seu rosto, sua voz, sua presença, eram hipnóticos...

— Desde... de onde saiu? Como é que não o vimos?

Julianna o olhava tentando controlar o martelo brutal de seu coração, sentia como todo seu corpo ardia, e seu rosto se avermelhou além do que permitiria a decência.

— Bom... Estavam muito abstraídas por sua animada conversa.

“E, por todos os Santos, me deixe ouvir de novo essa risada”, pensava Cliff sem poder afastar a vista dela.

Durante uns poucos minutos houve certo desconcerto, mas em seguida, tentando parecer despreocupada, Eugene assinalou: — Temo-me que esqueci as luvas. As dei a Max antes de ir, enquanto segurava as rédeas de Amelia, e me esqueci de recuperá-las. Acredito que deveria ir buscá-las ou destroçarei as mãos com os arranhões.

— Nesse caso, vamos, quanto mais nos afastemos pior — se apressou a dizer Julianna.

— Oh, não, querida, já que o comandante está aqui pode te acompanhar, eu lhes alcançarei mais tarde.

Eugene lhe sorria enquanto Julianna a fulminava com o olhar.

— Geny, não acredito que deva ficar a sós com um cavalheiro sem nenhuma companhia — assinalou em um tom que era mais uma ordem que um comentário.

Nesse momento, Eugene já tinha mudado o passo de seu cavalo para ir afastando-se deles e não dar opção alguma a Julianna.

— Oh, querida, o comandante é todo um cavalheiro e estou segura que me dará sua palavra de que, até que retorne, cuidará de ti como merece, não é assim, comandante?

— Por minha honra que o farei.

Olhou-as com um enorme sorriso e com uma expressão que para Julianna parecia quase uma brincadeira. Julianna o olhava com o cenho franzido. “Mas como se atrevem a perpetrar esta farsa? Em que demônios estão pensando? Não podem me deixar a sós com ele, eu não posso... Oh, por favor, que deixe de me olhar assim”.

Enquanto, sem rumo, iam ao mesmo tempo sobre suas montarias, Cliff a olhava com prazer, como se não lhe importasse mais que se desse perfeita

conta de que a olhava diretamente e de modo tão... Cliff não podia deixar de sorrir enquanto a observava, notando-se em cada detalhe. Estava completamente ruborizada, tão nervosa e assustada como zangada e incômoda pela imposição tão flagrante de semelhante companheiro. Estava preciosa com esse bonito vestido de montar de veludo borgonha. Ajustava-se a sua pequena cintura marcando seu esbelto corpo e a curva de suas costas nessa postura de amazona. Sua pele brilhava como se fosse a pele de um pêssago, com sombras de vermelho e de uma cor suave e aveludada que insistiam para acariciá-la. Seus olhos ficavam, em parte, sob a sombra do chapéu, evitando o sol, mas os raios que se filtravam por sua lateral deixavam ver brilhos dessa cor âmbar que tanto gostava. Imaginava o brilho que teriam quando a acariciasse, quando alcançasse o prazer mais intenso sob suas mãos, suas carícias, quando a fizesse sua... Seus lábios tremiam de raiva e de puro nervosismo, e ele sabia, desejava estender o braço, aproximar seu corpo ao dele e tomar essa boca até lhe fazer perder o sentido. “Tenho que levá-la a algum lugar afastado, longe de possíveis olhares, mas não posso me precipitar, não posso levá-la a um lugar no qual se sinta indefesa nem no qual eu perca o pouco controle que resta... Tenho que manter certo controle”.

Julianna o olhava de soslaio, com desconfiança, mas com temor a olhá-lo fixamente, porque não seria capaz de reagir. Seu corpo parecia ir a um ritmo próprio. Sabê-lo tão perto fazia com que lhe ardesse a pele, que lhe vibrasse debaixo desse vestido que, de repente, estava-se voltando asfixiante.

— Oh, por favor, isto é muito. — queixou-se com um tom que pretendia ser de aborrecimento, mas que soou mais a súplica —. Milord, não entende que não desejo sua companhia?

— Não acredito em você — disse ele com tom firme, mas sem perder o sorriso, esse sorriso tão arrebatador —. Acredito que precisamos falar.

— Acreditei que o tinha deixado claro, milord, eu não quero nada de você. Por que não me deixa?

De novo sua voz era um pouco trêmula e suas bochechas pareciam avermelhar-se somente olhando-o, o que fez com que Cliff sentisse um imenso prazer, um prazer quase animal, prazer puro.

— Porque não posso. Não posso...

Tinha que fazer o que lhe haviam dito, ganhar sua confiança, ganhar a Julianna. Tomou uma das rédeas da égua obrigando-a a deter-se.

— Julianna, seriamente, temos que falar, ao menos me deixe explicar... Por Deus Santo, mulher! Não seja teimosa, só me conceda uns minutos.

Julianna esteve a ponto de rir, mas sabia que devia controlar-se ou pelo menos a parte dela que ainda não estava a ponto de explodir como um vulcão em erupção.

— Milord... Uns minutos somente.

“Maldição, estou perdida, sei, estou perdida”.

— Obrigado. Te dirija a essa área de sua esquerda, acaba em uns caminhos de cascalho que dão à zona sul da lacuna. É tranquila, mas muitos cavaleiros evitam passear, não correrá perigo de... — Sorriu com certa arrogância e condescendência sedutora —. Bom, não correrá perigo e ponto.

Julianna não pôde evitar recordar a última vez que estiveram a sós no bosque, a forma como conseguia desarmá-la com um olhar, um sorriso. Perigo, certamente que corria perigo, mas pela primeira vez em muito tempo estava disposta, de maneira inexplicável, a correr esse perigo, quase o estava desejando.

— Está bem.

Depois de açular seu cavalo, Cliff tomou o caminho que dava a uma espécie de desfiladeiro de pedrinhas brancas, o que obrigou Julianna a esporear um pouco a sua égua. Cruzaram vários lances de uns bonitos caminhos rodeados de um espesso arvoredado e acabaram em uns atalhos estreitos que bordeavam uma pequena lacuna. Em meio daquele estranho bosque, estava rodeada por uma incrível variedade de flores. Ao chegar a uma área em que parecia haver um caminho por onde poder caminhar, Cliff parou seu cavalo e, com uma agilidade que para Julianna pareceu assombrosa, desceu da sela com um só movimento, atou a rédea em uma das árvores e se dirigiu a ela com segurança e um andar que pareciam os de um lobo cercando a sua presa. Colocou-se ao seu lado, estendeu os braços e, pondo as mãos em sua cintura, antes que pudesse sequer dizer uma palavra, levantou-a e a colocou no chão a sua frente, mantendo-a durante uns segundos entre seus braços. Cheirava a sabão, a essências orientais difíceis de precisar e a mar, sempre cheirava a mar. O calor que emitia, o som de sua respiração... Julianna teve o impulso de agarrar-se a seus ombros antes de perder o pouco equilíbrio que seus joelhos lhe permitiam, mas justo nesse momento a soltou, passou seu braço por cima de seu ombro e agarrou as rédeas de sua égua para atá-la junto a seu cavalo.

— Magnífico exemplar, uma égua puro sangue espanhola... — disse ele distraidamente.

— É um presente de tia Blanche. Reconheço que ainda não a domino.

Não, ao menos, montando com esta cadeira..., mas me mataria se se inteirasse de que prefiro montar escarranchada, assim tentarei me conter.

Cliff rio, recordando havê-la visto em várias ocasiões, em sua adolescência, montando pelo campo dessa maneira, e escutar a seu pai repreendendo-a sem muito ímpeto, como se ele também compreendesse que era uma forma de alcançar essa ansiada liberdade que procurava desde menina. Excitou-se imaginando—a montando livre pelo campo com sua camisola branca, com o cabelo solto...

— Não duvido que será um grande esforço... Deve ser como tentar deter o vento.

Riu com uma gargalhada. Ela fez uma careta e se virou para não o olhar à cara, não conseguia ter nem um só pensamento lúcido em sua presença e menos se o olhava nos olhos, assim melhor tentar dirigir sua atenção a outro lugar.

— Este lugar é precioso, tantas flores... de onde saem? Não acredito que sejam naturais daqui, resulta incrível que sobrevivam espécies tão diferentes.

— Bom, é parte da instrução dos cavalheiros da Academia... Mas também uma forma de manter certas tradições românticas ou novelescas — disse cravando seu olhar em suas costas. Julianna sentia seus olhos sobre ela, sentia seu corpo forte, varonil, sensual a pouca distância —. É costume que os homens da cavalaria, quando retornam das batalhas ou das missões em distintos países estrangeiros, tragam galhos ou raízes de algumas plantas e flores que logo plantam ao redor da lacuna, como símbolo da volta ao lar, de respeito aos companheiros que caíram na batalha longe de casa, mas também como comemoração aos homens das filas oponentes caídos pelas mãos da cavalaria. São os cadetes os que têm que se encarregar da adequada manutenção desta parte do recinto.

— Vá! — disse tocando algumas das pétalas das flores que cresciam a seu redor —. Pois é precioso e cheira tão bem, é como em...

De repente recordou sua noite no bosque deitada olhando as estrelas. Suspirou e começou a caminhar distraída. Por uns segundos, Cliff a observou e, sem pensar duas vezes, deteve-a e fez com que se virasse para pô-la frente a ele. Abraçou-a com cuidado e procurou mover-se com suavidade e lentidão. Levantou uma das mãos, acariciou sua bochecha e lhe levantou o queixo com um dos dedos, inclinando-se lenta e cadenciosamente para beijá-la. Julianna ficou imóvel, com esses lábios sobre os seus que se moviam lenta e sensualmente. Com a língua foi abrindo pouco a pouco os lábios até que ela

já não pôde mais, até que se rendeu. Deixou-o fazer. Era superior a ela, não podia evitar desejá-lo, querê-lo, amá-lo... Seus lábios, seu calor, o comichão sob sua pele com cada carícia, com cada roce. Um gemido leve de prazer, de redenção. Cliff se sentiu poderoso, vitorioso ao escutar esse suave som, ao sabê-la rendida ante ele. Seus doces lábios deixavam que Cliff tomasse o controle, as rédeas, e ele foi saboreando. Saboreando esses carnudos lábios, essas suaves bochechas, o calor de seu fôlego, a suavidade de sua língua. O desejo de Cliff foi incrementando-se, abrindo caminho além da razão. Notava a pele de Julianna, seu aroma, seu calor, esse leve tremor, sua respiração forçada pela excitação. Abraçou-a mais forte, mais perto dele, mais perto de seu corpo. Sentiu seus estreitos quadris roçando suas coxas, seus peitos aprisionados contra a dura parede de seu torso. Sentiu cada estremecimento, cada pulso de excitação de seu precioso corpo rodeado por seus poderosos braços. Beijou-a uma, outra, outra e outra vez, até que cada beijo parecia o mesmo que o anterior, um longo e agônico beijo. Um beijo de paixão, de posse, de desenfreno.

Afastou-se uns escassos centímetros deixando-a respirar, observando seu rosto, cada um de seus traços avermelhados pela paixão, pelo desejo. Seus olhos foram se abrindo lentamente, tentando recuperar a visão, centrando a imagem que tinha frente a ela. Cliff se excitou ainda mais com esse brilho, essa tênue pátina de excitação, de desejo e de inocência que refulgia. Não se movia entre seus braços, não opunha resistência, respondia a seus beijos, a suas carícias e ele sabia, sabia. Com os lábios foi percorrendo sua bochecha, acariciando suavemente sua mandíbula, descendo ao pescoço, deixando leves rastros de seu calor, que faziam com que o pulso de Julianna disparasse.

Sua língua sobre sua pele, seu fôlego sobre seu pescoço, teve que segurar-se a seus ombros para não perder o equilíbrio, embora soubesse que era impossível, já que se encontrava fortemente segura entre seus braços. Mas sabia, o mundo ao seu redor pareceu desaparecer, não sentia o chão sob seus pés nem o ar ao seu redor, só sentia a ele, esse calor, o aroma de sabão, a aromas exóticos, a mar, a Cliff... Seu corpo era duro como uma rocha, sentia seus músculos tensos sob essa fina capa de linho. Suas mãos eram fortes e firmes, mas pareciam plumas acariciando sua nuca, suas bochechas, seu queixo... “Oh”, voltou a gemer ao sentir sua mão sobre um de seus peitos. Sabia que devia afastar-se ou protestar, mas não podia, estava no limite de suas forças e seu corpo não lhe respondia, não a ela, a ele, a seu corpo.

Cliff teve que fazer um esforço quase desumano para afastar-se, só uns

centímetros, um pouco de espaço para não perder o controle. Não pôde evitar sorrir ante a imagem de Julianna ruborizada, envergonhada e excitada, abraçava-o timidamente, mas permitindo que seu firme corpo se amoldasse ao dele como se estivessem esculpidos para fundir-se. Observou-a uns segundos antes que voltasse a abrir esses preciosos olhos cor de mel. “me olhe, Julianna, me olhe”, suplicava-lhe em silêncio.

Estava entre seus braços, com seu rosto a escassos cinco centímetros do dele, com seu fôlego lhe roçando como carícias quentes, envolventes. Seus lábios lhe sorriam quase como um desafio. Não se movia, não podia mover-se, estava paralisada. Só podia olhar esses olhos verdes, perder-se nesse brilho, nessa cor, nessa estranha sensação de desejo, de posse que pareciam desprender quando a olhava. Tinha que afastar-se dele, tinha que afastá-lo suficiente para poder pensar, para voltar a ser ela. Baixou as mãos até seu peito para empurrá-lo, estava duro, firme. Nem se alterou, era como uma parede de pedra, poderoso, imponente. Uma escultura de mármore cinzelada para o deleite da mulher. Tinha que afastá-lo. Obrigou-se a desviar o olhar. Baixou a cabeça encontrando-se de cheio com suas mãos sobre seu torso, voltou a empurrar sem muita força, mas foi suficiente para que ele por fim soltasse seu abraço, para que a deixasse escapar. Deu alguns passos para trás sem atrever-se a levantar de novo o olhar.

De sua voz suave, masculina, sensual, escutou: — Julianna... espera.

Notou sua mão na cintura, detendo seu retrocesso. Parou, mas manteve o olhar reto, evitando seu rosto, seus olhos, seu sorriso.

— Não... não... — Era um sussurro, uma súplica.

Cliff a deixou manter essa distância entre eles, mas sem que se afastasse mais, queria senti-la perto, precisava senti-la perto. Julianna sentia que ia começar a chorar, mas sem conhecer a razão, não era medo, nem vergonha. Raiva? Impotência por não poder defender-se dele? Felicidade? Estava aturdida, mas não queria chorar, não diante dele. De novo notou sua mão em sua bochecha, uma doce carícia, seu polegar marcando a linha de sua maçã do rosto. Suave, tenro.

— Não posso... Não quero isto.

Voltou a insistir com um fio de voz.

— Me diga o que quer, Julianna, diga-me e lhe darei.

Custou-lhe uns segundos recuperar-se, precisava voltar a ser ela, tomar o controle de si mesmo. Respirou fundo e voltou a olhá-lo à cara, tentando parecer firme, mas foi um engano e de novo a invadiu uma onda de desejo, de

calor. “Baixa os olhos, Julianna, baixa os”, ordenava-se enquanto sua respiração voltava a ser entrecortada e o coração lhe pulsava tão forte que parecia querer abrir caminho através de seu peito.

— Não quero isto, não quero isto.

Parecia querer dizer a si mesmo para convencer-se, para tomar forças.

— Julianna, deseja-me, sei, não é ruim, carinho, não é ruim... É...

Algo dentro de Julianna reagiu assim que lhe escutou chamá-la “carinho”, como se de repente brotassem todas e cada um das lembranças da Festa da Colheita, os comentários, a ira, a dor.

Separou-se dele bruscamente marcando um pouco de distância e antes que terminasse de falar, interrompeu-o, de novo sentiu a raiva e isso lhe deu forças para recuperar a sensatez. No rosto o vermelho da paixão, do desejo ia voltando o vermelho de raiva, de irritação — Não me chame de “carinho”... Não volte a me chamar de “carinho”.

Cliff parou em seco. Seu rosto de repente se endureceu, equivocou-se.

— Assim é como me chamava diante de seus amigos? Com certeza que sim, claro, assim é como chamam suas amantes... Por isso me olhavam como se fosse... — Meneou levemente a cabeça, a vergonha que sentiu esse dia de novo lhe aprisionava no peito —. É igual a esse homem.

Cliff sentiu o estremecimento que percorreu o corpo de Julianna e notou como lhe tremeram os ombros, os braços. Demorou um segundo em assimilar a informação, “esse homem, esse homem... Por Deus! Não! Bedford!”.

— Julianna. — Tentava soar o mais suave e menos ameaçador possível. Por Deus! —. Julianna, jamais falei de ti como minha amante, não me ocorreria, eu não poderia... — Lhe custava encontrar as palavras, tinha que fazê-la compreender.

— Não poderia... Não poderia o que? Mentir-me? Usar-me? Enganar-me para conseguir o que queria?

Cliff tentou aproximar-se dela, mas o freou em seguida.

— Não! Deixe-me, não volte a me tocar... O que é que quer? O que quer de mim? Por que não me deixa de uma vez viver tranquila?

As lágrimas brotaram sem remédio pela raiva, a lembrança desse dia, mas também pela ideia de que a deixasse. Era absurdo, estava-lhe pedindo que a deixasse, mas a ideia lhe rasgou o coração.

Cliff sabia que dentro dela se debatia a mesma luta que ele tinha tido meses atrás, sabia. Ela o queria, notou-o em seu beijo, em seu olhar. Mas estava doída, receosa, desconfiada. Se a pressionava, fugiria, e não podia

deixá-la partir, não podia perdê-la. Notava a raiva em sua voz, em seu olhar, mas o medo, a desconfiança. Partia-lhe o coração vê-la assim e mais sabendo o culpado disso. Queria abraçá-la, beijá-la, fazê-la sentir desejo, prazer. Faria-a esquecer, daria prazer até que perdesse o sentido, até deixá-la exausta, desfalecida, completamente satisfeita e relaxada, nua entre seus braços, saciada dele, rodeada por ele, mas sobre tudo a faria sentir segura e a salvo entre seus braços, com ele.

— Julianna, por favor. Posso fazê-la se esquecer, perdoar... Por favor, nos deixe começar de novo. Confie em mim, por favor. Não deixarei que nada nem ninguém te faça mal. Deixe-me...

Os olhos de Julianna voltaram a centrar-se nos seus, fazendo com que Cliff de repente esquecesse o que estava dizendo, que lhe cortasse a respiração. Não havia a raiva daquele dia, nem a ira, agora via somente desconfiança, desconsolo. Um raio cruzou bruscamente seu peito lhe atravessando o coração, mas estava ali, o brilho dos olhos dela, de sua Julianna que lhe diziam que era dela, o mesmo brilho que viu no bosque. Tinha que conseguir apagar de seus olhos, dela, tudo o que não fosse esse brilho, e o conseguiria.

Aproximou-se lentamente, e Julianna não se moveu nem retrocedeu, não baixou a cabeça nem desviou seu olhar. Elevou com suavidade o braço e acariciou sua bochecha, e ela o deixou, notou como reagia sua pele sob sua palma, notou o pequeno tremor de seu corpo. Aproximou-se mais, e mais...

— Confie em mim, pequena, por favor, confie em mim...

Sua voz era envolvente, parecia lhe sair da alma, e seus olhos a faziam desejar que lhe enchesse dessa sensação que desprendia quando a tocava, esse calor, essa sensação de paz, mas também de desejo, de fogo... Desejava acreditar no que lhe pedia, algo dentro lhe gritava que o fizesse, mas sobre esse eco havia outro de alarme, de perigo... Voltou a beijar, mas esta vez com cuidado, com ternura, como se marcasse o início do que viria depois. Durante uns segundos a beijou com seu rosto entre suas mãos. Beijos suaves, doces, carinhosos, que pouco a pouco foram se tornando mais firmes, ofegantes. Julianna respondia em cada movimento, em cada carícia de seus lábios. Sua boca respondia sem lhe perguntar, sem pedir permissão, sem mediar opção. Foi relaxando, esquecendo... Sabia que o tinha perdoado, sabia, mas seguia sem confiar nele, não podia lhe deixar ter tanto controle sobre ela, dava-lhe muito medo, era um risco muito alto... Perder seu coração, sua liberdade, perder a si mesmo, porque se o fazia pertenceria a ele

para sempre, sem remédio.

Cliff se obrigou a tomar de novo as rédeas de si mesmo, de seu desejo. Deteve o beijo, mas sem afastá-la, deixando que seus lábios seguissem roçando os seus, acariciando, roçando sua bochecha com uma mão e baixando a outra por seu pescoço e com o polegar acariciando detrás de sua orelha. Julianna foi abrindo lentamente os olhos, voltando para a realidade. Cliff queria lhe ver os olhos, esse brilho que o fazia perder a cabeça, mas que lhe permitia vê-la. Seus olhos eram realmente o espelho da alma, ou ao menos uma janela de seu coração, porque ela não era das que enganavam, nem usava nenhuma máscara. Ela era real, sincera, clara e aberta.

Ainda via a indecisão, a incerteza, o medo, a desconfiança... Mas o conseguiria apagar cada uma dessas barreiras, e para isso devia ir com cautela, a cautela que lhe pediam esses olhos e esse olhar de indecisão.

Afastou-se um pouco mais, deixando que Julianna recuperasse de novo o fôlego, a prudência e também a consciência do ocorrido. Durante uns segundos, ela permaneceu olhando-o nos olhos, não com censura a não ser com indecisão, debatia-se entre os mil sentimentos e mil sensações que lhe provocava e a consciência e o raciocínio que lhe gritavam que mantivesse distância. De novo voltou a lhe acariciar a bochecha, o que provocou nela uma onda de desejo, um estremecimento que lhe percorreu todo o corpo. Notava como se a carícia fosse um caminho de lava ardente que percorria sua bochecha, seu queixo e que voltava para seus lábios como um roce final do beijo anterior.

Julianna deu um passo de novo para trás, lento, mas com decisão, obrigando-se a tomar um pouco de ar e com ele, um pouco de compostura. Cliff o notou, notava como ela lutava para recuperar o senso comum, para voltar para a posição que esse senso comum parecia lhe marcar como segura e adequada. Por um segundo, sentiu uma enorme satisfação ao saber ser o único capaz de franquear essa barreira de defesa que Julianna tinha levantado frente ao mundo, especialmente frente aos homens. Mas, em seguida, voltou a recordar a si mesmo a necessidade de tomar as coisas com calma, embora isso lhe custasse a própria vida e todo o autocontrole e força de vontade do mundo.

Com movimentos suaves, mas com o aprumo que tantos anos de experiência lhe tinham contribuído, voltou para os cavalos para recolher as rédeas e levá-los junto ao lugar no qual Julianna permanecia de pé, olhando-o com certo receio, mas com claro desejo. Tinha as bochechas coradas como

seus lábios, o cabelo brilhava graças aos raios do sol que a iluminavam diretamente por trás, e os olhos também, acesos, aturdidos ainda pelos últimos minutos fixos nele. Em seus gestos, parecia estar esperando, cautelosa ante o próximo movimento de Cliff, que se obrigou a voltar a montar e procurar ao menos uma distância física entre eles que lhe impedisse de lançar-se sobre ela como o predador que sabia que era. Devia evitar tocá-la de novo porque, do contrário, ambos estariam perdidos. Sabia, sabia que Julianna, seu tato, seu calor, o fogo que lhe provocava eram cada vez mais viciantes; e seus desejos e seu corpo, cada vez mais reticentes a afastar-se dela, a não a tomar ali mesmo sem medir as consequências disso.

Suspirou profundamente duas vezes, virou-se com as rédeas na mão e, aproximando-as da égua de Julianna, falou com essa cadenciosa voz, quase arrastando as palavras, que provocava nela uma reação imediata em todo seu corpo.

— Será melhor que retornemos...

“Distraia”.

— Como se chama sua égua?

Queria obrigá-la a não pensar muito no que acabava de passar para que não se reprovasse, para que não se arrependesse e voltasse a pôr distância entre eles.

Demorou uns segundos em responder e quase não lhe saía a voz ao princípio, mas respondeu: — Hispalis.

Cliff a agarrou pela cintura sem pedir permissão nem sequer com o olhar, tomou ar para controlar-se e a levantou á sela, precisava distrair-se de seu contato por inocente que fosse.

— Hispalis?

Julianna se obrigou a não o olhar à cara enquanto a ajudava com o estribo e lhe cedia de novo as rédeas.

— Sim, é... é o nome romano de uma cidade espanhola, e como a égua é espanhola me pareceu apropriado... Hispalis era o principal porto do comércio com as Índias, bom, assim acredito que o chamavam, depois do descobrimento da América. O almirante me ensinou como mudaram não só os mapas de navegação, mas também as rotas de comércio depois do descobrimento da América... O que ele chama “o período da história no qual a Inglaterra passou a ser a segunda aos olhos do mundo”. Diz que precisaremos de vários séculos para voltar a sermos o que fomos, “a principal potência marítima do mundo, da história”, diz... Possivelmente os vikings

não estejam muito de acordo com isso.

Riu suavemente, com um som que a Cliff resultou o canto de uma sereia, de uma sereia inocente e cativante, e desejou não estar em seu cavalo para obrigá-la a descer e abraçá-la com força.

De novo era ela, uma mescla de candura e inocência, sensualidade, inteligência... Era a única mulher capaz de desejar a liberdade como ele, uma liberdade representada pelas viagens, os lugares longínquos, o mar, as aventuras, a emoção do desconhecido. Notava-o em sua voz, na forma como lhe brilhavam os olhos ao falar da paixão que o almirante fomentava nessa nova pupila que acabava de descobrir.

Conhecia a força que irradiava o almirante e o fácil que lhe resultava despertar nas mentes como a sua, como a de Max, como a de Julianna, esse desejo por voltar ao mar sem esperar mais que aventuras, experiências, o comichão pelo desconhecido. Disse a si mesmo que devia agradecer ao almirante por isso. Por despertar em Julianna um desejo que provavelmente lhe ajudaria a conquistá-la, mais, ajudaria a conseguir a companheira que sempre tinha desejado sem sabê-lo, uma companheira com a qual compartilhar o mar e a liberdade que dava, uma companheira com a qual compartilhar essa vida que era parte dele tanto como suas mãos, suas pernas, seu coração.

Desfrutava vendo-a sorrir. Resultava-lhe tão fácil, tão natural manter uma conversa com ela. Nunca lhe tinha acontecido com nenhuma mulher, essa capacidade de falar de tudo e de nada e de desfrutar com sua forma de ver a vida, de desfrutar de cada detalhe, com essa forma como lhe iluminavam os olhos.

Pediam aos gritos uma liberdade que as normas sociais não lhe permitiam. Ele conhecia bem essa sensação, via-se assim mesmo com esse mesmo olhar anos atrás, quando buscou a si mesmo, ao verdadeiro Cliff, longe das normas, dos salões da sociedade, das etiquetas... Se reconhecia nesses olhos, nesse desejo, nesse sonhar atento que, com suas palavras, evocava sem sabê-lo Julianna. Um desejo expresso em seus atos, nas noites em que ia olhar as estrelas no prado, em seus passeios pelo bosque, nas longas cavalgadas às escondidas deixando-se levar sem mais... Essa mulher era toda paixão, era fogo, e o notava como se irradiasse um calor abrasador que convidava a queimar-se nele sem medir as consequências.

Conseguiu que, durante todo o caminho de volta, Julianna lhe falasse das longas conversas com o almirante, dos livros que lia seguindo suas

indicações. Iluminava-lhe o rosto recordando as brincadeiras com esse homem, que parecia lhe recordar a seu próprio pai, as conversas com sua tia, os momentos com Amelia e com Eugene, as brincadeiras com Max, a admiração que despertava a relação e o carinho evidente que existia entre os filhos do duque.

Começava a entender o tipo de relação que se forjou entre essas cativantes mulheres e a família do Max. Começava a compreender que, de uma maneira estranha e naturalmente, tinham formado uma espécie de família. O caráter de todos eles parecia complementar-se e adaptar-se de uma maneira natural, divertida e espontânea, mas que conseguia tirar o melhor de cada um, e um carinho mútuo que, sem dúvida, conseguia reconfortá-los e lhes dava uma espécie de paz.

Era isso! De repente isso era o que via diferente em Julianna. Tinha estado se perguntando desde o dia do teatro. Não eram os vestidos, nem esse novo ambiente de cidade que a rodeava. Era isso, essa paz, sentir-se integrada em uma família que a queria e que lhe permitia querê-la, sem ocultar-se, sem necessidade de esconder-se deles, sendo ela mesma sem medo. Sentiu ciúmes de Max por achar-se nesse círculo de seres peculiares e especiais de qual queria formar parte. Um novo desejo se somava aos anteriores, formar parte dessa família, mas não como irmão, filho ou sobrinho, mas sim como seu marido. Cada vez desejava mais essa posição frente aos seres queridos de Julianna e frente ao mundo. Queria tudo o que ser o marido dessa sereia de olhos de mel implicava; tê-la com ele, tê-la em sua cama, em sua vida... Ter direito a formar parte desse círculo de pessoas por ser o homem que ela amava e ser o pai de seus filhos. Cada vez crescia mais dentro dele essa imagem. Arraigou-se em sua mente e em seu coração o desejo de ter filhos, mas com ela, somente com ela. Tinha gravada em sua cabeça a sua imagem, não qualquer bebê, a não ser seu bebê, seu filho, o filho de ambos.

Nunca tinha desejado ter filhos, era uma ideia que não se expôs jamais. Os filhos não tinham formado parte de seus planos, de seus objetivos. Tinha sido educado por um pai que lhe tinha ensinado que ser pai não era simplesmente criar descendentes e deixá-los em mãos de suas mães, de babás ou de preceptores. Não, ser pai devia ser muito mais. Ele tinha tido um pai firme, severo, em algumas ocasiões, mas um pai carinhoso, que estava ali protegendo e apoiando a seus filhos e eles o haviam sentido assim toda sua vida. Os filhos implicavam um lar estável, uma família, uma amarra, uma âncora permanente. E só agora, com ela, essas ideias lhe pareciam

apetecíveis, pareciam-lhe algo que podia fazer-se real, porque agora sim o queria, porque agora sim, pela primeira vez em sua vida, desejava-o, necessitava-o para sentir-se completo, para ser feliz. Não pôde evitar esboçar um sorriso e olhá-la de soslaio. Ela não pareceu dar-se conta, do que ele se alegrou, sentindo-se de repente um pouco envergonhado, quase ridículo por sua forma pueril de comportar-se.

Ao chegar à altura do acesso da pista de treinamento, viram que Max estava muito concentrado em sua aluna e em seus progressos, enquanto, em uma das laterais do recinto, permanecia ainda sobre seu cavalo lady Eugene, que parecia muito entretida com um jovem que usava o uniforme dos alunos da escola. Estava de costas a eles, por isso Cliff não podia lhe ver a cara, mas não pôde evitar rir suavemente ao precaver-se dos olhares furiosos que, do outro lado do recinto, lançava Max ao pobre moço.

— Vamos onde Geny está, não quero atrapalhar a lição, e certamente Max agradecerá que não distraíamos a Amelia.

Julianna sorria, não o olhava, a não ser na direção de Eugene. Cliff sentia-se cheio, parecia ter avançado mais do que se imaginou pela manhã. Seguia a desconfiança, mas, ao menos, tinha eliminado a distância física imposta por Julianna e, o que era mais importante, sabia que suas carícias, seus beijos, que ele iria aumentando até fazê-la totalmente dela, era um dos principais truques que tinha para conseguir Julianna. E esse era um truque que ele dominava muito bem, tinha muitos anos de experiência e ia tirar proveito, um delicioso proveito sem dúvida.

Enquanto se aproximavam, Cliff lançou um olhar de aceitação a Max, quem entendeu sem mais o comentário silencioso de seu amigo e sorriu levemente, fazendo um gesto dissimulado de aprovação.

— Conhece o cavalheiro que está com lady Eugene?

Julianna olhou de soslaio para Cliff e respondeu com segurança, embora em voz baixa para que não os ouvissem, já que estavam se aproximando bastante deles.

— É lorde Jonas. Max apresentou-nos o outro dia, acreditei entender que é o irmão mais novo de um amigo de estudos, mas não recordo seu nome... desculpe-me, é evidente que é algo que deveria começar a prestar mais atenção...

Julianna se sentiu mortificada por não ter prestado mais atenção e tomou nota mental de procurar, a partir de então, recordar os nomes daqueles a quem apresentasse, assim como dos familiares ou vínculos que se incluíssem

na conversa.

Com um sorriso malicioso e uma voz que transbordava sensualidade, Cliff respondeu: — Espero que não.

Julianna teve que piscar algumas vezes assim que compreendeu o significado daquilo. Não queria que recordasse a nenhum outro cavalheiro, nem sequer por seu nome. Por uns leves segundos se sentiu inundada pelo galanteio velado que ocultavam essas palavras, mas logo voltou a olhá-lo e franziu a testa ao observar esse sorriso malicioso e condescendente que lhe cobria o rosto. Consequia adúlá-la e enfurecê-la ao mesmo tempo...

— Espera que não seja capaz de recordar seu nome ou de prestar atenção ao que me rodeia? Porque ambas as coisas diriam pouco a meu favor. De fato, diriam que sou a pessoa mais indolente e possivelmente inconsciente do mundo... É isso o que espera, milorde?

Julianna quis repreendê-lo pelo comentário e, entretanto, ao final o que conseguiu foi lhe lançar uma provocação, ao menos isso parecia lhe transmitir o olhar de autêntica satisfação que lhe estava lançando. Julianna quis dar uma cabeçada mental nesse momento.

— Espero muitas coisas de ti, mas iremos descobrindo pouco a pouco.

Falava quase em um sussurro, um pouco inclinado para ela e lhe lançando um olhar que conseguiu que lhe ardessem as veias e lhe esticasse cada músculo do corpo. Com essa voz rouca, essa forma de alargar as palavras e esse tom tão orgulhoso de si mesmo, em vez de fazê-la zangar conseguia acendê-la como se fosse uma fogueira a qual acabassem de jogar lenhas de carvalhos secos.

— Eu não pretendia...

Julianna teve que morder a língua pelo perto que estavam de lady Eugene, mas porque tinha caído na armadilha. Ruborizou-se e quase ficou sem fôlego ao olhar esses olhos verdes que brilhavam pelo triunfo evidente.

Cliff sentiu um prazer incalculável ante seu olhar furioso e envergonhado e não pôde evitar um sorriso arrogante de triunfo e satisfação ante o rubor de suas bochechas e o tremor de sua voz. Que prazer tão intenso e imenso lhe provocava desconcertá-la, e disse a si mesmo que de agora em diante o faria com certa assiduidade. Era incrível a sensação de saber que conseguia alterar os sentidos de Julianna tanto como ela conseguia alterar os seus, claro que a obtinha somente respirando, estando viva... Essa ideia de novo lhe fez sorrir.

— Ah Julianna!, comandante, já retornastes... Que tal o passeio? — perguntou Eugene enquanto se virava e fazia um gesto com a cabeça.

Julianna lhe sorriu, mas se recordou repreendê-la mais tarde, porque era evidente que estava desfrutando, em excesso em sua opinião, pelo bem que lhe tinha resultado sua mais que clara maquinação.

— Muito agradável.

Imediatamente voltou a se ruborizar ao recordar os beijos de Cliff, seu corpo inclinando-se, seu aroma... Cliff o compreendeu assim que de novo brotou esse rubor em suas bochechas e não pôde a não ser sorrir, embora também se excitasse recordando também o corpo de Julianna colado ao dele e esse brilho em seus olhos.

Virando um pouco a cabeça e inclinando-a em sinal de cortesia, Julianna disse com tranquilidade: — Lorde Jonas, alegre-me voltar a lhe ver.

Ele fez um idêntico gesto: — Senhorita McBeth, é um prazer voltar a nos encontrar.

— Lorde Jonas, conhece o comandante lorde Cliff de Worken?

Julianna fez um gesto com a mão para dirigir sua vista para ele, que não teve mais remedeio que afastar seus olhos dela.

— Não tive a honra, mas certamente, são bem conhecidas as proezas e façanhas que, em pró da Coroa, realizou o comandante. Comandante.

Inclinou a cabeça em direção a Cliff, que repetiu o gesto.

— Lorde Jonas. — Assim que o olhou de perto lhe achou parecido com um velho conhecido —. É o irmão de Bernard, filho do marquês de Furlington?

— Assim é — respondeu sorridente.

Cliff pensou que era evidente a boa relação que devia manter com seu irmão.

— Nesse caso, a honra é minha. Tem que saber que Bernard é um de meus mais antigos e queridos amigos... Bom, meu e do capitão. — Sorriu lançando um olhar de soslaio a Max —. Posso lhe perguntar como se encontra? Faz muito que não coincido com ele.

— Muito bem, milorde. De fato, diria que melhor que bem. Parece que, ao fim, vai sentar a cabeça. Meu pai está desejando anunciar seu compromisso com lady Tara Burnington, a filha do visconde de Carrish. Suponho que o farão assim que comece a temporada.

— Me alegro por ele, conheço lady Tara desde que éramos jovens e não posso a não ser elogiar sua escolha. Sem dúvida, fazem um magnífico casal. Transmita-lhe minhas felicitações e meu desejo de me encontrar com ele dentro de pouco para poder fazê-lo pessoalmente, o rogo.

— Assim o farei, comandante, embora não acredito que tarde muito em poder fazê-lo você mesmo, já que passará a temporada em Londres, o que lhe permitirá ultimar os detalhes do enlace. Esperam-no em Wallendrob Manor dentro de uns dias, mas depois virá a Walldenhall para acompanhar à família.

— Nesse caso, irei fazer lhe uma visita. E mais... — Arqueou as sobrancelhas —. Acredito que poderíamos organizar alguma atividade todos juntos nas próximas tardes.

Com isso, pensou com prazer, asseguraria de uma só vez muitas coisas convenientes para seus objetivos. O primeiro, passar mais tempo com Julianna em um ambiente que não lhe parecesse ameaçador, já que iria acompanhada por Max, por Eugene... por ele. O segundo, asseguraria ir conhecendo seus amigos, a esses nos quais Cliff confiava e que considerava a adequada companhia e as relações acertadas para a ela. E o mais importante, asseguraria um modo para que todo mundo lhe visse com ela. Quantos mais soubessem de seu interesse sincero por ela, menos cavalheiros, predadores e caça fortunas ansiosos se aproximariam dela... Certamente começava a cair francamente bem esse jovem Jonas... Embora o pobre estava em grave risco de perder, pelas mãos do Max, alguma parte de sua anatomia se seguisse olhando Eugene dessa maneira. Cliff começava a desfrutar seriamente de uma vida afastada das habituais atividades de um consumando cavalheiro, “Quem diria?”, pensou enquanto sorria e via pela extremidade do olho como Max se aproximava, acompanhado dessa jovem que tanto lhe soava e da qual tinha ouvido ligeiramente falar nesses últimos dias. Recordou-se que devia perguntar sobre ela com detalhe a Max ou inclusive, por que não, à própria Julianna.

De retorno a casa e depois de despedir-se de Cliff, Julianna tentou não pensar muito no acontecido uma hora antes, mas ainda sentia cada beijo, cada carícia, o calor em cada um dos pontos nos quais Cliff a beijou, e acariciou-a. Manteve-se quase em silêncio todo o caminho, respirando uma conversa em que não tivesse que intervir muito, do modo que Amelia e Max trocaram conselhos e sensações sobre sua primeira lição de equitação, enquanto Eugene e Jonas comentavam as festas e soirées às quais compareceriam nos próximos dias.

Entretanto, não pôde evitar os olhares inquisitivos de Max, e sabia que cedo ou tarde, perguntaria por seu amigo e o ocorrido essa manhã. Parecia saber o que tinha passado, entretanto, parecia também, querer deixá-la meditar ou pensar sem pressão de ninguém, incluído ele, o qual agradecia

sobremaneira, embora Julianna sentisse desejos de lhe gritar por sua maquinação. O que ocorria é que não sabia se queria lhe gritar de indignação ou de emoção. Estava terrivelmente confusa.

Ele, só ele, Cliff, podia provocar semelhante desconcerto. “Por todos os Santos! É impossível, não sou capaz de pensar estando perto dele, se nem sequer consigo respirar...”. Julianna se repreendia pelo ocorrido e, mesmo assim, em cada fibra de seu ser sentia que queria mais, que necessitava mais. Teria que passar mais tarde na cozinha para conseguir relaxar, para conseguir ordenar seus pensamentos, mas ao menos, tinha essa via de escape, esse momento para si mesmo.

O resto do dia o passou em um baile constante de sensações e sentimentos; zangada consigo mesma por não ter sido capaz de evitar que a beijasse; feliz e excitada cada vez que rememorava esses momentos com ele, essas carícias, o calor de seu corpo, cuja familiaridade começava a ser insuportavelmente inevitável; cansada de lutar consigo mesma; ansiosa por voltar a vê-lo; irritada pela prepotência e a segurança com a qual a tratava e por quão bem parecia conhecê-la e dobrar sua vontade. Começava a voltar-se louca.

Depois do jantar pediu para retirar-se cedo alegando uma enxaqueca, o que não era do todo falso, já que de tanto pensar nele, inclusive sem querer, começava a lhe passar da conta. Mentalmente estava esgotada e fisicamente o desejava ter por perto. “Maldito Cliff, o que fez comigo? Que demônios fez a meu corpo? Isto é uma tortura”. A única coisa boa desse dia era que estava tão esgotada que assim que apoiou a cabeça no travesseiro caiu em um profundo sono. Embora pela manhã já se daria conta de que o protagonista desse sonho era seu “torturante”.

CAPÍTULO 13

Cliff se sentou frente à chaminé da mansão Stormhall assim que retornou de seu passeio a cavalo, “de seu delicioso passeio a cavalo”, pensava enquanto ria estranhamente agradado e, ao mesmo tempo, insatisfeito, com a tensão sexual de um vulcão em plena erupção, mas mesmo assim, preferia essa tensão à satisfação com qualquer outra mulher. Estava seguro de que quando Julianna estivesse com ele, em sua cama, debaixo de seu corpo, totalmente nua e plenamente entregue, nada poderia comparar-se a esse momento, e só essa ideia era o que, até esse instante, tinha evitado que o devorador, o predador que havia dentro dele, saísse e tomasse o que sabia ser seu. Até esse momento, tinha conseguido ter bem firmes as rédeas de seu desejo, mas cada vez lhe custava um maior esforço, “Que demônios! Um esforço sobre-humano”. Deixar de beijar Julianna no parque quase lhe havia tirado a vida.

Meditava sobre o que devia fazer. Estava seguro de sua vitória e o estava porque sabia que Julianna o queria. Tinha-o confirmado com os beijos, com o olhar. Teria que ir pouco a pouco, era uma guerra que devia travar batalha a batalha, minando cada uma de suas defesas, cada barreira. Passo a passo, iria eliminando-as todas e, no processo, iria lhe ensinando, além disso, a classe de vida que teria a seu lado, o homem que estaria junto a ela todos os dias de sua vida, o prazer que lhe daria cada manhã, cada noite, cada dia do resto de seus dias. Era dele e teria que render-se ao final ante essa evidência, ante essa verdade.

Absorto em seus pensamentos como estava, não se deu conta de que seu irmão acabava de entrar na estadia com várias cartas nas mãos.

— Bom dia, Cliff. Interrompo suas reflexões, irmão? — inquiriu, apoiando-se no marco da enorme chaminé e olhando Cliff fixamente.

— Ah... olá. Não, não, estava elaborando um plano de ataque.

— Haha... Certamente, é o único homem capaz de imaginar o cortejo como uma batalha campal em vez de como um sutil prazer entre duas pessoas.

O sorriso franco de Ethan deixava ver que, em seu caso, o cortejo, que inicialmente achava algo meramente convencional entre dois nobres, como

um compromisso de conveniência, acabou sendo uma experiência de aprendizagem, de conhecimento de duas pessoas, de duas vontades, de dois corações que ao final se deram conta de que eram não só compatíveis, mas também pertenciam um para o outro.

Cliff sorriu a seu irmão e, por um momento, invejou a situação atual em que se encontrava, seguro de seu compromisso e de qual ia ser seu futuro ao lado da mulher que amava e que o tinha aceitado sem reservas.

— Bom, recorda que foi você que me pontuou de “estrategista da família”. — Sorriu com ironia.

— Certo, certo. E bem? Como vai sua particular cruzada?

Sorriu, contendo, entretanto, uma gargalhada. Estava, claramente, desfrutando ao ver seu irmão tendo que lutar pela primeira vez em sua vida para conseguir uma mulher, uma que, além disso, não ia lhe facilitar as coisas.

— Umm... digamos que, de momento, tenho meus canhões na direção correta e dentro de muito pouco será possível que faça a abordagem sem necessidade de disparar nenhuma só bala.

— Vejo-te muito crédulo na vitória, irmão. Recorda que subestimar o adversário é o primeiro passo para a derrota.

— Deus me livre de subestimar alguma vez Julianna! Entretanto, agora sim sei como confrontar esta... esta campanha, e até acredito que vou desfrutar mais do que teria acreditado.

Voltava a sorrir como quando eram crianças e tramavam alguma aventura.

— Nesse caso, possivelmente seja bom que traga para a conversa um assunto que pode ser de importância. — endireitou-se ligeiramente em seu assento sem deixar de olhar para Cliff —. Deveríamos falar de algo que não sei se realmente é importante, mas me deixou intranquilo... — Ethan pegou uma das cartas que levava e a aproximou de Cliff, que estendeu o braço e a pegou lhe sustentando um segundo o olhar —. É da agência de investigação. Pelo visto, um dos irmãos da senhorita McBeth, Leme, o mais velho, que é militar, aproximou-se da agência interessando-se pela pessoa que os tinha contratado e pelos resultados da investigação. É obvio, não lhe disseram que fomos nós os instigadores da investigação, nem tampouco revelaram dado algum da mesma, amparando-se na confidencialidade. — Arqueou a sobrancelha igual a Cliff, que de repente se sentiu alarmado pelo que escutava —. É compreensível que, se inteiraram de que uma agência de

Londres procurava dados de sua família ou algum feito revelador de Julianna, seus irmãos tenham interesse por saber o que ocorre.

Cliff assentiu, mas olhando a seu irmão perguntou: — Mas há algo mais, verdade? Se não, não estaria preocupado...

Ethan se enrijeceu ficando de novo em pé e, depois, olhou firmemente para Cliff.

— Certo. O que me preocupa é a forma como se “interessaram” pela investigação. Quer dizer. Chama a atenção, primeiro, que se apresentasse nos escritórios de Londres e, depois, que mostrasse, como assim me indicam, muito interesse, mais que pelo paradeiro de sua irmã, pela pessoa com a qual pudesse encontrar-se. — virou-se olhando à chaminé —. Sei, sei, por si só não é tão estranho, mas o agente que o atendeu parecia inclinado a acreditar que não era um interesse próprio de alguém preocupado por um familiar tão direto, mas sim, mas bem parecia querer informação da que valer-se para, para... não sei... para conseguir algo concreto. — virou-se para olhar de novo para Cliff.

— Depois da conversa com a senhora Brindfet, não me cabe dúvida de que os três irmãos McBeth merecem cuidados, e se um deles anda na pista de Julianna, certamente não é por amor fraternal nem por preocupação filial. Acredito que deveria estar atento. Sim, deveria estar pendente disso. Não acredito que seja um assunto que devemos ignorar. Pergunto-me... — Elevou a vista e olhou fixamente a Ethan —. Acha que deveríamos transferir esta preocupação à senhora Brindfet? Inclusive à própria Julianna?

Ethan guardou uns segundos de silêncio e acrescentou: — Acha que é uma boa ideia dizer a Julianna que a estiveste investigando? Porque se lhe informa que seu irmão a anda procurando e que está em Londres, é provável que acabe tendo que lhe confessar como conseguiste sabê-lo e... Bom... Acha que tomará bem?

— Não, certamente não acredito que tome bem... Mas, por outro lado, tampouco estimo prudente nem seguro para ela não lhe dizer que a andam procurando. Suponho que poderia informar a sua tia e que ela seja a que o diga, lhe insinuando, possivelmente, que ela conseguiu essa informação, não nós.

Depois de conversar com seu irmão e despedir-se dele, já que andava um pouco distraído com os preparativos de suas bodas, Cliff se sentou na biblioteca e elaborou seu plano de ação para as próximas semanas. Como se de uma particular luta se tratasse, elaborou várias listas, uma das quais

entregou ao valete para que pegasse de seu navio diferentes objetos, comprasse algumas coisas e realizasse diferentes recados relacionados com os passos que daria a partir desse momento. Tinha muito claro que Julianna o queria e que, no fundo, sabia assim como ele que estavam estranhamente feitos um para o outro, tinha que conseguir que o admitisse e, uma vez que o reconhecesse, não poderia negar que casar-se com ele era o único meio de conseguir que ambos fossem felizes.

O resto do dia dedicou a planejar minuciosamente cada detalhe, entrou e saiu da mansão em várias ocasiões carregado de objetos, de papéis, e acompanhado de distintos personagens que pareciam tirados de uma novela de aventuras. Tanto sua mãe como lady Adele estiveram observando-o e com curiosidade foram tomando notas mentais dos detalhes que observavam. De fato, em várias ocasiões tentaram lhe surrupiar alguma coisa sobre o que tramava, porque realmente começavam a ter algo mais que curiosidade, e embora soubessem que iriam desfrutar e divertir-se muito com cada uma das coisas que certamente estava planejando, tinham seus níveis inquisitivos tão exacerbados como insatisfeitos ante as negativas de Cliff de lhes conceder uma mísera pista.

A condessa conhecia muito bem as travessuras das quais eram capazes seus filhos e de quão engenhosos sempre tinham sido elaborando algumas delas. Por sua parte, lady Adele tinha escutado algumas das anedotas da infância de seu futuro marido e de seu irmão de boca do próprio Ethan, compreendendo que, ambos os irmãos eram obstinados e tenazes como ninguém no mundo, e quando colocavam algo na cabeça, eram capazes das mais incríveis loucuras. Por isso, as duas mulheres não paravam de comentar cada coisa que viam, dos recados do Valete de Cliff até a quantidade de personagens de todo tipo, aos quais elas chamaram “pitorescos” mais de uma vez, e que, ao longo da tarde, foram à mansão para visitar Cliff depois de que este os mandou chamar.

Justo enquanto se vestia para o jantar e comentava com seu Valete os detalhes do planejado, não pôde evitar sorrir pensando que tinha passado por um sem-fim de estados anímicos nos últimos meses. Reconhecer, por fim, que estava apaixonado por Julianna pôs em ordem o caos de sensações, sentimentos e pensamentos que teve desde que desembarcou em Londres, depois de se inteirar da notícia do falecimento do senhor McBeth. Depois vieram, os que sem dúvida alguma, tinham sido os piores meses de sua vida, sem saber nada dela, sem saber se estava bem, se estava viva ou morta. Esta

última ideia seguia lhe provocando um estranho estremecimento e um golpe seco no peito que prometeu a si mesmo jamais voltar a sentir. A vida de Julianna não correria perigo enquanto ele estivesse vivo. E agora, agora que sabia que a teimosa e cabeçuda queria-o, parecia que tudo tinha voltado para seu lugar.

Ela estaria durante algumas semanas lutando contra si mesmo, contra seus sentimentos e seus desejos, mas, finalmente, encontraria como ele a paz e a tranquilidade. Uma paz e uma tranquilidade que só podiam ter um no outro, juntos, compartilhando a vida, compartilhando-se, entregando-se sem reservas, sem medos, sem remédio. Sabia que, nesse mesmo momento, Julianna estaria tornando-se louca, que pensaria nele e no que lhe provocava e um sorriso malicioso e de satisfação cruzou sua cara. Não queria vê-la sofrer e menos ainda por sua culpa, mas compreendia que ela estava debatendo consigo mesma como lhe tinha ocorrido meses atrás, até tomar uma decisão, até aceitar o inevitável: que era dela, somente dela e que o destino os tinha marcado para pertencer um ao outro. Necessitavam-se não só para alcançar a paz e a felicidade, a não ser inclusive para viver. Estavam incompletos um sem o outro.

De novo sorria frente ao espelho, o destino lhe tinha dado Julianna, de modo que devia lhe estar imensamente agradecido por ter sido tão generoso com ele, pelo presente que lhe tinha reservado, nada mais e nada menos que a preciosa, sensual, e doce Julianna.

Durante o jantar, as damas de sua família não puderam evitar perguntar e tentar surrupiar alguma informação que ao menos saciasse um pouco de sua curiosidade, mas Cliff lhes dizia que se tratava de distintas batalhas planejadas com detalhe com o único fim de ganhar uma guerra. Sem dúvida, a incerteza era o que estava matando a ambas as damas, mas tanto o conde como Ethan esfregavam as mãos, prevendo muitas diversões ao longo dessas semanas. Sobre tudo sabendo, como sabiam, que algumas delas implicavam que Cliff, pela primeira vez em sua vida, devia comportar-se com certa humildade, com certa “submissão” se o que queria era demonstrar a Julianna, não só que estava arrependido de seu comportamento anterior, mas também já não era o tipo indolente, altivo e mulherengo que ela acreditava. Essa ideia de ver um Cliff moderado, contido, quase delicado era o que mais hilaridade provocava nos homens da família, que se reconheciam desejosos de ver como era finalmente uma mulher que punha Cliff em seu lugar. Nem um pirata, nem um bucaneiro, nem o pior dos militares ou o inimigo mais feroz dos

últimos anos, nem sequer seu próprio pai, não: quem ia dar a lição de sua vida a seu arrogante, prepotente, impulsivo e sempre belicoso filho e irmão ia ser nada mais e nada menos que uma mulher. E não qualquer mulher, a não ser a única que tinha conseguido desarmá-lo desde o começo e que não se dobrou a seus desejos sem mais.

Ao menos todos eles se alegravam de ver o Cliff de sempre, divertido, irreverente, sedutor. Estava inquieto, nervoso, intranquilo, mas não era a intranquilidade nem o desconcerto dos meses anteriores. Parecia outro, havia, por fim, deixado para trás a melancolia e a desesperança que o tinham invadido, e essas novas sensações, essa nova alegria que transmitia, transportava-se pelo ar que o rodeavam. Todos estavam ansiosos, nervosos, mas acima de tudo, estavam realmente otimistas e reinava uma espécie de segurança e de certeza de que, ao final, conseguiriam um novo membro na família.

Era realmente curiosa a visão de cada um deles da perspectiva de futuro de Cliff; para o conde, Julianna era aquela menina valente, generosa e inteligente que irradiava ternura e força ao mesmo tempo, e que tinha os sólidos princípios de seu pai tão arraigados que formavam parte indissolúvel de sua personalidade. Uma nora assim, certamente, não desgostaria a nenhum pai e menos a ele, que sabia que Cliff necessitaria uma mulher doce e carinhosa a seu lado, mas que fosse capaz de lhe enfrentar e de não se deixar arrastar pelos desejos de seu filho sem mais.

A condessa parecia ter abandonado os receios que lhe provocava o fato de que Julianna não fosse de nobre berço. Era uma mulher educada entre a aristocracia, proveniente da mais alta nobreza inglesa e que não se imaginava rodeada de alguém alheio à mesma. Entretanto, Julianna parecia ter despertado nela o desejo de ter como nora a uma mulher afastada das convenções às quais estava acostumada. Lady Adele era a perfeita esposa para o futuro conde e não podia ser de outra maneira. Mas Cliff, seu filho mais novo, era farinha de outro costal, e por fim o compreendia. Jamais poderia uma mulher, uma aristocrata convencional, fazer feliz a seu filho, nem se acostumar a seu tipo de vida, a seu temperamento, e, menos ainda, compreendê-lo. Mas a pequena Julianna parecia encaixar perfeitamente com ele, seu caráter e seu comportamento eram irrepreensíveis, mas, era perfeita para o Cliff. Desprendia a ternura e amabilidade necessária para derreter o seu coração, mas também a beleza, a força e o temperamento necessário para derreter ao homem, ao impenitente sedutor que tinha dentro. E, o mais

importante, seria capaz de mantê-lo na linha, e isso que a jovem ainda não era consciente do poder que exercia sobre ele. Quando o compreendesse conseguiria converter em um tenro gatinho ao feroz leão de seu filho. De fato, já esfregava as mãos imaginando o fácil que se derreteria o coração de seu filho com a timidez de Julianna. Por incrível que resultasse à condessa, o filho rebelde, resistente ao matrimônio e à estabilidade de um lar, o filho que acreditava nunca conseguiria dobrar às maravilhas do matrimônio, finalmente havia não só aceito esse estado como algo suportável, mas também o desejava por cima de todo o resto, e isso a tranquilizava mais que nenhuma outra coisa.

Para Ethan, Julianna era a Adele do Cliff. A pessoa pela qual merecia deixar a vida que até então ambos consideravam ideal e encontrar por fim o equilíbrio que até esse momento não sabiam que necessitavam. Ambos procuravam coisas distintas em suas futuras esposas e, entretanto, procuravam o mesmo, uma companheira. Ao fim e ao cabo, Ethan necessitava uma condessa, uma mulher que ocupasse o lugar de sua mãe. E Cliff procurava a alguém que fosse capaz de compartilhar sua forma de ver a vida, sua forma de ir mais à frente sempre, de não se conformar, de chegar mais longe. Mas ambos procuravam o mesmo nelas: uma companheira, uma amante, uma confidente, a mãe de seus filhos, nada mais e nada menos que a razão de suas vidas. Como todos os de Worken, não procuraram o amor, e inclusive resistiram a ele, mas este os golpeou na cara e não havia volta atrás. Desde meninos riam e burlavam do brasão e do emblema familiar, no qual aparecia à esquerda um aro rodeando um coração, e uma espada e uma tocha na direita, junto com outras figuras que completavam o escudo e, debaixo, o lema familiar: “Protege com a direita o que haja na esquerda”. No final das contas, devia corroborar a tradição familiar. Todos os de Worken eram uns lobos, uns caçadores em todos os aspectos, até o momento em que se casavam, e só o faziam com mulheres às quais amavam além da razão e, uma vez que o faziam, sua ferocidade se destinava unicamente a proteger e defender com a espada e a vida à família, cuja figura central era a mulher representada com o coração e a aliança. Eles no passado se consideravam a exceção a essa tradição. Ethan, porque como futuro conde acreditava que seu destino era sua obrigação com o condado, quer dizer, devia procurar uma mulher que fosse capaz de cumprir dignamente com os deveres e obrigações de uma condessa e entre os que não se encontrava, desde seu ponto de vista, o ser capaz de apaixonar ao conde. Cliff, por sua parte, porque, simplesmente,

rechaçava as amarras do matrimônio, por considerar que implicavam uma pesada carga que dificultaria a vida de aventuras e de liberdade que desejava. Mas a vida punha a todos no caminho e lugar corretos, e com eles não foi diferente nisso, lhes demonstrando o destino quão equivocados tinham estado.

Pela manhã cedo Cliff esperou que as jovens da família e lady Adele partissem a cavalo à escola de cavalaria onde, certamente esperaria a Max. Cliff solicitou ver a senhora Brindfet, que parecia dispor-se a sair nesse momento.

— Comandante, a senhora o receberá na sala da manhã. Por favor, se for tão amável de me seguir. — Furnish acompanhou Cliff à sala onde esperava a senhora da casa que, como o mordomo lhe tinha indicado previamente, era evidente que se dispunha a sair justo quando lhe anunciaram sua chegada.

— Bom dia, senhora Brindfet... Blanche.

Saudou-a com a correspondente cortesia, imediatamente depois de fechar o mordomo as portas da sala.

— Bom dia, comandante — respondeu tia Blanche, realmente surpreendida pela visita, tanto pela hora como pela tensão que parecia transluzir seu rosto.

— Lamento a interrupção e agradeço que tenha aceitado me atender a umas horas tão pouco apropriadas, mas precisava falar com você e fazê-lo em privado.

— Em privado? Quer dizer, sem que pudesse nos interromper minha sobrinha. — Arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Efetivamente. — Sorriu-lhe Cliff também —. Não ache que venho com más intenções... Bom, não piores que as de faz dois dias...

Esboçou seu melhor sorriso de sedutor e em seguida viu que tia Blanche estava sorrindo.

— Vá, moço, volto-o a dizer, não é para mim a quem tem que seduzir — disse tia Blanche entre risadas —. Vamos, te aproxime e me conte que está tramando. — Assinalou-lhe um assento próximo ao qual ela estava se sentando e lhe convidou a lhe acompanhar.

— Realmente sou muito transparente para você... Max já tinha me advertido — disse enquanto tomava assento e sacudia a cabeça em rendição.

Satisfeita ante essa resposta, que não duvidava também seria parte da estratégia deste patife, tia Blanche respondeu: — Transparente não, um pouco previsível, talvez... mas a que devo a honra de sua “secreta” visita?

— Bom, o certo é que vim a rogar certa colaboração por sua parte, bom, mais exatamente, a autorização para certas atividades que quero levar a cabo para surpreender a sua sobrinha. Mas para isso necessitaria que seu serviço deixe que meu Valete possa acessar a certas habitações da casa em contadas ocasiões.

— Estou intrigada, me conte e, se vir que não há nada mau nisso, contará com minha autorização e inclusive talvez até com minha ajuda...

Depois de uns minutos relatando algumas das coisas que tinha previsto para as próximas semanas, tia Blanche, que de novo tratava Cliff com naturalidade, parecia divertida e gratamente satisfeita ao comprovar que seu julgamento anterior sobre o comandante tinha sido acertado. Deu-lhe seu consentimento e inclusive ajudou a melhorar algumas das surpresas que tinha previsto, o que surpreendeu ao Cliff, que não pôde a não ser sentir ainda mais carinho por essa encantadora mulher.

— Minha visita, além disso, tem outro motivo, e tenho que dizer que não sei se é desagradável ou não, mas certamente, me deixou um pouco intranquilo.

O tom sério e a mudança de semblante fizeram com que tia Blanche compreendesse que realmente era algo preocupante.

— Está bem, o que ocorre, comandante?

— Não sei se chegarmos a lhe contar que, ante a falta de notícias de sua sobrinha, e meu cada vez mais alarmante estado de ansiedade, meu irmão propôs contratar os serviços de uma agência de investigação com o propósito de encontrar familiares com os quais Julianna pudesse alojar-se. — Pela cara de tia Blanche, Cliff compreendeu que essa forma de proceder não contava com sua aprovação, por isso rapidamente acrescentou —. Peço-lhe desculpas pela intromissão e por minha forma de atuar se isso pode lhe ofender...

— Não, não é isso, acredito que pensa que desaprovo essa forma de atuar... E não, não é assim, de fato, eu me vali em algumas ocasiões de profissionais deste tipo para investigar a possíveis investidores ou possíveis sócios quando albergava alguma dúvida a respeito. Não é por isso. E bem... Bom, melhor continuar... — Lhe fez um gesto para que continuasse.

— Pois, se servir para sua tranquilidade, a informação que obtiveram tampouco foi em excesso reveladora. Agora bem, tiveram que investigar no condado e, imagino, perguntaram a alguns dos habitantes e vizinhos da região. Isto deve ter chegado aos ouvidos de seus sobrinhos, porque da agência nos informaram que Leme McBeth se apresentou nos escritórios de

Londres, querendo averiguar quem tinha solicitado a investigação e, os resultados da mesma, insistindo especialmente em tentar averiguar a pessoa ou pessoas com as quais pudesse estar sua sobrinha. — Esperou um momento se por acaso Blanche queria comentar algo antes de continuar, e ao ver que não era assim, prosseguiu —. Em princípio, não parece indicar nada preocupante, entretanto...

— Entretanto, se acreditar que haja algo que deveria nos alertar... — o interrompeu tia Blanche, que o olhava do mesmo modo que ele a ela: ambos sabiam que deviam ficar alerta.

— Acreditava necessário lhe avisar para que, por sua parte, também o comunique a Julianna e que, pelo menos, esteja... bom... ciente.

— Sim, sim, estou de acordo que terá que estar ciente. Certamente, é estranho que tenha vindo até Londres... — Arqueou a sobrancelha enquanto olhava de repente para a frente como se estivesse avaliando à informação —. Realmente é para preocupar-se. Acredito recordar que lhe tinha informado alguns detalhes de minha relação com meus sobrinhos, incluindo o fato de que nunca os disse onde residia realmente quando estava em Londres. As poucas vezes que os vi aqui, quando vinham me visitar tentando me enrolar, recebia-os em outra casa que tenho na cidade que, embora esteja em uma boa área e seja bastante grande, tampouco é uma mansão propriamente dita, já sabe, por meus reparos com eles. Agora bem, se o que querem é me localizar, tampouco acredito que lhes custe muito trabalho, já que tampouco me escondo... Mas se o que procuram é... — De repente ficou calada, pensativa.

— É?

Cliff parecia realmente ansioso por saber a que conclusão parecia ter chegado ela.

— Estava pensado... — Blanche parecia meditar realmente o que dizer —. Possivelmente o que procuram é um meio de chegar até mim, melhor dizendo, até meu dinheiro, através de Julianna. Se suspeitarem, e imagino que a estas alturas já o suspeitarão, que está comigo, possivelmente achem que podem pressionar através dela para que lhes dê dinheiro ou os nomeie meus herdeiros... Entretanto, preocuparia-me que descobrissem que a nomeei minha herdeira, não acredito que tomem muito bem. — Fez uma pausa e assinalou —. A partir de agora mantereí a alguém sempre a vigiando. Não a quero sozinha sob nenhum conceito, e darei ordem a todo o serviço para que estejam pertos dela e de qualquer feito estranho.

Cliff a olhou com certo alarme, já que não sabia realmente se os irmãos

eram capazes de fazer mal a Julianna e, embora a ideia de que sempre estivesse vigiada complicava muito os planos de Cliff de passar tempo a sós e com certa intimidade com Julianna, compreendia que era preferível isso que deixá-la desprotegida. De todos os modos, sempre poderia encontrar meios de evitar essa vigilância enquanto estivesse com ele.

— Parece-me uma excelente ideia.

Tanto Cliff como tia Blanche pareciam conformados, ao menos no momento, assim retornaram aos planos de conquista de Cliff e, depois da troca de algumas ideias, Cliff partiu a caminho da Academia de Cavalaria com intenção de prosseguir sua aproximação no mesmo ponto no qual o tinham deixado no dia anterior. Embora antes mandaria uma mensagem a seu Valete para que esse mesmo dia levasse a cabo o “primeiro assalto contra as defesas de Julianna”, dado que tia Blanche o tinha autorizado para isso. Embora fosse certo que sabia que ela estava irremediavelmente apaixonada por Cliff, não acreditava, entretanto, que lhe fosse resultar tão simples a conquista de sua sobrinha, ao fim e ao cabo, era uma McBeth e, portanto, tão teimosa como as demais.

Ao chegar à zona mastreada onde Julianna se encontrava montando junto a lady Eugene e o jovem Jonas, Cliff cavalgou para eles enquanto admirava a elegante figura de Julianna com outro dos elegantes trajes de montar confeccionados, sem dúvida, por essa famosa Madame Coquette. Era de uma cor amêndoa, em veludo, com os detalhes da manga, e saia em seda marrom, mas o que mais gostava eram as plumas que adornavam o chapéu e que emolduravam o rosto da jovem de uma maneira cativante, fazendo com que a atenção se centrasse nesses maravilhosos olhos cor de mel. Tomou nota mental de agradecer a tia Blanche por levá-la às peritas mãos dessa costureira porque, certamente, sabia como destacar cada um de seus atributos.

Ao ver como se aproximava, Julianna sentiu esse tamborilo no coração que já reconhecia e esse rio de lava lhe percorrer a pele fazendo com que, involuntariamente, ruborizasse-se. Era magnífico vê-lo perfeitamente adaptado a esse elegante semental negro. Força e virilidade feita de carne. Esperava que não a deixassem sozinha com ele, porque bastante trabalho lhe custou manter-se em pé no dia anterior para ter que fazê-lo de novo. Conseguia alterar tanto seus sentidos com sua só presença que, se chegasse a lhe tocar, como anteriormente, seria impossível recuperar a prudência, e para o cúmulo, era algo que estava desejando.

— Bom dia, lady Eugene, senhorita McBeth, lorde Jonas.

Cliff sorria de orelha a orelha enquanto se colocava à altura do resto das montarias, notando como Julianna procurava não olhá-lo diretamente. Estava claramente ruborizada, o que lhe provocou uma onda de orgulho que, se fosse por outro, lhe teria notado assim que lhe visse.

— Bom dia, comandante — respondeu Eugene alegremente ao mesmo tempo em que todos faziam um gesto de cabeça em resposta a sua saudação —. Vejo que nos encontrou com facilidade.

— Bom, Max insinuou que, quase com absoluta certeza, cavalgariam pela região dos bosques e pensei que, ou melhor, gostaria de percorrer um dos melhores atalhos para cavalgar, que pouca gente conhece. Bom, possivelmente o jovem lorde Jonas o conheça, já que seu irmão o percorreu em muitas ocasiões com Max e comigo.

Julianna estava fazendo um esforço desonesto para não gritar a Eugene, mas, a esse arrogante, prepotente e abusivo homem que lhe lançava uns olhares que deixavam pouco à imaginação.

— Estupendo! Nós adorariamos conhecê-lo, verdade, Julie? — Eugene voltou a responder exultante.

Julianna arregalou os olhos, mas não foi capaz de dizer nada, já que queria começar a soltar maldições e algumas das piores imprecações que lhe tinha ensinado o almirante, e não era capaz de encontrar uma resposta adequada que não implicasse algum insulto ou um ordinarismo. Teve que morder a língua e limitar-se a lançar um olhar furioso a Cliff e outra desaprovação a Eugene, coisa que ambos simplesmente se limitaram a ignorar, não sem dar evidentes sinais de que estavam se divertindo muito com a pequena cena.

— O que lhe parece, comandante, se você nos guia e nós lhes seguimos?

Enquanto fazia este comentário, Eugene foi fazendo manobras para ficar em paralelo com Jonas atrás de Cliff e ela, de modo que apenas os separava meio metro de distância. Julianna, assombrada pela agilidade e destreza, sem mencionar o descaramento, de sua amiga, amaldiçoava-se por dentro por ser a mais inexperiente dos quatro cavaleiros, já que suas possibilidades de conseguir uma jogada similar eram pouco mais que nulas, assim que se resignou a lhes seguir o jogo. Não obstante, começava a estar realmente furiosa ao sentir-se como uma tola marionete nas mãos de terceiros.

Com um rápido movimento e açulando um pouco a seu semental, Cliff começou a cavalgada sendo seguido pelos outros. Julianna não demorou, para sua indignação interior, em sentir-se animada pelo entusiasmo contagioso de

seus acompanhantes, e logo começou a relaxar-se, pelo qual também se repreendeu mentalmente. Entretanto era capaz de reconhecer que esses momentos de aparente liberdade começavam a ser os que mais gostava do dia. Perdida em seus pensamentos e concentrada em seguir o ritmo do cavalo de Cliff, não se precaveu de que, pouco a pouco, Jonas e Eugene foram se separando e ficando bastante longe deles, assim como também o moço dos estábulos que os tinha acompanhado.

Quando Cliff parou em meio de um terreno seguido de Julianna, com a segurança de que Eugene e Jonas tinham tomado a curva anterior em uma direção diferente à sua, acreditou que já era o momento de retomar sua aproximação com tranquilidade. Observou-a recuperar o fôlego enquanto observava a cor vermelha de suas bochechas, o brilho da emoção de seus olhos e, essa expressão despreocupada que punha quando deixava que seus pensamentos fluíssem livres. Era a expressão que o cativava, quão mesma punha enquanto passeava pelo bosque e cantarolava. Estava adorável com ela. Mas não demorou para olhar ao redor e compreender que, de novo, estavam sozinhos, e lhe lançou esse olhar de fúria que, longe de amedrontar Cliff, ainda lhe inspirava mais desejos. Os olhos lhe brilhavam com tal intensidade que adquiriam esse brilho amarelo que lhe esquentava o sangue de maneira escandalosa. Julianna marcou em seu rosto uma expressão carrancuda, temendo o que pudesse estar planejando.

— Não, não. Nem o pense...

Cliff não pôde conter uma gargalhada, divertido pela facilidade com que era capaz de pô-la nervosa e quão fácil era conseguir alterar seus sentidos, já que inclusive a um metro de distância entre eles, podia notar o rubor de sua pele, a aceleração do pulso e a respiração entrecortada quando o olhava.

— Mas se não pensava em nada. — “Em nada que possa dizer-se em voz alta...” —. Acredito que me tem em pior consideração da que mereço.

Julianna arregalou os olhos, não sabia se devia sentir-se irritada por essa forma familiar e jocosa de dirigir-se a ela, provocadora e sensual ao mesmo tempo, ou por esse olhar e esse sorriso extremamente claro que lhe atravessavam o corpo como uma flecha. Certamente era um predador olhando com ferocidade a sua presa.

— Parece-me que deveríamos procurar Geny... lady Eugene e lorde Jonas.

Sua voz acabava de baixar duas oitavas, no mínimo, e a gagueira e a indecisão conseguiram o efeito contrário ao qual pudesse desejar. Cliff mal

demorou três segundos em pôr seu cavalo colado a sua égua e acariciar a bochecha de Julianna, que sentiu um calafrio tão brusco que se removeu da cadeira. Não pôde olhá-lo nos olhos e baixou o olhar às rédeas, mas notava a dele cravada em sua cara e, pouco a pouco, como se aproximava de modo que sentia intensamente a respiração e o calor de seu fôlego sobre sua pele — Não se preocupe, pequena, duvido que se perderam, certamente estão divertindo-se muito... Veem, me siga e te mostrarei uma das mais bonitas imagens deste parque.

Com voz doce e tomando uma das rédeas de Julianna a fez segui-lo trotando a uma região cheia de pequenos arbustos e árvores baixas, mas de pequenos canteiros quadrados, cheios de flores de distintas cores que formavam no campo frente a eles uma bonita tapeçaria multicolorida.

— Onde estamos? — perguntou olhando com os olhos muito abertos a seu redor.

Aquilo era como um pequeno vale rodeado de árvores, muitas, mas de escassa altura, e com um só atalho de entrada. O aroma de grama fresca, a flores naturais e cheias de vida, era embriagador. Por uns minutos nem sequer se incomodou em pensar em nada e possivelmente por isso nem se precaveu de que Cliff tinha desmontado e lhe agarrava pela cintura para ajudá-la a descer, o que ela fez sem protestar, apoiando-se em seus ombros para isso. Tê-la assim, sem resistência, afligida pelo que os rodeava, e inclusive confiada em seus braços, foi a única coisa que refreou a Cliff para não se lançar sobre ela sem piedade. Faria em uns minutos, pensou, mas não agora. Afastou-se um pouco dela, o suficiente para mantê-la perto dele, notando a proximidade de seu corpo, de seu calor, absorvendo seu aroma, mas, também, com a distância suficiente para que ela pudesse andar um pouco a seu redor observando a paisagem, tranquila, serena, extasiada como estava. Cliff sabia que Julianna se sentia relaxada, mostrava-se como era, sem reservas nem cautelas, quando estava em espaços abertos, longe dos olhares de outros. Nisso eram tão parecidos que era uma qualidade que não lhe custou muito apreciar.

— Chama-se o Vale dos Ventos — respondeu ele, aproveitando a proximidade sem necessidade de tocá-la.

— Vale dos Ventos? Mas se mal corre uma brisa... — murmurou sem deixar de olhar a paisagem.

Aproveitando o relaxada que estava, era fácil para Cliff tratá-la com suavidade e que ela respondesse sem necessidade de pensar. Pôs-lhe uma

mão na cintura e com destreza foi fazendo-a virar-se para observar a seu redor e, finalmente, manteve-a de costas a ele, mas aproximando-a tanto que as costas de Julianna finalmente tocavam o torso dele.

— Vê toda essa fileira de árvores que rodeiam o vale? — perguntou, e Julianna não falou, só assentiu —. Pois, quando se levanta o ar bruscamente, retumba como se houvesse eco dentro do vale, fazendo com que o som seja realmente entristecedor, parece que está em uma tempestade, embora mal note rajadas suaves de vento no rosto. É uma curiosidade da natureza, suponho, este vale parece ter as condições adequadas para isso.

— E as flores? Estão como...

Cliff a interrompeu.

— Como formando um enorme tabuleiro de xadrez com infinidade de cores. Sim, sim, é uma imagem realmente impactante, imagino que isso terá sido obra de alguns dos paisagistas da Academia, ou de algum dos monarcas anteriores. Recorda que todo este terreno é considerado parte das terras e jardins reais, e que se cederam à Academia só por tradição.

A esta altura Cliff já tinha conseguido a ter apoiada sobre seu peito e com seus braços rodeando delicadamente sua cintura. Julianna não queria mover-se. A sensação de estar ante essa espetacular imagem de flores e o calor do abraço de Cliff eram embriagadoras, era uma sensação indescritível... Permaneceram assim uns minutos, como se nenhum dos dois quisesse romper o feitiço que os obrigaria a separar-se.

Cliff a fez virar delicadamente, pondo-a de frente a ele, e, levantando uma de suas mãos, fez-lhe inclinar para trás a cabeça, de modo que seus lábios fossem acessíveis e, certamente, não demorou para chegar a eles. Começou simplesmente apoiando seus lábios nos de Julianna, que o observava ainda, mas, pouco a pouco, o beijo foi se fazendo vívido, sensual, passional, quase incontrolado. Ela não opôs resistência, lhe oferecendo seus lábios, participando do beijo, entregando-se sem reparos. O calor de sua boca, a doçura de seus lábios, a rápida reação dela, que não só aceitava o beijo, mas também o respirava, era embriagadora.

Era uma sensação nova para ela, o que parecia uma invasão de sua boca ao final se converteu em uma troca, para cada centímetro que ele tomava, ela tomava outro, para cada movimento quente e possessivo dele, ela respondia com outro ardente e desejoso. Cliff não saberia dizer quanto esteve beijando-a e quanto tempo esteve quase perdendo o sentido. Em apenas escassos segundos, tinha perdido a noção do tempo, do que o rodeava e do mundo. Era

uma sensação nova, indescritível, como se o beijo em si já fosse o cume de uma vida. Os movimentos de ambos, suas línguas, seus fôlegos, era como se estivessem destinados um ao outro, feitos a medida para o outro, cortados e moldados para o outro e, até esse momento, não tinha conhecido o que era, de verdade, beijar a uma mulher. Nenhuma boca, nenhuma boca que tivesse beijado antes era comparável a essa. Nenhum beijo podia comparasse aos de Julianna. Nenhum o satisfazia e o preenchia tanto e, ao mesmo tempo, deixava-o tão ansioso, tão insatisfeito, tão desejoso de mais, de muito mais... Julianna mal conseguia sentir o chão sob seus pés, e se ele não a tivesse estado abraçando já teria acabado sentada no terreno de esponjosa grama, cedendo ao tremor de seus joelhos, incapaz de sustentar-se e incapaz de conter suas emoções nem suas estranhas reações a seu corpo, a seu calor, a sua força...

Cliff não soube que força da natureza foi a que finalmente conseguiu separá-lo de seus lábios, mas algo dentro dele conseguiu deter cada vez mais o incontável desejo. Custou-lhe uns segundos recuperar certa sensação de realidade, centrar seu olhar e, também, firmar seus pés no chão, pois era ele quem sustentava a ambos. Mas difícil foi separar seus lábios dos de Julianna, mais difícil foi não apoderar-se deles de novo e ir mais à frente, ao ver o fogo de seus olhos quando ela conseguiu abri-los. Acariciou com suas mãos cada traço, cada curva, cada curva de seu rosto, dessa suave, tersa e preciosa cara, mantendo-a a escassos centímetros da sua, sentindo como recuperava pouco a pouco o fôlego, e como sua respiração ia voltando a um ritmo um pouco mais natural. Olhavam-se como se precisassem recordar o momento, como se, por uns instantes, fossem tão conscientes um do outro como inconscientes do que lhes rodeava e do resto do mundo.

— Acredito... — Teve que tragar saliva para não voltar trás —. Acredito que deveríamos retornar porque, do contrário, não sei o que serei capaz de fazer.

Mesmo que tentasse com isso conseguir certa distância dela para controlar o que, seguindo desta maneira, seria incontrolável, seu corpo parecia não querer responder, pois não se separou dela nem um centímetro, mantinha-a nessa espécie de oco ao qual se amoldava à perfeição, em uma espécie de círculo dentro de seus braços, de seu corpo, de seu espaço vital.

De repente, os olhos de Julianna pareceram escurecer-se, como se tivesse recordado onde estava, com quem estava, o que estavam fazendo. Passaram de uma cor mel, quase amarelo, a uma cor âmbar em uma só fração de

segundo. Mas não se movia, seu corpo, igual ao de Cliff, negava-se a pôr distância entre eles. Era como uma necessidade vital sentir seu calor, o forte batimento do coração, o tenso e forte corpo dele frente à suavidade do dele.

— Sim, deveríamos retornar, por favor...

Sua voz soou tão suave, tão desprovida de coragem, quase um sussurro e uma súplica, que Cliff em seguida compreendeu que, igual à ele, Julianna também pensava que, se fossem adiante, ela tampouco teria vontade, força e desejo de parar, e para então não haveria volta atrás.

Assim, com certos reparos e não pouco esforço, conseguiu separar-se dela o suficiente para que sua cabeça e o pouco raciocínio que ficava a estas alturas recuperassem o controle de seu corpo e da situação. Julianna observou em silêncio como se afastava dela, com lentidão, mas com firmeza, e recolhia suas montarias as trazendo para sua altura. Em seguida se encontrou levantada por Cliff em sua égua e com ele a seu lado retomando o caminho de volta. Nenhum conseguiu dizer uma palavra durante uns minutos, como se os corpos e os cérebros de ambos necessitassem esses minutos de silêncio para voltar para o mundo real, para ser conscientes de que ponto se encontravam.

— Olá!

A voz de Eugene em algum lugar os tirou desse pensamento. Ambos olharam ao flanco direito, onde viram a figura de Eugene movendo a mão, seguida em sua cavalgada por Jonas e o moço dos estábulos. Mas ela era ainda incapaz de falar, e foi Cliff o que lhes respondeu algo que Julianna nem sequer entendeu. Pouco depois se encontravam a sua beira. Não fazia mais que pensar que certamente sabia o ocorrido. Começou a ficar corada sem querer, mortificada, baixando ligeiramente a cabeça como amparo, fixando, além disso, sua vista à frente.

— Que tal seu passeio? Perdoem que nos separássemos, mas nos pusemos a falar do baile da condessa de Tulipa e do de máscaras, e nos encontramos, sem querer, no atalho que se chama dos Abedules. É precioso, cheios de árvores e esculturas. E vós?

Eugene falava sem parar, depressa, com um tom muito alegre. Por um momento Julianna pensou que não só era ela a que queria desviar a conversa a temas corriqueiros e a olhou de soslaio. Sorria e parecia encantada, mas não saberia dizer se era por quão mesmo ela. “Deus. Terei que perguntar-lhe logo? Então se dará conta de que eu também... Não, não...”, olhou para Jonas e este, ao dar-se conta, ficou vermelho como um tomate, “está bem, já

tenho minha resposta”. Estava claro, nesta ocasião, Eugene também tinha seus próprios planos ao sair de casa pela manhã. “Ai, Deus”, suspirou em seu interior.

Em seguida Cliff tinha retomado a compostura, lhes falando com um tom tão natural e despreocupado que era assombroso. Julianna o olhava e seguia acelerando-se o coração ao cruzar seu olhar com o seu, embora fossem uns segundos. Mas o que estava acontecendo com ela? Tão vasta era sua experiência com mulheres que era capaz de atuar com toda essa soltura? Julianna começou a se incomodar, e mais quando começou a pensar que esse tuntun de sua cabeça pela resposta e reação de Cliff podia dever-se ao ciúmes, à ideia de imaginar-lhe na mesma situação com outras mulheres. “Deus, certamente que não sou primeira a que leva ali”, começou a sentir-se um pouco mais que irritada, estava furiosa, furiosa de ciúmes... Ao chegar às pistas de treinamentos já o olhava com o cenho franzido. “O que esperava, boba, mais que boba? É um libertino, um Don Juan dos piores... Não é a primeira e não será a última”. Este último pensamento lhe provocou certa onda de melancolia e uma tristeza inaudita. Não prestou atenção à conversa enquanto esperavam na beira do caminho até que Max e Amelia terminassem. Cliff se deu conta, quase imediatamente, da mudança que se produziu em seu rosto, deixando para trás a vergonha inicial, que a tinha feito avermelhar de um modo encantador, com essa inocência e inata sinceridade que transmitia e que fez com que tivesse que conter-se para não rir e agarrar sua mão para lhe beijar a palma. Mas depois... se zangou? Sim, sim, notava-o, por que tinha se zangado? com ele? Com ela mesma por lhe haver permitido chegar tão longe?

No momento em que Max saía da pista com Amelia ao seu lado e em que Eugene se separou um pouco deles junto com Jonas enquanto se dirigiam à entrada da pista, Julianna se inclinou só um pouco em direção a Cliff e, sem olhá-lo, e com um fio de voz que denotava aborrecimento, preocupação, um pouco de vergonha pela pergunta e possivelmente ciúmes, assinalou: — Não sou a primeira que leva ali, verdade?

Cliff a olhou e, contendo uma gargalhada que sabia que a ofenderia, compreendeu ao fim esse tom, esse cenho franzido e essa espécie de vergonha inocente que desprendiam suas palavras, e lhe deu vontade de abraçá-la forte, tão forte que com só tê-la em seus braços compreendesse o que seu corpo, sua mente e seu coração queriam lhe gritar. Ao mesmo tempo seu orgulho de sedutor se sentiu cheio ao saber-se objeto de seus ciúmes.

— Julianna. — Sorriu-lhe encantador, sedutor e com certa travessura —. Nunca passei por nenhuma parte destes bosques com mulher alguma e não penso fazê-lo jamais... Salvo contigo, claro...

De surpresa lhe agarrou a mão e a fez virar para pô-la de modo que pudesse beijar a parte interna de seu pulso, justo na parte que deixavam descoberta a luva e a manga. Foi um gesto tão tenro, tão íntimo, tão sensual, que Julianna sentiu esse beijo como a carícia mais perturbadora de sua vida, depois do tom rouco e sensual, suave e quase erótico com o qual lhe tinha dirigido essas palavras, inclinando-se para pôr seus lábios à altura de seu ouvido. Acreditou imediatamente. Não necessitou nem o olhar à cara, e menos mal que não o fez, porque se lhe tivesse visto o olhar que estava lhe devolvendo teria caído do cavalo. Em seguida, Cliff levantou a cabeça e, dirigindo-se aos cavalheiros mais afastados deles, assinalou: — Progrediu muito, senhorita Amelia. Max, deveria cortar suas rédeas, possivelmente consiga mais força para dominar as mudanças de direção ou, então diga ao menino do estábulo para colocar uma rédea mais longa na área da mordida. O cavalo responderá suas ordens de antemão.

Max ficou a olhar a área da mordida dos arreios de Amelia e em seguida todos começaram a fazer comentários sobre cavalos, conselhos sobre formas de montar e sobre tolices parecidas ou, ao menos, isso era o que pensava Julianna, que de novo estava literalmente aturdida pelo ocorrido e despistada a tudo o que a rodeava.

Ao menos Cliff teve a decência de separar-se deles ao chegar à saída da escola, pensou Julianna, se não fosse assim, o caminho de volta para casa teria sido uma tortura, porque lhe custava bastante manter o controle de sua égua e sob a influência dele e de seu aturdido corpo teria sido muito pior.

Max tinha compreendido rapidamente, com um olhar a seu amigo e a expressão de Julianna, o ocorrido ou, pelo menos, imaginava uma parte. Em certo modo, deixava-lhe “uma tranquilidade moral” ter falado com Cliff previamente e lhe haver exigido, como condição para lhe deixar esses momentos a sós com Julianna, certos limites que devia respeitar, e esperava que seu amigo fosse capaz de controlar-se. De qualquer modo, os vigiaria, já que, ao fim e ao cabo, nesses momentos ela estava sob sua responsabilidade. Tinham-na deixado a seu cargo e, embora não fosse assim, por muito que apoiasse a causa do Cliff, esta não estava por cima do carinho que sentia por Julianna. Também compreendia que devia deixar seu espaço para pensar, não a forçar a falar disso se não fosse seu desejo ou se não estivesse preparada.

De todos os modos, tinha a certeza de que iria a ele cedo ou tarde. Sabia que, ao final, queria conhecer sua opinião e escutar algum conselho, não só por ser amigo de Cliff, e seu também, mas também porque era do mesmo tipo que Cliff, eram do mesmo naipe e se regiam pelos mesmos princípios e valores.

O resto do dia transcorreu para Julianna quase idêntico ao anterior, com essa áurea de confusão, de alegria imediata e de fúria contida ao mesmo tempo. Era como estar em uma constante ascensão e sob emoções exacerbadas e desejosas de sair a gritos de seu corpo. Sentia cada parte de seu corpo e seus nervos extremamente sensíveis, a flor da pele. Manteve-se ocupada com as aulas de dança, na cozinha, no jardim, na biblioteca. Depois agradeceu muito as duas horas da visita, à hora do chá, do almirante, que esteve discutindo com sua tia o divertimento das três jovens, e com quem logo teve um momento do mais tenro, já que lhe pediu que lhe reservasse a primeira valsa do primeiro baile ao qual compareceriam. Ao ser Eugene sua filha, não estava bem que ele a monopolizasse e embora, como ele disse olhando para Julianna, “não serei um desses juvenzinhos que lhe assediarão em seguida, reclamo uma valsa como seu mais novo ancião. Isto provocou as gargalhadas de Eugene, quem, além disso, reconheceu que seu pai era um excelente bailarino. De fato, desafiou-o a que viesse uma dessas manhãs às aulas das garotas para dar algumas lições magistrais a todas, o que, para surpresa de todas elas, aceitou encantado. Inclusive Furnish, que nesse momento se encontrava na soleira da porta da sala, pareceu esboçar um sorriso malicioso pela ideia e mais ainda pelo entusiasmo com o qual o duque a aceitou.

Em troca, na mansão dos de Worken não havia um momento de tranquilidade: entre os primeiros atos sociais da temporada, que fizeram com que tanto a condessa como lady Eugene recebessem a várias visitas pela manhã e a primeira hora da tarde, as constantes visitas a mansão de familiares, conhecidos e amigos pelo cada vez mais iminente enlace, e o sem-fim de personagens e marinheiros de Cliff que não paravam de entrar na mansão, aquilo parecia o Hyde Park nos feriados.

Durante o jantar, em que por sorte a condessa se absteve de convidar a algum dos visitantes dessa tarde, os membros da família trocaram todo tipo de informações e anedotas do dia. Entretanto, tanto o conde como Ethan não podia deixar de perguntar a que surpresa estava destinada a intervenção de

tantos marinheiros, já que durante toda a tarde passaram pela mansão desde os segundos de bordo de todas as naves de Cliff, até alguns dos encarregados da manutenção dos mesmos.

— E bem? — interveio o conde —. Não pensa nos comunicar de seus planos ou, pelo menos, nos dizer por que a metade das tripulações de seus navios tenham tido a deferência de nos visitar hoje?

Cliff não pôde evitar uma gargalhada.

— Pai, não acredita que exagera? Somente vieram uns quantos homens. Sabe quantos marinheiros e tripulantes há em meus navios? Se os fizesse desfilar a todos pela mansão, mamãe me mataria.

Ria plenamente divertido ante a cara de seu pai e de todos os outros. A condessa, que estava nesse momento conversando de outro tema com lady Adele não pôde evitar exclamar: — Nem te ocorra! Ouve-me? A ver como explicou às visitas que esta casa está se convertendo no mole de Londres. Valha-me Deus! — Soltou em um falso tom de indignação.

— Não se preocupe, mamãe, procurarei que fique em uma versão reduzida do mesmo. O que lhe pareceria o mole de Cork? É menor e não muito visitado por, digamos, navios de pouca categoria.

Voltou-se a rir ante a cara de indignação de sua mãe.

— Cliff, advirto-lhe... O próximo é que me peça que traga barris de rum.

Todos riram ante a ocorrência.

— Por Deus, mãe, somos marinhos, não piratas, tem lido muitas novelas... embora um par de barris de cerveja negra... — Arqueou a sobrancelha enquanto seu pai ria da cabeceira da mesa.

— Ao menos nos diga a que vêm se não é para te dar informe das viagens... — insistiu o conde.

— Em realidade, vêm para que lhes dê instruções sobre algumas coisas que deverão ser feitas nos próximos dias. De momento, posso adiantar que decidi trocar o nome de todos os meus navios, para o que necessito que os segundos de bordo agilizem os trâmites dos registros e, depois... enfim... Já o verão em seu momento.

Era evidente que começava a gostar do jogo do cortejo, além da sedução.

— Não pensará pôr em todos o nome de Julianna? Por favor, me diga que não está pensando fazer toda uma frota sob esse nome. — Cravou-o Ethan.

— Hahaha... me dê um pouco de crédito, irmão, tenho um pouco mais de imaginação, homem. Mas não te negarei que, pelo menos, isso me passou pela cabeça — assinalou, claramente divertido, antes de beber um pouco de

vinho.

— Está claro que não pensa revelar detalhes, Cliff, mas a mim o que mais me intriga é o que escreve pelas noites. Esta manhã me assombrou te encontrar no mesmo lugar no qual lhe deixamos ontem quando nos retiramos, escrevendo sem parar — perguntou lady Adele.

— Bom, a isso sim posso responder. Irmão, veja se aprende com sua encantadora prometida e faça perguntas inteligentes... — Riu olhando para Ethan, que se limitou a pôr os olhos em branco —. O certo é que foi Ethan que me fez compreender que, para fazer com que Julianna me perdoe e me aceite sem reservas e sem medos, tem que me conhecer, e como não pretendo passar anos, meses, nem sequer semanas ficando louco, digamos que vou acelerar um pouco as coisas. Estou escrevendo uma espécie de jornal de bordo, mas não de uma de minhas viagens, mas sim de todas elas. Estou resumindo algumas das experiências dos últimos anos e de meus diários pessoais de navegação em um só. Enfim, de algo tinha que me servir o costume de bom capitão de deixar escrita detalhada cada incidente, experiência e incidência do navio e da tripulação, incluindo a gente mesmo...

— Vá! — respondeu surpreendida lady Adele —. Certamente requer muita coragem abrir-se assim a outra pessoa, expor-se assim ante ela, seus pensamentos, suas vivências, enfim toda sua vida e sua pessoa, é... Vá!

Estava assombrada igual aos outros, especialmente o conde, que considerava Cliff o mais reservado e circunspeto de toda a família.

— Bom, sim... — respondeu Cliff em um tom dubio, surpreendeu-se um pouco envergonhado pela exposição de sua futura cunhada —. Suponho que a ideia é que me conheça sem rodeios, mas também... Enfim, suponho que é uma forma de devolver o golpe que lhe dei no passado.

Nesta ocasião baixou o olhar ao talher com o qual tinha começado a brincar.

— A que te refere? — perguntou o conde inquisitivo já que não compreendia sobre o que estava falando e realmente queria conhecer o que era que rondava na cabeça de seu filho e sobre tudo o que era que tanto lhe preocupava.

— Realmente, nestes anos, especialmente nestes últimos meses, considero que invadi a intimidade de Julianna além do razoável e, certamente, do passível, ao menos do que ela consideraria passível ou plausível, tendo em conta o reservada e tímida que sempre foi. Assim, ao menos, devo-lhe um pouco do mesmo por minha parte, mais ainda quando

minha consciência me pede isso a gritos, já que nem sequer ela é totalmente consciente de... bom, que não sabe até que grau cheguei a — houve um momento no qual parecia envergonhado do que ia dizer: “espiar, indagar, rondar»” — observá-la na distância.

Notou como se ruborizava e, embora os outros não se deram conta, sim o fez Ethan que era o único dos ali presente que conhecia a afeição de Cliff de observar a Julianna de longe, inclusive quando era uma menina e, simplesmente, sentia o desejo de cuidar dessa pequena que o tinha salvado e pela qual sentia um carinho e ternura de vizinho na adoração, embora ainda não era consciente disso.

— Refere-te a investigá-la para averiguar onde estava? — perguntou a condessa desconcertada.

— Sim, isso, entre outras coisas. Certamente, ao longo destes anos não tive interesse... digamos românticos por Julianna... Mas sim me preocupei por ela, como alguns dos presente. — Olhou diretamente a seu pai —. Cada vez que retornava para casa da escola ou das viagens, além de perguntar a papai sobre ela, estava acostumado a passar, algumas vezes, por sua casa para vê-la, de longe, é obvio. Virtualmente a vi crescer ante meus olhos. Reconheço que estes anos acreditei que era compreensível meu interesse e preocupação por ela e que este fosse maior que o de outros, mas acredito que, além disso, por alguma razão, sempre me senti estranhamente conectado a ela. Ao princípio, o laço que parecia me unir a ela era uma espécie de gratidão e, logo, preocupação e desejos de cuidá-la. Mas, depois, a isso foram se unindo a curiosidade e devo admitir que, inclusive quando ainda não era mais que uma mucosa, a admiração. Sempre a vi como uma pequena força da natureza, valente, ousada, generosa, encerrada no pequeno corpo de uma menina tímida em excesso, reservada e solitária que não fazia mais que despertar ternura e carinho... Bom, que se tivesse chegado a conhecê-la tão bem sem sua permissão, tenho que entender que o mais justo é que, ao menos, pague-lhe com a mesma moeda, não acham?

Não levantou a vista da mesa enquanto falava. Se houvesse feito teria visto a cara de assombro de seu pai, mas, a cara quase chorosa de sua mãe que parecia comovida e totalmente afligida por aquela espécie de revelação.

— Por que demônios não diz isso a ela diretamente? — exclamou Ethan, assombrado por quão evidente era, depois dessa declaração, considerar impossível que Julianna não lhe entregasse seu coração, se é que não o tinha feito já —. Por Deus bendito, irmão! Será um sedutor nato, mas como

pretendente é muito torpe. Parece que buscas o caminho mais difícil!

Lady Adele não pôde evitar começar a rir a gargalhadas, o que fez com que Cliff a olhasse com certo assombro.

— Sinto muito, Cliff, mas estou de acordo com seu irmão, certamente, se eu fosse ela e me dissesse algo como isso, asseguro-te que não demoraria muito em me jogar em seus braços.

— Hã... — disse Ethan com cara de falsa indignação.

— Não se incomode, querido, você sabe que meu coração te pertence sem remédio, mas tenho que reconhecer que se um homem tão bonito como seu irmão me diz algo assim, com esse olhar de homem apaixonado, não poderia resistir por muito que o tentasse — disse com um pouco de rubor nas bochechas.

Ethan riu olhando a seu irmão, era evidente que desfrutava mais do que o necessário com a situação em que, sem querer, colocou-se seu irmão e, enquanto, Cliff se ruborizava como nunca o tinha feito em sua vida. Sentia-se como se tivesse aparecido, de repente, nu ante todos os presente.

— Bem, bom... — murmurou incômodo, elevou a vista e sorriu, acrescentando em tom zombador, antes que se notasse mais seu sobressalto— : Necessito uma taça.

Tanto Ethan como o conde soltaram sonoras gargalhadas pela cara de Cliff e, especialmente, pelo envergonhado que lhe via ante as adulações de lady Adele.

— Se não quer nos falar das surpresas, pelo menos, nos diga, que tal seus passeios pelo parque? — perguntou sua mãe em um tom muito inocente.

— Muito bem. Reconheço que se parece muito à Julianna do condado quando se encontra em meio dos jardins da escola, longe do bulício da cidade. Por certo, terei que dar um prêmio a essa Madame Coquette por esses magníficos vestidos de amazona.

Fez um gesto com os olhos a seu irmão sem que o vissem as senhoras. As duas damas de sua família, como ele pretendia, centraram sua atenção em outro tema, pois ambas abriram os olhos de claro interesse e a condessa, inclinando-se um pouco para frente, pegou o anzol.

— Não me diga que Juliana conseguiu que Madame Coquette também lhe desenhe os trajes de montar à última moda? Por isso sim que a vão odiar todas as debutantes e as matronas desta temporada! Os desenhos dos trajes vindos do continente são preciosos e realçam muito bem as curvas femininas, verdade, Adele? — A condessa lançou um olhar de entusiasmo a sua futura

nora —. Mas são bastante incômodos se não os fizer uma mão perita. Mas se, além dos trajes de noite e dos de dia, conseguiu que Madame Coquette lhe desenhe, com o novo estilo, os de montar, asseguro-te que vai ganhar mais de uma inimizade entre as damas... Acredito que todas estão indo como loucas procurar quem os faça... Oh, mon dieu! Que vontades tenho de vê-la com um deles! Querido? Por que não a convida para passear pelo Hyde Park com eles?

— Faria-o, mamãe, mas ainda não se sente do todo segura com sua égua nova, e acredito que preferirá treinar antes de arriscar-se a ter a tantos cavalheiros e gente passeando ao redor. Além disso, não atire pedras em meu próprio telhado. Deixe afastados os olhos dos olheiros até que consiga lhe pôr a aliança. — riu —. Mas se tanto gosta desses trajes, Amelia, a pupila da senhora Brindfet e lady Eugene, também usavam um. Acredito que os fizeram juntas. Max me contou que a senhora Brindfet se assegurou de que Eugene também estivesse bem preparada para esta temporada, já que sabia que o almirante se preocupava que, sem uma mão feminina perto, pudesse sentir-se insegura. De fato, já comprovastes quão mudada está lady Eugene. Asseguro-lhes que não é uma debutante atordoada nem simplória. Mais uma dessas damas e suas filhas, que tanto a atormentaram quando pequena, vão levar a maior surpresa de suas vidas.

— Bom para ela! — exclamou Adele —. Espero que as ponha em seu lugar. Além disso, os cavalheiros, deverão reconhecer que minha pequena prima é uma jovem realmente preciosa. — Elevou o queixo com certa petulância exagerada, sorrindo orgulhosa.

— Inegável, querida — disse o conde.

— É uma beleza, certamente — confirmou Ethan.

— E se não acreditarem que o perguntem a lorde Jonas, o filho mais novo do marquês de Furlington — acrescentou Cliff divertido.

— Lorde Jonas? Já tem pretendente e não começou a temporada? Reitero-me: bom para ela! — E voltou a rir —. De qualquer modo, irei visitá-la para ver seu vestuário para a temporada, morro por ver esses vestidos de Madame Coquette, têm que ser uma maravilha, que inveja! — riu.

— Querida, permite que te acompanhe. Como mulher, não pode me privar dessa oportunidade — acrescentou a condessa e, olhando a seu filho, acrescentou —. Por certo, querido não acha que seria bom que nos apresentasse à senhora Brindfet? Não só ardo em desejos de conhecer a tia de Julianna, mas também, além disso, se consegue esse poder no atelier de

Madame Coquette, definitivamente tem que ser uma mulher que merece a pena conhecer e ter de aliada.

— Está bem, mãe, prometo-lhe que no baile da condessa de Tulipa farei as oportunas apresentações, já que sei que todas elas comparecerão, assim como o almirante e Max.

— Que emocionante! — respondeu sua mãe—. Faz anos que não vou a esse baile precisamente. Estou acostumada a esperar ao da condessa de Rostow por ser o que realmente marca o início da temporada, mas ainda estamos a tempo de mandar um cartão aceitando o convite, verdade, querida? — perguntou, olhando a lady Adele.

— Não se preocupe, mãe, já aceitei faz uns dias em nome de todos. — adiantou-se Cliff com uma taça de porto na mão que acabava de servir o mordomo.

Com assombro, sua mãe o olhou arqueando as sobrancelhas.

— Aceitaste o convite?

Cliff assentiu respondendo distraidamente.

— A esse e alguns bailes e festas aos quais comparecerá a senhora Brindfet, com sua encantadora sobrinha e lady Adele. Digamos que, dado que era certo o que disse a tia de Julianna, de que não quer assistir a tantos atos como fazem o resto das debutantes, vali-me de Max para, pelo menos, me assegurar que estarei naqueles aos quais compareçam. — E bebeu um pouco de sua taça.

— E de novo sai o estrategista da família, sim senhor! — exclamou Ethan em tom jocoso, elevando a taça em direção a seu irmão, o que fez com que Cliff sorrisse satisfeito.

Dado que, desde fazia uns meses na mansão recebiam constantes visitas por razão do enlace do herdeiro do condado, os condes tinham adotado o costume de jantar a uma hora mais tardia do habitual e, por isso, às vezes quando ficavam conversando, ficava um pouco tarde, como esse dia.

— Por certo, são quase dez horas. A hora de uma de minhas surpresas — disse Cliff, e todos o olharam de repente —. Se me acompanharem, querida família, ao terraço da parte alta da casa, acredito que poderão desfrutar de uma parte dela. — Ofereceu-lhe rapidamente o braço a sua mãe antes que respondesse ou tentasse lhe surrupiar detalhes. Aceitou-o imediatamente e guiou a toda a família ao terraço superior da mansão de onde podia ver-se ao longe uma parte do porto de Londres. Ao chegar, surpreenderam-se ao ver que tinha instalado um pequeno telescópio que apontava diretamente ao

porto...

Depois do jantar na casa de tia Blanche, todas se dirigiram à sala de estar preferida da tia, onde estavam acostumados a falar enquanto bordavam e liam. A única particularidade dessa noite era que tia Blanche lhes tinha pedido que não se retirassem cedo, porque queria comentar com todas elas algumas coisas das festas às quais iriam e queria saber sua opinião a respeito. Ao menos, foi a desculpa que lhes deu, claro. Eugene tinha estado preparando seu vestido junto a sua donzela. Nas últimas semanas tinha passado muitas noites na casa de tia Blanche e, ao final, o almirante e a tia acreditaram conveniente que, durante a temporada, Eugene residisse com elas, não só pelo fato de que Hortford, a mansão do almirante, estava nos subúrbios da cidade, e teria que passar muito tempo na carruagem para a ir e retornar às festas, mas também porque Eugene parecia encontrar-se cômoda contando com duas jovens mais com as quais trocar opiniões cada dia sobre vestuário e demais preparativos para cada festa ou reunião. Além disso, Max, tinha mostrado seu desejo de ficar na casa que estava acostumado a ocupar no centro de Londres quando estava de licença de suas viagens, e podia ir sem problemas para buscá-las para acompanhá-la a cada evento ou festa em apenas uns minutos.

Por isso se encontravam as três jovens na sala com tia Blanche. Eram dez horas quando tia Blanche pediu a Julianna que lhe descesse o vestido que usaria no baile da condessa de Tulipa, com a desculpa de ver o contraste de cores. Pelo visto, a condessa era chamada assim porque sempre decorava os salões de seus bailes com tulipas de muitas cores, sobretudo amarelas, o que era tido em conta por todas as convidadas na hora de escolher as cores dos vestidos.

Ao chegar a seu dormitório, Julianna se encontrou com um caminho de areia da porta até a cama e da cama até o balcão que, nesse momento, estava aberto. Por um instante pensou que era alguma brincadeira de sua tia, assim seguiu o caminho até a cama e viu que em cima dela havia uma bonita caixa de madeira com um laço vermelho cruzando a de lado a lado, e com uma espécie de pergaminho enrolado com um selo lacrado fechando-o.

Pegou o pergaminho e observou o selo, com umas bonitas letras nas quais se liam JC, e tinham desenhado o que parecia um veleiro e sobre ela uma pequena estrela. Não necessitou saber de quem era. Sabia. Estava segura. O coração pulsava a mil por hora. Teve a necessidade de olhar a todos os lados,

como tinha chegado isso ali? E a areia? Mas se não estava quando subiu para trocar-se para o jantar...

Abriu o pergaminho e leu:

Querida Julianna, Não espero que compreenda ainda o que demorei tanto para compreender, mas, ao menos, espero que isto te ajude a conseguir que o caminho seja mais fácil, que ajude a não te perder e dirija seus passos e seu coração a seu destino.

A areia deste caminho pertence à praia de uma pequena baía da Irlanda onde, faz uns anos, cheguei depois de uma tormenta, seguindo a luz do farol situado justo no topo do escarpado. Uns anos mais tarde, retornei e comprei a casa do antigo faroleiro e o farol. É um lugar especial, possivelmente mágico, um lugar que espero levar algum dia a minha família e com ela observar as estrelas do alto do farol.

Teu,

Cliff de W.

P.S. Por favor, saia ao balcão.

Julianna estava assombrada e começavam a lhe tremer as mãos. Abriu a caixa com suavidade, quase com medo. Uma bússola! Agarrou-a com cuidado. Parecia muito antiga, tinha incrustações nas laterais, eram, eram... constelações! Era uma bússola de marinheiro! Era preciosa, estava lavrada com detalhe, com minuciosidade, era uma verdadeira obra de ourivesaria.

Ficou sem fôlego, mas, então, de repente notou a brisa da noite que entrava do balcão... Na nota... O que dizia? Estava tão afligida que não era capaz de pensar... “Sim, sim, tenho que ir ao balcão”. Saiu quase correndo.

— Isto... Isto é um telescópio... — disse quase em um sussurro. No meio do balcão, havia um telescópio com uma nota presa. Pegou-a e leu:

Por favor, não toque nada. Só olhe através dele.

Para os escandinavos, as Valquírias eram as mulheres que transportavam as almas dos homens caídos na batalha para o céu. Por ser uma Valquíria. Por levar, faz uns anos, a alma de um jovem caído ao céu. Você é minha Valquíria.

Julianna olhou através do telescópio e viu um navio grande atracado no meio do porto. Tinha faróis presos por todo o casco, os paus e inclusive pelos borde das velas que estavam estendidas. Ficava perfeitamente desenhado o contorno, a silhueta desse magnífico navio graças às luzes brancas de cada

farol. Era uma imagem preciosa. Começou a fixar-se nos detalhes e havia dois faróis grandes presos em uma das laterais do casco, que iluminavam o nome do navio! VALQUIRIA... “O que dizia a nota? O que dizia?” tentava concentrar-se inutilmente por culpa dos nervos e a leu de novo...

— Por todos os Santos! É um de seus navios, batizou-o assim por mim?

Ficou petrificada olhando em direção ao porto. Sem o telescópio, a essa distância, só se via um ponto branco de luz no meio do porto. Teve que piscar várias vezes para olhar de novo pelo telescópio. Queria memorizar essa imagem, mas estava lhe custando centrar a vista. Pôs-se a chorar e as lágrimas apenas lhe deixavam ver os detalhes.

Demorou uns minutos em dar-se conta de que na soleira do balcão estava sua tia junto a Eugene, e já quase com o corpo no balcão, Amelia. Virou a cabeça e, com a visão ainda um pouco nublada pelas lágrimas e a voz carregada de emoção, perguntou a sua tia: — Sabia?

— Não exatamente, querida. Só dei permissão para que o preparassem, mas se tiver que ser sincera, morro de vontade de conhecer a surpresa ao detalhe.

Julianna necessitou uns segundos para reagir, estava realmente emocionada. Olhavam-na com as caras cheias de curiosidade e espera, tanto Amelia como Eugene, assim estendeu as duas notas para que as lessem, e se afastou um pouco para que pudessem olhar através do telescópio.

Na mansão Stormhall todos os integrantes da família olharam através do telescópio, vendo a mesma imagem que Julianna, embora de um ângulo diferente. As duas mulheres disseram o mesmo, que era uma imagem preciosa, um detalhe original e que certamente Julianna estaria tão assombrada como elas. Tanto seu pai como Ethan elogiaram a originalidade de Cliff e começaram a compreender os marinheiros em qualquer parte essa tarde. Embora Cliff não lhes fosse revelar que em parte estavam ali por essa noite. O conde e Ethan, que conheciam Cliff muito bem, sabiam que essa surpresa ia além do que eles viam, assim esperaram até que as damas se retirassem do balcão, e ficaram com ele olhando por uns momentos pelo telescópio.

— E bem? — disse o conde.

— E bem o que, pai? Deveria começar a ser mais concreto em suas perguntas...

Cliff lhe lançou um olhar de desafio e diversão.

— Que mais há? — insistiu.

— Mais? — De novo brincou.

— Cliff! — interveio Ethan.

Riu pela curiosidade de ambos.

— Por favor, cavaleiros, não quererão que revele todos meus segredos...

— Sorriu quando seu pai arqueou a sobrancelha —. Está bem, está bem, não toda a surpresa, já que há uma parte que não se pode ver daqui, mas... fixa-se no nome do navio... Desde esta posição é difícil vê-lo, mas é possível. Na parte direita da popa do casco onde estão os faróis mais próximos à saída da âncora...

O conde olhou. Demorou um pouco em poder ler o nome.

— Valquíria?

Olhou a seu filho enquanto Ethan repetia a operação de seu pai. Cliff encolheu os ombros e pôs as mãos nos bolsos.

— Eu gosto das lendas escandinavas, muitas têm haver com a navegação. É lógico, não? Provêm dos vikings e foram os primeiros grandes marinheiros da história, detalhe que me recordou, recentemente a própria Julianna... Para eles, as Valquírias eram as mulheres que transportavam ao céu as almas dos homens, de seus guerreiros, quando caíam em uma batalha... Digamos que eu tenho minha própria Valquíria.

Olhou na direção em que estaria ao longe a casa de Julianna. O conde e Ethan riram com a ocorrência.

— Vá sedutor! — ria Ethan lhe dando uma palmada no ombro —. Irmão, é todo um romântico. Quem diria? Oficialmente abandonaste o clube dos cavaleiros, libertinos e predadores para formar parte de meu novo clube, o dos reformados, que não reformadores. Nós não reformamos nada, foram nossas mulheres. Reformaram-nos.

Riu junto com o conde enquanto Cliff punha os olhos em branco e bufava em sinal de falsa ofensa. Logo respondeu: — Prefiro me considerar um homem que reformou a si mesmo... embora com certa influência, não o nego.

Ethan riu com uma sonora gargalhada.

— Como for, irmão, o resultado é o mesmo... Bem-vindo ao clube! — De novo lhe deu uma palmada no ombro —. Acredito que isto merece uma taça de brandy, descemos?

Tanto Cliff como o conde assentiram, embora Cliff acrescentou: — Me deem um minuto, por favor, em seguida estou com vós. Vou guardar o

telescópio, não quero que o vento o derrube e o quebre.

Em realidade, o que Cliff queria era pôr o telescópio em direção à casa de Julianna. Tinha descoberto, graças à ajuda de seu valete, que era possível divisar de uma lateral desse terraço a parte aberta de um dos balcões do dormitório de Julianna e, se ainda estivesse olhando, como esperava, poderia observá-la uns minutos. Embora tenha demorado um pouco, por fim a viu. Estava olhando com o telescópio, estava vestida de... “Deus! Usava uma camisola e a bata”, ficou tenso em seguida. Mal a via bem, estava muito longe e em uma posição muito complicada para fixar a lente, mas a só ideia de vê-la ali, observando com detalhe pelo telescópio significava que tinha gostado da surpresa, e ainda por cima em roupa interior, imaginar cada detalhe desse corpo com essas peças tão leves... Cliff soprou de ansiedade. “Bem”, pensou, essa imagem não ia me deixar dormir, assim poderia terminar ou, ao menos tentar trabalhar no escritório... Deu uma última olhada, fez um ruído a meio caminho entre um grunhido e um suspiro e desceu para acompanhar seu pai e seu irmão... “Diabos, acabo de dar isca a Ethan para burlar de mim durante dias...”, voltou a suspirar consciente do ocorrido essa noite.

Julianna levava um bom momento observando com detalhe o magnífico navio de Cliff. O resto das mulheres da casa tinham observado encantadas à surpresa, mostrando seu entusiasmo juvenil Amelia, sua visão do romantismo mais exacerbado Eugene, e um entusiasmo comedido, envolto em cautela, tia Blanche. Assim, agora, tocava a ela valorar, com serenidade e com a tranquilidade do silêncio, o significado daquela surpresa e, sobretudo, o que sentia depois dela.

Estava comovida, adulada, sobressaltada pela ideia de que alguém pudesse ter tantos incômodos por ela, mas, para sua surpresa, o que mais a embargava era uma sensação de medo, de pânico, como se aquilo fosse incontrolável. Não sabia como controlar seu corpo antes disto, mas, agora, tampouco sabia como controlar seus sentimentos e seu coração. Começava a invadi-la uma sensação parecida com a de achar-se aos pés de um penhasco, de pura vertigem. Dava-lhe tanto medo pôr nas mãos do Cliff seu coração... Ainda sentia que entre eles havia mais coisas que os separavam do que os uniam. Deixando de lado sua forma de comportar-se com ela no passado e as terríveis consequências daquilo — a vergonha, a humilhação, o medo, tudo o que sentiu naqueles dias—, o pior era a certeza de que ambos eram

completamente diferentes. Mundos diferentes, forma de ser diferentes inclusive queriam para o futuro costumes diferentes, ou ao menos assim acreditava ela.

Não sabia o que poderia oferecer alguém como ela a um homem como Cliff. Era um sedutor, tinha tido a mulher que tinha querido ou desejado ao longo de sua vida e Julianna se sentia como mais uma entre milhares. Não entendia o que podia lhe atrair tanto nela. Além disso, ele era um homem do mundo proveniente de uma família nobre e ela não era mais que a filha de um homem do campo que jamais tinha saído de seu povoado, salvo para ir a Londres, e por muito elegantes que fossem as roupas que usasse agora, ela seguia sendo a mesma garota que não sabia como comportar-se ante outros sem se sentir nervosa. A garota que gostava de passar seu tempo a sós, lendo, cozinhando, passeando pelo bosque e vendo as estrelas em silencio pelas noites. Ela não esperava da vida mais que um pouco de paz, poder desfrutar das coisas simples sem ter que renunciar a seu próprio espaço, a certa liberdade, aterrando-a sobremaneira a ideia de ter que viver em um ambiente no qual, por norma, devia comportar-se sempre sob uns estritos cânones dos quais não devia sair-se, e menos quando era continuamente observada e julgada por estranhos, como nesses salões de Londres, nessas festas rodeadas de desconhecidos que marcavam as pautas do que a rodeava, mais ainda quando não pertencia a sua classe social, como era o caso de Julianna.

Nesse momento, veio-lhe à mente a promessa que fez a si mesmo de conseguir que sua tia ficasse orgulhosa dela, de fazer com que não se arrependesse de tê-la com ela e de obter um bom futuro para Amelia. Assim voltou a recordar-se que devia fazer todo o necessário para que o que sua tia tinha previsto para as seguintes semanas saísse perfeito, e se para isso devesse esconder ou ocultar alguns aspectos de seu caráter, algumas de suas inclinações ou desejos, pois devia fazê-lo. Voltou a olhar pelo telescópio...

— O que se deve sentir viajando pelo mundo nesse navio? Olhar as estrelas cada noite na coberta, despertar cada manhã com um comichão no estômago pelo que pode proporcionar o novo dia, conhecer lugares, pessoas e culturas tão diferentes à nossa... — Suspirou.

Não devia deixar voar sua imaginação, Cliff não só estava muito longe de seu alcance, mas também, embora por um estranho golpe do destino o tivesse perto, era o tipo de homem que gosta muito de sua liberdade para levar uma mulher em suas viagens.

— Não, não. — Sacudiu sua cabeça —. Certamente é dos que tem uma

mulher em cada porto, sem amarras, sem preocupações... — Voltou a sacudir a cabeça— . Não pense nele dessa maneira. Tenta obter seu perdão, nada mais... Mas por que me beija? Por que tenta me seduzir? Eu não quero ser mais uma das conquistas de um sedutor, mas me custa tanto resistir quando o tenho perto... Esse sorriso, esses olhos que me perseguem inclusive em sonhos.

Voltou a suspirar.

CAPÍTULO 14

Já pela manhã, frente à penteadeira, estavam terminando de penteá-la quando uma donzela entregou uma nota a Julianna. Não tinha selo nem marca alguma de quem a enviava, assim não esperou e a abriu:

Querida irmã: Foi uma agradável surpresa saber finalmente onde te encontrava.

Quando der seu passeio a cavalo hoje, dê um jeito de ficar a sós, e encontrarem-nos na entrada sul da Academia a primeira hora.

Faz o que peço. Espero que seja sensata e que não conte nossos planos a ninguém.

Julianna sentiu um estremecimento de pânico lhe percorrer todo o corpo. Seus irmãos a tinham encontrado, mas qual deles lhe enviava a nota? Não estava assinada. Encontrar-se a sós? Por quê? O que quereria? E por que não dizer a ninguém que ia ver um de seus irmãos? Só a ideia de reunir-se com um deles já lhe desagradava, mas o tom ameaçador e o secretismo imposto na mesma eram augúrio do pior. Cada vez que seus irmãos a tinham obrigado a guardar o segredo de algo era porque se colocaram em alguma confusão horrível, ou tinham feito algo a ela por mera diversão, como a vez em que aos seis anos a meteram em um dos poços de água e a deixaram durante horas ali, até que um dos trabalhadores braçais a encontrou empapada, assustada e tremendo de frio, quando seu pai partiu para visitar um dos compradores no povoado ao lado. Recordar esse episódio fez com que Julianna começasse a temer o pior. Mas conhecia seus irmãos, aos três, e se não obedecia a um deles se zangaria e seria ainda pior.

Inspirou antes de entrar na sala do café da manhã, sua tia e Amelia não tinham descido ainda, estava sozinha Eugene, graças a Deus! Pensou. Aproximou-se dela e lhe perguntou se se importaria em ajudá-la. Não lhe contaria nada, mas ao menos necessitava que a ajudasse a que nem Max nem Amelia se dessem conta de nada. Em um tom suave e tentando que não se alarmasse, como se o que lhe fosse pedir não implicasse nada fora do normal, atraiu sua atenção: — Geny, poderia me ajudar hoje?

Eugene a olhou somente uns segundos enquanto pegava a xícara de chá.

— Claro, Julie, o que posso fazer por ti?

— Mas tem que me prometer primeiro que não o dirá a ninguém.

Tentava seguir com o mesmo tom calmo e pausado, embora por dentro sentia um medo que ia crescendo desde que recebeu a nota.

— Se me pedir, claro, não direi nada. O que ocorre, Julie?

Esta vez o tom de Eugene, embora não denotasse alarme, sim mostrava certa preocupação. Além disso, tinha começado a levantar a sobrancelha, o que implicava que algo começava a intuir.

— Não é importante, seriamente, mas... — Nesse momento se lembrou da surpresa e pensou aproveitá-la —. Bom, eu gostaria de cavalgar um momento a sós esta manhã. Preciso pensar um pouco em tudo o que aconteceu, e sabe que quando monto a cavalo a sós, relaxo o suficiente para ordenar minhas ideias. — De novo utilizou esse tom suave e inocente para parecer despreocupada —. Ontem à noite estava tão nervosa que mal pude dormir e menos ainda pensar com clareza.

Eugene pareceu relaxar e com um sorriso lhe respondeu: — Claro, claro... Pensar com clareza. Ummm... Suponho que sim poderíamos conseguir que cavalgue um momento a sós... Mas já sabe que nem Max nem tia Blanche gosta que andemos sem companhia.

— Sei, sei. Por isso tinha pensado que poderíamos lhe dizer que vamos um momento juntas cavalgar como sempre, enquanto Max e Mely ficam nas aulas, mas que depois me deixe um tempinho a sós por um dos prados e você leva Bender contigo, porque se me acompanha não me deixará cavalgar muito, já sabe como ficou depois de que tia Blanche lhe ordenou nos vigiar como um falcão e não nos deixar “cavalgar como selvagens” — imitou a voz do moço dos estábulos que estava acostumado a acompanhá-las.

Eugene riu e lhe respondeu: — Está bem, está bem. Farei-o, mas me deve um favor.

Nesse momento tia Blanche entrou pela porta da sala.

— O que fará? E por que lhe deverá um favor? E não me diga que planejastes alguma outra travessura para a aula de dança, porque a estas alturas a metade dos membros do serviço usam um número mais em seus calçados graças a seus pisões.

Julianna e Eugene riram, mas foi Julianna que a que se apressou a falar sem deixar de sorrir.

— Não, tia, seriamente, é só que estávamos falando do passeio de hoje, quero ir por um caminho que Geny não gosta muito.

Já se sentia muito mal por ter que mentir, assim, ao menos, pensou que a mentira fosse o menor possível.

— Ah, bom, mas enquanto não se afastem muito das pistas não tem nenhum problema. Isso sim, não se separem, que não é correto que as senhoritas estejam sozinhas montando a cavalo... — disse sua tia enquanto lhe serviam uma xícara de chá.

Julianna e Eugene se olharam e em ambas cruzou o rosto a mesma expressão de remorso e culpabilidade, mas não disseram nada.

Assim que deixaram Amelia e Max enfrascados em sua aula de equitação, e sem separar-se de Eugene, Julianna se dirigiu ao ponto de encontro marcado por seu irmão. Tinha deixado o nervosismo para trás e este tinha dado lugar a um aborrecimento e a um estado de alerta considerável. Começava a ser consciente do muito que tinha mudado desde que era uma menina a qual seus três irmãos humilhavam e maltratavam a menor ocasião. A primeira vez que os enfrentou foi depois da morte de seu pai, e não só conseguiu evitar que se saíssem vencedores, mas também conseguiu algo muito mais importante: sentir-se bem, forte e dona de sua vida. Por essa razão decidiu não se deixar invadir pelo pânico e tentar que a ira que estava acostumado a sentir por seus irmãos não lhe impedisse de alcançar o estado de controle mostrado naquela ocasião. Se tem que enfrentá-los, faria, não se deixaria avassalar, já não era uma menina indefesa e não iam maltratá-la mais.

Absorta como ia armar-se de coragem, não se deu conta de que alguém ficou a sua direita durante uns segundos até que escutou uma voz de homem.

— Vá, querida irmã, como progredimos, verdade?

Julianna virou rapidamente a cabeça. Leme, seu irmão mais velho, olhava-a com o mesmo ódio com o qual espetou a palavra “irmã”. Sempre lhe chamou a atenção o tom depreciativo que conseguia cada vez que a dizia em presença de Julianna, como se fosse o pior dos insultos e a maior das ofensas contra sua pessoa. Não usava seu uniforme e tinha má cara, como se levasse dias sem dormir. Certamente teria estado várias noites em algum desses antros dos quais seu pai o tinha tirado alguma ocasião, bêbado e com muitas dívidas por culpa do jogo e de sua má cabeça. Julianna inspirou todo o ar que lhe davam seus pulmões, procurando parecer calma, coisa que deixou de estar assim que pousou seus olhos nos de seu irmão que, como de costume, destilavam ódio e raiva.

— Leme... Tal e como me pediu tão cortesmente, vim... E agora me

diga. O que quer?

— Julianna, onde deixaste suas maneiras? É essa forma de saudar o irmão ao qual leva tanto tempo sem ver?

Olhava-a de cima abaixo com tanto desprezo e desdém que Julianna não pôde evitar o calafrio que percorreu todas suas costas como um aviso natural para que se mantivesse em alerta.

— Leme, o que quer? Tenho pouco tempo e tenho que retornar antes que se deem conta de minha ausência.

— Ah, sim... seus amigos... Agora te acotovela com o melhor, ou deveria dizer que agora que você tem persuadido a nossa tia pode acotovelar com o melhor?

Arqueou uma sobrancelha e sorriu com amargura para Julianna.

— Eu não persuadi a ninguém...

Antes de terminar seu irmão lhe gritou: — Sim o fez! E o que eu gostaria de saber é como. — riu de uma forma que começou a pôr Julianna nervosa —. Sim, vamos, diga. Como? Hã... explique-me, tantos anos atrás dessa ditosa mulher e nenhum de nós tinha conseguido mais que algumas palavras de desdém e você, assim do nada, apresenta-te em sua casa e não só te instala nela, como também consegue que se encarregue de ti... te vigie. Roupas caras, montaria própria de uma rainha... Como? Maldita seja! Como?

Sua cara começava a destilar raiva e parecia querer lançar-se contra Julianna. Seu tom de voz, o tremor de suas mãos e esse aspecto assustaram a Julianna, que queria sair dali o quanto antes.

— Não fiz nada e não tenho que te dar explicações de nada, já não tenho que fazê-lo...

De novo a interrompeu: — Hahaha, ah, sim... Agora é livre. Não é assim como o disse a última vez que nos vimos? Queria ser livre para decidir. — De novo riu, mas, nesta ocasião, com um claro tom de desprezo e ressentimento —. Verá, irmã, tenho alguns problemas e você vai me ajudar.

Julianna não parava de olhá-lo para assegurar-se de que não a atacaria, mas não se atreveu a dizer nada, parecia como se seu estado de fúria fosse aumentando conforme falava, assim considerou conveniente não alterá-lo mais.

— Sim, sim. Vais-me ajudar. — Aquilo soava não só como uma ordem, mas também como uma ameaça —. Dado que agora vive como uma rainha, sem custo para ti, não terá inconveniente em me dar todas as atribuições que, até agora, tenha recebido, verdade? — Não parecia querer que Julianna lhe

respondesse, por isso guardou de novo silêncio —. E irá ao advogado, dirá que quer liquidar o dote que nosso pai te deu, posto que já não o necessita.

— Não penso fazer isso. Nem o pense — disse ela com firmeza, embora comesçassem a lhe tremer as mãos.

— Sim o fará, ou sofrerá às consequências.

Sorria como se tivesse esperado essa resposta de Julianna e lhe sustentava o olhar de modo ameaçador e claramente desafiante, como se pretendesse obter que se zangasse para assim ser mais rude e obter maior possibilidade para exacerbar seu mau gênio e tirá-lo frente a ela.

— Não, não o farei. Já não sou uma menina a que possa manipular, nenhuma cria a que possa intimidar com suas ameaças. Já não tem nada com o que me ameaçar, não estou aos cuidados de nenhum de vós e, portanto, não tenho que te obedecer.

Riu escandalosamente, com uma gargalhada horrível, e Julianna sentiu de novo percorrer um calafrio pelas costas. Amaldiçoou-se, porque sabia que estava lhe dando a resposta e as reações que ele procurava e queria.

— Você vai fazer isso, porque sabe que eu não ameaço em vão. Fará o que te peço e já falaremos de como me ajudará no futuro para que essa ditosa velha me considere o herdeiro perfeito.

Esta vez foi ela a que o interrompeu: — Não, jamais! Leme, tire essa ideia da cabeça. Não te ajudarei, nem agora nem no futuro e quero que te afaste de mim.

— Estúpida! — gritou-lhe —. Acha que não posso conseguir o que quero? Vais me ajudar e o fará sem voltar a te queixar e sem me dar problemas. — Ele riu quando tirou um envelope do sobretudo e acenou para ao ar para que visse —. Se acha que não posso conseguir sua cooperação voluntária está errada, irmã. Verá, descobrir que essa garotinha que te acompanha, e que parece desfrutar também da vida que deveria estar vivendo eu, tem um passado turvo.

Julianna não podia acreditar, ameaçava-a com a Amelia.

— De o que está falando? — Sua voz não soou muito confiada, o que fez com que seu irmão ganhasse confiança.

— Umm... vejo que agora sim parece mais disposta a cooperar... Resulta que sua amiguinha é a filha de um nobre da região do condado e de uma das prostitutas do botequim do Candle.

— O que diz? Está inventando isso. No orfanato, os únicos dados dela faziam referência a um bebê achado sem documentação e sem nada que

permitisse sua identificação. Não trate de me enganar.

— De novo demonstra que não é mais que digna filha de seu pai. Sempre te conforma com o primeiro que vê, escutas e lhe dizem, nunca vai mais à frente.

O insulto claro, dirigido só para machucar Julianna através de seu pai, não lhe passou despercebido, mas tentou não perder o controle.

— A diferença de ti, eu investiguei e tenho aqui a declaração da mãe da garota, reconhecendo que é dela, e inclusive o nome do pai... Embora, bom, isto último está por ver, já que a mãe não é mais que uma rameira, claro.

De novo destilava tanto ódio e desprezo ao falar que lhe arrepiava os cabelos.

— E o que é que sugere? O que te dê o dinheiro em troca desses documentos?

— Hahaha... Nem pensar! O dinheiro é por meu silêncio, por não ir contar a ela e não gritar aos quatro ventos o “mau sangue” que corre pelas veias dessa intrusa. Os documentos são minha garantia de que fará o que te ordeno, agora e no futuro.

Estava exultante por seu triunfo, ou isso acreditava, parecia satisfeito além do razoável.

— Essa é somente a declaração de uma mulher. Por que deveria lhe dar mais valor que o de alguém a quem pagou para fazê-la? — respondeu sem saber como.

— Em primeiro lugar, não fiz nada além de pagar por seus honorários ordinários, quem deu com a língua nos dentes foi ela e dos copos a mais que tomou, claro. — riu satisfeito —. E, em segundo lugar, como saberá, basta soltar um rumor sobre alguém para que a dúvida o persiga o resto de sua vida, além disso, como acha que tomaria essa intrusa?

A imagem de Amelia chorando desconsolada lhe partia a alma. Sabia que com ela seu irmão tinha o ás ganhador, mas maldita seja, não podia!

— Não a chame assim! — Esta vez foi ela que gritou e o olhou com raiva nos olhos.

— É o que é! Uma intrusa que se intrometeu na vida que me corresponde, igual a você... — respondeu ele com mais raiva ainda —. Não sabe quanto te odiei todos estes anos. Roubou a minha mãe.

— Ela morreu por uma enfermidade meses depois de eu nascer, não pode me culpar por isso.

— Certamente que posso. Deixou-a tão fraca depois do parto que não

pôde recuperar-se mais... Você a matou! Mas se fosse só isso... E depois de me roubar a mísera herança que devia ter me deixado nosso pai, agora me rouba o dinheiro da velha.

— Papai te deixou dinheiro. O que fez com ele? Além disso, pagou-te o ingresso no exército, não o recorda? Porque eu sim. Teve que destinar tudo o que ganhou no campo durante cinco anos para te dar aquela fortuna... E as dívidas de jogo? Ou acha que outros não sabiam que te tirou várias vezes das confusões nas quais te enfiava?

— Cale-se!

Levantou a mão como se fosse golpeá-la, mas não o fez, possivelmente porque se deu conta de que estavam no meio de um parque público e, embora nesse momento não havia ninguém perto, arriscara-se muito a chamar a atenção.

— É o mínimo que podia fazer. Devia-me isso, ou é que esperava que me dedicasse a trabalhar como ele? Não, não. — Negou, com desdém, movendo a cabeça —. Me corresponde outra coisa... Mas deixa-o já. Vais me obedecer e o fará desde amanhã mesmo. Vais te encontrar comigo aqui dentro de três dias e vai me dar todo o dinheiro que tenha, e o que lhe deem como sua nova atribuição amanhã, que é quando recebe seu ingresso, e depois irás ver o advogado. Não quero problemas. Não o contará a ninguém, pela conta que me deve, e já pode começar a pôr boa cara ou verá o que espera a sua amiguinha. — virou-se sobre o cavalo com intenção de partir, mas antes de fazê-lo agarrou uma das rédeas de Julianna e lhe disse com um tom ainda mais ameaçador —. Obedeça. Vereemo-nos dentro de três dias aqui.

Depois disso partiu, entretanto, Julianna demorou uns segundos em reagir. Sentia tanta raiva que tinha vontade de gritar, mas podia ver a imagem de Amelia, destroçada e chorando. Açoulou à égua e começou a cavalgar sem direção pelo parque à região do bosque. Precisava sentir o ar na cara, precisava sair dali como fosse, precisava... Começou sem dar-se conta a chorar. A impotência, a dor que causaria a Amelia se não obedecia... como podia acontecer? Talvez fosse uma mutreta de seu irmão, era um mentiroso consumado, mas e se não o fosse? Não podia arriscar-se assim com Amelia. Destroçaria-a e, embora pudesse recuperar-se, essa notícia em boca de outros destroçaria seu futuro.

Cavalgava como se fosse a vida nisso e não escutava os gritos de quem a seguia.

— Julianna!, Julianna! — Cliff começou a cavalgar atrás dela depois de

vê-la cruzar o terreno de acesso ao parque cavalgando sozinha e a toda pressa —. Julianna! Para! Detenha-se!

Não o ouvia, não podia, em sua cabeça só ricocheteavam as imagens de Amelia, as ameaças de seu irmão e sua raiva, sua impotência... Tinha que sair dali, ir a algum lugar para pensar. Notou como a égua diminuía seu ritmo, não era consciente do que acontecia ao seu redor, em poucos segundos estava parada com a respiração acelerada e sem sentir nada mais que o ritmo de seu coração e as lágrimas caindo sem remédio por seu rosto.

Cliff deteve a égua de Julianna fazendo um esforço tremendo, agarrando a rédea e freando-a pouco a pouco. Estava tão assustado e alarmado que não o olhou à cara, queria detê-la.

— Julianna! Santo Deus! Aonde ia?

Tinha elevado tanto a voz que inclusive seu próprio corpo deu um coice. Mas foi nesse momento quando olhou sua cara. Estava branca, com o rosto coberto de lágrimas que corriam de forma incontrolada, sua respiração era entrecortada e acelerada e parecia não lhe ouvir. O coração de Cliff começou a martelar alarmado, como se uma pontada de dor lhe atravessasse vendo-a nesse estado. Parecia tão confusa e indefesa que todo o corpo de Cliff se esticou. Sem pensar duas vezes, desceu do cavalo e, agarrando Julianna pela cintura, desmontou-a. Não se opôs, de fato parecia como se não se desse conta do que acontecia, era como uma boneca nas suas mãos, sem vontade, sem consciência. Não o podia suportar. O que tinha acontecido? O que tinha lhe ocorrido para levá-la a esse estado?

Abraçou-a pondo sua cara de modo que se apoiasse em seu ombro. Abraçou-a forte, notando seu corpo tremer, sua respiração afogada e as lágrimas correndo por suas bochechas sem freio. Abraçou-a para que sentisse seu calor, seus braços rodeando-a tentando que sentisse entre eles um pouco de paz, de segurança. Precisava desesperadamente saber o que tinha lhe acontecido para saber o que fazer, como ajudá-la, mas conhecia Julianna, precisava voltar a ser ela, precisava encontrar-se primeiro dentro desse atordoamento e não perguntar, nem insistir para saber. Com isso a pressionaria e lhe infundiria mais angústia, assim decidiu esperar, lhe dar tempo, por muito que isso desse a ele vontade de gritar como um louco. Vê-la assim estava lhe matando, mas tinha que esperar, tinha que esperar.

Essa manhã a caminho do parque estava nervoso, ansioso, mas bem, por ver a cara de Julianna, por conhecer sua reação ante a surpresa da noite

anterior. Desejava escutar sua voz, escutar de seus próprios lábios o que havia sentido, pensado ou desejado depois da surpresa. Queria ver seus olhos, esses expressivos olhos que delatavam tudo dela. Desejava ver sua cara, a expressão de seu rosto e suas mãos, essas mãos que se moviam suavemente em seu colo quando estava nervosa ou preocupada. Tudo isso desapareceu quando a viu ali, montada na égua, depois de conseguir detê-la sem que fosse capaz de ouvi-lo. Estava ali chorando, tremendo, mas estava longe, muito longe. Sua cabeça, seus pensamentos, estava longe dali ou possivelmente não, possivelmente estava ali enterrada sob uma espessa capa de dor e tristeza.

Julianna não sabia onde estava. Não estava em cima do cavalo, já não cavalgava e tremia, sabia que tremia, mas começava a sentir-se melhor, mais tranquila. Era estranho, sentia-se em um lugar familiar, seguro. Depois de um momento começou a respirar suavemente. Seguiu chorando, mas não de uma maneira tão violenta. Começou a voltar a si, a escutar os sons ao seu redor, tinha desaparecido esse estranho zumbido, começava a sentir de novo seu próprio corpo, sua respiração, seus batimentos do coração. Abriu os olhos delicadamente, azul escuro era a cor que via. Esse agradável calor, esse aroma almiscarado misturado com sabão e com essências exóticas, essa agradável sensação de comodidade... “Cliff”, pensou. Sim, estava nos braços de Cliff, sua jaqueta de montar, seu aroma, seu calor, seu corpo amoldado ao seu. Não recordava como tinha chegado ali, mas agora mesmo não lhe importava, não queria, não podia separar-se dele. Por estranho que lhe resultasse, sentia-se a salvo nesse momento e se se movia...

Cliff foi sentindo pouco a pouco como começava a respirar com normalidade, os tremores cessavam, seu corpo já não estava tão tenso e parecia que começava a mover-se por si mesmo. Ela acomodou sua cabeça melhor em seu ombro, o que fez com que Cliff sentisse um delicioso calor em seu coração, sabia que ela era consciente de que estava em seus braços e mesmo assim se acomodou mais a seu corpo. Confiava nele, soube nesse instante e lhe deu uma sensação de paz e de ternura e, ao mesmo tempo, o fez sentir importante, poderoso, único para ela.

Com voz suave, baixou seus lábios, apoiando-os com ternura na parte de seu cabelo que ficava livre a um lado do chapéu e disse quase em um sussurro: — Julianna? Querida... Está bem? Agora estas a salvo, pequena. Está comigo, tranquila, tome o tempo que necessite. Nada nem ninguém vai te incomodar... Shhhhh.

Em sua mente só lhe preocupava ela, embora por um segundo breve rezou para que não aparecesse ninguém por aquela área do parque. Era estranho porque era a área por onde os alunos da escola ensaiavam as marchas militares, mesmo assim era muito perigoso que os vissem nessa posição tão, tão... íntima?

Escutar sua voz, suave, lenta, cadenciosa e que parecia desprender o calor que moderava seu corpo fez com que Julianna pouco a pouco deixasse de chorar. Ouvia o batimento do coração desse forte coração através de sua jaqueta, do colete, da camisa. Esse rítmico som e sua voz a devolveram à Terra. Que estranho era. Somente com seu pai lhe tinha ocorrido isso, e isto era igual, mas ao mesmo tempo diferente.

— Cliff...

Sua voz soava estranha, como um pequeno fio no vento, e não se movia de onde estava, e Por Deus que Cliff não ia deixar que se separasse dele, nem que fosse a vida nisso.

— Tranquila, tranquila... Estou aqui... shhh.

Soava suave, tranquilizador, protetor.

— Estou melhor... é só, é só que... não recordo como...

— Julianna... — Sua voz era pausada, suave, abraçava-a com força, mas com ternura e ela sabia, estava-a cuidando —. O que aconteceu? O que te ocorreu? Onde está seu acompanhante?

— Ummmm... — Negava suave com a cabeça ainda debruçada em seu ombro —. Não, não... Por favor... — Sua voz era suplicante, trêmula.

— Querida... — “Deus! Quanto gosto de chamá-la assim”. Duvidou uns segundos —. Julianna... Por favor. Confia em mim, seja o que for... Por um momento parou, duvidou se era bom pressioná-la —. Julianna, seja o que for que tenha acontecido pode me contar e se não quiser... Bom, recorda que não está sozinha. Tem a sua tia, ao almirante, Max — embora quisesse dar uma patada mental por mencioná-lo, no fundo sabia que devia fazê-lo —, Eugene, Amelia...

— Amelia... — Sua voz soou trêmula, quase afogada...

— Quer que a busquemos? Prefere falar com ela?

— Não! Não! Por favor, não! — interrompeu-o bruscamente e separou seu corpo dele. Não o olhava à cara. Fixou sua vista em seu peito, em sua jaqueta. De novo com a voz trêmula —. Amelia não... Ela não pode saber, não pode... Não, não, ela não, não... Por favor.

“Está assustada, Deus, está assustada. Maldita seja! O que aconteceu? E

por que não quer que Amelia se inteire?”, pensava Cliff, tenso e cada vez mais ansioso.

— Julianna, por favor, me diga o que aconteceu, se não o quer fazer por ti, talvez deva fazê-lo por Amelia. Precisa que a protejamos de algo? De alguém? — Assim que ela levantou a cabeça para olhá-lo nos olhos soube que seu tiro tinha acertado o alvo. Estava preocupada com Amelia.

— Está bem, está bem, Julianna, tranquila. Vou te levar a um lugar onde poderá pensar com calma e, se quiser, falamos. Não pode ver ninguém assim.

Sem pensar duas vezes e sem dar tempo a ela para pensar ou reagir, subiu-a em seu cavalo, tomou as rédeas da égua para amarrá-la e levá-la junto a seu cavalo e montou justo atrás dela, colocando seu corpo entre seus braços e obrigando-a com um leve gesto a apoiar suas costas em seu peito. Não a ia deixar montar em seu estado e não podia permanecer mais tempo ali à vista de qualquer um que passasse.

— Aonde me leva? — perguntou sem muito convencimento.

— A um lugar onde esteja tranquila e possa relaxar, confie em mim.

Levava dias nos quais cada vez que conseguia dizer “confie em mim”, Cliff parecia querer que gravasse isso a fogo no subconsciente de Julianna, como se à força de repetir-lhe finalmente, conseguisse que o aceitasse sem mais, mas nesta ocasião, além disso, levava uma clara conotação de que queria que de verdade fosse consciente de que podia, de que devia, confiar nele nesse momento, ali e agora.

Faltavam uns minutos para chegar a um lugar que Cliff adorava desde fazia muitos anos e que, estava seguro, ninguém, além do seu irmão conhecia. Tinha-o descoberto, por acaso, com ele, um dia de chuva na época em que estudavam em Eton, atrás da cascata da pequena lacuna que havia dentro do bosque. Bom, aquilo não era mais que um charco, bonito, mas um charco. Era impossível que ali alguém os incomodasse.

Enquanto pensava nisso se surpreendeu quando Julianna lhe falou: — Obrigado pela bússola. É, é... é preciosa. — Embora não lhe via a cara sabia que estava ruborizada, e não pôde evitar que em seu rosto se desenhasse um sorriso de pura satisfação. Antes de responder, ela continuou, como se não lhe fazê-lo fosse fazer perder o valor —. O navio estava tão bonito... Parecia uma constelação, mas em vez de estar suspenso no céu flutuava no meio do porto com todos esses faróis... Eram faróis? Sim, sim, certamente, pareciam-no.

De repente começou a dizer sem ordem as ideias que pareciam haver lhe

ocorrido a noite anterior enquanto desfrutava de sua surpresa e Cliff sentiu uma estranha sensação de felicidade e orgulho por ter sido o causador disso, inclusive notou como lhe acelerou o pulso, mas também era nervosismo porque ela estava em um estado evidente de pânico: — A areia... De verdade tem um farol? Não é algo corrente. Bom, possivelmente para um marinheiro... Não, não, mesmo assim... A guardei com cuidado em um pote, para conservá-la. É seu amuleto? Geny me disse que Max tem uma velha bússola como amuleto, porque os marinheiros são muito supersticiosos. E o telescópio é tão bonito. Não me atrevi a tocá-lo, mas vou aprender a dirigi-lo. Oh, não! Talvez queira que lhe devolva, quer? Não sei... Bom, suponho que... Valquírias? Você gosta das histórias escandinavas? Claro, claro que sim, é lógico, é capitão de navio.

Cliff não pôde evitar começar a rir, e que bem lhe fez para baixar a tensão que tinha estado sentindo, estava encantadoramente nervosa, tão docemente nervosa que era enternecedor...

— Julianna. Pare, detenha-se, querida... shhhh...

Sabia que estava experimentando uma espécie de choque e que o único que lhe vinha à mente era a chuva de pensamentos e ideias da noite anterior, porque estaria procurando alguma forma de relaxar. Ele o fazia constantemente quando, justo antes de entrar em batalha, recordava alguns momentos alegres ou de tranquilidade vividos, para afastar o medo e a ansiedade da luta. Mas tinha que reconhecer que essa corrente faladora, essa chuva de ideias, esses nervos, produziam-lhe uma ternura tremenda, mas devia ficar alerta porque em poucos minutos voltaria a experimentar o que quer que fosse que a tivesse alterado dessa maneira. Deteve os cavalos à altura das rochas norte da lacuna, ou charco como chamava Ethan, desceu do cavalo, amarrou as rédeas de ambos a uma árvore e a desceu. Agarrando-a pela mão, sem encontrar resistência de sua parte, guio-a por uma espécie de atalho que os levou finalmente a uma região que se encontrava rodeada de rochas e arbustos. Durante o trajeto, Cliff desejava que não voltasse para seu estado normal de consciência, porque enquanto estivesse assim, um pouco aturdida, deixaria que a levasse até ali sem que se assustasse nem alarmasse, e com o silêncio daquele lugar poderia falar com ela do que tinha lhe acontecido.

Deteve-a em meio dessa espécie de gruta, justo por onde entrava mais luz, e a deixou ali olhando a seu redor. Ele se separou um pouco para lhe deixar espaço, e a observou. Estava preciosa, aturdida, nervosa, mas parecia

que seus avermelhados olhos iam enfocando cada vez mais com mais precisão. Começava a centrar-se com o ruído longínquo da água, o aroma de grama molhada, o som do ar entre as folhas. Era um lugar tranquilo e ele sabia, foi ali para decidir se finalmente juntava-se a Marinha e esteve durante horas sentado sem escutar mais que esses sons e sua própria respiração. Era um bom lugar para ela. Além disso, Julianna, mais que a nenhuma outra pessoa que conhecesse, gostava desses sons da natureza, de bosque e de solidão.

— Julianna... Quer falar? — perguntou com tranquilidade, com voz pausada que retumbava um pouco entre aquelas rochas.

— Não, não, não... — Olhava o chão e negava com a cabeça como se tentasse decidir o que fazer ou como fazer —. Não, não... Só quero, só quero...

De novo começava a ficar nervosa, agarrava a saia com as mãos. Cliff se aproximou pouco a pouco, lentamente. Não disse nada, não chegou a tocá-la, ficou frente a ela a escasso meio metro, olhando-a, queria que sentisse sua presença, que soubesse que estava ali. Ela tinha a vista fixa no chão, estava recordando cada frase, cada gesto de seu irmão, seus olhares.

— Não posso... Não posso... Tenho que...

Sua voz soava quase em um sussurro, como se falasse consigo mesmo. De novo algumas lágrimas começaram a correr por suas bochechas. Cliff esticou o braço, levantou sua cara com uma mão até fazer com que lhe olhasse e secou suas lágrimas com as pontas de seu polegar, suave, lentamente. Julianna notava o calor que desprendia sua mão, o tato de seu dedo percorrendo sua pele. Olhou-o nos olhos, esses olhos que lhe faziam esquecer o mundo que a rodeava e que a desarmavam sem mais esforço que pousar-se nela.

— Cliff...

Sua voz quebrada lhe rasgava a alma.

— Me faça esquecer. Por favor. Faça com que desapareça tudo... por um momento, uns minutos. Faça com que não me machuque...

Essa voz afogada, suplicante, temerosa, bastou para que saltasse como uma mola e a agarrasse. Cliff a abraçou — Julianna...

Nesse instante sabia como lhe fazer esquecer tudo, sabia. Agarrou-lhe a nuca com uma mão e sem soltá-la de seu abraço começou a beijá-la suavemente, com cuidado, deixaria que fosse ela que de um modo ou de outro lhe dissesse que sim. Sim, sim, o fez. Ela respondia, ia deixando levar,

relaxava-se. De repente, Cliff deteve, sem separar seus lábios, sem mover-se, notando sua respiração acelerada, seu fôlego misturado com o seu... estava se entregando a ele. “Bom Deus! É minha, é minha, só minha”. O compreendeu e o decidiu. Tinha que ir devagar, não ia tomá-la ali, e por todos os demônios que ia ter que fazer um grande esforço para não fazê-la sua ali mesmo. Ela merecia mais e o daria. Seria ele quem o daria, mas não ali, não nesse momento, embora sim que conseguiria relaxá-la, levá-la longe como lhe tinha pedido, daria-lhe prazer e desfrutaria no processo. “Deus, o quanto vai gostar disso”, pensou em um segundo. De novo começou a beijá-la, cada vez com mais firmeza. A inocente paixão e sensualidade de Julianna era incrível, transbordante.

Beijá-la se convertia em uma necessidade para Cliff, tocá-la embora fosse um roce, um leve contato, converteu-se em uma verdadeira questão de sobrevivência para ele desde fazia meses, mas agora, esse beijo, essa sensação de vertigem e de poder que lhe produziam seus lábios, seu fôlego, sua língua... Separou seus lábios dos seus e começou a lhe beijar as bochechas, a curva de seu rosto, a linha suave de sua mandíbula. Beijava-a, acariciava-a com sua língua enquanto com suas mãos acariciava lentamente suas costas, sua cintura, seus quadris. Sem deixar de percorrer com seus lábios seu pescoço, a área do oco de sua orelha, foi lhe desabotoando a jaqueta, tirou com uma maestria digna de elogio o cordão da camisa, deixando descoberto a parte superior do espartilho e a curva de seus seios. Desabotoou os primeiros colchetes do espartilho, acariciando com seus dedos a linha rosada do caminho que ia marcando, acelerando a respiração e o pulso de Julianna cada vez mais. Foi descendo lentamente a cabeça acariciando umas vezes com seus lábios ou com sua língua e outras vezes beijando e lambendo, conseguindo com que a pele fosse ficando rosada. Julianna lhe acariciou a bochecha enquanto seguia beijando-a, e pôs a outra mão em seu ombro, porque duvidava que seus joelhos aguentassem muito mais. Cliff notava como ela se derretia enquanto que a ele lhe esticava cada músculo, cada fibra de seu ser. Ardia-lhe a pele só acariciando, mas seu aroma, esse inconfundível aroma, esse tato o excitava tanto que lhe doía, mas ia com muito cuidado. De algo devia lhe servir tanta experiência. Tinha estado com muitas mulheres para não saber como conseguir o que queria, entretanto, com ela, cada carícia, cada beijo, cada gesto era diferente, sensual, sexual e ao mesmo tempo tenro, inocente, puro.

De novo elevou sua cara para apoderar-se de seus lábios enquanto sua

mão se deslizava por seus peitos, abrangendo-os e torturando-os, tocando seus mamilos com os dedos. Voltou a inclinar-se para beijar seus peitos, seus extraordinários e turgentes peitos. Mordiscou seus mamilos um a um e escutou um gemido de prazer de Julianna que o excitou sobremaneira. Deteve-se em seco, levantou a cara, agarrou seu rosto com as duas mãos e, pondo seus lábios sobre os dela, mas sem beijá-los, disse: — Me olhe, querida, me olhe.

Julianna, que tinha os olhos entrecerrados, abriu-os e se encontrou diretamente com os dele. Os olhos de Julianna, uma leve páatina de paixão, velados por um claro manto de desejo, com esse brilho de luxúria acesa nadando na cor mel, excitaram ao Cliff como nunca antes ninguém o tinha obtido. Desenhou-lhe imediatamente um sorriso nos lábios que Julianna notou sobre os seus, olhando ao mesmo tempo esse imenso oceano verde que a atravessava como se fosse papel. Não lhe importava onde estava, não lhe importava nada, só queria perder-se nesse verde e sentir o calor do corpo de Cliff, seus lábios, suas mãos...

— Querida, me deixe te dar prazer, me deixe te dar prazer...

Voltou a beijá-la como se a vida de ambos dependesse desse beijo, como se fosse o último para eles. A pele de Julianna ardia, seu coração ia lhe saltar do peito em qualquer momento, e ainda com isso, não importava nada, somente eles.

Cliff foi pouco a pouco fazendo com que se deitasse sobre a grama sem separar-se dela, sem deixar de beijá-la, sem deixar de acariciá-la. Ela se agarrava a seus ombros e o deixou fazer, não se opôs a que a deitasse, não se opôs a suas carícias, a seus movimentos, porque queria mais, necessitava mais, necessitava-o. Compreendeu de repente. Não só necessitava seu corpo, seu calor, seu contato... necessitava a ele, ao Cliff, seu Cliff. Pôs suas mãos em seu peito e o insistiu a separar uns segundos. Ele se deteve, separou-se uns centímetros dela e levantou a cara pondo-a frente à sua, a escassos centímetros, olhando-se nos olhos, sentindo seus fôlegos entrecortados se cruzando e roçando a pele. Deixou-a olhá-lo. Esses segundos eram importantes, Cliff sabia que tinha que ser ela a que lhe desse permissão para seguir. Ao pôr suas mãos em seu peito e empurrando seu corpo para trás, um pouco, estava-lhe pedindo que parasse só uns segundos.

Ela não se movia nem lhe pedia que se afastasse. Estava decidindo se podia, se devia seguir mais à frente, porque seu corpo, seus olhos e tudo nela lhe diziam que queria, que ela queria tanto como ele, mas ainda essa voz

interna devia estar martelando esse bonito cérebro, lhe pedindo um pouco de cautela, um pouco de sensatez. A cautela que Cliff tinha perdido fazia já muito tempo, a sensatez que tinha deixado estacionada no mesmo instante em que a beijou... Que compridos lhe estavam fazendo esses segundos.

Julianna foi subindo delicadamente uma de suas mãos pelo peito de Cliff, sem deixar de olhá-lo nos olhos, e sua outra mão lhe tocou a bochecha. Um roce, trêmulo, inocente.

— Diga-me, carinho. Diga-me o que quer?

Essa voz rouca, cálida, saindo de seus lábios roçando os seus foi o que estranhamente infundiu um pouco de coragem a Julianna, que com um sussurro cheio de paixão e também de certa vergonha conseguiu dizer, ao mesmo tempo que lhe avermelhavam as bochechas como se a lava nadasse por debaixo de sua pele: — Eu gostaria de... Posso abrir sua camisa?

Cliff sorriu e separou um pouco seus lábios dos dela, queria vê-la bem, queria notar seu sobressalto, seu pudor e, entretanto, sua paixão e sua recém-descoberta luxúria em seus olhos. E gravaria em sua memória esse rosto, esse momento, essa sensação.

Sem dizer nenhuma palavra, agarrou a tremula mão de Julianna e a acompanhou enquanto a ajudava a lhe desabotoar um a um os botões. Não deixou de olhá-la nem um segundo, queria gravar esse rosto, essa inocência refletida em seu rubor, mas também esse desejo refletido em seus olhos. Quando lhe desabotoou todos os botões, deixou que fosse ela que tomasse a iniciativa, pensando em que, se o mero roce de sua mão em sua bochecha o excitava, sua mão lhe acariciando o torso ia levá-lo ao êxtase ou ao maior dos sofrimentos. Separou um pouco seu corpo de Julianna, apoiando-se sobre um de seus cotovelos de modo que ficou sobre ela, apoiado sobre a grama. Ela queria vê-lo e deixaria que o visse e o tocasse. Pousou sua mão diretamente sobre seu peito e suas pupilas se dilataram enquanto foi timidamente descendo o olhar até onde a tinha pousado. Cliff estava a ponto de explodir.

Sua pele era suave, firme, tinha uma leve capa de pelo castanho sobre seu torso, duro, musculado. Desprendia calor e, ao contato de seus dedos, a pele lhe arrepiava levemente, o que produziu uma estranha sensação nela. Era perfeito, tão bem formado, um pouco bronzeado, duro, tão viril e desprendia esse aroma que reconheceria em qualquer parte, esse aroma que acendia seus sentidos como nada mais o fazia, essas essências exóticas... Os olhos de Cliff se entrecerraram, as carícias de Julianna eram uma tortura, uma tortura deliciosa, mas uma tortura. Quando ela elevou a vista de novo para olhá-lo à

cara, Cliff não pôde mais e a beijou com tanta paixão e ânsia que esqueceu o resto. As mãos de Julianna permaneciam em seu peito e as de Cliff foram descendo até seus joelhos levantando suas saias pouco a pouco. Introduziu sua mão entre suas coxas, acariciando a parte interna destas, insistindo-a a abrir as pernas devagar enquanto as acariciava, roçava-a com as pontas de seus dedos entre elas.

Julianna separou um pouco os lábios dos seus procurando ar. Um suave ofego escapou de seus lábios ao notar as mãos de Cliff procurando seu sexo, um gemido de excitação. Mordeu o lábio inferior ao notar os lábios de Cliff em seu peito, ao notar como ia descendo lentamente sua cabeça roçando a pele do estômago, do umbigo, de seus quadris, de todas as partes que ia deixando livres ao desabotoar com uma mão cada colchete, ao separar a seda do espartilho de seu corpo, ao deixar descoberto seu corpo.

— É preciosa. Tão perfeita. Tão doce e sabe tão bem... — sussurrou sobre seu corpo, e ela notou como carícias as vibrações de sua voz.

Outro gemido, mas este de surpresa, ao notar como ele introduzia um de seus dedos e acariciava partes dela que desconhecia. Pôs sua mão sobre a de Cliff. Não sabia para que, a verdade, para pará-lo, para insisti-lo a seguir, para que, não sabia... Tinha deixado de pensar fazia muito, mas ele a afastou com delicadeza e só pôde afundar seus dedos entre seu cabelo. Seu corpo se esticou enquanto ele a torturava com suas carícias, com seus movimentos, jogou a cabeça para trás, curvou suas costas ao notar como introduzia outro dedo movendo-os de um modo que estava lhe fazendo perder o sentido de tudo.

De repente se deteve e ela gemeu, queixando-se como resposta, e Cliff sorriu. Ela o notou. Notou seu sorriso apoiado em seu estômago, insistiu-a com as mãos para abrir mais as pernas, ela tinha os olhos fechados e mordida o lábio com uma mescla de paixão e inocência que excitou ainda mais ao Cliff, que elevou a cabeça, apoiou seus lábios na orelha de Julianna e, depois de beijá-la, disse com uma voz rouca e profunda: — Não te mova, querida. Vou te levar muito, muito longe, me deixe que o faça... o fará? — ficou uns segundos quieto e, quando ela assentiu com a cabeça, com um leve movimento, ruborizada e sem abrir os olhos, ele a beijou nos lábios e voltou a dizer —. Não te mova. Prometido?

Esta vez não esperou resposta, baixou a cabeça e a pôs entre as pernas, e antes que ela tivesse tempo de perguntar, de reagir, de pensar sequer, começou a lhe beijar seu sexo, a acariciar com sua língua, com seus lábios.

Uma dentada e um gemido de Julianna em resposta. Um sussurro suspenso no ar com seu nome, um leve movimento de seus quadris. Estava úmida, excitada e era dela. Cliff começou brincar com a língua, a lamber, a acariciar. Introduziu-lhe a língua, acariciou-a e torturou com destreza e habilidade com os dedos, fazendo-a voar, voar muito longe de ali. Notou quando chegou ao clímax, quando seu corpo ficou quebrado, relaxado, satisfeito. Foi acariciando de novo com suavidade, os quadris, seu estômago, esse precioso umbigo, seus seios. Ela se deixou fazer. Estava exausta. Seu corpo não teria lhe respondido embora o tivesse pedido a gritos. Não sabia quanto tempo tinha passado, Cliff tinha lhe baixado a saia, mas a seguia acariciando e beijando de cintura para acima. Que sensação! Era como se não importasse nada nem ninguém salvo ele, salvo ela, salvo essas suaves, provocadoras e ao mesmo tempo tenras carícias, salvo esse maravilhoso roce.

Cliff se tombou a seu lado e a empurrou suavemente para apoiá-la sobre ele. Apoiou seu rosto sobre seu torso descoberto e a manteve relaxada com suaves carícias, sem ser mais consciente disso que do mundo que os rodeava. Ele a beijou na têmpora e, com o dedo indicador apoiado em seu queixo, insistiu-a a levantar ligeiramente a cabeça para lhe beijar os lábios mais uma vez, docemente. Foi quase como um suave roce. Permaneceram em silêncio uns minutos, abraçados, deitados na grama, ela recuperando esse sentido perdido e ele, simplesmente, abraçando-a, convertendo-se em sua âncora, na pedra que a sustentava no mundo terrestre que ela tinha abandonado por uns minutos. Com um sussurro rompeu o silêncio.

— Isso... isso foi...

Sem nem sequer olhá-la Cliff sabia que estava ruborizada como uma papoula. Começava a voltar para o mundo dos conscientes, a dar-se conta do ocorrido e o acanhamento perdido um momento antes, voltava para ela.

— Shhh... Isso foi só o começo, querida. — Sorriu.

— Ummm... sigo sem confiar em ti — disse ela, com um tom de desaprovação, não com um tom de aborrecimento ou ofensa, mas sim, mas também como o gesto de uma menina pega em flagrante, em plena travessura.

Cliff não pôde evitar começar a rir. Era tão teimosa...

— Sei, querida, sei... mas seguro que mudará de opinião. — E voltou a rir enquanto lhe acariciava o braço que tinha apoiado sobre seu peito de forma distraída.

Cliff deixou passar uns minutos mais, por nada no mundo queria que

aquilo acabasse, sentia-se na glória, e isso que ainda permanecia excitado, dolorosamente excitado. Não obstante, não poderiam permanecer ali muito mais tempo, deviam retornar. Eugene havia lhe dito que contou ao Max, antes de separasse de Julianna, que dariam um longo passeio de pelo menos duas horas. Incorporou-se um pouco para ficar sentados e ajudou a Julianna a colocar a roupa, mas, depois, estando de pé, abraçou-a outra vez.

— Julianna, por que não me conta o que aconteceu?

— Não, por favor, não posso...

Era uma voz doce, mas, entretanto, conhecia-a bem. Encerrava algo que lhe tinha feito mal, muito dano, e embora tivesse oculto seu rosto em seu ombro, estava seguro de que tinha os olhos fortemente fechados. Separou-a um pouco, lhe pondo um dedo sob seu queixo para obrigá-la a olhá-lo.

— Julianna, não está sozinha. Há pessoas que lhe querem, que lhe ajudarão, aconteça o que acontecer — disse com voz firme, segura, mas com um tom muito suave.

— É, é...

Rendeu-se, necessitava ajuda, sabia. Se tratasse só dela, não importava, mas era Amelia... Amelia. Não podia deixar que Leme lhe fizesse mal e, embora lhe pagasse o que pedia, cedo ou tarde lhe faria mal, embora fosse para, através dela, conseguir que Julianna sofresse.

— Está bem, mas...

Foi sentar-se na borda de uma das rochas. Suspirou e tirou uma folha do bolso de sua jaqueta e a ofereceu ao Cliff, que tomou em seguida.

— Recebi essa nota esta manhã. Não sabia qual de meus irmãos a tinha mandado, mas, mesmo assim, não duvidei que tinha que fazer o que pedia. Meus irmãos são, são... — baixou a vista e fechou os olhos —. Não importa. — Fez um gesto com a mão —. Pedi a Geny que me ajudasse e fosse comigo para cavalgar. Não lhe disse nada, não queria preocupá-la. Só lhe disse que necessitava um momento para pensar em ontem à noite... — O olhou, permanecia calado com a nota na mão. Já a tinha lido —. Estava tão contente esta manhã, tão contente...

Cliff sentiu uma onda de amor por ela nesse momento, imaginando-lhe feliz por sua surpresa, feliz por algo que ele tinha feito, mas não disse nada, devia deixá-la falar.

— Mas me entregaram a nota...

Voltou a baixar o olhar e ficou calada. Tinha que insisti-la a seguir e sabia, mas não podia pressionar além do necessário, assim perguntou em um

tom neutro: — Qual deles era?

Voltou a olhá-lo à cara, por alguma razão se deu conta de que ele sabia como eram seus irmãos, embora duvidasse que soubesse até onde eram capazes de chegar, pelo menos Leme. Mas compreendia que seus irmãos eram egoístas, cruéis...

— Leme, era Leme. Quer que lhe entregue todo o dinheiro da atribuição que me deixou meu pai e que, depois, vá o advogado de tia Blanche para desfazer o dote e que lhe entregue.

Com um tom acalmado e pausado, o que certamente era de tudo meritório já que uma fúria incontrolada começava a lhe percorrer as veias, Cliff conseguiu dizer: — Não pode fazer isso, Julianna. É a herança de seu pai.

— Sim, sim posso. Consegui independência de meus irmãos e posso dispor desse dinheiro — respondeu ela mal-humorada, mas não com o Cliff, a não ser com a situação —. É somente dinheiro, e se com isso consigo...

Voltou-se a ficar calada e olhando suas mãos.

— Consegue, o que? — Sabia, soube imediatamente —. Com o que te ameaçou, Julianna?

Enquanto dizia isto não podia deixar de pensar que queria matá-lo. Julianna o olhou com os olhos totalmente abertos, como se compreendesse, como se tivesse lido sua mente só de lhe ver os olhos.

— Não, não, Cliff, por favor, não pode... Não sou eu. Não é por mim, nem sequer sei se é certo, mas não vou arriscar—me, não com... não com...

Soube em seguida, desde que ela mencionou antes a Amelia, compreendeu-o. Esse covarde lhe tinha ameaçado com a Amelia — Amelia? — disse por fim.

Ela o olhou com medo nos olhos. Seria capaz de qualquer coisa para proteger a quem queria e seus irmãos sabiam como era, daí que a atacasse dessa maneira, os canalhas...

— Julianna, seja o que for, podemos ajudá-la, pensa com calma. Poderemos proteger melhor Amelia se me contar o que aconteceu, entre todos encontraremos uma solução.

Tinha razão, mas, por outro lado, e se o que dizia Leme era certo, o melhor seria que ninguém mais soubesse, entretanto, tinha que fazer algo.

— Se lhe conto não pode dizer a ninguém, a ninguém... Promete-o, promete-o!

Cliff a olhou um segundo, sabia que se se negava ela se encerraria de novo em si mesmo e procuraria encarregar-se de seu irmão ela sozinha, e não

podia permiti-lo.

— Prometo-o — disse firmemente —. Não revelarei a ninguém nada sobre Amelia que possa prejudicá-la, agora ou no futuro, mas não te prometo não dizer algo a alguém para ajudá-la.

— Cliff! — protestou, embora soubesse ao que se referia, assim continuou —. Cliff, tem que me prometer, ao menos, que não contará nem a ela nem a outros qual é sua origem, se é que esta resulta ser certo, claro.

— Julianna, às cegas não posso responder, tem que me contar tudo, mas, como te hei dito antes, prometo não fazer nem dizer nada, nem agora nem nunca, que possa prejudicar a Amelia, e isso inclui não dizer nada a ela que não queira que lhe conte.

Aproximou-se dela, sentou-se a seu lado e lhe tomou a mão. Ela suspirou, olhou-o um segundo e logo fixou a vista à frente.

— Suponho que é justo. — Tomou ar para infundir-se coragem —. Quando trouxe Amelia comigo, pedi a minha tia que deixasse que ela ficasse conosco. A essas alturas eu já tinha muito carinho e minha tia, bom, já viu como é. Generosa e boa até o inexprimível. Ela aceitou tê-la conosco, como uma mais. Amelia é muito boa para ser criada ou acompanhante de alguém. Deveria conhecê-la, é preparada, carinhosa, generosa, é muito inteligente e tem um senso de humor pícaro e esperto. É muito doce e tão bonita quando sorri... Quando passarem um par de anos, acredito que teremos que encerrá-la em um convento para lhe tirar os homens de cima. — riu —. Bom, isso diz tia Blanche. — Sacudiu a cabeça —. Enfim, que à tia Blanche aconteceu quão mesmo a mim e não demorou para decidir que seria uma sobrinha mais para ela, assim pediu a seus advogados que arrumassem os papéis para converter-se em sua tutora, inclusive a adotou! Pode imaginar a cara da Amelia quando se inteirou de que tinha uma tutora e que quando se casar terá uma casa própria, dela e de ninguém mais? Chorou como uma semana durante horas. — Voltou a sorrir recordando quando os advogados foram a Saint Joseph para informar-se da procedência de Amelia, se por acaso seus pais viviam e demais. Mas não obtiveram nada. No orfanato só consta que a encontraram sendo um bebê abandonado, sem informação alguma dos quais eram seus pais nem onde nasceu.

— Entendo — disse Cliff —. E, portanto, passou às mãos de sua tia sem problemas ao não haver ninguém que a reconhecesse.

Ela assentiu.

— Leme diz... — Começou a apertar os punhos em sua saia e ao notá-lo

Cliff voltou a lhe tomar a mão para lhe animar a continuar, ela olhou a mão de Cliff na sua e voltou a tomar ar — disse que tem provas de que Amelia é filha de um aristocrata do condado e de uma, uma... prostituta. — Baixou a vista e com ela seu tom de voz —. Cliff, não sei se é certo, nem se é certo que tem essas provas, mas não quero que Amelia se inteire, sofreria, sentira-se menos do que é envergonhada e... embora conseguisse recompor-se desse golpe, a ideia de que possam inteirar-se outros... Isso a afundaria. Sabe que o faria. Teria seu futuro destroçado. — Olhou-o de novo —. Cliff, não me importa o dinheiro, o dou, o dou tudo, o que queira, mas não quero que faça mal a Amelia, embora seja soltando um rumor, inclusive embora não tenha as provas. Mas o que me preocupa é o que acontecerá depois. O que faço quando lhe der todo o dinheiro? Sei que não me entregará essas provas, caso existam, porque com elas tem a ambas em suas mãos... — Começou a lhe correr uma lágrima pelo olho —. Não posso deixar Amelia em mãos de Leme, Cliff, é, é... Leme é perigoso.

A estas alturas a dor no peito de Cliff vendo Julianna sofrer não era nada em comparação com a fúria e a raiva que sentia lhe percorrer o corpo inteiro. “Eu vou destroçar, o vou destroçar”. Ficou de pé e fez com que ela fizesse o mesmo.

— Julianna. Escute-me. Vamos solucionar isto, juntos. E mais, vamos fazê-lo juntos, sua tia deve sabê-lo e me aventuro a dizer que quererá que saiba o almirante.

Julianna protestou.

— Mas...

Pôs-lhe um dedo nos lábios para fazê-la calar.

— Escute, as pessoas que amam Amelia a protegerão melhor se conhecerem o perigo. Além disso, entre todos encontraremos a melhor solução. E de seu irmão, querida, não me importa que leve seu sangue, mas dele me encarrego eu.

A expressão de pura fúria em seus olhos e sua voz firme, segura e cortante, a Julianna, de uma maneira estranha, fizeram-na sentir segura, protegida por esse homem.

— Não irás matá-lo verdade? É um ser desprezível, mas não quero que morra.

Cliff a abraçou e, apoiando seu queixo em sua cabeça, disse-lhe: — Não o matarei porque você não quer que morra, mas não podemos deixá-lo sair ileso disto, isso sabe não é certo?

Ela assentiu, apoiando a cabeça em seu ombro.

— Cliff, por favor, pensa em Amelia. Não me importa com o que me ameace, e me incomodará lhe dar o dinheiro pelo qual tanto lutou meu pai, mas isso não é nada sempre que ela esteja bem. Tem que me prometer que pensará primeiro em Amelia.

Separou-a de novo para olhá-la à cara e disse cortante: — Prometo pensar em Amelia, cuidar dela e me assegurar de que esteja bem. Mas te prometo o mesmo para ti. Não penso deixar que nada nem ninguém te faça mal, nem que te ameace, nem que te tire o que é teu por desejo de seu pai.

Havia tal convicção e segurança em suas palavras que Julianna não soube o que responder, assim o olhou. Cliff esperou uns poucos minutos com ela entre seus braços. Queria que se sentisse a salvo, que compreendesse o que acabava de lhe prometer, mas queria que o sentisse, ali, abraçando-a, a seu lado...

— Devemos retornar. Deixarei-te nas mãos de Max para que lhes acompanhe, como sempre, em casa. E me adiantarei e direi a sua tia que vão as duas para casa do almirante esta tarde para que Amelia não se inteire de nada. Ela pode ficar com Eugene, e ambas estarão à margem de tudo.

Ela voltou a assentir, mas esta vez se aproximou dele e o beijou antes de dizer, quase em um sussurro envergonhado: — Obrigado... e eu adoro minha bússola.

Cliff riu. Sabia que esta era a forma de Julianna voltar a ser ela mesma e de lhe dizer com isso muito mais que um simples obrigado. A vida a seu lado ia ser estupenda, pensou. Era inteligente, sagaz, generosa, mas tinha uma picardia e uma capacidade de valorar até os menores detalhes que lhe davam a certeza de que seria feliz a seu lado.

Depois de montar nos cavalos, e quando Cliff guardou devidamente a nota de Leme em seu bolso, dirigiram-se ao ponto de encontro com Eugene e depois à área das aulas. Max ficou uns minutos falando com Cliff e depois, depois de despedir-se de todos, partiram para casa, onde Julianna fez exatamente o que Cliff lhe pediu.

Não falou mais que uns segundos com sua tia depois de retornar do passeio a cavalo. Acabava de ser informada, só meramente, do ocorrido por Cliff. Sua tia simplesmente lhe informou que acabava de mandar uma nota a Hortford para avisar ao almirante que se reuniriam ali. No almoço, diriam a Eugene e a Amelia que elas tinham que sair para um encontro com o advogado para assim evitar as possíveis perguntas destas.

Julianna estava tão nervosa que não disse uma palavra no trajeto, e sua tia parecia tão furiosa que não quis lhe perguntar ou lhe falar até chegar a Hortford. Entretanto, não se sentia tão tensa como durante o almoço, não tinha a ansiedade de antes. Possivelmente fosse porque sua tia se sentou a seu lado na carruagem e a agarrou sua mão todo o trajeto, possivelmente fosse porque, pela primeira vez em sua vida, contava com outras pessoas para fazer frente a um de seus irmãos, já que jamais contou a seu pai as coisas que lhe faziam para não preocupá-lo, ou possivelmente fosse porque, por fim, tinha aceitado que Cliff apesar das diferenças que os separavam, apesar de que ainda não confiava plenamente nele, apesar dessa voz interior que pedia aos gritos por calma, apesar de tudo isso, era o homem ao qual irremediavelmente amava e ia lhe amar inclusive se ao final essa voz interior tivesse razão e devia afastar-se dele para sempre.

Ambas as damas foram conduzidas imediatamente à biblioteca, onde já as esperavam Cliff, Max e o almirante. Pareciam o que eram, guerreiros à espera da batalha, e embora isso fizesse que por um segundo Julianna esticasse suas costas, ao mesmo tempo lhe inspirou uma sensação de segurança, de amparo, que a embargou por completo.

Ambas se sentaram em uma das cômodas poltronas frente à chaminé, enquanto Cliff e Max permaneceram de pé, apoiados a ambos os lados da mesma, deixando a grande poltrona de couro para o almirante.

O almirante tomou a palavra com decisão.

— Primeiro, Julianna, tem que saber que todos, todos os que estamos aqui, consideramos a ti e a Amelia parte de nossa família e, portanto, faremos o que for necessário para lhes proteger, de modo que não haverá nada que não possa nos contar ou nos dizer, porque jamais permitiremos que algo lhes ocorra.

Julianna só conseguiu dizer com um leve sussurro “obrigado”, tinha o coração na garganta e teve que conter-se para não começar a chorar como uma menina pequena.

— Bem. — Esta vez era tia Blanche a que falava com seriedade, firmeza, mas demonstrando que estava furiosa —. Agora suponho que o importante é como pensar, quer dizer, o que fazemos para que esse, esse...? — Fez um gesto com a mão no ar evitando assim dizer uma barbaridade —. O que faremos para que não se dê bem? E, como faremos para que pague por esta canalhice?

Max e Cliff se olharam sorrindo, ambos entendendo que tinham tido a

mesma ideia. “Se tia Blanche chegasse ao Ministério da Guerra, a Inglaterra jamais teria a oposição de nenhuma nação”.

— Acreditam — continuou o almirante — que o mais conveniente seria deixar que seu sobrinho ache que se saiu bem nesta história, ao menos ao princípio, para que possamos conseguir essas supostas provas, se é que existem. Mas, além disso, uma prova para condená-lo.

— O que quer dizer? Dou-lhe o dinheiro e depois atuamos? — perguntou Julianna olhando-o diretamente.

— Bom, nem todo o dinheiro, é obvio, mas sim uma primeira quantia. A ideia é que uma vez receba essa quantidade, Max e Cliff lhe sigam para ver onde se aloja e depois obrigá-lo a que entregue essas supostas provas, ou certificar-se de que não existam, e mais tarde... Enfim, teremos que nos ocupar dele para nos assegurar de que não o volte a tentar.

— Encarregar-se? — insistiu Julianna.

Nesta ocasião foi tia Blanche quem se adiantou, embora desse um apertão antes na mão de Julianna para lhe inspirar tranquilidade: — Não acredito que possamos deixar que fique impune nesta ocasião, não se quisermos que não volte no futuro a tentar algo semelhante ou inclusive pior. O certo é que Leme é bastante imprevisível, se vê pressionado de algum jeito, e imagino que, neste caso, tem que está-lo para atuar tão abertamente. — Olhou para Julianna —. Querida, não seria a primeira vez que se encontra com dívidas de jogo e sem seu pai para lhe tirar do embrulho como em outras ocasiões... Bom, é possível que se encontre desesperado.

— Eu também acredito que está metido em algum problema. Tinha mau aspecto, como de levar vários dias sem dormir e, à margem de quão zangado parecia e de seu mau gênio, acredito que estava mais nervoso do que é habitual nele, por isso sei que é capaz de tudo... Se chegar até Amelia... — disse Julianna com um leve tremor olhando tia Blanche.

— Nesse caso, compreende que não podemos somente pegar essas supostas provas e deixá-lo ir sem mais, por que quem nos garante que não o tentará novamente ou que lhe ocorra qualquer loucura que seja pior?

Um calafrio percorreu as costas de Julianna imaginando o que poderia fazer se se aproximasse o suficiente de Amelia. Julianna assentiu.

— Mas quando hão dito que iriam se encarregar dele, a que se referem? A levá-lo depois ante as autoridades? Com que provas? Porque se o acusam de chantagem terei que desvelar a causa da chantagem e seria ainda pior... — A voz de Julianna foi se apagando ao final.

— Levá-lo ante as autoridades é um pouco descartado pelos três, ao menos nessas circunstâncias. Isto é algo no que nós três estamos de acordo, já que seria necessário, como você acaba de assinalar, revelar os dados sobre Amelia ou, pelo menos, alguns detalhes e, certamente, vamos evitá-lo a todo custo — assinalou Max ao mesmo tempo que com seu olhar percorria aos pressentes.

Cliff continuou, olhando alternativamente para Julianna e tia Blanche: — A primeira coisa que temos que fazer é pegar essas provas ou nos assegurar de que não existem. Uma vez em nosso poder, deveremos nos certificar de que recebe um justo castigo que, além disso, persuada-lhe de repetir algo semelhante no futuro e, posto que as autoridades ficam descartadas, e também descartamos ir aos superiores no exército de Leme, pois, de novo, deveríamos revelar ao menos alguns dados do que tenta. A opção que nos resta, bom, uma delas, é a da pessoa a quem Leme deva o dinheiro.

Julianna e tia Blanche o olharam fixamente.

— Um prestamista? — interveio tia Blanche.

— Bom, há duas opções. Ou se endividou com alguém perigoso que, embora não seja prestamista, sim lhe inspira o suficiente medo para, como indicava, atuar tão abertamente. Ou foi algum prestamista e este tem que ter começado a pressioná-lo para que pague com urgência. — Meditou em alto o almirante.

— Mas ir a eles? Não entendo. O que vão fazer por nos ajudar? — perguntou Julianna.

— Nada e tudo — disse Cliff —. Se, como acreditam, deve a algum prestamista. Podemos nos encarregar de suas dívidas. De modo que ficaria em nossas mãos e, nesse caso, mandá-lo a prisão por dívida das dívidas e, deste modo, não seria necessário revelar às autoridades nada da chantagem, mas iria a prisão igualmente como castigo.

— Entendo — disse Julianna com a voz afogada ante a ideia de ver seu irmão na prisão. Embora lhe doesse e notasse certa apreensão, no fundo sabia que cedo ou tarde seria quão único o deteria.

— E se a dívida a tem com alguém que não é prestamista? — perguntou tia Blanche.

— Isso complicaria um pouco as coisas, mas igualmente, seria factível uma solução, digamos, silenciosa — disse Max —. Teríamos que saber de quem se trata e nos assegurar de que, depois de receber o dinheiro endividado, deixasse que nós fôssemos os que nos ocupemos dele.

— Como? — insistiu ela.

— Como nos ocuparíamos dele? — perguntou Max, e tia Blanche assentiu —. Bom, uma opção seria a da prisão como moroso, como já assinalamos. Outra opção, nos assegurar, através dos contatos de nossas famílias no exército, de que Leme seja destinado a algum lugar longínquo onde não possa fazer mal algum.

Pelo modo como falava e os olhares que cruzavam os três homens, Julianna sabia que esse castigo iria precedido por algo que eles lhe fariam pessoalmente, mas preferiu abster-se de perguntar, não só porque sabia que estavam fazendo tudo isso para protegê-las, e lhes estava imensamente agradecida por isso, mas sim porque, além disso, começava a ser consciente de que Leme era mais perigoso do que ela recordava, e a ideia de que estivesse solto e à espreita lhe arrepiava os cabelos.

— Logo, propõem que Julianna se reúna com ele dentro de três dias como queria e depois lhe seguirão — confirmou, fiando ideias, a tia Blanche. O almirante assentiu e, antes que algum deles pudesse dizer algo mais, tia Blanche inquiriu—. Suponho que o meditastes e não veem outro modo de proceder mais factível. Entretanto, me preocupa que se reúna de novo com ele, e ainda mais sozinha.

— Me acredite, nós gostamos ainda menos dessa ideia, mas não vemos outra saída, dado que ele insistiu em que não contasse nada a ninguém, de modo que qualquer pagamento deve fazê-lo Julianna se não queremos alarmá-lo ou pô-lo em guarda. De qualquer modo, a reunião com ele será no mesmo lugar, que é um lugar muito público e aberto, o que evita, em princípio, que possa lhe causar nenhum dano diretamente. De todas as maneiras, Cliff insistiu em que vá acompanhada por um dos homens de sua tripulação e, se Leme perguntar, simplesmente, assinalará que é seu cavaleiro, e que você lhe proibiu de mover-se sem ele e que o conseguiu evitar com grandes dificuldades a vez anterior, mas que já não te é possível sem que tia Blanche se preocupe — disse, olhando para Julianna.

— Enquanto isso — continuou Cliff —, seria conveniente que tanto Amelia como Julianna se encontrem protegidas devidamente, de modo que não devem ficar a sós enquanto estejam fora de casa. O almirante propôs a ideia de nos valer dos serviços de alguns de nossos marinheiros da Marinha Real que estão à espera de embarcar. São homens rudes, mas excepcionalmente confiáveis e leais, e com que o peçamos algum de nós, não deixarão que aconteça nada a nenhuma das duas.

— Não tenho nenhuma objeção a respeito — assinalou cortante tia Blanche —. Entretanto, acredito que, enquanto isso, poderíamos também investigar durante estes três dias, possivelmente possamos averiguar tudo o que necessitamos sem necessidade de que Julianna tenha finalmente que reunir-se com ele, além disso, a ideia de ficar sentada esperando que ele dê o primeiro passo, não é algo que me agrade especialmente — acrescentou finalmente em tom solene, como se de uma declaração se tratasse.

— Estou de acordo — confirmou o almirante.

— E eu — acrescentou Max.

— Poderíamos contratar investigadores particulares. Tendo em conta que Leme forma parte do exército, não deverá ser muito difícil encontrá-lo, salvo que esteja se escondendo, em cujo caso, possivelmente lhes custe um pouco mais de esforço, mas sabendo que está em Londres possivelmente possam não só lhe localizar, a não ser averiguar no que anda metido — assinalou Cliff.

Depois de vários minutos trocando algumas opiniões as duas damas partiram e Cliff e Max foram ao clube de oficiais para tomar uma bebida e relaxar.

CAPÍTULO 15

Ao chegar ao clube de oficiais tanto Cliff como Max comprovaram como a maior parte dos presente se voltavam para Cliff para olhá-lo e, depois de tomar assento e pedir umas bebidas ao garçom, relaxaram. Cliff olhou ao redor e perguntou baixando a voz: — Ocorre algo que eu não saiba?

— Umm?

Max levantou a sobrancelha e o olhou fixamente como se estivesse distraído e não tivesse prestado atenção à pergunta.

— Bom... A que vinham os olhares da entrada? Matei a alguém e não me inteirei? — perguntou Cliff enquanto fazia um percurso dissimulado com a vista a seu redor Max sorriu.

— Imagino que se perguntam a que se deve que seu navio estivesse iluminado como um barraco de feira a noite passada. Certamente, é uma tática original para passar despercebido entre os navios inimigos, se for o que estava ensaiando...

Prorrompeu em gargalhadas enquanto via a cara de espanto que punha Cliff.

— Por todos os Santos! Desde quando a Marinha Real se converteu em uma reunião de parteiras viciadas em fofocas? Tão faltos de incentivos e entretenimentos estão os cavalheiros em Londres que algo tão corriqueiro passa a ser o centro de comentários e conjecturas nos salões dos clubes? É que agora os cavalheiros adotarão os costumes das matronas e jovens ávidas de intrigas, de intrometer-se na vida de todos por um mero acontecimento fútil e carente de interesse para ninguém?

— Sendo fiéis à verdade, o que desperta interesse é a identidade da destinatária de semelhante desdobramento romântico — respondeu Max. Cliff levantou as sobrancelhas insistindo-o a esclarecer o comentário —. Reconhecerá, Cliff, que esse... não sei como chamá-lo... Bom, essa iluminação no meio do porto, é óbvio que não se deve a práticas de marinheiros, assim que todos assumem que é um gesto romântico. — Deu ênfase nestas palavras —. O que, vindo de ti, gerou uma grande espera. De fato, se fosse você, me prepararia para a inundação de interrogatórios e veladas insinuações de quantas damas te cruze de agora em diante.

Voltou a sorrir, mas esta vez com um gesto zombador do mais exasperante, pensou Cliff.

— Espera? Reitero-o. Londres está com falta de assunto. — Grunhiu irritado Max riu e continuou: — Vamos, Cliff, desperta interesse o fato de que faça um esforço para conquistar a uma dama, e mais se esse gesto for tão, tão — moveu a mão no ar com gesto excessivamente teatral — evidentemente romântico. O teu, bom, a nossa é mais a sedução, não o romantismo. Além disso, de todos é sabido que nenhum dos dois tem que fazer muitos esforços neste campo. Deixando à margem a modéstia...

— Sim, por favor, deixa à margem a modéstia... — o interrompeu Cliff, tentando falsamente lhe repreender, e Max sorriu de novo.

— Deixando à margem a modéstia... Não é que sejamos dos que necessitam grandes alardes nem gestos grandiosos para conseguir os favores e cuidados das damas. Desde aí a espera ante semelhante desdobramento — disse com um tom brincalhão que denotava o muito que desfrutava —. Além disso, este gesto foi muito evidente inclusive para algumas das mentes mais obtusas de Londres.

— Grrr, maldita seja! Como se não fosse suficiente suportar os interrogatórios e os olhares de minha mãe e lady Adele em casa, agora me assediarão as demais mulheres desta cidade para saciar sua curiosidade e, para o cúmulo, não é mais que a primeira surpresa...

Max riu a gargalhadas.

— E todas são tão, tão... luminosas?

Voltou a rir a gargalhadas contendo com esforço a vontade de mofar-se de um modo um pouco mais direto. Cliff bufou.

— Tenha em conta que não são só as damas que estão espectadoras, também seus maridos e outros cavalheiros... — Fez um gesto com a mão abrangendo todo o salão —. Sobretudo, porque, certamente, estão tentando averiguar que dama foi capaz de arrancar esses alardes de romantismo do maior libertino de Londres, depois de mim, claro.

— Claro. — Voltou a interrompê-lo com um tom condescendente, pondo os olhos em branco.

— Além disso, amigo, imaginarão que deve ser extraordinária a dama em questão para ter obtido semelhante milagre, e todos quererão conhecê-la. De fato, mais de um cavalheiro dos presentes quererá tentar algo com ela assim que a conheçam.

Cliff arregalou os olhos, não tinha pensado que suas “surpresas”

pudessem converter Julianna em um centro de atenção tão excessivo e, em centro de interesse de todo cavalheiro, varão ou crápula da cidade. E só tinha começado! Teria que reavaliar algumas de suas surpresas para que ficassem em um âmbito mais... privado. Mas algumas... Voltou a grunhir. Cliff olhou para Max com o cenho franzido.

— Está te divertindo, verdade?

Max soltou uma gargalhada.

— O certo é que sim. O único inconveniente é que, se jogarem o laço de maneira definitiva, todas as matronas, mães e mulheres solteiras acreditarão que é possível trazer de volta ao redil a todos e isso lhes dará um maior incentivo esta temporada. — Fez um brusco gesto com os ombros como se tivesse sentido um calafrio —. Imagina? Deste-lhes asas. Só por isso o convido a outra taça — disse, levantando a taça de conhaque que acabava de apurar.

— De modo que além de me converter em um alvo andante de graças e brincadeiras tenho que assumir meu castigo como se merecesse isso? Vá amigo você está feito. — Levantou a mão para um dos garçons lhe insistindo a trazer duas taças mais.

— E bem? No que consiste sua surpresa de hoje? — perguntou Max levantando ambas as sobrancelhas —. Ethan me contou esta manhã, quando cruzei com ele na Academia da Cavalaria, que você não perde suas roupas, você as incendeia.

Cliff o olhou elevando as sobrancelhas, pois claramente o comentário tinha captado sua atenção.

— Encontrou Ethan esta manhã?

Max assentiu dizendo: — Tinha ido ver a égua que vai dar de presente a lady Adele por seu enlace. Levou-a a Academia para que o capitão Harrington a treine um pouco. É uma puro sangue espanhola magnífica. Falei-lhe das que Blanche comprou às jovens da família e, como lhe pareceu um bom presente para sua prometida, apresentei-lhe ao dono da manada de éguas, mas não me inteirei até esta manhã que, finalmente, adquiriu a uma das mais jovens.

— Se junta a Ethan! E logo burlam de mim.

Cliff sorriu pensando nas brincadeiras que seu irmão poderia lhe fazer agora para lhe devolver as das últimas semanas.

— E bem? — aguilhoou Max.

— E bem? — devolveu Cliff.

— A surpresa... — Max fez um gesto com a mão em círculos no ar para lhe insistir a falar.

— Desde quando é tão curioso? — Cliff perguntou com tom de inocência —. Pois se tanto interesse tem... — Se inclinou para diante como se fosse fazer uma confidência o que Max imitou —. Terá que esperar para vê-la. — Sorriu agradado.

— Vá, homem! Eu te ajudando de uma maneira tão generosa e altruísta que inclusive começo a notar o peso de meu aro de luz na cabeça, e você me devolve assim. Muito bonito — disse com uma expressão ofendida, embora rindo, enquanto se incorporava de novo para agarrar a taça que lhes acabava de trazer o garçom.

Depois de uns minutos em silêncio degustando o conhaque Cliff disse com voz baixa: — Embora não o tinha planejado, acredito que esta noite farei uma visita a Julianna. Quero me assegurar de que está bem. Depois de hoje, acredito que deveríamos tentar com que se sinta segura... Maldito canalha! — Pensava em Leme com fúria lhe percorrendo o sangue.

Max ficou calado uns segundos e, olhando-o fixamente, com muita seriedade, perguntou: — Uma visita?

Cliff simplesmente levantou os ombros e pôs os olhos em branco. Max se endireitou em seu assento.

— Cliff! Recordo-te que me prometeu atuar corretamente. No que se refere a Julianna, mas te vale que comece a pensar em mim como um irmão protetor e muito, muito vingativo.

Cliff sorriu ante a reação de Max, mas com um tom tranquilo lhe disse: — Não se preocupe, quero me assegurar de que está bem, só isso. Tenho uma estranha sensação desde esta manhã, como um nó no estômago.

“E no coração”, pensou.

Max relaxou um pouco, mas, ainda sério, disse: — Cliff, compreendo-te, seriamente, mas... recorda que é Julianna. Mais te vale ir com cuidado por ela. Por ti e por sua integridade física... Ainda mantenho o costume de ter minhas armas à mão. — Falou sério, mas com certa camaradagem entre eles.

— Não se preocupe, Max. De qualquer modo, sabe que quero me casar com ela.

— Sim, sim..., mas quererá ela? — perguntou ele com certo tom de advertência na voz.

O jantar essa noite foi um pouco estranho. Tia Blanche atuava com uma

serenidade e uma naturalidade que não fez a não ser fazer com que Julianna sentisse uma enorme admiração pelo aprumo de sua tia. Ela tentou que não lhe notasse nem o nervosismo nem a preocupação que ainda sentia, mas esperava que tanto Amelia como Eugene o atribuíssem aos efeitos da surpresa da noite anterior. E, certamente, este último não era difícil, já que, assim que pensava em Cliff, o que era a cada dois minutos, ficava vermelha e sentia a pele lhe arder. Vinham-lhe à cabeça as imagens, as sensações dessa manhã. Estava desejando acabar o jantar para encerrar-se no dormitório e pensar em todo o acontecido. Sentia como se tivessem passado semanas desde que se arrumou a primeira hora na penteadeira, tinham acontecido tantas coisas em tão poucas horas que estava afligida, aturdida, preocupada, mas, estranhamente feliz também. “Estou ficando louca?», pensou enquanto tomavam o chá depois do jantar.

Entrou em seu quarto, ia um pouco distraída e não foi até que se sentou na penteadeira quando viu no espelho o reflexo de uma enorme caixa de madeira colocada em cima de sua cama com um envelope lacrado sobre ela. Virou-se ao mesmo tempo em que entrava sua donzela para ajudá-la a desvestir-se, em seguida compreendeu que devia deixá-la sozinha, assim, sem dizer nada, voltou sobre seus próprios passos. Julianna se aproximou da cama e pegou a caixa para imediatamente ler:

Minha querida Julianna: Como marinheiro, passei grande parte de minha vida olhando as estrelas, as seguindo e lhes permitindo que guiassem meu destino. Com este presente espero que todas as estrelas do firmamento lhe guiem ao destino que você merece e, para que possa as interpretar, entrego-te alguns dos instrumentos que me acompanharam em minhas viagens: um nocturlabio[1][2][3][4] todos são pressentes de meu pai quando me nomearam capitão de meu primeiro navio.

Por favor, aceite-os como amostra de meu mais sincero carinho para ti.

Teu para sempre,

Cliff de W.

Por favor, olhe pelo telescópio.

Não sabia o que era que mais desejava, se abrir a caixa ou ir correndo ao balcão, mas já que estava ali abriu com cuidado a enorme caixa de madeira, continha os três instrumentos de navegação detalhados na nota, mas igual à bússola eram especialmente bonitos, eram obras de ourivesaria, não só instrumentos náuticos. Eram tão bonitos como úteis e se prometeu aprender a

utilizá-los o antes possível. Acariciou-os um a um e os observou com verdadeiro interesse contendo a respiração. Depois de dedicar uns minutos a cada objeto, saiu ao balcão. Preso ao telescópio havia outra nota:

Ártemis é a deusa grega da Lua. Sempre tive uma deusa que guiava minha volta ao lar em minhas longas travessias, que me fazia sonhar com sua luz e seu brilho nas solitárias noites a bordo de algum de meus navios... Para minha Ártemis, minha deusa da noite, a deusa que fazia com que sonhasse com ela enquanto olhava a lua da coberta, me perguntando se, nesse momento, nesse preciso instante, outra pessoa, no outro lado do oceano estava olhando a mesma lua, o mesmo céu...

Igual à noite anterior, Julianna se inclinou e olhou através do telescópio. Outro navio, ainda mais imponente que o anterior, e este, em vez de estar iluminado com faróis, tinha presos por todo o navio lanternas de cor vermelha. Deteve-se para observá-lo em detalhe, era como os que tinham visto em um dos postos da zona industrial de Londres, lanternas de papel gastos de algum país do Oriente. A imagem era preciosa, de novo era como uma constelação no meio do porto, com cada pau, cada vela perfeitamente desenhada graças a elas. De novo havia algumas colocadas na parte lateral do casco, Ártemis, leu. “Ártemis, deusa da lua”, repetiu mentalmente.

Ficou um longo momento no balcão deleitando-se com a vista, contemplando cada detalhe, cada lanterna, cada luz presa de alguma corda, de algum gancho ou de alguma madeira. Era surpreendentemente bonito. Durante todo esse tempo Julianna cantarolava e sorria.

— Essa é uma das coisas que eu mais gosto de ti.

A voz de Cliff soou a suas costas. Sobressaltou-se e se virou. Ali estava apoiado no corrimão do balcão, sorrindo com os braços cruzados e a vista fixa nela.

— O que? Como? — Julianna olhou a seu redor —. Como chegaste até aqui? Não acredito que minha tia tenha permitido...

Não deixava de lhe sorrir enquanto ela gaguejava de assombro desconcertada.

— Subi por ali.

Cliff assinalou a lateral do balcão e Julianna correu a seu lado, inclinou-se um pouco pelo corrimão e depois o olhou com os olhos muito abertos.

— Subiste pela trepadeira? — disse, e ele simplesmente encolheu os ombros —. Está louco? — Cliff riu —. O que faz aqui?

Cliff estendeu um dos braços e com o polegar acariciou a bochecha de Julianna, que não sabia como reagir, e com voz muito suave se limitou a responder: — Queria me assegurar de que estava bem. Além disso, estava morrendo de saudades.

— Não... não deveria estar aqui.

Mesmo que soubesse o incorreto da situação não se moveu um ápice, como se seu corpo se negasse a afastar-se dela, que continuava simplesmente com o corpo apoiado, relaxado e sorridente em seu balcão!

— Ninguém me viu. — riu quietamente —. Eu gosto quando cantarola. Sorri e te ilumina o rosto.

De novo lhe acariciou a bochecha, conseguindo com que Julianna se acendesse como aquelas lanternas.

— Não estava cantarolando. — Baixou um pouco a vista envergonhada —. Ou sim?

Cliff riu de novo com um som que provocava rios de emoções correndo por todo o corpo de Julianna. Era um som que despertava cada parte de seu ser e que chamava à Julianna mulher.

— Fazia-o, querida, igual à quando te encontrei no bosque aquele dia, cantarolava algo enquanto caminhava distraída. Eu gosto do som de sua voz e a forma como parece te perder em seus pensamentos quando cantarola inconscientemente, põe uma expressão muito doce.

— Eu... eu... — Estava ruborizada até o infinito, notava as bochechas tingidas e os olhos acesos. Quando lhe falava dessa maneira, com essa voz cálida, tenra esquecia o resto —. Suponho que é das coisas que herdei de meu pai. Ele também o fazia, quando passeava pelos campos. Eu gostava de caminhar a seu lado em silêncio escutando sua voz rouca, cálida, familiar, era... não sei, suponho que era ele.

Encolheu os ombros e baixou o olhar com gesto inconsciente de acanhamento.

— Pois espero que não pense em trocar esse costume porque eu adoro te escutar.

Com dois dedos debaixo do queixo lhe levantou o rosto, obrigando-a a olhá-lo diretamente. Sorria, com esse sorriso que conseguiria derreter qualquer coração e lhe brilhavam tanto os olhos com essa espécie de picardia, pareceria um menino travesso se não fosse porque o resto dele desprendia esse ar de lobo perigoso, faminto e dominante.

Ela ficou em silêncio observando esses olhos verdes, encantada por eles,

notando o calor que desprendia seu corpo, notando seu fôlego quente, sensual lhe roçando o rosto. Sorriu e olhou de soslaio ao telescópio e de novo a ela.

— Me diga, gostou de sua surpresa?

Julianna assentiu, mas se obrigou a tentar dizer algo medianamente coerente.

— Ártemis?

— A deusa da lua. — Aproximou seu rosto ao de Julianna e com seus lábios roçando os dela continuou —. Minha deusa da lua...

E, então, beijou-a. Não foi mais que um mero roce, suave, leve, quase uma promessa, e depois começou a percorrer seu rosto com o nariz acariciando delicadamente suas bochechas, a linha de sua mandíbula, obrigando-a a arquear um pouco as costas e a jogar a cabeça para trás até que começou a beijá-la no pescoço, na base da orelha, no lóbulo lhe dando uma pequena dentada.

— Guiava-me todas as noites. Levava-me para casa. Dizia-me com a luz da lua, com esse brilho, que retornasse, que voltasse para ti. Sabe, tem que sabê-lo. Leva muito tempo guiando meu destino, minha vida, meu coração.

Seguia beijando-a e com cada beijo Julianna ia perdendo um pouco de prudência, de controle, de consciência...

— Não o entendo... Não me conhecia... — disse ela com a voz entrecortada.

— Julianna. Acredito que te conhecia, desejava-te, desejava-te inclusive quando não tínhamos nascido... — Sua voz soava rouca. No fundo não queria lhe mentir, assim que se obrigou a reconhecer algo mais que isso. Levantou sua cara e a olhou fixamente—. Julianna, acreditaria se te dissesse que te entreguei meu coração no dia que te vi com sua capa vermelha no bosque, mas que minha alma e meu destino lhe pertencem há muitos anos, embora eu não sabia? Como poderia sabê-lo?

Cliff esperou durante uns segundos uma resposta enquanto ela parecia assimilar com calma o que acabava de escutar, como se meditasse sobre o que essa espécie de declaração implicava.

Separou-se suavemente dele, um pouco e sem deixar de olhá-lo. Foram uns segundos que para Cliff pareceram eternos, temia havê-la assustado, ter forçado a situação, haver-se precipitado.

— Está me dizendo que me quer? De verdade? — Ela baixou a vista de novo e sacudiu a cabeça suavemente a ambos os lados e, antes de dar a oportunidade a Cliff de falar, continuou —. Isso... isso não tem sentido.

Você... você... Eu... Não... Quer dizer... Nós não... — Sua voz se ia apagando como se pensasse em voz alta, como se tentasse entender o que escutava.

Não podia deixá-la pensar, não podia correr o risco de que se assustasse. Cliff tomou-a em um abraço e com uma mão de novo a obrigou a levantar o rosto e a beijou, firmemente, com desejo e paixão, mas também com doçura e desejo. Julianna não resistiu, mas ao princípio simplesmente se deixou levar até que depois começou a responder, a devolver cada carícia dos lábios, a tomar como seus os lábios de Cliff, sua boca, seu calor... Levantou os braços e agarrou com suas mãos a nuca e os cabelos de Cliff. E ele lentamente foi deslizando suas mãos por suas costas, por seus quadris, mais perto, mais perto, seus corpos não estavam já perto um do outro, mas sim se tocavam até o ponto de poder notar mutuamente os batimentos acelerados de seus corações. Cliff se obrigou a levantar a cabeça, a interromper uns instantes o beijo, queria lhe ver o rosto, o rubor da paixão, os olhos acesos e com o véu da paixão e da chama que ele tinha aceso. Precisava lhe ver o rosto, precisava assegurar-se de que não resistia a ele, de que sua mente não retrocederia.

Julianna suspirou antes de abrir os olhos. Conseguia lhe fazer esquecer até quem era, onde estava e tudo o que os rodeava. Esse homem a desarmava com um mero contato. Era perigoso para ela e sabia. Mas... acabava de lhe dizer que a queria? Não podia ser, não tinha sentido. E se fosse certo, o que se supunha que significava? O que esperava dela? Enquanto lhe amontoavam todos esses rápidos pensamentos na cabeça, seu coração resistia a deixar de pulsar com força e seu corpo ia a seu próprio ritmo. Um ritmo marcado pelo dele. Um ritmo que marcava cada uma de suas carícias, de seus beijos, de seu contato. Ao abrir os olhos e encontrar os seus olhando-a com essa força, com essa intensidade, parecia-lhe impossível resistir. Respirou fundo tentando recuperar-se das emoções e das sensações que lhe provocava, que a aturdiavam e que a deixavam sem sentido. Estava entre seus braços, incapaz de mover-se, incapaz de resistir. Tinha que separar-se dele, um pouco, só um pouco. Baixou os braços para pôr as mãos entre eles e fechando fortemente os olhos o empurrou delicadamente para desfazer-se de seu abraço. Ele não o impediu.

— Cliff...

Baixou a cabeça ainda com os olhos fortemente fechados. Não sabia o que dizer nem como explicar-se. Levava várias semanas rendida ante a ideia de que estava apaixonada por ele, mas compreendendo as diferenças entre eles, os mundos quase opostos aos quais pertenciam. Além disso, não podia

deixá-lo de novo aproximar-se até o extremo de voltar a ver-se desprotegida, ainda não se sentia capaz de confiar nele até o extremo de pôr em suas mãos seus sentimentos, seu coração. Não queria voltar a sentir-se tão impotente, tão alheia ao controle de sua vida e de seu destino como antes de partir do condado, vendo-se aproximada a tomar umas decisões precipitadas pelos acontecimentos ocorridos alheios a seu controle, a sua vontade. Começava a compreender que o que Cliff lhe provocava era uma maré de sentimentos, de sensações que era incapaz de controlar e inclusive de compreender e isso... a assustava. Deu dois passos atrás com os olhos fechados, incapaz de enfrentar esses olhos verdes. Aturdida, assustada.

— Não. Não me quer... Não sei o que desejas de mim ou o que esperas, mas não me quer, não pode me querer... Não posso...

Sua voz saía quase em um sussurro, débil, dúbia, assustadiça. Cliff voltou a se aproximar dela, mas ao notar sua proximidade Julianna levantou a cara e abriu os olhos.

— Por favor, por favor, não me toque... Não posso pensar se me toca, não consigo...

De novo sua voz saía quase em um sussurro. Mas Cliff não se deteve e de novo a abraçou suavemente, apoiando seu queixo na cabeça de Julianna.

— Julianna, por favor, não se assuste, não se afaste de mim... O que é que teme? É certo que te quero, carinho. Fui um néscio ao não o compreender quando devia, mas agora sei e me alegro de compreender o que isso significa. Quero-te, pequena. Amo-te, adoro-te com cada fibra de minha alma e de meu ser. Não deve temer que te queira, porque não deixarei que nada te aconteça e que ninguém te faça mal, nem sequer eu. Se não me quiser, conseguirei que me queira. Se não puder confiar em mim, conseguirei que confie em mim embora me custe a vida. Não te afaste de mim outra vez e não me peça que me afaste, não posso, é impossível viver separado de ti.

Cliff notava como ia abrindo seu coração de maneira inevitável. Tinha que fazê-la compreender quanto significava para ele, o muito que a necessitava, o muito que a queria. Voltou-lhe a levantar a cara com uma mão.

— Me olhe, pequena, me olhe, por favor. Abra os olhos...

Ela os fechava com força, não se atrevia a enfrentar a esses olhos que a deixavam sem fôlego, sem vontade.

— Por favor, céu, abra os olhos — insistiu com voz firme —. Tem que sabê-lo, pequena, tem que senti-lo. É o que quero, quão único quero. Desejo-te, necessito-te, amo-te, Julianna. Por favor, me olhe.

Com os olhos fechados Julianna começou a tremer em seus braços enquanto algumas lágrimas começavam a percorrer suas bochechas. Cliff ficou uns segundos olhando-a.

Julianna sentia cada batimento do coração de Cliff enquanto o rodeava com seus braços, sentia seu fôlego em seu rosto e as vibrações de sua voz enquanto lhe falava. Confusa pelos sentimentos que apareciam ao escutar que a queria, a ela. Esse homem perfeito, belo, forte, inteligente, dizia-lhe que a queria. Sua voz se colocava debaixo da pele, suas palavras lhe chegavam diretamente ao coração. Incapaz de abrir os olhos sentia seu olhar fixo nela. Ao final, incapaz de resistir, as traiçoeiras lágrimas que uns minutos antes ameaçavam sair finalmente explodiram e uma brutal sensação de indefesa e de pânico lhe percorreu o corpo provocando que tremesse.

Por fim abriu os olhos e se encontrou com os dele. Estavam cheios de doçura, de ternura, de... amor? Por uns segundos sentiu uma pontada no coração que a atravessou deixando-a sem respiração.

— Por quê? — conseguiu perguntar.

Os olhos de Cliff se entrecerraram como se não compreendessem.

— Por que te quero? — perguntou com suavidade.

Julianna assentiu, mas em seguida negou com a cabeça.

— Sim. Não... por que me quer? E por que deveria acreditar em ti? Confiar em que me diz a verdade, não no que acha que posso querer escutar?

Aí estava de novo, a jovem sensata, tímida, que durante anos se guiava e conduzia com supremo cuidado pelo mundo que a rodeava e que se protegia de outros depois de um forte muro de cautela e proteção. Cliff compreendeu imediatamente que o que lhe perguntava ia além das simples palavras, precisava confiar nele antes de lhe abrir seu coração, antes de entregar-se sem reservas, necessitava tempo e ele o daria.

— Julianna, quero-te por muitas razões, por muitos motivos, mas nenhum deles tem importância, já que a única verdade é que o que não posso fazer é não te amar. Não lhe querer me resultar do todo impossível. A verdade, a única verdade, é que te amo como nunca acreditei que pudesse amar alguém, como nunca acreditei que fosse possível amar em realidade. — Beijou-lhe com ternura o cabelo e esperou uns segundos —. Julianna, pequena, não tem que confiar em mim ainda, te darei tempo, esperarei o que necessite, esperarei uma vida se me pedir isso, mas sei que ao final seu coração te dirá quão mesmo a mim o meu. Você e eu nos pertencemos. Sei o que sente, porque de outro modo jamais teria me deixado me aproximar de seu coração.

Permaneceu abraçando-a, desfrutando de seu calor, de seu doce aroma, dessa sensação de plenitude que lhe provocava sua proximidade. Ela era capaz de fazê-lo se sentir tranquilo, sereno embora por dentro a paixão e o desejo lhe queimassem a pele.

Julianna ficou quieta entre seus braços com uma luta de sentimentos, de pensamentos, de desejos e sensações em seu interior e, apesar deles, sentia-se estranhamente em paz, segura entre seus braços. Seu corpo se amoldava tão bem ao dele. Com a cabeça ainda apoiada em seu peito e com o leve movimento de seu peito balançando-a suavemente, Julianna foi assimilando cada palavra, cada promessa encerrada nelas. Elevou a cabeça para poder olhá-lo.

— Cliff?

— Me diga, pequena — lhe respondeu enquanto inclinava a cabeça.

— Promete-me me dar tempo? — perguntou com um fio de voz.

— Tudo o que necessite. Tudo o que queira. — Ela assentiu. Mas tomou o queixo com a mão e a beijou com doçura na bochecha —. Prometa-me que não te afastará de mim. Só me prometa isso.

Julianna voltou a fixar seu olhar em seus olhos e compreendeu que não podia negar-se a essa promessa, porque, embora lhe pesasse, ela também o necessitava perto. Assentiu deixando que o fôlego de Cliff a enchesse por completo, lhe embriagava seus sentidos. Sustentou-lhe o olhar uns segundos e voltou a beijá-la com ternura, simplesmente roçando seus lábios, as rosadas bochechas, a curva de seu pescoço.

Em poucos minutos a pele de Julianna ardia e seu pulso se acelerava com cada roce, com cada carícia de seus lábios. Cliff começava a notar a excitação de seu corpo, a rigidez de seus músculos, a dureza de seu membro. Obrigou-se a deter-se, porque se não se controlasse, acabaria tomando-a ali mesmo, no balcão. Separou sua cara de sua cálida e suave pele e suspirou.

— Julianna, se não me detiver agora não respondo por mim mesmo. Será melhor que parta, mas — tomou seu queixo entre dois dedos e voltou a olhá-la firmemente — nos vemos amanhã. Virei lhes buscar para acompanhá-las para montar.

Ela arregalou os olhos.

— Nos buscar? Mas...

— Shhh, não discuta. Sua tia consentiu em que, a partir de agora, Max e eu lhes acompanhemos nos passeios. Além disso, assim poderei desfrutar mais de sua companhia.

Ela enrugou a testa e respondeu, inclinando brincalhona a cabeça.

— Por que tenho a sensação de que tem deslumbrada a minha tia? Utilizaste suas artes de sedução, como diz Geny, com ela?

Ele riu, por fim relaxado, desfrutando dessa capacidade de Julianna de acalmá-lo, de apaziguá-lo, inclusive nos piores momentos.

— Acredito que sua tia Blanche é impossível de seduzir. É muito sagaz para isso. Embora acredite que deveria ter umas palavras com lady Eugene... é uma jovem muito inteligente.

Riu com essa risada alegre e aberta que Julianna tanto gostava.

— Bom, conhece muito bem as mutretas de Max e, pelo que ela e minha tia dizem, são muito parecidos. Muito encantadores, inclusive para seu bem.

De novo ele riu sem soltá-la de seu abraço, o que provocava em Julianna um desejo irrefreável de seguir brincando com ele para sentir sua risada em cada um de seus movimentos, não só no rouco som que saía de seus lábios.

— Possivelmente tenham razão.

Ele sorriu sem deixar de olhá-la, desfrutando da ternura que lhe provocavam seus gestos, sua inocente perspicácia e essa inteligência brincalhona que empregava para burlar-se dele.

— Cliff? — Falou com certo acanhamento, apoiando de novo seu rosto no oco de seu ombro.

— Me diga, pequena.

— Eu adorei meus presentes, obrigado.

— Me alegro, pequena.

— Me ensinará a utilizá-los?

Ele se separou e, agarrando seu rosto com ambas as mãos, respondeu aproximando-a de novo: — Prometo-o. — Beijou-a de novo nos lábios com desejo, com posse —. E você tem que me prometer que virá comigo para navegar.

Levava semanas sonhando tendo Julianna na coberta do navio, abraçando-a sentindo a brisa do mar envolvendo-os, observando as estrelas em mar aberto, em plena liberdade. Ensinar-lhe essa parte dele, de seu mundo, precisava compartilhá-lo com ela, porque somente ela seria capaz de apreciar essa selvagem liberdade que lhe chamava sem cessar. Por fim tinha uma oportunidade para lhe propor ver essa parte dele e ia aproveitá-la.

— Levaria-me para navegar? Contigo? Seriamente? — perguntou com um risonho toque de ilusão e esperança em sua voz.

Os olhos lhe brilhavam tanto que Cliff se viu neles, a emoção de

aventurar-se ao desconhecido, de entrar no mar. Disse a si mesmo que seria a perfeita companheira em suas viagens, sabia, sempre soube. Vê-la com a emoção refletida no rosto o excitou, encheu-o de luxúria e satisfação.

— Levaria-te ao fim do mundo, pequena. Se me deixar, te mostraria o mundo inteiro.

Sorriu ante a imagem de Julianna compartilhando com ele meses em alto mar, em seu camarote, com ele, só com ele.

— Seria um sonho! — respondeu em uma explosão de emoções, de sonhos infantis feitos realidade. Cliff a levaria com ele, acabava-lhe de dizer que a levaria com ele! Sentiu uma emoção e alegria inusitada percorrendo todo seu corpo da cabeça aos pés —. Papai dizia que a vida dos marinheiros era muito dura, mas porque ele foi pescador em sua juventude e dizia que era um trabalho muito duro e perigoso. Mas depois falava do muito que sentia falta do mar, o aroma de sal no ar, o brilho da água quando o sol começava a elevar-se ao amanhecer. Acredito que teria gostado muito de voltar a navegar... — Suspirou enquanto parecia que dirigia seus olhos às lembranças —. Eu me deitava no campo vendo as estrelas, me perguntando como seria as ver em céu aberto, no mar, balançada pelo navio, com o ar salgado de que falava meu pai. — De novo fixou seus olhos nos de Cliff —. São diferentes, verdade? A lua, o céu, as estrelas...

Cliff sorriu.

— Veem-se distintas, sim, é difícil de explicar. — Acariciava—lhe a bochecha enquanto falava, brilhavam-lhe os olhos espectadores, iludidos, tanto que todo o rosto de Julianna parecia brilhar. Cliff estava extasiado, interiormente se dizia que devia ser o ser mais afortunado da Terra por poder desfrutar dela, e quando a tivesse entre seus braços, nua, debaixo dele em seu camarote, seria uma autêntica delícia —. Tudo parece brilhar de outra maneira, mais selvagem, mais livre, mais natural... sim, tudo é diferente.

A abraçou e se deixou levar apoiando de novo seu rosto nesse oco de seu ombro que já era dele, que parecia feito para ela. Teve que recordar-se onde estavam de novo, assim que se separou delicadamente dela.

— Deveria partir já. É tarde e não devem me encontrar aqui.

Apoiou-se no corrimão e elevou a perna para dispor-se a tirar o corpo e subir de novo.

— Vais descer pela trepadeira? — perguntou com os olhos muito abertos.

— Sim, salvo que tenha uma escada. — Desafiava-a arqueando uma sobrancelha.

— Mas... — Olhou ao chão de novo apoiando-se no corrimão —. Está bem. Você que sabe — disse meneando a cabeça.

Cliff estendeu o braço para lhe acariciar a bochecha pela última vez e tirou todo o corpo do balcão agarrando-se às tranças das ervas daninhas.

— Não se preocupe, pequena, levo muitos anos subindo por mastros, vergas e catracas. Isto não é muito mais difícil.

Ela arqueou uma sobrancelha como sinal de incredulidade e ele riu enquanto descia lentamente. Julianna se apoiou no corrimão.

— Cliff!

Ele levantou a cabeça para olhá-la de baixo, já que levava um corpo de descida.

— O que? — respondeu e, antes que ela dissesse algo mais, escutou-se um golpe seco —. Arrggg — grunhiu do chão.

— Sinto muito! Machucou-se? — perguntou alarmada de acima sem poder vê-lo, percebia uma sombra na quase escuridão do jardim.

— Não, tranquilo, só meu orgulho se viu gravemente prejudicado — grunhiu.

Ela riu do balcão.

— Acredito que, depois de tudo, há coisas que não se aprendem no mar. — e riu mais ainda.

— Umm, e eu acredito que te reclamarei uma recompensa pelo risco e outra por suas graças — disse ele de abaixo.

Ela voltou a rir.

— Boa noite. Espero que, ao menos, seu orgulho ferido e você saibam chegar em casa, sãs e salvos.

— Boa noite, donzela cruel.

Julianna ficou um longo tempo no balcão escutando seus passos afastando-se na escuridão. Com uma estranha sensação de felicidade e medo em seu corpo. “Este homem é capaz de me hipnotizar”.

Ao entrar na sala do café da manhã percebeu que o olhar de tia Blanche deixava claro que queria falar com ela e fazê-lo em privado, mas também transmitia tranquilidade, por isso, antes que as demais advertissem sua presença, lhe fez um gesto de compreensão e sua tia lhe devolveu um dissimulado sorriso atrás da xícara de chá que sustentava.

— Bom dia a todas — disse Julianna enquanto as cabeças das mulheres se voltavam para ela.

— Oh, Julianna, vê-te muito linda com essa cor.

Amelia se referia ao traje de montar que Julianna usava, é obvio, confecção de Madame Coquette.

— É certo, querida. Na verdade, o vermelho é uma cor um pouco atrevida para um traje de amazona, mas realmente te favorece. Terá que reconhecer que Madame tem um extraordinário olho para esses detalhes — continuou Eugene.

— Obrigada. Reconheço que tinha certo reparo em usar este traje, mesmo gostando muito, acredito que é muito chamativo. Não acha o mesmo, tia Blanche?

— Ao contrário, querida, é realmente encantador, acredito que te favorece muito o vermelho. É certo que é uma cor um pouco atrevida para uma jovem de sua idade, mas como é para montar acredito que é alegre e vivaz. É obvio, não o aprovaria para um traje de noite, mas me parece um risco acertado neste caso. Está muito favorecida.

— Obrigada, tia. — ruborizou-se ante o olhar realmente eloquente de aprovação de sua tia.

Para ser sincera, o tinha posto porque durante a noite tinha recordado os passeios com seu pai, algumas tardes frente à chaminé com ele e algumas lembranças da infância compartilhada em sua companhia, e com elas o desejo de colocar a capa vermelha que lhe deu de presente. Por ser uma peça um pouco informal para passear pela cidade não podia usar por muito que gostasse, recordou outro dos desenhos ainda sem estrear de Madame Coquette. O traje vermelho de amazona, com um original desenho à última moda e que a costureira só tinha confeccionado para ela, para sua surpresa, já que o viu quando o entregaram em casa junto com outras encomendas pedidas por sua tia, a qual foi uma das grandes instigadoras de algumas peças mais atrevidas de seu novo guarda-roupa.

Certamente as três jovens luziam uns trajes que destacavam os encantos de cada uma, e nas três, Madame Coquette empregou materiais, cores e detalhes deliciosos, originais e em ocasiões atrevidos. Sua tia Blanche dizia que as três jovens causaram um grande impacto na costureira e que elogiou, quando estiveram a sós, o encanto, a doçura e a simpatia das três, mas, especialmente, o que determinou a conquista pessoal da costureira foi o trato, a relação cordial, carinhosa e vivaz entre as três jovens a primeira vez que foram ao seu atelier, quando, com acanhamento, mas também com simpatia, não pararam de brincar entre elas e com a própria costureira. Daí que esta

houvesse posto especial atenção, lhes reservando alguns dos melhores desenhos e tecidos só para elas.

Tia Blanche adorava essa mulher e, pelo que Julianna observou a primeira vez que as viu conversando, o sentimento era mútuo. Ambas provinham de famílias humildes, eram mulheres fortes, vitais e, o que era mais importante, decididas. Conheciam-se desde antes que Madame Coquette ganhasse o título honorífico de melhor costureira de Londres e, conforme comentaram em uma ocasião, tia Blanche foi sua primeira cliente e a que apostou em sua oficina, solicitando a seu marido, quando ainda vivia, que a financiasse em seus difíceis inícios. Por sua parte, tia Blanche se assegurava de que os mercantes de seu marido, quando traziam tecidos de alguns dos países com os quais comercializava, reservassem a Madame Coquette os melhores itens de sedas, rendas e tecidos brocados. E isso era algo que Madame Coquette nunca esqueceu. Julianna sabia, igual a Eugene, que o vestuário que as três iriam usar essa temporada ia causar muito alvoroço. Inclusive Julianna, que não entendia muito de moda, era consciente disso e, embora a punha um pouco nervosa ser o centro dos olhares dos desconhecidos, embora fosse pelas peças que usasse em cada momento, não podia a não ser reconhecer que gostava de todos e cada um dos desenhos que vestia. Sentia-se feminina e inclusive desejável e, pela primeira vez em sua vida, não desejava esconder-se pelas esquinas. Embora tampouco desejasse ser o centro de atenção, pois isso seguia aterrando-a sobremaneira, mas não lhe importava que algum olhar se pousasse nela, sempre e quando fossem olhares isolados e fugazes. Por muito que seu caráter se fortaleceu, seguia sendo uma garota tímida e de rubor fácil.

— Pois, para lhes ser sinceras, acredito que esse traje verde de Eugene é, sem dúvida, mais bonito que este. Lhe cai muito bem e os detalhes das mangas e do sutiã são realmente elegantes — disse Julianna, admirando o traje de Eugene, quem com um deslumbrante sorriso respondeu: — É precioso, verdade? Estava-o reservando para hoje.

Ante esta resposta tanto tia Blanche como Julianna arquearam as sobrancelhas e deixaram as xícaras de chá em seus pires.

— Para hoje? — perguntaram quase ao unísson.

— Sim. — Assentiu com a cabeça e um inconfundível sorriso de diversão —. Hoje deverão montar conosco minha prima lady Adele e seu prometido lorde Ethan. Max disse-me isso ontem. Lorde Ethan comprou uma égua para minha prima como presente de compromisso e a entregará esta manhã,

acredito que montarão pelo parque hoje e a condessa irá em seu faeton, para melhorar a veremos também.

Todas ficaram olhando.

— E se sabe desde ontem, como é que estava reservando o traje para esta ocasião? — perguntou Julianna perspicaz.

Eugene se ruborizou.

— É que sei, de boa fonte... — Olhou ao seu redor — . Por Max, é obvio.

— É obvio — murmurou tia Blanche com os olhos entreabertos e todas riram.

— Bom, pois Max me havia dito que a condessa e lady Adele estavam desejando ver nossos trajes novos de amazona. Pelo que comentavam, Madame se negou a desenhar trajes como os nossos a nenhuma de suas clientes, e todas as damas da alta sociedade comentam nos salões esta exclusividade, perguntando-se a que clientes reservou essa honra. — riu travessa —. E como nós não passeamos pelo Hyde Park como a maioria, somos, sem querer a fofoca das damas e ainda por cima um enigma que tratam de resolver.

Ante este comentário tanto ela como tia Blanche riram, enquanto Amelia e Julianna se olhavam assombradas e desconcertadas por ser, sem querer a fofoca e o centro de curiosidade da sociedade de Londres por um detalhe tão tolo, a seu parecer, como peças de vestir para montar.

— Como sabem a condessa e lady Adele que somos nós as que usamos esses desenhos se não nos viram? — perguntou Julianna de novo.

Tanto tia Blanche como Eugene riram e disseram forte: — Max!

Tia Blanche, divertida, continuou: — Queridas meninas, me deixem que lhes diga que, apesar de que é certo que muitas damas convertem a fofoca, os falatórios e as intrigas em um modo de vida e inclusive em uma arte, têm que ter presente que os cavalheiros não ficam atrás a respeito. Em seus clubes, comentam cada detalhe, cada deslize, cada insinuação, com a mesma voracidade e avidez que as mais ilustres fofoqueiras de nossa sociedade.

Nesse momento começaram todas a rir e fazer tolos comentários sobre os homens e seu costume de ir aos clubes a falar de suas “tolices”. Sem dúvida alguma Julianna era consciente que a frivolidade da conversa era respirada por sua tia e que isso se devia a que queria que tanto ela como Julianna baixassem a tensão a que estavam submetidas, além disso, assim podiam dissimular melhor sua preocupação frente às duas moças.

Com um pigarro da entrada da sala, Furnish chamou a atenção de todas:

— Senhora, lorde Rochester e lorde De Worken esperam às senhoritas à entrada com suas montarias preparadas.

— Oh, bem. Vá, queridas, acredito que nos atrasamos. Por favor, Furnish, lhes diga que em seguida sairão. — E enquanto partia para seguir as indicações ela olhou às três —. Bom, senhoritas, subam correndo para pôr seus chapéus e luvas e não façam seus acompanhantes esperarem.

Julianna ficou sentada junto a sua tia.

— Mely, por favor, poderia descer minhas luvas? Estão sobre a cama. Eu gostaria de tomar rapidamente outra xícara de chá, ainda estou um pouco sonolenta.

— Claro!, Em seguida descemos — respondeu ela da porta.

Quando saíram se virou de novo para sua tia.

— Julianna, acredito que o melhor será seguir atuando com elas como até agora. — Julianna assentiu —. Até dentro de dois dias não podemos fazer muito mais, já pusemos a várias pessoas para investigar, por isso pouco ou nada mais podemos fazer, embora, sim eu gostaria que prestasse muita atenção ao seu redor, que tenha especial cuidado, querida. O melhor é ser precavidas.

— Farei, tia, prometo-o.

— Esta noite é o baile da condessa de Tulipa. Isso nos permitirá estar um pouco mais distraídas e possivelmente possamos evitar que, com toda a agitação, Amelia e Eugene notem algo. De qualquer modo, tome cuidado e, por favor, te assegure de não ficar a sós nunca.

A voz de tia Blanche certamente desprendia preocupação, inclusive desassossego e isso pôs em alerta a Julianna, embora procurasse parecer serena e tranquila a seus olhos.

— Está bem, tia, não se preocupe. Procurarei extremar a precaução e irei com cuidado.

Levantou-se, deu-lhe um beijo na bochecha e esperou no vestíbulo que Eugene e Amelia descessem. Depois de terminar de colocar os últimos complementos de seu traje, as três jovens saíram onde lhes esperavam de pé junto às montarias Max, Cliff e vários cavaleiros que lhes acompanhavam. Ao ver tanta gente Amelia perguntou: — Aconteceu algo? Por que nos acompanham três cavaleiros?

— Não aconteceu nada. Ontem tia Blanche leu no jornal que houve uma onda de roubos nas proximidades da escola e não quer que vamos sozinhas.

Julianna se surpreendeu da rapidez com que pôde mentir e olhou para

Cliff e Max que, ao achar-se a uma distância suficiente para escutar sua resposta, fizeram um gesto de assentimento quase imperceptível para que soubesse que aceitavam a espontânea explicação. Max em um sedutor e desenvolto tom assinalou, fazendo um teatral gesto com a mão para abranger às três: — Sem dúvida alguma, formam o mais delicioso grupo de amazonas de toda a Inglaterra.

As três riram ante semelhante adulação.

— Max! — disse Eugene —. Deveria ter vergonha, praticar conosco seus ardis de sedutor.

— Querida irmã, não preciso praticar, só acaso, aperfeiçoar.

Olhou-a com esse ar de fantasia de diabo que fazia com que Eugene risse enquanto se virava para Amelia para ajudá-la a montar.

— Bom dia, Amelia. Hoje está encantadora, se me permite dizê-lo.

Com isso Max conseguiu ruborizar Amelia que lhe sorria com ternura.

— Obrigada — respondeu quase em um sussurro.

Julianna começava a suspeitar que o encantamento de Amelia com Max era mais que um mero amor e, embora fosse ainda muito jovem, e Max, de momento, tratava-a como uma irmã pequena, poderia requerer em um futuro de certa atenção. Mas, por agora, deixava que os fraternais cuidados dele ajudassem Amelia a conseguir confiança no trato com cavalheiros.

Cliff se colocou junto à Julianna e a acompanhou até sua montaria e, sem que ninguém percebesse, enquanto lhe colocava as mãos na cintura para poder levantá-la, sussurrou-lhe ao ouvido depois de um leve beijo atrás da orelha: — Está preciosa. Recordame à primeira vez que te vi passeando pelo bosque com sua bonita capa vermelha.

Sem mais, elevou-a antes que ela dissesse algo, embora enquanto lhe ajudava a colocar o pé no estribo lhe lançou um olhar e um sedutor sorriso que fizeram com que se ruborizasse ainda mais.

Tentando que não lhe notassem os nervos e o aquecimento que o contato com Cliff acabava de lhe provocar, iniciou rapidamente a conversa enquanto os dois cavalheiros se colocavam em seus cavalos.

— Geny nos comentou esta manhã que hoje contaremos com a companhia de seu irmão e de sua prometida, comandante.

— Ah sim? — respondeu —. Pois tenho que dizer que é a primeira notícia que tenho. — Olhou Eugene com ar desenvolto.

— Max se encontrou com seu irmão ontem pela manhã, milorde, e lhe comentou que pensava unir-se a nós em nosso passeio. Não é assim, Max?

Max, que nesse momento se encontrava distraído vigiando Amelia e sua montaria, que parecia um pouco nervosa ao ir rodeada de um grupo tão grande de cavaleiros, demorou um pouco em responder.

— Oh, sim, perdoem — disse enquanto aproximava um pouco seu cavalo ao de Amelia com a clara intenção de assegurar-se de que fosse mais segura —. Acredito ter comentado contigo que me encontrei com ele, não, Cliff?

— Sim — respondeu rápido —. Mas não recordo que me informasse desses planos.

— Oh, nesse caso, me desculpe, estava distraído. Ethan quer que lady Adele se familiarize quanto antes com a égua, e lhe sugeri que o melhor era utilizar as instalações da Academia. Certamente, são melhores que o Hyde Park, que sempre está muito cheio. Embora me consta que lady Adele é uma excelente amazona, adaptar-se a uma nova pode levar alguns dias. É mais prudente fazê-lo longe da correria.

— Sim. Além disso, estava desejando ver nossos trajes — respondeu Eugene alegre.

— Os quais, tenho que dizer, são dignos de todo elogio e exaltação. — Recolheu rápido a luva de adulação procurada por Cliff.

Eugene riu satisfeita disso e piscou o olho a seu irmão.

— Estiveste um pouco lento, Maxi. — Olhou pícara a seu irmão.

Max pôs os olhos em branco e fez uma careta de brincadeira a sua irmã.

— Como é que me chama Maxi quando fico branco com suas brincadeiras? Deveria te descer de sua montaria e te dar um par de açoites, mucosa insolente.

Eugene riu ainda mais, lhe lançando olhadas cúmplices.

— Não te atreveria, adorei muito para isso.

— Não me tente. Ainda posso te dar algumas lições de comportamento e respeito e endireitar esse teu caráter. — Max franziu o cenho em um falso gesto de aborrecimento.

Ao longo dos escassos quinze minutos que separavam o caminho da Academia, ambos os irmãos foram lançando-se brincadeiras e alguns comentários que conseguiram fazer Amelia rir.

Cliff olhava Julianna de lado a todo o momento, notando que ia abstraída e muito calada, e de vez em quando olhava ao seu redor como assegurando-se de onde estavam e com quem, além disso não tirava os olhos de Amelia. Sem dúvida estava preocupada. Essa manhã, com a visita de seu irmão e sua prometida, não poderia afastá-la do grupo, mas não pensava afastar-se dela

nem um instante. Preocupava que Leme a vigiasse e, mais ainda, que tentasse aproximar-se dela se a visse sozinha em algum momento.

Ao chegar à entrada, Max guiou o grupo à zona das pradarias do norte com intenção de ir cavalgar por aquela região.

— Julie...

Amelia a chamou com um tom trêmulo e a olhou um pouco assustada, pensando que não ia poder cavalgar com os outros. Julianna foi no mesmo instante até ela e lhe disse suavemente para que só ela a escutasse: — Não se preocupe, céu, como eu tampouco sou uma amazona perita, podemos ir as duas juntas um pouco mais devagar.

Amelia a olhou e assentiu, sorrindo timidamente, mas antes de dar-se conta tinham a cada lado Max e Cliff, enquanto Eugene se adiantava um pouco em direção a lorde Jonas que, nesse momento, dirigia-se para eles.

Max grunhiu ao vê-lo e Cliff riu.

— Acredito, “Maxi”, que vais ter que começar a limpar suas pistolas...

— Começou a rir mais forte enquanto Max lhe lançava um olhar furioso.

— Era o que me faltava. Além de tudo ainda tenho que ouvir suas brincadeiras... — grunhiu de novo e olhou em direção ao Jonas ao escutar a voz de sua irmã saudando-o —. Nesta escola seus cavaleiros não têm nada para fazer? — disse franzindo o cenho, o que provocou o efeito contrário ao desejado, já que seus três acompanhantes começaram a rir sem parar.

— Bom dia, milorde, milorde, senhorita McBeth, senhorita Amelia — os saudou cortês lorde Jonas ao chegar à sua altura com um leve gesto de cabeça, e com o mesmo gesto responderam todos —. Acabo de cruzar com seu irmão, milorde. — Olhava para Cliff —. Pediu que lhes transmitissem sua intenção de reunir-se com nosso grupo na pradaria norte no caminho de acesso, ia ao estábulo com lady Adele para recolher sua montaria.

— Perfeito — respondeu Cliff —. Nesse caso, senhoritas, pomo-nos a caminho?

Todas assentiram e, quando açularam seus cavalos para adiantar-se, lorde Jonas fez um gesto com a mão, assinalando aos cavaleiros e perguntou em voz baixa em direção a Max.

— Ocorreu algo?

Cliff sorriu ante a rápida percepção do moço, certamente não era nenhum juvenzinho atordoadado.

— Milorde — respondeu Max no mesmo tom baixo —. É possível que, durante uns dias, seja necessário ter um pouco mais de conhecimento das

senhoritas McBeth, pois temos motivos fundados para acreditar que poderiam ver-se, digamos que, acossadas por certo indivíduo com não muito boas intenções. — Açoulou suavemente seu cavalo e incitou aos dois a fazer o mesmo, pois as jovens já lhes levavam um pouco de vantagem —. Entretanto — o olhou sério como querendo lhe advertir —, nem a senhorita Amelia nem lady Eugene conhecem esta circunstância e é de vital importância que sigam assim.

— Entendo-o. Se puder fazer algo me digam, de qualquer modo procurarei estar alerta. Mas, se me permitir um conselho, milorde. — Max assentiu enquanto arqueava uma sobrancelha —. Estamos em uma escola de cavalaria. Acredita que é boa ideia que lacaios, que claramente não são tais, andem armados de um modo tão evidente?

Cliff e Max olharam de soslaio aos três lacaios que iam perto das moças e tiveram que admitir que se notavam claramente as armas nos flancos dos três e, além disso, que por seu aspecto era inegável que eram mais que simples lacaios. Cliff riu e, com ironia, disse ao Jonas: — Jovem, é digno irmão. Muito perspicaz. São homens de uma de minhas tripulações, nos quais confio plenamente. E sim, tem razão, não têm muito aspecto de lacaios. — Voltou a rir, negando com a cabeça ante o absurdo daquela situação, pois era muito claro inclusive para uma pessoa carente de experiência nessas lides, mas Max e ele estavam tão absortos em outras questões que não prestaram atenção aos detalhes.

— Será melhor que avancemos, já que as damas começam a ganhar muito terreno, mas tem razão, milorde, diremos aos três que levem as armas em algum lugar menos evidente — adicionou Max.

Depois de uns minutos se aproximavam da zona de encontro combinado e, da distância, viram que junto a lady Adele e lorde Ethan se encontravam três cavalheiros e uma jovem dama.

— Não é lady Eleanor a dama que se encontra junto a lady Adele? — perguntou Eugene com a vista fixa no grupo que se aproximava.

Max e Cliff fixaram a vista nela e foi Max o que respondeu, e jogou um olhar ao Cliff que também o olhou falhando.

— Sim, acredito que sim, e a seu lado estão seu irmão lorde Rayne Bruster e lorde Marcus Trenford, e Ronald, marquês de Furlington, irmão de lorde Jonas. — Olhou com o cenho franzido ao Jonas, que não se deu por aludido —. Pura casualidade... — De novo olhou ao Cliff de soslaio.

— Estudaram contigo, Max? — perguntou Eugene — Lorde Rayne e

lorde Ronald sim eram companheiros de Cliff e meu, e lorde Marcus o era de Ethan, já que ambos são um ano mais velho que nós. Assim sim, todos fomos companheiros em Eton.

Max respondia enquanto Cliff chiava os dentes dissimuladamente. Os três cavalheiros não só eram velhos companheiros de estudos e amigos a não ser, além disso, companheiros de clube e, atualmente, três dos solteiros mais cobiçados de Londres, sem mencionar que também eram conhecidos, igual a Cliff e Max por seu êxito entre as mulheres e sua predisposição a elas. E embora o irmão do Jonas fosse, conforme lhes tinha informado, anunciar seu compromisso em breve, os outros dois eram uns lobos.

Eugene olhou para Amelia e Julianna e lhes explicou enquanto seguiam avançando lentamente para o outro grupo, que lady Eleanor era uma velha amiga da infância de lady Adele, e que, igual a elas, assistiria a muitas das festas e bailes, pois esta seria sua segunda temporada. Era conhecida por seu imenso dote e por descender de uma das linhagens mais antigas da Inglaterra, mas, porque seu anterior prometido, um conde irlandês, rompeu seu compromisso umas semanas antes das bodas para casar-se com outra das debutantes do ano anterior que, conforme contavam as más línguas, esteve —o perseguindo sem trégua inclusive depois de anunciar o compromisso. Além disso, as bodas entre eles foram tão precipitada que muitos duvidavam que não fosse tampar um possível escândalo. Eugene também disse a ambas que, embora não conhecia lady Eleanor muito, pois tinha coincidido com ela em um par de eventos, sua prima lhe tinha especial carinho e sempre que falava dela o fazia em términos muito elogiosos e aprovadores. Max interveio assinalando que, depois do escândalo provocado pelo abandono de seu compromisso, ela se comportou com uma admirável dignidade e com muito aprumo, o qual era digno de elogio dadas as circunstâncias e, os falatórios e comentários cruéis aos quais teve que enfrentar durante meses depois daquilo. Cliff corroborou que era uma mulher de grande aprumo e de um agradável caráter que não mereceu semelhante humilhação, por isso esperava que fosse melhor essa temporada.

Julianna procurou não fixar a vista nela para não deixá-la incômoda ou que se precavesse de que tinha sido o centro da conversa, mas sentiu uma enorme simpatia pela dama inclusive antes de ser apresentada. O costume nos povoados eram as fofocas ou falatórios da gente humilde.

Assim que se colocaram frente a seus novos acompanhantes, Cliff e Max mudaram seus semblantes, pareciam que se preparavam para a batalha, o qual

se fez mais evidente assim que o visconde, o marquês e o duque fixaram seus olhos nas três jovens, especialmente em Julianna, a qual olhavam quase embevecidos, pensava Cliff.

— Bom dia, cavalheiros, lady Adele, lady Eleanor.

Cliff inclinou a cabeça com cortesia e olhou com dureza a seu irmão.

— Bom dia, Cliff — respondeu sorridente Ethan —. Max, lorde Jonas, lady Eugene, senhorita McBeth, é um prazer voltar a vê-la.

Julianna se limitou a fazer um gesto de assentimento com a cabeça enquanto Ethan virou suavemente para Amelia e, levantando a sobrancelha, olhou a seu irmão, lhe indicando que apresentasse a jovem, porque, embora tivesse ouvido falar dela, ainda não lhe tinha sido apresentada formalmente.

— Perdoe-me, irmão. Ethan me permita te apresentar à senhorita Amelia, a jovem pupila da senhora Brindfet.

— Senhorita Amelia, é uma honra conhecê-la por fim, falaram-me muito bem de você. Por favor, me permita lhe apresentar a minha encantadora prometida, lady Adele.

Amelia se ruborizou e com acanhamento respondeu: — A honra é minha, milorde, milady. — Fez um elegante gesto com a cabeça, o que provocou um sorriso de orgulho em Julianna.

Nesse momento, lady Adele pigarreou suavemente e procedeu a fazer o que parecia que nenhum dos irmãos nem Max queriam fazer.

— Me permitam lhes apresentar a nossos acompanhantes. Lady Eleanor, uma muito querida amiga, e seu irmão lorde Rayne Bruster, o visconde de Morray, e os cavalheiros a sua direita são lorde Marcus Trenford, duque de Dommer, e Ronald Wellington, marquês de Furlington. Elas são, como acabam de escutar, a senhorita McBeth, a senhorita Amelia, e a minha prima lady Eugene acredito que já a conhecem.

Os cavalheiros fizeram uma gentil e perfeita saudação com a cabeça, mas centraram seu olhar em Julianna, o que fez com que esta não só se ruborizasse mas sim, além disso, removesse-se um pouco em sua sela, incômoda pela forma como a olhavam.

Tanto Max como Cliff endureceram o rosto, claramente irritados, mas foi Max o que tomou a iniciativa de novo.

— Senhoritas, cavalheiros, acredito que o melhor é que nos ponhamos em marcha, já que nossas montarias parecem desejosas de fazer exercício.

Sem resposta todos aceitaram a sugestão, virando e começaram a trotar suavemente em direção à pradaria. Tanto Cliff como Max adotaram

protetoras posições junto à Amelia e Julianna, já que, deixando a ambas cavalgar juntas no centro, eles se colocaram a ambos os lados das damas, enquanto eram seguidos imediatamente por lady Adele, lady Eleanor, lady Eugene e Ethan. Atrás deles lhes seguiam os quatro cavalheiros.

— Adele, é magnífica! — assinalou Eugene referindo-se à égua.

Lady Adele sorriu realmente satisfeita.

— Obrigada, certamente foi uma enorme surpresa e o melhor dos presentes de compromisso. — Olhou agradada a seu prometido, lhe dedicando um enorme e caloroso sorriso.

— Querida, é o mínimo que merece, mas me alegra em extremo saber que te agrada o presente — respondeu Ethan adulator, lhe devolvendo outro carinhoso sorriso —. Tenho que reconhecer que a ideia foi de Max, quem, além disso, facilitou-me sua compra.

Max, que escutava atento, virou um pouco a cabeça para dirigir-se ao grupo de trás.

— Concede-me excessivo mérito, de qualquer modo, foi um prazer ajudar.

— Muito bem, querido — respondeu com um sorriso lady Adele —. Tenho que dizer que estou maravilhada com seus trajes, são inclusive mais espetaculares do que tinha ouvido. Acredito que começo a desenvolver um tremendo sentimento de inveja.

Eugene riu.

— Obrigada, prima. Realmente estamos muito contentes com eles e são francamente cômodos.

Nesse instante Eugene fez um leve movimento para fazer com que Max se movesse de modo que as três damas se colocaram em seguida à altura de Amelia e de Julianna que ficaram justo ao lado de Eugene.

— Pois, volto a insistir, tenho-lhes uma tremenda inveja. — riu lady Adele —. Mas confessem, por favor, como conseguistes que Madame Coquette lhes faça essas maravilhas.

As três jovens riram, olharam-se e ao unísono disseram: — Tia Blanche! — E começaram a rir com sincera alegria.

— Senhorita McBeth, o traje que usa é especialmente bonito. É muito elegante, por favor, dê meus mais sinceros parabéns a Madame Coquette a próxima vez que a veja. Superou-se a si mesma — insistiu lady Adele.

— Muito obrigado, milady. Farei com supremo gosto — respondeu Julianna ruborizando-se.

— Estou de acordo, querida senhorita McBeth, você é o perfeito exemplo de beleza e elegância — adicionou Ethan com um tom de pícaro sedutor.

Imediatamente Julianna adquiriu uma cor similar ao de seu traje e, quase em um sussurro, respondeu: — É muito amável e em excesso generoso, milorde.

Cliff olhou franzindo o cenho a seu irmão, que lhe sorriu realmente divertido pela reação.

— Pois acredito que deveríamos retornar para casa cruzando pelo Hyde Park para que todas as damas vejam seus trajes. Acreditem-me, queridas, ides ser a inveja de todas — disse lady Adele em um divertido tom.

Mas nesse mesmo instante, Max e Cliff se esticaram e negaram nitidamente a sugestão, o que provocou com que se desenhasse um zombador sorriso nos rostos de Eugene e de lady Adele, assim como no de Ethan, quando observava o chiar de dentes e a cara de evidente mal-estar de seu irmão. Estava-lhe resultando muito fácil provocá-lo.

Depois de uns minutos trotando, nos quais as damas pareciam que iam relaxando e falando entre elas e nos quais lady Adele e lady Eleanor deram alguns conselhos sobre a quem evitar ou como sair graciosas de algumas situações nos salões e bailes, apoiados em sua experiência na temporada anterior, Max aproveitou para manter a distância os três cavalheiros, que não faziam mais que admirar em excesso, em sua opinião, a Julianna e perguntar com insistência sobre ela. Ao menos, pensou Max, achavam-se a uma prudente distância e ela não notou esse interesse nem pôde escutar as perguntas e comentários que formulavam.

Por sua parte, Cliff se colocou imediatamente atrás das damas, junto a Ethan, assegurando-se de que o resto dos cavalheiros se achavam a suficiente distância delas, especialmente de Julianna. Com um tom baixo para que o escutasse, ao fim disse Cliff, olhando com claro desgosto: — Te tornaste louco? Como te ocorre pôr frente a três dos maiores libertinos a três inocentes?

Ethan riu suavemente, mais que divertido pela reação de seu irmão.

— Cliff, encontramos-nos com Ronald e com Marcus na entrada e se ofereceram para nos acompanhar, já que lady Eleanor e Rayne também nos acompanhavam, assim consideravam que não estorvavam a um casal de prometidos. Além disso, os três são completos cavalheiros, não o esqueça.

— Se por acaso não te precaveste, esses “cavalheiros” estavam... — Olhou dissimuladamente sobre seu ombro —. Corrijo... Estão devorando

com os olhos a — ia dizer “Julianna”, mas em seguida corrigiu— a três inexperientes jovens. — Seus olhos lançaram um furioso olhar a seu irmão, que conseguiu que este se divertisse ainda mais.

— Acredito, irmão, que deveria agradecer—me — respondeu com um malicioso sorriso.

— Agradecer-lhe a isso. — respondeu Cliff com evidente desdém.

— Em realidade, deve considerá-lo uma pequena amostra, e uma prova, pelo que vais encontrar de agora em diante. Sem ir mais longe, esta noite no baile da condessa. Pensa que, se essa foi a reação de três nobres cavalheiros em um simples passeio, qual terão quando as três damas apareçam deslumbrantes com trajes de noites será no mínimo dez vezes maior.

Mordeu a língua, querendo dizer a Julianna somente, mas se conteve por certa piedade para seu já enojadíssimo irmão. Cliff marcou ainda mais seu cenho franzido e emitiu um grunhido que fez com que Ethan começasse a rir alto.

— Tem que reconhecer — continuou— que a senhorita McBeth é de uma beleza extraordinária, e o mais surpreendente é que ela, realmente, não parece ser consciente disso, o que, sem dúvida, a faz ainda mais desejável. Além disso, os meses que passaram em Londres, acredito que a transformaram em toda uma mulher. Mesmo que conserve uma evidente inocência juvenil e refrescante e seu inato acanhamento, deixou para trás o ar infantil do campo e isso, querido, converte-a em alguém muito desejável, inclusive para mim que estou felizmente comprometido.

— Ethan... — O tom reprovatório e de desgosto lhe saiu como um grunhido.

Ethan sorriu e fez um gesto despreocupado com a mão, tentando tirar importância do comentário.

— Oh, vamos, Cliff! Eu sou inofensivo com respeito a ela e sabe. Mas o que trato de te demonstrar é que, se até eu fiquei por uns instantes fascinado ao vê-la, pensa o efeito geral em outros, e não só os homens. Assim que as damas a vejam, chiarão seus dentes e a converterão em um claro objetivo de intrigas e interesse. Deveria estar preparado, vais ter que te esforçar não só para protegê-la, mas também deveria te assegurar de que todos saibam que não têm que assediá-la, porque já tem, digamos de um modo um pouco soez, “dono”, e para isso mais te vale te assegurar primeiro de que a dama te aceite o quanto antes.

Cliff fixou seu olhar em Julianna. Compreendia perfeitamente o que lhe

dizia seu irmão, e mais ainda reconhecendo que, se essa era sua reação ante três cavalheiros, estando ele e Max em sua presença para contê-los, lhe ia ser muito complicado resistir o ciúmes e a opressão no peito quando ela estivesse em meio de uma sala de baile ou de um salão, onde poderia acompanhá-la somente em alguns instantes se não quisesse comprometer sua reputação nem seu bom nome. Começava a lhe doer muito a cabeça...

— Max!

Eugene chamou seu irmão em voz alta, o que fez com que este adiantasse sua montaria e se colocasse à altura de Cliff e de Ethan.

— Me diga, querida — respondeu amável —. Como sempre, sua voz soa como o suave arrulhar de uma pomba.

Sorriu-lhe com ironia e clara brincadeira fraternal. Eugene riu.

— Dou-me por repreendida, burro. Comerá conosco hoje? Papai vai chegar cedo porque tem que instalar-se, já que ficará nos próximos dias na casa de tia Blanche.

— Sim, papai me informou de seus planos. Já deve ter chegado. E sim, hoje tenho o prazer de almoçar com tão encantadora companhia.

— Está me ocorrendo... — disse com voz suave e brincalhona. Ficou um momento calada e fez um gesto a Max para que se aproximasse.

— Por que será que temo vais me pedir algo que vai me ocasionar problemas? — perguntou desconfiado, e Eugene riu com falsa inocência.

Ao cabo de uns segundos. Nos quais ambos trocaram alguns comentários em sussurros, Max assentiu com a cabeça e freou seu cavalo para ficar de novo à altura dos irmãos. Com um tom baixo, para que o escutassem somente eles, informou-lhes: — A pequena teve uma boa ideia, mas acredito que vamos ter que nos despedir de nossos acompanhantes.

Fez um leve movimento de cabeça em direção ao resto dos cavalheiros. A ideia sem dúvida agradou sobremaneira a Cliff, por isso imediatamente exclamou com euforia: — O que seja!

Isso provocou a rápida risada de Ethan que meneou a cabeça em gesto de negação pela evidente alegria de Cliff.

— Bom, lhe ocorreu que seria uma boa ocasião para que Julianna relaxasse um pouco com alguns membros da família de Worken, e lhe convidar para almoçar conosco, já que também estaremos o almirante e eu. Além disso, Cliff — baixou o tom a quase um sussurro —, sem querer, proporcionaria uma boa maneira das ter ocupadas, e a Julianna e a tia Blanche distraídas do assunto de Leme McBeth.

— Leme McBeth? — perguntou Ethan curioso.

— É um longa história, Ethan, se quiser, contarei, ao menos alguns detalhes, um pouco mais tarde — disse Cliff baixando ainda mais o tom, e voltou a olhar a Max—. Parece uma grande ideia, claro que, a tia de Julianna considera uma invasão a imposição de nossa presença em sua casa.

Max fez um gesto despreocupado com a mão.

— Não se preocupe por isso. Mandaremos um laçao para lhe avisar e lhe diremos que foi ideia de Eugene, verá que é tão permissiva com ela como com suas sobrinhas. Protege-as muito, mas permite suas vontades e as trata com supremo agrado já que a divertem em extremo. Não acredito que seja problema, seguro que inclusive agradece a distração. Além disso, lady Adele e lady Eleanor, a qual deveríamos estender o convite, é obvio, podem dar muitos conselhos às jovens, e ela o agradecerá sinceramente.

— Está bem, estou totalmente de acordo, se lady Adele e você — Cliff olhou a seu irmão— também o estão.

— É obvio, será um prazer e estou convencido de que Adele estará entusiasmada. Eu por minha parte aferro a qualquer desculpa que me afaste das visitas e dos planos do casamento.

Max assentiu cortante com a cabeça enquanto dizia: — Bem, nesse caso, acredito que vamos aproveitar, pela primeira vez, a presença do jovem lorde Jonas para que nos libere do resto da comitiva.

Ethan e Cliff o olharam tentando adivinhar a que se referia, mas em seguida atrasou seu cavalo e disse umas palavras ao jovem que, poucos minutos depois, conseguiu que os cavalheiros se despedissem, com claro desgosto das damas e deles.

— Exatamente, Max, o que lhe há dito ao jovem Jonas para que obtivesse tão rapidamente seus propósitos? — perguntou Cliff divertido.

Max, com uma careta de dor respondeu: — Enfim, um mal menor para obter um bem maior. Prometi-lhe consentir que dance duas peças com Eugene esta noite, isso sim, lhe advertindo de que o vigiarei muito de perto. — Os irmãos soltaram fortes gargalhadas ante a ocorrência —. O que não sei — confessou Max encolhendo os ombros— é o que lhes haverá dito para obtê-lo tão eficazmente.

De novo riram e, entre dentes, Cliff olhou ao Max e lhe disse: — Tem que reconhecer que o moço é muito preparado.

— Se seguir assim, amigo, asseguro-te que almoçará o mais longe que possa de Julianna. — Olhou-o com a sobrancelha levantada pela ironia de seu

amigo.

— Está bem, está bem, não digo mais nada... está um pouco suscetível.

— De novo riu.

Ethan pigarreou e acrescentou: — Não é o único, verdade? — Sorriu zombador a Cliff que imediatamente deixou de rir.

Estiveram passeando, em alguns momentos trotando, em outros cavalgando, fazendo pequenas corridas durante, ao menos, uma hora, transcorrida a qual, e depois de ter aceito o convite para almoçar de Eugene, todos se dirigiram à mansão Brindfet, onde os esperavam o almirante e tia Blanche em um dos salões da manhã. Depois das saudações e das apresentações de rigor, e com uma bandeja de refrescos para aliviar os convidados, começaram a conversar animadamente. Os cavalheiros se retiraram a um dos salões que davam ao jardim com algumas bebidas e sanduíches para conversar de política, dos planos para suas respectivas fazendas, dos planos para as próximas travessias de Cliff e de Max e de temas que lhes teriam ocupados toda a manhã, ao menos isso acreditavam às damas antes de partir o almirante. Além disso, teriam assim a oportunidade de informar a Ethan do ocorrido com Leme McBeth e das medidas até agora adotadas a respeito.

— Senhora Brindfet — disse lady Adele.

— Por favor, estamos em minha casa, me chamem de Blanche, ao menos agora que estamos em privado, sentiria-me mais cômoda — interrompeu, dirigindo-se a suas convidadas.

— Muito amável, Blanche, mas, nesse caso, insisto em que também me chame de Adele — concordou lady Adele, e tia Blanche assentiu com um mero gesto de cabeça—. Agradeço-lhe o precipitado convite, compreendo que possamos havê-la posto em um compromisso.

— Nada disso, querida, justamente o contrário, é um prazer contar com a companhia de duas damas tão encantadoras.

— Se me permitir o atrevimento, tanto lady... Eleanor — olhou a sua amiga, que aprovou a familiaridade com gosto— como eu não podemos deixar de admirar e elogiar os deliciosos trajes de amazonas de suas jovens pupilas. São realmente magníficos.

— Muito obrigado, Adele. O certo é que estamos muito satisfeitas com o resultado das mãos e o talento de Madame Coquette. Mas essa adulação encantadora não supõe em modo algum nenhum atrevimento, assim, por favor, diga o que quiser, asseguro-lhe que não o considerarei nenhuma

descortesia, eu gosto de gente direta e franca.

Adele riu ante a franqueza e a familiaridade que desprendia essa mulher.

— Nesse caso, muito obrigada. O certo é que nos perguntávamos como conseguiu a proeza dessa incrível atenção de Madame Coquette. Por toda Londres é conhecida por sua discrição, por sua exclusividade e por seu bom trabalho, mas parece que tudo isso se viu incrementado em relação a suas sobrinhas, e presumo que também graças a você, em relação a Eugene.

— Bom, não posso negar que Madame se esforçou, um pouco mais com elas e, certamente, demonstrou certa predileção pelas três. Suponho que se deve não só a que as moças realmente lhe têm alcançado em graça, mas também a que sou uma velha cliente dela e inclusive me atreveria a assegurar que a considero uma velha amiga. Admirei seu trabalho, a honestidade e o duro esforço de Madame desde que a conheço e para mim é um prazer e uma honra contar com seu bom trato e a amabilidade que sempre demonstrou comigo, sem mencionar minha eterna gratidão agora que parece haver-se afeiçoado tanto por minhas meninas.

— Tia Blanche — interveio Julianna —, tanto lady Adele como lady Eleanor mostraram um vivo interesse pelas peças confeccionadas por ela, teria algum inconveniente em lhes mostramos nossos armários? Acredito, sinceramente, que poderiam nos aconselhar sobre alguns deles. Sentiria-me realmente adulada contando com os conselhos de duas damas tão elegantes.

Julianna tinha notado o verdadeiro interesse de ambas por seu guarda-roupa e não como mera fofoca, mas sim como o de damas que apreciam seriamente a moda e as delicadas peças e artísticas confecções de Madame Coquette.

— Nós adorariamos! — assinalou lady Adele realmente entusiasmada —. É realmente generoso de sua parte. — Olhou para Julianna.

— Nesse caso, não falemos mais. Podem, quando terminarmos o chá, subir as cinco. Avisarei a suas donzelas para que lhes ajudem — disse tia Blanche fazendo um gesto a Furnish para que se encarregasse disso.

Depois de uns minutos subiram às acomodações das jovens. Os quartos de Julianna e de Amelia estavam comunicados pelos salões, o que facilitou grandemente o trabalho de tirar os distintos trajes, os complementos e o resto dos elementos do enxoval das jovens que apenas uns instantes depois de subir, brincavam com familiaridade. Tanto lady Adele como lady Eleanor estavam impressionadas pelos delicados tecidos, os detalhes, os elegantes trajes. Elogiaram cada um deles, assombradas inclusive pelos complementos,

os chapéus, as bolsas, os sapatos e botas das três jovens. Todas elas provaram alguns dos elegantes desenhos e inclusive selecionaram alguns para os próximos eventos. Adele estava realmente extasiada com os trajes de noite de Julianna, seus tecidos e os incríveis detalhes de cada um deles, inclusive teve que reconhecer que postos nela pareciam verdadeiras obras de arte.

Quando, quase uma hora mais tarde e com os quartos das moças cheios de trajes, de chapéus, fitas e demais espalhados em toda parte, tia Blanche se uniu a elas, divertida ao comprovar quão bem pareciam estar se dando inclusive as donzelas, Julianna se aproximou com dissimulo a sua tia e ficou a seu lado uns instantes observando com ela a cena.

— Tia... — disse em voz baixa — Umm, sim, querida — respondeu sem mal olhá-la.

— Se incomodaria se presenteasse um traje a Adele e a Eleanor? Estão sendo muito amáveis conosco, inclusive parecem muito interessadas em ajudar a Amelia. Acredito que lhes agradaria ter um dos vestidos. Adele parece realmente deslumbrada com os trajes de montar e, dado que há três que ainda não tive ocasião de estreitar, poderia lhe dar de presente um, além disso, parece que temos mais ou menos o mesmo número e não acredito que tenha nem que adaptá-lo. E Eleanor parece tão nervosa como eu pelos bailes. Acredito que quer impressionar a todos depois do ocorrido o ano passado e se levar alguns desses vestidos a faz sentir-se mais segura, eu gostaria de lhe deixar escolher o que mais gosta.

— Minha menina, é muito generoso de sua parte. É obvio, parece-me bem, é uma excelente ideia. Estou muito orgulhosa de ti, sempre me assombra o muito que te parece com seu pai.

Lady Eleanor se emocionou, sinceramente, pelo presente, e entre todas lhe obrigaram a provar quase todos os trajes de noite para que pudesse escolher o que mais gostasse, além disso, quase chora quando junto ao vestido lhe incluíram, na caixa onde levaria o presente, os escarpas, a bolsa, luvas longas com detalhes bordados, o xale de seda brocado e inclusive os detalhes para o cabelo.

Por sua parte, lady Adele parecia em princípio um pouco afligida pela possibilidade de usar um dos trajes de montar, e inclusive um pouco reticente a aceitar tão generosa oferta, mas igual à lady Eleanor, obrigaram-na a provar os três trajes e em seguida reconheceu que era impossível negar-se a aceitar, via-se tão favorecida e cômoda com eles que se jogou nos braços de Julianna para lhe agradecer com um beijo o presente. Também incluíram os

complementos, camisa, chapéu, luvas e inclusive o lenço brocado com fios de prata para o pescoço da dama.

As duas jovens não pararam de elogiar a elegância, o gosto e os favorecedores desenhos, a minuciosidade e bom gosto com que foram escolhidos até os mínimos complementos. Eram uns guarda-roupas excepcionais e assim o fizeram saber tia Blanche, que não duvidou em reconhecer, quando não estavam escutando suas três pupilas, que para ela era um sonho poder contar com as três sob seu amparo e que sua companhia era o mais prezado para ela, por essa razão faria o que fosse para que se sentissem a gosto e não regularia jamais em nada para as fazer felizes, embora também reconheceu que era muito consciente de que Julianna se parecia muito a ela nesse aspecto e que preferia um bom livro antes que um bonito vestido. Comentário este que provocou as risadas sinceras e pormenorizadas de lady Adele e de lady Eleanor.

À hora do almoço se reuniram todos de novo na sala de jantar e, para grande prazer de Cliff, pôde sentar-se junto à Julianna, embora, isso sim, firmemente vigiado pelo almirante e pela tia Blanche.

— Está bem, pequena, não me deixe mais em brasas. Com o que me surpreenderá hoje? Quais são minhas pistas? — perguntou o almirante a Julianna.

Esta riu e, antes de responder, Eugene interveio.

— Meu pai e Julianna — olhou aos quatro convidados — têm um particular jogo. Julianna prepara sobremesas, doces, pães-doces e bolos e, depois, o impenitente guloso de meu pai tem que averiguar os ingredientes dos mesmos com umas meras pistas.

— Impenitente guloso? — perguntou arqueando a sobancelha —. Menina impertinente que criamos — disse olhando para Max.

O grupo riu.

— Não sei de nada. Criou-a um duque guloso. Eu só me limitei a olhar na distância — respondeu Max sorrindo.

— Ah, não... eu a criei e você a mal criaste — insistiu o almirante divertido.

— Desculpem, cavalheiros, mas estou aqui — disse Eugene, levemente ofendida, o que provocou as risadas de Julianna e de tia Blanche.

Cliff olhava tudo o que podia a Julianna ao mesmo tempo que pensava que poderia morrer feliz tendo em sua vida esse som doce, alegre e sincero, e mais ainda se fosse ele o causador disso.

— Bom, vejamos — disse Julianna, levando um dedo ao queixo —. Um deles tem uma base ácida, tem um leite que não é de animal e um fruto seco.

— Leite que não é de animal? Isso existe? — perguntou alarmado e olhou com os olhos muito abertos para tia Blanche.

— Não me olhe, almirante. Eu os como com gosto, mas não tenho ideia de como se fazem. — encolheu os ombros.

— Não está me enganando? — Olhou para Julianna.

— Almirante! Ofende-me. — colocou a mão no peito e pôs cara de falsa inocência —. Por acaso, oculto-lhe uns detalhes... que não é o mesmo. — Sorriu.

— Ah, pequena trapaceira... — disse ele em tom rouco —. Muito bem, continue. — Fez um gesto teatral com a mão para isso.

— Não, não, um momento, não continue, Julie. Não determinastes o castigo para quando erra — se adiantou a dizer Eugene.

— Mas bom! Desavergonhada! Que pouca confiança em meus dotes culinárias! — queixou-se o almirante contendo uma risada.

— Bom, pai, tem que reconhecer que ultimamente não acerta muito — concordou Max, rindo ainda mais do pobre.

— O que é isto? Um motim? Traído por meu próprio sangue? — voltou a queixar-se lhe custando ainda mais conter a risada, já que a estas alturas estavam todos rendidos já sem dissimulação.

— Vamos, vamos, não se zangue, prometo não ser muito cruel — interveio Julianna com tom mediador —. Embora seja verdade, não combinamos os castigos.

— O que quer? — concordou ele.

— Bem, se ganhar tem que emprestar o livro de sua primeira viagem.

— Meu livro de bordo? — perguntou, e ela assentiu —. Umm, aceito. Mas se eu ganhar... Terá que dar a receita do bolo de amoras ao meu chef.

— É justo, aceito — respondeu ela.

— Nesse caso, querida, continue. O segundo?

— O segundo não é um bolo, é uma nata. O ingrediente básico é de cor verde e não é a hortelã. Acompanhei-a com uma fruta que se pode torrar e está adoçada sem açúcar. Também a acompanha umas bolachas recheadas com um de seus bagos preferidos.

— Essa é fácil. Amoras — respondeu orgulhoso.

— Hahaha. Almirante, não é por ser má, mas acredito que vou estar muito ocupada lendo com ávido interesse sua primeira incursão nos mares —

disse ela brincalhona.

— Não são amoras?

Ela negou com a cabeça.

— Então... groselhas, têm que ser groselhas.

Ela assentiu rindo.

Começaram a servir o primeiro prato enquanto seguiam debatendo sobre os doces e então, um pouco desesperado por não acertar e ante as brincadeiras de todos, o almirante continuou: — Bom, falta um, eram três, ontem disse que me prepararia três. Certamente que o último o acerto.

— Não desanime, almirante, até que não os prove não termina o combate. Mas sim, falta um. Vejamos... é o começo da temporada desta fruta, mas foi “afogada”, por dizê-lo de algum modo, em outra fruta. Está acompanhada pela nata preferida de Eugene e por outro fruto seco torrado e banhado no que mais gosta tia Blanche e Amelia.

— Por todos os céus, moça! Não me dá trégua!

Julianna riu.

— O creme preferido de Eugene é a nata, ao menos isso me conceda — disse olhando para Julianna.

— Concedido! — respondeu alegre Eugene do outro lado da mesa.

— Concedido — insistiu Julianna enquanto todos riam.

— E o que mais gosta a Amelia, sem dúvida, é o chocolate.

— Concedido! — interveio Amelia, provocando as risadas de todos de novo.

E outra vez Julianna insistiu: — Concedido. Está mais perto neste caso, almirante, terá que esperar à degustação final para ver quem ganha.

Durante toda a refeição trocaram comentários, anedotas e algumas brincadeiras entre todos, incluídos os convidados e em um dos momentos em que se conversava Ethan se aproximou de Max de modo que ouvissem ele, lady Adele e lady Eleanor, que se encontravam sentadas a cada lado de ambos.

— Sempre é assim? — perguntou Ethan.

Max arqueou uma sobrancelha: — Assim como?

— Pois, com esta proximidade, estas risadas, estas brincadeiras entre vós.

— Suponho que sim, não o tinha pensado. O certo é que sim. Por quê? Sentem-se incômodos? — perguntou ante o comentário.

— De fato, é justamente o contrário. É extremamente agradável, esta cordialidade, a hilaridade e o carinho que desprendem — disse ele —.

Compreendo que o almirante prefira sua companhia a de qualquer outro.

— É certo, Max — continuou lady Adele —. Parecem uma família e, certamente, por sorte, não se comportam como a maior parte de nossos pares. É uma cordialidade refrescante, tenho que reconhecê-lo.

— Em meu caso — interveio lady Eleanor —, não recordo ter compartilhado nenhum almoço com meus pais, nem sequer quando meu irmão e eu retornávamos em férias dos internatos. Certamente, minha avó observava a etiqueta com rigor e era em excesso estrita conosco. Não acredito ter trocado com ela nem três palavras.

— Eu com meus pais tampouco — adicionou lady Adele —. Conhecem meus pais e, certamente, o término “carinhoso” não acredito que se aplique a nenhum deles. Não duvido que nos tenham amado a meus irmãos e a mim, mas sempre se abstiveram de fazer exibição alguma disso, tanto em público como em privado.

— Eu, pelo contrário, tive sempre um trato próximo com meus pais, inclusive com a condessa, apesar de que também é bastante estrita quanto às normas sociais e de comportamento. Suponho que fui afortunado, mas esta forma tão familiar, alegre e despreocupada inclusive com os convidados é fantástica. Faz-te sentir relaxado — concordou Ethan.

— Eu sempre contei com o amparo e o carinho do almirante e mais tarde, quando nasceu Eugene, com o dela, mas estávamos, por dizê-lo de algum modo, os três, já que mal tínhamos contato com o resto da família, dada nossa história particular. Mesmo assim, se tínhamos um trato próximo entre nós, mas reconheço que também somos uma exceção entre os de nossa classe. Nisso concordo contigo, Adele, não é frequente entre nossos pares — reconheceu finalmente Max, olhando às damas de sua mesa, às que já via como parte de sua particular família.

De novo assinalou lady Eleanor: — Pois o reitero, é extremamente agradável.

Na hora das sobremesas, o almirante dirigiu sua atenção ao mordomo.

— Furnish, já conhece a rotina, não me vá fazer armadilhas — disse, e o mordomo calou com estoica resignação —. Tem que me trazer os três juntos em minha bandeja.

Furnish se inclinou e, antes de sair do salão, sorriu a Julianna, que lhe devolveu o sorriso. Lady Adele ao contrário centrou sua atenção, novamente, no almirante.

— Sua bandeja?

— Bem, esta é a parte “formal” do desafio — disse Max —. Nos servirão as sobremesas um a um, mas a meu pai os trarão uma bandeja que colocarão diante dele. Devidamente colocados ficarão frente a ele as três sobremesas, um copo de vinho doce e outro de água. — Pôs os olhos em branco —. Segundo ele, para não mesclar sabores. — Suspirou com um sorriso nos lábios —. E tem até que todos tenhamos terminado com nossos respectivos doces para tentar acertar ao menos uma sobremesa completa.

— Entendo — disse ela.

— Mas, e se acertar a maioria dos ingredientes de todos, mas não um completo? — perguntou lady Eleanor.

— Nesse caso, terei perdido — respondeu o almirante —. As damas consideram que o mais justo é acertar um completo, e dado que elas impuseram as regras tive que advir a elas.

Todas pigarrearam.

— Que teve que advir?! — disse tia Blanche — homem descarado! Essa foi a única regra que nós impusemos, o resto são dele.

— Certo almirante — disse Amelia —. A ideia da bandeja e das pistas obrigatórias foi sua.

— Por não falar do vinho, da água — interveio Eugene — sem mencionar que está acostumado a entrar na cozinha antes do almoço para ver se descobre algo.

— Razão pela qual Furnish e a senhora Malcolm têm que esconder as sobremesas assim que chega — disse Julianna e riu justo ao mesmo tempo em que começavam a servir a sobremesa e Furnish entrava com a bandeja —. Bem, almirante preparado? — Lançou-lhe a provocação.

O almirante se concentrou e foi provando uma a uma as sobremesas, enquanto o resto seguia comendo e falando.

— Seriamente você faz as sobremesas, Julianna? — perguntou-lhe lady Adele.

— Bom, nem sempre, mas certamente sempre que vem o almirante. É muito entretido vê-lo debater-se com elas. — Olhou-o, mas ele ignorou o comentário já que parecia realmente concentrado —. E para ser sincera, eu gosto muito da confeitaria, não é estranho na cozinha. Amelia gosta muito das novelas, das flores e, é obvio, sua horta. Está acostumada a passar muitas horas fora. Eugene toca maravilhosamente bem o piano e está acostumada a praticar também várias horas. Suponho que todos temos nossos hobbies ou alguma habilidade.

— Pois é admirável ter esse talento — disse lady Eleanor, assinalando seu prato de bolo —. Está delicioso.

— Bom, compensa outros defeitos. — Sorriu Julianna ligeiramente ruborizada —. Por exemplo, tenho um péssimo ouvido.

Escutou-se a voz de Eugene rindo.

— Corroboro-o — disse sorridente —. O sinto, querida, é você a que o há dito. — Pôs cara de inocência travessa —. Mas não te castigue por isso. Tocar o piano é uma habilidade bastante frequente, em troca, quantas pessoas podem presumir de fazer magníficos bolos?

— Muitas, Eugene. De fato, me atreveria a dizer que todas as mulheres que vivem no campo e as que não pertencem a famílias enriquecidas. Apostaria que há mais mulheres que sabem cozinhar que mulheres que toquem tão bem o piano — respondeu ela com praticidade.

— Umm, suponho que tem razão. — Olhava-a franzindo o cenho —. Não o tinha visto desde esse ponto de vista — consentiu Eugene —. De todos os modos, não saber tocar um instrumento não significa que não tenha ouvido para a música, bom, salvo em alguns casos... — Pôs cara travessa.

— Em meu caso, acredito que sim. E posso demonstrá-lo. Melhor dizendo, os pés de nosso professor de dança podem testemunhar a meu favor, embora seria mais correto dizer “em meu contrário”.

Ante essa resposta Amelia, Eugene, tia Blanche e Julianna riram.

— Ao menos, tem que reconhecer que nos divertimos muito nas aulas — disse Amelia.

As quatro mulheres da família começaram a trocar algumas anedotas das aulas de dança entre risadas e brincadeiras.

— Quem é seu acompanhante preferido nas aulas? — perguntou Cliff ao acaso, pensando que lhe responderiam o almirante ou, para seus ciúmes, Max.

As três moças riram e disseram ao unísono: — Furnish!

O mordomo, que se encontrava em seu posto atrás da cabeceira da mesa, ruborizou-se profundamente e pigarreou envergonhado.

— Mas é porque não se queixa quando o pisamos e é paciente ao extremo — esclareceu Amelia.

— E o bastante forte para nos segurar quando quase caímos — acrescentou Julianna.

— E porque nos perdoa cada vez que o empurramos, pisamos ou tropeçamos — acrescentou Eugene, e de novo todas riram.

Nesse momento soou um grito do almirante.

— Tenho-o! — exclamou, e todos o olharam —. Ao menos, um deles. — Baixou o tom um pouco envergonhado, ao ser o centro das atenções.

— Ah, sim? — perguntou Julianna —. Adiante, me impressione.

— Já! Pequena trapaceira, acredito que te ganhei esta vez — disse, assinalando com a colherinha à nata —. Bananas com mel.

Julianna assentiu.

— Efetivamente, bananas adoçadas com mel temperada... Que mais? Esta sobremesa é fácil, almirante, mas não pode ser tão impreciso.

— Está bem, está bem. As bolachas são de melaço e groselhas.

— De novo, bem. Falta-lhe só a nata.

Julianna sorriu assinalando o pires da sobremesa devorada pelo almirante. Este ficou pensativo uns minutos, franzindo exageradamente o cenho.

— A nata é de... Ah, restam duas sobremesas.

Julianna riu.

— Se disser do que é a nata, descartamo-lo. Está de acordo?

— Sim, sim, esperta é... Do que é a ditosa nata?

Julianna riu satisfeita.

— De cranberries verdes e, para que não amarguem, estiveram marinando dois dias em anis e brandy. Um ponto de três para mim. — Levantou a mão satisfeita com um enorme sorriso.

O almirante franziu o cenho e continuou debatendo-se com o resto das sobremesas.

— Tenho que lhe dar os parabéns, é deliciosa e muito original, tenho que reconhecê-lo — disse Ethan —. De onde tirou as cranberries?

— Esse é mérito é de Amelia. Tem alguns arbustos com bagos ao redor de sua horta e consegue uns resultados assombrosos.

Julianna olhou orgulhosa para Amelia e esta sorriu.

— Vá! Senhorita Amelia, esse também é um talento assombroso — disse galantemente Ethan —. Não me importaria que aconselhasse a algum de nossos jardineiros de Workenhall no condado para que obtenham estas delícias.

— Não tem tanto mérito, milorde. Além disso, no bosque de sua propriedade crescem alguns dos melhores bagos da comarca, graças aos riachos que o cruzam. Bastaria enviar, com certa assiduidade, a alguém para recolhê-los. Só terá que saber onde se encontram — respondeu ela com praticidade.

Cliff e Julianna se olharam de soslaio, ambos evidentemente, recordando seu encontro no bosque. E embora Cliff sorrisse, o olhar dela se escureceu de repente por uma áurea de tristeza, que provocou nele um irrefreável desejo de acariciar suas maçãs do rosto. Graças a Deus seus pensamentos se viram interrompidos de novo pelo almirante.

— Bom, este sim. — Assinalou o bolo —. Bolo de laranja com avelã e partes de coco.

Olhou a Julianna orgulhoso.

— Umm... almirante, encontrou alguma parte de coco? — perguntou ela, fingindo seriedade.

— Bom... não... mas tem sabor de coco — respondeu sincero como um menino respondão.

— Darei por certo o ingrediente — disse Julianna, pondo os olhos em branco —. Mas lhe falta um dos ingredientes principais e, além disso, o fruto seco não é avelã.

— Diabos! Estou perdendo meu talento — respondeu ele desconcertado —. Bom, então, amêndoas.

Julianna assentiu de novo enquanto acrescentava: — Mas lhe falta o mais importante. Dou-lhe uma pista; o creme do recheio tem laranja como você há dito, mas, também, outro cítrico. — Sorriu com complacência.

— Nesse caso, limão. Nata de laranja e limão — respondeu com segurança.

— Essa é sua resposta final?

Ele assentiu com firmeza.

— Nesse caso, outro ponto para mim. É lima — disse Julianna rindo.

— Protesto! — disse ele, levantando uma mão —. Furnish, quero a lista como prova. Engana-me a muito descarada.

Julianna riu, negando com a cabeça e olhando-o com clara diversão e picardia.

— A lista? — perguntou lady Adele

— Antes de fazer uma sobremesa, entrego uma lista à senhora Malcolm com os ingredientes que emprego, para me defender contra possíveis reclamações, e como o almirante é um adversário difícil, asseguro-me de utilizar, de vez em quando, alguns ingredientes enganosos. Neste caso, a lima, em vez de limão. Assim é mais divertido. — Olhou-o, encolhendo os ombros e depois lhe piscando os olhos. Resta uma última tentativa. Este. — Assinalou o último. — Este prato contém... São morangos. É o produto de

temporada de que falava, certo?

— Certo — disse assentindo —. Mas tem que dizer mais, não são simples morangos, almirante. Está sendo muito parco hoje nas descrições. Sua percepção não está sendo muito precisa...

O almirante soprou.

— Umm... Bem, bem. São morangos ao vinho e depois... Torrados com açúcar.

— Darei por certo, mas são morangos ao vinho doce caramelizados com cana. Mas sim, considero, porque é bastante certo. Que mais?

— Com nata. — Olhou para Eugene —. E... agora sim são avelãs, mas esta vez banhadas em chocolate.

Julianna fez uma careta de resignação: — Visitarei chef Maurice e lhe ensinarei a fazer o bolo de amoras... ganhou, almirante!

— É obvio, querida, sou da Marinha Real, — E levantou o queixo, rindo a gargalhadas depois.

Depois do almoço e do chá, os convidados partiram depois de agradecer tão grata manhã e com a ideia de encontrar-se essa noite no baile da condessa de Tulipa. Tia Blanche lhes insistiu em que retornassem em uma das carruagens, lhes assegurando que suas montarias seriam entregues essa mesma tarde pelo sue cavaliariço.

Uma vez na carruagem, e depois de ter deixado a lady Eleanor em sua casa, produziu-se uma singular conversa entre Cliff e sua cunhada, que afiançou sua determinação de conseguir a mão de Julianna antes que acabasse a semana.

— Cliff?

Lady Adele rompeu o silêncio da carruagem enquanto os irmãos olhavam pelo guichê.

— Sim? — respondeu distraído.

— Acredito que eu gostaria de ter Julianna como irmã.

Nesse momento Ethan, que estava sentado ao seu lado, tomou sua mão e a beijou docemente ao que lhe respondeu com um cúmplice sorriso: — Além disso, é perfeita para ti. É tranquila, generosa, muito carinhosa, muito protetora. Acredito que é um bom par para ti, porque, conforme diz Eugene, tem um exacerbado interesse por ver o mundo. O almirante opina que é das poucas mulheres que poderiam viver em um navio e desfrutar com isso. Além disso, é muito esperta e inteligente. Levei-me uma surpresa quando observei que em seu dormitório havia uma enorme estante cheia de livros de história,

literatura clássica. Sabia que lê perfeitamente em latim, grego e inclusive alemão? Além disso, gosta de ciência, é curioso, não?

— Sei, querida, quer dizer, comentou-me isso sua tia. — Sabia, entre outras coisas, porque a noite anterior pôde ver perfeitamente o interior do dormitório de Julianna, mas é obvio essa era uma informação que não ia dar a conhecer ninguém e menos à prometida de seu irmão —. Se te servir de consolo, ponho todo meu empenho em consegui-lo.

— Entendo, mas acredito que deveria saber que, durante uns minutos fiquei falando a sós com Eugene e com sua tia, e cheguei à conclusão de que, se quiser seriamente que Julianna te aceite, tem que procurar que não se assuste de quem é.

— Perdão? Que não se assuste de quem sou? — perguntou com seriedade. Ela assentiu.

— Umm, como explicá-lo? A tia de Julianna comentava que sua sobrinha se parece muito a ela e está convencida de que os ambientes da aristocracia, as intrigas, ter que manter as aparências e as rígidas normas às quais nos submetemos em pró de manter certas tradições e tudo o que isso suporta não vão ser do agrado dela, e que não demorará muito em afastar-se destes ambientes. Nisso, querido, parece-se contigo, verdade? — Arqueou uma sobrancelha solenemente —. Mas, além disso, ela está muito preocupada, não só por não se encaixar nestes ambientes, a não ser, por ser muito alheia a eles e ser incapaz de querer adaptar-se. Ao que me refiro é que ela é muito consciente da diferença de classes que, até agora, existia entre vós e, se acaba receando em demasia de nosso ambiente, não chegará a considerar como conveniente um matrimônio entre vós por estimar que são muito diferentes.

Cliff a olhou fixo, já que esse extremo também o tinha considerado meses atrás, e inclusive, quando conversava com o Max sobre o pouco que acreditava que Julianna gostaria da vida de Londres, já que se, naquele momento, lhe pareceu um alívio que ela não desejasse a vida que tantas vezes ele tinha fugido, agora compreendia que podia ser um motivo para que ela não os considerasse compatíveis.

— Para ser de tudo sincero, conhecia os receios de Julianna em relação à forma de vida da alta sociedade. Despreza os enganos, as intrigas e as vaidades tanto como eu. Além disso, ver-se exposta e engessada dentro de umas rígidas normas é algo ao qual não acredito que chegue a acostumar-se. Está acostumada a certa independência, a se afastar do mundo quando este parece afogá-la. Identifico-me plenamente com essa sensação, como você, tão

acertadamente, assinalaste, é outra das razões pelas quais sei que ela é um tesouro para mim. Não posso imaginar a nenhuma das damas de nosso círculo passar nem dois dias navegando a meu lado. Mas, suponho, alternar com nossos pares nos salões nas próximas semanas vai assentar ainda mais essa opinião. E, de novo, tem razão em uma coisa, tenho que me assegurar de que compreenda que, apesar de nossos diferentes berços e educação, somos plenamente compatíveis. — Olhou-a uns instantes e, logo, de novo, pelo guichê. Depois de uns minutos agarrou a mão de sua cunhada e olhando-a com o encanto de um libertino lhe disse —: me reserve uma dança, querida, que ainda não está casada. — Sorriu-lhe sugestivamente.

— Cliff, vá — disse seu irmão com voz seca, embora com um sorriso nos lábios.

Quando saíram, lady Adele disse a seu prometido com os olhos entrecerrados: — Ethan, acredito que hoje eu gostaria de chegar especialmente cedo ao baile.

— Ah, sim, querida? Por alguma razão em especial? — perguntou intrigado.

— Bom... Sim... Mas acredito que deixarei que a adivinhe quando estivermos ali — respondeu enigmática.

CAPÍTULO 16

Durante todo o trajeto à mansão da condessa de Tulipa, Julianna não pôde deixar de sentir um nó no estômago pelos nervos de se ver rodeada das principais famílias da aristocracia inglesa, embora, o que de verdade a tinha com os nervos sobressaltados era a ideia de encontrar-se, pela primeira vez, com Cliff em um salão de baile. Sentia uma inexplicável emoção ao pensar que a veria tão elegantemente vestida como as damas que normalmente estava acostumado a frequentar. Durante a manhã com lady Adele e lady Eleanor, recordou a enorme diferença existente entre ela e essas elegantes damas. Por isso, inclusive agora, simplesmente sentada na elegante carruagem de sua tia, sentia-se desconjurada, como uma intrusa que penetrava nos elegantes salões sem ser convidada. Compreendia quão diferente era sua vida agora e que não só sua vida, a não ser ela mesma, tinham mudado muito em pouco tempo, mas isso não mudava a realidade de quem era, de suas origens que, embora estivesse orgulhosa delas, era muito consciente de que eram humildes ou, pelo menos, não tão elevadas como a dos convidados do baile ao qual, por um inesperado giro do destino, agora se dirigia em companhia de sua tia.

Tentava aparentar tranquilidade, especialmente porque sentada a seu lado ia Amelia, feita um molho de nervos e retorcendo forte e inconscientemente as luvas em seu colo. Amelia era muito jovem ainda para comparecer a bailes da sociedade, mas as festas da condessa de Tulipa, entre outras particularidades, caracterizavam-se porque admitia a presença de jovens antes de sua apresentação e habilitava uns salões especiais para elas, para que fossem conhecendo e se habituando a essas festas. Também lhes estava permitido entrar no salão de baile e inclusive dançar um par de peças a devida supervisão, é obvio. De todos os modos, tia Blanche tinha solicitada permissão prévia à condessa para que Amelia pudesse permanecer a seu lado a maior parte da noite, embora isso significasse estar mais tempo nos salões principais que com as jovens de sua idade. Era algo que aliviou um pouco a ela, já que ver-se sozinha sem sua companhia e de Eugene grande parte da noite era algo que lhe produzia verdadeiro pavor. Ela tinha sido, até fazia uns meses, uma órfã destinada a servir a damas e cavalheiros como os que

comparecem ao baile, e se a apreensão de Julianna era enorme, a de Amelia não podia ser menor.

Desse modo, com os nervos à flor de pele e quase com a respiração contida, desceram uma a uma da carruagem e, para surpresa das três jovens, esperavam-nas na escada de acesso à mansão o almirante e Max. Todas elas tiveram que fazer um verdadeiro esforço para não lançar-se correndo para eles ante a alegria de vê-los as esperando diligentemente. Max estava surpreendentemente bonito com sua jaqueta negra e suas meias brancas, era a viva imagem do dândi inglês e, ao lhes sorrir ao vê-las, tanto Amelia como Julianna sentiram um tombo no estômago, embora fosse por distintos motivos.

— Boa noite, queridas damas — disse o almirante com um encantador tom fraternal ao mesmo tempo em que se inclinava cortesmente —. Permitem-me ser o primeiro em elogiar sua extraordinária beleza? Acredito que todas as damas do salão arderão em chamas de ciúmes assim que as vejam.

— Obrigada, pai — disse Eugene com um tom sonoro.

— Almirante... E logo dizem que o galã da família é Max — respondeu Julianna alegre realmente agradecida pelo recebimento —. Não acredito que haja dama na Inglaterra capaz de resistir a seus encantos. Por que os mantém tão reservados? Acredito que fiz bem em lhe reservar minha primeira valsa. Estarei mais que orgulhosa de dançar com o cavalheiro mais bonito e sedutor da noite. — E lhe brindou um amplo e sincero sorriso.

— Ai, pequena... Se não tivesse idade para ser seu pai...

— Seu avô, pai, tem idade para ser seu avô... — disse Max divertido, tomando a mão de Julianna para beijá-la depois de ter feito o mesmo com Adele e Amelia.

— Garoto impertinente... — respondeu o almirante, oferecendo seu braço a tia Blanche e a Julianna —. Encantadora dama, senhoritas, acredito que há um baile nos esperando.

Julianna lhe cedeu sua mão ao mesmo tempo em que sua tia e ambas se encaminharam escada acima escoltadas pelo almirante, seguidas de igual maneira por Max com Eugene e Amelia. Julianna sentia espetadas sob a pele de pura ansiedade enquanto não podia deixar de admirar o belo entorno que lhes rodeava. Dispuseram-se tochas a cada lado das escadas principais iluminando a chegada dos convidados, rodeadas de bonitos ramos de tulipas de cores variadas e, a cada certa distância, colocados estrategicamente a

ambos os lados dessa enorme escadaria de branco mármore e pedra rosada, lacaios elegantemente vestidos em libré com o brasão da condessa, recolhendo, uma vez transpassado o arco principal do vestíbulo, as capas e casacos dos convidados. Esse foi um dos momentos em que Julianna mais se sentiu nervosa. Embora sua capa fosse extraordinariamente elegante e notasse enquanto acessavam alguns olhares e sussurros de algumas damas assinalando a ela, a Eugene e a Amelia, entretanto, encontrava-se coberta de corpo inteiro com ela, e, em certo modo, protegida, mas ao entregar-lhe ao lacaio se sentiu um pouco exposta com esse vaporoso vestido de noite.

Quase instintivamente fixou a vista no chão, como era pequena, como se evitar os olhares de outros lhe protegesse delas. Entretanto, mal agachou a cabeça escutou a voz de Max aproximando-se.

— Julianna... Por favor, espero que possa acreditar em mim, é a mais incrível e bela visão em que tive a honra de pousar-se meus olhos. Está excepcionalmente bela esta noite.

Julianna se ruborizou escandalosamente ante a adulação, especialmente pelo modo como a olhava e o ardor em seu tom de voz. Sentiu um brusco calafrio de estranho prazer lhe percorrendo as costas.

— obr-obrigada — gaguejou afligida.

Ele, recuperando um pouco a compostura, pigarreou e acrescentou: — Espero que me reserve a terceira valsa da noite, já que a primeira corresponde a minha querida irmã e a segunda reservei especialmente para a encantadora Amelia.

Nesse momento inclinou a cabeça e sorriu sedutoramente para Amelia, que se ruborizou quase tanto como Julianna.

— Será uma honra, Max... Ah, perdão, tenho que recordar que tenho que evitar chamá-lo de Max ao longo da noite... milorde — disse timidamente.

Ele sorriu e, dirigindo-se a Amelia e a ela, disselhes divertido: — Mas só esta noite, amanhã volto a ser Max para ambas, prometido? — As duas sorriram e assentiram —. Muito bem, nesse caso, saudemos nossa anfitriã, senhoritas? — Esta vez ofereceu o braço a ambas.

Por cortesia, deviam saudar primeiro o almirante e Adele com tia Blanche e a seguir eles, já que, embora Max fosse superior em fila, elas eram suas acompanhantes e, portanto, devia as apresentar ele.

— Ah, jovem. Que alegria voltar a lhe ver entre nós! — disse alegremente a condessa quando Max chegou a sua altura —. Agrada-me comprovar que aceitou o papel de protetor de sua bela irmã. Tenho que dizer

que é uma jovem encantadora. Alegra-me contar com sua presença esta noite.

— Milady. — inclinou-se —. O prazer é nosso. Certamente cumprirei com meu dever para com minha encantadora irmã toda a temporada, mas posso assegurar, é um dever que aceito com supremo prazer. — Sorriu-lhe encantado—. Permita-me lhe apresentar às sobrinhas da senhora Brindfet? A senhorita McBeth e a senhorita Amelia.

Ambas fizeram uma elegante reverencia enquanto diziam: — Milady.

— É um prazer conhecê-las enfim. Ouvi falar muito bem de ambas — disse, e Julianna abriu os olhos —. Oh, não se alarme, querida. Sua tia e eu somos velhas amigas e compartilhamos nossa paixão pelas cartas algumas tardes nos salões de Clarence.

Uma vez por semana, tia Blanche vai a um elegante estabelecimento para damas, jogava cartas com algumas damas e esposas de diplomáticos, mas Julianna ignorava, até esse momento, que esse fosse um dos lugares nos quais sua tia tinha conseguido ter tão magníficas relações e contatos ao longo desses anos.

— Tenho que dizer, minhas queridas meninas — continuou a gordinha e afável condessa — que sua tia não se equivocava ao dizer que suas duas jovens pupilas são autênticas belezas. — Julianna se ruborizou não só pelo galanteio a não ser ante a ideia de que sua tia falasse delas e, além disso, as qualificando como “belezas” —. Bom, bom, com a discrição e modéstia de sua tia, ela disse que eram imensamente agraciadas, mas sou muito hábil lendo entre linhas. — Sorriu-lhes de um modo muito agradável e pousou no braço de Julianna uma mão, coisa que ela interpretou como uma amostra de aceitação tácita —. Milorde — dirigiu seu olhar a Max —, esta noite você vai estar muito ocupado, protegendo não só a sua irmã, a não ser a estas duas jovens. As três vão se ver assediadas, lhe auguro com segurança.

Max lhe sorriu e depois de uma leve inclinação por sua parte e uma suave genuflexão das jovens se despediram da anfitriã e, de novo, ele ofereceu o braço a suas duas acompanhantes. Quando se separaram um pouco sussurrou a ambas: — Primeira prova superada, queridas, ganhaste-lhes nossa anfitriã. Não se pode começar melhor.

Ambas o olharam.

— Mas se não fizemos nada — disse timidamente Amelia.

Max riu — Mais do que acredite, pequena. São a perfeita imagem de moças educadas, amáveis e doces e, sem dúvida, as mais belas da noite. — Sorriu arrogante, fazendo com que Amelia se ruborizasse de novo

bruscamente.

— Humf! — Suspirou Eugene como queixa diante deles.

— Perdoe-me, querida, as três são as mais belas da noite. — E lhe lançou um sorriso cúmplice e dissimulado.

— Está bem — pôs os olhos em branco —, perdoo-te por me esquecer uns segundos. Mas não te ocorra abandonar a nenhuma esta noite ou jamais lhe perdoarei — lhe respondeu, lhe dando um leve golpe com seu leque no peito.

— Ai, pequena, convertemos-lhe em uma pequena tirana. — Negou suavemente com a cabeça—. Definitivamente não lhe educamos bem.

Rio zombador, o que provocou que também rissem Amelia e Julianna enquanto Eugene franzia um pouco o cenho e a seguir uma careta a seu irmão.

— Isso é muito pouco feminino...

— Bem, senhoritas, passamos ao salão? — disse solenemente o almirante enquanto abria caminho diante deles com tia Blanche agarrada a seu braço.

No mesmo instante em que escutou essas palavras, o estômago de Julianna voltou a revirar, já que parecia ter um exército brigando em seu interior.

Ao outro lado do salão se encontravam Ethan, Cliff, lady Adele e os condes.

— Querida...? — inquiriu suavemente a condessa a lady Adele—. Por alguma razão quer permanecer justo aqui?

Mostrava clara curiosidade, já que levavam uns minutos de pé em um lugar aparentemente incômodo do salão principal.

— Desculpe-me, milady, mas este é o melhor lugar para observar a entrada ao salão dos convidados e, também, às pessoas que já se encontram nele.

A condessa, de braço com o conde, inclinou a cabeça para olhá-la.

— Há algo que queira compartilhar com os outros, querida? — de novo insistiu.

— Bom... — Baixou a voz para evitar que Cliff escutasse, que se encontrava ao lado de seu irmão —. Eu gostaria de observar a reação dos cavalheiros do salão quando chegarem... — Fez um gesto com a mão em círculo —. Vai ser uma imagem digna de recordar. Acredite em mim, milady, as três vão causar um grande impacto... e também quero ver a expressão de Cliff.

A condessa riu suavemente, compreendendo bem ao que se referia, já que pela tarde lady Adele lhe descreveu a delicadeza e elegância de todos e cada um dos desenhos de Madame Coquette confeccionados para as jovens, e a excepcional beleza de Julianna e Eugene com alguns dos trajes de noite que provaram diante dela. Depois de admirar o bonito traje de amazona que Julianna lhe tinha presenteado, não duvidou, nem um segundo, da veracidade e exatidão dos louvores exacerbados que fez do guarda-roupa das jovens.

— Querida, acredito que despertaste meu interesse.

A condessa sorria enquanto, de soslaio, olhava para Cliff. “Pobre do meu filho, não sabe o que te espera. Tantos anos de impenitente libertino e agora vais ter que lutar contra todos esses dragões por uma mulher”, observou ligeiramente à multidão que lhes rodeava jogando um ligeiro olhar em redor pelo salão.

Poucos minutos depois faziam sua aparição pela escada de acesso ao salão, o almirante com a senhora Brindfet, e atrás deles entrava Eugene, que ficou justo no primeiro degrau de cima, sob o enorme arco principal, esperando Julianna e Amelia, atrás das quais se colocava Max.

Era uma imagem cativante. As três moças em fila sob aquele arco, iluminadas pelas tochas dos lados e pelos abajures que penduravam justo sobre suas cabeças, pareciam ninfas envoltas naqueles delicados objetos que ressaltavam os atributos e os encantos de cada uma delas.

Amelia, com sua juventude e ingenuidade, sua cara juvenil e seus olhos vivazes, docemente destacadas graças à suavidade da tonalidade verde água da seda de seu vestido e os bonitos detalhes em cor nata das rendas de Bruxelas, estrategicamente colocadas no decote e nas mangas para destacar ainda mais a ingenuidade própria de sua idade, era a perfeita representação dessa menina que antecede ao imediato nascimento de uma bela mulher.

Eugene, com a beleza calma e forma que evidenciava suas origens aristocráticas, via-se serena, doce e com uma aura de ingenuidade, com suas suaves e ainda mal formadas curvas elegantemente destacadas graças a um vestido de gaze e veludo de um celeste céu, com detalhes brocados em fios de prata, e levava fitas chapeadas com pequenas plumas de cor celeste presas em seu formoso cabelo loiro dourado, recolhido com pequenos cachos caindo por suas têmporas de um modo delicado e quase etéreo. Era a perfeita representação de uma beldade grega.

Julianna, por sua parte, parecia desprender círculos dourados que exaltavam seus olhos de mel e os reflexos dourados de seu cabelo. Seu traje,

igual ao das outras duas jovens, marcava-lhe a cintura por um espartilho, seguindo a nova moda procedente do continente, ressaltando e destacando, com discrição, mas com o perfeito e justo efeito de sensualidade e elegância, as curvas de mulher, deixando sutilmente parte do decote dos ombros e dos braços enluvados. Madame Coquette tinha elaborado um vaporoso vestido de gaze e seda de cor marfim iridescente em ouro com pequenos brocados com fios de ouro nas bordas das pequenas mangas, no decote e na linha final da saia. Entretanto, o reflexo dourado parecia desprender-se dos pequenos cristais amarelos colocados estrategicamente de modo que recolhessem e refletissem a luz das velas colocadas em cada sala. O cabelo tinha recolhido com um elaborado penteado que deixava cair sobre os ombros e as costas longas mechas onduladas, enquanto o coque formava cordões dourados com pequenos cristais engastados em algumas de suas mechas, conseguindo brilhos amarelos com cada leve movimento.

Durante uns instantes, que para Max, do alto da escada, resultaram-lhe eternos, começaram a pousar-se nas três moças todos e cada um dos olhares da sala, e o som das vozes se reduziu a meros sussurros que contrastavam com as elevadas vozes e risadas procedentes de um dos salões laterais, unido ao principal por enormes leva de estilo francês e pelos ruídos procedentes das salas onde se achavam colocadas as mesas de cartas e jogos que já se encontravam em plena ebulição.

Enquanto as jovens, evidentemente ruborizadas pela atração dirigida inesperadamente a elas, desciam precedidas pelo almirante, que quadrou os ombros em protetor gesto, e com Max as costas, que com firme olhar e a seriedade do rosto evidenciava o instinto protetor e guardião que queria para que os presentes entendessem sua ferocidade, foram colocando-se com a discrição que até o momento não tinham conseguido, em uma das laterais da sala.

— Cliff, Cliff... Cliff! — Elevou ao final a voz seu irmão —. Por todos os Santos! Fecha a boca e pisque!

Deu-lhe uma leve cotovelada nas costelas sem deixar de sorrir francamente divertido. Cliff piscou um par de vezes, um pouco envergonhado por sua paralisia temporária, enquanto o conde movia a cabeça com um malicioso sorriso e lady Adele e a condessa soltavam ligeiras risadas entre dentes.

— Querida, tinha toda a razão — disse suavemente a condessa a lady Adele, virando um pouco a cabeça em apenas um sussurro. Contendo uma

gargalhada assinalou a seu filho pequeno —. Querido, me permita um conselho maternal. Move esses pés e te assegure de que essa encantadora jovem não é engolida pela horda de cavalheiros que, agora mesmo, dirigem-se para ela com intenção de captar sua atenção e reclamar uma dança.

— Acredito que não seria inadequado saudar uma velha amizade como a do almirante, não te parece, querida? — interveio o conde, arqueando uma sobrancelha com um jocosos tom.

Ethan, com um leve movimento do braço no que se apoiava a mão de sua prometida, insistia-a a dirigir-se ao grupo recém-chegado, enquanto comentava em tom divertido: — Adele? Deveríamos dar a pertinente acolhida em sua primeira temporada a lady Eugene?

— É obvio, que excelente ideia! — respondeu ela com um enorme sorriso nos lábios.

— Diabos! — resmungou Cliff entre dentes — Cliff! Por favor — o repreendeu rapidamente a condessa, embora com um sorriso.

Negou suavemente com a cabeça, deixou sua taça de champagne em uma das bandejas dos lacaios, enquadrou os ombros e disse quase em um grunhido: — Queria ter trazido pistolas, esses malditos crápulas...

Ethan não pôde evitar soltar umas gargalhadas de plena satisfação pela situação de seu irmão.

— Vamos, vamos, Cliff. Acompanhamos-lhe para que faça as honras...

Lady Adele lhe deu um pequeno apertão no braço como amostra de apoio e solidariedade, embora não podia esconder, como o resto de seus acompanhantes que encontrava aquilo francamente hilariante.

Julianna ficou, quase imediatamente, em tensão, claramente incômoda e violenta pela atenção despertada e as olhadas que lhe dirigiam, sem nenhuma dissimulação nem contenção, a maioria dos presentes do salão. Gemeu para si mesmo, mas procurou parecer serena. Prometeu-se conseguir que sua tia se sentisse orgulhosa e não ia amedrontar-se nem atuar como um camundongo assustado ao primeiro indício de pânico, por muito que quisesse sair dali e evitar os olhares e os sussurros que notava como facas em sua pele.

— Queridas, acredito que deveriam deixar que todos esses cavalheiros que se dirigem para cá solicitem as danças que desejem e encham seus cartões de baile. O almirante e eu nos colocaremos ali para não estorvar — disse tia Blanche enquanto com seu leque assinalava um ponto um pouco mais afastado, perto das grandes leva de acesso às salas de jogo.

Julianna lançou um olhar suplicante a Max para que não se afastasse

muito e outro suave a Amelia para que ele centrasse seu interesse um pouco mais nela. Ele, entendendo rapidamente, sorriu-lhe e adotou uma postura que conseguia o efeito de aproximar-se delas, mas especialmente a Amelia.

Em seguida estiveram rodeadas por numerosos cavalheiros que reclamavam uma dança. Na carruagem, tia Blanche lhes tinha insistido a encher o cartão desde o começo, entretanto, também lhes recordou que era seu primeiro baile e que deviam acostumar-se aos salões, por isso era prudente tomar com calma a noite e mais que conveniente deixar alguns ocos livres para descansar e poder relaxar. De modo que as moças concordaram aceitar dançar todas as valsas e deixar algumas das danças livres para reunir-se entre elas e poder falar e trocar ideias.

— Amelia, céu — disse então tia Blanche com tom sério —, recorda que ainda é muito jovem, de modo que só poderá aceitar dois bailes, embora presuma que poderá dançar três, porque o almirante insistirá para que lhe conceda uma valsa.

Amelia assentiu enquanto, sorridente, recordava que, ao meio dia, Max lhe tinha feito prometer que dançaria com ela a segunda valsa.

Mentalmente, enquanto alguns cavalheiros foram se apresentando e reclamando distintas danças, Julianna recordou a si mesmo o plano esboçado na carruagem e, além disso, que a primeira valsa era para o almirante e a terceira para Max. “E uma para Cliff” se disse, mas em seguida se reprovou, “não, não, boba, não lhe pediu isso”. Assim foi atendendo um a um aos cavalheiros que lhes rodearam uns escassos minutos; um minué com o marquês de Furlington, o irmão de Jonas, uma dança campestre para o conde de Durban, um jovem aparentemente risonho e muito jovem para fazê-la sentir incômoda... e assim com todos...

“Outra dança para o visconde de Morray”. O olhou sorrindo.

— Milorde? E sua irmã? Eu gostaria de saudar lady Eleanor mais tarde se não se importar.

— Para mim será um prazer acompanhá-la então, embora, primeiro, presumo que tenho que deixá-la terminar com estes cavalheiros, é justo lhes dar uma oportunidade — respondeu lorde Rayne Bruster com um sorriso sedutor e de consumado perito nestas lides.

— Será uma honra. Agradecida, milorde, para mim foi uma grande alegria conhecê-la e devo admitir que sua irmã me causou uma grata e profunda impressão.

— Acredite em mim, senhorita McBeth, a estimativa foi mútua, de

caminho à festa vinha elogiando a suas novas amigas, tomou-lhes rápido e merecido carinho — insistiu.

Depois de vários exaustivos e intensos minutos foram enchendo, mais do que lhe teria gostado, o cartão de baile.

— Cavalheiros, cavalheiros, por favor, acredito que minhas protegidas já concederam todas as danças, se nos perdoarem, agora as acompanharei para uma limonada, antes de as deixar nas mãos de sua tia — interveio Max firme e rápido.

Em seguida se colocou a seu lado e agarrou pelos cotovelos a Eugene e a Julianna para afastá-las de tantos admiradores, posto que Amelia se encontrava ao seu lado sob estrita vigilância, já que não podia atuar como uma debutante. A notava tensa e quase mal-humorada.

Imediatamente, dirigiu-as para onde se encontrava sua tia e o almirante com objetivo de conseguir “reforços” e, enquanto o fazia, pôde comprovar, e quase sentir-se aliviado por isso, que se encontravam em companhia do conde e da condessa e que a seu lado aguardavam, claramente, seus amigos. Max não pôde evitar sorrir ao ver o sério e tenso rosto de Cliff e esse ar que parecia querer tirar os olhos de cada cavalheiro que tivesse sorrido cortesmente a Julianna.

— Queridas... — Lady Adele estendeu os braços por volta das três moças a modo de saudação —. Estão arrebatadoras!

As três lhe sorriram enquanto se colocavam junto a ela.

— Obrigada! — disse Eugene com um sorriso satisfeito—. Aprova então a escolha? — disse, baixando os olhos a seu vestido.

— Absolutamente — respondeu lady Adele rindo.

Enquanto lady Eugene e lady Adele trocavam, em companhia das jovens, alguns comentários e lady Adele lhes falava de alguns dos convidados com os quais cruzou antes de sua chegada, Cliff fixava sua vista em Julianna. Tinha o olhar de um predador feroz, implacável, imperturbável quanto ao claro objeto de seu desejo. Julianna, que não podia evitar sentir a presença de Cliff como uma essência masculina que a chamava inclusive da distância, olhava-o de marco em marco e, em cada uma das ocasiões, ruborizava-se ao sentir o calor e a intensidade desses verdes olhos fixos sobre ela.

— Queridas — interrompeu tia Blanche —. Será melhor que demos uma volta pelo salão antes que comece o baile para que vão se acostumando e, além disso, depois será mais difícil mover-se. Vamos, meninas.

Com isso as insistiu a uma ronda ao redor do imenso salão acompanhadas

pelo almirante. Entretanto, a tia de Julianna ficou um pouco atrasada, enfrentando cara a cara ao Cliff antes de seguir às jovens — Comandante. — Cliff fixou a vista nela igual a seu irmão e lady Adele enquanto Blanche, com um tom suave, mas firme e com um olhar que deixava às claras a seriedade de suas palavras, dizia-lhe —. Acredito lhe haver dado permissão para ser o pretendente de Julianna, não seu dono... — Arqueou uma sobrancelha.

— Desculpe? — respondeu ele um pouco assombrado, mas com um tom neutro.

— Não duvido de suas boas intenções para com minha sobrinha, inclusive tenho que reconhecer que você me agrada, mas não esqueça que as mulheres Macbeth não têm dono, nem sequer nossos maridos... Quando os aceitamos, claro... Não deveria olhar a minha sobrinha como uma posse, porque não o é e, me atreveria a dizer, que jamais o será, nem ainda se finalmente conseguir sua aprovação para levá-la ao altar. — De novo lhe dedicou um olhar turvo e inquisidor, mas também um sorriso —. Se me desculparem, será melhor que acompanhe a minhas meninas antes que as assediem de novo.

Cliff ficou olhando a marcha da senhora enquanto escutava a rouca risada a suas costas de seu irmão.

— Muito bem, Cliff, dois passos atrás — disse Ethan. Cliff se virou sobre seus calcanhares para olhá-lo e levantou as sobrancelhas a modo de interrogação —. Oh, vamos! Tem que reconhecer que tinha dado um enorme passo adiante estes dois últimos dias, mas esta noite deste dois, de repente, para trás, um com sua tia e outro com... — Assinalou com um leve movimento de cabeça a Julianna, que já se achava a certa distância deles —. Ou acaso lhe pediste já uma dança à encantadora senhorita McBeth? Possivelmente estava tão absorto em seus pensamentos que não te ocorreu?

— Diabos! — amaldiçoou entre dentes, dando a volta na direção tomada por elas —. Se me desculparem — disse, inclinando-se educadamente para sua futura cunhada.

Voltou a escutar a risada divertida de ambos a suas costas.

Em apenas uns minutos conseguiu alcançar ao grupo e com um sutil movimento ficou à altura de Julianna. Enquanto todos caminhavam, e sem deter-se, tomou, para surpresa dela, sua mão e a pousou em seu braço.

— Querida... — disse em um ronrono sensual e pousando suavemente seus olhos nela.

Ela não respondeu, mas sim simplesmente virou a cabeça e a elevou para

olhá-lo. Sua presença lhe provocava uma onda de calor lhe percorrendo todo o corpo, e sua voz sedutora, ferroadas diretas no coração.

— Deveria me desculpar por não a haver recebido e saudado como é devido. — Inclinou um pouco a cabeça e lhe sorriu, provocando palpitações violentas no acelerado coração de Julianna, que seguia sem dizer uma palavra —. Tenho que dizer que é uma visão celestial. — E de novo lhe sorriu —. Poderia solicitar uma das valsas ou acha que chego tarde? Se for assim, acredito que deverei medir minhas forças com qualquer um desses cavalheiros que lhes encurralaram para reclamar minha dança.

Julianna, em um sussurro e dando cabeçadas mentais assim que a frase saiu de sua boca, respondeu com acanhamento: — Bom... lhe tinha reservado uma valsa...

“Boba, mais que boba”, dizia a si mesmo enquanto lhe sorria como um gladiador vitorioso.

Cliff parecia querer levantar os braços para demonstrar ao resto dos cavalheiros a diferença entre eles e ele. Lhe tinha reservado uma dança porque era ele, que ocupava, tanto se ela era consciente como se não, sua mente, seu coração e, dentro de pouco, seu corpo.

— Nesse caso, me reserve a valsa antes do jantar e me conceda a honra de te acompanhar durante o mesmo.

Embora o tom impositivo certamente lhe incomodasse um pouco, já que ele não perguntava, não pedia, mas sim parecia simplesmente exigir, reclamar, Julianna deixou de lado esse mal-estar para concentrar-se e fazer um rápido repasse das normas de protocolo que durante tantas semanas levavam estudando para recordar qual era a valsa prévia ao jantar, “umm, três primeira valsas... depois o jantar... outros três valsas depois”.

— Sinto muito, milorde, mas já me comprometi. — Ele arqueou com certo desgosto a sobancelha. Ela continuou —. O prometi ao Max.

Perto deles se escutou: — Chega tarde, amigo, volta-te lento com a idade — disse um Max sorridente, com Amelia e Eugene a cada lado.

Cliff levantou a vista, olhou-o com um sorriso complacente e lhe disse com voz maliciosa: — Mas, como cavalheiro e amigo, não terá inconveniente em me ceder verdade?

Max sorriu e respondeu: — Terá que perguntar à dama, é privilégio dela.

Cliff assentiu e centrou sua vista em Julianna, quem, olhando a Max, perguntou: — Não te importaria?

— Enquanto me reserve a seguinte... Digamos que considerarei o modo

de reclamar o prejuízo ao cavalheiro. — Olhou para Cliff, quem, entreabrindo os olhos, sabia que falava a sério e que isso lhe custaria uma boa caixa do melhor conhaque.

— Em tal caso — olhou de novo para Cliff, embora ruborizando-se ante a intensidade de seu olhar— , suponho que poderia lhe conceder a valsa, embora o jantar... — Olhou para Amelia e Eugene.

Cliff, dirigindo seu olhar à direção marcada por ela, compreendeu e assinalou, de modo que somente ela o ouvisse: — Entendido. — Sorriu —. Possivelmente — elevou a voz de novo e em tom despreocupado acrescentou com um alegre sorriso— possamos jantar em grupo, não, Max?

— Uma grande ideia, sempre e quando as damas nos prometam exclusiva atenção e não respirem às hordas de cavalheiros que as assediavam para que nos ponhamos ciumentos...

— Isso — assinalou Eugene— não penso lhe prometer isso jamais, Max. Não peça a uma flor que desatenda às mariposas que se pousam em suas pétalas.

Cliff e Max riram sonoramente e o primeiro, virando-se para que pudessem escutá-lo todas, assinalou jocoso: — Espero que nenhum de seus cavalheirescos pretendentes lhes escutem lhes comparar com delicadas mariposas. Sua estima e dignidade poderiam ver-se seriamente afetadas, vindo de flores que têm muitos, mas que muitos, espinhos com que arranhar a esses pobres incautos.

Eugene riu suavemente por sua malícia.

Durante um momento, Max e Cliff se asseguraram, como por tácito acordo, de ter em movimento às jovens, com o fim de evitar que se vissem rodeadas de todos os cavalheiros que não paravam das olhar com claro desejo de aproximar-se delas e reclamar seus cuidados. Embora, no fundo, Cliff pretendia reclamar, sob o atento olhar de todos os olhos centrados neles, a Julianna como dele, detalhe que, certamente, não ignoraram nenhuma das matronas nem mães de jovens solteiras da sala, e menos ainda os cavalheiros, que fixavam sua atenção nela sem mal disfarçar.

Assim que soaram as primeiras notas mediante as quais os músicos avisavam do início da primeira valsa, Julianna já se encontrava sendo escoltada ao centro do salão de baile por um firme e sorridente almirante; e Eugene, por Max, que não parava de lhe fazer brincadeiras para que relaxasse.

— Almirante — disse Julianna um pouco nervosa —, se o pisar, não

grite, lhe rogo.

O almirante riu e, com um tom um pouco paternalista, mas que conseguiu lhe soar tranquilizador, respondeu: — Pequena, sustentarei o primeiro acorde, tranquila, céu, fará muito bem, estou seguro. — Lhe piscou um olho.

Bastou a Julianna que lhe dissesse isso para endireitar as costas, lhe sorrir e deixar que ele a guiasse.

Enquanto, os casais dançavam e Cliff permanecia junto à senhora Brindfet e a Amelia, a qual parecia entusiasmada em seu bate-papo com o jovem Jonas e lady Eleanor.

Ante o firme olhar de Cliff ao casal formado pelo almirante e Julianna, e, possivelmente, por sentir que tinha sido em excesso severo um momento antes com ele, a tia Blanche decidiu falar com ele.

— Comandante, deve saber que duvido em extremo, e você também, que qualquer um dos cavalheiros que há nesta sala chegue a conseguir a atenção de Julianna. Conheço minha sobrinha e detesta a presunção, a petulância e a moral duvidosa que muitos deles gotejam por todos os poros de seu corpo. — Cliff centrou então sua atenção em tia Blanche —. Sim, sim. — Fez um gesto despreocupado com a mão e continuou —. Minhas palavras podem parecer, muito, severas e, inclusive, injustas para toda uma classe social que se considera superior, quer dizer, a boa sociedade. Inclusive pode soar um rancor concentrado. Mas, acredite em mim quando lhe asseguro que não é meu caso e, certamente, menos ainda o dela, pois ainda não leva neste ambiente o suficiente para ter receios tão profundos. Mas sou consciente, e minha sobrinha também, pois como saberá não tem um cabelo de tola, apesar de ser muito inocente e inclusive ingênua, que todos ou quase todos os cavalheiros desta sala veem nela a uma bela jovem e agora, além disso, uma rica herdeira, mas, no fundo, para eles, e você e eu sabemos que é assim, essas duas qualidades têm que pugnar com o que eles consideram um grave defeito ou, se não um defeito, sim uma falha: a falta de sangue nobre em sua linhagem. Nem Julianna e nem eu temos nenhuma gota de sangue aristocrático por nossas veias e, para a imensa maioria das pessoas desta sala, os apelativos de “burguesia”, “comerciantes”, “plebeus” rondam em suas cabeças como sinais desaprovadores. — Ela levantou as sobrancelhas e suspirou —. Não acredite que para nós é uma vergonha ou o consideramos um estigma. Não, não é isso. E mais, se nos tocarem essa corda, nos levantaremos e defenderemos com esforço nossa origem. De fato, terá observado o orgulho que desprende Julianna cada vez que fala de seu pai e,

certamente, quando destaca que era arrendatário, não o faz para menosprezar a sua posição, a não ser com admiração pelo esforço e a firmeza que para ela isso representava. — deteve-se um momento para ver se via desaprovação no olhar de Cliff como em muitos de seus pares ante essa defesa de uma posição social que eles consideravam inferior, mas para seu agrado e tranquilidade quão único conseguiu apreciar foi interesse em suas palavras e a compreensão do significado das mesmas —. O que pretendo expressar, é que Julianna manterá distância de todos eles por pura precaução ou, se quiser estimá-lo assim, como amparo. Não lhes dará motivo algum para desprezá-la nem para menosprezar sua pessoa. Em qualquer caso, se algum cavalheiro pretende conseguir dela algo mais que um sorriso ou uma palavra amável, vai ter que ganhá-lo e demonstrar sua valia. Além disso, os olhos de Julianna são incapazes de pousar-se em mais de uma pessoa e ambos sabemos que, ao menos, nisso você lhes leva clara vantagem. — Deu-lhe um suave golpe com o leque no braço e voltou a olhar à pista de dança.

Ao longe seguia o almirante girando e girando orgulhoso com Julianna em seus braços. Cliff sorriu com uma sensação de calor no corpo e de pura satisfação, e de novo centrou a vista na nela.

— Mas seguirá sem ser seu dono. Recorde minhas palavras... Companheiro, sim, dono, nunca — acrescentou, sorrindo, tia Blanche, o que fez Cliff sorrir e, também, agradecido.

Com a alegria de quem sabe ser o campeão do coração, dos olhares e da atenção de Julianna, e ante o ânimo que parecia querer lhe transmitir sua tia, Cliff meditou em silêncio cada uma das palavras de tia Blanche. No fundo, reforçavam a conversa que tinha mantido essa tarde na carruagem com Adele e, embora, em certo modo, esses receios ou essa natural desconfiança para seus pares podia ser uma vantagem para ele na situação atual, também podia, a longo prazo, constituir, como acertadamente considerava Adele, um obstáculo que devia superar para diminuir a reticência dela a comprometer-se com ele.

Ao finalizar a primeira dança, tanto Julianna como Adele começaram as respectivas rondas com seus acompanhantes, uma dança, um minueto... Conforme avançava a noite ambas foram relaxando até a chegada da valsa prévia ao jantar. Até então, Julianna não teve oportunidade de falar com Cliff, mas sempre notava sua presença perto dela, observando-a, escutando cada comentário, prestando atenção a quanto cavalheiro se aproximava ou com quem dançava. Desejava lhe falar, lhe prestar atenção, poder o olhar de frente

e sem disfarces, mas ele não parecia querer mais que assegurar-se de vigiá-la, igual a Max. Começava a pensar que Cliff não queria que seus pares, as damas da sociedade ou inclusive sua família o vissem em público com ela, não da maneira que acreditava começava a olhá-la até essa noite. Em privado sim, mas em público não, disse-se. Comportava-se de forma distinta, amável e cortês, sim, mas distante, mantendo sua posição frente a ela. Durante uns segundos inclusive lhe assaltaram algumas das palavras que meses atrás lhe espetou, como facas, como insultos diretos a sua pessoa, lorde Bedford, “seu amante, sua querida”. Aquele canalha pensava que Julianna era a querida do comandante, e por que não? Pensou de novo. No fundo parecia querer comportar-se com ela dessa maneira, como um amante atento e desejoso em privado, mas como um mero conhecido em público. Sua ansiedade começava a se fazer patente, posto que inclusive em algumas ocasiões Eugene lhe perguntou se estava bem, que estava um pouco distraída, e isso lhe deixou mais nervosa.

Com uma cortês inclinação, Cliff se plantou frente a ela e com um tom suave assinalou: — Senhorita McBeth, se não recordar mau, esta é nossa valsa. — Ofereceu-lhe de modo formal seu braço.

Ela, quase por inércia, igual levava fazendo-o toda a noite, fez uma suave genuflexão e apoiou sua mão enluvada em seu braço e deixou que a guiasse à pista de dança. “Sem mais palavras, sem mais gestos, sem nada mais que pudesse lhe delatar...”, pensou enquanto caminhavam lentamente entre os casais que igual a eles iam se colocando.

A fez girar, colocou-lhe uma mão nas costas e levantou seu braço lhe segurando com delicadeza sua mão para a correta posição. Segundos depois estavam girando sobre a pista. Ela não o olhava à cara e as vezes que levantava um pouco o queixo parecia procurar um ponto mais à frente do próprio Cliff.

Julianna notava certa tensão, e não uma agradável, a não ser fria, densa. Cliff, por sua parte, notou sua rigidez, em seus braços, em seus gestos, a tensão de suas costas. Estava incômoda. Seria por ele?

— Bem, querida, está se divertindo esta noite?

Precisava ouvir sua voz, tentar saber o que acontecia em sua cabeça e se algo estava errado, que lhe dissesse.

— Sim, milorde, está sendo muito agradável. Possivelmente um pouco exaustiva — respondeu tímida e formalmente.

A resposta ambígua e carente de tom ou nota alguma da conversa e a

afabilidade de Julianna, unido ao fato de que não levantou a vista para olhá-lo, incomodou e preocupou ao Cliff por igual. Queria lhe ver os olhos, queria notar o movimento de seus lábios. Cheirava tão bem, seu calor era tão agradável, familiar, sensual, excitante, Agora notava outra tensão, mas era diferente, a que lhe pressionava incômoda a virilha, a que despertava de novo o desejo do caçador, do predador com sua presa em seus braços.

— Depois desta valsa será o jantar, poderá relaxar e repor as forças — disse em voz baixa.

Julianna notava a distância, a formalidade da conversa, o desconforto de ambos. Por Deus!, Levava sonhando com essa dança a semanas, estar em seus braços, o ter tão perto, poder cheirar seu particular aroma, masculino e especialmente, sentir o calor e a firmeza de seu abraço, e, agora, estava desejando que acabasse o que estava se convertendo em uma tortura, incapaz de olhá-lo, de levantar sua vista do alfinete com um diamante que prendia sua perfeita gravata de laço.

Cliff não o suportava mais, era superior a suas forças notá-la tão distante, tão alheia a ele. Desejava agarrá-la e arrastá-la a qualquer outro lugar, abraçá-la e senti-la de novo como dele.

— Ocorre algo? — perguntou enquanto com a mão em suas costas Julianna notava a pressão que fez que se aproximassem um pouco um ao outro.

— Milorde?

De novo sem levantar a cabeça, pensou tenso. Não o suportava mais.

— Me olhe, Julianna.

Sua voz foi apenas um sussurro, mas firme, rouca, não brusca, mas sim decidida. Ela demorou uns segundos, mas, finalmente, elevou a vista, o que em seguida compreendeu foi um erro. Encontrar-se com esses imensos mares verdes, intensos, ardentes, provocou-lhe uma momentânea perda da realidade. Ao cabo de uns segundos, que para ela foram eternos, lhe sorriu e com sua melodiosa voz acrescentou.

— Está franzindo o cenho e remói o lábio, e se segue me olhando assim vou acreditar que está zangada comigo. — Disse-o com uma cadência, com uma nota de humor que conseguiu que ela apertasse mais o lábio e que se ruborizasse —. E bem? — insistiu —. Acaso... fiz algo que tenha te incomodado? Porque se for assim te rogo me repreenda como estima conveniência, embora antes espero conhecer o motivo da aflição causada para poder encontrar um meio adequado para me emendar e reparar a possível

ofensa.

— Não ocorre nada, é que acredito que me viria bem me refrescar um pouco. Quando acabar a valsa, irei à área de descanso das damas.

Mentiu, não queria lhe dizer a quantidade de ideias, de dúvidas e inseguranças que lhe corroíam nesse momento o corpo. Estaria equivocada com ele?, Teria estado vendo o Cliff que queria ver não o Cliff de verdade?

— Nesse caso, a acompanharei até ali ao finalizar.

“Não, Por Deus!” pensou Julianna com claro alarme.

— Preferiria pedir a Eugene, acredito que também gostará de refrescar-se um pouco antes do jantar.

Para alívio de Julianna, ele aceitou a explicação, já que não acrescentou nenhum outro comentário e, depois de dar o último giro, acompanhou-a junto a Eugene, que também saía da pista de dança de braços de outro cavalheiro. Ambas se dirigiram a penteadeira de senhoras, que se achava justo atrás de uns biombos de seda da área de descanso das damas, de modo que ficavam ocultas atrás deles.

— Ocorre algo, Julie? Está muito calada há um bom tempo.

Julianna a olhou e lhe sorriu antes de responder com a mesma desculpa dada ao comandante, mas sem tempo de fazê-lo, porque se escutaram as vozes de três damas que entravam na sala ao outro lado dos biombos. Ambas se olharam e ficaram caladas.

— Ora! Isso são bobagens — disse uma —. Minha mãe me contou que é uma filha ilegítima, fruto de uma relação extramatrimonial de sua mãe, que era uma promíscua reconhecida. Teve a sorte de que o duque a reconhecesse sem mais, inclusive não sendo claramente filha dela, mas qualquer um sabe quem é seu pai, inclusive se diz que era um mero criado. Que horror!

— Em todo caso, seja quem for, isso não importa, tem, desde que nasceu, o sobrenome, a posição e a fortuna do ducado, assim segue sendo um excelente partido — disse outra das vozes, mas com um claro tom de desprezo em sua voz.

— Pois eu a estive escutando enquanto conversava ao lado de meu grupo com vários cavalheiros e me pareceu uma jovem agradável e claramente bem educada, e tenho que reconhecer que morro de ciúmes pelo vestido que usa. Minha mãe quase desmaia quando a viu aparecer, ela leva meses tentando que Madame Coquette nos aceite como clientes — disse uma terceira.

— Caroline, por que não guarda suas ridículas impressões para ti? Deveria te concentrar mais em tentar encontrar um bom partido, querida. Esta

é sua terceira temporada e não parece que vá ser melhor que as duas anteriores, verdade? — espetou-lhe a primeira voz —. De qualquer modo, não me preocuparia muito por ela, suponho que é uma competência a suportar, embora não me surpreenderia que, além dos rumores de seu nascimento, tenha em seu contrário suas relações sociais.

— Do que está falando, Sarah? — perguntou a voz da garota a qual chamaram de Caroline —. De fato, vi-a conversando, ao chegar, com lady Adele, que é sua prima, e por ela aparentará com os de Worken dentro de poucas semanas, sem esquecer que, tanto se for certo ou não o de seu nascimento, isso pouco importa, pois é, para todos os efeitos, filha de um dos duques com um dos títulos e uma das linhagens mais antigas da Inglaterra.

— Caroline, sério, se não tem nada inteligente que contribuir à conversa, rogaria que não falasse. — escutou-se um riso tolo procedente da segunda moça —. Refiro a essas senhoritas McBeth, é obvio.

— Não te compreendo. — De novo interveio Caroline.

— Seriamente, Caroline, começo a entender por que é sua terceira temporada sem pretendentes... — O tom de desdém era de total irritação inclusive para os ouvidos das silenciosas orelhas que escutavam atônitas atrás do biombo — . Não te fixaste como as olham todos os cavalheiros? Especialmente a essa “Julianna”. Por favor! Se até o nome é vulgar! Certamente é uma beleza, bom, se é que é desses que admiram os traços um pouco rústicos nas mulheres... E sim, graças a essa senhora Brindfet, sua tia, será uma herdeira mais rica que Creso, mas esses dois “detalhes” não evitam o realmente importante, a linhagem, o sangue. Não são mais que burgueses, novos ricos, comerciantes, dinheiro novo. Isso, nenhum cavalheiro de boa posição e berço, poderá esquecê-lo, e duvido que chegue a perdoá-lo em pró desses dois atributos que são a suposta beleza e a fortuna. A classe, o berço, a boa sociedade e as boas relações, não se podem compensar com algo tão ordinário como o dinheiro — insistiu a tal Sarah.

— Não posso estar mais de acordo — interveio de novo a segunda em discórdia —. Por muito que agora tenham rendidos a seus pés aos cavalheiros por havê-los deslumbrado momentaneamente, a novidade passará e, certamente, eu também duvido que considerem alguma delas por um motivo ou outro, boas candidatas para nada e menos ainda para esposas. Cansarão delas e reavaliarão, como tem que ser, suas prioridades e valores, notando-se naquelas de nós que podemos ser esposas adequadas e lhes assegurar um bom matrimônio, uma boa posição na sociedade e boas relações e longe de todo

escândalo e de parentes camponeses, brutos e ignorantes, por muita fortuna que exibam.

Ambas riram maliciosamente.

— Embora, não me importaria me tornar amiga sua por um breve lapso de tempo para que apresentassem devidamente a lorde Cliff de Worken e a lorde Maximilian Frenton. É, sem dúvida, um de meus candidatos a possível marido. Além de fortuna e título é tão incrivelmente bonito... e todas sabem que, os libertinos acabam convertendo-se nos melhores maridos — disse Sarah e riu com sua companheira, para elas, um divertido comentário.

Depois disso, escutou-se o frufu das sedas roçando pelos movimentos das mulheres, a porta e depois silêncio. De novo estavam sozinhas. Tanto Julianna como Eugene ficaram um bom momento em silêncio, olhando-se como tentando assimilar os maliciosos comentários dessas “damas”. Julianna não pareceu especialmente irritada pelos comentários feitos sobre ela, sim, em troca, pelo dito sobre Eugene, que começava a ficar um pouco pálida. Aproximou-se um pouco dela e tomou as mãos que pousavam um pouco trementes em seu colo.

— Geny? — perguntou cautelosa.

— Estou bem, Julie... — disse ela com uma voz trêmula, com as lágrimas lutando para não sair.

— Geny... — Julianna lhe apertou um pouco mais as mãos que permaneciam fortemente entrelaçadas em seu colo —. Não faça conta, são moças maliciosas e invejosas. Sabe que não deve te deixar menosprezar por elas. Estão furiosas porque é a mais bonita de todas as debutantes e os cavalheiros preferem a ti e não elas. — Eugene tomou ar e suspirou —. Geny, sabe o que vamos fazer? Vamos sair aí fora e não deixaremos que nada nem ninguém nos impeça de desfrutar desta noite. Tomaremos algo rico, dançaremos e riremos como até agora. Seremos fortes, verdade? Nos apoiaremos mutuamente e não deixaremos que influa em nós a opinião de umas néscias, malcriadas e perniciosas meninas. Juntas?

Olhou-a com firmeza tentando não transluzir seu próprio mal-estar, esperando ansiosa uma resposta.

Eugene suspirou sonoramente, secou as lágrimas que ainda não tinham deslocado por suas bochechas, incorporou-se com segurança e levantando o queixo assentiu firme com a cabeça.

— Juntas.

Enquanto caminhavam em busca de Max e de Amelia, para irem juntos

ao salão ou a uma das salas onde se encontravam colocadas as mesas para os refrescos, Julianna ia olhando a seu redor tentando identificar às três jovens cujas vozes demoraria muito em esquecer. Teve sorte porque passaram junto a um grupo de mães e filhas que as olhavam com receio e foi fácil dar com as moças em questão. Já estava preparada para comentários e gestos depreciativos para sua pessoa e para suas origens, isso era algo que tinha falado em muitas ocasiões com sua tia que, na sua época, teve que suportar muitos desprazeres da “boa sociedade”, que aproveitavam qualquer oportunidade para lhes jogar na cara sua origem, tentando com isso menosprezá-los, embora, em seu caso, o efeito era o contrário já que, quanto mais lhe recordavam sua falta de sangue azul, mais orgulhosa se sentia de ter obtido tudo o que tinham com esforço, firmeza e sendo honestas e honrada consigo mesma e com outros. Assim que ela estava preparada para aqueles comentários. Esperava-os, mas escutar o desprezo, a ofensa gratuita e o despotismo empregado com verdadeira crueldade contra Eugene lhe tinha chegado à alma e a tinha posto muito furiosa. Assim que se prometeu ali mesmo dar uma lição a aquelas estúpidas moças. Claro que não podia envergonhar a sua tia nem ao almirante, por isso decidiu que no baile do dia seguinte poria em prática algum tipo de vingança, suave, porque tampouco tinha que ficar a sua altura e ser cruel, mas ao menos um castigo devia receber. Endireitou os ombros ao passar ao lado delas, elevou o queixo e sorriu.

— Demorastes uma eternidade... Bom, é privilégio das belas damas fazer seus cavalheiros esperarem... vamos comer algo e assim descansam um pouco, que estou seguro estarão um pouco cansadas... — disse Max com esse adorável sorriso que exibia com facilidade.

Ofereceu seu braço livre a Eugene que, entretanto, preferiu ceder-lhe a lorde Jonas, o que o consentiu educadamente com um gesto de cabeça, embora lhe lançou outro desses olhares de advertência ao interessado. Ao mesmo tempo, Cliff se colocava junto à Julianna e fez o mesmo, lhe oferecendo seu braço e um sorriso que derreteria os polos em escassos minutos.

Julianna tinha baixado a tensão anterior, o incidente da sala de descanso parecia ter obtido que esquecesse todo o resto, e embora agora, de novo, deixava-o presente, já não se sentia tão irritada com ele nem com sua fria conduta. Por incrível que fosse. O ter por perto a fazia se sentir segura, inclusive protegida frente aos que os rodeavam. Sorriu ao Cliff e caminharam

até o salão de jantar.

Cliff também pareceu notar o ligeiro alívio dessa tensão, porque esboçou um sorriso mais de alívio que de alegria. Ao chegar à sala, acompanharam-nas a uma mesa ainda vazia, esperaram até que tomassem assento e foram procurar algo de comer enquanto indicavam a um lacaios que lhes aproximassem uma bandeja com limonadas e champagne.

— Geny? — Ela a chamou gentilmente e com o gesto surpreendeu Amelia quando os cavalheiros saíram para procurar refrescos —. Encontra-te bem?

— Sim, sim — disse com quase um fio de voz e fazendo um claro esforço para sorrir.

Julianna se sentou junto a ela, tomou-lhe a mão e olhando a Amelia baixou a voz e disse: — Escutamos a umas invejosas fazer inerentes comentários sobre nós, mas — dirigiu seu olhar mais resolvido a Eugene — decidimos que não vamos nos deixar criticar por maliciosas e ladinas moças, já que com isso não conseguiriam a não ser deixá-las sentir-se vitoriosas quando não deveria ser assim, não é, Geny?

Eugene levantou o queixo, inspirou fundo, sorriu orgulhosa e respondeu com firmeza: — Não, claro que não. Vamos desfrutar desta noite, faremos com que fiquem verdes de inveja por nossos bonitos vestidos e dançaremos com os melhores partidos e os melhores cavalheiros da festa... — E lhes sorriu como se o mero feito de ter tomado a decisão de batalhar já fosse em si uma grande vitória —. Juntas, sempre juntas. — E tomou a mão de Amelia, apertando a que Julianna segurava.

Elas responderam também sorrindo: — Juntas.

Amelia pôs um olhar travesso e disse com um intrigante tom: — Vi urtigas nos vasos da galeria norte, estão colocados ao redor de enormes tulipas. — E levantou uma sobrancelha. Eugene e Julianna olharam com os olhos abertos —. Bom... — continuou ela com voz travessa —. Todo mundo sabe que os cabelos que cercam a ponta produzem uma coceira inofensiva, mas muito irritante...

Julianna pensou consigo mesma que não ia ter que esperar para lhes dar uma lição. As duas sorriram ante sua ideia.

— Sim, mas como vamos fazer para que as toquem? — perguntou Eugene.

— Não é necessário. Poderíamos agarrar alguns poucos em um lenço e depois... Umm, teríamos que encontrar a forma de que os toquem sem dar-se

conta, com as mãos que têm enluvadas como nós, e depois, cada vez que se rocem a cara, o decote ou os braços irão estendendo esses pelinhos e provocando que um momento depois lhes piquem muito essas regiões...

Julianna arregalou os olhos e com sorriso de falsa recriminação, disse com voz maliciosa: — Que bagunça você fará, me recorde que se alguma vez te fizer de tola, devo temer as consequências... — Arqueou uma sobrancelha e olhou para Eugene — . O que te parece?

— Estupendo, mas sigo sem saber como fazer para que toquem esses pelinhos...

Julianna olhou ao longe e viu Max, Cliff e Jonas servindo alguns sanduíches, pães-doces e carnes em uns pratos, virou a cabeça para olhar às duas: — Acaba de me ocorrer a forma. Poderíamos pô-los nas palmas das luvas dos três. — Assinalou em direção a eles —. E em seu ombro, e lhes dizer que as tirem para dançar. Não disse uma delas que Max era um de seus “candidatos”? Certamente que aceitariam encantadas.

As três os olharam a distância.

— E como fazemos para que eles não acabem também retorcendo-se de coceira? — perguntou Eugene — Bem, o efeito é molhar os pelinhos e os pós da urtiga antes que eles toquem a pele nua, se dissermos a eles para não tocarem a pele e, depois de dançar com elas, molharmos as áreas que cobrimos com a pele, nada vai acontecer com eles.

— Isso serviria, verdade?

Julianna se animou de repente em se vingar das jovens, mas não poderia ser nem perigosa nem muito cruel. As três trocaram olhares várias vezes.

— Então? — perguntou Amelia levantando as sobrancelhas.

— Eu digo que sim — respondeu Eugene resolvida.

— Decidido então — respondeu também Julianna.

As três riram excitadas pela emoção.

— O que está decidido? — perguntou com um tom um pouco áspero de suspeita Max que chegava seguido de Cliff e de Jonas.

— Querido Maxi, queridíssimo irmão... você faria o que fosse por mim, não é certo? — perguntou Eugene em uma voz meio suplicante meio maquinadora, e inclinando a cabeça enquanto entreabria os olhos.

— A que santo tenho que encomendar para evitar a penitência a que acredito vais submeter-me? Em que confusão vou entrar? — perguntou entreabrindo os olhos.

— Em realidade, necessitamos a ajuda dos três. — Olhou com doce

provocação os outros.

Cliff olhou suspicaz para Eugene, depois para Amelia e por último para Julianna, e todas estavam sorrindo do mesmo modo. Mas nenhuma disse nada.

— E bem? — insistiu Max.

— Só teriam que dançar com três senhoritas — disse Eugene com tom travesso.

— Só dançar com três senhoritas — repetiu Max com incredulidade manifesta.

— Bom, sim — disse suavemente Eugene —. E nos deixar que lhes ponhamos um pó no ombro e nas palmas das luvas.

Max se inclinou um pouco para frente abrindo a boca para dizer algo, mas antes de fazê-lo interveio de novo Eugene enquanto se levantava e agarrava o braço de Amelia para que fizesse o mesmo.

— Esperem aqui, em seguida voltamos. — estava-se girando para partir quando de novo olhou para Max —. Empresta teu lenço?

Max a olhou assombrado, mas obedeceu sem pigarrear. Três pares de olhos se viraram para Julianna de modo imperioso esperando uma explicação. Ela suspirou e os satisfez: — Podem ver, se for possível com dissimulação e muita discrição, a essas três senhoritas do fundo da sala? Uma delas leva um vestido branco com pérolas presas... — Esperou que olhassem de esguelha e quando todos assentiram continuou —. Estávamos na sala de descanso, quando elas entraram. As áreas se separam por uns biombos de seda pelo que não nos viram e... — Baixou um pouco a voz e a cabeça envergonhada, mas também enfurecida consigo mesma por não lhes haver enfrentado nesse momento —. As escutamos falar e não foram muito amáveis conosco, mas foram em excesso cruéis com Eugene. Disseram umas coisas... — Meneou a cabeça com desgosto deixando cair as pálpebras.

Max endureceu o rosto.

— O que disseram?

Sua voz revelava uma profunda ira e indignação, mas preocupação. Julianna levantou a cabeça para olhá-lo diretamente.

— Sabe, Max, mas não só foi o que disseram, a não ser como. Quase me levanto e as golpeio. Se não o fiz foi porque Eugene estava pálida e quase tremendo.

A cara de Max se tornou quase agressiva e olhou de novo na direção das três.

— Deveria lhes dar uns açoites e repreender a suas mães por ser tão... — Respirou fundo várias vezes —. E lhes ocorreu se vingar, claro.

Julianna assentiu.

— Sim. Mas não pode saber que fomos nós, ou ao menos de modo que seja muito evidente. Além disso, só queremos lhes dar uma pequena lição, uma pequena maldade quase infantil, tampouco é que vamos exigir uma compensação em sangue nem às desafiar em duelo. Embora... — Arqueou a sobrelanceira e as olhou de soslaio —. Eugene dispara francamente bem. — E sorriu maliciosa.

Jonas levantou de repente a cabeça e com os olhos abertos.

— Lady Eugene sabe disparar?

Max com um grande sorriso lhe disse: — As três sabem. Ensinou-lhes o almirante e Eugene demonstrou um dom excepcional. Não erra o tiro.

Max e Cliff riram com estrondosas gargalhadas. Cliff se virou para olhar para Julianna e centrando de novo o tema, perguntou: — O pó?

— Ah... bom, isso foi Mely. Viu urtigas em uma das galerias e ela sabe como recolher o pó e os pelinhos que provocam as coceiras. Nós vamos colocá-los em vocês para que elas os toquem e um momento depois estarão... — Fez um gesto com a mão —. E lhes molharemos com água a região onde tenham o pó depois e já não acontecerá nada.

Os três se olharam e riram baixo. Max, com um sorriso ainda um pouco tenso, disse olhando ao Cliff: — Equivocamo-nos ao escolher generais. Com várias mulheres à frente do exército, os homens estariam perdidos, quanta criatividade têm em poucos minutos... — Olhou para Julianna e disse com um tom excessivamente galante —. Por minha parte estarei encantado de lhes servir, minha senhora.

Jonas sorriu e, também em tom despreocupado, assinalou: — Nunca acreditei que diria esta frase, mas... A seus pés, meu general.

Julianna riu e Cliff concluiu: — Somos o seu exército. Só nos indiquem a vítima e lhes serviremos sem piedade.

Não teve tempo de responder, já que chegaram Amelia e Eugene com uma cara de evidente satisfação.

— E bem? — perguntou Eugene.

— Recrutamos a todos — respondeu Julianna alegre.

O resto do jantar o dedicaram a preparar o plano. Julianna, sentada ao lado de Cliff, inclinou-se para ele um pouco e enquanto o resto seguia conversando lhe sussurrou: — Obrigada.

Cliff a olhou, agarrou-lhe a mão e a levou aos lábios lhe beijando os nódulos: — Um prazer. — E lhe sorriu fazendo que um rio de lava esquentasse de repente todo seu corpo —. Além disso, os bailes da sociedade sempre resultam muito tediosos, um pouco de emoção será bem-vinda, mais ainda quando se trata de castigar justamente uma afronta.

Riu com esse sorriso brincalhão que Julianna já começava a conhecer tão bem como sua própria voz.

Ao terminar o jantar, acompanharam às três de volta em companhia do almirante e de tia Blanche que, nesse momento, conversava animadamente com duas elegantes damas de “idade indeterminável”, como ela chamava toda mulher que superasse os quarenta anos. Com um pequeno gesto, os três se dirigiram a suas respectivas vítimas, depois de ter sido adequadamente cobertos de pó no ombro, na manga e nas palmas das luvas.

A distância, Amelia, Julianna e Eugene observaram como solicitavam a valsa às três jovens que com os olhos exagerados aceitaram sem nem sequer comprovar em seus cartões de baile se os tinham comprometidos ou não. Além disso, suas mães, estrategicamente situadas perto delas, deram-lhes sua aprovação com exageradas amostras de entusiasmo.

— Pode-se saber o que estão maquinando esses três?

A voz de lady Adele se escutou atrás das três moças, que rapidamente se viraram e a encontraram olhando para Cliff, Max e Jonas e a cena que estavam protagonizando, antes de dirigir seu olhar de novo às três moças que, ruborizadas, olhavam-na.

— Nem Max nem Cliff convidariam para dançar a debutantes nem que dependesse a vida disso e, menos ainda, em presença de umas tão entusiastas mães casamenteiras... Querem me dizer o que se propõem? — Arqueou a sobancelha em claro indício de que não se conformaria com um “não sabemos” ou um simples silêncio.

Eugene suspirou, mas não disse nada. Julianna criou coragem e confessou, sem que pudessem ouvi-la nem sua tia nem as damas que com ela continuavam conversando animadamente. Lady Adele as olhou firmemente, depois às jovens que se dirigiam à pista de dança de braço de seus três inesperados acompanhantes e, de novo, fixou a vista nas três maquinadoras.

— Umm... — deu um par de golpes no queixo com o leque e novamente olhou à pista de dança —. Não posso dizer que aprove a vingança de modo geral, mas um digno castigo sim me parece aconselhável. — riu um pouco e fez um gesto a Ethan para que se aproximasse e, olhando às três enquanto o

obedecia, disse —: Não acham que merecem igual castigo as mães que as filhas? — Levantou ambas as sobrancelhas.

As três a olharam com os olhos abertos e viraram também em direção às três senhoras situadas ao fundo da sala, e foi Eugene a que perguntou: — Bom, sim... Suponho..., mas não podem tirá-las para dançar, seria muito descarado, além de inapropriado.

Lady Adele lhe pôs uma mão no braço e lhe disse: — Não é necessário as convidar para dança alguma, bastaria com que lhes agarrasse a mão para saudá-las um cavalheiro cuja luva estivesse devidamente empoeirada. — Sorriu com o mesmo olhar travesso que tinham mostrado antes as três jovens. Justo nesse momento chegou Ethan ao seu lado e lady Adele, mostrando um encantador e arrebatador sorriso, disse-lhe —: Querido, me acompanharia a dar uma volta pelo salão e saudar umas quantas pessoas?

Ethan sorriu e com uma inclinação de cabeça respondeu: — Será toda uma honra e um prazer, minha dama.

Estava lhe oferecendo o braço para que apoiasse sua mão quando ela o fez girar e lhe segurou a mão direita.

— Não te mova, querido — disse enquanto lhe sustentava a mão com a palma para cima. Virou a cabeça em direção das três e lhes disse —: Passam um pouco desse mágico pó, por favor?

Ethan a olhava com as sobrancelhas levantadas, mas não se movia, e assim que Amelia tirou o lenço de sua bolsa e o abriu dissimuladamente para que ninguém os visse, ele perguntou: — Mas o que...?

— Você não te mova, e, por Deus, não me toque com esta mão até dentro de um momento, depois lhe explico tudo. — E lhe sorriu enquanto terminava de lhe pôr alguns pó na enluvada palma de sua mão direita.

De novo o fez girar e se apoiou em seu braço esquerdo e com um leve movimento de cabeça lhe indicou a direção a que queria ir. Virou a cabeça justo quando estavam caminhando.

— Depois nos vemos, queridas. Tenho uma batalha que confrontar — lhes disse lhes piscando o olho, o que fez com que as três rissem sem remédio.

Ao cabo de uns minutos Max, Cliff e Jonas viravam com as três embevecidas jovens em seus braços enquanto que lady Adele e lorde de Worken, seu flamejante prometido, faziam as cortesias às mães das mencionadas, que se mostravam tão encantadas pela deferência de tão ilustre e encantador casal como com a aparente boa sorte de suas filhas, ao receber

os cuidados de dois dos solteiros mais desejados de todas as matronas da boa sociedade.

Durante os seguintes trinta minutos Eugene e Julianna não pararam de dançar com todos os cavalheiros aos quais lhes tinham prometido uma dança, sob o atento olhar de Max e Cliff. E inclusive Amelia ocupou a pista, já que pôde dançar com Max a valsa que lhe tinha prometido, e outra dança com lorde de Worken, que amavelmente a convidou para ser seu par nessa ocasião.

Pouco depois começaram a observar os frutos de seu plano. Uma das jovens não parava de fazer gestos e movimentos estranhos, o que lhe provocava o olhar reprovatório de algumas das pessoas que se encontravam ao seu redor. A segunda jovem estava tão incômoda e de tal mau humor que não parava de dizer rabugices e incorreções ao cavalheiro que teve a ousadia de aproximar-se enquanto ela, além disso, não parava de arranhar-se sem dissimulação os braços e os ombros. E por último, a terceira vítima, a que, além disso, foi a que mais cruéis insultos verteu, encontrava-se sentada junto à que certamente fosse um membro de sua família, uma tia ou algo assim, abanando-se de um modo nada elegante, com claros sinais de vermelhidões em seu rosto e em seu decote e realmente zangada, porque tinha sido repreendida publicamente por uma elegante dama depois de protagonizar um incidente um pouco abafadiço com uma bandeja cheia de taças de champagne, uma jovem a que quase lhe atira o conteúdo da mesma e o acompanhante desta. De modo que, além de ser severamente repreendida por este cavalheiro devido ao irado e enfurecido comportamento mostrado pela mesma ante outras jovens e seus acompanhantes, foi objeto de olhares desaprovadores e inclusive descortesias de muitas pessoas que os rodeavam. Estava claro que as três jovens estavam tão mal-humoradas e tão nervosas que não faziam mais que cometer indiscrições e, para o cúmulo, começavam a notar as vermelhidões na pele, o que provocava as olhadas receosas de todos os que se encontravam a seu redor que, além disso, atribuíam esse rubor ao mau comportamento e à fúria evidente das três, sem procurar outra explicação.

Por sua parte, as mães das jovens estavam tão zangadas com seus brotos e seu comportamento que não eram conscientes de seu próprio nervosismo nem das vermelhidões que começavam a lhes aparecer nos decotes e no pescoço de tanto arranhar-se, e por haver tocado a enluvada mão que lhes tinha oferecido minutos antes lorde de Worken.

Max e Cliff, devidamente colocados onde podia vigiar a Eugene e Julianna, tinham estado observando junto a Ethan e a Jonas as distintas cenas que iam provocando suas vítimas e, ao cabo de um bom momento, não foram capazes de evitar rir quase a gargalhadas do que iam vendo. Por sua parte, Adele, que aproveitava alguns momentos para apresentar Amelia a algumas das mais jovens convidadas e alguns dos mais jovens cavalheiros, observava a distância as três e ao cabo de um momento não pôde a não ser colocar-se ao lado de Ethan, Cliff, Jonas, Amelia e Max para rir com gosto e, em algumas ocasiões, com pouca dissimulação, porque realmente aquilo parecia um vodevil e eles os únicos espectadores que conheciam o verdadeiro roteiro, para fazer comentários dos mais malévolos.

Ao final resultou uma noite muito entretida, inclusive para os convidados alheios ao que realmente acontecia, porque, graças aos incidentes que iam protagonizando as três jovens e suas cada vez mais mal-humoradas mães, tiveram entretenimento toda a noite e material para a fofoca durante uns dias. Além disso, obtiveram que tanto Eugene como Julianna passassem uma noite entretida, longe do esgotamento e do estresse de ser expostas pela primeira vez à sociedade, mas, longe do pesar provocado umas horas antes por essas damas e suas mães.

De retorno à casa, não puderam evitar confessar a tia Blanche a origem de tais incidentes e, depois de repreendê-las, sem muita convicção, teve que reconhecer que tinha sido uma noite muito mais interessante do que prometia ao princípio.

Antes de abrir a porta de seu dormitório, Julianna respirou fundo, desejando encontrar uma surpresa de Cliff e inclusive no fundo tinha que reconhecer que desejava encontrá-lo, igual à noite anterior. Abriu a porta com cuidado e entrou olhando ao seu redor. Não viu nada em cima de sua cama, nem na penteadeira. Foi uma sensação estranha, desanimadora. Suspirou e se dirigiu a sua penteadeira, e em seguida apareceu a donzela para ajudá-la a despir-se. Com um grande sorriso lhe perguntou pelo baile e Julianna, ante seu entusiasmo e possivelmente para distrair-se e não pensar em Cliff nem em não ter surpresa essa noite, contou-lhe como transcorreu a festa, incluídos os incidentes, o que provocou as gargalhadas da donzela e também algumas perguntas sobre eles pelo que, também lhe confessou o que tinham feito e a ideia de Mely sobre as urtigas. Com claros gestos de aprovação a donzela a olhava enquanto colocava a camisola e, antes de despedir-se, disse-lhe entre risadas que, pela manhã cedo, perguntaria ao jardineiro se havia urtigas no

jardim e, em caso de havê-las, que as mantivesse longe das mãos da perigosa Amelia, como a chamou.

Julianna estava cansada, mas muito nervosa para dormir, por isso agarrou um de seus livros de navegação e subiu na cama. Apoiada sobre os grandes almofadões, depois de quase meia hora olhando a mesma página era incapaz de centrar-se no que lia. Tinha uma sensação de vazio que sabia perfeitamente a que se devia. Apenas fazia duas horas que se separou de Cliff naquelas enormes escadarias e sentia desejo por ele, por seu sorriso, por sua voz, por seu calor. Seu contato, sua pele. Sentia-se viva, vibrante, ardia por dentro com só um roce. Suspirou e elevou a vista, fixando-a em um ponto afastado do quarto onde estavam, em cima da mesa, os instrumentos de navegação que lhe tinha dado o Almirante.

Pum!

Girou de repente a cabeça para o balcão ante o forte som e, ao cabo de uns segundos, apareceu na soleira Cliff, com uma enorme carteira de couro sob o braço.

— Ainda bem que não fechou a janela... Tenho que dizer que me custou um pouco subir e, espero que aprecie em toda sua justa medida este alarde de romantismo extremo, tenho que assinalar que acredito destrocei a trepadeira na base e que a hera ficou seriamente machucada em minha subida...

Julianna o olhava com os olhos arregalados sem poder mover-se da cama. Ele elevou a vista e a fixou nela. Inclusive da distância ela pôde observar uma mudança em suas pupilas e como se obscurecia a verde água de seus olhos. Incorporando-se um pouco sobre a cama para ficar em pé quando, de onde ele estava, ouviu-se sua voz rouca e um pouco carregada.

— Por Deus, Julianna, não te mova...! Essa camisola é quase transparente. Deixa pouco à imaginação e, se te mover ou te aproxima, não poderei me controlar.

Olhava-a com uma intensidade que provocou um calafrio em Julianna, mas um calafrio que quase a fez sentir poderosa, ardente. “Se te mover...”, sua voz soou ainda mais rouca.

Durante uns minutos nenhum dos dois se moveu, olhavam-se em silêncio até que Julianna não pôde aguentar mais, era pura necessidade. Necessitava-o, necessitava que essa energia e essa vibração, que era pura energia fluando entre eles, materializassem-se, que a tocassem. Necessitava a esse homem perto, mais perto.

— Pode entrar... — disse com a voz tão carregada como a dele e se

incorporou um pouco na cama, quase de joelhos.

Os olhos de Cliff se arregalaram, observava-a como um lobo a sua presa e quase parecia disposto a lançar-se sobre ela. Notava cada um de seus músculos duros, em tensão pura, seu coração parecia disposto a saltar sem permissão de seu peito e seus pulsos eram tambores marcando o final de uma batalha que sabia perdida desde que pousou os olhos nela, com essa camisola e essa juba caindo em ondas por seus ombros. E agora, agora já não poderia lhe parar nem um exército, “Por todos os Santos”, pensava, enquanto dava alguns passos entrando no quarto.

— Julianna, Por Deus, volte a te sentar...

— Mas? Por quê? O que acontece? Não estou nua.

Mantinha os olhos abertos, fixos no rosto de Cliff, um rosto com as feições endurecidas e tensas.

— Julianna, essa camisola é quase... Deus... Julianna, vai me matar — dizia com a voz cada vez mais rouca —. Tem as velas justo a suas costas. Acredite-me, causaria o mesmo efeito nua.

Julianna não se moveu, mas em troca, Cliff foi se aproximando pouco a pouco, rodeou a cama e ficou justo ao lado dela e, como se fosse uma boneca alheia a seus movimentos, elevou a mão que tinha livre e lhe acariciou a bochecha. Em seguida deu um passo atrás e, lhe olhando com o cenho franzido, pediu com a voz profunda, contida: — Ao menos, te cubra com a colcha. Se não, não poderei ficar, não poderia me conter.

Julianna obedeceu, embora, nesse mesmo instante, com o Cliff iluminado pela luz do candelabro da mesinha, com o rosto cintilando graças a esses olhos ébrios de paixão e com cada um dos duros, firmes e cinzelados músculos de seu corpo em tensão, ela se prometeu que, antes de chegar o amanhecer, tinha que ser dele, só dele. Tinha que senti-lo dentro dela, tocar esse corpo livre das peças que lhe impediam de sentir seu calor, seu tato, sua dureza. Não queria pensar em nada mais, em ninguém mais. Por uma noite queria que o mundo deixasse de mover-se ou, se seguia em movimento, que não lhe importasse absolutamente. Inclusive agora não lhe importava não chegar a ser mais que sua amante, uma amante temporária, não ser para ele mais que alguém que passou sua vida de modo temporário. Somente lhe importava ser dela e que ela fosse dele, por umas horas ou uns dias, mas dele.

Vinham de mundos distintos, sem dúvida isso sabia desde fazia tempo, mas o visto e vivido as horas anteriores tinham afiançado essa ideia, essa certeza. Vinham de mundos tão distintos que era impossível que chegassem a

ser algo mais, mas por fim não lhe importava. Sabia que não o poderia ter além de um tempo determinado, e mesmo assim não poderia ser seu por completo, porque uma parte dele estava tão longe dela e era tão inalcançável que jamais poderia alcançá-lo. Mas agora, essa noite, nesse momento, não lhe importava. Não iria pensar. Por uma vez, por uma só vez, deixaria de ser sensata e tomaria o que desejava sem pensar no amanhã. Além disso, se ficava a pensar no amanhã teria que enfrentar à realidade, a que havia além das portas de seu dormitório: um mundo que os separava, um mundo no qual Amelia e ela estavam em perigo, em mãos de Leme, um mundo que era ainda mais perigoso e incerto que meses atrás, porque agora tinha pessoas que as queria, nas quais tinha que pensar e que, acontecesse o que acontecesse, ela as poria a frente de si mesmo, de seus desejos e inclusive de sua felicidade. Eram mais importantes. Mas esta noite, esta noite, estavam ela e Cliff, os dois. Mordeu o lábio inferior e voltou a olhá-lo nos olhos.

— Por que está aqui? — perguntou quase em um sussurro, com medo ao que respondesse.

Voltou a aproximar-se e, com a mão em sua bochecha, lhe acariciando os lábios com o polegar, sorriu-lhe com esse provocador e sensual sorriso de quem sabe que é um predador ardiloso e eficaz.

— Vim para te trazer sua surpresa. — Voltou a sorrir —. Acreditava que tinha me esquecido?

Juliana se ruborizou por suas palavras, pelo rouco tom de sua voz que parecia lhe roçar a pele como a mais sensual das carícias e por esses olhos verdes que a atravessavam e lhe chegavam até o mais profundo. Sentia um calor, uma onda de excitação nas vísceras que lhe baixava como um rio até o centro de sua paixão.

— Não sabia... Bom... Não sei...

Voltou a morder o lábio. Era incapaz de pensar com prudência com ele olhando-a desse modo, com o calor de sua mão, de seus longos e firmes dedos lhe acariciando como uma promessa do que poderia vir depois.

— Me deixe um pouco de espaço, por favor.

Cliff assinalou junto a ela enquanto se sentava na beira da cama e colocava a seu lado a enorme carteira de couro e, sem tempo para reagir, simplesmente se inclinou para diante e a beijou, um beijo tenro, leve, doce, mas tão sensual que quase não se deu conta de que a havia tocado com os lábios, porque todo seu corpo se disparou para as chamas de algo que já ardia em seu interior.

Os olhos de Julianna se dilataram enquanto ele se incorporava, ficando sentado com seu flanco roçando seu quadril e com uma de suas coxas tocando sua coxa por cima da colcha. Ela se inclinou um pouco, percebendo o aroma almiscarado e temperado de seu corpo, o calor que transmitia, a força, a poderosa atração que emitia.

Abriu a carteira e tirou várias folhas, abriu-as, estendeu-as em cima da cama e logo a olhou, sorrindo agradado ante a expressão de espera de Julianna.

— Trouxe-te alguns mapas, algumas cartas de navegação e um mapa das estrelas. — inclinou-se de novo e depositou um suave beijo em sua testa enquanto ela parecia fascinada pelo que lhe mostrava —. Deve saber aonde te dirigir antes de empreender uma viagem, a não ser que queira acabar a deriva. — Agarrou uma das folhas e assinalou o porto de Londres —. Se este for seu ponto de origem, me diga... aonde você gostaria de ir?

Julianna abriu os olhos fixando-se na forte mão, esses dedos longos e bem desenhados, na firmeza de seus traços claramente patrícios. Moveu-a com a sua insistindo-a a seguir o caminho que ela marcava e a dirigiu a um ponto determinado do mapa.

Cliff fixou sua vista no ponto marcado.

— Às Índias? Interessante... por que ali?

Julianna girou a cabeça para lhe ver o rosto, observando que estava sorrindo, conseguindo que lhe percorresse uma cálida sensação de achar-se em casa. Depois de uns segundos conseguiu centrar-se na pergunta que lhe tinha formulado e, dirigindo de novo sua vista ao mapa, respondeu: — Porque parece um lugar longínquo, desconhecido, diferente e exótico. Um lugar no qual as coisas são tão diferentes... — O olhou com um intenso brilho nos olhos —. O almirante me deixou um de seus livros de viagens e falava da Índia, parece um lugar a meio caminho entre a civilização e o selvagem. Suas tradições, suas crenças, sua forma de vida, descreve-a como uma mescla entre a superstição e os princípios naturais mais básicos, mas também a meio caminho do mais avançado. Acreditam em deuses de vários braços e, entretanto, também no respeito pelos mais velhos, seus ensinamentos, sua sabedoria. Seguem umas firmes tradições sociais e religiosas e fomentam que as mulheres sejam peritas na arte do cortejo e da sedução. Parece-me fascinante esse contraste e... — Sorriu —. Está no outro lado do mundo. Uma longa viagem cheia de aventuras!

Cliff riu ante esta última forma de resumir todo o anterior. Tão inocente e

ao mesmo tempo tão intrépida. Imaginou essa viagem tão longa com ela encerrada em seu camarote para ele sozinho. Jogou uma olhada de soslaio a sua insinuante camisola e amaldiçoou em seus pensamentos. Obrigou-se a centrar-se nela, não em seus apetites.

— Veem.

Ofereceu-lhe a mão enquanto ficava de pé, mas imediatamente, assim que ela se moveu um pouco deixando cair a colcha que a cobria, arrependeu-se. Endureceu-lhe o olhar quando Julianna se incorporou e teve que obrigar-se a afastar o olhar e dirigi-lo ao tamborete frente a penteadeira onde se encontrava sua bata. Essa bata seria a única que de momento a salvaria de ser devorada imediatamente, pensou. E assim que ela saiu da cama, soltou-a e lhe assinalou a bata.

— A vais necessitar para sair ao balcão.

«E para que não te arranque essa ditosa camisola de um puxão», pensou.

Deixou-a passar diante dele em direção a penteadeira, tentando centrar seu olhar na cama e obrigando-se a recolher as folhas estendidas nela para manter as mãos ocupadas. Deixou-as em cima da mesa e se virou para comprovar que já estava um pouco mais coberta.

— Por todos os Santos! É que já não vendem roupa de cama que não leve a um homem a beira da loucura? — disse com os olhos fixos na silhueta perfeitamente visível sob aquelas duas finas, muito finas capas de seda.

Se antes lhe custava controlar-se agora lhe custava até respirar. E para complicá-lo mais ela se aproximava dele devagar e com um meio sorriso, mesclado de sensualidade e ingenuidade, que chamava gritos à fera que levava dentro, permitindo que o movimento do ar e de seus quadris marcassem ainda mais suas curvas, suas esbeltas e desejáveis curvas com cada roce do tecido.

Julianna parou a meio metro dele, lhe olhando diretamente nos olhos. Cliff estendeu um de seus braços e a arrastou sem pensar até ele, abraçou-a cobrindo seu corpo com seus braços, insistindo-a a colar-se a ele, a apoiar-se nele. Cada uma de suas curvas ficou perfeitamente amoldada ao seu corpo, suas coxas, seus quadris, seus peitos. Aquelas duas capas permitiam perfeitamente sentir o calor que desprendia seu corpo, sentir cada uma de suas suaves e brandas formas femininas se chocando com o duro e poderoso corpo dele.

Uma luz se iluminou dentro desse feminino, sensual e inocente corpo guiando os sentidos, as reações de Cliff. Inclinou a cabeça para beijá-la. Um

beijo ofegante, faminto, incendiário. Ele teve que segurar muito forte as rédeas, suas rédeas, porque as notava desbocar-se. Necessitou um esforço quase sobre-humano para interromper o beijo, mas tinha que fazê-lo, tinha que terminar o que tinha ido fazer primeiro. Tinha um plano perfeitamente esboçado desde fazia dias e devia segui-lo. Julianna devia estar segura dele, deles e de tudo de um possível futuro, juntos.

Levantou a cabeça e com ela em seus braços, firmemente segura, observou-a enquanto abria os olhos e centrava pouco a pouco sua vista com as pupilas dilatadas com um véu de paixão, com os lábios ligeiramente úmidos e ansiosos.

Roçou-lhe a bochecha com o nariz e depois se inclinou deixando beijos em sua bochecha, em sua orelha, dando uma pequena dentada no lóbulo, que lhe provocou um gemido de prazer que a Cliff chegou até o mais profundo, e o reteve aí, um som que procuraria escutar milhares de vezes a partir de então, que o provocaria cada noite para poder fechar os olhos com ele antes de dormir com ela em seus braços.

— Me acompanhe ao balcão — lhe sussurrou, como acariciando seu ouvido —. Quero que veja algo.

Tomou a mão e a guiou até o balcão, mas mantendo-a junto a seu flanco. Estava contendo seus demônios internos, mas certamente, não ia privar—se do prazer de notar seu doce e apetitoso corpo junto ao dele, seu calor, seu aroma, esse aroma que transtornava cada um de seus sentidos.

Ao chegar a fez passar diante dele, mas assegurando-se de ter seu corpo junto a seu torso, assegurando-se de que ela recebia seu calor e estava perfeitamente abrigada. Colocou-a frente ao telescópio onde pendurava, como em noites anteriores, uma nota.

Julianna a olhou e depois elevou a vista procurando os olhos de Cliff. Ele sorriu sedutor, arrogante e lhe sugeriu enquanto lhe ordenava com voz cálida: — Lê-a.

Julianna a agarrou, desdobrou-a e, seguindo suas ordens, leu-a:

Afrodite é a deusa grega do amor apaixonada e sexual, e não posso imaginar a ninguém que represente essa deidade melhor que você. É a deusa que imagino em meus mais ardentes sonhos, a deusa que desejo, que desejo cada noite e a que quero possuir e que me possua por completo. Sou seu mais fiel e humilde adorador, seu servo, minha Afrodite. Permita a este mortal te mostrar quanto desejo, seus desejos, satisfazer.

Teu por sempre, Cliff de W.

P.S. Olhe pelo telescópio.

Inclinou-se para olhar pelo telescópio em silêncio. Esta vez, havia um enorme casco de navio ancorado no centro do porto com grandes tochas por toda a coberta e no casco, como sempre, justo em cima da saída da âncora, perfeitamente iluminado por grandes faróis, o nome do navio: Afrodite.

Sem dizer nada, Julianna se virou e, levantando os braços para abranger o pescoço de Cliff, ficou nas pontas dos pés e o beijou enquanto por seus olhos se deslizavam várias lágrimas. Queria ser dela e estava lhe dizendo que a desejava, a ela, só a ela, a sua Afrodite. Ia-lhe ensinar o prazer, a amar... queria ser dela e o seria.

— Cliff... me ensine... me mostre...

Com Julianna em seus braços e lhe olhando com esses olhos inocentes, inexperientes, cheios de curiosidade e avidez pelo desejo e a paixão, com lágrimas correndo soltas por seus bochechas, ele teve que fazer um grande esforço a honra que ficava para respirar fundo e procurar não se comportar como um bruto nem como um egoísta. Ela era inexperiente e não podia deixar-se levar sem mais.

— Julianna... — disse com a voz rouca e com os lábios até roçando a suave e doce boca dela —. Tem que estar segura, carinho, não haverá volta atrás.

Queria lhe dizer que, se seguiam adiante, casaria-se com ele, seria sua para sempre. Mas, sem saber por que, não foi capaz de lhe dizer isso, possivelmente por temor a que se fechasse totalmente e não só não o aceitasse nesse momento, mas sim não o fizesse nunca.

— Confia em mim? Tem que confiar em mim.

Julianna não conseguiu compreender o verdadeiro alcance do que Cliff lhe perguntava, mas não lhe importava, queria estar em seus braços, ser acariciada por ele e acariciá-lo, e deixar-se levar pela paixão com ele, por isso se limitou a assentir e deixar-se levar. De novo o beijou até que foi ele quem tomou o controle do beijo e do corpo de ambos. Cliff girou com ambos abraçados de modo que o corpo de Julianna ficasse entre o seu e a parede do balcão, não só queria tê-la mais perto dele, a não ser segura, resguardada da brisa que corria pelo balcão e pelo calor de seu corpo e de seus braços em torno dela.

O beijo demorou pouco em converter-se em algo mais, em uma troca sensual de carícias mútuas e no início de uma recíproca invasão de seus

corpos e os desejos de ambos. Cliff a beijou com voracidade, recebendo com prazer a entrega e o pleno assentimento de Julianna. Já não havia possibilidade alguma de escapar, tinha perdido a batalha contra sua fera interna e deixou soltas as rédeas de seu desejo e, com elas, o pouco autocontrole que até então tinha tido.

Julianna estava quase nua em seus braços, com apenas duas finas capas de seda que não só lhe permitia sentir cada uma de suas curvas e seus leves movimentos, mas também, além disso, davam-lhe livre e fácil acesso a esse desejável, suave e sensual corpo. Aferrou-se a ela e ela a ele. Deram-se e devolveram os beijos com ânsia, como uma necessidade mútua. Tinha-a entre seus braços, reclamava-a como dele, ia possuí-la e marcar como sua para sempre.

Suas mãos foram deslizando-se pouco a pouco por seu corpo, mantendo-a apoiada contra a parede, mas sem aprisioná-la. Queria que ela pudesse mover-se ligeiramente para que o tocasse, acariciasse-o, explorasse-o. Julianna liberou um de seus braços e foi, igual a ele, deslizando uma de suas mãos por seu pescoço, seu ombro, até apoiá-la em seu escuro e duro torso. Esse trêmulo e suave contato excitou ainda mais a Cliff, sua mão insegura procurando seu contato, sua pele, seu peito, o levou a perder toda capacidade de reação por uns segundos. Em seguida baixou suas mãos até seu traseiro e, com suavidade, mas com firmeza, aproximou-o de seu corpo esfregando ligeiramente suas coxas, seus quadris, suas partes mais sensíveis. Ela gemeu entre seus lábios e sentiu como ardiam suas veias, como lhe acelerava o pulso e o estremecimento que percorreu seu corpo sob suas mãos, sob essas peritas e sensuais carícias.

Cliff interrompeu o beijo para recuperar o fôlego e, possivelmente, para recuperar um pouco de prudência e sentido.

— Julianna. Está segura? Se continuarmos não poderei parar... — Lhe roçava os lábios com os seus e notava a respiração acelerada dela, seus suaves ofegos, seu quente fôlego.

— Estou segura, estou segura, não quero que pares — respondeu com os olhos fechados e com seus lábios procurando os beijos de Cliff.

Cliff se apoderou de novo de sua boca, apertou-a ainda mais contra seu corpo e a elevou para levá-la para dentro, à cama. Ela se deixou levar, aferrou-se a ele abraçando-o ainda mais firmemente pelo pescoço. Quando as pernas de Julianna se chocaram com a cama, Cliff a baixou para que apoiasse os pés sobre o chão, sem soltá-la, sem deter o beijo. Foi ela a que pareceu,

esta vez, tomar um pouco de iniciativa, pois lhe pôs ambas as mãos no peito e começou a lhe abrir com movimentos dúbios a jaqueta, lhe obrigando a romper o abraço para deixá-la tirar a peça, que caiu diretamente no chão. Seguiu explorando seu peito, procurando os botões da camisa com suas mãos trêmulas. Cliff tomou suas mãos e ofegou: — Deixe comigo.

Desabotoou a camisa e deixou que ela explorasse ao prazer, abriu-lhe a camisa com ambas as mãos deixando descoberto pouco a pouco cada músculo, cada curva, cada parte escura, dura e musculada do varonil e perfeito corpo masculino frente a ela. Com as palmas estendidas e fixando a vista nesse magnífico corpo, Julianna acariciou ao prazer, fixou-se com os olhos muito abertos nesse duro peito, saboreando seu calor, a suavidade de sua pele, a firmeza de cada parte. Cliff a deixou fazer, observando a cara dela, deleitando-se de sua expressão de curiosidade, de desejo, de descobrimento. Deixou que lhe tirasse a camisa, que o acariciasse e olhasse durante uns minutos até que suspirou, e o contato de seu quente fôlego em seu peito foi como acender um fósforo em um barril de pólvora. Passou-lhe a mão sob o queixo obrigando-a a olhá-lo nos olhos. Esses enormes olhos âmbar nos quais se apreciava a chama que ardia em seu interior. Por uns segundos ficou quieto, mas depois se inclinou beijando-a com ardor, segurando seu rosto com ambas as mãos e deixou que saísse à superfície o predador que levava dentro. Começou a acariciá-la com as mãos e com os lábios foi percorrendo seu rosto, deixando uma trilha de beijos, de carícias sensuais com a língua que conseguiram seu propósito, derreter por completo a Julianna, que viu como seus joelhos falhavam, precisando apoiar suas pernas na cama, o que Cliff aproveitou para afastar-se um pouco dela e assim estender suas mãos sobre seus ombros, deslizando primeiro a bata e depois a camisola, que ficaram aos pés dela enquanto permanecia nua frente a ele, rosada, cálida, bela. Ele teve que conter o fôlego ante a imagem desse perfeito e formoso corpo, com seus cabelos soltos caindo em ondas por seus ombros e suas costas, com seu olhar fixo em seu no torso e com os lábios inchados e excitados.

Sentiu uma onda de excitação, de vida, de energia lhe percorrer seu corpo já endurecido e excitado. De novo a tomou pelos ombros e foi acariciando com as palmas estendidas seu pescoço e depois foi baixando até cobrir com ambas as mãos os peitos, turgentes, sedosos, perfeitos. Julianna ofegou e arqueou um pouco as costas como por reflexo. Ele se inclinou e enquanto acariciava e torturava docemente os peitos foi percorrendo com seus lábios e

a língua sua garganta até chegar a seus seios já excitados e endurecidos. Julianna mordeu o lábio para conter um grito afogado ante a deliciosa sensação que lhe provocava sua tortura, tremendo e ruborizando-se com cada contato.

Ao cabo de uns minutos, Cliff a levantou à cama deixando-a estendida com as pernas ligeiramente pendurada frente a ele. Olhou-a e sorriu e, em apenas um par de movimentos, tirou o resto de sua roupa, ficando plenamente nu frente a Julianna, cujos olhos aumentaram ante esse poderoso e forte corpo masculino nu e excitado. Ambos percorreram seus corpos nus com a vista, deleitando-se e acariciando-se com o olhar em silêncio. Cliff deu o passo que os separava, inclinando-se sobre ela, cobrindo seu corpo com o seu. Começou a beijá-la ligeiramente no pescoço, os ombros, acariciando com suas mãos seus peitos já endurecidos e que ela notava dolorosamente pesados e plenos, antes de cobri-los com sua boca. Saboreou com prazer ambos os peitos, seus mamilos endurecidos, lambendo-os e lhe dando pequenas dentadas, provocando gemidos de prazer a ela que, com suas mãos aferrando-se em seus ombros, movia-se suavemente sob as carícias dele.

Posou uma de suas mãos em seu estômago e começou um baile de carícias por sua cintura, seus quadris, enquanto com a mão livre seguia torturando um de seus peitos. Elevou a cabeça para lhe ver o rosto avermelhado pela paixão e, sem deixar de acariciá-la, de novo tomou sua boca saboreando seu calor e a inocência que desprendia. Julianna estremeceu sob ele, — Não tenha medo, carinho, iremos devagar até que seu corpo esteja preparado para me receber — lhe disse com a voz rouca enquanto com seus lábios continuava acariciando seu pescoço.

Julianna mantinha as mãos em seus ombros e, com certa indecisão, tentou baixá-las para lhe acariciar. Cliff notando seu nervosismo e seu temor, elevou a cabeça, colocando-se a escassos centímetros de seu ruborizado rosto e, com um suave sussurro enquanto tomava uma de suas mãos dirigindo-a por seu torso, insistiu-a a acariciá-lo: — Pode me tocar, carinho, te deixe levar. Explore tudo o que queira. Sou teu, todo teu. Faz comigo o que quiser.

Julianna abriu ainda mais os olhos e dirigiu seu olhar ao corpo nu de Cliff, que tinha se afastado um pouco dela para lhe permitir lhe ver bem, para lhe dar acesso ao que quisesse. Ela suspirou e de novo dirigiu seu olhar às verdes profundidades escurecidas de Cliff, que a olhava com ardor.

— Me diga o que tenho que fazer. — Por fim conseguiu sussurrar com a voz um pouco trêmula e com clara indecisão —. Não sei o que tenho que...

Cliff a beijou sem lhe deixar terminar e de novo se afastou um pouco.

— Faz o que queira, o que deseje.

Julianna inclinou um pouco a cabeça para poder vê-lo bem e com as palmas das mãos estendidas sobre seu peito, notando seu calor, o ritmo acelerado de seu coração, começou a acariciá-lo, baixando lentamente, sentindo o leve tremor que lhe provocava seu contato e inclusive o suave ronrono que saía de sua garganta quando o roçava com as unhas. Aquilo a fez se sentir poderosa, audaz, quase libertina.

Cliff sorriu ante a expressão de seu rosto, o prazer inexperiente e inocente, mas carregado de sensualidade e luxúria nova que se lia no rubor de suas bochechas, no brilho de seus olhos, em sua descompassada respiração e nesses lábios, avermelhados, enfebrecidos que se curvavam levemente ante ele.

Começou a sentir uma espécie de paixão possessiva, primitiva, primária e, sem poder evitá-lo, de novo se apoderou de seus lábios e aproximou seus corpos excitados, provocando um gemido de surpresa em Julianna quando, sobre seu quadril, notou o duro, quente e firme membro dele, que com suavidade abriu suas coxas com um de seus joelhos e começou a acariciar a carne interna do mesmo com uma de suas mãos. Separou-se dela e baixou seu corpo, colocando-se entre seus joelhos, e com seus lábios começou um atalho de carícias do umbigo até seu sexo, fazendo com que as chamas que se acenderam nas vísceras e no peito dela se elevassem até sentir-se arder de prazer. Quando cobriu seu sexo com sua mão, Cliff continuava beijando-a e lambendo o ventre, e ao sentir como passava das carícias de seu sexo a introduzir suavemente um de seus dedos e começar um estranho, mas excitante baile em seu interior, Julianna deu um pequeno coice, mas ele a segurou com sua outra mão, colocando-a no ventre e sussurrando com seus lábios roçando sua pele: — Te deixe levar, carinho, sinta, me deixe fazer. — Acariciava-a com os lábios sem deixar de torturar seu sexo com os dedos —. Pequena, está tão úmida, tão molhada e cálida... — Pousou os lábios, a boca em sua intimidade —. Deus... e sabe tão bem... — Ao escutar um leve gemido sussurrou de novo —: sinta pequena, somente sinta.

Introduziu-lhe outro dedo antes de voltar a movê-los em seu interior, fazendo com que seus músculos interiores e os de suas coxas se esticassem. Julianna conteve o fôlego quando sentiu os lábios de Cliff roçando, acariciando suas virilhas, procurando com sua língua, seus dentes e sua boca algo que conseguia levá-la a um mundo de luxúria e desenfreno que não

queria abandonar. Ante os contínuos gemidos dela, durante uns breves instantes, ele curvou seus lábios em um sorriso lento, sensual antes de prosseguir atormentando-a. Suas mãos se aferraram a seu espesso cabelo procurando algo onde agarrar-se, onde manter-se segura a este mundo. O brutal assalto de seus nervos, as sensações que a elevavam além da razão e do sentido da realidade, pareciam levá-la longe, tão longe que era impossível reagir ante essa língua cálida, firme, sensual e febril de seu sexo, seu interior. Suas carícias foram se fazendo cada vez mais intensas, mais prementes. Ela sufocou um grito ao alcançar o clímax, ficando em mil pedaços, com o corpo estranhamente excitado e relaxado ao mesmo tempo.

Quando foi recuperando um pouco da consciência perdida, Julianna se encontrava estranhamente satisfeita, mas ainda ofegante de algo desconhecido. Olhou ao Cliff, que tinha se apoiado sobre ambos os cotovelos sobre ela e com seu rosto sobre o dela a observava recuperar o fôlego, observava-a enquanto conseguia de novo centrar seu olhar em seus olhos. Em um instante sentiu, outra vez, os dedos de Cliff em seu interior enquanto cobria seus lábios com os seu em um apaixonado e nada delicado beijo. Ela elevou—os, ainda, um pouco pesados braços para abranger seu pescoço, para aproximá-lo um pouco mais a ela. Gemeu em protesto ao notar como ele retirava seus dedos e se afastava um pouco mudando de postura, insistindo-a a abrir um pouco mais as pernas para recebê-lo, tomando sob seu corpo suas nádegas de um modo que impulsionava os quadris, de modo que o corpo de Cliff se encaixava à perfeição entre suas pernas, entre suas coxas. Acariciou-a algumas vezes com a ponta de seu membro antes de introduzir pouco a pouco, deixando que fosse se acostumando a ele, deixando que seu corpo fosse se abrindo a ele. Fechou forte as mãos sobre suas nádegas insistindo-a a colocar-se em uma melhor postura e a atraiu para si, empurrando-a e conseguindo que a sensação desse duro e quente corpo e essa reclamação e possessividade produzissem uma descarrega de adrenalina. Elevou um pouco os quadris, como se um ser a guiasse em sua ignorância e lhe insistisse a seguir, a penetrá-la mais e mais. Os movimentos de Cliff eram lentos até que, em uma investida longa, direta e segura, chegou até o final, até a capa de sua virgindade. Julianna se esticou e soltou o ar que estava contendo.

Cliff parou, conteve-se com feroz controle e a beijou para lhe dar calor, para mantê-la com ele.

— A dor passará, dura uns momentos, até que seu corpo possa me acolher bem... — A beijou carinhoso, paciente, tenro— . Carinho... shhhh, só será

um momento. — Acalmou-a em um suave sussurro entre beijos e ligeiras carícias.

Julianna se deixou beijar, consolar enquanto ele se mantinha quieto dentro dela uns segundos, esperando que se recuperasse e se adaptasse a seu tamanho. Ao cabo de um momento começou a mover-se de novo e a dor deu lugar a um delicioso prazer, a umas sacudidas de sensações brutais que pareciam lhe provocar espasmos de puro deleite. Sem parar de beijá-la, de lhe acariciar com seus lábios, Cliff foi adaptando o ritmo conforme ia encontrando uma e outra e outra vez as sensações prazenteiras. A resposta do corpo de Julianna, que acolhia cada investida, que o recebia elevando ainda mais os quadris insistindo-o a aprofundar cada vez mais, conseguiu excitar ao Cliff até fazê-lo arder. De repente se viu subjugado a esse Cliff selvagem, primitivo e cavernícola que reclamava triunfal esse paraíso. Apoderou-se dele uma ardente e desconhecida sensação de poder, de desejo, de necessidade por ela.

Julianna começou a balançar-se debaixo dele, seu pulso se disparou ante os golpes cada vez mais seguros e profundos dele. Os sedutores beijos, as carícias de seus peitos, o contato do roce de sua branda pele com a cálida e dura pele do corpo dele, a fricção dessa leve capa de pelo das coxas e do seu peito contra ela, excitavam-na ainda mais. Havia uma certa ternura nessa ferocidade, nessa invasão de um corpo duro. Com suas mãos se aferrou a seus ombros, a seus quadris e inclusive a suas nádegas, lhe pedindo investidas cada vez mais longas e profundas, e ele obedecia com prazer. O descobrimento da paixão de Julianna e da ardente recepção de seu corpo conseguiu que Cliff perdesse todo controle, toda capacidade de controle de seus instintos.

A explosão no interior dela ao alcançar o clímax, essa febril excitação final de prazer, sentiu-a conectada ao dele e, depois de uns instantes, ele a seguiu sem remédio, estremeceu-se dentro dela, sobre ela, ao redor dela.

Com os corpos cansados, desfeitos e muito pesados para reagir, foram recuperando pouco a pouco o fôlego. Cliff se elevou um pouco sobre seus cotovelos, aliviando o peso de seu corpo, mas mantendo-se ainda dentro dela, de seu calor. Observou-a enquanto ela voltava para a consciência, totalmente ruborizada, com os lábios inchados e o cabelo alvoroçado cobrindo o travesseiro. Beijou-a com ternura antes que começasse a abrir os olhos.

— Julianna, querida... Está bem? Diga-me que está bem.

Mantinha seguro seu rosto com ambas as mãos à espera de que ela abrisse

os olhos. Julianna foi curvando os lábios desenhando um deslumbrante sorriso que lhe roubou o fôlego, que fez arder seu coração ante esse rosto, ante esses olhos que o olhavam cobertos com um véu de satisfação e de uma plenitude que o deixava atônito.

Com o sorriso ainda nos lábios, Julianna respondeu com a voz afogada e a respiração ainda trabalhosa.

— Estou... estou bem...

Cliff se retirou dela com suavidade, deitou-se de costas levando-a com ele, acomodando-a com a cabeça sobre seu peito, com as pernas entrelaçadas e rodeando-a com seu braço, enquanto com o outro subia o lençol para cobrir seus corpos até a cintura.

Com o corpo de Julianna jazendo a seu lado, satisfeito, relaxado, esgotado, Cliff soube que era isso tudo o que queria, tudo o que necessitava, o único o que não poderia viver. Começou, quase por inércia, a lhe acariciar o quadril, o braço, as bochechas enquanto ela permanecia recostada, esquisitamente exausta entre seus braços.

Beijou-a na testa e disse enquanto se levantava da cama: — Não te mova, carinho, tenho que fazer uma coisa.

Julianna gemeu ao notar que se separava dela.

— Espere, céu, é só um momento.

Foi até o lavatório e, depois de molhar uma das toalhas na água, foi até ela e a insistiu a abrir um pouco as coxas para lhe limpar o sangue. Fez-o com uma ternura e uma delicadeza que a fez ruborizar-se de novo. Depois, depois de assear-se ele, voltou para seu lado e se estendeu junto a ela abraçando-a como antes, lhe acariciando o cabelo e a bochecha com a ponta dos dedos.

— Deveria dormir um pouco. Despertarei antes de ir, prometo-o.

Beijou-a na testa. Depois de uns breves minutos, com a bochecha ainda apoiada no oco de seu ombro, perguntou timidamente: — É... É sempre assim?

— Assim?

Embora Cliff entendesse o que lhe perguntava, desejava saber como ela se sentia. Olhou-a fixamente.

— Bom, tão... não sei. Foi... — Os caóticos sentimentos e sensações de Julianna nesse momento eram do todo impossíveis de compreender e menos ainda de expressar —. Tão apaixonado...

Cliff riu suavemente já que, certamente, tinha sido apaixonado. Ela era incrivelmente apaixonada ante seus estímulos sexuais. Ele a tinha imaginado

ardente, mas sua resposta, sua reação natural ante seu corpo e suas carícias, tinham sido melhores do que teria podido imaginar, pelo que poderia ter sonhado. Julianna era seu perfeito complemento e seus corpos sabiam. Qualquer encontro anterior com uma mulher empalidecia ante essas novas sensações, esse novo descobrimento, esse prazer tremendo e quase infinito sentido instantes antes. Mas como fazê-la entender? Como tentar explicar algo que escapava de sua própria capacidade de entendimento? Como explicar que, no momento no qual se esvaziou nela, sentiu-se como um colegial a ponto de desmaiar de puro êxtase? Como explicar que senti-la agarrar seu membro em cada embate o levava a beira da loucura? Como explicar que a tensão de conter-se ao princípio para não machucá-la tinha explorado em uma luxuriosa sensação excitante e sensual que o envolvia liberando não só essa tensão anterior, a não ser um calor, um fogo que ameaçou em alguns instantes fazendo-o arder em um explosão de desejo e paixão desatados e liberados de um fechamento no qual não sabia tinham estado sempre? Como explicar que quase começa a gritar como um inexperiente quando notou os espasmos de seu próprio orgasmo anunciando sua liberação final? Como explicar aquela loucura? Se isso era o que o amor fazia a dois corpos, por Deus que jurava não renunciar jamais a isso.

— Acredite-me, carinho — lhe disse enquanto com os dedos sob o queixo a insistia a olhá-lo —. Nunca é assim. Nunca. Não acredito que exista ninguém que possa me fazer sentir o que sinto contigo, desejá-la tanto como desejo a ti. Julianna, é única, a única para mim.

Não sabia de onde saíam essas palavras, saíam sem mais, como se alguém dentro dele estivesse falando com os dois. Mas sabia que era certo, cada palavra, cada sensação, cada sentimento e a beijou de novo. Julianna o observou uns instantes em silêncio.

— Carinho, deveria dormir, amanhã sentirá o corpo um pouco dolorido.

“Deus santo”, ofegou para seu interior, desejava-a de novo tanto, com tal intensidade que começava a lhe doer o corpo, mas tinha que deixá-la descansar, seu corpo precisava recuperar-se e ele não ia machucá-la por nada do mundo.

Os olhos de Julianna começavam a lhe pesar tanto como o resto do corpo, suas pálpebras lhe pesavam incapazes de permanecer abertos. Sentia-se esgotada, felizmente esgotada. Acomodou a bochecha no ombro de Cliff e a mão em seu peito sentindo seu calor e os rítmicos batimentos de seu coração. Depois de uns instantes, nos quais sentiu como ele a abraçava um pouco mais

perto acomodando-a entre seus braços, a escuridão se abateu em torno dela levando-a a um pesado e relaxado sono.

Cliff não demorou tampouco muito em fechar os olhos, embora sentisse um comichão estranho no estômago e no peito, uma espécie de nervosismo. Estava afligido pelas sensações tão intensas, pelo premente de sua necessidade dela, por essas primitivas e quase primárias sensações que o tinham invadido, mas, pela segurança de que não poderia voltar a viver sem ela. Os meses sem saber dela foram um pesadelo, mas agora... essa cálida sensação de seu corpo adormecido, relaxado entre seus braços, depois da paixão, da sensualidade, da luxúria desatada entre eles... Não poderia viver sem isso, agora já não... Sabendo-a entre seus braços, o sono venceu e por fim dormiu.

Quando por fim abriu os olhos, começava a clarear o céu. Esse corpo brando, suave e feminino a seu lado fez sentir novamente o desejo, mas era muito tarde, tinha que levantar-se ou toda a casa se inteiraria de que tinha passado a noite ali. Com suavidade rodou sobre si mesmo de modo que Julianna ficasse deitada de costas. Observou-a um momento, ele de flanco apoiado sobre um cotovelo, retirou-lhe com suavidade umas mechas que caíam rebeldes sobre seu rosto e a beijou com delicadeza nas bochechas, no pescoço, no oco sensível sob sua orelha.

— Julianna... — lhe sussurrou com voz doce e rouca. Voltou a beijá-la sob a orelha —. Julianna carinho, tem que despertar. — Acariciou lhe a bochecha com o nariz antes de lhe beijar suavemente os lábios.

Ela gemeu e serpenteou um pouco sob seu abraço. Foi lentamente abrindo os olhos e centrando a vista. Ao notar o quente fôlego de Cliff sobre seus lábios, o roce de sua boca, Julianna sorriu enquanto ia abrindo os olhos. Esticou-se um pouco e estendeu os braços apanhando ao Cliff com eles.

— Umm... estou sonhando, não desperte... é tão agradável...

Em sua mente aparecia Cliff, ela abraçada a ele, seu calor, sua voz, suas carícias. Não queria despertar.

Cliff sorriu.

— Carinho, abra os olhos, vamos... — De novo a beijou —. Tenho que partir antes que os serventes comecem a ocupar a casa.

Julianna abriu os olhos de repente e se encontrou com esses verdes lagos justo diante dela. Cliff esperou a que retornasse outra vez ao mundo dos conscientes. Beijou-a nos lábios, na bochecha e de novo nos lábios antes de elevar ligeiramente o rosto para observá-la bem.

— Sempre dorme tão profundamente? Está preciosa, tão relaxada...

Cliff sorriu de novo enquanto ela aumentava os olhos em uma mescla de assombro e de consciência da realidade. De repente ela se esticou e olhou ao seu redor.

— Meu Deus, o... que horas são?

— Carinho, ainda é cedo, tenho que ir, mas... — Se separou um momento dela para observá-la bem e para lhe dar espaço para incorporar-se um pouco —. Temos que falar um momento.

Beijou-a na bochecha e a insistiu para acomodar-se sobre os travesseiros e a cabeceira. Quando, obediente, ela ficou olhando-o em silêncio, Cliff se sentou de modo que pudessem olhar-se à cara e tomou uma de suas mãos e, depois de beijar a palma, olhou-a fixamente.

— Julianna, querida. O que aconteceu esta noite muda tudo, sabe verdade?

Julianna o olhava gelada enquanto um calafrio de medo e desassossego lhe percorria as costas, pensando que ele voltaria a mostrar a cara fria e distante do baile e que lhe pediria que fosse sua amante ou só uma companhia ocasional, uma secreta relação, uma mais entre outras muitas. Quase por inércia baixou as pálpebras e tragou saliva. Notava a boca seca, e uma pontada de dor lhe atravessando o coração.

— Céu? — Cliff olhou como sua expressão mudava —. O que acontece? Arrepende-te?

Assim que perguntou uma estranha sensação de pânico lhe percorreu inteiro. Julianna elevou a vista rapidamente e em seguida respondeu: — Não, não, não claro que não... — Sua voz começou a soar um pouco trêmula —. É só que... O que quer dizer com que muda tudo? — “Que não o diga, por favor, que não me peça que seja seu amante...”.

Cliff apertou um pouco sua mão.

— Carinho, quando te perguntei ontem à noite se estava segura e certa que não haveria volta atrás, falava a sério. Agora me pertence, é minha, nunca renunciarei a ti.

Julianna se esticou como se essa sensação de posse imposta, de não ter escolha lhe provocasse uma forte reação de rechaço e de ira.

— O que... o que quer dizer...? Que eu não posso escolher? — Julianna retirou a mão que estava segurando — Eu não posso decidir? — Por alguma estranha razão seu corpo se esticou de frustração, de pura fúria —. Você não é meu dono. Sou uma pessoa livre que pode decidir o que quer e...

Cliff lhe pôs um dedo nos lábios. Por algum motivo, algo do que havia dito a tinha enfurecido, mas não podia permitir que dissesse nada que lhes separasse, tinha que freá-la, tinha que averiguar o que estava pensando antes que...

— Julianna... exatamente, o que é que entendeste de minhas palavras?

Sem tempo para reagir lhe espetou com o cenho franzido e os olhos acesos: — Não vou ser sua amante!

Cliff arregalou os olhos.

— Minha amam... — Começou a rir quase nervoso, sacudindo a cabeça.

Julianna ficou com o fôlego contido olhando-o ainda mais zangada: — Do que ri?

Ele, sem deixar de rir, pegou-a entre seus braços e, apesar da resistência dela, colocou-a sob seu corpo, apanhando-a sob seu peso, sustentando-a com cuidado. Sorriu-lhe divertido... tão inocente, tão doce, tão teimosa...

— Céu. Quero que seja minha amante, sim, certamente. Sabe Deus que a desejo ardentemente. — Beijou-a apesar de que ela mantinha sua cara zangada —. E minha amiga. — Voltou a beijá-la —. E minha companheira. — Outro beijo —. A mãe de meus filhos. — De novo a beijou e se afastou um pouco para olhá-la bem, para que ela o olhasse bem e assegurando-se de que lhe entendesse cada palavra e com um tom firme, seguro, lento continuou —: Quero que seja minha esposa, minha para sempre. Quero ser seu marido, teu para sempre, e que todos saibam.

Sorriu-lhe enquanto, sob seu abraço, Julianna relaxava um pouco o corpo e as feições de seu rosto, lhe dando tempo para que ela assimilasse o que acabava de ouvir.

— Mas... — Estava tão assombrada como afligida —. Por que quer te casar comigo? — perguntou com certa dose de apreensão, como se acabasse de escutar a maior loucura do mundo.

— Além de porque passei a noite contigo, em sua cama, fazendo amor contigo... — disse com certa dissimulação e sorrindo.

Ela franziu de novo o cenho. Cliff a soltou de seu abraço porque queria expressar tudo o que levava dentro com a segurança de que ela entendesse plenamente cada palavra, cada sentimento, cada ideia.

— Julianna, quero me casar contigo por mil razões; porque me faz rir, porque é generosa, inteligente, doce, carinhosa, valente, ingênua e travessa... porque é você. É minha, minha... — A olhou tentando que ela compreendesse o que para ele significava a certeza de que ela era sua —.

Julianna, sei que sou feliz ao seu lado, apesar de que me deixa louco quando me contraria, quando te empenha em fazer as coisas por ti mesma ou quando sorri a outros em vez de para mim. Sei que não posso viver sem ti porque te amo, adoro-te, necessito-te. É a única coisa que necessito e, acredite em mim, é a primeira vez em minha vida que necessitei algo que não seja minha própria liberdade e essa liberdade, agora, não significa nada, não tem sentido se não a vivo contigo ao meu lado. Não me cansarei de te dizer que te amo, Julianna, quero-te com todo meu coração.

Pelos olhos de Julianna começavam a aparecer algumas lágrimas. “Ama-me? Ama-me?”. Durante uns minutos ela o olhou com olhos úmidos e um pouco aterrorizados enquanto que ele a olhava fixamente. Para Cliff esses instantes pareceram eternos. Não podia mover-se, estava rígido e, embora quisesse elevar uma mão e levar cada uma das lágrimas que corriam por suas assustadas e avermelhadas bochechas, não se atrevia a fazê-lo por temor a assustá-la mais, a interromper a corrente de ideias que sulcavam sua cabeça e certamente também seu coração.

Julianna fechou uns segundos os olhos e suspirou com força.

— Mas... Mas... — Se obrigou a abrir os olhos —. Não o entendo... por que estava tão frio ontem à noite no baile? Acreditei que... — Negou com a cabeça —. Parecia que queria te distanciar de mim diante dos que são como você, como se te envergonhasse que lhe relacionassem...

Cliff deteve imediatamente as ideias que começavam a se formar na mente de Julianna: — Dos que são como eu? — Mas antes de continuar, começou a entender —. Julianna, ontem à noite...

Não sabia como explicar que não queria que todos se dessem conta do que sentia por ela porque a converteria no centro de todos os falatórios, mas tampouco a podia deixar sem mais, não sem seu amparo, não sem que ele pudesse...

— Julianna — começou de novo cortante —. Ontem à noite não queria te comprometer em público, embora desejasse que me vissem contigo não queria que me vissem contigo... — Julianna entrecerrou os olhos sem compreender —. Tenho um passado e, se me vissem muito carinhoso contigo, poderiam interpretar mal a situação e isso prejudicaria sua reputação, e eu quero te proteger de todas as formas possíveis, de tudo e de todos, inclusive de mim, ao menos até que anuncie nosso compromisso. — Tomou o queixo com os dedos obrigando-a a olhá-lo nos olhos —. Não me envergonho de ti. Nunca o fiz e nunca o farei. Não poderia. De fato, posso te

assegurar que, se algum dos dois é digno de ser objeto de recriminações, de castigo por ser como é, esse sou eu. Não sou um santo, sabe, não é certo? Tenho um passado e, embora não vou pedir perdão por ele, tampouco pode dizer-se que seja de tudo digno de louvores.

Julianna inclinou um pouco a cabeça assimilando a informação, os gestos de Cliff, a firmeza e a segurança que parecia transmitir em suas palavras. Mas ainda havia algo, algo que a inquietava: mundos diferentes, tão diferentes, ela não poderia se encaixar jamais nesse mundo, não ao menos para sempre, não poderia ser ela entre essa sociedade, os salões, os comentários, as normas.

— Cliff, somos tão diferentes. Pertencemos a mundos tão diferentes... Eu não me encaixaria em seu mundo. Acabaria te envergonhando de mim, de quem sou, de onde venho. Eu não poderia... — Negou com a cabeça —. Você é, é... — Fez um gesto com a mão abrangendo-o —. Quer dizer, você é da nobreza irlandesa, sua família, seus amigos...

Cliff a aproximou para lhe beijar os lábios, detendo seu discurso e com isso sua corrente de ideias e dúvidas.

— Julianna, quem você é é o resultado de seu passado, de suas origens, de sua família, de seus amigos, e eu sou o resultado de meu passado, de minhas origens, de minha família e de meus amigos. Sim, é certo. Mas você é para mim e eu sou para ti. Disso estou seguro. Você encaixa comigo e eu contigo. Você me completa e eu a ti. Não tenho dúvidas a respeito disso. Sei há muitos anos, mas até recentemente não o compreendi, ou melhor, dizendo, não me permiti compreendê-lo. Você também sabe. — Respirou fundo —. Sabe. Sabe, carinho, mas tem que te dar conta, tem que compreendê-lo igual a mim. E até então esperarei. Não vou te pressionar e não quero que me responda agora, a não ser quando, por fim, esteja tão segura como eu. Mas tenha por certas duas coisas; a primeira, que não vou afastar—me de ti nem permitir que te afaste de mim. E a segunda, que nós vamos nos casar, porque te quero e sei que me quer, porque é minha e eu sou teu. Vamos viver juntos, vamos ver o mundo, juntos, vamos ter filhos juntos e vou adorar te mimar e te proteger cada dia do resto de minha vida, inclusive embora isso te deixe louca.

Julianna tremeu pela segurança que tinha enquanto lhe embargava um temor quase irracional e, ao mesmo tempo, percorria-a um desejo, um desejo exacerbado pela imagem que em sua cabeça acabava de inserir com a habilidade de um perito manipulador. Eles dois juntos, toda uma vida, juntos.

— Julianna. — Olhou de esguelha ao balcão —. Quase é de dia e tenho

que partir. Voltarei para lhes recolher e ir montar... — Parou um momento e a olhou com ternura —. Quero que me prometa que hoje não cavalgará.

Julianna o olhou com o cenho franzido sem compreender o que lhe pedia. Ele se aproximou e lhe beijou a testa antes de ficar de pé junto à cama. Virou-se para enfrentá-la e lhe acariciou a bochecha com um dedo.

— Céu, hoje terá o corpo um pouco dolorido e, embora agora não o perceba, sentirá-se um pouco cansada. Prometa-me que hoje só passeará.

Julianna o olhou, ruborizando-se pela beleza de seu corpo nu ante ela, que lhe impedia quase empregar qualquer sinal de sensatez para responder, mas, finalmente, assentiu. Cliff sorriu ante seu rubor e o doce acanhamento que de novo aparecia em seu rosto.

— Bem, nesse caso, voltarei em umas horas.

Recolheu sua roupa e se vestiu tão rápido como pôde, sob o atento olhar de Julianna, que não podia deixar de observá-lo, deleitando-se com esse perfeito corpo masculino já quase à luz do dia, recordando cada carícia, cada roce sob ele, seu peso, seu calor. Ruborizou-se sem remédios dos pés à cabeça enquanto Cliff sorria cada vez que a olhava.

Uma vez vestido, aproximou-se de novo à cama, inclinou-se sobre ela e a beijou, ao princípio com doçura, mas ao cabo de uns segundos, com a mesma paixão, necessidade e ansiedade que a noite anterior. Julianna gemeu, acendendo-se de novo, notando-se arder outra vez. Cliff se afastou recuperando um pouco de ar e suspirou, provocando nela outra onda de calor ao notar o quente ar que saía de seus lábios.

— Deus... — Ofegou —. Carinho, ou vou agora, ou não respondo de mim. — Julianna sorriu e de novo se ruborizou —. Vejo-te em umas horas. Volte a dormir, ainda pode descansar um pouco mais.

Beijou-a na testa: se de novo a beijasse nos lábios já não poderia parar. Rodeou a cama e se dirigiu ao balcão.

— Cliff.

Ele se virou e nesse momento Julianna esqueceu porque o tinha chamado, ele cerrou os olhos e, quando ia de novo mover-se, lhe disse: — Cuidado. Não caia. — Sorriu-lhe.

Cliff começou a rir enquanto se virava para sair ao balcão e, com a voz sensual e travessa que tão bem lhe dava, disse, antes de desaparecer pelo balcão atrás das cortinas: — Carinho, adoro-te.

Julianna se deixou cair nos travesseiros com os braços abertos em cruz, suspirou e embora pretendesse ficar a pensar de novo o sono a venceu. Ele

tinha razão, estava muito cansada e não despertou até que escutou os golpes na porta, o que a obrigou a sair como uma mola da cama para colocar a camisola, antes que entrassem e a vissem totalmente nua.

CAPÍTULO 17

Assim que entrou na sala do café da manhã, voltou para a realidade, já que estava sua tia e, pela expressão de seu rosto, foi consciente da tensão que sentia pela preocupação por seu irmão e de suas ameaças. Isso a distraiu de repente do que até esse instante tinha estado saturando sua mente desde que abriu os olhos depois de Cliff partir. Seu lado egoísta agradeceu que sua tia parecesse também concentrada nessa preocupação, porque, do contrário, teria visto em seguida a evidente mudança produzida nela. Suspirou recuperando essa preocupação, mas em seguida entraram Amelia e Eugene com um sorriso de orelha a orelha.

O café da manhã transcorreu com as trocas de comentários, anedotas e brincadeiras sobre o baile entre Amelia e Eugene, enquanto sua tia e ela trocavam alguns olhares de soslaio que claramente refletiam os pensamentos de ambas.

— Queridas —sua tia interrompeu as meninas em um momento —. Deveriam subir e dizer a suas donzelas que preparem os trajes de tarde de hoje. Lembram que vocês duas e eu iremos juntas para buscar chapéus e roupas de baixo adequadas para o jardim. Suas donzelas já me informaram que as que têm sob alguns vestidos estão muito danificadas de tanto pôr a escavar e semear na horta e nos jardins, conforme comentam, como duas toupeiras em plena busca de tesouros escondidos entre ervas daninhas... — Eugene e Amelia riram— . E acredito que não lhes virão mal um par de chapéus de asa larga que lhes protejam do sol. Julianna. — Centrou a vista nela —. Deveria acabar de planejar sua reunião com os advogados. Pedi ao Max e ao almirante que fiquem depois do chá da tarde e lhe ajudem nos detalhes dos quais falamos.

Julianna a olhou com aparente ar distraído e assentiu e, depois, para evitar possíveis pergunta das meninas, simplesmente levou a xícara de café aos lábios enquanto tentava controlar a infinidade de sensações e de ferroadas que lhe provocava a mera ideia de planejar a manhã do dia seguinte.

Depois de ser avisadas que Cliff e Max já as esperavam na porta para ir montar, Amelia e Eugene quase saíram à carreira pela escada de acesso à rua, enquanto Julianna parou um momento no vestíbulo, preocupada com a tensão

nos ombros e no gesto de sua tia. Aproximou-se dela e com carinho a beijou de novo na bochecha.

— Não se preocupe, tia, tomaremos cuidado, estarei alerta e deixarei que Max se comporte como um ditador mandão e protetor.

Sorriu-lhe com esperteza. Sua tia soprou, mas ao menos relaxou um pouco a expressão de seu rosto.

— Como se as McBeth se deixassem mandar por alguém e menos por um ditador... — riu suavemente —. E não se separem de seus cavaliários. O almirante virá para me buscar para visitar os investigadores. Recebi uma nota deles esta manhã, parece que têm algumas novidades sobre Leme.

Julianna, de novo, deteve-se bruscamente e a olhou. Compreendeu, imediatamente, porque sua tia estava tão séria e concentrada no café da manhã, provavelmente devia ter estado pensando sobre tudo depois de receber a nota.

— Uma nota?

Sua tia lhe pôs uma mão no braço e com um leve apertão tratou de tranquilizá-la.

— Não indicam nada sobre o que averiguaram. Se fosse realmente preocupante certamente teriam vindo em pessoa ou teriam dado alguma pista por escrito. Assim que retornem e as meninas vão trabalhar no jardim com o professor, poderemos falar tranquilamente. Recorda convidar ao comandante de Worken para almoçar, e diga ao Max que nem lhe ocorra deixar Amelia cavalgar como uma louca pelo bosque da Academia, ontem à noite Amelia quase consegue convencê-lo. — Sorriu suavemente —. Acredito que Max é muito permissivo com ela.

O brilho que, de repente, tinha o fundo do olhar sua tia, resultava-lhe muito familiar e revelador. Ela não era a única que, aparentemente, começava a dar-se conta de que Amelia albergava sentimentos profundos por Max e de que ele, mesmo que a visse ainda como uma menina, começava a desenvolver uma espécie de proximidade e cumplicidade impossível de ignorar. Julianna lhe devolveu o olhar, com um gesto silencioso pareciam compreender-se muito bem, e simplesmente assentiu com a cabeça antes de partir.

Ali estava, de pé. Bonito igual Adônis recém esculpido pelo escultor mais hábil. Com sua roupa de montar, suas lustrosas botas altas e uma aura de perigo e sedução envolvendo-o como se fosse parte dele, inclusive quando realizava uma tarefa singela e inocente. Por uns segundos, enquanto se

aproximava do grupo que a esperava já em suas montarias, menos ele, que simplesmente permanecia de pé junto a sua égua, notava os batimentos do coração porque ele estava perto. Recordava cada carícia, cada contato, o aroma de sua pele, o som de sua cálida e sensual voz. Sem evitar ruborizou justo ao chegar junto a ele que, sem deixar de olhá-la, a tomou pela cintura e a levantou aos arreios enquanto com um leve gesto lhe roçou a bochecha com os lábios, estando segura de que sabia que estava pensando na noite anterior, já que notou a curva de seus lábios e esse brilho intenso de seus olhos, um pouco obscurecidos como a noite anterior.

— Bom dia — a saudou com aparente inocência enquanto colocava seu estribo corretamente.

Julianna baixou a vista para ele e de novo se ruborizou, provocando que lhe sorrisse de um modo que estava segura era de puro deleite e satisfação pela evidente reação dela ante seu mero contato e o evidente pensamento que cruzava sua mente.

— Bom dia — conseguiu dizer.

A voz do Max insistindo o grupo a marchar a obrigou a afastar a vista desse rosto e esses olhos que lhe aceleravam brutalmente o ritmo cardíaco. Cliff montou em seu precioso castrado e se colocou ao seu lado, ficando para trás Amelia, Eugene e Max, que puseram-se em seguida a comentar a noite anterior.

— Tia Blanche me pediu que te pergunte se seria tão amável de nos acompanhar a almoçar e a tomar o chá. Pensou que enquanto ela e as meninas fazem alguns recados esta tarde poderia terminar de resolver uns assuntos — olhou um momento adiante em direção a Amelia para assegurar-se de que estavam a bastante distância— a reunião que tenho amanhã. — Olhou de soslaio para Cliff, notando como tinha mudado a expressão de seu rosto, quase igual a ela.

— Será uma honra lhes acompanhar no almoço — respondeu com esse tom elegante e formal que empregava em público, mas parou de falar assim que se precaveu de que tinham bastante distância dos outros. Olhou-a fixamente e com semblante sério perguntou— : Há algo mais... Julianna, aconteceu algo, verdade?

Ela o olhou um pouco nervosa. “Deus, que difícil é concentrar-se em algo com ele tão perto, com esses olhos...”. Julianna se obrigou a concentrar-se.

— Não, não, não aconteceu nada. — Tentou parecer tranquila —. Embora... tia Blanche recebeu uma nota dos investigadores a primeira hora e

ia vê-los com o almirante enquanto estamos no parque. Têm algumas novidades, mas não indicavam quais. Ela observou, acredito que acertadamente, que se fossem alarmantes essas notícias algo teriam deixado entrever na missiva, ou inclusive haveriam se apessoado imediatamente. Depois nos informarão.

Cliff assentiu severamente como se com isso reforçasse a apreciação de tia Blanche e de novo lhe sorriu.

— Nesse caso, não deveremos nos preocupar em excesso e poderemos desfrutar de um passeio agradável e, depois, reunirmo-nos todos.

Depois de uns segundos, lançou um desses sorrisos provocadores e irreverentes e, quase com um tom que parecia próprio de dois amantes que se encontrassem a sós em meio de um quarto, disse-lhe em um tom baixo — E bem, querida? Como passou a noite?

Juliana se ruborizou até as pestanas notando como se acelerava de novo seu pulso.

— Vejo-te... — continuou ele com esse tom provocador e sensual e com os olhos um pouco entrecerrados —. Como dizê-lo? Especialmente radiante. Deve ser o sono reparador de que falam as damas.

Juliana pôde notar como lhe parou em seco o coração por uns segundos. Lançou um olhar desaprovador e quase furioso e ele rio com uma risada franca e musical, que imediatamente fez com que lhe perdoasse os atrevidos comentários claramente destinados a conseguir que se sobressaltasse um pouco.

Aproximou seus arreios de modo que quase roçava sua coxa com ela, baixou de novo a voz, esta vez marcando ainda mais esse tom sensual, mas acrescentando certa ternura: — Está preciosa. Acredito que vou ter que evitar te olhar fixamente se não quiser que te desça da sela e te abrace, beije e acaricie cada centímetro desse delicioso corpo sem me importar onde estejamos, com quem ou quem possa nos ver.

Com suavidade tomou sua mão, fez virar e lhe beijou a parte interna do pulso onde ficava livre um pouco de pele.

Juliana voltou a se ruborizar e notava os espasmos de puro prazer em cada músculo de seu corpo, e se ouviu suspirar. A essas alturas iam tão devagar que quase poderiam haver-se diretamente detido. Por uns segundos se olharam em silêncio, mas em seguida lhe fez um gesto com a cabeça para continuar, ao qual respondeu açulando a sua égua. Não queria afastar-se muito de Amelia nem desconcentrar-se, mas ali estava, totalmente

ensimesmada e excitada.

Seguiram o resto do caminho em silêncio, mas olhando um ao outro insistentemente, era como se as descargas que se lançassem entre eles fizessem crepitar o ar que os separava. Era excitante e enervante ao mesmo tempo, pensou Julianna.

— Vá! — observou Max —. Parece que lorde Jonas decidiu nos esperar hoje na porta do parque.

Olhou com receio a sua irmã e com um olhar entre furioso e de resignação ao Cliff, que lhe sorriu em claro tom de brincadeira e desfrutou pelos ciúmes fraternais de Max.

Quando ficaram a sua altura, Jonas os insistiu a parar com a mão e assinalou: — Acredito que seria uma boa ideia que hoje entrássemos pela porta lateral do pátio de armas da Academia e, se lhes parecer bem, montar um pouco pela área dos jardins de papoulas.

Cliff e Max arquearam uma sobrancelha cada um e foi o primeiro o que perguntou: — Mas como?

— Bom, considere oportuno lhes avisar que a Academia está hoje, digamos... especialmente concorrida. Esta manhã numerosos cavalheiros parecem encontrar mais interessante montar nos terrenos adjacentes a estes terrenos que nos habituais percursos do Hyde Park.

Lançou um claro olhar às três jovens que se encontravam justo paradas atrás de Cliff e Max. Cliff emitiu um áspero grunhido, enquanto Max meneava a cabeça e elevava os olhos ao céu.

— Sim são rápidos esses cavalheiros... — resmungou Cliff com evidente mau humor.

Max, que não parava de revisar os arredores, respondeu: — Certamente é uma excelente ideia entrar pela entrada lateral da Academia, com sorte teremos — olhou de soslaio às três damas e com o cenho franzido aos dois cavalheiros — um passeio tranquilo.

Os três abriram caminho para essa nova entrada enquanto, baixando o tom para não ser escutados pelas damas, trocaram algumas frases.

— Me diga, há muitos cavalheiros conhecidos? — perguntou diretamente Cliff.

— Pois, certamente, há um bom número. Parece mais uma reunião de velhos companheiros de Eton e Oxford que um lugar de instrução militar. — Soprou —. Se até me encontrei com meu irmão! — Lançou um olhar ao céu.

Max riu fazendo com que seus dois acompanhantes lhe olhassem com o

cenho franzido.

— Esperava encontrar algumas moscas azuis nos próximos dias, mas isto é um pouco exagerado. Antes de sair ontem à noite da festa, tinham-me acochado mais cavalheiros perguntando por minhas acompanhantes que matronas para me apresentar a jovens casadoiras. Não sei o que foi mais exasperante. Mas tendo em conta a pouca ou nula informação que lhes facilitei, tenho que lhes reconhecer o mérito pela eficácia demonstrada.

— Max, não tem graça. Como nos encontraram o passeio vai ser um inferno. — De repente veio a sua cabeça a imagem de Leme McBeth e seu pulso se acelerou de repente —. E não deveríamos nos esquecer de ter adequadamente vigiadas às damas McBeth. Se as rodearem cavalheiros ansiosos por monopolizar sua atenção, pode resultar um fardo complicado.

O tom sério do Cliff, junto com esse olhar que Max reconheceria em qualquer parte, pois o havia visto numerosas vezes, pô-lo imediatamente em alerta, e lhe devolveu o olhar com um gesto que Cliff também reconheceu, perguntando o que lhe estava ocultando. Quase em um sussurro simplesmente lhe indicou: — Receberam, a primeira hora, uma nota dos investigadores. O almirante e tia Blanche se reúnem com eles esta manhã. Depois nos informarão.

Max simplesmente assentiu e se remexeu em sua sela para poder virar um pouco o corpo e olhar às damas que os seguiam. Pôde observar o semblante preocupado e tenso no rosto de Julianna, que olhava de soslaio a ambos os lados como se controlasse o que os rodeava e também a Amelia. Max fez um gesto com a cabeça olhando especialmente ao Cliff e perguntou: — Que tal se nos juntássemos às damas? Será mais fácil se cada um poder prestar especial atenção a uma delas. — E com evidente esforço sugeriu —: Lorde Jonas, e sem que sirva de precedente, o que lhe pareceria acompanhar a minha irmã enquanto eu controlo Amelia? É possível que, se cruzarmos com alguns cavalheiros, Amelia se sinta insegura sobre a montaria, e prefiro poder me assegurar de que a mantenho suficientemente perto para que não lhe ocorra nada.

Cliff sorriu pela situação. Era evidente que o fato de dar permissão ao Jonas para montar junto a Eugene atacava os nervos de seu amigo, mas compreendia a importância de assegurar-se de que Amelia estivesse a salvo com um deles dois. Assegurar que não lhe acontecia nada nem ninguém a importunasse e, em caso de que assim fosse, poder protegê-la rapidamente. Isso era mais importante nesse momento. Ele, por sua parte, não se afastaria

nem um ápice de Julianna e, se cruzassem com algum ansioso cavaleiro, ocuparia-se sem o menor rubor de quem ousasse paquerar com ela ou lhe insinuar algo.

Em uns segundos se colocaram em três filas de dois, cada um com sua dama, seguidos de perto pelos rudes “cavalariços”, que vigiavam também cada um a uma dama, como lhes tinham indicado dias atrás Max e Cliff ao contratá-los.

— Quer que nos afastemos um pouco e passemos tranquilos os dois? Recordo-te que me prometeu não cavalgar hoje.

Julianna negou com a cabeça.

— E cumprirei minha promessa. Mas, gostaria não me afastar de Amelia. O prometi a minha tia e... — Franziu o cenho e se remexeu incômoda na sela.

Cliff a olhou fixamente.

— E?

Julianna o olhou um pouco insegura, negou com a cabeça e olhou para diante onde estava Amelia.

— Não sei. Acreditará que sou uma parva, mas, tenho um mau pressentimento, não por hoje, é que... Desde que saímos de casa estou... inquieta. Não sei explicá-lo.

Cliff a olhou e a escutou suspirar e tomar ar enchendo os pulmões.

— Intuição, possivelmente?

Ela o olhou encolhendo os ombros.

— Possivelmente, embora acredite que é mais uma sensação de que algo não está bem, como se de repente me desse conta de que Amelia e eu somos, somos... uma ceva e também um instrumento para algo. — Olhou-o de novo —. Vais pensar que estou pensando muito nisto, mas penso que meu irmão persegue algo mais que dinheiro, e Amelia e eu somos o meio para obtê-lo. — Respirou de novo —. E sei que o que nos aconteça depois pouco lhe importará, embora, conhecendo-o, se souber que nos causa dano no processo de obter o que for que quer, ainda desfrutará mais. — Calou-se uns segundos —. Verá, meu irmão é capaz de projetar uma imagem de si mesmo a outros que em nada se parece com a realidade. Não me interprete mal, não acredito que seja um monstro ou prefiro não acreditar, mas sim chega a ser muito cruel e, às vezes, carece de todo escrúpulo. Possivelmente isso é o que lhe diferencia de meus outros dois irmãos, especialmente de Ewan, pois são egoístas e, desde que posso recordar, mostraram indiferença a mim, inclusive

desdém, mas não tinham essa veia cruel nem essa falta de consciência que às vezes aparecia nas ações de Leme. Por isso, tenho que reconhecer, que me dá um pouco... um pouco de medo que se aproxime de mim, mas me dá pavor pensar em que se aproxime de Amelia.

Deteve-se e ela não se deu conta. Cliff tinha ido reduzindo a marcha de ambos. De repente, quando elevou a vista para olhar de novo ao Cliff, viu-o fazendo um sinal ao Max, que assentiu e continuou a marcha com os outros.

— Cliff?

Ele desceu de sua montaria e um segundo depois a agarrava pela cintura e a descia da sua, indicando com um gesto ao cavaleiro que tomasse as rédeas de ambos os cavalos. Pô-la ao seu lado e, a tomando pela mão a levou até seu antebraço.

— Veem. Vamos caminhar um pouco e não se preocupe por Amelia, Max não lhe tirará olho. Está segura com ele.

Ela simplesmente se deixou levar por um atalho de cascalho rodeado de árvores e pequenas porções de terra cheias de flores que faziam com que flutuasse um rico aroma no ar da manhã — Me diga uma coisa, Julianna. Protetor que era seu pai contigo, por que não te mandou longe de seus irmãos sabendo, como estou seguro que sabia, como eram eles?

Não era uma pergunta, mas sim, uma reflexão. Enquanto caminhava e olhava o que os rodeava e recordando alguns dos momentos de sua infância Julianna suspirou e respondeu: — Meu pai me protegeu de meus irmãos tanto como pôde. Tem que reconhecer que era uma situação complicada. Eram seus filhos também e, apesar de reconhecer e sofrer na própria carne seus “defeitos” e as consequências destes, queria-os, de fato, eu, a minha maneira, também, embora meu primeiro sentimento natural com eles sempre era o receio depois de anos de conviver ao seu lado. Além disso, tenho que confessar que ocultava muitas das coisas que me faziam, porque meu pai sofria duplamente, já que me faziam mal e a ele com seus atos. Aprendi rapidamente a evitar ao máximo possível aos três, especialmente a Leme, e mais quando se via ainda mais crescida graças ao apoio incondicional do pai de minha mãe.

Negou com a cabeça como tentando eliminar imagens do passado de sua cabeça.

— Seu avô? — perguntou suavemente Cliff —. O pastor, verdade?

Julianna assentiu e continuou.

— Desprezava a meu pai porque considerava que tinha sido pouco para

sua única filha e via em seus três netos varões uma grande semelhança física com sua adorada filha. Em troca, eu me parecia com meu pai e me desprezavam ainda mais por isso, toda vez que, além disso, culpavam-me da morte de minha mãe.

Fechou os olhos uns segundos como se lhe doesse essa afirmação.

— Sua mãe não morreu de uma enfermidade respiratória?

— Sim. Morreu uns meses depois de me dar a luz, mas todos, exceto meu pai, diziam que a gravidez e o parto a deixaram tão fraca que não pôde superar a enfermidade, assim, para eles, foi como se tivesse morrido me dando a luz, e me viam como a única causa de seu falecimento. E, para o cúmulo, era tão parecida com meu pai fisicamente que era como um constante aviso de que, se não se casasse com ele, teria tido uma vida melhor e seguiria com vida, ao menos assim acreditavam eles. Essa espécie de maldade ou de frieza que sempre vi nos olhos de Leme é a que via no pai de minha mãe.

Cliff a deixou uns segundos tomar ar, olhar ao redor as flores, as árvores, para que recuperasse certa paz.

— Alguma vez o chama avô, deste-te conta?

Julianna girou a cabeça e encolheu os ombros.

— Suponho que porque não o é. Quero dizer, nunca o vi como tal nem me tratou como um avô, nem sequer como parte de sua família. Meu pai me permitiu deixar de assistir aos ofícios aos domingos aos seis anos, quando o pedi. Para mim ir à igreja, ter que comer com ele e sua esposa assim como com meus irmãos, era um verdadeiro pesadelo. Aproveitavam esses momentos para reprovar meu nascimento, para me humilhar e me desprezar. Sendo muito pequena, acreditava em tudo que escutava, mais se provier de quem se supõe ser sua família e têm que te querer. Meu pai deixou de ir à Igreja quando mamãe morreu e não soube o que ocorria até que lhe pedi para deixar de ir aos ofícios. Em seguida o compreendeu. Sei que nunca se deram bem, mas lembro de que, desde o dia que lhe pedi para acompanhá-lo aos domingos para percorrer os campos como estava acostumado a fazer a sós desde a morte de mamãe, o pastor evitava meu pai e quase o fazia com medo. Acredito que o ameaçou se voltasse a aproximar-se de mim, porque inclusive quando nos cruzávamos no povoado, ele e sua esposa mudavam de calçada e evitavam me olhar.

Julianna sorriu ao recordá-lo e, quase envergonhada por isso, ruborizou-se ao notar que Cliff a olhava. Como se lhe tivesse lido a mente disse: — Não

deveria te envergonhar de sentir que era como uma vitória de seu pai o conseguir mantê-los afastados. Seu pai te queria e fez bem ameaçando ao pastor. Estava te protegendo e — a puxou pelos ombros para pô-la frente a ele e que o olhasse— te prometo que nem ele nem sua esposa voltarão a te olhar quando voltarmos ao condado. — “Encarregarei-me de que o transfiram a vicária mais mísera e longínqua da Irlanda”, pensou enquanto ela o olhava com um brilho especial em seus bonitos olhos, que haviam se tornado quase amarelos com a luz do sol e com esse brilho de emoção que tinham.

— Cliff... — Se apoiou em seu peito e ele apoiou o queixo em sua cabeça —. Ainda não aceitei me casar contigo... — disse em voz baixa e apoiando a cabeça no oco de seu ombro, esse oco que era dela, só dela, pensava Julianna enquanto fechava os olhos e aspirava seu calor, seu aroma —. Se tiver que ser sincera, não sei se alguma vez quereirei voltar para o condado. Desde que parti não pensei seriamente em voltar. Agora o vejo tão longínquo, como se aquilo formasse parte de outra vida, de outra Julianna, não uma Julianna diferente, mas sim uma que é capaz de ver que esse era um pequeno mundo no qual nunca parecia encaixar. Era como se me faltasse algo ou como se algo daquilo não estivesse bem. Como um quebra-cabeça que lhe falta uma peça.

Cliff sorriu. “Essa peça sou eu. A próxima vez que voltar para o condado o fará como minha mulher e verá, veremos, as coisas de outra maneira embora tudo siga igual”, pensava enquanto instintivamente a estreitava ainda mais entre seus braços inspirando sua fragrância de lavanda, laranja, um pouco de lilás. Pura essência de Julianna.

Julianna se afastou quase de repente uns segundos depois olhou a ambos os lados.

— Ui! — ruborizou-se —. O lamento. Estamos em meio de um caminho. Perdão. — Elevou esses maravilhosos olhos cor de mel para olhá-lo à cara—. Por um momento esqueci onde estava e... — Voltou a se ruborizar enquanto baixava o olhar —. Só queria te abraçar. — Agora mordida o lábio inferior.

Estava tão adorável, sobressaltada por haver se aproximado tanto a ele em um lugar público.

— Julianna. — Cliff olhou a ambos os lados do caminho como tinha feito ela, tomou o queixo e elevou um pouco sua cara enquanto a aproximava dele —. Não volte a te desculpar por me abraçar e eu não penso me desculpar por te beijar.

Sem tempo para que reagisse pousou seus lábios nos dela e a beijou com paixão. Certamente, não foi um beijo apto para olhares alheios. Quando separou os lábios lhe acariciou a bochecha e sorriu arrogante.

— Eu gosto quando te ruboriza principalmente se for eu que o provoca. Esse rubor fruto da paixão é arrebatador...

Ela de novo notou como lhe acendiam as bochechas enquanto lhe sorria ainda mais e a olhava com uma intensidade que lhe roubava o fôlego. Cliff deu um passo atrás, ofereceu-lhe o braço com um gesto elegante e gentil e, agarrando a mão que tinha apoiado, começou de novo a caminhar.

— Não respondeste a minha pergunta.

Juliana arqueou as sobancelhas e o olhou enquanto seguiam caminhando roçando-se suavemente os corpos, caminhando mais perto do que as normas de decoro estimavam adequado, mas nenhum dos dois fazia a mínima tentativa para aumentar a distância entre eles.

— Pergunta?

— Sim. Por que seu pai não te mandou para viver com sua tia faz muitos anos?

Juliana encolheu de novo os ombros embora com profundidade afirmou: — Minha tia me disse uma vez que esteve em sua casa, que a expuseram em muitas ocasiões, mas, se me tivessem perguntado isso, estou segura de que teria me negado. Não poderia viver longe de meu pai e acredito que ele tampouco longe de mim. Ao menos alguém devia querê-lo. Era um homem bom, decente e honrado até a medula e sempre se mostrava disposto a ajudar a qualquer um que o necessitasse. Não merecia estar sozinho. Nunca o teria abandonado. Além disso, não acredito que meu coração o tivesse suportado. Era o único que conseguia que me sentisse feliz e quando me abraçava era como se o resto não importasse, porque sabia que me queria tanto como eu a ele. É como quando me... — calou-se abruptamente.

Cliff sorriu. Soube em seguida, assim que se calou, baixou a vista e se ruborizou lhe tremendo os lábios, soube. Sabia com absoluta certeza. Ia dizer “é como quando você me abraça”. Não precisou escutá-la. Deus, quanto desejava abraçá-la ali mesmo, beijá-la, acariciá-la. Não disse nada, seguiu caminhando. Não quis mortificá-la embora, isso sim, não pôde deixar de sorrir em uma mescla entre prazer, satisfação e orgulho. Para aliviar a conversa, Cliff em tom zombador perguntou: — Bom, e com que sobremesa pensa me deleitar no almoço, se posso perguntar?

Juliana elevou a vista sem se deter e riu inocentemente.

— O que você gostaria? Prepararei ao chegar em casa. Sei o que farei para o chá, mas ainda não tinha pensado nada para o almoço. Como hoje me levantei tarde... — De novo se ruborizou.

Cliff riu com uma sonora gargalhada que encheu Julianna de prazer, esse som rouco, aberto, fazia verdadeiros estragos em seu interior.

— Não insinuará que sou o culpado de que o almirante fique sem sobremesa? Seria capaz de me mandar aos limites da Terra por tamanha desfaçatez. — E voltou a rir.

— Se é que sobrevive às balas que estou convencida te colocariam entre as sobrancelhas, ele e minha tia, se averiguassem onde passou a noite.

De novo riu e ela, nesta ocasião, também, com certo prazer travesso.

— Sim, não acredito que deixassem nenhum de meus órgãos isentos de balas.

— E não, não seria o culpado. Às vezes cozinho até o amanhecer ou muito tarde se não poder dormir. A senhora Malcolm e Furnish já se acostumaram. Ao princípio, consideravam que não era bom que andasse a essas horas só na cozinha, e obrigavam a alguns dos ajudantes da cozinheira ou do chef a me acompanhar mas depois consegui que compreendessem que para mim é uma maneira de relaxar, de pensar com tranquilidade e, com alguém revoando ao redor, não podia fazê-lo. É diferente quando cozinhamos juntas a senhora Malcolm, as ajudantes e, também, às vezes Amelia e Eugene, porque nos divertimos, paramos de falar, de contar histórias... Mas quando cozinho sozinha, relaxo-me e sou eu mesma, como quando o fazia em casa quando era pequena ou quando preparava o café da manhã a meu pai. Para mim era uma rotina agradável, tranquila... — Sorriu.

— Custa-me imaginar a lady Eugene entre fogões, na verdade. No jardim, sim, mas na cozinha... — disse ele de repente —. É como imaginar a lady Adele e... valha-me o céu! A minha própria mãe na cozinha. — Negou energicamente com a cabeça —. Impossível!

Julianna riu.

— Tenho que reconhecer que não é muito manhosa, mas sim paciente e, além disso, muito atenta. É surpreendente quão rápido capta tudo, vê coisas que escapam aos outros. Mas a primeira vez que entrou na cozinha e a ensinamos a preparar um simples chá, foi todo um espetáculo e pior foi tentar beber aquela beberagem.

Passaram juntos quase todo o tempo falando de tudo e de nada. Ambos surpreendiam um ao outro quando eram capazes de entender rapidamente o

que dizia o outro inclusive sem necessidade de acabar as frases. Ao chegar ao final do atalho o cavalariaço os esperava com os cavalos. Montaram neles e se aproximaram até a entrada onde esperariam os outros.

Depois de todos despedirem-se de Jonas, retornaram à mansão Brindfet. Cliff e Max tiveram oportunidade de comentar que tinham evitado habilmente a vários dos cavaleiros assim que os observaram rondando pelos arredores e, como havia dito Jonas, realmente havia muitos, alguns dos quais eram velhos conhecidos e amigos de ambos. Max, certamente, teve que fazer grandes esforços dirigindo o passeio por diferentes regiões pendente todo o momento dos possíveis “assediadores”. Por sua parte, Cliff disse que tinha sido mais fácil fazê-lo a pé, já que por muitos dos atalhos podiam perder-se e evitar ser vistos pelos que iam a cavalo, embora não evitou o olhar de desaprovação e a fúria contida de Max, que acreditava que devia tomar cuidado, já que Julianna era uma inocente de cuja reputação deviam cuidar mais ainda quando ele se acreditava responsável por ela. Quando a chamou “inocente” Cliff sentiu uma pontada de culpabilidade, pensando em que já não era tão inocente e que era ele o que tinha roubado sua inocência, mas não ia ser ele que ia dizer isso. Era seu amigo, seu melhor amigo e por nada queria ter esse tipo de enfrentamento com ele, embora ambos soubessem que se casaria com Julianna e que Cliff estava perdidamente apaixonado por ela e ela por ele.

Uma vez dentro da mansão, Furnish lhes informou que a senhora e o almirante se achavam na sala da manhã e que os esperavam ali. Quando todas se trocaram Julianna se uniu a eles, enquanto Amelia e Eugene partiram ao jardim com o professor para suas aulas da manhã.

— Ah, querida, já está aqui. Veem e sente-se ao meu lado.

Tia Blanche deu um par de golpes ao seu lado na longa chaise que ocupava, e Julianna pôde observar com prazer como sua tia lhe lançava um olhar de aprovação pela escolha do vestido de manhã. Julianna começava a acostumar-se às constantes mudanças de vestuário e a escolher cada um dos trajes de acordo aos conselhos que tanto sua tia como Madame Coquette lhe tinham dado durante semanas.

Cliff a observava entrar na sala com esse bonito vestido amarelo claro com pequenos ramos verdes e flores azuis na cintura, tão fresca, tão singela e elegante, com esse esbelto e suave pescoço descoberto, graças ao delicado coque do cabelo que, com umas singelas fitas, deixava soltas algumas mechas que caíam leves e sedosos pela parte de trás de sua cabeça e por detrás das

orelhas. E esse sorriso... Por uns segundos se esticou e se remexeu na poltrona, depois de sentar-se e fazê-lo ela, notando a excitação de todo seu corpo. Teve que fazer esforços para desviar a vista dela e centrar-se no que começava a relatar o almirante, embora tivesse que escutar Max pigarrear várias vezes para que deixasse de olhá-la tão fixamente.

— Bem. Pelo que nos informaram, o paradeiro exato de Leme McBeth em Londres é desconhecido, mas sim podem confirmar que, durante os últimos dois meses, esteve frequentando alguns dos estabelecimentos de jogo e outros de má reputação da cidade e que, em alguns, deve uma elevada quantidade de dinheiro. Também puderam averiguar que recorreu a um dos piores prestamistas de Londres e que este começa a lhe cobrar as dívidas, que não são demais precisamente.

Juliana permanecia em silêncio, mas com uma tensão clara evidenciada tanto por seus ombros como pelos constantes olhares que trocava com sua tia, o qual soube Cliff era indício de que parecia confirmar alguns de seus piores temores e isso, começava a suspeitar, a assustar mais do que já estava, embora, certamente, não daria amostras disto para não preocupar aos outros. Conhecia-a muito bem e estava convencido de que tentaria por todos os meios ocultar suas preocupações e temores inclusive a sua tia, ao menos uma parte deles.

— Suponho que todos aqui suspeitávamos do motivo de sua urgente necessidade de recursos, entretanto, o destaque da investigação é que descobriram que Leme está acostumado a andar acompanhado de uma mulher que, estão seguros, é a viúva de algum aristocrata menor, mas carente de recursos e que, igual a ele, está bastante desesperada por encontrar dinheiro para fazer frente a suas dívidas. Conforme nos informaram, esta viúva apresentou a seu amante a vários nobres e aristocratas com os quais se relaciona, e um deles adiantou alguns recursos ao casal, por isso os investigadores suspeitam, devem ter chegado a algum tipo de acordo com ele. Não nos facilitaram ainda a identidade deste terceiro indivíduo, mas parece ser um nobre de bom berço e, embora não deve possuir uma grande fortuna, sim deve ter ao menos dinheiro suficiente não só para viver de acordo a sua posição a não ser, além disso, para permitir-se algumas extravagâncias e noites de jogo e vício.

Fez-se um momento de silêncio na sala até que o interrompeu Cliff.

— Por essa descrição seria muito difícil, por não dizer impossível, localizar ao cavalheiro em questão, suponho que seria mais fácil conseguir

identificar e localizar à viúva.

— Eu também acredito — disse Max —. De qualquer modo, que tipo de acordo pode ter feito esse casal com um cavalheiro para que os adiante recursos sem mais?

— É aí que a coisa realmente fica interessante... — disse o almirante que por um momento duvidou em seguir lançando um olhar a Julianna e depois a tia Blanche.

— Será melhor que saiba tudo... — disse tia Blanche, olhando ao almirante como lhe dando aprovação para continuar diante de Julianna.

— Pelo que puderam averiguar, a relação entre eles surgiu em um desses estabelecimentos clandestinos nos quais se praticam... — Se remexeu incomodo na poltrona e dirigiu seu olhar ao Cliff e ao Max—. Bom... festas sexuais, orgias e esse tipo de coisas... — Se deteve um momento, claramente incômodo ao ter que contar este tipo de coisas diante de damas, sobretudo diante de Julianna, que permanecia em silêncio e desgostosa pela conversa e pela informação. —. Quer dizer, que se trata de um indivíduo com umas inclinações muito determinadas — concluiu o almirante tenso, olhando fixamente ao Max e Cliff, que compreendiam perfeitamente o alcance dessa informação.

Max e Cliff se olharam e alinhavaram a mesma ideia, “perversões, Leme McBeth, dinheiro, um nobre que gostava de bacanais e de orgias e Amelia e Julianna como duas jovens bonitas e inocentes das quais Leme queria tirar proveito”. Era evidente o que imaginavam: queria as sequestrar depois de lhes tirar todo o dinheiro possível e vender-lhe ao cavalheiro em questão. Cliff pensou que a intuição da qual Julianna tinha falado apenas umas horas antes era de tudo acertada, embora ela não pudesse imaginar-se então nada semelhante ao que estava ouvindo, e inclusive agora, não sabia se conseguiria imaginar os planos de seu irmão com respeito a ela e com respeito a Amelia.

— O primeiro — interveio Max com tom muito sério e seguro — é evitar que tanto Amelia como Julianna saiam sem o devido amparo.

Julianna dirigiu seu olhar diretamente a ele e com certo temor em sua voz, mas necessitando que lhe confirmassem, o que ela começava a suspeitar perguntou: — Suspeitam que meu irmão vai nos pôr nas mãos desse homem, verdade?

Tinha as mãos entrelaçadas, mas um pouco trêmulas, observava Cliff, claramente tenso ante não só as ideias que dançariam na mente da Julianna, a não ser ante a mera ideia de sabê-la assustada por culpa desse canalha.

Ficaram um momento em silêncio, mas foi o almirante que, com a voz própria de um militar experiente e olhando-a fixamente, disse-lhe: — Pequena, nem você nem Amelia irão a nenhuma parte. Disso nos encarregamos nós. — E olhou ao Max e Cliff —. Capturaremos a seu irmão e o poremos nas mãos da justiça. Não se aproximará de nenhuma das duas.

Tia Blanche, que até o momento tinha permanecido em silêncio, apertou as mãos de sua sobrinha, mas olhou ao grupo.

— O problema é que para capturá-lo teremos que lhe fazer sair de onde quer que se esconda e, tendo em conta que espera encontrar-se com Julianna amanhã, esse vai ser o único momento seguro de que disporemos. — deteve-se um momento dando oportunidade a que alguém dissesse algo—. Não sei a vocês, mas a mera ideia de pôr Julianna ao alcance de Leme, que claramente está desesperado e disposto a tudo, não me agrada absolutamente, e mais, não o aprovo de nenhuma maneira.

Julianna disse, olhando a sua tia e com a voz um pouco mais tranquila e estranhamente resolvida: — Mas espera encontrar-se comigo amanhã e, se não comparecer, não só se voltará mais imprevisível por ver transtornados seus planos, mas também suspeitará que é provável que te informei ou que procurei ajuda e acreditará, então, que tem que esconder-se melhor e nos resultará mais complicado localizá-lo.

De novo se fez o silêncio.

— Julianna — continuou sua tia cortante —. Um encontro com ele, mesmo que seja no parque, um lugar público e aberto, é perigoso. Seu irmão está desesperado e não é tolo, de fato, embora eu não goste de lhe reconhecer mérito algum, é bastante inteligente e, recordo-te, tem formação militar. Te pôr ao alcance de sua mão, presumo, é em extremo perigoso e aventuraria que inclusive uma irresponsável imprudência.

— Sei, tia, sei. Mas o que não podemos fazer é ficar trancadas esperando que faça algo. Quanto mais desesperado esteja, mais furioso ficará e Leme furioso carece de todo escrúpulo e consciência. Tia, se tem pensado algo para Amelia... — Lhe tremeu um pouco a voz—. Fará o que for para conseguir, sabe tão bem como eu. Há uma coisa... agora acredito que o que contou de Amelia não é certo embora — de novo lhe tremeu a voz— deveria me assegurar.

Cliff se esticou. Queria abraçá-la, lhe dizer que não deixaria que lhe acontecesse nada, que se encarregaria de tudo. Ficou furioso consigo mesmo ao compreender que ela, em parte, tinha razão. Não podia evitar que o

encontro da manhã seguinte seria sua melhor oportunidade para caçá-lo.

— Embora eu não goste de reconhecê-lo, se Julianna não se apresentar amanhã é possível que comece a suspeitar que procurou ajuda ou inclusive mesmo que acredite que não é assim, está desesperado, voltará ainda mais imprevisível e se de verdade for violento e certamente tem planejado chegar até as damas, não nos convém mantê-lo à espreita. Devemos fazê-lo sair — afirmou cortante Cliff olhando ao almirante —. A melhor opção, embora me doa reconhecê-lo, e sou o primeiro em dizer que eu não gosto absolutamente desta opção, é lhe estender uma armadilha amanhã. Mas não acredito que devamos fazê-lo sem estar seguros de primeiro poder protegê-la da melhor maneira possível. É um lugar público e aberto. Poderíamos nos valer da tripulação dos dois navios que tenho no porto e rodear toda a região. Max e eu nos colocaremos o mais perto possível dela para maior segurança.

Max assentiu.

— Acredito que, além disso, deveríamos avisar às autoridades para que estejam preparados em caso de que necessitemos sua ajuda ou, pelo menos, para que estejam informados que poremos homens armados na região.

— Disso me encarrego eu. Informarei ao comando geral para que nos empreste ajuda e que nos permitam levar a cabo o plano — respondeu cortante o almirante.

— Por outro lado — continuou Max —, dado que lhe ensinamos a disparar, deveria levar uma pistola sob a capa, no caso de... — Olhou a tia Blanche —. Não é provável que a necessite, mas ela se sentirá mais segura se souber que pode, quando menos, persuadir a seu irmão de aproximar-se embora só seja lhe apontando com uma arma.

Tia Blanche o olhou fixamente uns segundos, mas ao final assentiu e, depois, dirigiu-se a Julianna com um tom suave.

— Não tem que fazê-lo. Eu não gosto nem sequer da ideia de que te aproxime dele, menos ainda, pensar em te pôr nesta situação.

Julianna a olhou e apertando uma de suas mãos com a sua disse: — Sei, tia, sei. Mas, para ser sincera, prefiro enfrentá-lo que ficar esperando para ver o que faz, porque não estou sozinha, poderia chegar até a Amelia. É evidente que é capaz de tudo... — Respirou forte e olhando aos homens disse —: Então, o que tenho que fazer?

Olharam-se entre eles e Cliff disse: — Acredito que deveria levar o dinheiro que pediu, pelo menos, talvez isso o dissuada de momento de acelerar as coisas, mais quando espera chegar a ter acesso a mais através de

ti, e uma vez que se afaste de ti já será de nossos homens lhe capturar. Sob nenhum conceito, isto é imperativo que o tenha presente e espero que obedeça, sob nenhum conceito tem que descer do cavalo. Sempre pode contar com a opção de sair fugindo cavalgando e, como Max e eu estaremos muito perto, chegaria rapidamente a nós.

— Estou de acordo, Julianna. Não te ocorra descer do cavalo nem que ele lhe ordene — disse Max cortante — E, certamente, não tente capturar o seu irmão sozinha. Se não nos prometer obedecer a estas duas regras não seguiremos adiante — disse Cliff, assentindo Max e o almirante enquanto a olhavam fixamente.

Julianna olhou primeiro a sua tia e depois aos três e disse: — Prometo-o.

— Bem — continuou o almirante —, nesse caso, poderíamos nos encarregar de todos os detalhes agora mesmo. Irei ao Comando para ver lorde Fellow. Estou seguro de que não me negará a ajuda, além disso, pedirei alguns investigadores da Bow Street. Max deveria te aproximar da polícia do parque para lhes informar também e que nos emprestem alguns homens e um mapa detalhado do parque, suas entradas e os acessos, mas antes vá à escola de Cavalaria e informe ao jovem Jonas, certamente que estará encantado de ajudar e recrutará a alguns companheiros. E Cliff, você poderia te encarregar de sua tripulação e te assegurar quantos homens possa. O conde terá prazer em dar-lhe os lacaios e homens disponíveis, tem os meus e os de Blanche. — Olhou-a e ela assentiu —. Nos reuniremos à hora do almoço aqui.

Cliff e Max riram entre dentes.

— Aí, almirante... Sente falta de comandar verdade? — disse Cliff com ironia e o almirante lhe lançou um olhar sardônico que em seguida fez com que os dois deixassem de rir.

Tia Blanche assinalou: — Sim, mas recordem, não podem dizer nada até que tenha partido com Amelia e com Eugene esta tarde.

— Tia, leve os três homens que nos acompanham pela manhã no caso de... — disse Julianna.

— Sim, carinho, não se preocupe estaremos bem e retornaremos em seguida — respondeu ela em tom carinhoso lhe dando um par de tapinhas na mão.

— Em tal caso... — disse o almirante enquanto ficava de pé —. Cavalheiros temos que ir. Senhoras, vemo-nos no almoço. — inclinou-se frente a Julianna — . E não te ocorra me fazer armadilhas com as sobremesas... — Lhe sorriu enquanto lhe dava uns tapinhas na mão.

Julianna sorriu e ficando em pé lhe respondeu: — Isso sim que não posso prometé-lo.

O almirante ria a caminho da saída.

— Pequena patife...

— Acompanho-os — disse tia Blanche saindo com eles da sala.

Cliff ficou deliberadamente um pouco atrás e quando todos saíram da sala segurou com suavidade Julianna pela cintura, aproximou-a dele e a beijou meigamente nos lábios só um segundo, lhe roçando a bochecha depois.

— Não se preocupe, amor, não deixaremos que lhes ocorra nada. Antes que seu irmão te toque um só cabelo, o matarei.

Julianna, como tinha feito no parque, apoiou a cabeça no ombro de Cliff e deixou que a abraçasse. Em seguida se separaram, mas Cliff lhe beijou a mão antes de partir.

— Voltarei em seguida. Eu sim posso prometer isso.

Sorria divertido e travesso. Julianna assentiu olhando-o enquanto partia, ficando ao final com a vista fixa na soleira da porta até que minutos depois entrou sua tia.

— Acredito que vou à cozinha, assim me mantereí ocupada — disse a tia Blanche.

— Espera, carinho. Agora que se foram quero que me prometa algo.

— O que, tia?

— Se vir que algo vai mal ou ache que está em perigo, embora seja uma intuição e, se achar que seu irmão não vai se dar por satisfeito nesse momento com o dinheiro, quero que me prometa que partirá dali em seguida e que irás a procura de Max e do comandante sem preocupar-se do que aconteça depois com seu irmão, inclusive embora ache que possa escapar. Nos ocuparemos dele mais tarde. Quero que me prometa que não cometerá nenhuma loucura, nenhuma imprudência e que não te porá em perigo.

Julianna a olhou, aproximou-se dela e a puxou pelas mãos.

— Prometo-o, tia, prometo-o. Reconheço que Leme me assusta tanto como quando era menina, mas agora não ficarei paralisada nem deixarei que me avassale. Fugirei tão depressa quanto possível, prometo-o.

Sua tia assentiu e suspirou.

— Bom, nesse caso, sim, veja se quer preparar alguma sobremesa rica. Temos que atuar com normalidade, especialmente para que as meninas não notem nada. — Quando Julianna se dispunha a partir acrescentou —. E, carinho, quando isto tenha passado, você e eu deveríamos falar muito

seriamente sobre certo cavalheiro alto, bonito e com certos planos do futuro.

Julianna se virou um pouco ruborizada para olhá-la e em seguida compreendeu que a sua tia não tinha deixado passar à hora do café da manhã a mudança nela. Ela assentiu e saiu.

Tia Blanche a observou partir e sorrindo disse: — Juventude, divino tesouro... — E riu suavemente.

Apenas um par de horas depois Julianna se encontrava na cozinha terminando de assar várias coisas, mas especialmente pensava no bolo de cabaça e framboesas com o que queria surpreender não ao almirante, a não ser ao Cliff, quando atrás dela uma voz masculina soou: — Cheira maravilhosamente bem.

Julianna se virou antes de abrir o forno e encontrou Cliff apoiado na soleira da cozinha com os braços cruzados sorrindo como um menino travesso.

— Como é que está sozinha? Acabame de dizer sua tia que almoçaremos dentro de meia hora e isto deveria estar cheio de gente.

Julianna sorriu e assinalou com a cabeça à direita de Cliff.

— Estão na outra cozinha. Nesta casa, e não me pergunte por que, há três cozinhas, bom, mas bem, uma cozinha dividida em três, o qual é bastante cômodo, porque assim não se estorvam o chef e a cozinheira. Esta é a menor, mas a que tem os melhores fornos, ou ao menos isso acredito eu.

Enquanto falava, Cliff se aproximou e, quando estava a quase meio metro, girou sobre si mesmo em direção ao acesso às outras salas e, ao comprovar que estavam sozinhos, aproximou-a dele e a abraçou suavemente enquanto a beijava com certa dureza, como um sedento em busca da água que aliviasse sua sede. Depois de uns segundos elevou a cabeça e disse: — Cheira a lavanda, laranjas, lilás e, agora, também a canela e a algo que não sei o que é, mas eu adoro, abre-me o apetite, quero te comer inteira.

Julianna riu nervosa e deixou que de novo a beijasse, embora esta vez fosse um beijo tenro e suave. Separou-se dele um pouco lhe dando um empurrãozinho para trás.

— Sente-se um momento, tenho que tirar umas coisas do forno antes de subir para me trocar para o almoço. Não te perguntarei nada de como lhe foram as coisas porque prefiro esperar até depois de almoçar.

Cliff se sentou e a observou enquanto tirava vários bolos e uma bandeja de pãezinhos que cheiravam a ambrósia. Olhou-os enquanto ela tirava as

luvas de cozinha. Ela riu ante o olhar de menino travesso em seus olhos olhando os doces.

— Pegue um, mas antes que venha a senhora Malcolm porque, se te vir, começará a brigar contigo sem importar quem é... Tome cuidado, não vá se queimar...

Cliff a olhou divertido, estendeu uma mão para pegar um dos pãezinhos e, antes de levar-lhe à boca, assinalou olhando ao redor o número de bandejas e bolos que havia nas duas mesas: — Estiveste pensando em tudo, verdade? Vieste a cozinhar aqui para poder pensar a sós e também para tentar relaxar... — Então começou a comer o pãozinho enquanto a olhava.

Julianna suspirou e assentiu.

— Estava um pouco nervosa, não, em realidade ansiosa, mas já estou melhor, seriamente, acredito que só preciso me manter ocupada.

Cliff sorriu maliciosamente com esse brilho nos olhos que a derretia até os ossos e, tomando-a pela mão, empurrou-a delicadamente, fazendo com que ficasse sentada em seus joelhos. Julianna se ruborizou e, olhando à porta, disse um pouco envergonhada: — Podem nos ver... Cliff, te comporte, por favor.

Cliff riu suavemente e colocando seus lábios em seu pescoço enquanto fechava os braços em torno de sua cintura, respondeu: — Primeiramente, eu sempre me comporto. — E com um sorriso que Julianna notava em sua pele continuou —. Embora não sempre bem. — Beijou-a suavemente no oco debaixo de sua orelha —. Segundo, este pãozinho está delicioso. — E sem olhar sequer e voltando a beijá-la estendeu seu braço e agarrou outro da bandeja. Separou então os lábios de seu pescoço e a olhou fixamente —. E terceiro isso a mantêm ocupada... Carinho, e isso me agrada... — sorriu malicioso justo antes de dar um bom bocado ao segundo pãozinho.

Julianna se ruborizou porque soube em seguida, por seu tom rouco e seu olhar, ao que se referia. Olhou-a uns segundos e suspirou: — Suponho que deveria subir, além disso, tem que te trocar... — disse antes de depositar um tenro beijo em sua bochecha.

Estendeu de novo o braço para agarrar outro pãozinho, mas Julianna, com uma risada contida, exclamou: — Cliff! Para. — Meneou a cabeça enquanto ficava em pé —. É pior que o almirante.

Tentou desatar o avental que colocou sobre a saia, mas o tinha atado muito forte, Cliff sorriu e, fazendo-a girar, o desenredou e depositou um beijo na base de seu pescoço por trás.

— Está bem, esperarei, mas... — De novo a beijou no mesmo lugar —. Guarde alguns para esta noite, por favor.

Julianna virou rapidamente e elevou a vista para olhá-lo, de novo tinha esse olhar obscurecido e esse provocador sorriso.

— Vais vir esta noite? — Tremeu-lhe um pouco a voz. Ele baixou a cabeça para aproximar seus lábios aos seus.

— Nada me impedirá disso, amor. — riu e acrescentou —. Bom, possivelmente a trepadeira... esta manhã lhe parti alguns ramos mais.

Riu de novo antes de lhe roçar os lábios e separar-se, a fazendo virar ao mesmo tempo para dirigir-se à porta das escadas de serviço para subir à casa. Julianna riu e respondeu: — Não sei que explicação pretende que dê a Porter, o pobre já tem bastante com a Amelia plantando aqui e lá plantas e flores novas para que, agora, tenha que se preocupar com as trepadeiras.

Depois do almoço, no qual o almirante não acertou nem uma só sobremesa para diversão, de tia Blanche, o que a ajudou a relaxar, resultou também muito divertido o momento do chá, o que aliviou um pouco a tensão de Julianna e de tia Blanche.

Quando já se retiraram à biblioteca, Julianna, Cliff, Max e o almirante estenderam vários planos do parque obtidos por Max, e bem a tempo chegou Jonas para participar também nos planos. Sugeriram-se várias alternativas, analisaram quase todas as possibilidades, ela se deu conta de que estava rodeada de militares, com mentes que funcionavam como se preparassem uma batalha e, em certo modo, sentiu-se aliviada escutando a minuciosidade e os detalhes que valozaram. Limitou-se a escutá-los, a assentir ou simplesmente a observá-los.

Depois de uma hora planejando com minuciosidade, todos partiram antes que chegassem as demais e suspeitassem de algo. Max e Cliff partiram a seu clube, enquanto o almirante se ofereceu como voluntário para informar aos homens de Cliff dos detalhes, alegando que gostaria de retomar suas lembranças de batalhas e aventuras com um dos oficiais mais veteranos.

Ao chegar ao clube, Max viu-se quase imediatamente rodeado por cavalheiros desejosos de averiguar qualquer informação sobre a que já tinham denominado a beleza da temporada, e isso que, oficialmente, a mesma não se iniciava até três noites mais tarde no primeiro baile de máscaras. Para o cúmulo, a maioria dos cavalheiros interessados eram companheiros e amigos tanto de Cliff como de Max, solteiros empedernidos como eles, com ampla experiência com mulheres e, em sua maior parte, herdeiros de algum

título que começavam a expor o matrimônio e a necessidade de continuar com sua estirpe, quer dizer, uma dura competência. Depois de quase uma hora ali, Cliff se despediu quando começava a sentir que seu mau humor afetava o seu bom julgamento e se retirou a casa do conde para o jantar.

Ao chegar à mansão, comprovou, com surpresa, que não se encontrava invadida por hordas de damas interessadas pelo começo da temporada ou pelas bodas de seu irmão, mas sim parecia reinar a tranquilidade. Subiu a seu quarto e tomou um banho e se vestiu para o jantar, não sem antes recordar a seu Valete que levasse o pacote que tinha sobre a grande poltrona de seu dormitório à mansão Brindfet, para que, como em ocasiões anteriores, depositassem-no no quarto de Julianna enquanto jantava no salão com as demais damas da casa.

Ao descer ao salão onde já se encontravam seu pai e Ethan esperando às damas antes do jantar, começaram a conversar.

— E bem? — inquiriu o conde.

— Por Deus, pai. Desde pequeno me deixava louco que começasse as conversas assim porque tinha que revisar mentalmente quantas travessuras tínhamos cometido antes de deliberar qual era a menos grave — respondeu Cliff.

Seu pai riu.

— Por que acha que o fazia?

Cliff e Ethan sorriram.

— Bom, pai, seja mais direto esta vez, por favor — insistiu Cliff.

— Queria saber se já informaste aos lacaios dos planos para amanhã.

— Meu valete se encarregará disso mais tarde. Embora saiba que estudamos todas as alternativas, o certo é que estou intranquilo. Tenho um mau pressentimento.

— Ainda está a tempo de mudar de ideia — assinalou Ethan.

— Sei, mas também sei que é nossa melhor oportunidade de acabar com isto quanto antes. Além disso, embora o negue, acredito que Julianna está morta de medo, e para ser sincero, tem motivos para está-lo. O almirante indagou um pouco esta manhã enquanto estava no comando e Leme McBeth está sendo investigado por seus superiores por alguns atos que excedem da mera desonra ou da licença forçada. De fato, o investigam por cargos criminais.

— Razão demais, Cliff. De verdade acredita que estará totalmente a salvo? Sim, é um lugar público, e sim, levam muitos homens, mas podem

ocorrer infinidade de coisas e se lhe acontecesse algo não se perdoaria — voltou isso a insistir seu irmão.

— Bom, bom, não nos demos por derrotados antes de apresentar batalha. De qualquer modo, terá que fazê-lo sair e, se Julianna estiver intranquila, o melhor é lhe assegurar a tranquilidade que lhe falta quanto antes — assinalou o conde.

Nesse momento o mordomo avisou ao conde de que seu secretário acabava de chegar e que o esperava na biblioteca.

— Me perdoem uns minutos, tenho que assinar uns documentos que lhe pedi que me preparasse, em seguida retorno, se sua mãe e lady Adele chegarem antes, procurem as entreter.

Ambos assentiram e se dirigiram às amplas poltronas da chaminé.

— Cliff. Sabe que pode confiar em mim e embora saiba quanto te incomoda que recorra a sua consciência, mas eu gostaria de te perguntar uma coisa.

Ethan falou enquanto entregava uma taça de xerez antes de sentar-se à sua frente. Cliff assentiu e olhou a seu irmão fixamente.

— Retornou esta manhã muito cedo — continuou tranquilamente —. Te vi cruzar o vestíbulo e levava um sorriso de orelha a orelha. Não te perguntarei onde passou a noite porquê de sobra sei. Conheço-te muito bem. Acredito que deveria tomar cuidado, não só por Julianna, mas também por ti. Recorda que ainda não te deu o sim. — Elevou uma sobrancelha —. Ou o fez?

— Não, ao menos não com essas palavras. Mas não tem que preocupar-se. Sei o que faço. Além disso, recordo-te que você não é precisamente celibatário, irmão.

— Essa é uma rabugice — disse —. De todos os modos, eu estou comprometido com Adele, assim não é o mesmo.

— É-o, Ethan, é-o. A única diferença é que ainda não leva o anel de compromisso no dedo, mas para todos os efeitos, para mim estamos comprometidos, se não casados.

— Está bem. Está bem, não insistirei. Mas recorda que deve ir com muito tato e cuidado.

— Terei — respondeu sem mais.

Mais tarde, no jardim da mansão McBeth, Cliff esperava que se iluminasse o quarto de Julianna para subir. Nesta ocasião não ia dar tempo para que a donzela a assistisse, queria estar com ela todo o tempo possível,

assim que se iluminou o quarto sabendo que isso implicava que a donzela começava a preparar o dormitório e a cama de Julianna justo antes dela subir, começou a subir, a estas alturas, pela maltratada trepadeira e aguardou no balcão sem fazer ruído. Depois de uns minutos apareceu Julianna no dormitório e, colocando-se de modo que pudesse vê-lo e não a donzela, fez-lhe um pequeno sinal para que a despedisse, o que fez amavelmente tentando não parecer nervosa.

Julianna fechou a porta com chave e antes de chegar a cruzar o dormitório Cliff já estava dentro, com um enorme sorriso nos lábios.

— Bo-boa noite — disse Julianna um pouco nervosa.

— Boa noite, carinho — disse aproximando-se como um leopardo cercando a sua presa —. Espero não te incomodar vindo tão cedo, mas estava desejando verte e, — a abraçou e lhe elevou a cara —, te beijar. — E a beijou com ardor.

Depois de uns minutos nos quais se saborearam e se deleitaram um com o outro, separaram-se um pouco e se olharam com a respiração ainda entrecortada.

— Esta noite tenho um pequeno obséquio para ti, mas tem que me prometer que não o lerá até que tenhamos solucionado o caso de seu irmão.

Julianna o olhou intrigada e depois à banquetta situada aos pés de sua cama, onde se encontrava um pequeno cofre, com uma chave com um laço segurando o punho.

— O que é? — disse aproximando-se do cofre —. Ui! Que bonito! — fixou-se no anagrama gravado na capa e lhe passou os dedos —. O que significa?

Voltou-se para olhá-lo enquanto ele se aproximava e se colocava junto a ela.

— São os signos dos quatro elementos da natureza; a água, o ar, o fogo e a terra. A primeira vez que cheguei a um país oriental ia como oficial de um navio da Marinha Real. Bom, em realidade, Max e eu íamos juntos já que por então formávamos parte da mesma tripulação. Lembro que quando chegamos à costa da China tudo nos pareceu tão diferente. O mar, a luz, os aromas... e quando por fim atracamos, demo-nos conta de que realmente era outro mundo, um totalmente diferente ao nosso. Dedicamo-nos a explorá-lo e foi francamente emocionante. Mas havia uma parte de sua cultura que despertou uma inusitada curiosidade, e era a dos que viviam nos lugares mais remotos, em aldeias de difícil acesso onde o contato com a natureza e as crenças

ancestrais relacionadas com ela constituem a parte essencial de sua vida, de sua forma de ver o mundo e relacionar-se com ele. Ali a importância que lhe dá à natureza, ao equilíbrio entre a vida de um e o entorno no que vive, pareceu-me quase reverencial, e em muitos lugares elaboram peças de artesanato muito delicadas, cujos motivos decorativos se centram precisamente nos detalhes da natureza, na busca desse equilíbrio como eixo central de sua filosofia e de todo o espiritual. Foi então quando adquirir este cofre de um rico suserano de uma zona de cultivo de arroz e de bambu.

Julianna o escutava encantada e sem querer lhe interromper. Mas em seguida caiu na conta de que lhe tinha pedido que promettesse não o ler. “Ler o que? Estará dentro...”. Cliff de repente centrou sua vista nela como se tivesse despertado de sua lembrança.

— Abra-o.

Julianna obedeceu. Estava forrado com umas delicadas sedas profusamente bordadas com exóticos carneiros e estranhos animais que ela não reconhecia.

— Esse é uma preguiça — disse assinalando a uma das figuras —. Um animal que se move muito lentamente e que passa quase todo o tempo encarapitado às árvores e esse outro? — Assinalou outra —. É um urso panda. Alimentam-se de bambu e o mais característico deles, além de ter um caráter agradável e tranquilo, é sua pelagem, branco e negro. São realmente bonitos. Só vimos um, mas são animais muito belos e nada ferozes. — Cliff sorriu e acariciou os dedos com os quais Julianna ia acariciando os detalhes —. Se levantar a bandeja interior verá que há uma segunda debaixo. Em realidade, sempre acreditei que se trata de um joalheiro.

Julianna obedeceu e encontrou um pequeno livro com a capa de couro vermelho com filigrana de ouro na borda. Olhou ao Cliff por cima do ombro e perguntou: — É o que quer que prometa não ler ainda?

Cliff assentiu e tirou de suas mãos o volume.

— É... é uma espécie de jornal. Uma recopilación de algumas de minhas lembranças destes anos. — Olhou-a e parecia um pouco envergonhado —. Eu gostaria que pudesse me conhecer melhor através do que vivi ou ao menos de como eu vi algumas dessas vivências. — Depositou de novo o livro entre suas mãos e acrescentou —: Mas... ainda não, prometeste-o. — Arqueou uma sobrancelha e a olhou com certa ansiedade.

Ela olhou de novo o livro e depois a ele por um segundo. Depositou-o de novo no interior do cofre e o fechou com a chave.

— Faremos uma coisa — disse, olhando de novo ao Cliff —. Eu dou minha promessa e você guarda a chave. Quando achar que chegou o momento de ler seu interior, devolve-me.

Cliff sorriu reconhecendo nessa resposta a essência pura da inteligência e da personalidade de Julianna. Uma solução inteligente e prática e que, além disso, implicava depositar nas mãos de Cliff sua própria confiança.

— De acordo — respondeu tomando a chave de sua mão e guardando-a —. E agora... — Se aproximou um pouco mais a ela e a abraçou —. Acredito que deveria te ajudar a te deitar, despediste sua donzela, assim que me corresponde me encarregar de suas funções... — A beijou nas bochechas suavemente enquanto deslizava suas mãos por suas costas —. Deveria te tirar este vestido. — Começou a lhe soltar as fitas do fechamento das costas enquanto continuava beijando-a lenta e suavemente —. E depois, ajudarei a te colocar na cama para que não passe frio.

Julianna notava o sorriso sobre sua pele, seu fôlego quente e sua melosa e sensual voz lhe provocando uma onda de paixão e de calor invadindo cada centímetro de seu corpo. Em seguida levantou a cabeça e a fez virar para ter melhor acesso a suas costas. Com suavidade acariciou com os lábios a base do pescoço e seus ombros e deixou cair seu vestido, deixando-a com a regata. Voltou a virá-la para poder olhá-la à cara.

— Não te mova nem um pouquinho.

Agachou-se frente a ela e, elevando um pouco a regata, acariciou suavemente uma das panturrilhas e foi subindo até justo onde terminava a meia e começou a deslizá-la e, depois de tirar repetiu a operação com a outra perna. Mantendo-se ainda de joelho passou seus braços ao redor de sua cintura e apoiou a cabeça sobre seu ventre uns segundos, depois com ela ainda abraçada foi ficando em pé até ficar totalmente erguido, mas com a cabeça inclinada sobre ela. Beijou-a de novo nos lábios, primeiro com suavidade, mas depois com verdadeira ânsia, e foi levando-a até a cama sem deixar de beijá-la, de acariciá-la, de envolvê-la com seu corpo.

Insistiu-a a deitar-se depois tirar a regata pelos ombros e deixá-la tirar a jaqueta, lhe desabotoar a gravata e lhe desprender a camisa. Inclinou-se sobre ela, começando a cobrir seu corpo nu de beijos, de suaves carícias e pequenas dentadas que conseguiam lhe arrancar alguns suspiros, gemidos e o que ao Cliff pareceram uns sons similares ao ronrono de um gatinho quando o acariciam.

Quando já sabia que seria impossível controlar-se, incorporou-se,

desprende-se das calças e do resto da roupa que ainda levava e deitou sobre ela enquanto com uma mão a insistia abrir as pernas, de modo que ficou colocado entre suas pernas coxas. Notava como Julianna se deixava levar, mas ao mesmo tempo, como ia tomando cada vez mais confiança em suas carícias, em seus contatos. Ela lhe pousou as mãos nas costas e, as baixou lentamente, mas com decisão, as pousou nas nádegas, lhe insistindo a colar-se mais a ela e, arqueando um pouco as costas, aproximando-se ainda mais a ele, disse com a voz rouca: — Cliff, por favor... por favor...

Cliff a beijou no pescoço que ficava perfeitamente ao seu alcance, já que ela tinha a cabeça um pouco arremessada para trás. Mordeu-lhe com suavidade um de seus ombros enquanto a penetrava firme, seguro...

Durante uns segundos ambos ficaram quietos saboreando o momento, o fogo interior que ardia neles e a sensação de pertencer um ao outro, de formar um ser. Em seguida começaram a mover-se um ao ritmo do outro, sem saber muito bem quem seguia a quem, quem marcava a pauta. Era como se seus corpos dançassem juntos sem necessidade de ser guiados por nenhum deles. Acariciavam-se, beijavam-se o prazer, lambiam-se e saboreavam como se precisassem sentir-se de todas as maneiras possíveis.

Cliff perdeu todo contato com a realidade e Julianna parecia sumida em um êxtase alheio ao mundo. Podiam ter passados uns poucos minutos ou toda uma eternidade, mas para quando ambos chegaram ao topo rompendo-se em mil pedaços, sentindo-se saciados, satisfeitos, exaustos e plenos, ambos ofegavam e respiravam com dificuldade olhando um ao outro, como se fosse impossível acreditar o que acabava de acontecer, o que acabavam de experimentar e sentir. Não precisavam versos românticos nem frases de amor ou palavras românticas para expressar ou demonstrar um ao outro o que sentiam e pensavam nesse momento. Bastava-lhes olhar-se nos olhos, sentir o aroma e o calor de suas peles, escutar o ritmo de seus corações e de seu pulso.

Por fim, Cliff se separou dela, fazendo com que emitisse um irreprimível gemido pelo estranho vazio que lhe provocava não o sentir dentro dela. Rodou sobre si mesmo para ficar de costas levando-a consigo e mantendo-a entre seus braços. Ela o deixou fazer e, depois de apoiar a cabeça em seu peito, abraçou-o enquanto se atava a seu corpo. Cliff começou a soltar as forquilhas que ainda seguravam seu cabelo, conseguindo liberar essas mechas que tanto gostava de acariciar. Julianna fechou os olhos enquanto lhe acariciava quase com reverência, o que foi provocando uma sonolência que

quase consegue fazê-la dormir, mas, de repente, lembrou-se de algo que no jantar pensou que devia lhe comentar.

— Cliff? — Chamou-o com voz sonolenta e mantendo ainda os olhos fechados.

— Diga, céu.

— Pensei que, amanhã, deveria levar a capa vermelha que me deu de presente papai. Sei que, não é muito elegante para Londres, mas poderiam me ver melhor com ela se me afastar um pouco. — Suspirou e com a voz um pouco afogada acrescentou —: Além disso, quando visto, sinto papai perto de mim e acredito que preciso o ter muito perto.

Cliff apertou um pouco seu abraço e a beijou na têmpora.

— Parece-me uma excelente ideia, carinho.

Pensou que ao menos a distinguiria com clareza se por algum motivo chegava a distanciar-se e, por alguma estranha razão, sentiu-se um pouco mais aliviado ante essa ideia.

— O único problema é que não tem bolso interior, assim terei que levar a arma debaixo da jaqueta do traje de montar.

— Isso me lembra...

Cliff se incorporou e saiu da cama, com um leve protesto dela em forma de gemido. Foi direto a uma pequena bolsa de veludo que tinha deixado no chão ao lado do balcão. Com ela nas mãos voltou a meter-se na cama e de novo a abraçou que, desta vez ficou deitada quase por completo sobre ele. Olhou a pequena bolsa que mantinha agarrada com uma mão ao seu lado e elevou as sobrancelhas. Não lhe fez falta perguntar, porque em seguida Cliff tirou o que continha e o mostrou.

— É uma pistola, um pouco menor que as que se usam normalmente, pesa menos e, além disso, podem realizar-se dois disparos com ela antes de recarregá-la. Quero que a leve amanhã. Será mais cômoda de levar e de ocultar.

Deixou-a na mesinha de cabeceira e abraçou por completo a Julianna, que permanecia sobre ele com a vista fixa na pistola. Rodou de maneira que ambos ficaram de flanco, mas cara a cara, e a beijou durante uns minutos, fazendo com que de novo se excitasse e lhe acelerasse o pulso descontroladamente. Teve que afastar os lábios dela e tomar fôlego antes de dizer: — Eu adoraria voltar a fazer amor contigo. — Julianna sorriu e o beijou, mas depois de uns minutos ele voltou a separar os lábios dos seus —. Carinho... por Deus, vais matar-me, sou um homem que carece de todo

controle contigo em seus braços... — Suspirou de novo e entrecerrou os olhos —. Mesmo que isto vá me matar, vou deixá-la dormir, precisa descansar para amanhã.

Ela negou com a cabeça.

— Cliff... — disse com voz melosa enquanto elevava os braços para lhe rodear o pescoço. Suspirou sobre os lábios dele —. Ainda estou nervosa...

Cliff sorriu.

Não podia negar-se que gostava dessa forma apaixonada e mesmo tempo tenra de olhá-lo, de acomodá-lo nessa espécie de ardor sensual que lhe levava a desejá-la além da prudência. Beijou-a com paixão enquanto a rodeava com os braços, acariciando lentamente essas suaves, cálidas e tenras curvas tão apetitosas, tão deliciosamente suas... Com suavidade foi beijando-a, acariciando-a. Pouco a pouco foi cobrindo todo seu corpo de suaves e lentas carícias, beijos, ardentes dentadas... A colocou de frente e a embalou dentro de seu corpo sem deixar de tocá-la e de atordoá-la até além dos limites. Com outra mão começou a acariciar seu interior levando-a a esse êxtase que a deixava, momentaneamente, lassa e se entregue por completo, e logo situou seu turgente, e palpitante membro, depois de havê-la colocado de barriga para baixo com as nádegas para cima, abertas para ele, e todo seu corpo em uma luxuriosa e excitante posição para poder penetrá-la com prazer deleitando-se, com cada uma das curvas de seu corpo. Investiu-a com uma profunda estocada que os deixou, uns segundos breves, desorientados e extasiados. Ele a rodeava mais e mais com seu corpo, seu calor e toda essa paixão dessa posição que Cliff acreditou lhe levar a extremos de verdadeira loucura. Julianna compreendeu em seguida tanto a postura como o modo de lhe tirar uma vantagem entristecedora, pois se sentiu lançada, imediatamente, a um mundo de sensações absolutamente absorventes, intensas e tão inibidas que se sentia gloriosamente licenciosa e quase luxuriosa. Enquanto ele se movia por trás e a investia de um modo tão feroz e tenro ao mesmo tempo, abraçando-a forte, cobrindo-a por completo dentro de seu abraço, dentro de seu corpo, dessas carícias, de seus beijos, desses movimentos e da fricção de seus corpos, sem saber como, respondia ofegante, desejosa, ansiosa dele e do que lhe provocava. Oferecia-lhe as nádegas, abria-se a ele, empurrava de acordo a seu ritmo. Notava como seu corpo sabia como acoplar-se ao dele para recebê-lo, para que a enchesse mais e mais, até o punho, até o mais profundo de seu ser. Cliff a beijava, dizia-lhe, entre ofegos e gemidos, palavras tenras e doces às vezes, mas outras... outras... Se sentiu arder

quando lhe começou a dizer com voz rouca umas coisas que a faziam sentir-se poderosa, desenfreada e quase viciosa, mas, também, tão cheia dele e não só de seu corpo, mas também dele, de tudo que perdia o sentido. Quando o céu se fez pedacinhos ao seu redor e seu corpo e sua mente a lançaram a um mundo de êxtase e pura paixão, escutou uma espécie de grunhido gutural em seu ouvido que adorou, justo quando sentia os últimos impulsos e os tremores do orgasmo de Cliff, que grunhiu selvagem seu nome junto com uma espécie de prece aos céus. Cliff ainda emitia esse rouco som em sua orelha e tremia dentro e fora dela quando notou esse líquido quente verter-se em seu interior como prova irrefutável da plena satisfação desse desejo animal, primitivo e ardente de ambos, mas também dessa espécie de saciedade carnal e não carnal que sentia quando estava perto dele.

Cliff apertou seu abraço sem sair dela, ainda ofegantes, ainda um pouco trêmulos.

— Carinho... me deixa louco de desejo e amor... — murmurou com esforço ao cabo de uns minutos, sem separar-se dela, sem deixar de acariciá-la sob a manta com que os havia acolhido—. Durma, eu velarei seus sonhos.

Julianna não protestou. Devia reconhecer que sentia saciada e seu corpo esgotado. O sono, sem dúvida, ia vencendo-a pouco a pouco.

— Não partirá sem despertar-me, verdade?

Sua voz já era um sussurro apenas audível e Cliff sentia a distensão de seus músculos e o lento ritmo de sua respiração.

— Não, carinho, não. Despertarei. Dorme tranquila, estou ao seu lado e não penso partir.

Inalou seu aroma e apoiou seu rosto no suave pescoço dela. Ao cabo de uns minutos, sabendo-a dormida, acariciou a pele cálida e doce sob a orelha e murmurou um “te amo, Julie”

Julianna não demorou muito em dormir e ele a seguiu pouco depois. Aquilo parecia a Cliff como encontrar-se nos braços de uma deusa que com sua só presença, com seu só contato, acalmava todo seu ser e excitava ao mesmo tempo ao feroz predador que habitava dentro dele. Não podia deixar de pensar, justo antes que Morfeo o levasse a seu particular paraíso, que essa sensação de calor, de paz e plenitude ao ter Julianna nos braços, saciada, adormecida, satisfeita, era o máximo deleite que poderia experimentar.

Às cinco da manhã, quando ainda estava escuro, mas começavam a ver-se alguns reflexos do amanhecer, Cliff despertou, como a noite anterior, com esse calor, esse glorioso aroma e a suavidade de Julianna entre seus braços e,

como então, teve que fazer um grande esforço para mover-se embora não sem antes observá-la dormir relaxada, tranquila, segura. Elevou-se um pouco depois de fazê-la rodar para ficar sobre seu corpo, mas mantendo-se sobre seus cotovelos para que ela não sentisse o peso de seu corpo, e depositou beijos ligeiros sobre suas pálpebras fechadas, sobre suas bochechas, sobre a ponta de seu nariz e sobre seus lábios.

— Carinho... Julianna... Acorda, amor. — Esperou até que ela abrisse um pouco os olhos e lhe acariciou com o nariz as bochechas —. Céu, acorda, tenho que partir... — De novo a beijou nos lábios.

— Umm... — Com os olhos entreabertos protestou e virou a cabeça em direção ao balcão—. Ainda é de noite — sussurrou.

— São cinco horas. Tenho que ir se não quero que me vejam. Além disso, quero ir em casa antes de me encontrar com meus homens.

Julianna abriu os olhos imediatamente. Elevou os braços para abraçar Cliff com eles e com um gesto de preocupação disse: — Tudo sairá bem verdade?

Cliff compreendeu que necessitava que lhe desse certa segurança, e mesmo que o mortificasse ter que colocá-la em semelhante situação, tentou parecer tranquilo e com aprumo respondeu: — Céu, Max e eu lhe seguiremos de perto. Só recorda o que planejamos e tudo sairá bem. Carinho, aconteça o que acontecer, não deixarei que te ocorra nada. Não penso te perder. Não o esqueça, te seguirei até os limites da Terra, mas ninguém conseguirá me afastar de ti. Ninguém te separará de meu lado. Seguirei aonde você vá.

A firmeza em seu tom de voz, seu penetrante olhar e o fato de estar entre seus braços pareceram conseguir acalmar a Julianna, que por uns segundos tornou a se sentir um pouco alarmada e inquieta.

Assentiu e suspirou. Cliff voltou a beijá-la, abraçou-a e a embalou por uns instantes.

— Carinho, com toda a dor de meu coração, tenho que partir. — Julianna voltou a emitir esse leve gemido que ao Cliff parecia encantador e excitante ao mesmo tempo. Sorriu —. Durma outra vez e, quando descer para tomar o café da manhã, lembre de deixar que seja sua tia a que diga a Amelia e a Eugene que hoje as buscará lady Adele para as levar a um chá na casa de lady Eleanor. Por sorte, ela lhes convidou durante o baile, assim não suspeitarão e, quando perguntarem por que você não vai, lhes diga que vais ver os advogados.

Julianna assentiu embora soubesse o que ia custar—lhe parecer tranquila.

— Lady Adele sabe algo? — perguntou preocupada enquanto Cliff se levantava da cama.

— Não, céu, não. Dissemos que sua tia e você queriam se reunir com os advogados para os papéis de adoção de Amelia, mas que não desejavam que ela soubesse para poder lhe dar uma surpresa, chegando o momento.

Pôs as calças e a camisa e Julianna mordeu o lábio inferior ante a imagem tão assombrosamente varonil que desprendia com seus movimentos.

— Cliff, seria um problema para ti e sua família se ao final é certo sobre Amelia? Quero dizer... bom, bastante mau seria que acabasse com uma mulher que carece de toda linhagem, mas... Aconteça o que acontecer, Amelia é agora parte de minha família, tia Blanche e eu o falamos e não nos importa quem sejam seus pais, abandonaram-na sendo um bebê e ela é o que é sem que eles formem parte de sua vida.

Cliff se sentou na beira da cama, já completamente vestido embora sustentando a jaqueta com uma mão, e olhando-a fixamente respondeu: — Julianna, não tem que me convencer. Amelia é parte de sua família e será parte da minha. — pôs esse sorriso malicioso e safado que derretia às mulheres—. Imaginem por um segundo que fosse certo o que afirma seu irmão. Asseguraríamos que nem ela nem ninguém jamais soubesse, não se preocupe. Pelo que a mim diz respeito, Amelia é sua irmã e será minha cunhada assim que te case comigo. — de novo lhe sorriu se aproximou e a beijou na testa —. Durma, carinho. Quero que esteja pronta pela manhã. Recorda levar a pistola contigo.

Virou a cabeça e olhou por cima de seu ombro para a mesa onde a tinha deixado. Antes de chegar ao balcão Julianna o chamou: — Cliff. — Ele parou e a olhou, assinalando com o dedo para a mesa, disse —. Leve isso, certamente que os devora antes de chegar em casa.

Cliff olhou uma espécie de bolsa e em seguida compreendeu o que era. Sorriu-lhe como um menino ao qual acabam de lhe dar uma guloseima e exclamou: — Lembrou-te! — aproximou-se da mesa, agarrou o pacote e depois foi rapidamente à cama onde Julianna o olhava sorrindo. Inclinou-se sobre ela e a beijou com ternura. Depois elevou um pouco a cabeça e a beijou na testa.

— É um amor. Devorarei na carruagem, pois resulta que estou faminto. Obrigado. Espero que quando estivermos casados você goste de fazer doces para mim.

De novo lhe sorriu com arrogância satisfeita e se dirigiu ao balcão. Virou

uma última vez para olhá-la antes de ir-se e, por fim, saiu.

Uma vez no jardim elevou a vista ao balcão e pensou que essa manhã Julianna estaria em perigo e sentiu uma pontada de dor no peito e muita ira. Grunhiu e se obrigou a partir.

CAPÍTULO 18

Pela manhã cedo, Julianna desceu ao salão da manhã, com um traje de passeio para que Amelia ou Eugene não suspeitassem e com uma estranha sensação de desassossego. Algo em seu interior lhe dizia que algo ia mal, mas não queria parecer uma covarde aos olhos de sua tia e certamente não queria preocupá-la, nem a ela nem aos outros, depois de tudo o que tinham planejado e organizado.

Sua tia a esperava à cabeceira da mesa e a olhou assim que entrou na sala com ar preocupado e com claros sinais de não ter dormido suficiente a noite anterior. A sua tia estranha vez lhe notava sinal físico algum de preocupação ou de aborrecimento, mais quando olhava fixamente ao motivo de seu possível aborrecimento, mas esta manhã tinha umas sombras sob os olhos e um evidente ar de cansaço.

— Bom dia, tia.

Julianna sorriu aproximando-se e beijando-a na bochecha.

— Bom dia, querida. — Sua tia esperou até que se sentasse e até que Furnish lhe servisse uma xícara de café antes de dizer —: Ainda podemos voltar atrás, carinho. Estou extremamente preocupada.

Julianna a olhou.

— Oh tia, eu também, mas acredito que fazemos o correto. É melhor enfrentarmos os problemas e não deixar que estes se convertam em algo tão grande que já não tenha solução.

Sua tia sorriu a contra gosto e bebeu de sua xícara, possivelmente para tranquilizar um pouco os nervos que ambas tinham a flor da pele.

— É evidente que isso o aprendeu de meu irmão. Desde pequena sempre me dizia isso.

— A mim também, e terá que reconhecer a verdade de suas palavras. Prometo-te que farei tudo o que falamos e que não correrei riscos desnecessários.

— Bem, bem, embora não me deixa de tudo tranquila ao menos sei que não cometerá nenhuma insensatez. Esperaremos até as meninas partirem para casa do conde, onde lhes esperará lady Adele, e, ao menos, assim saberemos que elas não só estão a salvo, mas também permanecem à margem de tudo.

Julianna franziu o cenho suspicaz pela notícia.

— Acreditava que viria lady Adele às buscar aqui.

— Enviei-lhe uma nota esta manhã cedo. Pensei que seria melhor que elas saíssem o mais cedo possível daqui, assim teremos o tempo suficiente para nos preparar e para repassar as coisas. — escutou-se ruído na escada de acesso à sala do café da manhã —. Deveremos esperar uns minutos e seguir falando depois.

Julianna assentiu e deixaram discorrer o café da manhã com certa normalidade. Depois da partida das meninas, ela subiu a seu quarto acompanhada de sua tia. Ainda tinha meia hora para terminar de arrumar-se e para chegar ao ponto de encontro com seu irmão.

— Vou usar o traje de montar de veludo turquesa, é o mais adequado, além disso, a jaqueta me permite levar a pistola sem que se note muito. — Julianna viu o alarme nos olhos de sua tia, por isso se apressou a acrescentar —: Bom, é para que me sinta mais segura.

Olhou-a tentando não mostrar seu nervosismo nem sua apreensão, e embora se notasse a preocupação nos olhos de sua tia, já pelo menos não parecia querer lançar-se sobre ela e impedi-la que saísse de seu quarto.

— Também pensei em usar a capa vermelha que papai me deu de presente, acredito que me fará um pouco mais visível e é muito quente.

Tia Blanche permaneceu sentada no tamborete de sua penteadeira enquanto Julianna se vestia.

— Querida, trouxe-te esta bolsa com o dinheiro.

Antes que continuasse, Julianna se virou para olhá-la fixamente e a interrompeu: — Tia, tenho todo o dinheiro de minha atribuição destes meses nessa bolsa que está na mesa, e é o que entregarei a Leme. Não deixarei que leve teu dinheiro e menos ainda que se aproveite de ti.

Tia Blanche ia se queixar, mas viu a firmeza nos olhos de Julianna e se absteve de insistir. Conhecia muito bem esse olhar para não ignorar que quando o punha era porque atrás dele havia uma forte determinação. Seu irmão tinha esse olhar e inclusive ela mesma, e não havia força capaz de tirar de seu objetivo a um McBeth quando o tinha.

— De novo, Julianna, quero que me assegure que não correrá riscos desnecessários. — Julianna assentiu —. Bem. — Suspirou —. Max e o comandante já estão na esquina a dois quarteirões daqui, seguirão a distância sem que possam vê-los. É possível que você tampouco os veja, mas tenha por certo que estarão ali. — Julianna de novo assentiu —. Te acompanhará o

cavaliço que está acostumado a te acompanhar. — Julianna a olhou com o cenho franzido, mas sua tia levantou a mão e continuou —. Sei, vais dizer que te advertiu que fosse sozinha, mas não pode chegar ao parque sem companhia e, se Leme o vir, o diz assim, melhor, faz-lhe ver que de outro modo teria levantado minhas suspeitas, já que estou acostumada a insistir em que ande sempre acompanhada. De todos os modos, quando protestar, só lhe oferecerá a possibilidade de lhe fazer um sinal ao cavaliço para que se mantenha a distância, mas lhe dirá que não pode lhe despedir sem que isso lhe faça suspeitar que ocorre algo errado.

Julianna a observou uns segundos, especialmente seu semblante preocupado e a evidente tensão de seus ombros, assim finalmente assinalou, vencida: — Compreendo. Suponho que tem razão. Procurarei lhe fazer entender, e o pior que pode acontecer é que me obrigue a dizer ao cavaliço que se mantenha o mais afastado possível, não é certo?

Sua tia assentiu quase suspirando de alívio, ou isso acreditou ver Julianna. Olhou o pequeno relógio de corrente que sempre levava.

—Está ficando tarde. Será melhor que saíamos.

Enquanto vestia a capa ela agarrou a bolsa com o dinheiro e a passou a Julianna. Já no vestíbulo sua tia a abraçou: — Julianna, tome cuidado e, se perceber que algo vai mal, fuja.

Soltou-a e Julianna a beijou na bochecha.

— Não se preocupe, tia, tudo correrá bem.

Virou e desceu as escadas, dirigindo-se ao lugar onde o cavaliço sustentava as rédeas de sua égua. Deixou que a ajudasse a montar e esperou que ele montasse em seu cavalo. Em seguida se encaminhou ao parque onde se encontraria com Leme. O caminho foi surpreendentemente curto e era impossível recordar algo dele. Ia concentrada recordando os conselhos que lhe deram sua tia, Cliff, Max e o almirante. Embora soubesse que nesses momentos Cliff e Max a estariam observando, sentiu-se estranhamente sozinha. Teve que respirar fundo em várias ocasiões tentando tirar o nó que lhe aprisionava os pulmões. Várias vezes apalpou a capa e a pistola, como se saber-se armada lhe proporcionasse certa tranquilidade, mesmo que não estava segura de ser capaz de disparar em alguém e menos em seu irmão, por muito desprezível que este fosse.

Ao chegar ao parque, a primeira coisa que observou é que Leme não se encontrava exatamente no lugar combinado, a não ser um pouco mais à frente, à sombra de umas árvores onde começava o bosque. Ao vê-la fez um

gesto com a mão para que se aproximasse. Julianna diminuiu a marcha e, embora duvidasse em ir para esse lugar, pensou que não restaria mais remédio, de qualquer modo parecia ainda um lugar o suficientemente visível para não se preocupar em excesso.

Ao aproximar-se procurou manter-se a uma distância prudente do cavalo de seu irmão, tal como lhe aconselharam Max e Cliff. Este olhou por cima do ombro de Julianna e, torcendo o semblante, disse com um tom desagradável.

— Dissete que viesse sozinha. Para que traz um cavaliço?

— Dado que me “ordenou” que não levantasse suspeitas, o único modo de fazê-lo era vir acompanhada de Polly, que é quem está acostumado a me acompanhar cada vez que monto.

Pensou que não tinha muito aspecto de cavaliço, mas bem de lutador, mas esperava que seu irmão não se fixasse muito.

— Deveria ter inventado uma desculpa — insistiu com um tom frio.

— Se o tivesse feito, tia Blanche teria se posto em alerta. Insiste em que em Londres não posso cavalgar sozinha como fazia antes. Além disso, recordame constantemente a necessidade de me comportar com o decoro esperado em uma dama, como fazia papai.

Leme riu de uma maneira que deixou Julianna arrepiada.

— Como uma dama... — repetiu em um tom depreciativo —. Vejo que terei que te baixar a crista. Despede-o agora mesmo.

Julianna abriu os olhos pela brutalidade com que lhe falava, nem tanto pelas palavras, mas sim pelo tosco tom de sua voz.

— Não posso fazer isso. Se quiser posso lhe pedir que se mantenha a certa distância, mas te asseguro que não partirá.

Leme a olhou uns segundos mal-humorado e finalmente lhe ordenou: — Está bem. Que se afaste tudo o que possa e você se aproxime. Não quero que nos vejam parados tão perto das áreas de acesso dos cavaleiros.

Julianna compreendeu que devia ficar em guarda, mas obedeceu. Polly se afastou um pouco e, ao aproximar-se, Leme, por surpresa, tomou as rédeas de sua égua e a guiou um pouco mais dentro do bosque. Embora protestasse, ele parecia ignorá-la.

Agarrou-a pelo pulso enquanto ela se precavia de que tinham ficado fora de vista, daí que tentasse não só se liberar do agarre, a não ser levar a égua um pouco para trás, mas ele o impediu, colocando seu cavalo de modo que lhe era difícil manobrar e fechando com maior força sua mão em torno de seu pulso.

— Trouxeste meu dinheiro?

A Julianna, por um momento, custou-lhe responder, notando certa dor no pulso, mas especialmente o perigo evidente, porque se achava impossibilitada de movimento algum.

— Sim..., mas se não me soltar não poderei alcançá-lo.

Ao menos com isso conseguiu que Leme liberasse sua mão. Julianna agarrou a asa da bolsa e antes de oferecer-lhe já o tinha alcançado ele com um gesto rápido e brusco. Olhou em seu interior e espetou: — Isto é tudo? Quanto há?

— Toda minha atribuição dos últimos seis meses, excetuando as cinco libras que mando todos os meses ao Saint Joseph.

— Estúpida! Enviar dinheiro a esses malditos bastardos é o mesmo que jogá-lo fora. O que acha que pode fazer por esses miseráveis?

O desprezo de sua voz e a ira em seu olhar arrepiou os cabelos da nuca de Julianna, mas procurou manter-se serena ou ao menos aparentá-lo.

— Já tem o que queria. Parto.

A gargalhada brusca de seu irmão foi arrepiante, mas quando Julianna se dispunha a girar a égua e partir sem esperar mais tempo, saíram dois cavaleiros que tinham estado ocultos atrás uma das árvores lhe impedindo de mover-se. Antes de fixar bem neles, seu irmão voltou a lhe agarrar o pulso com mais força que antes, o que provocou um gemido de dor involuntária nela, e puxando-a para aproximar-se colocou-a em uma postura incômoda e quase em equilíbrio.

— Não tão rápido. Não acabei contigo.

— O... que mais quer?

Julianna nesse momento girou a cabeça para ver a cara das duas pessoas que se colocaram ao outro lado e se assustou seriamente. Um era uma mulher montando um cavalo branco, que à primeira vista parecia o de Julianna, e o outro... “meu Deus”, pensou, era o cavaleiro que a agrediu na mansão dos De Worken e a olhava com verdadeira lascívia nos olhos. Julianna ia gritar, mas seu irmão aumentou seu aperto e a empurrou um pouco para se aproximar.

— Ainda não acabamos contigo. — Sorriu com um gesto que provocou um calafrio em Julianna —. Não te ocorra gritar ou lhe mato. — Com a mão que tinha livre abriu um pouco um dos lados de sua jaqueta de modo que pudesse ver que levava uma pistola e uma navalha presa em um cinturão de couro.

— Trouxe-te o dinheiro, que mais quer?

A voz lhe tremia um pouco pelo medo que sentia, e o sorriso de seu irmão se fez mais evidente.

— Descobrir que, depois de tudo, talvez não seja tão inútil. Este cavalheiro me ofereceu uma boa soma por ti.

Julianna olhou alarmada a lorde Bedford e depois ao seu irmão.

— Está louco? — torceu seu agarre, mas este o apertou mais—. Solte-me!

Esbofeteou-a com tanta força que quase a atirou do cavalo.

— Não grite ou prometo que cumprirei com o que te hei dito.

Antes que terminasse a frase umas mãos de mulher lhe seguraram o outro pulso enquanto lorde Bedford lhe amordaçou a boca para lhe impedir de falar.

— Não resista ou lhe golpearemos mais forte. — Leme olhou à outra mulher —. Tire-lhe a capa e já sabe o que tem que fazer. Cubra-te a cabeça e saia pela porta de acesso ao outro lado. Mantém a distância com o cavaliço e, assim que possa, despista-o.

A mulher lhe tirou a capa, a colocou e, obedecendo as instruções de seu irmão, procedeu como lhe indicou. Julianna pôde observar como saiu em direção contrária ao cavaliço de modo que este não pudesse lhe ver a cara e trotou a bom ritmo até que se afastou, com ele seguindo-a, mas sem sinais evidentes de ter notado a mudança.

— E agora, me pague o que me deve e é tua. — Leme olhava a lorde Bedford com olhos avaros e furiosos—. Eu cumpri minha parte. Sua vez.

Julianna já estava amarrada em sua sela, com as mãos apoiadas na cadeira de modo que, se seu irmão soltava as rédeas, ela poderia tentar as agarrar embora estivesse com os pulsos atados fortemente, e tentar fugir cavalgando, por isso esperou, procurando não provocar que lhe golpeassem de novo para evitar chegar a perder a consciência, embora a bofetada que lhe tinha dado lhe tinha deixado um pouco aturdida.

— Está bem, mas em seguida partirá. Eu entrarei pelo caminho do bosque e sairei pela área das cavaliças reais. Se algo sair errado, não te ocorra abrir a boca ou te arrependerá.

Lorde Bedford tirou uma bolsa de veludo cheia de dinheiro e a lançou a Leme, que assim que a alcançou entregou as rédeas da égua de Julianna a ele.

— Adeus, irmã. Acredito que não voltaremos a nos ver. — riu—. Como certo, estará perguntando o que vai fazer contigo este cavalheiro e, embora

possa imaginar isso, acredito que deixarei que ele seja o que te ilustre sobre isso. — Julianna pôde escutar uma risada rouca a suas costas tão maliciosa como a de seu irmão —. Quanto à pequena bastarda que têm acolhida, também tenho planos para ela... Não se preocupe, também tem seu valor e... Oh, me esquecia, ignoro quem sejam seus pais ou quais são suas origens. Menti-te e, como segue sendo uma pobre crédula, acreditou... Embora, bom, abandonaram-na ao nascer, não acredito que suas raízes sejam muito legítimas — disse com tal desprezo que quase parecia cuspir cada palavra.

Julianna quis lhe gritar, quis gritar que deixassem Amelia em paz, que não se atrevessem a tocá-la, mas estava amordaçada. Olhou a seu irmão com todo o desprezo que pôde, rezando para que Max e Cliff o apanhassem ao sair dali e que lhes desse tempo para localizá-la. Tinha que fazer o que fosse para manter-se acordada e conseguir encontrar algum modo de escapar.

Seu irmão jogou um último olhar sorrindo a lorde Bedford e partiu.

Lorde Bedford puxou a rédea de Julianna, conduzindo ambas as montarias a uma área espessa onde parecia haver árvores mais frondosas e altas. Riu e a olhou, não queria perder nada do que lhes rodeava, procurando qualquer caminho, qualquer modo de escapar.

— Agora que estamos sozinhos, preciosa, vais ser boazinha ou, do contrário, a ameaça de seu irmão não será nada em comparação com o que eu farei contigo.

Julianna abriu muitos os olhos alarmada pela forma como a olhava e pelo tom de sua voz que a fazia estremecer.

— Oh, vamos, preciosa, nos divertiremos. Não te faça a tímida... Se é a amante de Cliff, certamente será capaz de me agradar, embora, estou seguro, eu poderei te ensinar algumas coisas que ele não poderia...

Julianna quis chorar, mas tinha que manter a calma, procurar não perder o controle e, manter-se alerta, ainda tinha a pistola só devia encontrar o momento oportuno para usá-la, pensou.

— Agora ficaremos neste lugar um momento. Daremos tempo a seu irmão para sair... Não queremos chamar a atenção verdade, preciosa? — Nesse instante elevou a mão com intenção de acariciar o rosto de Julianna, mas ela o afastou bruscamente. Ele a olhou com fúria —. Não vais poder me rechaçar muito mais, de fato, quanto mais resista, mais desfrutarei te demonstrando quem é o amo, porque sou seu amo, recorda-o. Paguei por ti e agora me pertence. — depois de uns segundos, continuou —. Vou vingar-me de ti e dos De Worken. A forma como me expulsaram de sua casa... A mim!

E se por acaso isso não fosse bastante humilhante tiveram a ousadia de relatar o acontecido a meu irmão mais velho, o honorável marquês, o digno primogênito da dinastia, que leva com orgulho o herdeiro. — Disse-o com um desprezo e um claro tom de rancor que sem dúvida mostrava muitos anos de invejas e ressentimento acumulados —. O muito altivo teve a desfaçatez de me repreender e me dizer que não era bem-vindo em minha própria família, que se desentendia de mim, alegando que esta vez tinha passado dos limites. — Solto uma gargalhada arrepiante —. Malditos santarrões, Malditos todos! Trataram-me como se fosse lixo. Eu! Sou nobre por berço e tradição... vingarei-me de todos eles... — Olhou com intensidade para Julianna —. E vou começar por ti e por Cliff. Vou me divertir muito contigo e se te comportar bem é possível que te deixe viver, embora quem sabe? Possivelmente quando me aborrecer prefira estar morta.

Riu com tal fúria que Julianna já não pôde aguentá-lo mais. Chutou às cegas em direção ao cavalo dele conseguindo afastá-lo um pouco, o suficiente para que lhe escorressem as rédeas pelo movimento e pela surpresa. Ficaram soltas uns segundos que estimou providenciais. Julianna pensando que não lhe daria tempo alcançá-las antes que ele a pudesse agarrar de novo, colocou com esforço as mãos ainda atadas no interior de sua jaqueta, alcançou a pistola e lhe apontou. Por uns segundos ele pareceu surpreso, mas em seguida se recuperou e riu mantendo a vista nela.

— Não pensará que acredito que seja capaz de disparar em mim?

Julianna mantinha a pistola, mas lhe tremiam um pouco as mãos, além disso, resultava-lhe um pouco complicado agarrar bem a pistola com os pulsos atados. Ele fez o gesto de agarrá-la, mas ela, por reflexo, disparou. Durante uns segundos ficou paralisada, até que compreendeu que a bala só lhe tinha acertado na coxa. Ele olhou sua perna e gritou de dor.

— Vagabunda!

Olhou-a de novo e tirou uma faca e se equilibrou sobre ela. Julianna se agachou para diante alcançando as rédeas e, justo quando conseguiu segurá-las bem, sentiu uma forte pontada na parte posterior do ombro, girou um pouco a cabeça e viu como Bedford elevava de novo o braço e o dirigia para ela com a adaga ensanguentada na mão. Açoulou à égua com as pernas e saiu disparada, evitando que a alcançasse a segunda punhalada. Começou a percorrer o atalho frente a ela de modo frenético. Entendia que o único modo de se salvar era afastar-se dali o máximo possível, e galopou às cegas. Não sabia onde estava e só via um atalho com altas árvores a ambos os lados. Não

se atreveu a virar-se para olhar para trás, pois com as mãos atadas lhe resultava complicado dirigir as rédeas e manter-se na cadeira e não estava disposta a cair, pois isso significaria que estaria perdida. Ouvia os cascos de um cavalo atrás dela e a voz desse homem sem chegar a compreender o que dizia. Tomou uma curva e viu uma espécie de saliência entre os matagais. Se chegasse até ele sem que esse homem a visse tomá-lo, possivelmente poderia esconder-se, não fazer ruído e deixar que seu perseguidor passasse reto antes de dar-se conta. Respirou fundo, açulou a égua e rezou para chegar a tempo e que não a visse virar. Meteu-se na curva e parou em seco a égua. Acariciou o pescoço da égua para evitar que fizesse ruído. Ouvia os cascos cada vez mais perto, mais perto. Seu coração parecia sair do peito e sua respiração era muito brusca, pela dor e pela mordaca. Esperou uns segundos em silêncio. Viu o cavalo de lorde Bedford passar frente a ela pelo atalho, esperou e esperou rezando para que não desse a volta. Os cascos do cavalo se ouviam já muito longe assim decidiu sair e tomar o atalho em direção contrária, começava-lhe a doer muito o ombro e o braço, olhou e tinha toda a manga coberta de sangue e, agora que a notava um pouco mais, foi consciente de que a ferida devia ser profunda. Tinha que ficar a salvo primeiro, tinha que afastar-se de lorde Bedford antes de preocupar-se com seu ombro. Atada e ferida não poderia defender-se dele em caso de encontrá-la. Começou de novo a galopar, começava a notar que a escuridão se abatia sobre ela, estava segura de que ia perder a consciência em questão de minutos. Tinha que encontrar algum lugar no qual esconder-se. Olhava em todas as direções procurando algo que lhe resultasse conhecido. Depois uns poucos minutos viu o começo do caminho que fez em uma ocasião com Cliff. “Sim!”, pensou, “se seguir por ali chegarei até o lugar onde se escondia com seu irmão... Mas há uma parte que tenho que fazê-la a pé... O que faço? O que faço? Deixarei a égua solta, açularei quando descer e que se afaste, possivelmente assim não consiga me encontrar”.

E assim o fez. Ao descer do cavalo lhe fraquejaram as pernas, estava um pouco enjoada e lhe custava centrar a vista. Estava começando a perder muito sangue, devia ficar a salvo e enfaixar a ferida. Açulou à égua, golpeando com força sua traseira e esta saiu trotando dali. Julianna continuou o caminho apoiando-se no que podia. Quando chegou, sentia-se desfalecer. Sentou-se sobre uma das rochas. Doía-lhe muito, mas procurou não fazer ruído. Emanava muito sangue. Olhou a seu redor, levantou e se dirigiu a um lugar onde pode sentar-se apoiando as costas, para pressionar assim a ferida e

impedir que sangrasse. Ficou olhando a entrada do lugar. Ela se aconchegou, apertando os joelhos contra o peito, respirando com dificuldade e começando a sentir muito frio. A pistola lhe caiu quando agarrou as rédeas, por isso pensou que agora não teria com o que defender-se. Começaram a correr algumas lágrimas por suas bochechas. Abatiam-se cada vez mais a escuridão e o silêncio. “Cliff... Cliff... por favor, me encontre”, as pálpebras lhe pesavam muito e a cabeça lhe dava voltas.

Começou a escutar ao longe gritos de homem, aguçou os ouvidos ao mesmo tempo que continha a respiração.

— Vou te encontrar, maldita, e me desferrarei contigo! Pagará pelo que me fez!

Escutava a voz de lorde Bedford ao longe, mas parecia escutar-se com um pouco de eco e mesmo assim começou a tremer.

— Saia de onde esteja! Demônios! Se você não sair eu vou direto para sua bastardinha, tenho certeza que ela é muito boa e que eu não precisarei domá-la. Vou divertir-me muito com ela...

Julianna abriu os olhos e por inércia ficou de pé.

“Amelia... Não, Amelia, não”.

Nem sequer deu um passo quando tudo começou a lhe dar voltas, sentia que os ouvidos lhe apitavam e, segundos depois, tinha perdido a consciência caindo sobre o duro chão.

Enquanto tudo isto ocorria, ao outro lado do parque...

— Por que vai para as árvores? — perguntou Max, que observava desde certa distância a Julianna —. Olhe, há um cavaleiro ali. Deve ser McBeth.

Depois de uns segundos viram como Polly se afastava um pouco e como Julianna se perdia de sua vista direta — Eu não gosto disso. Vamos para ali — disse Cliff com tom de alarme.

— Espera. Acredito que Polly sim pode vê-la bem, se acontecer algo seguro que nos faria um sinal — disse Max olhando em direção aonde se encontrava o cavaleiro.

— Está aqui?

A voz grave que escutaram a suas costas fez com que tanto Max como Cliff se sobressaltassem virando-se.

— Pai! Ethan! O que fazem aqui?

— Não acreditaria que não viríamos lhes ajudar. Bom, McBeth já chegou ou ainda o estão esperando? — perguntou Ethan olhando ao longe à zona do

parque onde estava Polly.

— Está atrás daquelas árvores, Julianna está com ele, mas não podemos vê-la. Acredito que deveríamos nos aproximar — disse Cliff com evidente preocupação.

— Polly está perto dela, avisará se ocorrer algo — insistiu Max.

— Lhe demos um pouco de tempo. Se atrasarem muito nos aproximamos — assinalou o conde.

Esperaram uns minutos e, quando Cliff parecia que já estava perdendo a paciência totalmente e ia sair rapidamente até onde estava Julianna, viram que um cavalo branco e uma mulher com a capa vermelha saíam de entre as árvores e se dirigiam para uma das saídas do parque. Em seguida Polly se encaminhou para ela e a seguiu.

— Olhe — disse Max —. Julianna. Parece que depois de tudo saiu bem. Esperemos um pouco para ver se McBeth sai e o seguimos. Terá que averiguar onde se aloja e uma vez ali o abordamos.

Cliff, que parecia ter recuperado um pouco a compostura, embora mantivesse o olhar fixo na direção tomada aparentemente por Julianna, aceitou a contra gosto.

— Está bem. Seguiremos para ver onde nos leva.

Os quatro saíram do parque seguindo Leme a uma prudente distância. Vadiou durante um bom momento entrando em uma das regiões menos elegantes de Londres, tampouco poderia ser qualificada como subúrbio, mas certamente se achava bastante longe da zona mais elegante. Viram-no entrar em uma casa encostada com a porta grafite de verde.

— Bom, ao menos agora sabemos por que os detetives não conseguiram localizá-lo, encontrava-se em uma casa particular. Entremos e vejamos o que resulta.

Max assinalou a porta da casa onde o tinham visto entrar e Cliff assentiu.

— Muito bem, deixemos os cavalos aqui.

Com determinação, Ethan, Cliff e Max, com o conde atrás deles, seguidos de dois dos oficiais da tripulação de Cliff, três marinheiros e um dos lacaios do conde, bateram na porta. Depois de uns minutos apareceu uma mulher de cabelo negro, maquiagem em excesso e com um aspecto um pouco vítreo, o que imediatamente todos atribuíram a um excesso de álcool.

— O que desejam? — perguntou com o olhar turvo.

— Desejamos ver o senhor Leme McBeth.

Cliff falou com voz firme e um tom que implicava mais uma ordem que

um pedido.

— Quem são vocês e o que fazem em minha casa? — insistiu ela com um tom depreciativo.

— Já o hei dito. Senhora, devemos ver ao senhor McBeth. Avise-lhe e nos deixe passar.

— Aqui não vive esse senhor e, agora, vão-se! — espetou ela tentando fechar a porta, mas a mão de Cliff lhe impediu de fechá-la — Senhora, sabemos que está aqui, ou nos deixa entrar, ou o faremos à força enquanto um de nossos homens vai avisar às autoridades.

O olhar da senhora se voltou escuro e depois de uns instantes de dúvida ao final pareceu ceder e se afastou para trás, de modo que a porta acabou abrindo de tudo. Entraram todos e seguiram à senhora que parecia um pouco coibida nesse momento, mas também furiosa.

— Lhes... lhes hei dito que aqui não está o homem ao qual procuram.

Olhava-os furiosa insistindo quando já estavam dentro de uma sala que parecia uma sala de estar um pouco desmantelada e mau ventilada.

— Senhora, deixe de mentir. Sabemos que está aqui. Ou lhe avisa que venha, ou jogaremos a casa abaixo buscando-o.

Esta vez foi Max quem, com um tom que denotava ter perdido também a paciência, insistiu.

Antes que respondesse Leme McBeth apareceu com uma garrafa na mão, sem jaqueta e a camisa ao meio desabotoada. Ao ver os cavalheiros na sala ficou petrificado uns segundos dirigindo imediatamente um olhar à senhora que parecia um pouco consternada. Em seguida voltou a olhar com atenção aos cavalheiros e, com um sorriso frio e calculado, assinalou: — Que surpresa! A que devemos a visita de sua senhoria? — Olhou com desprezo, ao conde que permaneceu em silêncio, lhe lançando um olhar frio pela repugnância que lhe produzia o personagem que tinha frente a ele. Leme mudou a direção de seu olhar a Cliff e lhe perguntou —: Não deverá pedir a mão de minha irmã, verdade, milorde? Os cavalheiros não se casam com suas amantes.

Riu escandalosamente, mas Cliff se lançou sobre ele e antes que pudesse reagir-lhe colocou um forte murro na mandíbula que o atirou ao chão.

— Maldito! Vai me pagar — disse Leme enquanto se apoiava em um dos cotovelos.

— Não acredito — respondeu áspero Cliff lhe olhando com frieza —. Você vem conosco e vai embarcar no primeiro navio para ser deportado junto

com outros de sua estirpe e, se voltar a pisar em solo inglês ou irlandês, faremos com que lhe encerrem e joguem a chave fora, se é que antes algum de nós não lhe pdê um tiro. — Aproximou-se dele com tom ameaçador e, entrecerrando os olhos, assinalou— : E se voltar a aproximar-se de Julianna, Amelia ou a sua tia não só matarei com minhas próprias mãos, mas sim vou o esfolar vivo.

Leme soltou uma arrepiante gargalhada. Cliff se virou, mas em seguida ficou gelado com a vista fixa em um ponto da sala. Ethan, que conhecia a expressão de seu irmão, aproximou-se dele.

— O que acontece?

Cliff deu várias bruscas pernadas em direção a uma cadeira de balanço que havia no fundo da sala e agarrou uma capa, voltou-se com brutalidade para Leme, agarrou-o por pescoço e lhe gritou: — Onde está, bastardo? Onde está?

Leme sorriu, mas não disse nada assim que se virou em direção à mulher e lhe disse com rudeza: — Vai me dizer agora mesmo onde está a proprietária desta capa, ou a acusaremos de extorsão, sequestro e agressão. Com sorte talvez a deportem a um território no qual possivelmente possa ao menos chegar com vida. Onde está? — O tom agressivo e ameaçador de suas palavras foram subindo cada vez mais.

A mulher, que parecia ter recuperado um pouco da altivez do início, espetou-lhe: — Essa capa é minha. Devolva-me!

Cliff se aproximou dela com um gesto ameaçador enquanto Max golpeava a Leme e o agarrava depois pelos braços para imobilizá-lo.

— Esta capa é de Julianna. Ou me diz agora onde está, senhora, ou lhe juro que a estrangulo aqui mesmo.

A mulher compreendeu imediatamente, pelo olhar de Cliff, que não falava em vão, de modo que com um pouco de tremor em sua voz respondeu: — Só fiz o que me ordenou. Eu só sair com ela posta, tinha que despistar ao cavaliço e retornar. Ela ficou com Leme e o outro cavalheiro.

O terror no olhar de Cliff era evidente, de novo se dirigiu a Leme que mantinha o sorriso na boca, agarrou-o por pescoço e lhe gritou: — Onde está, bastardo? Juro que te matarei se não me responder.

Em seguida Ethan o agarrou por trás já que estava a ponto de estrangulá-lo. Leme, por uns segundos, não disse nada, embora respirasse com dificuldade, mas instantes depois e depois de umas tosses brucas, respondeu: — Não sei onde está. — Sorriu e acrescentou —. E não me importa, por mim

que se apodreça.

Cliff ia voltar a golpeá-lo, mas Ethan lhe deteve e dirigindo-se a Leme assinalou: — Será melhor que nos responda ou deixaremos que o mate depois de o estripar vivo.

Foi então quando Leme tomou realmente consciência do perto que estava de morrer às mãos de Cliff, ao qua seguravam com esforço.

— Não sei onde está. A entreguei a esse lorde que me pagou uma boa soma.

— Que lorde? Como se chama? — insistiu Cliff com cada vez mais pânico na voz.

— Não sei seu nome. É um lorde, filho de um marquês ou um conde, nunca prestei atenção, só dizia que queria vingar-se dos De Worken, por lhe haver arruinado a vida, e de sua amante, por provocá-lo...

Os olhos de Cliff se arregalaram. Olhou ao Ethan e, ao mesmo tempo, disseram: — Liam Bedford!

Dirigindo-se à porta Cliff, com a capa de Julianna na mão espetou: — Esta vez o matarei, se roçou um só cabelo de Julianna, o despedaçarei.

Seu irmão o agarrou pelo braço, obrigando-o a olhar ao resto dos cavalheiros.

— Espera, Cliff. Espera um momento, não atue sem pensar.

Ethan olhou a seu pai procurando ajuda e senso comum e este assinalou: — Senhores — disse, dirigindo-se aos dois oficiais e ao lacaios — . Amordacem esse homem e encerrem-no até que decidamos se o entregamos ao magistrado da Corte ou o levamos a Dover para que seja deportado imediatamente, e à senhora... — Nesse momento caiu na conta de que desconhecia quem era —. Leve-lhe também, e se resistir ou tenta escapar não duvidem em algemá-la.

Enquanto obedeciam, Max assinalou: — Devemos voltar para o parque e perguntar aos homens se algum os viu sair. E depois decidiremos, se esse canalha conseguiu evitar aos guardas terá que procurar onde vive embora duvide que a tenha levado a sua casa...

Aproximou-se de Cliff, que olhava furioso e desesperado. Ethan o insistiu a sair e assinalou: — A encontraremos irmão, a encontraremos.

— Maldita seja! Prometi-lhe protegê-la, disse-lhe que cuidaria dela... vou matá-lo, juro por Deus que o matarei — disse Cliff.

Todos montaram em seus cavalos e às pressas se dirigiram ao parque e, justo antes de entrar, se aproximou correndo Polly.

— Senhor! Enganou-me, enganou-me — dizia mortificado —. Acreditei que era a senhorita, mas quando me aproximei dela vi que era outra mulher e me escapou. Sinto muito, senhor.

Cliff suspirou.

— Está bem, Polly. Enganou a todos. Agora terá que encontrar à senhorita Julianna, está em perigo. — Notou um brusco golpe no coração pela ideia de que Julianna estava sozinha —. Um homem a tem sequestrada e corre grave perigo...

De novo sentia essa forte opressão no peito que lhe impedia de respirar. Antes de terminar de falar se aproximou um de seus homens seguido por lorde Jonas e um dos cavalheiros da Academia — Senhor — disse o marinheiro —. Ouvimos um disparo faz quase uma hora na zona do arvoredado — assinalou uma região próxima aonde se reuniram Julianna e seu irmão.

— Alguém viu sair à senhorita do parque ou a uma mulher acompanhada de algum cavalheiro?

Esta vez foi Jonas o que respondeu: — Todos os homens estão apostados nas saídas e, depois de abandonar vocês o parque, não saiu nem entrou ninguém. Impedimos a entrada alegando que estamos fazendo manobras e ninguém pôde sair, ao menos não pelas saídas normais.

— Então é provável que ainda estejam no parque. Dispersem aos homens, terá que encontrá-la. Mas mantenham vigiadas as saídas no caso de... — ordenou Cliff a seu homem —. Jonas diga a todos os companheiros que possa localizar que nos ajudem e lhes advirta que o homem que acompanha a Julianna é perigoso, que provavelmente está armado e que sequestrou a uma senhorita.

Jonas assentiu e virou seu cavalo em direção ao parque acompanhado do outro cavalheiro. Max se adiantou um pouco.

— Será melhor que nos separemos.

Ethan lançou um olhar a seu pai e este compreendeu.

— Eu irei com Cliff. Papai deveria ir à mansão Brindfet e lhes avisem do que ocorreu.

O conde assentiu antes de virar sua montaria.

— Avisarei também aos investigadores da Bow Street para que imediatamente mandem ordem de busca de lorde Bedford por sequestro, e que nos mandem todos os homens que possam.

Instantes depois começaram a vasculhar o parque. Cliff ia de um lado a outro desesperado. Passaram várias horas e não conseguiam dar com eles e

ele só rezava para que não tivesse conseguido tirá-la dali, porque só a ideia de imaginar-lhe nas mãos desse homem em algum lugar privado lhe fervia o sangue.

Quando começava a descer o sol, Max se aproximou rapidamente onde estavam Cliff e Ethan e, ao chegar até eles, quase gritando, disse: — Encontraram a égua de Julianna. Perto do páramo do norte.

Todos viraram os cavalos e se dirigiram correndo até ali. Ao chegar viram dois dos homens segurando o cavalo e lorde Jonas ao seu lado junto com outro dos cavalheiros, ambos com o uniforme da Academia. A cara do Jonas era de evidente estupor, de modo que quase lhe custava respirar ao dizer ao Cliff: — Estava solta, sem pista alguma da senhorita Julianna, mas...

— Mas o que? — perguntou Cliff carrancudo.

Jonas fez virar a égua e deixou visível o pescoço do cavalo onde havia um rastro bastante grande de sangue. Cliff empalideceu por um momento. Olhou ao Max e ao Ethan e foi este o que assinalou: — Não tiremos conclusões precipitadas, possivelmente não seja dela. Ia armada, talvez conseguiu ferir Bedford. A encontraremos.

— Está anoitecendo e se estiver ferida...

Cliff sentiu uma pontada de dor lhe atravessando o peito e o chão a cambalear.

— Esperem, pensemos um momento — disse Max—. Suponhamos que conseguiu escapar dele, o mais provável é que se escondesse... A ver... que lugares Julianna conhece do parque? Possivelmente se...

Antes de terminar a frase Cliff o interrompeu com brutalidade.

— Sei onde está. Se se escondeu, acredito que sei onde está.

Virou seu cavalo e partiu em seguida rapidamente sem esperar resposta ou reação alguma de ninguém. O resto se olhou durante uns segundos e em seguida o seguiram. Ao cabo de uns minutos parou o cavalo ao final de um atalho, desceu dele e quase sem fôlego começou a correr para um estreito caminho.

Outros o imitaram e Max perguntou: — Onde estamos?

Ethan o olhou de soslaio enquanto seguiam ao Cliff.

— Acredito que sei onde se dirige. É um lugar que Cliff e eu encontramos faz uns anos e ao que vínhamos para escapar de tudo.

Chegaram a uma espécie de pequena rotunda rodeada de arbustos, árvores, rochas e flores, já havia pouca luz. Cliff começou a olhar ao redor.

— Julianna! Julianna! — gritou desesperado —. Julianna, se estiver aqui,

responda! Está a salvo, estamos aqui.

Não escutava mais que a respiração a suas costas de Max e de Ethan e ao cabo de uns segundos Max assinalou para uma espécie de canto.

— O que é isso?

Todos olharam na direção que assinalava, Cliff fixou a vista e se aproximou e em seguida viu o corpo de Julianna no chão. Correu até ela e a elevou um pouco.

— Julianna! Julianna! — Olhou ao Max —. Está gelada. — Desatou-lhe as mãos e lhe tirou a mordaça enquanto Max tirava a jaqueta e, quando Cliff, mantendo-a abraçada, elevou-a um pouco mais, deu-se conta do sangue de seu braço e suas costas — Está ferida! Santo céu, está ferida! — Imediatamente a agarrou nos braços —. Tenho que tirá-la daqui. — Começou a caminhar com ela em seus braços e apoiando sua cabeça em seu ombro —. Julianna, já passou, já passou, está a salvo, ficará bem, carinho, ficará bem. — Falava-lhe em um tom doce, tranquilo.

— Cliff — sussurrou ela.

— Julianna? Carinho, estou aqui, estou aqui. Levo-te para casa.

Ela abriu um pouco os olhos, mas tremia e tinha o rosto pálido.

— Bedford... — sussurrou.

— Sei, carinho, sei. Não se aproximará de ti. Juro-te que o matarei. Está a salvo. Julianna me olhe, me olhe, não durma, carinho, não durma, aguenta um pouco mais.

Quase tinham chegado aos cavalos.

— Jonas — disse Max —. Te adiante e avise ao médico da Academia. Levaremos Julianna imediatamente. Corra, lhe diga que prepare o necessário para atendê-la, tem uma ferida e sangra bastante.

Jonas assentiu, montou e saiu rapidamente.

— À Academia? — perguntou Ethan enquanto aproximava os cavalos.

— Está mais perto e Julianna necessita atenção imediata. Além disso, se não recordo mau, o médico geral da Academia da Cavalaria é lorde Wellis, um dos melhores cirurgiões de Londres — respondeu Max.

— Cliff... — sussurrou Julianna.

— Carinho, aguenta só um pouco mais, só um pouco, cuidarei de ti — insistiu Cliff.

— Amelia... Amelia... procure Amelia — sussurrou ofegante.

Os três pararam imediatamente petrificados. A cara de Max mudou por inteiro.

— Julianna... — disse Cliff suave —. Quem vai procurar Amelia?

— Bed-Bedford... Está louco... louco... O feri na perna para escapar, mas me cravou uma adaga... Quer Amelia, porque escapei. Não deixe que a pegue, não posso... — Desmaiou.

Cliff olhou para Max.

— Têm que ir correndo à mansão Brindfet. Todos os lacaios, criados e cavaleiros estavam aqui ajudando a procurar Julianna. Eu a levarei a Academia.

Max montou depressa em seu cavalo e Ethan o seguiu para seus próprios arreios.

— Matarei-o. Não deixarei que escape, vou matá-lo — dizia Max furioso.

— Temos que correr.

Ethan já levantava seu cavalo atrás de Max e ambos em seguida partiram rapidamente.

Cliff ordenou ao jovem da escola, que ainda permanecia ali, que segurasse Julianna enquanto ele montava e, depois de colocá-la no cavalo com ele, ambos se dirigiram à escola. Cliff não podia correr com Julianna por medo a lhe fazer mais dano, entretanto, a ideia de Max de que a atendessem na escola era acertada pela proximidade, e também porque em seguida foi atendida pelo cirurgião e vários ajudantes.

— Perdeu muito sangue — dizia o cirurgião ao sair um momento depois —. Cortamos a hemorragia e costuramos a ferida, se conseguirmos que não tenha infecções é provável que sane bem, é jovem e forte, mas tem muita febre e permaneceu muito tempo à intempérie. Procuraremos mantê-la quente, daremos muitos líquidos, mas conviria transferi-la para casa se ali tiver assistência permanentemente. Além disso, esta é uma escola de cavalaria e, portanto, não é o lugar idôneo para uma dama.

— Estará atendida todo o tempo e a cuidaremos seguindo as instruções que nos dê. Não a deixaremos sozinha em nenhum momento e a manteremos quente e quieta — respondeu rapidamente, consciente de que em casa, nas mãos de sua tia e rodeada de todas as pessoas que a queriam, poderia curar-se rapidamente.

— Nesse caso — insistiu o médico —, acredito que o melhor é que a atendam em casa, que a mantenham sempre quente e bebendo muito líquido, darei-lhe umas ervas para limpar a ferida e evitar infecções e outras para baixar a febre. Não se preocupe, visitarei duas vezes ao dia para me assegurar de que não corre perigo. Prepararei sua transferência. — encaminhou-se à

porta e parou —. Teve muita sorte, a ferida é profunda, um pouco mais à direita e lhe teria chegado ao coração. — Cliff sentiu um calafrio de pavor percorrendo todo seu corpo —. Dentro de uns momentos deixarei vê-la uns minutos. Mas não desperte, precisa descansar. A ferida vai doer, mas se não se mover muito sanará rapidamente.

Cliff sentiu que por fim chegava ar a seus pulmões, mas ainda estava muito preocupado.

Ao chegar à mansão Max e Ethan se dirigiram quase correndo à porta, Furnish lhes abriu antes de chegar a ela.

— Onde estão todos? — perguntou Max claramente sobressaltado.

— A senhora, o almirante e sua senhoria se encontram no salão de inverno, as senhoritas subiram faz um momento. A senhorita Amelia estava muito assustada, assim lady Eugene a acompanhou a seu dormitório e ambas estão acima.

— Furnish, me escute bem. Feche todas as portas, assegure-se de que ninguém possa entrar e sair. Quantos homens há na casa agora?

— Milorde, quase todos estão no parque. Só ficaram dois cavaleiros, os dois lacaios do turno da noite e o servente chefe.

— Arme-os imediatamente e lhes diga que um homem pode tentar entrar e levar uma das senhoritas.

Os olhos de Furnish se abriram alarmados.

— Farei-o imediatamente. Milorde, onde está a senhorita Julianna? Está bem?

Max compreendeu que todos naquela casa apreciavam Julianna e que não era justo mantê-los na ignorância — A encontramos, Furnish, está ferida, mas o comandante a levou para que a atendam, de momento não posso lhe dizer mais, exceto que esperamos que não seja muito grave.

— Isso esperamos. Rezaremos para que assim seja. Se me desculparem, vou fazer o que me pediram. — inclinou-se e entrou na casa.

— Vamos — disse Max dirigindo-se ao salão de inverno.

Assim que entraram. Os dois cavaleiros ficaram em pé e os olhos de tia Blanche pareciam demandar que lhe informasse por que não aguentava mais.

— A encontramos. Bedford a feriu com uma adaga.

Tia Blanche afogou um grito e o olhou alarmada.

— Cliff a levou diretamente à Academia para que seja atendida rápido.

— Mas..., mas é grave? — perguntou assustada tia Blanche.

— Não sabemos ainda, mas despertou uns minutos, isso é bom sinal — respondeu Max.

— Minha menina... — disse em voz baixa tia Blanche.

— Canalha, miserável... O que sabemos desse covarde? — perguntou o almirante.

— Esse é o motivo pelo qual corremos até aqui — interveio Ethan —. Depois de feri-la, Julianna conseguiu escapar e se escondeu, isso certamente lhe salvou a vida, mas o muito covarde ameaçou vim atrás de Amelia. Julianna diz que está louco e não duvido que seja assim se não, não teria se atrevido a semelhante barbaridade.

— Acredito que devemos inspecionar a casa e nos assegurar que as meninas estão bem. Até que retornem todos os lacaios será melhor que nos montemos em guarda — continuou Max.

— Acham que virá aqui? — perguntou tia Blanche alarmada de novo —. Não se atreveria...

— Será melhor nos assegurar primeiro de que não pode fazê-lo — insistiu Max —. Pedi ao Furnish que arme os homens que há aqui e acredito pai que o conde e você deveriam também pegar uma arma — disse firmemente Max —. Julianna teve que lhe disparar para escapar, diz que lhe feriu de modo que...

Nesse instante se escutou um grito no andar acima. Antes inclusive de que se movessem se escutou outro grito e um golpe seco no chão. Max e Ethan puseram-se a correr escada acima. Ao cruzar-se no vestíbulo com Furnish quando este se dirigia ao salão, Max perguntou sem deter-se: — Qual é o quarto de Amelia?

— A terceira porta à direita — respondeu rápido, e com a arma que levava na mão seguiu os dois cavalheiros.

— Não, não, deixe-a! Solte-a!

A voz de Eugene se escutava claramente. Ao chegar à porta tanto Ethan como Max entraram como um furacão no quarto. Eugene estava no chão com a cara avermelhada, sem dúvida teria sido por um bofetão, e junto ao balcão estava Liam Bedford sustentando uma faca sobre o pescoço de Amelia, a quem apertava contra si. Embora fosse evidente o pavor nos olhos dela, esta não gritava nem chorava, parecia tentar manter a calma. Os olhos de Bedford estavam avermelhados e tinha mau aspecto.

— Entrou pelo balcão — disse Eugene hesitante.

— Não sairá daqui com ela — espetou Max ameaçador, que o olhava

com uma frieza que a Amelia gelou o sangue por uns instantes —. Solta-a agora mesmo. — Pôs especial entonação neste último.

— Ou o que? — respondeu Bedford —. Não me deixarão sair daqui com vida se não lhes obedecer?

Riu bruscamente, fazendo com que movesse a mão com que segurava a faca e fazendo um corte em Amelia no pescoço. Ela gemeu, mas procurou não se mover.

Os olhos de Max se acenderam.

— Não — disse, olhando-o fixamente— . Não vais sair daqui com vida..., Mas se não a soltas imediatamente vou te provocar tais sofrimentos que me rogará que lhe mate...

Por um segundo viu a indecisão nos olhos de Bedford, que os tinha fixos nele. De repente, soou um disparo e os olhos de Bedford se arregalaram. Afrouxou o agarre em Amelia e escorreu, correndo em direção ao Max e, embora Bedford tentasse agarrá-la de novo, não a alcançou. Além disso, ao mover-se, perdeu o equilíbrio e começou a emanar sangue de seu braço.

Assim que Max teve a seu alcance a Amelia, agarrou-a e a manteve entre seus braços, embora apontasse com a pistola ao Bedford, que começava a cambalear. Ethan olhou ao Max e perguntou desconcertado: — Disparou?

— Não. Não foste você?

Ethan negou com a cabeça. Imediatamente viraram a cabeça e viram Eugene com uma pistola na mão enquanto com a outra parecia procurar a mesa que estava a suas costas para segurar-se. Ethan se aproximou dela para sustentá-la e lhe tirou a arma das mãos. Max, ao ver Furnish adiantar-se um pouco, ao qual lhe seguiam dois lacaios, assinalou depois de tomar ar: — Furnish, lhe tire a faca e amarre-o bem. Leve-o para baixo e relate a meu pai e ao conde que em seguida descemos — ordenou.

Amelia tinha o rosto escondido no ombro de Max, enquanto este olhava a sua irmã.

— Tinha que lhe deter, tinha que lhe deter — dizia com a voz trêmula.

— E fez bem.

Max lhe sorriu tentando que lhe passasse o atordoamento e a impressão de ter ferido a um homem.

— Acredito que deveríamos as levar para baixo e lhes dar um pouco de brandy para que recuperem a cor antes que desmaiem — assinalava em tom paternalista Ethan guiando Eugene para a porta.

Max assentiu e enquanto Ethan acompanhava Eugene ele passava a mão

por debaixo do queixo de Amelia, insistindo-a a subir o rosto e a olhá-lo.

— Amelia está bem? — perguntou com ternura.

— Sim... — respondeu, ainda lhe tremendo o corpo —. Disse que Julianna está morta. Não é verdade! Não é verdade!

As lágrimas começaram a correr por suas bochechas enquanto fechava com força os olhos.

— Pequena, me olhe. Por favor, me olhe. — Amelia abriu os olhos —. Não é verdade. Julianna não está morta. Tem uma ferida, mas estou muito seguro de que ficará bem.

Amelia ficou olhando-o sem dizer nada, assustada, com o rosto coberto de lágrimas.

— Me deixe ver que te fez no pescoço. — Insistiu-a a arquear o pescoço para ver a ferida.

— Não... não é nada... — disse trêmula.

Max olhou o corte e o inspecionava enquanto falava com voz suave e calma.

— Não é grave, certamente que não te deixa marca, mas terá que lhe curar isso bem.

Enquanto tentava acalmar Amelia ele sentia uma fúria selvagem lhe correndo pelas veias e uma vontade inimaginável de tirar as vísceras desse covarde. As imagens de Julianna ferida, de Eugene no chão e de Amelia com uma faca em seu pescoço eram muito. Se não tivesse Amelia em seus braços mataria nesse instante a esse canalha. Compreendia a fúria de Cliff e o desejo de matar a Leme e ao Bedford que lhe tinha nublado a mente nas horas anteriores.

Igual acabava de fazer Ethan com Eugene, Max acompanhou Amelia ao salão onde se encontravam os outros. Ao chegar a sentou junto a sua tia e deixou que seu pai lhe passasse uma taça de brandy, lhe ordenando amorosamente que a bebesse.

— Furnish, por favor, diga à senhora Malcolm que prepare uma pasta para o rosto de lady Eugene e umas ataduras, uns trapos limpos, água, algo para limpar a ferida de Amelia.

Em seguida obedeceu, desaparecendo pela porta. O conde, que permanecia de pé perto do fogo, disse olhando ao Bedford: — Acredito que levarei este covarde à casa de seu irmão e que ele se encarregue de colocá-lo no primeiro navio ao exílio que haja e, se quiser, que ele lhe cure as feridas, por minha parte não me sinto muito inclinado a ajudar a sanar a este canalha,

por mim que sangue pelo caminho...

Olhava com evidente desprezo em direção ao fundo da sala contigua, onde Bedford permanecia amarrado pelos pés e mãos enquanto era vigiado por dois lacaios armados e um criado com aspecto de estar muito furioso com semelhante indivíduo. Ethan se levantou, já que permanecia sentado junto a Eugene.

— O acompanharei, pai, o marquês de Bress é um velho amigo e acredito que se sentirá especialmente envergonhado pela conduta e a desonra que seu irmão causou à família.

O conde assentiu, deixando em cima da mesa, junto ao almirante, a pistola com a que se armou apressadamente.

— Leve os lacaios e o criado para que não lhes dê problemas. Demonstrou que não está em seus cabais e um homem sem juízo sempre é um homem perigoso — dizia o almirante com semblante decidido O conde assentiu.

— Muito bem. Nesse caso, será melhor irmos já para economizar às damas a presença deste indivíduo.

Tia Blanche se aproximou deles e disse: — Não sei como lhes agradecer sua ajuda. Estaremos em dívida com vocês.

— Não foi nada— disse o conde —. Embora lhes agradeceríamos que, assim que tenha notícias de Julianna, comuniquem-nos imediatamente. Não estaremos tranquilos até saber que se encontra em casa, sã e salva — disse inclinando elegantemente a cabeça para despedir-se, o que também fez Ethan.

— Permitam que eu seja quem lhes acompanhe à porta — insistiu o almirante.

Depois de partir, e quando Amelia e Eugene eram atendidas amorosamente pela senhora Malcolm e tia Blanche, esta tomou de novo o controle da situação.

— Acredito, meninas, que deveriam se deitar. Foi um dia longo e exaustivo.

— Preferiria esperar até saber como está Julianna, tia — disse suavemente Amelia, com o rosto ainda avermelhado de chorar.

— Sei, carinho, mas é muito tarde e...

Soou a campainha da porta principal, interrompendo algo que pudesse querer dizer. Ficaram todos em silêncio e uns minutos depois entrou Furnish com um sorriso de orelha a orelha e um alívio evidente em seu rosto.

— Senhora, excelência. — Olhou à tia e ao almirante fixamente —. O

comandante de Worken mandou um de seus homens para informar que a senhorita Julianna está fora de perigo. Foi atendida por lorde Wellis, médico geral da Academia. Amanhã pela manhã, quando tiver descansado um pouco e lhe revisem a ferida, trarão para casa para que possamos cuidar dela. O comandante também quer que saiba que ficará na Academia para assegurar-se de que a senhorita está bem atendida e que seu traslado seja o menos incômodo possível. Pedi-lhe ao homem do comandante que o relate que lorde Bedford foi apanhado na mansão e que todos se encontram bem. Espero que não o considere um atrevimento, senhora.

— Não, claro que não, Furnish. Fez bem — respondeu tia Blanche que parecia recuperar um pouco de cor no rosto. O suspiro geral da sala foi entristecedor, como se de repente a todos tivessem arrancado a tensão e o medo que os atendiam. Uns segundos depois tia Blanche acrescentou: — Furnish, por favor, pode encarregar-se de que preparem uma suíte nesta asa para milorde, junto à de seu pai, e que mandem recado a seu valete para que venha imediatamente. E, por favor, diga na cozinha que preparem algo leve para comer, estou segura de que nenhum dos presentes provou nada em todo o dia.

Furnish se inclinou e de novo saiu da sala.

Dirigindo seu olhar ao almirante e ao Max acrescentou: — É muito tarde. Todos estamos esgotados e estou segura de que quererão estar aqui quando Julianna chegar. — Ambos sorriram e fizeram um gesto de assentimento com a cabeça. — E agora, senhoritas — olhou às duas jovens —, acham que poderiam descansar por fim?

Embora não respondessem imediatamente e por seu semblante de contrariedade sem dúvida queriam protestar, finalmente a cara de sua tia lhes obrigou a assentir e a partir a seus dormitórios. Max olhou a Amelia com atenção enquanto saía da sala, como se soubesse que algo tinha acontecido, mas em seguida desprezou a ideia, dizendo a si mesmo que era a preocupação e a tensão acumulada nos últimos dias. Ela não era mais que uma menina, uma menina bonita e doce, mas uma menina.

Eram quase três da manhã e Cliff permanecia na sala contigua ao quarto onde tinham levado Julianna depois de recuperada. Tinha-a visto apenas cinco minutos, estava tão pálida, tão fria, tão indefesa que quase ficou de pé para sentar-se ao lado de sua cama, para estender os braços e abraçá-la sem importar que permanecesse no quarto a enfermeira.

Estava torturando a si mesmo, como se se castigasse por colocá-la em perigo. Tinha estado tão perto de perdê-la de novo. Quando o médico lhe havia dito que uns centímetros mais, e a faca lhe teria chegado ao coração, o chão tremeu sob seus pés. Quando a levava ao médico com o rosto apoiado sobre seu ombro, trêmula, com a respiração forçada, sem mal mover-se, pela primeira vez em sua vida rezou, rezou para que a salvassem, rezou para que não o abandonasse, rezou para poder ouvir de novo sua voz, sua risada, para poder abraçá-la. Não ia deixar que nenhum homem voltasse a acreditar-se com direito sobre ela, devia protegê-la, ia proteger. Começou a pensar então: “E se não me aceita como marido? E se finalmente acredita que todos os meus pares são como Bedford? E se depois de hoje só deseja afastar-se? Se o pede, sua tia a afastará, a levará tão longe como pode...”.

Sustentava uma taça de conhaque enquanto olhava o crepitar das chamas. Como poderia assegurar-se de que se casasse com ele? A sua mente vinha ideias de como agarrá-la, colocá-la em um de seus navios e navegar sem rumo. Ou levá-la a sua casa no farol, afastados de toda civilização. Ao final, começou a compreender que não devia pressioná-la. Nos últimos meses tinha perdido a seu pai, seus irmãos a tinham pressionado, ele a tinha pressionado, depois o incidente da mansão, partir longe do único lar que tinha conhecido, as ameaças de seu irmão, o medo por Amelia... Devia lhe dar tempo, atuar com mais cautela, com mais tato. Agora ia necessitar descanso, tranquilidade e ele o daria.

Um de seus navios tinha que fazer uma curta viagem a Holanda, zarparia em dois dias. Decidiu que ele levaria a nave e a sua volta pediria, com uma proposta formal e adequada, que se casasse com ele. Levaria o anel, pediria sua mão a sua tia, cobriria de flores e daria todos os passos necessários até que, finalmente, aceitasse e até então se comportaria como devia fazê-lo um cavalheiro, deixaria que se recuperasse, deixaria que a mimassem em casa, a salvo.

Essa manhã a levaria a sua casa e, depois de assegurar-se de que estava bem acomodada, fora de todo perigo, se despediria dela, assegurando-se de que entendesse que só o fazia por seu bem e, a sua volta, quando ela estivesse de tudo recuperada, casaria com ela e se encarregaria de fazê-la feliz.

Logo que abriu os olhos Julianna vislumbrou uma espécie de luz proveniente da janela situada a sua direita. Tentou centrar a vista, mas estava aturdida, confusa. Tentou incorporar-se, mas uma dor aguda em seu lado esquerdo impediu que se movesse. Gemeu e entrecerrou os olhos. Em

seguida escutou uns passos perto dela e apareceu o rosto de uma mulher vestida de cinza com uma espécie de touca na cabeça.

— Aon-onde estou? — Sua voz soava entrecortada, seca, quase sem fôlego.

— Senhorita. Procure não se mover, está ferida...

Notou que se movia a seu lado e como lhe passava a mão atrás da cabeça e lhe pousava uma xícara nos lábios.

— Por favor, beba um pouco, é chá com hortelã e mel. O doutor ordenou que beba. Ainda tem febre, mas hoje a transferimos a sua casa para que possam lhe atender e se encontre tranquila.

Julianna mal pôde dar um par de sorvos. Custava-lhe tragar e a cabeça lhe dava voltas.

— Onde estou? — insistiu.

— Na Real Academia da Cavalaria. Trouxeram-na ontem à noite, tinha perdido muito sangue, mas por sorte, pudemos lhe atender com urgência. E você é afortunada.

— Amelia. Amelia. — Começava a notar como seu corpo tremia — É sua irmã? Um familiar? Quer que mandemos procurá-la?

— Amelia... — Sua voz era cada vez menos audível —. Preciso vê-la, está em perigo... — Fechou os olhos tentando que o quarto deixasse de rodar.

A mulher saiu e em seguida escutou passos a seu lado, esta vez eram mais firmes, mais fortes. Sentiu como lhe agarravam a mão, esse calor, essa sensação.

— Cliff... — disse sem abrir os olhos.

— Estou aqui. Tudo está bem. Ficaré bem, pequena, ficarei bem. Só tem que permitir que lhe cuidemos. — Sua voz soava doce, tranquila, mas notava um dejeito de preocupação nela.

— Amelia... — Era quase um fio de voz.

— Não se preocupe. Está bem, a salvo em casa. Já não tem que se preocupar com nada. Tudo está arrumado. Agora só deve preocupar-se de ficar bem... — Cliff olhou atrás de si e, embora a porta estivesse entreaberta, a enfermeira os tinha deixado sozinhos —. Julianna, carinho. — Beijou-lhe suavemente a palma da mão —. Tem que ficar bem, ouve-me? Tem que ficar bem. Vou te levar a casa de sua tia, onde poderá recuperar as forças, e não terá que ter medo de seu irmão, de Bedford nem de ninguém, nunca mais. — Voltou a lhe beijar a mão com ternura —. Tem que ficar bem. Não pode me

deixar, ouve-me? Não vais deixar-me...

Julianna gemeu, sentia o calor de sua mão sobre a sua, a ternura de seus lábios, o calor de sua voz, mas em seguida tudo escureceu de novo. O médico entrou, Cliff se afastou um pouco para deixar que a visse.

— Por favor, comandante, saia uns minutos do quarto, tenho que inspecionar a ferida.

Cliff obedeceu. Ao cabo de um momento o médico saiu do quarto, fez um gesto a um dos ajudantes da escola que, imediatamente, partiu, e cortou a distância que o separava de Cliff.

— Comandante. A ferida da senhorita McBeth não mostra sinais de infecção, mas temos que procurar que se mova o menos possível, já que ainda sangra um pouco. Ainda tem febre, mas não piorou.

Cliff escutava atentamente quando entrou de novo o ajudante e fez um gesto com a cabeça ao médico, que se virou e olhou de novo ao Cliff.

— A senhorita está dormindo profundamente. Demos uma infusão com um pouco de beladona para relaxá-la. Acredito que poderíamos transferi-la a sua casa em uma hora. Poderia avisar a sua família para que preparem a estadia onde ficará? Eu os acompanharei e me assegurarei de que fique em boas mãos e lhes indicarei como têm que cuidá-la. Mas antes lhe darei uma lista com algumas coisas que vão necessitar. Se fosse possível que se encarregasse de ter tudo o que indico nela para quando chegarmos, isso me permitiria ensinar às pessoas que atendam à senhorita a usá-las.

— Sim, é obvio — respondeu veementemente Cliff —. Enviarei agora mesmo uma mensagem, se me der a lista certamente que quando chegarmos o terá tudo preparado.

— Bem, bem, em uns minutos a entrego. Este é o cavalheiro Rolland, um dos ajudantes a meu cargo — disse, virando-se um pouco e deixando ver homem em questão —. Se encarregará da transferência. A enfermeira acompanhará à senhorita e nós os seguiremos em uma carruagem atrás. Se lhe parecer bem, redigirei a lista e a entregarei em uns minutos, enquanto pode ir avisando a seu cavaliário e redigindo a missiva.

Puseram-se mãos à obra e com extremo cuidado levaram Julianna até a mansão.

Chegaram depois do meio-dia. Todos os esperavam ansiosos para ver Julianna, que foi imediatamente levada e acomodada em seu quarto, alheia a todo o alvoroço, pois permanecia dormindo. Depois de inspecionar de novo a ferida e ensinar às donzelas e a Amelia, tia Blanche e Eugene como atender

devidamente a Julianna, o doutor foi convidado para almoçar na mansão depois de que todas as mulheres da casa, os cavalheiros e inclusive o serviço, agradecessem-lhe efusivamente a ajuda prestada. Entretanto, este lhes fez compreender que ainda não estava de tudo fora de perigo, deviam cuidar-se das infecções e, sobretudo, de uma possível pneumonia, já que ainda tinha muita febre e sua respiração era alarmantemente dificultosa. Assegurou-lhes que a visitaria duas vezes cada dia para curar bem a ferida do ombro, mas que deviam procurar que não se movesse muito e que descansasse, assim como que bebesse muito líquido, chá para aliviar a garganta e recuperar forças, já que perdeu muito sangue e devia manter-se quente e abrigada em todo momento.

Amelia insistiu em permanecer junto à Julianna, de modo que foi quão única não se achava presente no salão à hora do almoço. Sim o estavam Cliff, Max, lady Eugene, o almirante, o conde, Ethan e lady Adele, que a primeira hora tinham ido a interessar-se por Julianna e por Amelia, insistindo a tia Blanche em que ficassem para almoçar e enviando um rápido convite à condessa, que chegou um momento antes da hora, assim como lorde Jonas que a primeira hora da manhã a tia Blanche mandou uma nota de agradecimento e um convite para celebrar a volta de Julianna a casa.

O ambiente foi distendido, de celebração, e só quando as damas se retiraram a um salão contíguo enquanto os cavalheiros bebiam um pouco de porto e conhaque, puderam comentar o que, a última hora da noite e primeira da manhã, tanto o almirante como o conde tinham feito em relação aos três culpados do acontecido.

Como queriam evitar qualquer escândalo ou falatório, tudo se fez muito rapidamente e com o maior sigilo. Leme McBeth foi apresentado ante o magistrado da Corte Suprema a última hora da noite, e ao ser um íntimo amigo tanto do conde como do almirante tudo se solucionou sem maiores contratempos. Condenou-lhe à deportação, com pena de morte em caso de retornar a território inglês. A viúva que lhe ajudou foi igualmente condenada à deportação imediata, e ambos seriam transferidos no primeiro navio com destino à Austrália, onde o trabalho forçado ou o trabalho para as brigadas militares da Inglaterra seriam o que lhes esperaria se é que chegavam com vida depois da longa travessia. Quanto a lorde Bedford, foi levado a seu irmão, quem, envergonhado, tentou desculpar-se com o conde e seu filho e lhes assegurou que, se encarregaria de seu irmão de maneira definitiva e o mandaria ao exílio forçoso essa mesma noite assim que atendessem suas

feridas. Seria acompanhado ao porto de Dover, de onde sairia no primeiro navio com destino a uma das colônias sob domínio inglês, com uma ordem dirigida ao governador do lugar, onde lhe ordenava manter sob estrito controle ao Bedford, lhe proibindo sair do território ao qual chegasse e valer-se de qualquer privilégio ou direito que seu título poderia lhe haver dado. Além disso, a carta iria acompanhada de outra da Magistratura Geral, lhe sentenciando a ser apressado e enviado à torre em caso de retornar a Inglaterra ou pisar nas costas da Irlanda ou Inglaterra no futuro.

Cliff desejava subir para ver Julianna, mas compreendia que o decoro não lhe permitia transpassar essa linha, por isso teve que conformar-se ouvindo parte que davam as damas da casa e a enfermeira, que informava a tia Blanche a cada hora.

Depois de partir o conde e a condessa junto a lady Adele e Ethan, assim como lorde Jonas e o médico, Cliff solicitou à tia Blanche poder falar com ela a sós.

Esta consentiu e se reuniram na biblioteca antes da hora do chá. Assim que fechou a porta a suas costas começou.

— Senhora Brindfet, Blanche, eu gostaria de falar do futuro de Julianna, de meu futuro e o de Julianna, com você se não for inconveniente — disse.

— Nos sentemos junto ao fogo. É evidente que você está realmente cansado depois do ocorrido ontem, e estou segura não descansou nada esta passada noite.

Cliff sorriu pelo semblante carinhoso de tia Blanche e, depois de esperar que sua anfitriã tomasse assento, ele a seguiu, colocando-se frente a ela.

— Acredito que tem que saber que pedi a Julianna que se casasse comigo faz dois dias e, mesmo que não me respondeu ainda e lhe assegurei que não vou pressionar, acredito que ambos sabemos que ela está tão apaixonada por mim como eu por ela e que somente se sente um pouco receosa ainda porquê... Bom... Por medo de que lhe voltem a fazer mal.

Mostrava certa segurança. As palavras pareciam lhe sair dos lábios sem pensar, embora nesse momento tudo o que o rodeava parecia aterrador. Tia Blanche o olhava sem dizer nada.

— Por minha parte — continuou Cliff —, vou ser fiel a minha palavra e não a pressionarei. Sou consciente de que Julianna se viu muito afligida ultimamente por feitos e acontecimentos que pareciam escapar a seu controle, e precisa recuperar-se não só de suas feridas, mas também da pressão e a angústia que padeceu.

Cliff olhou fixamente a tia Blanche uns segundos até que ela assentiu.

— Nisso estou de acordo com você. Estivemos submetidas a uma grande pressão e Julianna mais que nenhum de nós. — Suspirou e tomou ar —. Para ser franca com você, minha sobrinha não tinha me contado nada de sua proposta, mesmo que eu já soubesse, bom, suspeitava-o.

Olhou inquisitiva ao Cliff, como lhe dando a entender que sabia que havia mais que uma simples proposta nesse relato, mas que compreendia e inclusive, nesse momento, agradecia a descrição de Cliff. Com resolução continuou: — Conheço os motivos, os temores, em realidade, que mantiveram Julianna ainda com certas reservas com sua proposta, mas estou convencida de que só necessita descanso, paz e possivelmente olhar as coisas com certa perspectiva para tomar a decisão correta.

— Tem-me lido a mente. — Sorriu Cliff um pouco mais relaxado —. Agora que sei que está em casa, que está bem atendida pelas melhores mãos e que não corre perigo algum, estimo justo e também o mais sensato, permitir a Julianna poder tomar uma decisão livre de toda pressão, de toda interferência por minha parte, embora, correspondendo a sua franqueza, isso vai me resultar muito difícil e inclusive diria doloroso. — Cliff a olhou por uns instantes —. Um de meus navios sai amanhã cedo para a Holanda, e acredito que tomarei o comando da nave. São duas semanas no máximo de navegação, de modo que retornaria a Londres em quinze dias no máximo. A minha volta voltarei a lhe formular minha proposta. Eu gostaria de permanecer ao seu lado enquanto se recupera, passear com ela, ler para ela e inclusive levá-la em meu faetón pelo Hyde Park, entre outras coisas. — Respirou fundo e olhou ao fogo —. Mas, ontem à noite, compreendi que isso seria muito egoísta de minha parte, injusto inclusive. Como bem assinalou, Julianna necessita descanso, paz e certa perspectiva para decidir, e acredito que, se estiver perto, é possível que minha só presença suponha para ela uma pressão imerecida.

Depois de uns instantes nos quais tia Blanche permaneceu em silêncio, observando alternativamente a esse homem, o fogo e inclusive escutando seus próprios pensamentos e medos das últimas horas, respondeu: — Posso apreciar, sem risco a me equivocar, que para você afastar-se de Julianna é realmente difícil, e compreendo que, embora sejam uns dias, é muito generoso e nobre de sua parte fazê-lo, já que ao menos lhe dá a oportunidade de poder decidir por si mesmo seu futuro. De fato, acredito que inclusive agradeço seu gesto. — Meneou a cabeça —. Penso com sinceridade que precisa descansar e lhe virá bem um pouco de paz, para variar. Por minha

parte, deixarei que seja ela que tome a iniciativa de justificar-se comigo quanto a sua proposta, assim também se verá liberada de uma possível pressão minha. Agora bem, que espera que lhe diga quando pergunte por você? E não duvido que o fará.

Cliff sorriu com um sorriso complacente e satisfeito ante a segurança do que dizia. Depois de uns segundos, nos quais parecia meditar sua resposta, respondeu: — Bem, eu gostaria que lhe dissesse que, mesmo que desejasse passar cada dia com ela, mimá-la e me assegurar que obedece aos médicos e que me preocupo com ela para que se restabeleça o antes possível, compreendi que ela necessitava a paz, a tranquilidade da qual falávamos antes. — tomou um instante e tirou uma pequena chave de seu bolso, oferecendo-lhe. — Entregue, por favor, isto, e lhe diga que tem minha permissão... Não, que lhe rogo que abra o cofre. — A tia pegou a chave e, antes que perguntasse, ele sentenciou —. Ela o entenderá. Mas, por favor, lhe diga que retornarei o antes possível e que esperarei ansioso o momento de voltar a vê-la.

— Isso farei.

— Nesse caso, será melhor que me retire. Tenho que realizar numerosos preparativos para a viagem e, posto que zarparemos a primeira hora, não terei oportunidade de as ver até minha volta. Eu gostaria, entretanto, poder mandar a meu ajudante antes de minha partida, para saber como Julianna passou a noite. Não acredito que possa zarpar sabendo que ainda corre perigo.

Tia Blanche ficou de pé e depois Cliff.

— É obvio. Avisarei ao Furnish para que esteja atento. — Estendeu sua mão —. Espero, comandante, que tenha uma boa viagem, e não se preocupe com Julianna, consta-lhe que cuidaremos dela.

Cliff sorriu e assentiu, e se inclinou formalmente para despedir-se dela.

— Por favor, se despeça de todos e lhes transmita meus melhores desejos.

Depois de sair da mansão Cliff se dirigiu imediatamente a casa de seu pai, onde ordenou a seu Valete que lhe preparasse a bagagem para a viagem e mandou chamar dois de seus oficiais, lhes dando as ordens necessárias para partir a primeira hora. Ao cabo de um par de horas, quando seu ajudante tinha empacotado todo o necessário e ordenado a dois lacaios que o transferissem ao navio, Cliff o voltou a chamar.

— Necessito que faça algo antes do jantar.

— Sim, senhor.

— Quero que vá a esta direção. É uma loja de um dos melhores

especialistas em chá, infusões e bebidas aromáticas, e quero que lhe entregue esta nota. Nela lhe peço que realize uma cuidadosa seleção de ingredientes, suponho que demorará um pouco. Quando lhe entregar isso, leva-as a mansão Brindfet com esta missiva para a senhora da casa. Mas antes, te aproxime da floricultura a qual está acostumada a ir a condessa, pergunte a sua donzela, seguro que ela pode te facilitar a direção exata, e os entregas esta nota. Assegure-te de que entendem que quero que enviem flores duas vezes ao dia, até novo aviso, à mansão, para a senhorita Julianna. Desejo que sejam flores silvestres, preferivelmente as que floresça nos bosques ou perto dos campos, e que sempre sejam colocadas em cestas de vime e que vão acompanhadas de cestas de bagos e frutas frescas. Assegure-te de que entendam bem minhas instruções. Além disso, entregue todos estes cartões com meu nome e meu cabeçalho e que ponham uma em cada um dos envios. É importante que cumpram todas minhas indicações.

— Sim, senhor. Assegurarei-me disso — respondeu com severidade.

— Leve minha carruagem de cavalo com o chofer. Vai dar muitas voltas pela cidade. Quando terminar tome o resto da noite livre. Zarparemos muito cedo e ao menos uma noite livre vais necessitar, já que estaremos duas semanas navegando. Amanhã cedo vai à mansão para que lhe informem sobre o estado da senhorita Julianna, já estão avisados e lhe atenderão imediatamente. Depois nos encontraremos no navio e me informe disso e dos preparativos desta tarde. — Terminou de lhe explicar.

— Senhor, preferiria retornar mais tarde e lhe ajudar a vestir-se para o jantar.

— Não, não, agradeço seu sentido do dever, mas acredito que poderei me arrumar sozinho por uma noite e, se necessitar algo, chamarei o ajudante do conde ou de meu irmão. Tome a noite como te indiquei, ao menos, me obedeça a esta vez, sei que ultimamente te tive muito ocupado e que mal lhe agradei.

— Senhor, para mim é uma honra lhe servir, e eu gosto de cumprir com meu dever, já sabe.

— Sei, sei, meu fiel amigo, e como seu dever é me agradar estou seguro de que será capaz de cumprir minhas orientações.

Sorriu ante a necessidade de lançar um desafio a seu fiel ajudante para que por uma noite deixasse de atender com suas obrigações. Cliff o conhecia bem e era superior a suas forças considerar que deixava desatendido a seu chefe embora fosse umas horas, mas ao ver que não lhe respondia soube que

o obedeceria uma vez mais.

Tal e como havia dito, a primeira hora da manhã o ajudante de Cliff foi à mansão Brindfet, onde Furnish lhe informou que a senhorita Julianna tinha passado mal a noite, com febres muito altas, embora já ao amanhecer parecia que lhe começava a baixar depois de tomar uma das infusões que Cliff lhe tinha mandado no dia anterior e que a senhora Brindfet agradeceu com carinho. Também lhe informaram que a ferida do ombro parecia ir curando-se bem.

Embora a informação não conseguisse tranquilizar muito ao seu senhor, o ajudante transmitiu as notícias tal e como as tinha recebido. Depois de uns minutos de indecisão, Cliff ordenou levantar âncoras e iniciar a viagem.

Todos a bordo do navio, agora chamado Valquiria, eram conscientes do estado de ânimo preocupado e distante de seu capitão, quem parecia que, pela primeira vez, não desfrutava da navegação, das atividades usuais no navio. Inclusive na maior parte das ocasiões jantava sozinho em seu camarote em vez de com os oficiais ou com alguns dos mais experientes marinheiros que lhe tinham acompanhado desde suas primeiras viagens como capitão.

Fizeram a viagem de ida a bom ritmo, aproveitando os ventos dessa época do ano e inclusive tiveram que enfrentar a um dos poucos navios piratas que ainda ficavam pelas costas do norte, mas, neste caso, a emoção da confrontação veio bem a todos os tripulantes e também ao próprio Cliff, que mesmo assim manteve esse estado de ânimo melancólico e muito triste. A volta, em troca, sim resultou melhor, ao menos quanto ao capitão, que parecia excitado pela chegada em casa, o que fez com que procurassem bons ventos e que navegassem na maioria das ocasiões com todas as velas desdobradas, obtendo que dia após dia fossem percorrendo milhas e milhas em um tempo recorde. Isso conseguiu não só melhorar o ânimo do capitão, mas também de todos os marinheiros, que desfrutavam com esses desafios e essa constante emoção. Tinham passado dez dias desde que zarparam da Inglaterra e provavelmente conseguiriam chegar ao porto de Londres a última hora do dia seguinte. Todos estavam de um excelente humor, desejando a volta para casa, mas também relatar a seus companheiros de outros navios a experiência desses poucos dias no mar.

Na mansão Brindfet, os primeiros quatro dias transcorreram com uma lentidão alarmante, já que Julianna parecia melhorar devagar, mal conseguia permanecer acordada poucos minutos e não podia mover-se sem que a dor no

ombro lhe impedisse um mínimo gesto.

Tia Blanche estava preocupada, mas não de um modo alarmante, já que o doutor lhe assegurava que era bastante normal dada a profundidade da ferida, mas ao lhe assegurar que Julianna progredia bem, e que por ser jovem e forte se curava sem que parecesse que fosse ter sequelas, deixava-a um pouco mais tranquila. Isso sim, deviam ser pacientes e não a forçar, ao menos os primeiros dias.

A melhora se fez evidente a partir do quinto dia, que foi quando começou a permanecer acordada algumas horas. Conseguiu começar a mover-se um pouco e a receber algumas curtas visitas. As infusões pareciam aliviá-la, Eugene e Amelia liam para ela constantemente e inclusive o almirante ficava com ela, lhe contando suas viagens, algumas das batalhas vividas em sua juventude, ou lhe ensinava a dirigir alguns dos instrumentos que Cliff lhe tinha dado.

Tia Blanche foi consciente de que Julianna começou seriamente a melhorar a partir desse quinto dia, por uma conversa que tiveram ambas e que guardaria como um segredo entre elas. Desde a primeira vez que Julianna abriu os olhos, ainda delirante, nessa primeira noite em casa, perguntava constantemente por Cliff, era como se precisasse escutar sua voz perto dela para trazê-la de volta à Terra, a consciência. Quando abria os olhos, ainda fraca pela febre, por uns poucos segundos, tia Blanche lhe mostrava as flores que constantemente chegavam a casa, aproximava-lhe as frutas para que as cheirasse e parecia sorrir quando lhe dizia que Cliff as mandava, mesmo que perdesse a consciência pouco depois. A manhã do quinto dia, como tinha estado fazendo os dias anteriores, o doutor chegou cedo para ver a ferida e os progressos da paciente, e partiu satisfeito pela melhora e com uma Julianna acordada e com apetite. As meninas ainda não tinham despertado, por isso era tia Blanche a que a acompanhava a essa hora. Pelas noites insistia em ficar com ela, e tomava o café da manhã no quarto dela depois da visita do médico.

Essa primeira manhã em que por fim estava acordada, puseram perto da chaminé uma mesa com o café da manhã para que ambas as damas compartilhassem esse momento juntas. Levaram com supremo cuidado com Julianna até ali, depois de dar um banho que, conforme dizia, era o melhor dos remédios.

Depois de uns minutos em silêncio frente a sua tia, esta por fim falou.

— Bom, querida, agora que podemos deixar este desagradável episódio

para trás, acredito que só resta procurar que melhores o mais depressa possível e decidir como vamos celebrá-lo.

Julianna sorriu, mas havia um pouco de tristeza em seus olhos. Depois de uns segundos por fim falou.

— Tia... estes dias... — Titubeou e sua tia a insistiu a seguir, simplesmente elevando as sobrancelhas com interesse. Julianna levantou a vista e respirou—. Estes dias escutei a voz de Amelia, de Eugene, do almirante, do Max, a sua, a do Furnish, bom, em realidade a de todos os da casa, também algumas visita mas... — Baixou a vista e ficou olhando a cesta de flores que tinham levado na tarde anterior.

— Mas não a do comandante de Worken — sua tia terminou por ela.

Julianna a olhou, mas não disse nada, ficou calada e de novo olhou as flores.

— São preciosas, verdade? — perguntou distraída tia Blanche —. Vêm duas vezes ao dia, todas as flores silvestres como essas malvas ou o dente de leão, Oh, e essas brancas pequeninas, acredito que em alguns lugares as chamam “bolsas de pastor”, são muito graciosas. Ameliase leva pelas noites a lavanda e faz essas tranças que deixa junto a seu travesseiro para que lhe perfumem a cama, e Eugene leva de noite as papoulas, está secando-as para fazer uma espécie de colagem. Minha preferida é a retama, esse amarelo intenso e esse aroma do campo traz lembranças de minha infância. Junto com elas trazem frutas frescas... — Esperou uns segundos se por acaso Julianna dizia algo —. As manda o comandante, como terá adivinhado.

Julianna a olhou e, depois de uma pausa, perguntou com um fio de voz: — Aon-onde está? Sabe, tia?

Sua tia sorriu enquanto dizia agradada: — Vá! Só demoraste uma hora hoje em perguntar por ele. Embora estes dias parecia...

Julianna elevou as sobrancelhas.

— Parecia... O que? Tia?

De novo sorriu agradada.

— Que sentia muitas saudades.

Julianna se ruborizou e olhou de novo as flores. Nesse momento bateram na porta e Furnish a atravessou com outra cesta de flores e frutas frescas. Deixou-as junto à Julianna e lhe sorriu.

— Bom dia, senhorita, alegamo-nos de vê-la acordada e com tão bom aspecto.

Julianna se ruborizou e lhe sorriu.

— Obrigada, Furnish. Sinto havê-los preocupados. Agora estou melhor e sei que em uns dias estarei recuperada e prometo lhe fazer o biscoito de canela...

O mordomo sorriu realmente agradado e, em certo modo, divertido pela referência a seu biscoito preferido e que ela sempre recordasse esse tipo de detalhes.

— Isso esperamos, senhorita. — Dirigiu o olhar às flores e disse —: Acabam de enviá-las para você.

— Obrigada, Furnish — respondeu Julianna.

O mordomo se inclinou e partiu. Depois de uns segundos olhando as flores, Julianna estendeu com esforço um dos braços e alcançou o cartão em que estava impresso o emblema e o nome de Cliff. Sua desilusão era evidente, mas permaneceu calada uns poucos segundos mais. Sua tia, ante a expressão de seu rosto, iniciou a conversa que tanto parecia custar a Julianna.

— Partiu a Holanda, mas retornará dentro de poucos dias.

Julianna elevou a vista de repente.

— A Holanda?

Sua tia assentiu, bebeu um pouco de chá e continuou: — Pediu-me que te dissesse que pensaria em ti, que sentiria tua falta e que retornaria muito, muito em breve. — Bebeu outro gole de chá, olhando por cima da xícara para Julianna —. Também pediu que te desse algo. Disse-me que você o entenderia. — Deixou a xícara e tirou do bolso de sua saia a chave. Estendeu-a frente a Julianna que ficou olhando e, um pouco trêmula, finalmente a pegou.

— Por... por que partiu? Sabe, tia? — perguntou por fim.

— Bom... disse que queria ser fiel à palavra que tinha te dado e que não te pressionaria. — Esperou um instante se por acaso dizia algo, mas, ao ver que seguia calada, seguiu —. Em minha opinião, acredito que é porque te conhece muito bem e sabe que, se te faltar o ar, que se acha que carece de liberdade, sairá fugindo, e isso lhe desespera.

Julianna a olhou séria, agarrando com força a chave como assimilando a informação.

— Penso que está te deixando tomar livremente uma decisão importante.

Elevou as sobrancelhas, esperando que Julianna se justificasse com ela. Ela baixou a vista e com as mãos no colo olhou a chave fixamente.

— Pediu-me... que me case com ele. — Suspirou.

— Sei.

Julianna elevou a vista e abriu muito os olhos.

— Lhe há dito?

Sua tia assentiu, acrescentando: — Não te zangue com ele, o certo é que eu já tinha minhas suspeitas, mas, igual ao comandante, não queria te pressionar a fazer ou dizer nada que não quisesse. Tem que tomar uma decisão e, quando o fizer, eu te apoiarei, seja qual for.

— E se lhe peço um conselho?

— O único conselho que posso te dar, neste caso, é que tem que ser você, somente você a que ditas. É muito afortunada de poder fazê-lo, Julianna, as jovens como você não gozam da oportunidade, da liberdade de poder decidir por si mesmas.

— Sei, mas... — Suspirou —. E se não estou feita para me casar? E se não for capaz de lhe fazer feliz? Somos muito diferentes e às vezes eu me sinto tão desconjurada que temo que acabe por dar-se conta de que não sou o que esperava. Além disso... — Se ruborizou um pouco —. Todos dizem que é um libertino, um mulherengo a cujos pés se rendem todas as mulheres e... e se se cansar de mim?

— Julianna... — riu divertida —. Não sabe que os libertinos reformados são os melhores maridos? — voltou a rir —. Mas compreendo seus temores e que tenha todas essas dúvidas. Nesta vida não há nada seguro, a maior parte das vezes temos de nos arriscar, alguma vez saberemos o que nos proporciona o amanhã, mas isso é o emocionante de viver, não é certo?

— Mas, então, como saber se tomo a decisão correta? Como saber que o que faça é o melhor?

— Não saberá até que o faça, carinho. Meu defunto marido, que como sabe era um homem muito sensato, dizia que quando intervém o coração não há razão alguma que valha. Entretanto, um dia me viu preocupada, porque eu ainda não tinha aceito sua proposta de matrimônio. Assustava-me não estar à altura de um homem que já começava a ser um dos homens mais ricos do país. Eu, que provinha de uma família humilde que tinha que lutar para ganhar cada centavo e que tinha podido ser educada, a diferença do resto das meninas de minha idade, carentes de recursos como eu, graças à generosidade do pároco local que me permitiu assistir às aulas que dava ao filho de um dos latifundiários da região. Aterrava-me a ideia de viver em Londres, de defraudar a meu marido ou de não ser capaz de viver segundo o que esperaria de mim. Ele se aproximou e me disse: “só tem que te fazer duas perguntas, ou ao menos isso é o que eu fiz... posso viver com ele? E a mais importante

posso viver sem ele?”.

Tia Blanche suspirou e sorriu como estava acostumada a fazê-lo quando recordava a seu defunto marido.

— Viver sem ele — repetiu Julianna em um sussurro. Olhou a chave e sorriu —. Suponho que deveria lê-lo...

Sua tia levantou as sobrancelhas.

— Lê-lo?

— Deu-me uma espécie de jornal de suas viagens, de suas aventuras... — Sorriu —. Diz que é para que o conheça melhor.

Tia Blanche soltou uma divertida gargalhada, olhando-a cheia de compreensão.

— Que grande ideia! Se todos os homens fizessem isso, seria tudo mais simples. — Franziu o cenho —. Bom, caso que o que escrevessem fosse sincero. Mas... — Sorriu —. O comandante não parece o tipo de homem capaz de enganar ou escrever falsidades só por adular ou apaixonar a uma mulher. É muito franco para isso — repôs ao final com firmeza.

Julianna a olhou e sorriu.

— Eu também acredito.

Nesse instante a conversa foi interrompida pelos ruídos de portas, carreiras e vozes pelo corredor que dava à habitação. Ambas riram.

— Acredito que Furnish acaba de lhes dizer que está acordada e fora da cama — assinalou a tia e, antes que Julianna respondesse, atravessaram correndo a porta Eugene e Amelia, sorridentes, de camisola, com o cabelo revoltado e com evidentes olhos de que acabavam de despertar.

— Julianna! Julianna!

Ambas se aproximaram correndo.

Amelia se aproximou um pouco mais, mas parou em seco junto à poltrona olhando-a fixamente.

— Não posso te abraçar ainda, verdade?

— Não, não ainda não, mas pode me dar um beijo — respondeu Julianna e em seguida Amelia lhe deu um beijo na bochecha, ficou um pouco carrancuda e com tom de aborrecimento assinalou: — Tem um pouco de febre, deveria estar deitada.

Julianna e tia Blanche riram.

— Pequena tirana... — Se escutou a voz de Max na soleira —. Não vou entrar, porque vejo que todas estão meio vestidas. — Jogou um olhar desaprovador às meninas —. Mas me alegro de ver que está acordada e fora

da cama, Julie.

— Obrigada — respondeu Julianna ruborizada.

— Depois virei verte e conversaremos com calma. — Julianna assentiu. Max olhou às meninas e disse —. E vocês, vão se vestir adequadamente, desçam para tomar o café da manhã e não me façam esperar, que necessitam exercício, pequenas preguiçosas, e os cavalos também.

— Mas não vamos deixar Julianna sozinha — se queixou Eugene, que também a tinha beijado e estava junto à poltrona de tia Blanche.

— Não me deixarão sozinha. Além disso, sei que estivestes me cuidando muito e lhes agradeço isso, mas estou melhor e lhes convém passear. Têm o resto do dia para estar comigo. Vão, já ouvistes o Max, não lhe façam esperar ou se vingará.

Escutou-se ao fundo a risada de Max e sua voz pelo corredor afastando-se.

— Disso podem estar seguras, e desfrutarei muito procurando o melhor método de lhes torturar.

Julianna riu.

— Acredito-te capaz — disse bem alto para que a ouvisse e voltou a rir —. Já ouvistes. Vão se vestir e tomar o café da manhã, e depois me contem como passaram o dia — disse isso às duas enquanto sorria.

As duas sorriram e se deram por vencidas.

— Mas não te mova e beba o chá de hortelã com mel e...

— Sim, sim... — Julianna interrompeu as ordens de Amelia —. Realmente é uma tirana.

Amelia riu e respondeu, elevando o queixo: — Não sou tirana, é que sei o que é melhor para os outros e, como são muito cabeçudas, obrigam-me a me impor.

Tia Blanche e Julianna riram.

— Me lembre que, no dia que te casar, diga a seu marido que não discuta contigo — disse tia Blanche enquanto ria e meneava a cabeça —. Sempre sairá perdendo...

Todas riram e Amelia bufou fingindo-se ofendida.

Depois desse dia Julianna foi melhorando a passos aumentados, o sexto dia já saía para passear pelo jardim e, embora lhe doesse o ombro ao mover o braço, não tinha perdido a mobilidade, e o doutor estava francamente contente pelos rápidos progressos.

O sétimo dia convidaram para almoçar na mansão a lady Adele e a lady

Eleanor, que tinham ido visitá-la quase todos os dias, e era uma oportunidade para Julianna voltar a cozinhar, embora necessitou ajuda todo o tempo. Também convidou ao Ethan, Max, ao almirante, ao Jonas e é obvio ao doutor. Tia Blanche lhe confessou em segredo que acreditava que o jovem doutor, que teria uns trinta e cinco anos e era muito atraente, parecia interessado em lady Eleanor, com a qual tinha coincidido o segundo dia de convalescença de Julianna, e ela também pareceu ficar muito impressionada por ele. Quando o comentou com Julianna, pareceu-lhe gracioso, porque não parecia ser um modo muito usual de gostar muito de alguém, mas esperava que tivesse razão porque lady Eleanor era encantadora e uma moça que merecia um bom marido, e considerava o doutor um homem honrado, sério em sua profissão e brilhante. Além disso, era capaz de suportar com admirável o assédio constante de todas as damas e do pessoal da mansão quando o interrogavam sobre o estado de Julianna. Era muito gracioso vê-lo rodeado por Amelia, Eugene e tia Blanche e pacientemente responder uma a uma cada pergunta, por impertinente que fossem algumas.

Amelia estava encantada com ele porque, conforme dizia, mostrava-se muito interessado em sua horta, nas ervas de seu jardim e nos truques e conselhos sobre as propriedades de cada uma lhe ensinava Amelia com grande entusiasmo, depois de lhe dizer que sempre acrescentava algumas ao chá de Julianna para que se recuperasse rapidamente. Inclusive lhe tinha sugerido que recolhesse por escrito tudo o que sabia, o muito que tinha lido sobre ervas, que era muitíssimo, já que lhe apaixonava esse tema, porque estava seguro de que a gente como ele não só se interessaria muito, mas também lhe seria de grande utilidade. Desde esse momento Amelia o declarou como um homem muito inteligente e cabal e não havia mais que falar.

Ao oitavo dia Julianna estava, dizia sua tia, um pouco mais triste que os dias anteriores. Esforçou-se por parecer alegre ante todos para não preocupá-los, mas seus olhos, dizia sua tia, a ela não a enganavam. Julianna sabia, e era evidente que para sua tia também, que era porque notava a ausência de Cliff. Cada noite quando a deixavam sozinha ela lia o jornal, e quanto mais o fazia, mais consciente era de sua ausência, de sua lonjura. Mas no décimo dia foi quando por fim precisou falar com sua tia disso. Esperou até que todos se retiraram. Esteve atenta e, quando já não houve ruídos na casa, foi até o dormitório de sua tia, olhou por debaixo da porta para assegurar-se de que ainda havia luz e então chamou.

Deu uns golpes na porta e depois de uns segundos abriu.

— Posso entrar, tia?

Sua tia, que se encontrava recostada sobre os travesseiros com um livro entre as mãos, respondeu dando um golpe junto a ela em sua cama.

— Claro, carinho, veem, sente-se ao meu lado.

Julianna cruzou o quarto correndo e enquanto subia à cama sua tia perguntou: — O que te preocupa?

Julianna lhe deu um beijo na bochecha e se apoiou nos travesseiros.

— É que... Não sei... Estou triste. Não, não, não é isso... Triste não, mas... Não sei como explicá-lo...

— Pois eu acredito que é simples. — Olhou Julianna fixamente —. Sente falta do comandante.

Julianna a olhou quase envergonhada por resultar tão transparente.

— Não acontece nada, carinho, é normal. Eu sentia falta do meu marido quando ia em alguma viagem e eu não podia acompanhá-lo...

Julianna suspirou.

— Sim... Suponho que é isso. Mas...

— O que, querida? — insistiu.

— O que acontecerá quando retornar?

Tia Blanche sorriu, olhando-a condescendente.

— Pois suponho que acontecerá o que você queira que aconteça.

Julianna voltou a olhá-la franzindo o cenho.

— Posso ler alguma coisa do jornal? Você acha que eu faria errado lendo isso?

Sua tia olhou para ela enquanto dizia: — Suponho que isso depende, acha que incomodaria o comandante que lesse para mim essa parte?

Julianna a olhou pensativa uns segundos e depois ao livro que tinha entre as mãos.

— Não sei, acredito que não, mas — a olhou com travessura — poderia ser um segredo entre nós...

Sua tia riu assentindo.

— Suponho que poderia. Por que acredita que tem que ler isso para mim?

— Porque... — Suspirou —. Quando me pediu que me casasse com ele, disse-me que acredita que pertencemos um ao outro e que, embora sabia desde a primeira vez que me viu quando eu era uma menina e ele um moço, não o compreendeu até faz uns meses. Nesta passagem fala do destino, de algo que nos impulsiona para algo que, embora não sabemos o que é,

entretanto, sim sabemos que é algo que precisamos. E quando li o que escreveu... — Suspirou pesadamente —. Acredito que me dá medo que tenha razão no que diz, porque nesse caso eu não digo nada, nem ele tampouco, é outro que decide, o destino, o azar ou quem sabe... E como posso ir contra isso? Mas ao mesmo tempo, como saber que não é um engano simplesmente deixar-se levar?

— Eu acho, querida, que até que você leia para mim eu não vou entender.

Julianna abriu o livro: — É quase o final de tudo, como se fizesse uma reflexão de todo o anterior, como se ordenasse mentalmente as coisas, seus sentimentos, seus pensamentos. É só uma parte...

Respirou fundo e começou a ler:

A primeira vez que entrei em batalha estava nervoso, excitado, também tinha medo, nenhum soldado nega o medo, seria um néscio ao fazê-lo, embora nos ensinam a controlá-lo ou, pelo menos, a deixá-lo de lado nesses momentos. Durante os minutos prévios a essa primeira batalha fechei os olhos e me pus a repassar cada uma das coisas que nos tinham ensinado na escola ou nossos superiores durante as semanas anteriores navegando com os mais experientes e curtidos marinheiros. Entretanto, nesse momento, houve uma coisa que conseguiu me tranquilizar e me devolver a coragem para lutar, e eram os olhos cor de mel com os quais sonhava desde fazia muitos anos. Os olhos cor de mel que me acompanhavam quando me sentia sozinho ou perdido. Os olhos cor de mel de minha protetora, de meu anjo guardião. Nunca tinha sabido por que me sentia mais acompanhado, mais seguro, mais firme e valente quando fechava os olhos uns instantes e via esses olhos cor de mel.

Não soube até recentemente, Julianna. Não o compreendia ou não conseguia compreendê-lo. O dia que me salvou no bosque se converteu em parte de mim, não sabia então nem muito tempo depois, mas desde esse instante alguém estava sempre ao meu lado. Sentia-o. Se me sentia sozinho, perdido ou confuso, tinha que procurar esses olhos cor de mel em minha memória e essa confusão ou essa solidão desapareciam. Quando sem saber por que vinham a minha mente os olhos de minha protetora, imediatamente me punha em alerta, em guarda, já que sabia que existia perigo. Salvei-me em várias ocasiões graças a isso. Salvou-me uma e outra e outra vez.

Nunca falei a ninguém disso, porque nem sequer eu mesmo conseguia entendê-lo. Entretanto, o que me dava medo não era isso, ao menos não era só isso, a não ser o que sentia ao ver esses olhos em minha mente sabendo

que era muito mais que companhia, segurança ou coragem. Faziam me sentir vivo, meu coração pulsava mais forte. Vinham a minha cabeça e a meu coração a voz doce de uma menina, seu sorriso, o calor de suas mãos em minhas bochechas, e só quando pensava nela me sentia em paz, em casa, e inclusive era feliz.

Agora sei que o destino te pôs em meu caminho e a mim no teu. Talvez cruzamos uma primeira vez quando éramos muito jovens e inocentes para ser conscientes disso e mais ainda para compreendê-lo. Mas agora sei, agora compreendo, agora sinto, que é minha e eu sou teu. Sou feliz quando te tenho perto, quando escuto sua risada ou quando penso em ti te sabendo minha. Só me sinto em casa contigo, só me sinto completo contigo e só posso viver contigo porque é quão única faz com que meu coração pulse com força. Julianna, sei que sou o único que pode te fazer feliz porque sua felicidade é a minha. Sei que sou o único que pode fazer com que seu coração pulse com força porque seu coração é o mesmo que o meu. E sei que sou o único com o qual poderá formar uma família porque você é minha família e eu a tua. É meu lar, minha esposa, minha Julianna...

Parou de ler, tomou ar e olhou a sua tia.

— Há muito mais, mas isto é o que me dá mais medo, mais que não saber me encaixar em seu mundo, mais que acabe cansando-se de mim... — Fez uma pausa e respirou —. Porque... E se tiver razão? Quando li o jornal e contava o que sentia, suas reações ante algumas coisas, sua forma de comportar-se, talvez acreditará que estou louca mas, inclusive antes de lê-lo com suas próprias palavras, sabia o que ia sentir, sabia quando contava alguma aventura como ia reagir. É como ele diz, como se não pudéssemos evitá-lo, porque algo nos impulsiona, leva-nos para o outro sem remédio. Quando me disse que me perguntasse se posso viver sem ele, acredito que me dá medo dizer que não, que não posso, não porque não seja certo, mas sim porque parece ser algo que eu não escolho, que eu não posso escolher. É algo que está decidido, que alguém, talvez o destino, decidiu-o pelos dois.

Sua tia lhe tomou a mão e disse: — E por isso acredita que dizer que quer te casar com ele é algo que não decidiste e que escapa a sua vontade.

— Sim, sim, isso acredito.

Sua tia sorriu, acrescentando com segurança: — Carinho, isso é o amor, ao menos o verdadeiro amor. O único amor que, se tiver sorte, chega a encontrar, porque é o amor que se entrega e se recebe de uma só pessoa. De

uma única pessoa que pertence a ti e a qual você pertence, com ele se sente viva de verdade e só com ele pode ser você mesma de verdade.

— Então, não acha que seja uma loucura me deixar levar por algo que escapa a meu controle?

— Claro que não, carinho. O que acredito é que é uma loucura não o fazer, porque nunca poderá ser feliz se te afastar dele. Você tem uma sorte da qual muitas mulheres em nossa época carecem. A possibilidade de escolher o que querem e a quem querem sem ver-se empurradas pela sociedade, por sua família ou pela necessidade em uma determinada direção. E mais, você tem essa e outra bênção, a de ter encontrado aquele a quem pertence e qual pertence. Foste duplamente abençoada e seria uma loucura não aproveitar essas duas bênções, não acredita?

Julianna sorriu, com os olhos brilhantes. Ambas sabiam que já tinha tomado uma decisão e que o medo era o que lhe impedia de dar o último passo, mas essa barreira já tinha caído e por fim sabia.

— Por certo, Julianna, como todo bom marinheiro, o comandante não se deixa levar por flores nem palavras românticas, mas tenho que reconhecer que é precioso o que escreveu. Acredito que é melhor que qualquer poema desses que mandam os cavalheiros a suas cortejadas.

Julianna riu e beijou a sua tia na bochecha.

— Agora entendo por que sempre diz que seu marido conseguia dizer melhor em duas palavras o que os cavalheiros em duas frases.

A tia riu sonhadora.

— Sim, conseguia me fazer feliz com uma simples nota e isso que era ainda mais parco em palavras que o comandante.

Ambas riram.

— Mas isso foi o que te apaixonou — afirmou.

— Isso foi o que me apaixonou — repetiu veementemente a tia. Depois de uns segundos acrescentou —: Suponho que o que agora procede é te perguntar: e o que vais fazer, então?

Arqueou as sobrelhas enquanto olhava a Julianna. Tomou uns minutos, concentrada.

— Sabe quando retorna?

Sua tia negou com a cabeça.

— Mas tenho uma ideia. Podemos dar umas moedas a um desses jovens que estão pelo mole para que nos avise assim que tenha notícias do navio do comandante.

Julianna sorriu.

— Bom, acredito que demorará uns dias ainda, verdade?

— Quer ir recebê-lo? — perguntou, e Julianna assentiu —. Nesse caso, podemos dizer ao Furnish que, amanhã cedo, mande um laçao para que localize a um desses jovens e nos avise imediatamente. — Julianna voltou a assentir —. E agora, deveria te deitar. lembre que hoje foi seu primeiro dia sem as ataduras e me consta que não paraste quieta nem um segundo.

Julianna sorriu assentindo.

— Está bem, tia. — Beijou-a outra vez na bochecha —. Boa noite.

— Boa noite, querida.

Nos dias posteriores a essa conversa, Julianna não podia ainda sair para cavalgar, mas o médico já a deixava sair de casa. Levava vários dias ansiosa, nervosa, no fundo sabia por que era, mas dizia a si mesmo e aos outros que era por querer recuperar-se logo e por estar tanto tempo sem fazer nada. Isto ao final lhe fez pensar em uma ideia que levava tempo refletindo. Tinha falado com sua tia de tudo o que ocorreu aquele dia no parque, o que ocorreu com Leme, a viúva que o acompanhava e lorde Bedford. Depois de muito pensá-lo, disse-lhe que queria fazer uma coisa com o dinheiro de sua atribuição, recuperado por Max, e com o dinheiro que lorde Bedford entregou a seu irmão diante dela e que tinham achado na casa da viúva junto com a sua bolsa e sua capa vermelha, embora esta a entregou Cliff a sua tia antes de partir para que a mantivesse em um lugar seguro, por saber quão importante era para Julianna.

— Eu gostaria de entregar-lhe às irmãs do Saint Joseph, ao menos o que resta depois de comprar roupas novas, sapatos e casacos para os meninos do orfanato e também mantas e roupa de cama. Além disso, acredito que poderia adiantar um pouco do dinheiro ao açougueiro e ao dono do armazém para que lhes levem mantimentos durante umas quantas semanas, carvão para o inverno e velas.

— É uma magnífica ideia, Julianna. Acredito que lhes virá muito bem, e é a melhor maneira de usar o dinheiro desse canalha, ao menos lhe daremos bom uso. Podemos ir comprar as roupas e as coisas que necessitam e as mandaremos imediatamente, e podemos também nos assegurar de que chegue o dinheiro a esses lugares para que lhes facilitem os mantimentos e demais coisas.

No dia anterior o dedicaram quase por completo a essa tarefa. Amelia foi

de grande ajuda quanto a coberturas, roupa de cama e as coisas para as crianças, posto que os conhecia quase todos. A última hora da tarde, chegaram à mansão todas as encomendas e Julianna aproveitou que Amelia e Eugene estavam passeando a cavalo, para ultimar os detalhes do envio. Sua tia tinha organizado o transporte de tudo através de um de seus navios menores, de modo que chegaria poucos dias depois ao Saint Joseph junto com algumas coisas mais que ela quis comprar para contribuir. O certo é que tia Blanche se excedeu, porque além de livros, piçarras e alguns brinquedos para as crianças, tinha-lhes comprado caramelos, potes de frutas confeitadas e geleias, e até algumas árvores frutíferas pequenas para que os plantassem no pátio de trás do orfanato.

A manhã do décimo primeiro dia da partida de Cliff, Julianna estava fechando o último envelope e anexando-o ao último dos pacotes quando entrou um dos lacaios, para levá-lo a carreta que esperava no pátio traseiro da casa para transportá-lo ao porto e embarcá-lo junto com os outros, quando, quase sem respiração, entrou sua tia na sala.

Parou junto à Julianna, esperou até que o laçao partisse e tentou recuperar com esforço o fôlego. Julianna se levantou de seu assento.

— Tia, o que ocorre?

— O navio do comandante chega esta tarde — disse quase sem fôlego.

Julianna ficou um momento gelada, com o coração desbocado e com o pulso de repente muito excitado.

— Co-como sabe? Veio o moço?

Sua tia assentiu.

— Tia, por favor, sente-se — disse Julianna, pegando-a pelo braço e acompanhando-a até um divã.

— Ai, querida, me sinto como uma menina pequena no dia de Natal e agora vejo que não o sou.

Julianna riu, mas em seguida se sentou a seu lado e ficou séria.

— Tia, depois de que falamos sei o que quero fazer e me pergunto... — Se deteve um segundo e sua tia a olhou com atenção—. Seria possível que, se Cliff ainda quisesse casar-se comigo, fizéssemos-lo em seu navio? Zangaria-se se me casasse assim?

Sua tia sorriu pegando sua mão.

— Querida, eu me casei em uma pequena capela com um velho vigário, um pastor mais velho ainda como única testemunha e duas pequenas ovelhas como os únicos seres que esperavam a meu marido e a mim na porta.

— Como? — perguntou Julianna assombrada.

Sua tia moveu a mão com gesto despreocupado.

— É uma longa história. Seu tio acreditou que poderia me arrepender no último momento pelos grandes fastos que tinha organizado para as bodas em Londres e, quando íamos a caminho da cidade do pequeno povoado onde vivia então, deteve-se em uma pequena capela e pediu ao vigário que nos casasse ali mesmo. É obvio, logo tivemos que repetir a cerimônia em Londres com a licença e demais papéis, mas, quando penso em minhas bodas, sempre penso na pequena capela e no pobre pastor que, assombrado, se fez de improvisada testemunha.

Julianna riu. Pareceu-lhe muito romântico e muito próprio de alguém com o caráter forte e decidido de sua tia.

— Eu gostaria de me casar hoje com o Cliff, em seu navio e só com a família como testemunhas. Acredito que são as bodas que eu gostaria de verdade.

— Diz-o a sério, Julianna?

— Escandaliza-te? Incomodaria-se?

— É obvio que não! — Apertou-lhe a mão —. E mais, acredito que se nos propomos poderíamos fazê-lo possível.

Julianna abriu muito os olhos.

— Seriamente?

— Ummm... A ver, pensemos. O que necessitaríamos?

Olharam-se mutuamente.

— Um capitão de navio, suponho, e um navio — respondeu Julianna.

— Bom, essas duas coisas as teríamos assim que a nave atraque — respondeu tia Blanche.

— Mas Cliff não pode casar a si mesmo — meditou Julianna.

— Certo, certo, necessitaríamos outro capitão... Max! Ou o almirante!

A tia felicitou a si mesmo ante essa ideia.

— Bom, eu também gostaria que a família esteja ali.

— Isso sim que é simples de obter, carinho. Levaremos a todos ao navio. Você pode ir a Stormhall e informar ao conde e sua família. Max, o almirante, Eugene e Amelia virão conosco, claro.

— Não se necessita nada mais para casar-se em um navio? Uma licença ou algo assim? — perguntou Julianna franzindo o cenho.

— Pois, não estou segura, acredito que não. O perguntaremos ao almirante assim que venha. — Julianna assentiu —. E um banquete! —

sentenciou tia Blanche.

— Mas isso sim que não acredito que...

Sua tia a interrompeu.

— Querida, deixa isso comigo. Se quiser que haja um banquete haverá um banquete.

Julianna riu e, nesse momento, abriu-se a porta e Furnish cedeu o passo ao almirante.

— Bom dia, minhas queridas damas — disse enquanto se inclinava elegantemente.

Julianna se levantou correndo, aproximou-se dele sorridente, ficou nas pontas dos pés e o beijou a bochecha.

— Com recebimentos como este não é de surpreender que eu goste de vir para te visitar, pequena. — E lhe deu uns suaves golpes na bochecha.

Julianna sorriu e o puxou pelo braço para acompanhá-lo até sua poltrona favorita.

— Quer um pouco de café irlandês do qual tanto gosta e um pouco de biscoito de gengibre que preparei faz menos de duas horas?

O almirante sorriu respondendo: — Como poderia me negar? Sim a ambas as sugestões, eu adoraria, obrigado, mas... por que suspeito que quer me pedir algo, marota?

Julianna lhe lançou um olhar inocente e se virou rapidamente para a porta.

— Vou correndo buscar.

— Agora sim que estou seguro de que quer algo.

Julianna riu e saiu quase correndo da sala. O almirante olhou a tia Blanche, que parecia muito contente.

— Vai me contar ou tenho que esperar até que Julianna retorne?

A tia Blanche sorriu.

— Acabamos de nos inteirar de que o navio do comandante retorna esta tarde.

— É uma grande notícia. Suponho que por isso Julianna está tão contente. Ela assentiu.

— De fato, estamos maquinando uma espécie de surpresa, mas é provável que necessitemos seu conselho e sua ajuda.

— Se estiver em minhas mãos... — respondeu sorrindo.

— Perguntávamo-nos... O que se necessita para celebrar umas bodas em um navio?

O almirante arregalou os olhos.

— Umas bodas? As bodas de quem? Oh... Entendo... — Meneou a cabeça enquanto sorria —. Ah... O apressado da juventude... — disse ofegante —. Pois, realmente se necessita um noivo, uma noiva e um capitão de navio, claro que se celebrar no navio de Cliff, como imagino que querem... — Elevou uma sobrancelha inquisitivo, mas não esperou resposta ou comentário algum, pois continuou —. O capitão que celebre a cerimônia, primeiro tem que tomar posse do navio. — Olhou meditabundo a tia Blanche —. Presumo que querem que seja uma surpresa para Cliff.

— Assim é.

— Em tal caso, poderíamos mandar uma mensagem a seu primeiro oficial assim que atraque o navio e que o mantenha ocupado, bem em seu camarote, bem nas adegas, enquanto preparamos tudo, e Max, como capitão que é, pode tomar posse da nave e celebrar a cerimônia.

— Seria perfeito! — Aplaudiu tia Blanche —. E a pergunta então é, necessitaríamos uma licença?

Negou com a cabeça.

— Basta com que haja testemunhas que confirmem a celebração do matrimônio.

Nesse momento Furnish abriu a porta da sala e seguidamente entrou Julianna com uma bandeja. O almirante ficou em pé. Julianna deixou a bandeja na mesa em frente da poltrona e, quando ia sentar-se, o almirante tomou-lhe a mão e a beijou docemente.

— Acredito que se impõe uma felicitação.

Julianna avermelhou de repente e sorriu timidamente enquanto o almirante riu de puro prazer. Julianna se sentou um pouco envergonhada e esperou que o almirante se sentasse para lhe servir o café. Tia Blanche falou então.

— Julianna, não haverá problemas quanto à cerimônia. Assim que retornem as meninas e Max poderia lhes contar o que pretendemos fazer e, depois do almoço, ir a Stormhall e informar ao conde de nossos planos em pessoa. O almirante e eu poderemos nos encarregar do resto dos detalhes.

— Seriamente? Então... Podemos fazê-lo de verdade?

— Claro, pequena, claro. Só necessita que o noivo chegue são e salvo e já sabemos que dentro de umas horas estará aqui, não é certo? — assinalou claramente divertido o almirante com a xícara de café entre as mãos.

Julianna de novo se ruborizou: saber que em poucas horas voltaria a ver o

Cliff e a beijá-lo, encheu-a de uma sensação tão gloriosa que tinha vontade de gritar, mas sorriu e se imaginou de novo nos braços de Cliff.

As restantes horas foram um pouco caóticas, entre os gritos de alegria de Amelia e de Eugene, Max e o almirante desarrolhando garrafas de champagne para que todos os da casa pudessem contagiar-se da felicidade de toda a família, o almirante e tia Blanche fazendo alguns preparativos dos quais não quiseram falar com Julianna... A mansão parecia um manicômio.

Entretanto, o único momento de apreensão o sentiu á caminho da mansão do conde. Eugene insistiu em acompanhá-la, o qual Julianna teve que reconhecer era de agradecer, porque tinha os nervos à flor da pele.

Para sua surpresa quando, com certo acanhamento, conseguiu contar o que pretendia fazer assim que atracasse Cliff ao porto, todos receberam a notícia com efusivas amostras de alegria e afeto, inclusive a sempre correta e elegante condessa a abraçou e a beijou na bochecha e lhe disse que levava meses esperando receber essa notícia. Sem dúvida foi uma surpreendente revelação que deixou Julianna um pouco petrificada.

Antes de ir se atreveu a pedir ao Ethan que fosse o padrinho da cerimônia e este lhe beijou a mão e sorriu como estava acostumado a fazê-lo Cliff quando parecia haver-se saído o vencedor. Tinha pedido a Amelia que fosse sua madrinha e ela se equilibrou sobre Julianna gritando de entusiasmo.

CAPÍTULO 19

Mal tinha fechado a porta do camarote e sacado em direção ao enorme escritório quando uns braços femininos, quentes e familiares o abraçaram pelas costas, atendo-se firmes, mas com certa indecisão ao seu redor. Notou o quente, suave e sensual corpo apoiado ao longo de todas suas costas e sua cabeça reclinada à altura de seu coração. Sem mover-se, mas sobressaltado por uma entristecedora sensação de paz, permaneceu contendo o fôlego durante uns segundos.

Uma voz doce, cálida, melodiosa começou a falar a suas costas, sem soltá-lo, sem deixar que sua cabeça se separasse dele, sem permitir-se afastar-se.

— Sim. Sim quero me casar contigo, se ainda me aceitar.

Os lábios de Cliff foram desenhando um sorriso de pura felicidade. Tomando suas mãos, ele a obrigou a afrouxar seu abraço, o suficiente para poder dá-la volta e poder encará-la, mas mantendo-a aí, no qual era seu lugar, com ele, abraçados agora mutuamente. Cliff lhe levantou a cabeça com um suave impulso de seus dedos sob seu queixo, obrigando-a a olhá-lo nos olhos. Antes que ele pudesse dizer algo, Julianna suspirou e depois se afastou lentamente uns passos dele.

Cliff a olhava sem poder deixar de sorrir, com um brilho nos olhos tão intenso, tão entristecedor que a paralisava, pelo que teve de voltar a tomar ar para obrigar-se a falar, embora estivesse tão nervosa que a voz lhe saía com certo tremor e teve que desviar o olhar a seus lábios, a esses sensuais e provocadores lábios que a chamavam e reclamavam como dela, mas era melhor isso que seus olhos. Era incapaz de pensar com um mínimo de lógica se a olhava dessa maneira.

— Mas tenho três condições. — Sem lhe dar tempo paraa dizer nada, sabendo que perderia a coragem de fazê-lo, voltou a pegar ar e seguiu —. A primeira, não... não quero estar sozinha a maior parte do ano. Sei que as mulheres dos marinheiros têm que levar essa carga e que é algo que têm que aceitar sem mais. Mas não acredito que possa fazê-lo, bom, a realidade é que não quero. Quero... quero viajar contigo, poder navegar, poder...

Antes de seguir, Cliff a abraçou forte, notando Julianna o sorriso nos

lábios que apoiou em sua testa.

— Nem o próprio Poseidon conseguiria me reter no mar mais de uma semana longe de ti — disse firme —. Não penso me separar de ti. Viajaremos juntos, navegaremos juntos, mostrarei-te o mundo, compartilharemos o mundo você e eu... Nenhuma força da natureza, nenhum Deus e nenhum homem poderão conseguir lhe manter longe de mim. Agora que encontrei à única pessoa com a qual quero compartilhar meu mundo, não a afastaria nem que minha vida dependesse disso. Julianna, vais estar em meu navio, em meu camarote e em minha cama pelo que me resta de vida, e ai daquele que tente te afastar de mim.

Julianna apoiou as mãos em seu peito, obrigando-o a afrouxar o abraço para olhá-lo de novo.

— Ser... seriamente? Promete-o?

O olhar cheio de emoção, de esperança, esse olhar quase velado pelas lágrimas que ameaçavam cair encheu Cliff de ternura e, sem remediá-lo, beijou-a, um roce, uma promessa do que viria depois, mas precisava beijá-la, sentir o calor de seu fôlego, o tato suave de seus lábios.

— Prometo-o. Minha esposa será minha capitã.

O sorriso nos lábios de Julianna iluminou, os olhos de Cliff, o camarote. Permaneceu uns segundos calada, olhando-o, como assimilando e imaginando a promessa dessa nova vida, de uma vida compartilhada com ele. Cliff sorriu e com uma voz sedutora, rouca e deixando as palavras quase cair entre seus lábios a insistiu a seguir: — E qual é a segunda? — Arqueou uma sobrancelha sem deixar de sorrir, segurando-a ainda com seus braços rodeando sua cintura.

— Pois... Verá... Agora que tenho Amelia e tia Blanche... Bom, e Geny, ao almirante, ao Max... Não quero me separar deles para sempre. Eu gostaria de passar tempo com eles, sobretudo com tia Blanche. Não quero que volte a estar sozinha, quero poder viver com ela...

Cliff a interrompeu e assentiu afirmando de novo com igual rotundidade que antes.

— Viajar não significa deixar para trás sua vida. Não estaremos sempre no mar, passaremos alguns meses viajando, mas também alguns meses em casa, com nossa família.

Julianna repetiu: — Nossa família... Soa bem.

Cliff sorriu, mas sem poder dizer mais nada, e Julianna continuou: — Bom, isso é parte da segunda condição... O caso... — Sua voz se fez um

pouco dúvida e baixou um pouco o olhar.

— O caso...? — A insistiu Cliff a continuar.

Ela levantou de novo a vista e a fixou em seu rosto. Voltou a tomar uma baforada de ar antes de acrescentar: — O caso é que eu não gosto muito de Londres, nem dessas normas, nem essa forma de viver em função de outros... Nem tudo isso... — Fez um gesto em círculo no ar com a mão—. Não quero deixar de ser eu, eu gosto de me sentir livre de vez em quando, quero... — De novo suspirou —. Enfim, não sei... Poder ver as estrelas quando quiser, me perder pelo campo ou pelo bosque...

Quase falava em um sussurro quando escutou a risada de Cliff ou, melhor as gargalhadas. Cliff soltou uma gargalhada ainda mais forte quando ela arregalou os olhos. Julianna continuou com um rubor nas bochechas, como se se sentisse ao mesmo tempo envergonhada e mortificada pelo pedido.

— Não quero dizer que não possamos viver um pouco em Londres, bom, tia Blanche, Mely... Enfim, elas viverão parte do ano aqui, mas...

Cliff voltou a rir com vontades com um brilho intenso nos olhos que não desviava dela.

— Carinho... Sei o que quer dizer. Parecemos mais do que acredita. Ao cabo de um tempo, a mim Londres afoga, e essas normas... — Sorriu e lhe acariciou a bochecha —. Prometo-te que vamos ser o casal de inadaptados que melhor se adapte ao que lhes rodeia. Não quero que mude, nem sequer um pouco. Quero que siga me surpreendendo cada dia e, embora pense te proteger de tudo e de todos, não penso te proibir de fazer nada, a menos que corra perigo. Nesse caso, proibirei isso e obedecerá sem pigarrear ou, se for possível, seja o que for, faremos juntos... Poderá deitar no campo a ver as estrelas, andar pelo bosque, recolher bagos, cavalgar nos lombos de sua égua livremente, cozinhar, embora todo o pessoal da cozinha fique histérico quando a senhora da casa invada os fogões. Poderá fazer o que quiser, com a única condição de que me deixe te acompanhar, não sempre, pois sei que minha dama necessita seu espaço, mas sim algumas vezes... Muitas vezes... Quase sempre. — Sua voz soava rouca e seus olhos se escureceram cortando a respiração de Julianna.

Sabia o que lhe oferecia esse homem e o que lhe pedia, queria a ela como era, oferecia-lhe seguir sendo ela e só lhe pedia poder compartilhá-la, compartilhar-se mutuamente. Conhecia-a e a aceitava e só lhe pedia lhe deixar formar parte dela como ela formava parte dele.

— Viremos a Londres de vez em quando, estaremos aqui quando o

estiver nossa família ou quando for necessário, mas quando estivermos em terra não fixaremos nossa residência aqui, faremos onde queiramos, onde escolhamos ter nosso lar...

Esta vez foi Julianna a que o interrompeu, elevando os braços ao redor de seu pescoço e beijando-o com todo o coração. Cliff teve que fazer um grande esforço para manter-se em pé, já que sentiu derreter-se o os joelhos. “Que ironia!”, pensou, tantos anos obtendo um efeito similar em toda mulher que beijava, abraçava ou simplesmente roçava e agora era ele quem se derretia com um mero beijo. Claro que era um beijo de Julianna e agora era dele, dele, repetiu-se mentalmente.

Ao cabo de uns muito prazenteiros minutos, afastou-se o bastante para voltar a olhá-lo à cara, mas sem separar-se de seu abraço, e com suas mãos ainda em sua nuca, acariciando com os dedos seu cabelo e com os olhos um pouco nublados pela paixão e com as pálpebras um pouco caídas, repetiu quase em um murmúrio: — Nosso lar. — Soava-lhe tão bem que precisava repeti-lo alto, como se escutar essas palavras lhe permitisse tocar com os dedos a imagem, esse futuro que lhe oferecia. Pigarreou e continuou —: Isso me leva a terceira condição. Isto não sei como explicá-lo. Quero ter filhos...

Deixou-o no ar um momento, pois queria comprovar a reação de Cliff, ver o que dizia. Cliff, precavendo-se de que ela precisava lhe ouvir dizer que também os desejava, com voz suave e aproximando-a para lhe roçar os lábios enquanto respondia à pergunta tacitamente formulada, assinalou: — Também desejo filhos. Teus filhos, nossos...

Ela sorriu timidamente, roçando ainda seus lábios e suspirando como aliviada em parte pela serenidade e a segurança da resposta dele. Separou-se um pouco de seu rosto de novo para enfrentá-lo.

— Umm... melhor parece uma loucura, mas não quero...

Separou-se de seu abraço e entrelaçou suas mãos à altura de sua cintura claramente nervosa, procurando as palavras.

— Cliff, estou segura de que quero filhos. Sei com certeza absoluta desde a noite que me mandastes a nota me falando do farol, porque essa noite sonhei com crianças, crianças com os olhos verdes sorrindo e me chamando “mamãe”...

Cliff pôde sentir uma pontada de puro desejo, a chamada do animal que havia dentro dele que lhe exigia reclamá-la como dele, como sua esposa, como mãe de seus filhos era um pontada marcada não só por esse desejo, a não ser também pela ternura e a necessidade de fazer real a imagem de

Julianna com seu filho nos braços, com seus filhos, os dele, crescendo dentro dela.

Ela seguiu falando: — Mas não quero ter filhos para que os criem estranhos ou cresçam longe de mim. Não o suportaria. Quero criar a meus filhos eu, os ter comigo, que cresçam recebendo de mim, de nós, o mesmo amor que eu de meu pai. Quero que meus filhos cresçam sabendo que são o mais importante para seus pais e que estaremos aí quando nos necessitarem. Sei que o frequente na aristocracia é deixar que os filhos vivam, em parte, separados de seus pais, criados e educados por babás, instrutores... Não me oponho a que recebam educação de professores ou instrutores, mas quero ser mãe e que meus filhos tenham uma mãe. E um pai. Não estranhos aos que...

Cliff de novo se aproximou e lhe pôs um dedo nos lábios para fazê-la calar.

— Nossos filhos serão nossos. Teus e meus. Nós dois os veremos crescer, ensinaremos o que está bem e o que está mal, mostraremos o mundo, nosso mundo, castigaremos quando fizerem travessuras, animaremos a ser eles mesmos e a nos deixar loucos com suas ocorrências igual a meu irmão e eu fazíamos com meu pai, abraçaremos, acalmaremos e curaremos quando machucarem ou caíam e lhes ajudaremos a levantar-se, deitaremos pelas noites e nos asseguraremos de que tenham doces sonhos. — riu e, arqueando uma sobrancelha, disse —. E quando nossas filhas sejam umas preciosas damas como sua adorável mãe, afastarei a todo homem que se aproxime de minhas meninas...

Julianna sorriu e o abraçou.

— Meninas? Sim, sim... E algum menino, quero ao menos um menino de olhos verdes. — Levantou a cabeça para poder olhá-lo com o cenho franzido —. A todo homem não... Só aos que não as mereçam.

Ele riu.

— Carinho, nenhum homem será o bastante bom para minhas pequenas.

Abraçou-a forte e, depois de uns minutos nos quais ambos pareciam imaginar-se esse futuro comum, Julianna se afastou quase de um salto e lhe disse: — Então, segue querendo te casar comigo?

Era uma rendição, uma entrega incondicional, mas também uma oferta que Cliff não estava disposto a rechaçar.

— Sim. Não há nada no mundo que queira mais. — Tomou-lhe a mão acariciando como tantas vezes seu pulso com o polegar, provocando palpitações de puro desejo nela —. Julianna, meu amor, faria-me a honra de

me conceder sua mão e, com isso, me fazer o homem mais feliz da Terra?

Julianna, com o coração na garganta e sem quase ar nos pulmões, assentiu enquanto começavam a correr por suas bochechas lágrimas de pura felicidade. Cliff tomou-a entre seus braços e a beijou. Tomou e reclamou seus lábios com verdadeira paixão, demandou-os, sabia que eram deles, só deles. Ela respondia entregando-se plenamente, porque era dela. Entregava-se sem reservas, sem medos, sem restrições. Não havia barreiras entre eles, nunca mais as haveria. Dela, seu ao fim, agora e sempre.

— Amo-te, Cliff — lhe disse com a voz rouca de desejo, de paixão, e quase sem fôlego.

— E eu a ti, pequena. Pertenço-te e você me pertence.

Voltou a apoderar-se desses lábios, saciando o desejo, o desejo que até esse momento lhe tinham aprisionado o peito, porque agora era sua para sempre, sua esposa, sua esposa para sempre.

— Cliff... — Julianna se separou a contra gosto dele e teve que fazer força para afrouxar o abraço dele —. Espera... Tem que esperar.

Ele voltou a puxá-la para abraçá-la forte e beijá-la de novo, mas lhe pôs a mão nos lábios e ele franziu o cenho de desespero e incompreensão.

— Julianna... — Roçou com seus lábios a palma de sua mão —. Não posso esperar...

Julianna sorriu deslumbrante, feliz.

— Não terá que esperar muito, prometo-o, é só que...

Escapou de seu abraço e se dirigiu à porta. Cliff, alarmado, chamou-a: — Aonde vai? Espera! — ia sujeitá-la de novo, mas ela se virou antes de abrir a porta.

— Só espera um momento. Volto em seguida, prometo-o. Você... Você... — Com a mão aberta fazendo um gesto para baixo disse —: Não te mova daqui. — ia virar-se, mas deu os três passos que os separavam, ficou nas pontas dos pés e o beijou, chocou seus lábios com os seus—. Não te mova, já volto.

Virou-se rápida, saindo pela porta como um suspiro, deixando Cliff com uma sensação de vazio e desconcerto que quase o fez gritar como um selvagem.

Instantes depois escutou animação na coberta, passos e vozes. Cruzou o camarote e, quando tinha a mão quase na porta, esta se abriu e de novo apareceu Julianna, com um olhar e um sorriso satisfeito e feliz. Atirou-se sem

pensá-lo a seus braços, coisa que os lançou a ambos um pouco para trás, e voltou a beijá-lo. De novo sorriu e, levantando as sobrancelhas, perguntou pícara: — Sentiste minha falta?

Cliff com seus lábios apoiados nos dela, respondeu rouco e quase ardendo de desejo: — Sempre.

Julianna riu de prazer pela resposta.

— Bem, mas já não terá que fazê-lo mais.

Escutou-se um golpe seco na coberta e Cliff dirigiu seus olhos à porta fechada.

— O que está acontecendo aí fora? — Olhou-a arqueando uma sobrancelha —. Julianna...

Ela sorriu antes de responder.

— Bom... Estamos em um navio.

Cliff a olhou inquisitivo.

— Pode nos casar o capitão, não?

Sem tempo para reagir, Cliff a agarrou pela mão e a puxou para a porta. Virou-se ao chegar a ela de repente, o que fez com que Julianna se chocasse com seu peito.

— Está segura? — O brilho nos olhos de Cliff era inconfundível, era dela e acabava de lhe dar permissão para fazê-la sua esposa, ali mesmo, agora, nesse momento —. Julianna? — A voz dele refletia tanta ansiedade como seus olhos.

Julianna sorriu, acariciou lhe a bochecha com a mão que tinha livre e disse: — Não estive tão segura de algo em minha vida.

Ele se inclinou para beijá-la, e o que pretendia ser um pequeno beijo acendeu a chama entre eles. Em um segundo a devorava, devorava-o, entregavam-se um ao outro como uma promessa de futuro. Ao cabo de uns minutos, Cliff levantou a cabeça para separar uns centímetros de seu rosto e, com os olhos ainda escurecidos pelo desejo, disse: — Temos que celebrar umas bodas. — Pousou de novo os lábios nos seus e lhe sorriu —. Não posso esperar para começar nossa noite de bodas. — E voltou a beijá-la.

Abriu a porta com força e, com Julianna ao seu lado, com seu braço lhe rodeando a cintura, saiu à coberta com a única intenção de pedir, de ordenar a seu segundo oficial que tomasse o comando da nave para assim poder casá-los como capitão da mesma. Mas sua ordem ficou na ponta de sua língua. Deteve-se de repente.

Frente a ele estavam de pé o conde e a condessa com Ethan e lady Adele

ao seu lado, o almirante, lady Eugene, tia Blanche e Amelia. Com os olhos abertos e ainda gelado pela imagem, escutou um pigarro a sua direita. Virou a cabeça e ali estava Max, com um livro na mão, perfeitamente uniformizado.

— Tomei o comando desta nave — disse sorrindo e tentando parecer solene —. E, como capitão da mesma, recebi o pedido desta encantadora jovem — assinalou com um leve gesto de cabeça a Julianna — de celebrar umas bodas, assim que o procedente nestes casos é perguntar ao noivo se está de acordo... — Arqueou a sobrancelha com ironia evidente.

Cliff, que o olhava com cara de assombro, teve que fazer um verdadeiro esforço para responder sem parecer um tolo apaixonado privado de toda capacidade de fala e raciocínio: — O noivo está de acordo — respondeu, tentando mostrar, inutilmente, a mesma solenidade.

Escutaram-se risadas ao outro lado e alguns pigarros dos homens pressente.

— Nesse caso — continuou Max e se virou em direção ao resto —, senhores, podemos proceder — gritou, e fez um gesto com a mão.

Imediatamente se acenderam as lanternas que rodeavam todo o barco, e a tripulação e os oficiais, perfeitamente uniformizados, foram aparecendo e colocando-se ao longo de toda a coberta, sorrindo e lançando olhares de aprovação contida a seu capitão enquanto a família se colocava a uns passos deles e Max, colocando-se de modo que ficava de cara a todos os da coberta, de costas aos outros, chamando o Ethan e Amelia para que se colocassem junto à Julianna e junto ao Cliff.

Cliff seguia sorrindo e olhando a Julianna, quem, inclinando um pouco a cabeça e apoiando-a em seu ombro, disse: — Não é o único que sabe dar surpresas.

Cliff riu e, colocando uma mão sob seu queixo, insistiu-lhe a levantar um pouco o rosto para beijá-la, mas justo quando ia fazê-lo soou a voz de Max: — Ainda não, cavalheiro. Primeiras as bodas, depois o banquete... — Sorriu e se escutaram gargalhadas por trás deles.

Julianna se ruborizou, mas não pôde evitar rir.

Cliff o olhou franzindo o cenho, mas sem deixar de sorrir.

— Pois já pode te apressar, quero beijar a minha esposa.

— Vá! Desejoso de fechar os grilhões... Deve ser o primeiro homem da história desejoso de fazê-lo — respondeu Max com ironia, e de novo se escutaram gargalhadas a suas costas.

Cliff grunhiu.

— Está bem, está bem. Procedamos logo.

Abriu o livro, que nesse momento Cliff soube que era a Bíblia de bordo, e começou a breve, a pedido da noiva, cerimônia.

— Muito bem, agora os anéis... Amelia, por favor.

Amelia se aproximou de Max e entregou a caixinha de veludo vermelho que Cliff reconheceu em seguida, já que eram os anéis que ele mesmo recolheu da joalheria a pedido de seu pai, e que continha as alianças encomendadas de acordo com a tradição da família. No interior estava gravado o brasão familiar e, no caso da aliança da noiva, tinha engastadas sete pedras preciosas de distintas cores e, entre elas, pequenos diamantes formando um círculo perfeito. Olhou ao Ethan que encolheu os ombros e se aproximou do ouvido.

— Considera-o o presente de bodas de Adele e meu. Nós ainda temos tempo de encomendar nossas alianças.

Cliff o olhou comovido, com um “obrigado” nos olhos que não precisou expressar com palavras.

Trocaram as alianças e as promessas de amor eterno, prometendo Cliff a si mesmo que essa noite com Julianna em seus braços nua repetiria com prazer cada um dos votos, cada uma das promessas: “com meu corpo lhe reverencio, com minha alma lhe adoro...”. Cliff não pôde evitar sorrir ante a imagem dela ruborizada pela luxúria, satisfeita, despenteada, com as pupilas dilatadas pelo prazer experimentado, nua entre seus braços e estremecendo-se com os sensuais sussurros de seu marido.

— Eu lhes declaro marido e mulher, agora sim pode beijar...

Ficou a frase na metade, porque Cliff já se apossava dos lábios de Julianna, de sua esposa, com as gargalhadas, risadas e vitórias ressonando de fundo. Depois de uns segundos se escutou o pigarro de Max, o que lhe obrigou a afastar os lábios de Julianna a contra gosto e com um rouco grunhido, enquanto ela, ruborizada e com uma risada afogada, apoiava o rosto no oco de seu ombro, esse que ambos reconheciam como dele.

Em seguida foram rodeados pela família, pelos abraços, os beijos e as palavras de felicidade. Max levantou de novo a mão e em seguida fizeram um oco no centro da coberta e a um dos lados se colocaram alguns marinheiros com instrumentos e começaram a tocar música enquanto um pequeno exército de lacaios foram subindo do mole barris de cerveja, vinho, bandejas com todo o tipo de viandas e jarras enormes de hidromel.

Ante o rápido desdobramento, com o Cliff olhando ainda surpreso,

Julianna se apoiou sobre seu peito, levantou a cara e, rodeando com os braços sua cintura, disse sorrindo enquanto fazia um gesto em direção a sua tia e ao almirante: — Foram eles. O almirante quase levantou toda a autoridade portuária para conseguir que lhe deixassem invadir o mole e abordar sua embarcação, e tia Blanche se encarregou da comida e da bebida enquanto eu ia procurar a sua família, bom, nossa família. — ruborizou-se ante a ideia.

Cliff a apertou com força e a beijou só um instante docemente, com ternura, com calor.

— Minha esposa.

A carga de intensidade que revelava o tom de sua voz, seus olhos, sua forma de sorrir foram além de uma simples palavra. Era uma verdadeira declaração de amor, de entrega sem fim.

— Meu marido — respondeu ela, sua rendição, sua entrega final ao homem que amava.

Aproximou seus lábios à orelha de Julianna depositando um ligeiro beijo e lhe sussurrou: — E agora como nos desfazemos de todos para começar nossa noite de núpcias? Não posso esperar para te ter só para mim, esposa.

Julianna ruborizou de prazer e riu um pouco envergonhada.

Quase três horas mais tarde, por fim entrava Cliff no camarote com Julianna pela mão.

— Bem-vinda a seu reino, milady.

Sustentando sua mão, virava-se para ficar de cara a ela, apoiando-a suavemente sobre a porta que acabava de fechar, inclinando-se sobre ela e beijando-a gradualmente na base do pescoço.

— Milady? — perguntou ela em um sussurro com um deixo de sensualidade e excitação ante as suaves carícias dos lábios de Cliff em sua pele —. Por que me chama de milady?

— Porque agora é a esposa de um visconde. A coroa me concedeu um dos títulos que ficaram vacantes pelos serviços prestados à nação. — Seguia lhe beijando suavemente o pescoço, roçando a curva de seu ombro —. É minha viscondessa.

— Umm... — Com a cabeça apoiada na porta e começando a lhe dar voltas pelas carícias, pelos beijos, pelo suave ronrono da voz de Cliff, conseguiu dizer entre dentes —. Prefiro o título de capitã.

Notou os suaves e firmes lábios de Cliff com um leve tremor pela risada.

— Como preferir, minha capitã — respondeu, começando a desabotoar os botões da parte traseira do vestido sem deixar de abraçá-la, sem deixar de

beijá-la —. Está muito vestida... Teremos que remediar isso...

Julianna riu.

— Acredito que tive a temporada mais curta da história de Londres... —
E riu —. Um baile e já estou casada com um canalha.

Cliff riu e voltou a beijá-la. Com suaves movimentos foi deslizando o vestido por seus ombros, acariciando cada parte da pele que ficava descoberta, roçando com os lábios o lóbulo de sua orelha, sua bochecha, seus sedosos e apetitosos lábios.

Levantando pouco a pouco as mãos e as pondo entre eles, Julianna, com certo tremor, começou a desabotoar os botões da camisa de Cliff, estendendo as mãos sobre seu duro torso, notando seu contato, seu calor, o movimento de seu corpo com cada respiração. Cliff se afastou um pouco querendo vê-la meio nua, de pé, frente a ele, em seu camarote. Deixando cair um de seus braços, percorrendo toda a extensão de seu braço com um roce suave, fazendo com que Julianna sentisse um rio de calor, de sensualidade por sua pele, acabou agarrando-a com doçura por uma das mãos, sem deixar de olhá-la, deleitando-se com a dilatação de suas pupilas, a cor da paixão em suas bochechas, e sua respiração entrecortada, conseguiu lhe dizer, dirigindo-a para a ampla cama situada sob os olhos de boi: — Veem, carinho, veem comigo.

O suave murmúrio de sua voz rouca era um canto de sereia para Julianna, quem, mal sustentando-se sobre suas trêmulas pernas, deixou que ele a guiasse até a beira da cama. Sem tempo de pensar nem de dizer uma palavra, a tomou em seus braços e a sentou na beira sem soltá-la, inclinou-se sobre ela e começou a beijá-la com ternura, com delicadeza.

— Minha esposa, minha para sempre...

O rouco som de sua voz e as suaves carícias de seu fôlego sobre os lábios de Julianna bastaram para lhe fazer sentir um incêndio dentro dela, uma excitação ante o prelúdio de o ter de novo dentro dela, mas esta vez como seu marido, seu amante, seu dono.

Tomou sua boca enquanto a empurrava lentamente sobre a cama, beijo a beijo foram dando e recebendo do outro cada fôlego, cada parte deles mesmos, cada promessa sem necessidade de palavras. As chamas os abrasavam, necessitava-a, desejava-a, desejava-a mais que a qualquer coisa, mais que a ninguém no mundo. Beijos firmes, sensuais, prementes. Tomavam e recebiam com a mesma força, a mesma paixão, o mesmo desenfreno. Ao cabo de uns minutos, sem uma só frase, sem uma só palavra com seus lábios

o haviam dito tudo, pertenciam-se e se entregavam sem medo, sem freio, sem censuras.

— Deus! Quanto senti sua falta! Não voltará a te separar de mim... promete?

A voz rouca de Cliff sobre sua pele e o roce de seus lábios eram seu particular arrulho hipnotizador.

— Prometo-o... o prometo...

Beijaram-se tentando selar suas promessas. Cliff separou os lábios dela e impulsionando-se com os antebraços se incorporou, e instantes depois se despojou de todas suas roupas, que ficaram espalhadas pelo chão junto com o traje de Julianna. Tomou uns segundos de pé, totalmente nu frente a ela, lhe permitindo vê-lo em todo seu esplendor e desfrutando da imagem de sua esposa, recostada com a regata de fino linho, aguardando-o com as bochechas rosadas, com os olhos de um véu de desejo observando sua própria nudez e a prova evidente de sua excitação frente a ela.

— Carinho — disse enquanto ia se recostando sobre ela, lhe acariciando as pernas sob a regata dos tornozelos até as coxas e daí desenhando pequenas circunferências com as pontas dos dedos pelo interior das coxas até chegar a seu centro úmido, quente, quase preparado para recebê-lo —. Veem aqui. — Ajudou-a a incorporar-se um pouco, o justo para deslizar por seus braços e sua cabeça o único objeto que ainda os separava.

De novo a recostou e ficou sobre ela, apoiado sobre os cotovelos para não deixar todo seu peso cair em cima dela, e a observou.

— Tinha-te imaginado tantas vezes assim, comigo, em meu camarote, em nosso camarote, debaixo de mim. Deixe-me que te ame, aqui, agora, esta noite e toda a vida. Te amarei, te adorarei cada noite, cada manhã, cada dia.

Os beijos entrecortados, as carícias, o roce de suas coxas, seus quadris e seu torso sobre ela foram muito.

— Cliff... por favor...

— Carinho. — Com um grunhido a cobriu com todo seu corpo, a tomou, como se a vida dependesse disso, sua boca, seu calor, cobrindo com suas mãos cada uma de suas curvas —. Julianna... Temos toda a noite, toda a vida, mas não posso esperar, agora preciso de ti me rodeando, preciso estar dentro de ti, mas não quero ser muito brusco, muito rude...

Julianna se aproximou ainda mais do corpo dele enquanto com a outra mão o insistia a beijá-la empurrando sua nuca — Necessito-te, Cliff, agora, não pares, não necessito que agora seja delicado... Te necessito dentro de

mim... Por favor.

Isso foi suficiente incentivo para ele, que tinha quebrado todas suas barreiras, seu controle e perdido as rédeas de sua própria luxúria, de seu próprio desejo, muito antes. Separando-lhe as pernas com os joelhos tomou de novo sua boca e a insistiu a abrir-se ainda mais a ele, com os dedos preparando-a para lhe receber. Julianna arqueou as costas oferecendo-se ainda mais.

— Por favor... — insistiu.

E a agradou. Penetrou-a com uma única, firme e decidida investida que os deixou sem fôlego durante uns segundos, olhando-se nos olhos, esperando recuperar o mundo sob eles.

De novo a beijou e ela acariciou suas costas, baixando suas mãos até suas nádegas, convidando-o a seguir, a chegar mais à frente. Pouco a pouco, movimento a movimento, ele a penetrava e lhe seguia o ritmo com seus quadris, recebendo-o, abraçando sua ereção e apanhando-o dentro dela. Beijava-a, acariciava-a, mordida os peitos, os mamilos, lambia cada uma das partes que lhe oferecia desejosa, quente, tão ativa como ele. Levantou um pouco os quadris e o rodeou com suas pernas lhe permitindo penetrá-la ainda mais, chegar até o centro de seu próprio ser. Julianna se fez pedacinhos sob seu corpo, notava como se fazia mil pedaços enquanto gemia seu nome e fechava os olhos enquanto jogava para trás a cabeça e lhe cravava as unhas em suas costas. Cliff esperou que recuperasse o fôlego, a que o olhasse de novo nos olhos e a investiu de novo rompendo qualquer barreira que pudesse ficar entre eles, uma e outra e outra vez, e voltou a ver o fogo renascer tão abrasador no interior do corpo dela como no seu, subindo ambos, juntos, à cúspide em busca do clímax, do êxtase que os fizesse voar de novo, até que explodissem selvagens... Cliff se rompeu, explodiu perdendo qualquer vestígio de prudência que lhe pudesse ficar, explodiu em um premente, intenso, puro e primitivo orgasmo que lhe tirou e lhe devolveu a vida, notando os vestígios de seu próprio orgasmo fundir-se com os dela. Caiu sobre ela ofegante, escutando suas respirações fortes, quebradas, plenas. Roçou com seu nariz seu pescoço, acariciou com as pontas dos dedos suas bochechas avermelhadas...

Elevou-se um pouco sobre seus cotovelos, liberando—a de seu peso, mas sem sair dela, incapaz de sair desse glorioso paraíso que era o corpo de Julianna, seu lar, seu berço, seu lugar. Olhou-a e sorria, tinha um sorriso sincero, relaxado. O sorriso de um gato que acabou de roubar a nata da

despensa. Sorriu e rodou sobre seu flanco, ficando com as costas sobre o colchão, levando-a com ele e acomodando-a sobre seu flanco com sua cabeça apoiada no oco de seu ombro.

Grunhiu:

— Não tive muita paciência, verdade? Acredito que tiraste a fera que há em mim... Te machuquei? Fui muito brusco?

Acariciava a bochecha enquanto lhe dava tenros beijos na testa. Com um sorriso nos lábios ela elevou um pouco a cabeça para olhá-lo nos olhos.

— Não, não, claro que não. Tampouco eu fui muito paciente... foi perfeito... É meu... — O beijou no peito.

— Me dê um momento — disse com uma risada entre dentes —. E te compensarei. Vou te amar toda a noite como você merece...

Juliana o interrompeu lhe pondo um dedo sobre os lábios e se incorporou um pouco deitando-se sobre ele.

— Tomo a palavra. Temos toda a noite e toda a vida.

E assim foi, tomaram um ao outro, umas vezes com paixão e desenfreno, e outras com ternura e paciência, mas sempre sem limites, sem barreiras nem nada que os separasse, que os coibisse, que lhes impedisse de saborear-se e desfrutar-se o prazer. Cliff lhe repetiu um a um cada voto, cada promessa, cada desejo de futuro, e com cada um lhe entregava seu corpo e uma nova forma de prazer compartilhado, de experiência que ia além do meramente carnal. Era sexo, mas acompanhado e dirigido pelos sentimentos mútuos, pelo coração e a alma de cada um, que tinham se entregue sem rodeios. Era amor.

Passaram duas semanas navegando, retornando bem a tempo para preparar a festa de apresentação de Eugene, para ir as bodas de seu agora cunhado e para acompanhar a sua família no resto da temporada, embora ela e Cliff estivessem navegando algumas semanas dispersas. Inclusive, em uma dessas curtas viagens, Cliff a levou a seu farol, onde estava seguro engendrariam ao seu primeiro filho. Certamente, puseram todo seu empenho em tal objetivo.

EPÍLOGO

Quase três anos depois.

Juliana observava da coberta a seu marido, que dava instruções a um dos oficiais. Com o cabelo ondeando livre como o ar que o balançava, com uma mão apoiada em seu volumoso ventre e com outra sustentando a última carta de sua tia, sorria placidamente recordando alguns dos momentos dos últimos três anos; suas bodas nessa mesma coberta, as duas semanas posteriores navegando pela costa desfrutando um do outro e do futuro que lhes esperava, atravessar a capela da mansão pelo braço de seu flamejante e orgulhoso marido para ir as bodas de seu cunhado e futuro conde de Worken com lady Adele, o carinhoso recebimento do conde esse dia, abraçando-a como filha e lhe entregando o melhor presente de bodas que podia esperar, sua casinha do bosque. Recordava os três últimos natais e os verões passados, sempre em companhia de toda sua família, dos De Worken, do almirante e seus filhos, de tia Blanche e Amelia, sempre juntos, umas vezes na mansão dos De Worken, outras na mansão de tia Blanche na costa, e o último Natal na enorme mansão que Cliff lhe tinha presenteado como amostra de seu amor eterno perto do condado, em um terreno que abrangia um pequeno bosque e uma enorme impregna onde tinham construído um pequeno porto e onde atracavam cada vez que retornavam para casa, a Irlanda.

Três anos nos quais tinha navegado com seu marido e, como lhe tinha prometido, sempre juntos. Tinha-a levado a baía onde estava seu maravilhoso farol, aos lugares visitados anos atrás como oficial da Marinha, a alguns dos portos onde a naval de sua tia, que agora dirigia com a ajuda de Cliff, tinha ataque, armazéns ou alguns dos navios que formavam parte da frota. A essas alturas considerava à tripulação do Valquíria como segunda família, uma família que a acolheu quase como uma mais. Para eles era sua senhora, sua capitã, respeitavam-na, mas também a tratavam como um a mais da nave e, como os outros, tinha suas próprias funções dentro do navio. Entre elas, é obvio, a de preparar sobremesas e doces ao menos várias vezes por semana. Para os marinheiros mais experientes e mais velhos era como uma filha; para os jovens, como uma irmã mais velha que velava por eles com fraternal carinho; e para o resto era a esposa do capitão e a dama do navio, e a

protegiam e cuidavam como se de uma parte deles mesmos e de seu navio se tratasse.

Mas, sem dúvida, o que mais gostava a esses rudes marinheiros, sobretudo passando tanto tempo longe de casa e da família, era brincar e desfrutar dos gêmeos, dos pequenos Maximilian e Amelia, os dois trastes nascidos nesse mesmo navio um dia antes de atracar na Inglaterra, onde retornavam para que Julianna tivesse seu primeiro filho rodeada por sua família. Entretanto, esse primeiro parto não se fez esperar e, para surpresa de todos, adiantou-se um pouco e veio, além disso, com dupla alegria. Do mesmo instante de seu nascimento, os pequenos se converteram nos filhos honoríficos de todos e cada um desses homens. Para alegria de seus pais, os pequenos pareciam, apesar de sua curta idade, nascidos para a vida no mar. O pequeno Max já se encarapitava no leme do navio e o segurava com força cada vez que seu pai o subia à ponte, enquanto que a pequena Mel estava acostumada a dormir nos braços de seu pai toda noite escutando o sussurro do mar na coberta e os arrulhos de Cliff antes de pô-la em seu berço junto a seu irmão. Os pequenos, de olhos verdes, encontravam-se nesse momento de pé, agarrados às fortes pernas de seu pai enquanto olhavam com os olhos muito abertos a quão marinheiros subiam pelas vergas e os paus, preparando a manobra que seu orgulhoso pai acabava de ordenar a um dos oficiais.

Virou para apoiar-se no corrimão e ficar de frente ao mar levantando a cara um pouco para sentir o calor do sol que banhava toda a coberta. Julianna não podia deixar de sorrir. Sentia-se completa, feliz, tinha uma família que a amava e a qual amar e uma vida que a enchia e a enchia de um modo que jamais pôde sonhar.

— Por que sorri?

A voz de seu marido lhe chegava com o calor e o amor que a cobria como do primeiro dia enquanto com suavidade apoiava suas mãos na barriga de Julianna, abrangendo todo seu corpo com um carinhoso abraço que lhe permitia apoiar as costas no forte torso de Cliff.

— Umm... Acredito que porque sou muito feliz. — Apoiou a cabeça em seu ombro. Virou suavemente a cabeça para olhar por cima de seu ombro em direção à ponte—. E os meninos?

Cliff a segurou e inclinando a cabeça para depositar um doce beijo na curva de seu pescoço respondeu: — Estão deixando Robert louco e a senhorita Donna lhes vigia...

Robert era o oficial mais veterano da nave e um dos que mais cuidados

recebia dos gêmeos, que pareciam fascinados pela grisalha barba e as enormes mãos de velho marinheiro desde o primeiro dia que os pegou nos braços, enquanto que a senhorita Donna, como a chamavam, era a babá jamaicana que viajava com eles desde que Cliff a salvou de ser vendida como escrava em uma das escalas que tinham feito dois anos atrás, quando Julianna estava ainda grávida. A senhorita Donna se revelou uma excelente cuidadora dos gêmeos, aos quais queria quase tanto como seus pais.

— Prometi-lhes que, assim que retornemos para casa, darei sua primeira lição de equitação.

De novo beijava a sua mulher no pescoço justo antes que ela virasse entre seus braços.

— Cliff — disse com o cenho franzido —. Ainda são muito pequenos...

Ele a beijou nos lábios e, sorrindo, disse: — Eu subi em um cavalo com meu pai pela primeira vez a sua idade. Além disso, são De Worken, não podem evitar serem um pouco intrépidos...

— Intrépidos? Vá, assim é como você chama a total falta de prudência?... Eu os chamaria temerários... Nisso, sim, sem dúvida, saíram a seu pai. — Sorriu-lhe enquanto elevava os braços para colocá-los atrás de sua nuca e aproximar ainda mais seu abraço —. Ao menos, isso te manterá entretido nos últimos meses desta gravidez, porque ainda lembro que na anterior mal me deixava me mover, estava excessivamente possessivo...

— Possessivo? — disse com falso tom de indignação—. Carinho, foi um perigo andante, sempre empenhada em fazer coisas e não parar. Alguém tinha que procurar que descansasse e te cuidasse, de ti e de nosso pequeno... Bom, pequenos. — Olhou de soslaio aos gêmeos—. Quando aprenderá que meu dever e meu prazer estão em te mimar? — Beijou-a meigamente—. Mas, esta vez, nós vamos assegurar de chegar a tempo, não é? Procura que nossa menina não saia antes de tempo, ao menos não antes de pisar em terra firme...

— Menina? Por que acha que será uma menina?

— Porque você já tem seus meninos de olhos verdes e agora quero uma pequena de olhos cor de mel...

Beijou-a de novo e ela riu.

— E se for menino?

— Será bem-vindo e amado como os outros, mas voltarei a tentá-lo com esforço. — Beijou-a de novo —. Uma e outra e outra vez... E quando tivermos toda uma tribo de meninos e meninas de olhos verdes e mel

deixaremos que eles sejam os que sigam a tradição, enquanto eu seguirei amando, cada noite, cada manhã e cada dia, a minha esposa até o fim de nossos dias.

Julianna riu de pura felicidade.

— Tomo a palavra. — Beijou-o só com um roce —. E falando de palavra... tornei a ler a carta de tia Blanche. Acredito que, se não nos detivermos em Londres, daria tempo de chegar ao condado para o nascimento. Ethan estava desejando que chegássemos a tempo, porque diz que Adele está um pouco assustada pelo parto, acredito temente ter também gêmeos... Imagina?

Cliff riu com umas sonoras gargalhadas.

— Bom, Ethan o teria merecido. Adora aos gêmeos, mas duas crias do diabo de repente, que parecem capazes de comunicar-se com um olhar, resultam exaustivos. Certamente, se ocorrer, prevejo que meu irmão vai estar muito ocupado estas próximas festas natalinas...

Riu de novo.

— Não seja mau. Adora está com eles. Além disso, seu pai está desejando ter a casa cheia de crianças. O que me recorda que, esta vez, não poderemos ficar na casa do bosque. Deveríamos ficar na mansão, para estar perto de Adele e que seu pai exerça de orgulhoso avô. Além disso, estarão ali tia Blanche e Amelia. Oh! E o almirante diz que Eugene e ele se reunirão conosco a tempo, já que Max por fim retorna para casa para ficar. Depois das bodas de Eugene vai se licenciar da Marinha e assumirá suas obrigações ducais...

Cliff grunhiu.

— Muitas pessoas ao redor... — A beijou no pescoço —. Mas me prometa que escapará comigo a nossa casinha, os dois sós sem nada nem ninguém...

Começou a beijá-la pelas bochechas, pelo queixo e baixando ao pescoço. Julianna estava lutando contra os rios de lava que percorriam seu volumoso corpo.

— Prometido — disse com a voz rouca e, pondo as mãos no peito de Cliff, lhe obrigando a parar suas carícias —. Estamos na coberta do navio... Por favor... — disse ruborizando-se e lançando um olhar ao redor.

Cliff riu e fechou de novo fortemente os braços ao redor de sua esposa, ignorando os resmungos, nada convincentes, da mesma.

— São rudes marinheiros, duvido que se escandalizem. — De novo

rodeou em seu abraço a sua esposa para colá-la a ele, lhe demonstrando assim a excitação de seu corpo —. Além disso, a culpa é tua por me provocar... É muito desejável para tentar não me equilibrar sobre ti. Dê graças aos céus por ser capaz de me conter e não te arrancar a roupa aqui mesmo.

— Cliff! — ria —. É incorrigível, nunca mudará.

— Isso, meu amor, isso posso lhe prometer... — E voltou a beijá-la.

Um mês depois nasceram lorde Sebastian Julius de Worken, herdeiro do condado, e lady Enjoam Dorothea de Worken, a linda gêmea do herdeiro e a menina dos olhos do orgulhoso pai. Dois meses mais tarde veio ao mundo lady Anna Blanche de Worken McBeth, a terceira filha de Cliff e Julianna, uma pequena menina de enormes olhos cor de mel e de cabelo castanho avermelhado que fazia as delícias dos gêmeos, que a cuidavam como se de seu maior tesouro se tratasse, e de sua tia avó Blanche, que afirmava que era a digna sucessora da saga McBeth, de forte caráter e tão tenaz como seus ancestrais. Entretanto, era seu pai o que parecia incapaz de afastar-se de sua menina de olhos cor de mel.

NOTAS

[1]O nocturlábio é um instrumento de medida histórico usado na navegação marítima para calcular a hora através do movimento das estrelas.

[2]A ballestilla é um antigo instrumento de navegação usado para medir a altura do sol e outras estrelas acima do horizonte, a fim de utilizar as informações obtidas na navegação náutica.

[3]A esfera armilar é um instrumento de astronomia aplicado em navegação que consta de um modelo reduzido do cosmo .